José Allamano



Cartas aos seus missionários e missionárias

Postulação

Instituto Missões Consolata
Roma 2023

Título original

GIUSEPPE ALLAMANO. *Lettere ai missionari e alle missionarie della Consolata*, 2004

Editado por IGINO TUBALDO, imc

Tradução

Oliveira Aventino Matias, imc
Oliveira Tobias Gaspar Patrício, imc

Na capa
O "carteiro" (foto original do início dos anos 1900). Jovem Kikuju, encarregado da correspondência entre os missionários do Quênia e da Itália.



JOSÉ ALLAMANO

Fundador dos missionários e missionárias da Consolata

Apresentação

Os novos membros de nossos Institutos missionários são hoje caracterizados por uma grande variedade de idiomas e culturas. Como podemos garantir que o carisma do Fundador seja transmitido corretamente a essas levas jovens, sem penalizar o seu conteúdo original e, ao mesmo tempo, evitar que o ideal carismático seja recebido de maneira incompreensível ou se torne impossível nos contextos dessas diferentes realidades? O primeiro passo necessário para garantir a chamada "fidelidade criativa" ao carisma exige que todo missionário se baseie nas fontes originais do Fundador e do Instituto; *fidelidade*, que não é uma simples repetição do que o Allamano disse, mas acima de tudo uma libertação do potencial de novidade que o carisma contém a favor de cada um de nós, independentemente da cultura e idioma a que pertencemos.

O nosso Instituto conta entre as obras mais preciosas do Fundador a coleção das *Cartas* que ele escreveu a seus filhos e filhas missionários; juntamente com suas Conferências formativas, ela constitui uma fonte privilegiada da qual emanam o seu pensamento e espiritualidade.

Com o passar dos anos, sente-se uma necessidade crescente de jovens missionários e missionárias poderem beber copiosamente dessas fontes. Já em 2004, com a primeira publicação das "Cartas do Beato Allamano aos missionários e missionárias da Consolata", manifestou a esperança de que começassem as traduções de suas obras, para que pudessem falar efetivamente a cada um no seu próprio idioma.

É, portanto, é com alegria que apresento agora a tradução em português, feita pelo Padre OLIVEIRA AVENTINO MATIAS do original italiano, a quem agradeço de coração; e deixo aqui o voto de ela poder oferecer ajuda valiosa, especialmente durante os anos da formação.

"Coragem", então, e sempre "Para a frente *in Domino*!".

Roma, 20 de junho de 2022

P. Stefano Camerlengo
Superior Geral

No *Instrumentum laboris* para o Sínodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada (1994), lemos: «Entre os melhores frutos do Concílio estão o retorno às fontes, a redescoberta do carisma, o renovado amor pelos fundadores e fundadoras, o estudo de seus escritos e da tradição espiritual da família, a inspiração renovada, à luz do carisma, dos textos legislativos. Esta reavaliação do carisma conferiu juventude e novo vigor histórico à Vida consagrada. Daí a melhor integração entre espiritualidade e missão» (n. 23).

Em conformidade com as diretrizes do Concílio Vaticano II, o Instituto Missões Consolata realizou nos últimos quarenta anos um amplo estudo sobre a vida e os escritos do Fundador, Beato José Allamano, com o objetivo de retornar às fontes do seu carisma e assim alcançar essa "integração entre espiritualidade e missão", desejada pelo Sínodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada. O último trabalho em ordem cronológica foi a publicação da correspondência de José Allamano: uma obra impressionante, composta por onze volumes, num total de nove mil páginas. Organizou-a o padre Cândido Bona, *imc*, com habilidade incomparável e perspicácia histórica, bem como com a sensibilidade do discípulo.

No desejo de tornar o trabalho de C. Bona acessível ao maior número possível de pessoas, especialmente entre as gerações mais jovens de missionários que nem sempre estão familiarizados com o idioma italiano, a Direção Geral do Instituto pensou em uma publicação útil que reproduzisse o melhor da correspondência endereçada por Allamano aos seus missionários e missionárias. Este trabalho, cujo objetivo principal é a formação, poderá assim ser traduzido para os idiomas mais usados no

Instituto. Ele vem para apoiar a *Vida Espiritual* do próprio Allamano, que há mais de cinquenta anos é o vade-mécum de todos os missionários e missionárias da Consolata.

O presente trabalho foi organizado pelo Pe. Igino Tubaldo, validamente assistido pelo Secretariado Geral da Postulação e, para a redação, pelo P. Achille Da Ros e a Irmã Lina Rosa Bellagamba, para os quais vão os meus sinceros agradecimentos. Os critérios para escolher as cartas foram cuidadosamente estudados, foram feitos alguns ajustes linguísticos para tornar os escritos mais compreensíveis para o leitor de hoje, enquanto poucas notas essenciais acompanham o leitor para se inteirar mais facilmente de quem sejam os numerosos destinatários dos escritos de Allamano, que viveram em tempos idos.

Abordei esta obra com o interesse daqueles que pensam que estão entrando numa realidade familiar; contudo, carta após carta, pude descobrir dimensões nunca antes exploradas. Os elementos característicos que revelam o coração do Pai Fundador sempre que ele se comunica com seus missionários e missionárias são imediatamente evidentes para o leitor. Mas que gama de tons e quantos detalhes, especialmente quando abre o coração aos filhos e filhas distantes.

Aqui estão três pinceladas que podem servir como exemplos:

1. *A missão* - É o objetivo principal dos dois Institutos fundados pelo Allamano, é o anseio de toda a sua vida sacerdotal, é o fervoroso zelo pelo anúncio de Cristo e do seu Evangelho a todos os povos. Esse entusiasmo missionário é a primeira mensagem que ele tenta transmitir. Não há carta ou escrito que não o façam transparecer. O amor a Cristo e o gosto do evangelho - repete ele muitas vezes e com convicção - espalham-se espontaneamente quando alguém transborda de amor para com o próximo e está pronto para dar vida aos outros. O zelo é fruto do amor, mas dum amor intenso. Quem tem zelo tem amor e quem tem amor tem zelo. Se não há zelo, não há amor. São expressões por ele repetidas com frequência, de modo a constituir o refrão daquela grande sinfonia que é a missão.

2. A *Paternidade* - As cartas que Allamano escreve aos seus missionários e missionárias são a oportunidade privilegiada de abrir o seu coração de pai aos filhos e filhas distantes. Ele ama-os profundamente, mas ama-os em Deus. Os seus escritos são um incitamento constante, para que sejam fiéis à vocação recebida, deem a Deus e às pessoas o melhor de si mesmos, tornem a sua vida uma obra-prima.

Ele próprio confessa que todos os seus escritos são acompanhados por muita oração aos pés da Consolata. À Mãe de Jesus, ele confia cada um de seus filhos e filhas, para que sejam protegidos contra todos os perigos. Para eles pede acima de tudo que sejam santos, que selam "família", que se comportem como irmãos e irmãs, mantendo sempre viva a tocha do amor fraterno.

3. *Santidade* - Aqui está outro elemento, muito recorrente nas cartas do Beato Allamano. Ele experimentou pessoalmente que só a santidade da vida produz missão e por isso não deixa de lembrar aos missionários

que a intensidade do trabalho, a quantidade das atividades e o compromisso de servir aos outros não são suficientes. A missão é acima de tudo obra de Deus e todo obreiro que se prontifica a trabalhar na vinha que é a Igreja deve aurir num contato profundo e prolongado com Deus todo o seu ardor apostólico. Daí a sua insistência na oração prolongada, na Eucaristia bem celebrada, na terna devoção à Consolata.

Faço votos para que muitos possam tirar proveito destas páginas ricas em humanidade, fé e zelo missionário, e que se deixem contagiar por elas.

Roma, 19 de março de 2004

P. Piero Trabucco
Superior Geral

Introdução

> *"A paz do Senhor esteja convosco. Não podendo eu por agora satisfazer o meu desejo de estar convosco frequentemente, para vos ajudar a construir bases sólidas para o nosso pequeno Instituto... pensei abrir-vos o meu coração por meio desta carta."*
>
> **José Allamano, *Carta* de 28 de julho 1901**

As cartas escritas pelo Allamano durante sua vida e compiladas com prudência e meticulosidade científicas pelo padre Cândido Bona, são 1802. As endereçadas aos missionários e missionárias da Consolata são, mais ou menos (sem tomar em consideração algumas palavras soltas) 576: precisamente 435 aos missionários e 141 às missionárias. A maioria dessas cartas é dirigida a pessoas singulares, outras são circulares dirigidas a todos ou a grupos específicos, por exemplo, aos missionários do Quénia, do Kaffa ou de Iringa, ou a grupos de missionárias.

No Instituto, foram especialmente valorizadas as *Conferências* que o Allamano fazia periodicamente aos seminaristas da Casa Mãe e às missionárias; as *Cartas*, porém, foram quase completamente esquecidas e pouco valorizadas. Basta pensar que, somente em 1982, o padre Bona começou a considerá-las para uma possível publicação; tanto que o primeiro volume (para as cartas de 1865-1894) foi publicado apenas em 1990, e o último em 2002!

Importância do "género epistolar"

Antes de lidar com as cartas do Allamano, uma pequena consideração. Pode-se constatar que o chamado "género epistolar" está abundantemente representado em todas as literaturas antigas e modernas; e é sabido como os epistolários (ou a coleção de cartas) tenham assumido na antiguidade uma forma literária de certa importância, semelhante ao lugar que um artigo ou uma entrevista hoje ocupam na vida civil (como é usado hoje em dia com *cartas abertas* ou *cartas ao público*).

Para entender melhor as cartas do Allamano, o melhor método (ainda

que cansativo) seria pôr-se em contato com o grande número de cartas que existem na hagiografia cristã ou, pelo menos, com as mais importantes.

Existem as cartas de São Paulo e de Santo Inácio de Antioquia; as 270 cartas de S. Agostinho, as 154 de S. Jerónimo, as 845 de S. Gregório Magno, etc. Poderíamos depois passar às 548 cartas fervorosas de S. Bernardo, às dos primeiros cartuxos, às dezenas de cartas de S. Francesco de Assis, às 463 de S. Catarina da Siena, às 6.795 de S. Inácio de Loyola, às de São Francisco Xavier, incluindo a última a Santo Inácio... até às de personagens mais próximos de nós: 1.200 do cardeal Massaia, 531 do Cottolengo, 2.500 de Don Bosco (que era capaz de escrever até cem por dia), e mais de 20.000 de J. Henry Newman (quanto ao número, talvez os bata a todos)... É, como é fácil perceber, uma mina inesgotável da qual se sai saturados.

As cartas do Allamano

Na miríade de cartas que mencionámos acima, a correspondência do Allamano não faz má figura; de fato, se bem conhecidaa, elas conseguem permear a atmosfera quase de um perfume específico.

Neste volume são compiladas apenas as cartas endereçadas *aos missionários e às missionárias* que trabalham na África, o que nos fornece as características essenciais e inconfundíveis da fisionomia humana e espiritual do autor.

- Pode não se ter em conta o estilo, embora sempre correto, nunca enfático ou pomposo. Pode-se notar que, nas cartas, ao contrário das Conferências, o Allamano nunca usa o dialeto piemontês, enquanto abundam frases curtas em latim, tiradas da Bíblia, dos Padres da Igreja, da Imitação de Cristo, da Liturgia. Identifiquei 166. Ele usava-as para fazer meditação; sobre algumas delas ele concentra o seu pensamento, sem se dispersar em muitas palavras.
- Também convém ter em conta que os destinatários destas cartas não têm todos a mesma importância. Escreveu 65 cartas circulares e 11 Relatórios à Propaganda Fide e a outras Congregações Romanas, sempre com a ajuda do Camisassa; 60 cartas são endereçadas ao Pe. Tomás Gays, 34 a Mons. Filipe Perlo, 28 ao Pe. Domingos Ferrero, etc.; outras, às superioras das Irmãs.
- É absolutamente óbvio que, nas cartas, o Allamano frequentemente fala

do Santuário da Consolata e da Mãe Consolata. Como poderia ele não falar sobre isso, se a origem do Instituto, as missões e o desenvolvimento delas dependiam do Santuário e daquele mar de gente que gravitavam ao redor dele? Na miríade de vezes em que a palavra Consolata sai de sua caneta, ele quase sempre o faz prefixando o adjetivo nossa (pelo menos 147 vezes): "A nossa Consolata - A nossa e tua Consolata", ou "Aos pés da nossa Consolata, eu te abençoo"...

- Nas conferências, o Allamano frequentemente volta ao tema da vontade de Deus; nas cartas, essa dimensão espiritual não é apenas enunciada, mas antes aplicada a si mesmo: "Consola-me, no entanto, a certeza de sempre ter tentado fazer a vontade de Deus". Alguns, especialmente entre os membros da então poderosa classe dos cónegos (à qual também ele pertencia) e curialistas, tinham um certo medo dele, especialmente pela sua sinceridade e franqueza. Essa sua liberdade de espírito aparece, de maneira muito particular, também nas cartas aos seus missionários, principalmente naquelas mais meditadas ou sofridas. É a parresia encontrada nas cartas de São Paulo, falando com franqueza, sempre tentando manter vivo o sentido da confiança mútua.

Age assim com Mons. Perlo, mesmo que tenha de adverti-lo; ou para outro missionário, que enviou uma carta às escondidas, ele escreve: *«Creio que não mereço essa falta de confiança».* E mesmo com as missionárias na África, estando elas no início da experiência de missão, ele é bastante severo e fala com clareza, escrevendo a todas elas e a algumas em particular*: «Embora como vosso pai, eu saiba simpatizar com a fragilidade humana, não posso nem intendo aceitar que se continue com esse espírito... O Senhor não precisa de vós».*

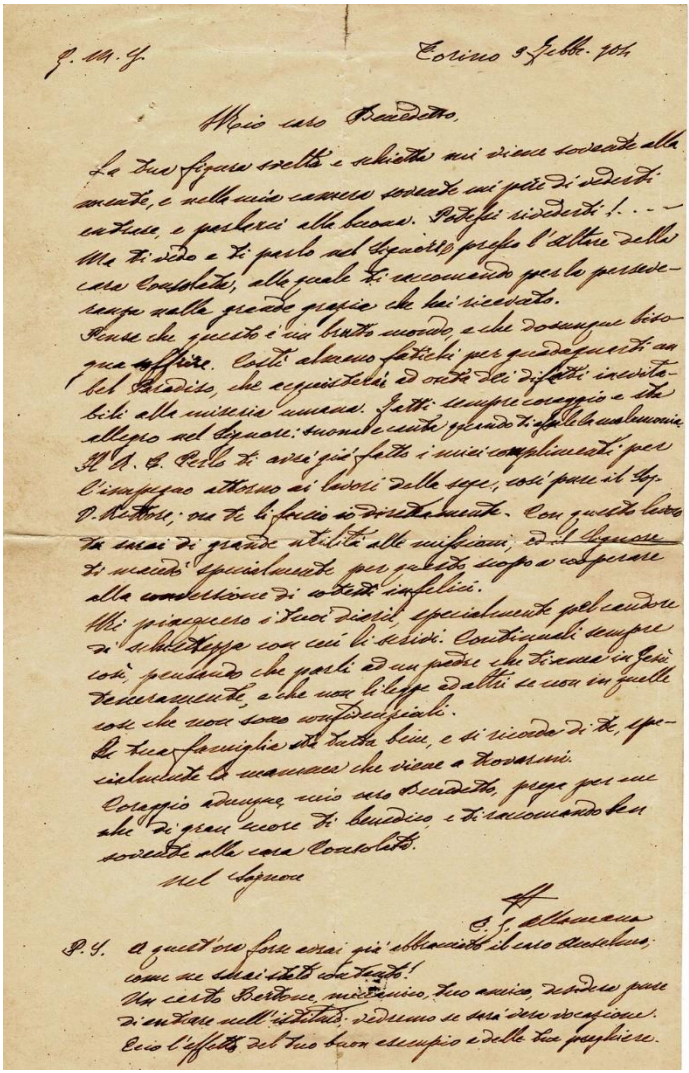
- Tópico muito tratado nas cartas é também o da metodologia missionária: a chamada elevação do ambiente, mesmo com o trabalho, antes da conversão ou do batismo dos indivíduos; tornar-se conhecidos como diferentes dos membros do governo; mansidão para com os africanos, etc.
- Em resumo... as cartas, comparadas com as Conferências do Fundador, aparecem muitas vezes:
  – *mais concretas*, porque se referem a situações específicas, casos pessoais, momentos particulares, etc;

– *mais personalizadas,* porque o Fundador toma em consideração pessoas individuais ou, no máximo, um grupo específico; não diz coisas que são boas para todos, mas apenas coisas úteis para os destinatários;
– *mais cordiais*, porque nelas é garantida a confidencialidade, quase a intimidade; e portanto, o Allamano sente-se, em certo sentido, mais livre para exprimir sentimentos delicados;
– *mais claras*, no sentido de melhor exprimirem a identidade do Fundador como educador; elas tornam mais evidente a sua capacidade de entender necessidades particulares, o seu realismo em saber fazer exceções, a sua abordagem serena das situações e a sua capacidade de encorajar...

Para concluir... Padre Bona escreveu: «A correspondência mantém-nos afastados de muitos segredos da vida do José Allamano, sem a ajuda das inevitáveis mediações do biógrafo. Avançando, sentimos quase tenor de ser hóspedes não convidados no seu escritório e de violar a sua intimidade precisamente quando ele se manifesta como amigo, conselheiro e pai: ou quando enfrenta problemas e comunica decisões; quando abre a correspondência (cartas particularmente aguardadas, como as que lhe vinham das missões). Mas décadas depois as suas cartas agora pertencem aos seus filhos, à igreja. A sua simplicidade, o seu tom calmo e confiante dissolve a sensação de ser um intruso.

Naturalmente, estas cartas não são a vida inteira, mas "quase": são importantes e indispensáveis para penetrar um pouco mais no mundo (sempre misterioso) da sua santidade».

P. Igino Tubaldo



José Allamano, *Carta ao Irmão Bento Falda*
Turim, 3 de fevereiro de 1904 (Carta n. 46, p. 78).

Cronologia

1851	21 de janeiro	José Allamano nasce em Castelnuovo d'Asti no Piemonte - Itália.
	22 de janeiro	É batizado na igreja paroquial, recebendo o nome de José Otávio.
1866	21 de outubro	Vestição clerical.
	Novembro	Entra no Seminário de Turim.
1873	20 de setembro	É ordenado sacerdote.
1876	30 de julho	Láurea em Teologia.
1880	Setembro	Nomeado Reitor do Santuário da Consolata.
	02 de outubro	Inicia a sua actividade como Reitor do Santuário.
1883	10 de fevereiro	É nomeado Cónego honorário da igreja metropolitana.
1891	30 de setembro	Envia à *Propaganda Fide* o Regulamento de um Instituto missionário.
1895	16 de fevereiro	Início do Processo de Beatificação do tio, padre José Cafasso.
1900	19-29 de janeiro	Grave doença do Allamano e cura milagrosa.
	2-13 de setembro	A Conferência Episcopal do Piemonte aprova la fundação do Instituto.
1901	29 de janeiro	Decreto de fundação do Instituto Missões Consolata.
	18 de junho	Inauguração da primeira Casa Mãe ("a *Consolatina*) em Turim.

1902	08 de maio	Partem os primeiros quatro missionários para o Quénia.
1903	13 de maio	Partida das primeiras oito irmãs Vicentinas, do Cottolengo, para o Quénia.
1904	11-20 de junho	Celebrações centenárias no Santuário da Consolata.
1905	14 de setembro	Ereção do Quénia como Missão Independente.
1908	02 de novembro	Inicia, na Consolatina, o Pequeno Seminário de S. Paolo.
1909	28 de junho	Ereção do Quénia como Vicariato Apostólico.
	23 de setembro	O card. Agostinho Richelmy aprova as Constituições.
	23 de outubro	Consagração episcopal de Mons. Felipe Perlo.
	28 de dezembro	*Decretum Laudis* (Decreto de Louvor) para o Instituto.
1910	29 de janeiro	Fundação do Instituto das Irmãs Missionárias da Consolata.
1911	08 de fevereiro.	Visita do Cónego Camisassa ao Quénia (até 26 de abril de 1912).
1913	28 de janeiro	É confiado ao Instituto o Kaffa (Etiópia).
	03 de novembro	Partem para o Quénia as primeiras 15 Missionárias da Consolata.
1922	03 de março	Ereção da Prefeitura Apostólica de Iringa (Tanzânia).
	18 de agosto	Morte do Cónego Tiago Camisassa.
	10-24 de novembro	Primeiro Capítulo Geral do Instituto.

1923	07 de setembro	*Propaganda Fide* aprova as Constituições dos Missionários da Consolata.
	20 de setembro	Bodas de ouro sacerdotais.
	16 de dezembro	Ereção do IMC como Ente Moral.
1924	05 de junho	Mons. Perlo chega à Itália como Vice Superior Geral.
	18 de agosto	Gabriele Perlo é nomeado Vigário Apostólico do Benadir (Somália).
1925	15 de abril	O Instituto inicia a sua pre-sença em Moçambique.
	03 de maio	Allamano em Roma, para a Beatificação do José Cafasso.
1926	16 de fevereiro	Morte do Allamano, no Santuário da Consolata.
1990	**07 de outubro**	**Beatificação do José Allamano em Roma**

Aviso

As cartas aqui apresentadas (excluindo as duas primeiras) são aquelas escritas por José Allamano aos missionários e missionárias da Consolata, cartas seleci-onadas dos onze volumes do Pe. Candido Bona:

Quasi una vita... Lettere scritte e ricevute
dal Beato Giuseppe Allamano con testi e documenti coevi
Edizioni Missioni Consolata, Roma, 1990-2002

Para notícias sobre pessoas e quaisquer notas críticas ou históricas, deve-se fa-zer referência à obra do padre Bona; para isso, no final de cada carta, indicamos a página e o número de seu volume italiano.

Cartas de José Allamano

Essas duas primeiras cartas são dirigidas não aos missionários/as, mas ao amigo de J. Allamano, P. Tiago Camisassa, e ao arcebispo de Turim, Card. Agostinho Richelmy.

1

Ao P. Tiago Camisassa

Eremo Torinese, setembro de 1880

Caro Padre Camisassa,

Dou-lhe uma notícia que me faz sonhar acordado, e da qual também se vai admirar. O Sr. Arcebispo[1] nomeou-me Reitor do Santuário da Consolata e do "Convitto" [Centro de Formação do Clero][2], em substituição do Cónego Rovetti que vai retirar-se para o Cottolengo. Nada consegui fazer com que ele desistisse desta decisão, nem as minhas razoáveis observações, nem os pedidos de outras pessoas; nada mais pude fazer senão obedecer e aceitar. A voz da obediência resolveu o problema, e espero que também resolva todas as dificuldades inerentes ao cargo.

É esta certamente uma notícia nova para o meu caro amigo, notícia que lhe dou com muito gosto. Porém, não é só isto que lhe venho dizer: dado que naquele Colégio (*Casa nuova*) também existe o cargo de administrador, o senhor arcebispo disse-me para eu arranjar um sacerdote do meu agrado par exercer tal ofício; e eu, de acordo com o Sr. Reitor, o Cón. Soldati, pensei logo em Vossa Reverência.

Por favor, não se preocupe com a palavra "administrador",

[1] Mons. Lourenço Gastaldi, arcebispo de Turim.

[2] O *Centro de Formação do Clero* era o famoso "*Convitto ecclesiastico*", (em italiano) localizado próximo ao Santuário da Consolata.

nem me fale em incapacidade sua para tal trabalho, porque Deus vê e provê, como vai fazer também no caso das minhas fracas forças. O Sr. Arcebispo vai enviar outro sacerdote para continuar o trabalho que V. Rev.a fazia em Pecetto.

Tenho a certeza que o meu caro amigo aceitará este ofício quando para tal for convidado, mostrando o espírito de obediência que já aprendeu nos seus dias de seminarista. Certamente, meu bom amigo, juntos faremos um pouco de bem: exercitaremos a caridade para com os sacerdotes idosos do Colégio eclesiástico, e vamos honrar a nossa boa e cara Mãe Maria Consolata. Penso que V. Rev.a vai ter a oportunidade de ainda melhor cumprir o ministério sacerdotal do que quando estava em Pecetto.

Tenho a certeza que V. Rev.a vai imitar o seu antigo Diretor no que diz respeito à virtude da obediência às ordens do Superior, e eu terei a sorte de partilhar este meu novo trabalho com alguém que amo verdadeiramente.

Esta minha carta não é um convite oficial, é uma comunicação minha privada: quero simplesmente preveni-lo do que em breve vai acontecer. Irei definitivamente para lá no princípio de outubro, e peço a V. Rev.a que faça o mesmo, para fazermos juntos o ingresso oficial. Espero uma resposta pronta a esta minha carta. E tenho a certeza que verá nesta sua nomeação um sinal do respeito e da estima que tenho por si.

Subscrevo-me atenciosamente como amigo em Cristo Jesus...

[Vol. I, pp. 123-125, n. 44]

2

Ao Cardeal Agostinho Richelmy

J.M.J.[3] Rivoli, 6 de abril de 1900

Eminência,

Encontrando-me sozinho aqui em Rivoli, fogem a minha mente e o meu coração para Turim, para o Santuário da

[3] J.M.J. Acrônimo latino; isto é: Jesus, Maria, José.

Consolata, para o Centro de Formação de Sacerdotes e para o Instituto da SS. Anunciada. Acerca deste último Instituto, e pensando no seu futuro, fiz algumas reflexões que envio para a sua avaliação.

Devemos continuar a formar professoras, ou será mais conveniente mudar de direção e usar para algo de melhor a herança do Mons. Demichelis de santa memória?

No passado, este Instituto, educando jovens senhoras de condição civil para fazer delas mestras cristãs, fez muito bem à religião e à sociedade. Atualmente, muito pouco é o bem que se pode fazer. A legislação atual relativa à escolaridade visa claramente a destruição dos Institutos privados; por isso contra eles se comete toda uma série de afrontas e se exige um aumento grande do número de professores.

E assim não é fácil que os alunos tenham sucesso nos exames. E ao mesmo tempo aumentam as escolas geridas pelo governo, ou a elas equiparadas, nas quais as alunas podem mais facilmente obter bons resultados nos exames e, por isso, obter um bom emprego. Qualquer pequena terriola que o queira pode obter uma escola normal equiparada, como acontece em Chieri e Bra.

Isto explica porque é que de há vários anos o Instituto da SS. Anunciada tenha poucas alunas, tendo este ano somente sete, tal e qual como o ano passado.

Tudo considerado, será conveniente gastar tanto dinheiro com tão poucas alunas, pensando também no fato que é preciso um pessoal diretivo e docente como seria necessário para muitas alunas? No ano passado, por exemplo, além do recuperado pelas mensalidades, tive de contribuir com seis mil liras, sem mencionar que o uso do local era gratuito. No verão passado tentei criar um internato onde morassem moças que frequentavam a escola pública, tendo para isso mandado imprimir várias circulares. E afinal, só se apresentou uma moça. Diga-se também, de passagem, que esta casa internato fica muito longe da escola de Berti que devem frequentar...

Dado que se trata de substituir a diretora e o pessoal todo, como aconselham vários sacerdotes que conhecem a

organização, e como já concluiu o teu próprio secretário, é tempo de decidir se continuar como antes ou de mudar mesmo a finalidade do Instituto.

Se fosse oportuno mudar a finalidade daquela obra, que escolha se deveria agora fazer? Segundo um meu antigo desejo, eu penso que seria tempo de fundar um Instituto de missionários para as missões estrangeiras. E aqui vão as minhas razões:

1. Parece ser esta a vontade do Mons. Demichelis, e que foi essa a razão porque ele me nomeou seu herdeiro. De fato, dois anos antes da sua morte, tendo-o eu encontrado um dia muito triste por causa do andamento daquele seu Instituto, e vendo que ele estava decidido a fechá-lo, eu aconselhei-o a esperar ainda algum tempo, e se depois ele visse que estava a usar inutilmente o seu dinheiro, então eu lhe aconselharia outra obra. Insistiu ele para que eu lhe dissesse em que obra pensava eu, e eu então propus-lhe que se fundasse um Instituto para missionários. Exortei-o a esperar ainda algum tempo. Depois da sua morte, encontrei no meio dos seus escritos a conversa que tínhamos tido acerca do Instituto missionário.

Pensei cá para comigo que foi esta a razão porque ele me fez seu herdeiro. Realmente não encontro outra razão, porque eu não o visitava muito, nem ao seu Instituto. Parece ser então esta a razão pela qual ele claramente menciona no testamento uma mudança de orientação e decidiu dar-me plena liberdade como herdeiro.

2. Nas cidades mais importantes da Itália há um Instituto Missionário, por exemplo em Roma, Milão, Nápoles, Génova, etc. Então, só Turim, cidade em que florescem tantas obras de caridade, vai ficar sem Instituto Missionário? É verdade que os Salesianos também têm missões, mas tal não é para eles o fim primário. Eles servem-se dos jovens que educam, mas raramente entra para os Salesianos um jovem que por eles foi educado. E nem todos os que querem ir para as missões desejam fazer votos religiosos.

3. E no entanto, com a experiência que adquiri durante tantos anos de trabalho com o clero, posso dizer que muitas vezes lidei com gente que tinha uma verdadeira vocação para a vida missionária. Vários seminaristas e sacerdotes daqui entraram em Institutos fora do Piemonte, e estão agora nos Lazaristas, nos de S. Calocero de Milão, de Verona, de Génova, de Placência e mesmo de Algeri.

Mas se alguns deles decidissem, mesmo contra a própria vontade, alistar-se no meio de gente de índole tão diversa onde serão sempre considerados de segunda categoria, muitos deles por estas razões abandonariam a vocação, e continuariam a contentar-se só do desejo dela. Isto dá força ao movimento que nos nossos dias se tem manifestado em certos sacerdotes jovens de ir para a América: quatro partiram o ano passado, e outros cinco já estão a pedir o mesmo ao Cón. Sorasio. Não vejo bem este destino da América, pois tenho medo que os influencie o interesse numa boa remuneração financeira, e também pelo prejuízo espiritual que sofreriam por causa do isolamento em que lá se encontrarão por não terem uma mão paterna que os oriente.

Se pelo contrário se formasse um grupo de missionários piemonteses, com uma casa em cada área da Província, e cada casa com um superior, e que trabalhassem, não para se enriquecerem, mas só por amor das almas – para esta organização iriam os verdadeiros chamados por Deus. Até o próprio Card. Simeoni, quando era prefeito da Propagação da Fé, me manifestou este desejo.

Era isto, Eminência, que eu te queria dizer, para aliviar a minha consciência e também para maior glória de Deus. Discute este problema com o Senhor, e quando voltares a Turim decidirás o que se deve fazer.

[Vol. II, pp. 457-459, n. 181]

3

Aos primeiros membros da Casa Mãe

Viva J.M.J. e S. Pedro Claver SS. Consolata, 28 de julho 1901

Caríssimos em N.S.J. Cristo,

A paz do Senhor esteja convosco. Não podendo eu por agora satisfazer o meu desejo de estar convosco frequentemente para vos ajudar a construir bases sólidas para o nosso pequeno Instituto, e devendo mesmo ausentar-me de Turim por algum tempo, pensei abrir-vos o meu coração por meio desta carta.

Antes de mais, digo-vos que o vosso bom comportamento nestes primeiros tempos é para mim uma verdadeira consolação. A vossa boa disposição, a caridade que tendes uns para com os outros e o espírito de sacrifício que vos anima são uma boa promessa para esta nossa obra. *Deo Gratias* [Agradecemos ao Senhor]!

Nosso Senhor Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento está com certeza contente com a homenagem que lhe prestais. Sei que lhe fazeis frequentes e generosas visitas espirituais. O Santo Sacrário é o centro da casa e da vida da comunidade, e todos os lugares da casa devem ser como raios que a ele se dirigem. Quantas graças virão sobre vós e sobre os nossos missionários do futuro. O próprio Jesus, sim, Ele será o vosso chefe. Ele próprio vos formará para serdes seus verdadeiros apóstolos.

Amai o Livrinho do Regulamento, meditai todos os dias algum ponto especial; procurai praticá-lo fielmente quanto atualmente vos é possível: é isto que vos pede o cap. 3º, especialmente o que vos é estabelecido acerca do uso do tempo e acerca do silêncio. Apreciai o recolhimento dos vossos quartos, onde vos entregareis ao estudo da Sagrada Escritura, das línguas e das outras disciplinas que vos são ensinadas. Evitai os passeios inúteis e as visitas supérfluas.

Empenho especial de cada um deve ser não vos ausentardes das práticas comuns; especialmente, não ir celebrar a Santa Missa fora, nem vos ausentardes das aulas e/ou das refeições.

Por amor da disciplina e da virtude, dependei para tudo do

caro P. Scassa, o qual, *primus inter pares* [o primeiro dos iguais], é responsável diante de Deus e de mim de tudo aquilo que se refere ao Instituto. Os jovens devem pedir-lhe sempre todas as licenças, especialmente no que se refere a visitas externas e, na sua ausência, ao sacerdote que mais idade tem que se encontra em casa, e dependerão em tudo das suas ordens e desejos.

Serei eu próprio a dizer-vos pouco a pouco, de viva voz ou por escrito, outras coisas que vos serão de ajuda no caminho do vosso aperfeiçoamento, e a preparar-vos para a grande obra do apostolado. Por agora limito-me a dar algumas normas para os caros jovens.

1. O jovem que faz de sacristão cuidará de tudo o que há na capela: abre a porta e fecha-a segunda as ordens do superior, e tem de preparar tudo o que é necessário para a Santa Missa.

2. Varre a capela e a sacristia duas vezes por semana, uma das quais ao sábado (com serradura). Limpará todos os dias o pó do altar, da balaustrada, dos bancos, etc., e limpará também a sacristia; e, se tal for necessário, limpará a lama e o saibro das passadeiras da capela.

3. Todos os sábados mudará a água das pias da água benta da capela e dos quartos, e enche-as de novo de água benta.

4. O jovem que é porteiro prestará atenção ao toque da campainha da receção, recebe os visitantes na sala de visitas e, conforme ordens do superior, chama quem de dever à mesma sala de visitas.

5. Dá o sinal para todas as atividades da comunidade.

6. De manhã varre o passeio do portão externo e os passeios diante da capela e da casa e o do seu pórtico; põe em ordem o cascalho limpando-o da erva nascente.

7. Uma vez por semana devem varrer os corredores da casa, todas as salas e o pátio; e fazem a limpeza das retretes e das banheiras da água ainda mais frequentemente se necessário.

8. Todos os dias devem amanhar e regar o jardim da entrada e o jardim interno.

9. Estejam à disposição para ajudarem as Irmãs nos vários serviços, como partir a lenha, ir buscar água, etc.

10. Fazem a limpeza do refeitório e servem as refeições uma semana cada um.

Vosso com muito afeto em N.S.J.C[4]...

[Vol. III, pp. 105-107, n. 223]

4

Ao P. Tomás Gays

Turim, 4 de julho de 1902

Caríssimos em N.S.J.C.

Estava eu para responder às cartas chegadas de Zanzibar quando recebi as cartas que enviastes de Mombaça. Graças a Deus pelas boas notícias que me enviaram e pelas que me deu o caro Teólogo Perlo. O Senhor está a ajudar-vos claramente, e a nossa Consolata dá-me a certeza todos os dias à noite que sempre recebereis as bênçãos do alto. Coragem *in Domino*![5]

Todos gostaram muito das fotografias, nas quais notei que estais um pouco abatidos: será talvez pelo cansaço produzido pela viagem! Tenho a certeza que moralmente estais alegres, e isso é o que mais importa. Mas não esqueçais o físico, dando a vós mesmos e aos caros jovens os cuidados necessários.

Notícias do Instituto, já as mandou o Senhor Vice-Reitor ao P. Perlo, e por isso não as vou repetir. Quero só agradecer a Deus que *nova fecit omnia* [fez tudo novo], e que não há nenhum *Amalecita*[6] que venha estragar os jovens presentes e futuros, que muita consolação me dão. Sua Eminência gostou muito da carta, e quis que

[4] Em N.S.J.C. = Em Nosso Senhor Jesus Cristo.

[5] "*In Domino*", é uma expressão característica e frequentemente usada pela Allamano; significa "No Senhor".

[6] *Amalecita*, no pensamento de Allamano, significa aquele que não corresponde à vocação.

o informasse bem acerca de tudo; e com muito entusiasmo manda-vos a sua bênção e reafirma tudo quanto vos disse em voz alta. Os 'doutores' agradecem e prometem escrever a seu tempo, especialmente o Rev. P. Giaccardi que ficou muito contente.

Os pais dos queridos Celestino (Lusso) e Luís (Falda) estão bem e sentem-se contentes que os filhos se encontram bem. Ao pai do Celestino vou aceitá-lo grátis em S. Inácio para os Exercícios Espirituais, e também o pai do Luís, se ele assim o quiser. Não é preciso que eu esteja a contar muitas coisas da família, exceto que rezam sempre por eles e se alegram que eles continuam fiéis à própria vocação.

Veio a Sr.a Terandi e, não me tendo encontrado, falou bastante com o Sr. Vice-Reitor, e parece que ficou muito contente. Vou eu próprio levar-lhe esta carta e assim vou ficar a conhecê-la. O abade de Lucento disse-me que você não devia escrever nunca mais àquele rapaz de Lucento, porque isso daria má impressão, pois ele parece que nem sequer cumprimenta os sacerdotes; e a mãe dele fala demais e aumenta muito ao que se lhe diz, e no seu caso isso poderia causar detrimento à sua integridade.

Não sei realmente que pensar de tudo isto, mas foi por isso que não lhes dei as últimas notícias nem a fotografia. Vieram ver-me duas vezes ultimamente para saberem mais notícias, mas eu dei-lhas com moderação. Decidirá o amigo como comportar-se.

Aceitem, o caro amigo e o caro P. Perlo, as minhas cordiais saudações, que dareis também aos queridos Celestino e Luís.

Na Consolata vosso...

[Vol. III, pp. 352-353, n. 253]

5

Ao P. Tomás Gays

Pian della Mussa, Balme, 30 de julho de 1902

Na sua carta diz-me você que devem alterar um pouco o horário e a vossa maneira de fazer as coisas segundo a experiência

desses sacerdotes; façam como melhor vos parecer *in Domino* depois de rezarem os dois e pedirem conselho. Que seja, porém, observado o que é essencial no nosso Regulamento, e sobretudo o espírito do nosso Instituto.

Mas não penso que se deva tratar simplesmente de mudar o hábito branco para usar o preto, ou de vestir sempre à civil... Pode ser que a batina no princípio cause admiração, mas depois infundirá um maior respeito da parte do povo, e vos mostrará diferentes dos pastores protestantes, evitando assim certas manifestações da parte dessa gente ainda um tanto inculta. Se forem necessários hábitos mais pesados, pois então vo-los mandaremos; mas, se me não engano, o hábito branco e comprido deve usar-se também em público. Usem-se hábitos civis somente durante as viagens, e sejam usados com moderação.

No que respeita os jovens, comportai-vos como melhor vos parece. Mas usem eles a batina ao menos de vez em quando na igreja; penso que isso os ajudará a comportarem-se como devem, e a evitarem certos perigos...

Durante os meus Exercícios Espirituais em S. Inácio escrevi o *Diretório* exigido pelo Regulamento... Depois de ter sido praticado *ad experimentum* [em experimento] vou mandar-vos uma cópia para que o observem tanto quanto for possível.

[Vol. III, pp. 384-385, n. 257]

6

Ao P. Luis Bório, primeiro "prefeito" da Casa Mãe

J.M.J. Piano della Mussa, 4 de agosto de 1902

Caríssimo em N.S.J.C.,

Recebi mesmo agora o seu postal e agradeço as notícias. Faça favor de preparar os documentos para a tríplice Tomada de Hábito que terá lugar ao fim dos Exercícios Espirituais. Chegando a Turim, eu próprio me ocuparei em arranjar o hábito para o Bertrandi, e também para os outros dois, se eles o não tiverem arranjado. Entretanto, veja bem se eles têm vocação. Vou pagar as despesas do

primeiro, porque a família é pobre; os outros, dado que vivem bem, devem os pais deles pagar o custo: fale o amigo com eles com jeitinho, e depois decidimos. Para isso, melhor será voltar ao Oratório[7] de Don Bosco.

Envie o seminarista Valetti ao tio dele em Usseglio, e se ele precisar, dê-lhe o que for necessário para a viagem de ida e volta, e até mesmo alguma coisa mais, se for necessário. Espero que ele possa voltar para os Exercícios Espirituais do dia 22 do corrente mês e vir a S. Inácio durante a semana precedente.

Um certo clérigo Destefanis renovou um forte pedido de admissão no nosso Instituto: ele já acabou o primeiro curso de filosofia em Chieri. Com boas maneiras, veja se consegue descobrir o que é que pensam do Valetti e do colega dele. Faça uma visita ao P. Giaccardi, pois ele conhece-o bem desde quando ele era aluno no Oratório. Um outro seminarista do mesmo curso, um tal Savio de Castelnuovo, também pediu para entrar: o C. Duvina diz que ele é bom: procure você falar com alguns colegas dele para ver o que é que dizem dele, e depois diga-me alguma coisa.

Eu vou a Turim no princípio da próxima semana, o mais tardar quarta-feira. Muitos cumprimentos em nome do Senhor a todos estes queridos jovens, e de maneira particular para si.

Com afeto *in Domino*...

[Vol. III, pp. 391-392, n. 258]

7

Ao P. Tomás Gays

Turim, 19 de setembro de 1902

Acerca das várias maneiras de comportamento da comunidade, tenha mão firme quanto ao essencial, e como eu já disse antes, faça com o P. Perlo as mudanças que pensa serem convenientes.

Quanto aos jovens... deixe que eles me escrevam à vontade, e feche as cartas na presença deles, para que eles se sintam livres de me dizerem tudo o que quiserem... Mostre-lhes muito

[7] *Oratório*: aqui está indicado o primeiro "colégio salesiano", iniciado por Don Bosco.

carinho, e prodigue-lhes consolações espirituais...; eles precisam muito que se tenha confiança neles para que possam abrir o coração especialmente no que diz respeito aos perigos da *castidade*; ajude-os a viverem em união com Deus e a rejeitar o sentimento de vazio com pensamentos sobrenaturais.

Depois, Jesus Sacramentado fará o resto.

[Vol. III, p. 437, n. 265]

8

Ao P. Filipe Perlo

J.M.J. Turim, 19 de setembro de 1902

Caríssimo em N.S.J.C.,

As suas cartas ao senhor Vice-Reitor são realmente aquilo que nós desejávamos, e *Deo Gratias* pelas coisas boas que vós nos mandais para publicação. Agradeço de maneira especial as que me mandou a mim próprio em confidência. Os sentimentos nelas expressas são os de um verdadeiro missionário, dão-me alegria e agradeço ao Senhor. Tenho a certeza que a Virgem Consolata continuará a colmá-lo de graças para que, superando certas misérias inevitáveis na vida humana, sejais capazes de vos amardes uns aos outros e de trabalhar unicamente por amor de Deus.

Aconselho-o a cuidar de si próprio e a não se cansar demais; depressa enviará Deus reforços para o vosso trabalho. Ampare as fraquezas dos confrades e seja o braço direito do P. Gays, que tantas coisas boas me conta de si.

O Sr. Vice-Reitor vai escrever-lhe mais amplamente, e você procure responder sempre. Eu mandei ao P. Gays algumas normas gerais de comportamento.

Cumprimentos a todos e una bênção especial para si.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. III, p. 438, n. 266]

9

Ao P. Tomás Gays

Turim, 7 de novembro de 1902

Aconselho-vos muito a devoção ao Sagrado Coração de Jesus especialmente nas primeiras sextas-feiras do mês. Fazei com empenho a Hora de Guarda, tal e qual como a fazemos nós... Seja o Sagrado Coração a nossa força mesmo nas misérias espirituais.

Repetir muitas vezes: "Doce Coração de Jesus..." e "Jesus manso e humilde de Coração..."

[Vol. III, p. 459, n. 271]

10

Ao P. Tomás Gays

Turim, 12 de dezembro de 1902

Quando estiverdes juntos cumpri tanto quanto possível, e com liberdade, o Regulamento e o Diretório, e o mesmo se diga quando não estiverdes juntos. O essencial é o bom espírito que deve morar em todos.

Pelos apontamentos que lhe mando, além do Diretório, poderá ver a diferença de comportamento que eu decidi que deve haver entre os sacerdotes e os outros na Casa Mãe.

É bem que também vós a observeis, essa diferença, tanto quanto possível. Para as Missas, registem-nas num livro, e cada trimestre, mais ou menos, enviem-me o total...

ATIVIDADES DA CASA-INSTITUTO

I. Pequeno almoço para todos às 8h00 todos os dias; nos dias de festa, às 8h30 depois da Santa Missa das 8h00. – As Irmãs dão, pela janelinha, a cada um a malga de leite com café e um pouco de açúcar.

II. Ao almoço e ao jantar as porções são dadas a cada um em

pratos individuais: a sopa em tigelas; e dois pratos de carne: ao almoço um prato de carne com hortaliça e molho, ao jantar um prato de carne com hortaliça. Vinho com um pouco de água; nunca se dá fruta. Isto vale para os seminaristas e os estudantes irmãos, e estes são considerados iguais aos seminaristas, e sentam-se à mesa atrás dos seminaristas.

Os sacerdotes ficam numa mesa separada dos outros e dá-se-lhes também fruta ou queijo ao almoço e ao jantar, vinho sem água numa garrafita de 475 gr. que é igual ao dos seminaristas na quantidade, mas não na qualidade.

À mesa nunca se dispensa a leitura, nem mesmo no Natal e na Páscoa. – Servem à mesa os seminaristas, um por semana, e o que serve prepara também e desprepara a mesa, e depois come juntamente com o leitor, em silêncio. Um clérigo ou um confrade lava durante uma semana os pratos na cozinha. Aprendem a cozinhar primeiro os estudantes irmãos e depois os clérigos.

III.. A bênção e a ação de graças à mesa faz-se como vem no breviário, não mais curta, e ao fim vai-se para a capela recitando o salmo Miserere.

Por cima da capela preparámos uma camarata grande com camas com cortinas: dormem nela os clérigos e os estudantes irmãos; os quartos são reservados para os sacerdotes. Os seminaristas e os estudantes irmãos estudam juntos na sala de aulas, os sacerdotes no seu quarto.

[Vol. III, pp. 486-487, n. 2713]

11

Ao P. Filipe Perlo

J.M.J. Turim, 12 de dezembro de 1902

Caríssimo Teólogo,

Vê-se bem que a Consolata vos ajuda e vos dirige em tudo. Os alunos do Instituto aqui rezam muito por vós, e também muitas outras pessoas, graças a Deus! Eu sinto muita alegria quando penso em si, e agradeço ao Senhor que lhe deu tanta força e

graça para bem dar início às missões. Todos aqui esperam pelas suas cartas, e os pequenos comentários ajudam a compreender as pequenas coisas que são sempre muito apreciadas pelos leitores do nosso Periódico. Continue a escrever, muito e muitas vezes, e assim ajudará o bom Vice-Reitor a escrever o Periódico, e os seus escritos tornar-se-ão um chamariz de vocações e de caridade.

Já temos vários pedidos de bons indivíduos, e isso lhe contará o seu irmão Gabriel. Para dizer a verdade, a partida dele fez-me sangrar o coração, porque a mãe anda um pouco mal disposta: mas ele recebeu do Senhor a graça de fazer este grande sacrifício; e isto merecerá para toda a família muitas bênçãos de Deus. O senhor Vice-Reitor e eu não lhes pedimos nada; pelo contrário, estivemos, por assim dizer, nós fizemos *algum trabalho do diabo* (um pouco de pé atrás)*;* mas o pai ficou muito contente. O P. Gays manda-me muitas preciosas notícias sobre a concórdia e o bom humor entre vós, e isto faz-um um bem enorme. Continuem, por amor de Deus, a passar por cima de tudo o que é miséria humana...

É minha intenção que V. Senhoria seja o dirigente *absoluto* de todas as despesas materiais, e de si devem depender todos para obterem toda e qualquer coisa, quer ela vá daqui de Turim, ou que seja adquirida aí! Desta decisão já eu avisei o P. Gays, e avisarei todos os que daqui para aí partirem. Por favor, seja generoso em questões de saúde; no que respeita os instrumentos de agricultura, etc., faça o que for preciso e útil. Decida com o P. Gays a melhor maneira para marcar a distinção entre os sacerdotes e os outros. E as decisões, tomem-nas vocês sacerdotes, e por vezes mesmo só vós dois.

Ah, com que alegria retribuo de todo o coração as saudações que toda essa gente me manda! Como eu desejaria que bem depressa fossem todos cristãos! E por isso, quanto não rezamos nós aqui!... Sim, com a paciência chegará um dia, o tempo da ceifa. Às vezes, gente que não compreende estes problemas perguntam-nos quantos batismos já se aí fazem. Não compreendem que o vosso trabalho agora é de preparar a conversão em massa desses povos. E como é importante não

ocupardes o tempo só numa atividade ou num lugar em prejuízo dos outros.

Nas suas viagens, escolha primeiro a companhia do seu irmão Gabriel, e por vezes a do P. Borda, porque os dois gostam naturalmente de o acompanhar. O irmão André é um *"particular"*,[8] e é capaz de fazer uma cultivação; procurai aguentá-lo dando-lhe um pouco de espaço livre naquilo que ele de melhor sabe fazer.

Muitas saudades e bons desejos *in Domino* e boas festas para o ano inteiro. No Senhor, vosso....

[Vol. III, pp. 488-489, n. 274]

12

Ao Irmão Luís Falda

V.J.M.J. Turim, 12 de dezembro de 1902

Caro Luís,

A tua fotografia que recebi diz-me que tens boa saúde. E também ouvi dizer que tens boas pernas... Muito bem, se a barba não quer despontar, não faz mal, vais ser sempre simples e puro como um *matotu* (garoto). Dou-te a notícia que o caro irmão Bento Falda, que tanto chorou quando partiste, já entrou no Instituto, e está já a fazer os Exercícios Espirituais. A mãe ficou muito contente, e também o pai: como bons cristãos, fizeram os dois o grande sacrifício de o deixar entrar. Manda-lhe uma carta para lhe dares alegria e encorajamento.

Vai para aí um novo companheiro que se chama André, estimai-o e ajudai-o a ser um missionário corajoso como vocês, e a não perder a coragem nas dificuldades... Reza também por mim que te quero santo...

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. III, p. 491, n. 275]

[8] A expressão dialetal "*particular*" indicava uma pessoa que não era rica, mas que possuía terra e que, cultivando-a, vivia de seu trabalho.

13

Ao seminarista João Balbo

J.M.J. Turim, 18 de dezembro de 1902

Caríssimo João,

A sua pergunta é segndo a natureza do nosso Instituto, e por isso gosto muito dela. Vejo que a ideia não é nova, que já há muito suspira pelo apostolado; reze sempre mais ao Senhor para que o faça cada vez mais digno desta sublime vocação. Com certeza já leu o Regulamento do nosso Instituto, mas se ainda o não fez, peça-o ao Rev.mo Senhor Reitor que lho empreste.

Quando tudo estiver decidido com o Senhor Reitor, escreva-me que eu o aceitarei entre os meus queridos alunos com a licença do nosso venerando Cardeal.

Reze também por mim. Seu *in Domino*...

[Vol. III, p. 492, n. 276]

14

Ao P. Luís Borio

SS. Consolata, 1ª sexta-feira do mês,
6 de março de 1903

Caro padre Borio,

Amanhã, sábado, às 9h00 celebramos a Missa de aniversário pela irmã defunta de Mons. Demichelis.

Faça com que todos os seminaristas, ou ao menos alguns deles, estejam presentes na Igreja dos Santos Anjos.

Rezem pela bendita alma dela, e também pela do Monsenhor, para obter a graça para que a Causa Cerutti, ainda dormente, se apague no silêncio, *si Deo placet* [se tal for do agrado de Deus]. Amigo *in Domino* ...

[Vol. III, p. 540, n. 286]

15

Ao P. Filipe Perlo

J.M.J. Turim, 6 de março de 1903

Caríssimo Teólogo, Perlo,

Poderá vossa reverência imaginar a minha pena pelo falecimento da sua querida mãe. Maior é ainda a minha pena

ao pensar no sofrimento de vós dois, Filipe e Gabriel. O Senhor pensou bem em não aceitar as nossas muitas orações porque a queria consigo.

Mas muitas foram também nesta ocasião as consolações que nos foram dadas, como melhor lhe dará a conhecer o Sr. Vice-Reitor.

Tende coragem *in Domino*! O sacrifício aceite e oferecido atrairá abundantes bênçãos da parte do Senhor.

Com todo a minha amizade...

[Vol. III, pp. 541-542, n. 287]

16

Ao P. Tomás Gays

Turim, 6 de março de 1903

Com certeza ainda não sois em número suficiente para observar completamente tudo o que prescreve o nosso Regulamento; mas façam o que puderem. Considero muito importante que se reúnam todos juntos, ao menos de vez em quando, se não puder ser ainda todos os meses. E em cada reunião façam a recoleção mensal e observem o que está escrito no Regulamento. E que em cada casa se observe o horário, que segundo as necessidades, se pode alterar, mas retomando-o imediatamente depois.

Já lhe escrevi como se faz na Casa Mãe quanto às refeições, a distinção entre sacerdotes e os outros; procure com boas maneiras fazer com que isto se ponha em prática. No que é útil não se poupa. Mas quando são coisas sem importância não é preciso fazer

despesas inúteis para, por exemplo, mandar cartas a cada lugar todas as vezes. Desejo que todos escrevam de vez em quando, mas só acerca do que é legítimo e a quem convém.

No que respeita a batina... tudo bem pensado, creio que por agora seja usada sempre pelos sacerdotes e os seminaristas, exceto *nas viagens, nos trabalhos manuais e durante os tratamentos de doentes;* os Irmãos usem-na ao menos na igreja e quando não trabalham em casa - como por exemplo nos dias de festa.

[Vol. III, p. 543, n. 288]

17

Ao P. Tomás Gays

Turim, 3 de abril de 1903

A propósito da norma que não se devem fazer colégios, faço uma exceção no que respeita preparar uma espécie de 'seminário' para futuros catequistas, que se deve fazer numa só missão... em Limuru, parece-me...

Mas é preciso que seja um seminário muito *sui generis* [de seu tipo], isto é, que os candidatos trabalhem *quase sempre* em coisas que vos são úteis; e que vivam como estavam habituados; como hábito, no princípio emprestai-lhes algum fato, e depois, se o merecerem, oferecei-lhes uns calções de banho, que vocês já aí têm em boa quantidade e que eu mandei arranjar a várias senhoras daqui... Mas pagá-los pelo trabalho que fazem, *nunca*, nem com dinheiro não de outra maneira.

E se eles não estão de acordo, paciência e *"vultis et vos abire?"* [também vós vos quereis ir embora?] como dizia Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas se, seguindo esta norma, virdes que os rapazes se vão embora, mandem-mo dizer com os pros e os contras, e eu vou ver se, para os maiores, vos posso conceder alguma exceção, dando-lhes alguma paga, não semanalmente, nem mensalmente, mas depois de anos de prova.

Quanto ao costume de fumar, aqui vão as decisões que tomei por agora, e que peço comunique aos outros: 1º, não permito o uso de mastigar tabaco. 2º, quem não tem o hábito de fumar ou

cheirar tabaco, não comece a fazê-lo, e se pensa ter necessidade de o fazer, escreva-me. 3º quem já tem a necessidade de fumar, desejo que a perda pouco a pouco, e se não puder, gaste nisso um vintém cada dois dias. Porém, tal despesa não se pode fazer se o indivíduo já tem o equivalente em tabaco que lhe foi oferecido por alguém ou cultivado por vós mesmos. Mas para prevenir abusos, só dou licença que, ao todo, se fume uma hora por dia.

Recordo-vos que a Ametis não podeis dar dinheiro, mas só objetos de que precise *para a sua pessoa*, e se quer que lhe compreis cigarros, fazei-o registando a despesa; mas não lhe deem dinheiro para os comprar.

[Vol. III, pp. 550-551, n. 290]

18

Ao P. António Borda-Bossana

V.J.M.e J. Turim, 3 de abril de 1903
Festa de Nossa Senhora das Dores

Caríssimo Teólogo,

Recebi a seu tempo as suas cartas, e agradeço pelas notícias, e especialmente pelo espírito de boa vontade de vós todos. O Deus que *coepit in vobis opus bonum, Ipse perficiet* [iniciou este bom trabalho em você o completará]. O caro amigo bem sabe como o meu coração vos acompanha para vos ajudar a ser santos missionários.

Não me iludo que, mesmo tendo vós sempre boa vontade, dias virão em que sentireis escuridão, e momentos em que vos há de afligir o desânimo.

E isso é inevitável na vida humana e, mais particularmente, na vida do missionário. Em tais ocasiões, *respice stellam, voca Mariam* [olhe para a estrela, chame Maria!], nossa querida Consolata. Um pequeno incómodo... a falta de alguma coisita... a saudade de algo ou de alguém... Tende coragem *in Domino*. Como os 40 Mártires de Sebaste, devemos aceitar com ardor as provações, convencidos que um futuro risonho espera aqueles

que perseveram *usque ad finem* [até o fim]. Mas afinal, porque digo eu estas cosias, eu que tenho a certeza que o caro amigo e os seus colegas são soldados fortes na luta que travais nessa terra em que estais a implantar a cruz do Senhor e a irrigá-la com os vossos suores e os vossos sacrifícios!...

No princípio, a vossa vida vai ser um tanto material, e a vossa primeira preocupação deve ser de pôr ordem na casa: façam isso por amor a Deus e tenham a certeza que não será uma ninharia preparar bem as vossas casas para vos protegerdes das intempéries. Mais tarde chegará o tempo para ensinar e converter. E quando já estiverdes nas vossas residências, não andem a dar voltas ao acaso, ficai em casa, e aí curai os enfermos e aplicai-vos às devoções da comunidade.

Estas devoções, sim, não as deixeis por ninharias sem importância, mas, mesmo que a uniformidade seja muito desejável, não tenhais medo de as retardar um pouco, ou de as fazer individualmente, se preciso for para atenderdes a algum trabalho urgente... Muitas outras normas receberá por meio das cartas que mando ao P. Gays e daquelas que o senhor Vice-Reitor manda ao P. Perlo.

O que quero que pratiqueis acima de tudo é a caridade, uma tolerância sem medida e um grande espírito de verdadeira alegria.

Nos vossos caderninhos escrevereis diariamente os sentimentos do vosso coração. Não tenhais medo, pois primeiro *sou eu que os leio sozinho*; depois leio eu, ou alguém por mim, aquilo que poderá ser de edificação para os outros, mas nada do que é confidencial. Isto eu vos peço para eu poder, mesmo cá de longe, guiar-vos como um pai. Nem é preciso dizerem-me o muito bem que fazeis às gentes dessas terras, isso virá depois.

Por agora basta o que vos peço.

Seja o Senhor uma fonte segura de consolação para si e os seus colegas numa obediência humilde que triunfará acima de todas as coisas. Cordialmente seu no Senhor...

[Vol. III, pp. 553-554, n. 291]

19

Ao Ir. Bento Falda

Turim, 22 de abril de 1903

Ao meu querido Filho em N.S.J.C., Bento Falda, para que pela sua *constância* em sua vocação seja sempre um santo missionário.[9]

[Vol. III, p. 565, n. 294]

20

Ao P. Filipe Perlo

J.M.J. Turim, 23 de abril de 1903

Caríssimo Teólogo,

Agradeço sempre ao Senhor que lhe dá a graça de trabalhar para a sua maior glória. Mas tenha V. Rev.a cuidado consigo próprio, não faça grandes esforços, não seja ousado demais!...

Escrevi ao P. Gays comunicando-lhe algumas normas que já deve conhecer pelas cartas do senhor Vice-Reitor. Como Procurador, deve vossa senhoria controlar todas as despesas de toda a espécie. Seja firme no que se refere aos princípios e linhas gerais dos estipêndios, etc., e seja um pouco compreensivo no que respeita as necessidades corporais e morais dos missionários.

Com boas maneiras, pode sempre dar-se o necessário, e mesmo mais; e pouco a pouco hão de contentar-se com a vida apostólica. Mas isso fica para outra vez.

As Irmãs devem ficar todas em Moranga durante vários meses, e deve você educá-las, instruí-las e entregar-lhe o armazém para elas cuidarem dele. Eu próprio distribuo os missionários pelas várias casas atuais depois de estudar os vários casos, como se faz para os vigários paroquiais. O meu

[9] Dedicatória autografada do Fundador a um livro de espiritualidade, entregue ao Irmão B. Falda.

desejo é que não sejam transferidos dum lugar para o outro sem causa grave.

Coragem *in Domino*. Com muito afeto...

P.S. Desejo que prepare o P. Bertagna para ser ecónomo, pois ele parece ter facilidade em aprender, e assim terá nele uma boa ajuda. Quando V. Rev.a tiver de se ausentar de Moranga, ele deve ficar lá no seu lugar.

[Vol. III, p. 566, n. 295]

21

Ao P. António Borda-Bossana

J.M.J. Turim, 23 de abril de 1903

Caríssimo Teólogo Borda,

Já deve vossa senhoria estar habituado ao clima e aos ares daí e, estando bem de saúde, com certeza que também se sente firme na vocação divina que lhe foi dada. Tenha coragem nas dificuldades, quaisquer que elas sejam, pois, ao fazer a Profissão, aceitou tudo com espírito generoso. Pense no prémio celeste ao qual tudo sacrifica por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Estão para chegar aí novos missionários. Você, caro amigo, que certamente é superior de uma nossa casa, ajude estes novos missionários a serem prudentes no que comem e na maneira de se vestirem; que não tenham medo de se ocuparem em trabalhos manuais; e que tudo seja para a maior glória de Deus.

Já mandei ao P. Gays algumas decisões minhas acerca do vosso comportamento com os indígenas, e desejo que tais decisões sejam todas postas em prática. É minha intenção que se comportem bem em casa e não andem a dar voltas pelas aldeias; curem os doentes em nossa casa, em nossa casa ensinem as crianças - sem lhes dar comida, que eles devem trazer das próprias casas.

Também escrevi ao padre Gays sobre salários e gorjetas, que devem ser estabelecidas pelo P. Perlo, e que devem ser iguais

para todos. Peço que cada um de vós seja capaz de sacrificar as próprias opiniões para o bem de todos, e que entre vós haja verdadeira fraternidade e nenhuma discórdia ou mau humor.

A V. Rev.a conheço-o eu bem, sei que está pronto a todos os sacrifícios para o bem de todos. Presentemente é necessário manter longe os protestantes, mesmo se isto quer dizer afadigar-se um pouco mais para ocupar novos lugares, tal como julga que se deve fazer o P. Perlo. Por agora, é o que se deve fazer - sem esquecer as cultivações.

Os seus parentes estão bem e o seu irmão em Rivara estuda e sente-se contente. Coragem *in Domino* (no Senhor) *et esto miles in proelio Domini* [seja um soldado na batalha do Senhor].

Cumprimentos da parte de todos aqui na Consolata.

Com muito afeto in *Domino*...

[Vol. III, pp. 568-569, n. 296]

22

Ao P. Tomás Gays

Turim, 15 de maio de 1903

Desejo que *todos* me escrevam uma vez cada dois meses e que, tendo acabado de encher o caderno inteiro, me o mandem. Diga aos sacerdotes que tenham conta exata das missas rezadas segundo as minhas intenções, e que vossa senhoria me as mande de três em três meses.

Cada um pode aplicar normalmente pelas suas intenções uma Missa por mês, todas as outras são em favor das necessidades e despesas das missões, pelas quais se fazem gastos enormes. Além disso, a promessa feita por cada um de praticar a pobreza exige que, normalmente, segundo uma devoção especial, cada sacerdote se contente com o fruto que naturalmente já recebe ao rezar Missa.

Quero receber de três em três meses o número das Missas celebradas para não me enganar na conta. A propósito, não encontro a conta das missas celebradas por V. Rev.a e pelo P. Perlo durante o mês de maio de 1902 durante a viagem, peço

que me a envie de novo quando puder. Deus abençoe a nossa Instituição; só nos falta trabalhar para que não se torne verdadeiro o dito: *"Multiplicasti gentem sed non magnificasti laetitiam"* [Multiplicaste o número de pessoas, mas não aumentaste a alegria].

Sois vós que deveis dar alicerces sólidos às Missões.

[Vol. III, p. 583, n. 299]

23

Ao P. António Borda-Bossana

15 de maio de 1903

Caro Teólogo,

As suas irmãs escreveram-me a dizer que a vossa mãe apanhou uma bronquite e tem febres reumáticas, e também febre estomacal, por isso recomendam-na às orações dos nossos jovens para que por ela rezem a Nossa Senhora da Consolata. O padre T. Crosa, que é o vigário paroquial e me trouxe a carta, disse-me também que não há razão para se inquietar, e que nem valia a pena mandar-lhe esta notícia. Mas eu penso que disto o devia informar para que junte as suas orações às nossas para obter a cura completa da preciosa saúde da sua querida mãe.

Aproveito a ocasião para lhe dizer que, dado que fui eu que o destinei à missão onde se encontra, deve conformar-se com as normas dadas por quem já tem experiência desse trabalho nessas terras no que respeita o tratamento dos indígenas e das autoridades e no que se refere a recompensas, presentes e outras despesas. Nestes casos, siga o que diz o Procurador das Missões, isto é, o P. Perlo: já no passado V. Rev.a admirava a prudência, a capacidade e o bom espírito dele, pois siga agora o seu exemplo e obedeça às suas diretivas que me parecem cada vez mais idênticas às minhas ideias no que diz respeito ao progresso das Missões: refiro-me a coisas que eu a ele tinha explicado muitas vezes e que quero sejam postas em prática.

A minha firme vontade é que, por agora, se trabalhe na fundação material das estações de Missão e não vos deixeis

levar por um zelo prematuro de correr atrás deste ou daquele indivíduo para o converter. Cada coisa a seu tempo; por agora é preciso trabalhar em casa com toda a prudência. Lá virá o tempo da colheita que será tão abundante quanto bem preparada tenha sido.

Nosso Senhor Jesus Cristo esperou trinta anos antes de começar a sua pregação. Tenham paciência para não exagerar nas despesas e não comprometer um futuro maravilhoso trilhando agora passos mal dados. Estas coisas já eu as escrevi para todos ao P. Gays, e neste momento as repito a V. Rev.a, pois sei que tem um desejo ardente de fazer o bem. Escute o que lhe digo, eu que, mesmo estando cá longe, tenho mais experiência do que vocês naquilo que estou a dizer.

Cumprimentos a todos, e rezai por mim.

In Domino, vosso com muito afeto...

[Vol. III, pp. 584-585, n. 300]

24

Ao P. Francisco Cagliero

J.M.J. Turim, 16 de maio de 1903

Caríssimo em N.S.J.C.,

Recebi ontem a tua caríssima carta e, antes de responder, celebrei hoje de manhã a Santa Missa para que o Senhor me ilumine no que vou dizer.

Agora estou tranquilo ao dizer-te que o Senhor te chama para as Missões da Consolata.

As dificuldades morais e espirituais não são obstáculo para quem tem boa vontade e deseja corresponder à graça de Deus. A dificuldade da família há de ser superada, pois ela é comum a todas as vocações.

Só te resta tomar a decisão final; e para mim, o problema está completamente resolvido.

Chegará depois o momento de resolver tantas pequenas coisas, dificuldades da última hora; mas quando se tem bem no olhar a

visão do Paraíso e a vontade de Deus, tudo o resto será superado: *hodie si vocem* [se escutardes hoje (a voz do Senhor)]...

[Vol. III, pp. 587-588, n. 302]

25

Ao P. Luís Borio

J.M.J. Consolata, 31 de maio de 1903

Caríssimo P. Borio,

Por causa duma persistente dor de cabeça não poderei ir hoje ao caro Instituto; irei sim, mas em espírito, para implorar sobre todos a plenitude dos dons do Espírito Santo e a bênção maternal da Santíssima Virgem para esta cerimónia do encerramento do seu lindo Mês. A princesa M. Clotilde oferece-vos estes bilhetes para o mês do Sagrado Coração de Jesus; distribua-os a todos, às Irmãs inclusive.

Amanhã de manhã, às 7h48 chegam os três clérigos de Cúneo. Mande um seminarista prudente que vá buscá-los à estação do comboio, que os leve ao Instituo para lá tomarem o pequeno almoço e depois que os traga aqui à Consolata. Informe-se esta tarde a que hora o Dr. Boccasso pode examiná-los em sua casa durante a manhã, e acompanhe-os para depois poder falar sozinho como médico. Informe-se também se o doutor tem a intenção de começar a dar aula à terça-feira às 11 horas como já foi combinado.

Mando-lhe uma lista das coisas que os três jovens deveriam trazer: tenha a bondade de fazer uma cópia que deve ser entregue a cada um dos três quando forem admitidos. Estes três seminaristas ficam para o almoço.

Reze também por mim... *In Domino*, com afeto...

P.S. Amanhã mande os dois do costume para fazerem os trabalhos depois da Santa Missa e do pequeno almoço.

[Vol. III, p. 595, n. 304]

26

Ao P. Luís Borio

Turim, 1 de junho e 1903

Caro P. Borio,

Alegro-me que o clérigo Valetti se encontre bastante bem de saúde. Comece imediatamente a cura do leite com ovos, e depois vamos mandá-lo por uns tempos para a montanha. A Irmã que decida se ele deve também tomar os medicamentos que lhe receitou o Dr. Tonelli, que a mim me parecem inúteis: quem sabe lá...

Os três seminaristas de Cúneo mostram que estão decididos, e responderam bem às minhas muitas perguntas e observações. Dê-lhes a lista do que devem trazer, e diga-lhes que é o mínimo...

Dê-lhes o jantar e mande alguém que os acompanhe à estação. O Dr. Boccasso declara que os três têm boa saúde e são robustos. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. III, p. 597, n. 305]

27

Ao P. Tomás Gays

12 de junho de 1903

Exulto pelas boas notícias. Deu-me pena a sua última carta... É preciso *humildade e caridade* mútua. Senão, é pior a vida no Instituto que a perseguição que vem do exterior.

Acerca do que vem na carta do P. Borda:

1. Diga-lhe que reprovo - o que é para todos os que disso precisam.

Faça-se o Batismo da moça, se não está tola de todo.

2. Nunca se permita que pagãos estejam presentes nas funções litúrgicas, muito menos durante a Santa Missa; nenhum moço pagão pode ajudar à Missa. Podem visitar a igreja-capela quando não há celebrações. Assim nos diz a Santa Igreja – e também os Padres Brancos.

3. Não permitir jogos de força e de prestígio-predomínio.

4. Não usar nenhuma familiaridade com Karoli e gente semelhante.

Não aprovo o contrato de Moranga, feito também pelo Irmão Celeste (Lusso); deve ser refeito, o contrato, se possível; para o futuro, enviem-me o contrato antes de ser aprovado e eu estudo-o, e depois se verá; senão, deve ser feito pelos sacerdotes experimentados (Gays, Perlo, Borda, Perlo e Bertagna), por mim e pelo Sr. Vice-Reitor.

Nunca dar direções a ninguém, nem sequer V. Rev.a a todos os outros, nem a Ametis, nem às Irmãs (nenhuma exceção!). *Cada* semana mande a Nairobi; se estas [mensagens] não forem dirigidas a mim pessoalmente ou ao Sr. Vice-Reitor, ainda que com nota *Urgente,* sejam mandadas só em certas ocasiões; a mim e ao Sr. Vice-Reitor, se com nota *urgente* e *reservadas*, sejam enviadas mesmo se custem dinheiro; se *não reservadas*, abra e decida, e envie se for pedida urgência. Ninguém tem autorização de dar a própria direção... E se algum missionário o fizesse, ou já o tivesse feito, isso é/foi em desobediência a mim próprio.

Diga a todos que, mesmo na correspondência, nunca devem dar a própria direção, mas que tudo passe pelas minhas mãos, seja mandando ou recebendo correspondência. Isto é muitíssimo importante, e também as Irmãs a isto devem obedecer (selando as cartas) e também Ametis.

Diga a todos que não se lamentem nas cartas por nada terem recebido... e que escrevam mais frequentemente, etc.

Devem avisar todos os parentes que, regra geral, eu mando as cartas na primeira 6ª feira de cada mês; para enviar pacotes, só por meio de missionários que partem para as Missões.

[Vol. III, pp. 601-602, n. 307]

28

Ao Padre Luís Borio

J.M.J. S. Inácio, 8 de julho de 1903

Caríssimo P. Borio,

Obrigado pelas boas notícias acerca do querido Instituto. O Diác. Barlassina poderia retardar os Exercícios Espirituais, e participar nos exercícios gerais que terão lugar em setembro: por agora ocupe-se no estudo do inglês e do francês, e da teologia moral com Vignoli.

Quando chegar o Padre Cagliero, se preferir ir primeiro a casa, que faça os Exercícios Espirituais depois sozinho.

Agradeço ao Senhor a feliz solução do caso Beltrandi. Se se comportar bem até ao fim, dê-lhe os dois volumes de filosofia, mas não deixe que ele leve consigo coisa alguma que pertence ao Instituto: livros, litografias, etc. Fique com o fato e a roupa própria, e mesmo o hábito clerical que lhe comprei; quer dizer, deixá-lo partir com dignidade.

Agradeça em meu nome à Sr.a Salvetti. Quer isto dizer que o Senhor Jesus cuida de Si próprio e de nós, e esta boa gente, se nos vê necessitados e pobres, cuida de nós.

Rezemos pelo Santo Padre sem fazer funções especiais; e se o Senhor o chamar para Si, vamos oferecer por ele durante oito dias a comunhão e o terço.

Para o Instituto tenho um pedido da diocese de Asti que parece ótimo; peça ao Senhor que nos ilumine.

A minha saúde vai bem; diga aos jovens que penso muito neles, e mesmo nos exames deles, e penso também no acampamento em Santo Inácio, onde faz bastante frio e onde, na cama, se gosta de ter uma colcha de categoria... Os Exercícios vão correndo bem, esperamos que deem bons frutos.

Muitos cumprimentos para todos e especialmente para si. *In Domino* de todos e especialmente dela, com muito afeto.

[Vol. III, pp. 615-616, n. 310]

29

Ao P. Luís Borio

J.M.J. S. Inácio, 9 de julho de 1903

Caríssimo Padre Borio,

O Senhor libertou-nos dum indivíduo que não era idóneo

para o Instituto, *Deo Gratias!* A verdade é que ele recebeu algo de bom com a educação que lhe demos, se bem que não seja esta a nossa finalidade.

Procure insistir sobre a natureza do Instituto sempre que tiver ocasião. E faça isto de maneira delicada, para que os jovens amem sempre mais uma vocação tão sublime, e para que eles não andem assustados com medo de serem mandados embora. Basta que tenham uma vontade bem decidida de usar os meios para serem santos missionários e então, com a sua graça, o Senhor faz o resto.

As notícias sobre o bom Ressicco dão-me pena. Devemos sempre estar prontos a mandar embora quem não dá provas morais de ter vocação; o mesmo se diga daqueles que pensamos que não têm saúde corporal. Por isso, no que respeita Ressicco, penso que é melhor esperar antes de tomar uma decisão final; e, entretanto, que se usem as curas ordinárias para o caso, e que se consulte o médico. O Senhor ajuda sempre nos casos de fraca saúde. Pode ser que a fraqueza dele venha do estudo intenso que é superior à sua inteligência. Num caso assim, podemos contentar-nos com menos estudo, mas que isso seja compensado pela piedade e a seriedade! Rezemos, e veremos.

Dado que eu estou longe, peça conselho ao Rev. Cón. Camisassa, pois ele é também Vice-Reitor do Instituto, mas mantenha-me sempre ao corrente de tudo o que se refere a este caso.

A mudança de lugar de Vignoli, Panelatti e Varusio faça-a assim com simplicidade como quem não quer dar ao caso muita importância. Que o Senhor abençoe os queridos alunos, e a vossa Rev.a de maneira especial.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. III, pp. 617-618, n. 311]

30

Ao P. Luís Borio

J.M.J. S. Inácio, 15 de julho de 1903

Caríssimo P. Borio,

Obrigado pelas boas notícias acerca do querido Instituto, especialmente pela coragem do P. Cagliero. É o Senhor que tudo opera em nós: ele que lhe deu o *velle* [o querer], também lhe dará o *perficere* [o fazer]: *Deo Gratias*!

Também recebi duas cartas dos diáconos Vignoli e Barlassina, e fiquei satisfeito ao ver as convicções deles. O Barlassina pode partir para os banhos quando assim o desejar. Quanto ao desejo que o Vignoli me exprimiu humildemente de o acompanhar, não me parece que o deva fazer. Pensando bem no caso a partir do alto, penso que isso seria um mau exemplo... Os jovens que entraram para a nossa casa, dali não devem sair senão por necessidades que o Instituto não pode resolver. O Barlassina vai fazer a cura dos banhos porque eu lhe prometi isso antes de ele entrar, e por isso ele não poderá vir a S. Inácio para os Exercícios Espirituais, porque deve ficar em casa durante a ausência do seu irmão. Tudo isto eu digo a V. Rev.a porque sei que o caro Vignoli tem bom coração e só pensa em obedecer a todos os nossos desejos, mesmo sem pedir satisfações...

Recebi uma linda carta do seminarista Beltrandi, em que exprime os seus sentimentos de afeto ao nosso Instituto; que o Senhor o abençoe e o guie pelo caminho que lhe destinou *ab aeterno* [desde sempre].

Acerca do Ressicco, tudo bem. Sábado, quando estarei de volta, vamos estudar o caso.

Muitos cumprimentos e saudações *in Domino* aos queridos jovens, e a si especialmente, a si a quem muito afeto tenho no Senhor...

[Vol. III, p. 622, n. 313]

31

Ao P. Tomás Gays

Turim, 24 de julho de 1903

Não se esqueça de dizer aos sacerdotes que devem sempre escrever o número de Missas que celebraram e que V. Rev.a me

enviará, incluindo as do passado; ainda não recebi conta de alguns meses do ano passado.

[Vol. III, p. 629, n. 316]

32

Ao P. Luís Borio

J.M.J. Turim, 10 de agosto de 1903

Carísssimo P. Borio,

Grande é o meu desejo de visitar os meus missionários, mas tal não me é possível esta semana, espero ir depois da Festa da Assunção. Celebremos esta festa do melhor modo possível, rezando também pelas minhas intenções especiais. Para o almoço de hoje, a Irmã vai preparar massa doce e tirar do armário duas garrafinhas do melhor...

Recebi do livreiro Tappi os dois volumes que vos vou enviar o mais depressa possível, e também o cântico e a música composta pelo P. Albera. E mande também alguém à estação de Lanzo buscar *um ou dois* cestos de fruta e hortaliça. Vou mandá-los *quarta- feira* pelo comboio que chega a Lanzo às *três da tarde*. A Irmã que mande o jovem unicamente para estes dois cestos; vou pesá-los para que não tenham peso demais, para que o jovem não se possa lamentar - com razão!

Sejam alegres *in Domino*... Com muito afeto em N.S.J.C....

P.S. Guarde os jornais, especialmente o *Osservatore* dos dias passados e futuros, porque quero depois mandá-los aos missionários na África.

[Vol. III, pp. 635-636, n. 318]

33

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Turim, 18 de setembro de 1903

Caríssimo em N.S.J.C.,

Por uma carta que me escreveu o T. Arese no dia 20 de agosto vim a saber que ele (T. Arese), D. Giacosa e o seminarista Cravero estão *sozinhos* há um mês, desde o dia 18 de julho passado, quando de lá partiram os outros para Tusu e Fort Hall. Lamento que estes *noviços* tenham sido deixados sozinhos; contaram-me na carta as peripécias que atravessaram quando chegou o material enviado da Europa, e também quando tiveram de carregar a mercadoria da segunda caravana vinda de Fort Hall.

Espero que vossa V. Rev.a não tenha partido com a caravana por motivo de falta de saúde ou outro motivo grave. Sabe bem quanta importância eu dou à Casa de Limuru. Digo-lhe que para ela tenho vários projetos quando já estiver bem estabelecida e eu saiba que ela tem boas condições. Espero que a próxima estação das chuvas não impeça V. Rev.a de lá ir; portanto, se ainda não partiu para lá, faça-o o mais depressa possível.

Quando souber que V. Rev.a já está em Limuru começarei a mandar para lá as minhas cartas. E faça tudo para despachar o que nelas lhe mando dizer, como já lhe pedi outras vezes. E quando já lá estiver, escreva-me mais vezes e mais longamente, e responda a tudo o que lhe perguntei nas cartas passadas para que, de Turim, eu possa ser capaz de bem organizar todas as Casas.

Em tudo devemos sempre procurar o maior bem e a glória de Deus. E se por vezes as minhas decisões pudessem ser melhores, basta que sejam suficientemente boas por agora, esperando melhorá-las quando o julgardes oportuno depois de melhor conhecerdes o ambiente em que viveis. Quando estiver em Limuru relacione-se mais com os Padres do Espírito Santo e com o Governo.

Com os primeiros, desejo que se comporte bem: mas dado que o espírito ou maneira de ser deles é diferente da nossa, é minha intenção que os nossos não se demorem muito com eles nem em Nairobi nem em Limuru: é melhor ficarmos em nossa casa e não nos comportarmos de maneira que eles venham a conhecer as nossas misérias. Com certeza eles têm as suas maneiras de ser que são, para eles, ótimas, mas que nem por isso convêm a nós, pois não nos devemos habituar às comodidades e costumes que não nos convêm. Uma vez bem estabelecidos aí os

nossos centros, e outros mais quando possível para impedir a entrada dos protestantes, será preciso pensar num método único que todos as nossas Casas aí devem adotar.

Portanto, escreva-me pormenorizadamente as suas ideias, e as ideias de outros, sobre o nosso *estilo de vida* interno, espiritual e corporal, e sobre as atividades ministeriais que é preciso iniciar, tais como escolas, curas médicas, trabalhos e pregações, etc. É preciso estabelecer o mais depressa possível todas estas coisas, como fizemos na Casa Mãe, para que todos se sintam satisfeitos por terem o que é mais importante para as necessidades da vida, se contentem com o que é necessário na alimentação, saibam sacrificar o que é mais dispendioso e se comportem com sabedoria e discernimento.

Considerando os vários diários que de vós recebi, penso que as vossas pequenas doenças, na maior parte dos casos, vêm da indigestão causada por bananas ou semelhantes. Recomende a todos que não se comportem como os garotos, mas que saibam controlar a guloseima e mortificar o apetite. Por agora, basta.

Agradeçamos ao Senhor porque em Turim o Instituto prospera continuamente. Temos vinte alunos, um sacerdote (o P. Cagliero), dois que amanhã vão ser ordenados sacerdotes: Vignoli e Barlassina; os outros são seminaristas vindos de várias dioceses; e temos também um irmão leigo.

Todos andam cheios de entusiasmo, e em toda a Casa se respira o ar dum noviciado em que mora grande fervor. Fizeram os Exercícios Espirituais em Turim depois de um mês de férias em S. Inácio. São a minha consolação para tudo na minha vida. Penso que, deles, poderei formar bons ajudantes para vocês aí nessas terras, gente bem instruída nas várias ciências e artes.

Mons. Algeyer escreveu-me há pouco dizendo-me que estava muito contente pela vinda da segunda e terceira expedição de missionários. Espero mandar-vos mais em dezembro próximo, mas isso fica para a próxima carta. Fico à espera dos diários, os apontamentos do número de Missas e as cartas quinzenais.

Acerca da questão do *você* e do *tu*, aqui vai a minha decisão:

1. Trata-se por *tu* todos aqueles a quem já se tratava assim antes de entrar para o Instituto.

2. Quando entram no Instituto já seminaristas tratam-se por *tu,* como no seminário o fazem desde o primeiro ano até ao sacerdócio, continuando depois da mesma maneira. Mas tratam-se por *você* aqueles que não estudaram juntos.

3. Os Irmãos tratam-se por *Você* e a todos tratam por *Você* como dito para os seminaristas. É esta a regra adotada na Casa Mãe, e creio que seja a melhor também para vós. A coisa é simples, tratarem-se como faziam no seminário. Para os Irmãos é melhor assim por vários motivos; no entanto, veja se é melhor mudar ou não, especialmente aqueles que se encontram pela primeira vez: é esta a minha opinião.

Quando tiver oportunidade comunique a todos esta norma. Mas você e o P. Perlo tratam todos os confrades por *tu*, e eles tratam a vós dois por *você* se já assim faziam antes, como fazemos também eu e o P. Borio.

Dou-lhe a notícia da morte do P. Cavaglià, prior de Cuorgnè, pelo qual já mandei celebrar as Missas da Companhia, como já mandei também fazer pelos outros mortos. Tinha 61 anos e morreu por doença do coração.

Desejo-lhe muita coragem no Senhor e mando cumprimentos para todos. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. III, pp. 646-648, n. 322]

34

Ao P. Tomás Gays

Turim, 30 de outubro de 1903

Caríssimo P. Gays,

A sua carta de 19 de setembro passado surpreendeu-me profundamente. Pensava eu que, depois das minhas reiteradas palavras de aprovação e encorajamento, ficaria V. Rev.a firme no cargo que lhe confiei. E eis que de repente, depois duma carta muito serena do dia 5 do mesmo mês, volta ao seu primeiro pedido. Mais ainda, diz-me que *vai comunicar a todos e a cada um dos confrades o meu consentimento,* sem esperar sequer que eu lho dê.

Penso que V. Rev.a não considerou toda a gravidade do ato que estava para levar a cabo, se consideramos o voto que fez, nem a difícil situação em que colocava a Missão, a qual ficava sem direção até quando chegassem as minhas cartas. Comportando-se desta maneira você colocou-me num verdadeiro aperto e ao mesmo tempo comprometeu a minha liberdade de decidir calmamente o que fazer num assunto tão importante, obrigando-me de certo modo a aceitar, sem outra alternativa, a sua demissão. Assim pensou também o senhor Cardeal a quem referi o caso, atribuindo ele porém esta sua decisão à sua muita humildade, aprovando também ele a escolha do P. Perlo (para novo superior).

Por isso, hoje mesmo escrevo ao P. Perlo nomeando-o superior, e escrevendo a todas as missões anunciando-lhes esta decisão. Não duvido que todos, incluindo V. Rev.a, hão de prestar obediência ao P. Perlo como meu representante, e que todos juntos terão a mesma intenção de tal fazer para glória de Deus e para a própria santificação.

Mais uma vez lhe digo a minha pena por esta sua decisão, mas não duvide você da minha estima e o meu afeto por si, tal como estou eu certo da sua estima por mim e pela obra começada. Prova disso me dará V. Rev.a ajudando cordialmente com os seus conselhos e a sua cooperação o P. Perlo para que, *viribus unitis* [com a união de forças], e sempre *cor unum et anima una* [com um coração e uma alma], possais trabalhar para o desenvolvimento das missões e o proveito espiritual de todos os queridos missionários.

Aqui vai para si uma bênção especial.

[Vol. III, pp. 665-666, n. 324]

35

Ao P. Filipe Perlo

Turim, 30 de outubro de 1903

Caríssimo Teólogo,

O nosso padre Gays, depois de me ter escrito várias vezes

pedindo-me para o exonerar do cargo de superior das nossas Missões, porque tal trabalho era superior às suas forças, numa carta que me escreveu de Nyeri no dia 19 de Setembro passado, insiste sobre o mesmo pedido de tal maneira que eu devo aceitá-lo. Tendo eu falado sobre este caso ao Sr. Cardeal, decidimos pedir a V. Rev.a para assumir o cargo de Superior de todos e de todas as coisas espirituais e temporais.

Muito bem o conheço eu a si, caríssimo padre, e tenho por isso a certeza que aceitará esta obediência, e peço-lhe que não me dê pretexto nenhum porque nada disso posso eu aceitar. O Senhor lhe dará a força e a graça para bem cumprir todos os deveres inerentes ao cargo de superior. Dê-se completamente ao trabalho e, *fortiter et suaviter* [com força e gentileza], desenvolva as nossas jovens Missões.

Dê uma atenção particular a pôr tudo em ordem em cada estação de Missão, estabelecendo normas apropriadas para o que é espiritual e o que é material, coias que eu provisoriamente desde já aprovo. Tem V. Rev.a plena liberdade de destinar os missionários presentes e futuros como melhor crê no Senhor, e de criar novas estações de missão conforme a necessidade ou a conveniência.

Contando os do grupo que vai partir em dezembro, já tereis um bom grupo de missionários, mesmo que não possamos mandar mais até ao fim de 1904. Portanto, destine V. Rev.a como melhor puder todos estes missionários, e não se inquiete se Deus permitir que os protestantes se estabeleçam neste ou naquele lugar.

Penso seja melhor que por agora não nomeie nenhum administrador especial: sirva-se daqueles que já existem de forma que tudo dependa de si e todos de si dependam. A sua saúde é muito necessária ao bem das missões: por isso lhe peço que tenha muito cuidado para não se cansar demais ou se expor a grandes dificuldades, especialmente durante as viagens.

Em tudo e por tudo, entreguemo-nos ao cuidado da nossa cara Consolata, para que sempre floresça esta Sua obra.

Aqui vai a minha bênção para todos os missionários e missionárias, e especialmente para V. Rev.a.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. III, pp. 668-669, n. 325]

36

Aos missionários do Quénia

J.M.J. Turim, 30 de outubro de 1903

Caríssimos em N.S.J.C.

O nosso caro Padre Gays, por excessiva humildade, implorou-me repetidamente no passado que o exonerasse do cargo de superior das nossas Missões.

Depois de várias vezes o ter confortado e encorajado a continuar, tive ultimamente de aceitar o seu pedido.

Tendo consultado sua Em.ª o Sr. Cardeal sobre esta situação, nomeei o P. Perlo para seu sucessor, e por isso vo-lo apresento como Superior das Missões para tudo o que é espiritual e material.

Tenho a certeza absoluta que todos vós, pela força dos votos que fizestes e pela boa vontade que todos tendes, lhe dareis a vossa obediência como meu representante que ele é, obediência inteira e cordial; e pela vossa docilidade às suas ordens e desejos tornareis mais leve o pesado cargo que ele tem e, deste modo, todos juntos fareis o que é bem, seguindo as suas diretivas.

Com o coração cheio de confiança, abençoo-vos todos com carinho, e reafirmo todo o afeto que vos tenho *in Domino* e na Consolata...

[Vol. III, pp. 670-671, n. 326]

37

À Irmã Clotária Arduino[10]

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Turim, 30 de outubro de 1903

Reverendíssima Superiora,

[10] A irmã Clotaria Arduino liderou o primeiro grupo de irmãs Vicentinas (de Cottolengo) como superiora; Ir. Editta Vivori é a primeira freira Vicentina que morreu no Quênia em 10 de outubro de 1903, após apenas alguns meses de vida missionária.

Pode V. Rev.a e todas as vossas queridas Irmãs imaginar a nossa tristeza pela partida desta vida da boa Irmã Editta! Na nossa maneira humana de ver as cosias, nunca tinha passado pela nossa mente que tão depressa o Senhor nos daria tal prova, tirando às Missões uma Irmã tão bondosa e tão útil ao trabalho missionário.

Diferentes são, na verdade, os desígnios do Senhor que tão depressa quis premiar, na oferta daquela querida companheira, o sacrifício de todas aquelas que tudo deixaram pela salvação das almas; e dar-nos, como proclamou o nosso Cardeal, uma protetora no Céu.

Bem nos consolaram as notícias que recebemos do P. Perlo nesta circunstância da morte da querida Irmã. Pôde ela receber todos os sacramentos, ser bem assistida por todos, tanto no campo espiritual como no corporal. Na nossa casa como na vossa muito se reza pela sua generosa alma, que já se encontra no Céu, coroada com a palma da Missão!

Tenha V. Rev.a muito brio no Senhor, e em meu nome console todas as vossas boas Irmãs, encorajando-as a sempre mais saborearem a graça da vocação ao apostolado. O Rev. Padre e a Rev. Madre, a quem transmiti as suas cartas e as do P. Perlo, talvez não possam responder imediatamente, e por isso me delegaram para vos infundir ânimo, afirmando que apenas se soube a triste notícia, várias outras Irmãs se ofereceram para ir ocupar o lugar dela. Portanto, sede corajosas *in Domino*, e fixai o vosso olhar no Paraíso, onde agora a Irmã Editta intercede pelas missionárias e pelos missionários.

Comunico-lhe também que por grande humildade o padre Gays não se sentiu de continuar no cargo de superior das nossas Missões, cargo para o qual nomeei o P. Perlo, cujas ótimas qualidades V. Rev.a e as Imãs já aprenderam a apreciar. Submetam-se a ele acatando todas as suas decisões, tudo para maior glória de Deus.

A si e a todas as Irmãs renovo as minhas palavras de encorajamento e às vossas orações me encomendo.

Com alegria, vosso me declaro no Senhor, com muito afeto...

[Vol. III, pp. 672-673, n. 327]

38

Ao P. Filipe Perlo

J.M.J. Turim, 27 de novembro de 1903

Caríssimo Teólogo,

Com certeza que recebeu as minhas cartas, e certamente baixou a cabeça em sinal de obediência. Um dos seus primeiros deveres é organizar bem cada uma das nossas Casas, para que a desordem e a dissipação não deem cabo de tudo. Ordene em nome de Deus tudo o que for necessário para que, quanto é possível, o regulamento e o diretório sejam observados: o Senhor o iluminará. Por agora não será possível observar os números 11 e 12 do *Regulamento*, páginas 32 e 33.

O que penso ser necessário são as escolas. Especialmente em Tusu: recordo quanto Karoli as desejasse, as escolas, e pelo seu irmão padre Gabriel soube com pena que dois dos filhos de Karoli, depois dos dois primeiros, foram também mandados para a escola dos protestantes. Quando chegarem os novos missionários, procure colmar esta deficiência.

É também necessário resolver a questão dos diários e das cartas conforme prescrito pelo regulamento. Faça com que todos me escrevam, e escrevam coisas úteis...

Por favor, leia a última carta que escrevi ao seminarista Cattaneo, e se pensa que ela é conveniente, mande-lha. Agora V. Rev.a, como superior geral, dê claramente o seu parecer sobre vários assuntos que me são necessários ou úteis, especialmente sobre o bom sucesso dos confrades. Aqui, estamos todos bem, e também a sua família; o Luís aqui no Instituto promete bem.

Coragem *in Domino*, e que a boa Consolata lhe dê conforto e o ajude. Com todo o afeto...

P.S. Pensei bem escrever uma primeira carta para todos; quando puder, procure enviá-la. E diga-me depois que impressão fez em cada um, e também mais ou menos o que lhes devo e posso escrever no futuro.

[Vol. III, pp. 679-680- n. 328]

39

Ao seminarista Tiago Cattaneo

Turim, 27 de novembro de 1903

Caríssimo Cattaneo,

Desde o dia que chegaste a África até hoje não recebi nenhuma carta tua. Ora o Regulamento diz que me deves escrever ao menos uma vez cada três meses. Enquanto espero por uma carta tua, e como teu pai e superior em N.S.J.C., vou dar-te alguns conselhos que certamente aceitarás com boa vontade.

Pelo que vi em ti aqui na Casa Mãe, sei que tens um caráter irritável: aqui procuravas dominá-lo e aceitavas de boa mente mesmo as mortificações públicas. Agora este teu caráter, espicaçado talvez pelo clima e outras razões, leva-te a faltar frequentemente à caridade para com os confrades, e muito especialmente para com os pobres africanos: em momentos de exaltação nervosa chegas mesmo a ameaçá-los e a bateres-lhes.

Por amor de Deus, acaba com tais atos, e pratica o que vos escrevi acerca disto na carta, a vós todos, e a cada um, dirigida. Tens de ter um desejo vivo de mudar, e deves aceitar de coração aberto as correções que te fazem os superiores e as exortações dos confrades: deves humilhar-te quando falhas.

Para alcançar do Senhor vitória completa sobre ti mesmo, sê humilde e devoto; considera-te o último dos confrades e aceita as suas opiniões, e não penses que és mais inteligente do que eles. Obedece mesmo nas mais pequeninas coisas ao superior geral e ao superior da tua missão, pensando sempre que *vir oboediens loquetur victoriam* [o homem obediente cantará vitória]. Deves sempre fazer as práticas de piedade que muito te ajudarão a preparar-te para chegares mais digno ao Sacerdócio. Observa rigorosamente o horário estabelecido pelo diretor da Casa, especialmente no que se refere ao levantar. Só mais um ponto: pelo voto de pobreza deves contentar-te do puro necessário e mortificar-te para poderes merecer as graças de Deus.

Espero que tu recebas respeitosamente estas minhas advertências que me dita o meu coração para teu bem e o bem das nossas missões. E

com a tua *submissão* em tudo ao P. Perlo, superior geral, e ao superior local, dar-me-ás consolação nas fadigas e aflições que por vós todos tenho de continuamente suportar.

Aceita a minha bênção especial e considera-me sempre teu *in Domino* com afeto....

[Vol. III, pp. 682-683, n. 329]

40

Aos missionários do Quénia[11]

Ad Majorem Dei gloriam
[Para a maior glória de Deus]

Turim, 27 de novembro de 1903

Caríssimos filhos em N.S.J.C.,

Ao pensar nas graças que o Senhor concedeu ao nosso Instituto durante estes três primeiros anos da sua existência, e um ano depois do início das nossas Missões, sinto no mais profundo do meu coração a necessidade de exclamar com o Apóstolo: «*Benedictus Deus et Pater D.N.J.C., qui benedixit nos in omni benedictione* [Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com toda a espécie de bênção]. Sim, graças sejam sempre dadas ao Senhor que fez nascer e crescer esta pequena semente e a irrigou com tantos benefícios, de tal maneira que promete tornar-se uma grande árvore que dará copiosos frutos de vida eterna.

Elevai, caríssimos, o vosso pensamento àquele tempo inicial quando a nossa Casa acolhia no seu seio uma pequenina mancheia de alunos, e durante um ano, qual gérmen escondido

[11] É a segunda carta circular, escrita a todos os missionários do Quênia, depois da de 30 de outubro de 1903, na qual o Pe. Perlo foi anunciado como superior. É uma carta importante, porque nela o Fundador, contando a história dos primeiros passos do Instituto (que, "de uma pequena semente tornou-se uma grande árvore"), agradece sinceramente ao Senhor e indica as quatro virtudes "indispensáveis ao verdadeiro missionário". Nesta carta, pela primeira e última vez, ele proíbe "em virtude da santa obediência", qualquer ato abusivo para com os africanos.

debaixo da terra, não dava sinal de si, e parecia, aos olhos humanos, que definharia mesmo antes de nascer. Mas não podia faltar o sucesso porque a obra era verdadeiramente inspirada por Deus e por Deus protegida, ao qual, a Ele e só a Ele, seja dada a glória e o louvor.

E partistes vós, os Quatro Primeiros, para a África, em junho de 1902. Acompanhava-vos unicamente a confiança no Senhor, aquele Senhor que em todos os tempos e a todos os lugares envia os seus apóstolos. Tivestes a consolação de ver aberto diante de vós o caminho, e de vos encontrardes de repente num campo com que não tínheis sonhado, o campo que a nossa celeste Padroeira, a Senhora Consolata, tinha reservado para os seus filhos. Sim, é verdade que, sendo vós os primeiros, sem experiência nem habilidade, forçoso vos foi provar amarguras no corpo e no espírito.

Mas quantas consolações também pintalgaram as dores da vossa fadiga, e de quantas graças não foi coroado o vosso caminhar e o vosso trabalho! E escrevíeis-me, e dizíeis-me como todo o vosso agir, e até mesmo os vossos desacertos, que o Senhor tudo transformava em vantagem para vós e para os africanos, de tal forma que vos parecia viverdes numa atmosfera própria dum país de maravilhas sobrenaturais.

E encontrastes uma bondade singular no Venerando Vigário Apostólico e nos padres do Espírito Santo; e propícias vos foram as autoridades civis; e índole boa vos mostraram os habitantes dessa terra; e até o clima, até ele se mostrou temperado e saudável.

A todas estas graças acrescentai tantas outras que cada um de vós auferiu desde o dia da partida até ao dia de hoje: e agora, dizei-me se não deveis agradecer ao bom Deus tão copiosa abundância de graças e benefícios! Labutáveis vós nessas terras para dar glória a Deus, e afligia-me eu com o vão temor de vos deixar tempo demais sozinhos sem ajuda: mas o Senhor olhava com afeto e deleite para a sua obra, e como outrora mandou S. Bernardo e os seus companheiros para consolar Santo Estêvão e popular a solidão do Mosteiro de Cister, assim ele abençoou os vossos sacrifícios chamando para o Instituto um núcleo mais numeroso de sacerdotes, seminaristas e Irmãos, todos eles

desejosos de participar no vosso apostolado e nos vossos méritos.

É maravilhoso que em tão pouco tempo, e contra toda a previsão humana, tenha sido possível organizar três expedições, e que já tenham partido oito sacerdotes, dois seminaristas, quatro irmãos e oito irmãs. E deixai-me agora dizer que já estamos a organizar a quarta expedição de três sacerdotes, dois irmãos e doze irmãs; mais ainda: um maior número de alunos estão aqui a preparar-se na oração, no estudo e nos trabalhos manuais, e a formarem-se no espírito do Instituto, ansiosos por partirem para a África.

E eu agradeço ao Senhor que se dignou aceitar as escassas fadigas e cuidados quotidianos que aceito para sua maior glória e pela salvação de tantas almas. Agradeço à querida Consolata pelas consolações com que me confortava diariamente quando, à noite, ao entregar-lhe o meu coração palpitante por vós e pelo Instituto, ela me dizia que vós e todo o Instituto estão sempre sob a sua materna proteção, e que nada jamais de mal aconteceria ao que está sob o manto de tão virtuosa Mãe.

Imediatamente depois de receberdes esta carta, em todas as missões cantareis um *Te Deum*, possivelmente com a Bênção do Santíssimo Sacramento, e sejam rezadas durante nove dias sete *Ave Marias* e uma *Salve Rainha*.

Mas é verdade que não há obra boa que fique sempre isenta de provações: devemos sempre esperar por elas. Já chegou uma prova: a morte da Irmã Editta, que era um verdadeiro modelo de Irmã missionária. Mas até esta tentativa do demónio se há de virar contra ele, pois temos a certeza que ela está no Paraíso como intercessora nossa.

Não nos faltarão provações, dentro de pouco ou muito tempo. Temos de nos preparar com virtudes sólidas e apostólicas. Sinceramente, eu não sinto coragem de pedir ao Senhor que nos mande perseguições para que vos conserveis no espírito da vossa vocação, como fez o grande Santo Inácio para a sua Companhia. Se as provações forem necessárias para o nosso Instituto, o Senhor Deus vai permiti-las, e vai dar-nos a graça de as suportarmos com muita coragem e para maior proveito nosso. Mas se, para maior glória de Deus e maior proveito nosso,

forem convenientes as provações, eu peço que estas provas nos venham de fora do Instituto, e não do seu interior e dos seus membros, por falhas deles nas virtudes próprias ao nosso estado.

Que não seja porque nos membros do Instituto faltem o *espírito de fé, de caridade, de sacrifício e de humildade,* virtudes indispensáveis ao verdadeiro missionário.

1. **Espírito de fé.** Que cada um tenha sempre fixos os olhos da mente e do coração no *ad quid venisti?* (Para que você veio?). Não fostes para África por motivos humanos, mas para vos santificardes, salvar muitas almas, e assim merecerdes o paraíso prometido aos apóstolos. E assim acontecerá se, na prática e em todas as circunstâncias da vida, procurardes sempre ter na intenção: *Deus só! Deus meus et omnia* [Meu Deus e meu tudo] se sempre todas as vossas ações, todas as vossas palavras e pensamentos sejam inspirados pela fé. Cada um deve dizer a si próprio como o Apóstolo: *"Mihi vivere Christus est"* [para mim viver é Cristo].

2. **Espírito de caridade.** A última recordação que vos dei a vós, que fostes os primeiros a partir, e que renovei aos segundos e terceiros, foi esta: que vos ameis como verdadeiros irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo; que o *"sol non occidisset,* não digo *super iracundiam vestram"* [que o sol não se ponha sobre sua raiva], mas nem sequer sobre a mínima falta de amor mútuo. As notícias que até agora recebi dizem que viveis *cor unum et anima una* [como um coração e uma alma]: não posso explicar-vos quão grande é a minha consolação por este motivo.

Uma advertência particular vos devo fazer no que respeita a caridade para com os africanos. Deveis amá-los, tratá-los com bons modos, vencendo por amor qualquer aborrecimento que vos causasse algum comportamento menos cortês da parte deles, e não perdendo a paciência se, por ignorância ou teimosia, não correspondem à vossa maneira de ver.

Deixai que aqui vos confesse a minha viva dor ao ver nos vossos diários e cartas que, mais do que uma vez, não os tratastes com vísceras de caridade, e que alguma vez a vossa

impaciência vos levou a levantar a mão e a percuti-los. Asseguro-vos que senti uma pena inexprimível. Aos que tais coisas põem em prática afirmo que não conhecem o espírito de Jesus Cristo: "*nescitis cuius spiritus estis"* [você não sabe de que espírito você é].

Escutai o que escreve na sua primeira Encíclica o nosso papa Pio X:

> «Para que deste apostolado e magistério se possa recolher o fruto esperado, e em tudo *Cristo seja formado*, recorde-se cada um, ó amados Irmãos, que nada há de mais eficaz do que a caridade. É bem verdade que *o Senhor não está na desordem.* Em vão se espera de atrair almas a Deus com um zelo azedo: por isso, criticar abertamente os erros, ou repreender com rudeza os vícios, causa mais dano do que lucro. É verdade que o Apóstolo exortava Timóteo: *Acusa, exorta, repreende»;* mas imediatamente acrescenta *«com toda a paciência»*. Sim, Jesus deixou-nos exemplos semelhantes, por exemplo: *Vinde a mim todos vós que andais enfermos e oprimidos e eu vos consolarei.* Dizendo *enfermos e oprimidos* queria dizer os que andam escravos do pecado e do erro. Quão grande foi a mansidão do Mestre divino! Que ternura a sua, que grande compreensão para com toda a miséria! Isaías descreveu estupendamente este coração do Senhor com estas palavras: *Farei repousar sobre ele o meu espírito; não gritará nem levantará a voz, não quebrará a cana rachada, nem apagará a mecha que ainda fumega.* Esta mesma caridade, *paciente e benigna,* deve ser usada mesmo para com aqueles que são contra nós e nos perseguem. *Amaldiçoam-nos,* diz S. Paulo, *e nós bendizemos; somos perseguidos e nós aguentamos; caluniam-nos e nós consolamos.* Talvez que eles a nós pareçam menos bons do que verdadeiramente são. Talvez que a convivência com maldosos, com certos preconceitos, conselhos e exemplos da parte de outros os tenham levado a viverem uma vida menos própria: mas a sua vontade não é tão viciada como eles próprios querem talvez que nós acreditemos.
>
> Quem poderá tirar-nos a esperança que a chama da caridade cristã poderá desfazer a névoa do seu espírito e neles colocar a luz e a paz de Deus? Talvez leve tempo a ver-se o fruto do nosso trabalho; mas a caridade nunca se cansa de esperar, recordando sempre que Deus prepara os seus prémios não para o sucesso das fadigas, mas para a boa vontade».

O ensinamento do papa sobre como tratar os cristãos errantes aplica-se ainda melhor a como vos deveis comportar com esses

pobrezinhos que ainda não conhecem a verdadeira fé. Se assim vos não comportardes, poreis obstáculo à sua conversão e frustrada ficaria a razão que vos levou a partir para a África.

Por isso, e pelas graves consequências que adviriam às nossas Missões, proíbo absolutamente em virtude de santa obediência qualquer ato abusivo para com os africanos, quer dizer, bater, maltratar, ou mesmo só ameaçar adultos ou jovens e crianças, estranhos ou dependentes. Mais ainda, exijo que, se acontecesse um ato semelhante, quem de tal é culpável deve humilhar-se e pedir perdão ao Superior e aos confrades, e prometer emendar-se. E sobre este ponto não admito desculpas nem pretexto algum.

3. **Espírito de sacrifício**, que constitui a essência da vida do missionário.

Quem diz 'missionário' fala dum homem totalmente sacrificado; e foi isso que estava nos vossos desejos de ir para as Missões. Sei muito bem o que tendes de sofrer durante as longas viagens, repouso desconfortável, e especialmente a comida. Mas é aqui que está a fonte dos vossos muitos méritos: em adaptar-vos às privações das comodidades da vida civil, e às comidas e bebidas dessas terras.

Por isso fizestes vós o voto de pobreza, cuja perfeição consiste em contentar-vos ou renunciar mesmo ao puro necessário, e até mesmo alegrar-vos por vezes pela falta do que é necessário. É também próprio da pobreza manter conta escrupulosa dos bens que pertencem ao Instituto como sendo coisas sagradas. Pelo desleixo neste campo vos pedirá o Senhor conta exata. O mesmo se diga da consumação fácil de tais coisas que provoca, da parte de Deus, esterilidade apostólica e cessação da providência.

4. **Espírito de humildade.** Esta virtude, que é necessária a todos, é mais necessária ainda para vós para poderdes ser instrumentos idóneos nas mãos de Deus no trabalho para a conversão dos que ainda não conhecem o Senhor.

Vós fostes aqui (para África) só por uma razão; para servir o Senhor no lugar e nas ocupações que a obediência vos confiará. Cada membro participa nos méritos do corpo inteiro, e deve ser

mais feliz quem serve o Senhor no lugar mais humilde e que menos é visto pelos outros.

Ide ler o que diz o autor da *Imitação de Cristo* no 2º capítulo do Livro II.

É a primeira vez que vos dirijo a palavra como grupo: aceitai-a com o coração de quem vo-la escreveu; conservai-a convosco para a poderdes ler frequentemente, especialmente nos dias da recoleção mensal, e procurai pô-la em prática fielmente.

A nossa dulcíssima Padroeira, a Consolata, vos abençoe como lho peço eu de todo o coração todos os dias, para que em vós e em mim se cumpra sempre a vontade de Deus.

In Domino...

[Vol. III, pp. 685-690, n. 330]

41

Ao P. Luís Borio

J.M.J. SS. Consolata, festa de São Valérico
12 de dezembro de 1903

Caro Padre Borio,

Refleti sobre a ideia do teatro, mas penso que por agora vamos deixar isso de parte pelos seguintes motivos: Durante o inverno não podemos convidar os nossos benfeitores, e muito menos ainda no dia da Epifania porque, além do tempo estar feio, estão cansados das festas e das visitas feitas pelo fim do ano.

E também porque os nossos jovens, absorvidos por estudos sérios, sentir-se-iam prejudicados pelo tempo usado a preparar tudo isso. Não é preciso muito para se tornarem superficiais. Se me não engano, aqui há tempos D. Dervieux contou-me que os alunos durante esse tempo não estudavam...Vamos ajudá-los a estudar seriamente durante todo o inverno, e depois, durante a primavera, pensaremos no teatro... É esta a minha ideia, *in Domino*.

Sua Eminência aceitou cordialmente vir para a função da partida dos missionários, que ficou marcada para o dia 21, 2ª feira. Amanhã decidimos quem convidaremos para a cerimónia.

Espero que os Exercícios estejam a correr bem, e que já se confessem hoje os que os fazem.

S. Valérico seja nosso padroeiro junto da nossa Consolata. Com afeto *in Domino*...

[Vol. III, p. 696, n. 331]

42

Ao P. Filipe Perlo

J.M.J. 23 de dezembro de 1903

Caríssimo Teólogo,

Já respondi à sua carta do dia 26 de novembro com um telegrama que V. Rev.a já recebeu, com certeza, em Limuru, e cujo conteúdo já deve ter comunicado a todos, juntamente com as outras cartas que anteriormente lhe mandei. Chegou-se a esta decisão depois de muita reflexão e depois de termos bem considerado todas as dificuldades. Vossa Rev.a na sua carta nada me diz de novo. A competência para tal cargo é o Senhor que a dá quando, *ad majorem Sui gloriam* [por Sua maior glória], os superiores nos dão a destinação. E deve V. Rev.a ficar bem certo desta graça.

O que poderia contrariar esta decisão é o muito trabalho material que pesa em cima dos seus ombros, e também a aparente incompatibilidade entre o novo cargo e o cargo de procurador. Mas aqui eu vejo um evento de providência que consiste na fusão entre visão e ação que tão necessária é no início das nossas Missões, mesmo se tal viesse a diminuir um pouco a expansão e o progresso material. Precisamos de coordenar cada estação de Missão no seu andamento material e especialmente na sua vida moral e espiritual. V. Rev.a, favorecido por Deus com qualidades retas e virtuosas e tendo carta branca para fazer o que for necessário, porá tudo em boa ordem, pois disso depende a paz e o bom andamento das Missões e dos indivíduos.

Atire-se a este trabalho com coragem, e não *de maneira transitória* mas permanente, como se tal devesse fazer toda a sua vida; examine lugares e indivíduos e, segundo as capacidades que

têm, coloque cada um no seu lugar; não se canse V. Rev.a com trabalhos e viagens fatigantes, ajude os outros a fazerem cada um o seu trabalho: é prudente saber como agir nas mãos dos outros, embora haja algumas falhas nos resultados.

Os cinco novos missionários são gente boa, capazes de bem fazer se bem colocados no lugar e trabalho justo. O P. Cagliero é um homem de índole perseverante e responsável: mostre-lhe apreço e ajude-o a emendar-se se por acaso ele por vezes se mostra agarrado ao seu modo de ver as coisas: ele sabe que tem este defeito e sofre mesmo por não ter ainda conseguido vencê-lo totalmente. Fará bem V. Rev.a em mostrar-lhe estima, especialmente agora no princípio, e tenha a certeza que ele corresponderá mesmo mais do que os outros. Mostre-lhe afeto e não você o ama e não hesite em ajudá-lo.

O Padre Vignoli tem uma consciência delicada e vai prestar-lhe obediência cega. Precisa que o ajudem a não cair no desânimo. Tem um caráter um tanto tímido e uma certa inclinação para a pachorra e a letargia; melhor seria não o deixar viver com Irmãs, mas noutras casas, onde pode ser um bom cozinheiro. Trabalhará bem em escolas. Procure encorajá-lo siempre.

O Padre Barlassina é um sujeito de primeira classe em tudo, um jovem equilibrado, que vai ajudar muito. Trabalhará bem em qualquer lugar ou cargo; penso que faria muito bem na casa de preparação dos catequistas. Se V. Rev.a precisa dele em Limuru, escolha-o também para chefe dessa obra. Em Turim, o ideal dele era trabalhar com a juventude e fazia um trabalho muito bom com eles. Mas que na mesma casa onde ele está não haja um superior que o contrafaça ou lhe dificulte o trabalho, como por exemplo o P. Gays. É do jeito do P. Cravero, mas talvez com mais maturida.

Acerca dos Irmãos: o Anselmo é muito piedoso, um ótimo candidato para a criação de gado, tratar do leite, etc. Procure animá-lo a tornar-se um grande santo por meio *do trabalho*. O Agostinho é ainda um pouco garoto e traficante, mas tem muito talento, um tipo com quem se pode contar. Se for burilado por uma mão firme fará bem em todo e qualquer trabalho, e poderá mesmo tomar o lugar de Ametis.

Aqui está, querido Padre, o que lhe posso dizer acerca desta nova

expedição que parece ser melhor do que as precedentes. Espero não me enganar! O telegrama dizia que deixe o P. Gays ficar em Tusu: a razão é que isso parece ser o seu desejo, e também mais condizente com a sua saúde. Creio seja o melhor lugar para ele, ali ou noutra estação – mas não, segundo os meus cálculos, em Limuru, especialmente porque penso que ele não é capaz de formar catequistas, porque se deixaria levar pelo sentimento na questão do alimento e outras coisas para eles. Faça V. Rev.a como melhor pensar, sempre com a ideia de dar glória a Deus.

Talvez que as minhas muitas ocupações me não deem a oportunidade de escrever aos outros, especialmente aos queridos Celestino e Bento: dê-lhes os meus parabéns e encómios. Afinal, a nossa Consolata continuará a assistir-vos e a abençoar-vos; e no próximo ano, que é o Centenário, há de ela derramar mais abundantemente as suas consolações também nessas terras.

As Irmãs que vão partir foram avisadas pelo superior delas a obedecer a V. Rev.a e aos superiores locais; espero que elas, por meio da obediência, ajudem as primeiras a restabelecerem-se na saúde, e assim não se repetirão nas presentes as dolorosas notícias do passado.

Muitos cumprimentos a todos, e rezem por este vosso em N.S.J.C.

[Vol. III, pp. 708-710, n. 336]

43

Ao P. Tomás Gays

Turim, 23 de dezembro de 1903

[Notas para uma] Carta ao P. Gays

Não ofendido, mas pena... Um véu sobre tudo, e unidos no afeto... Ajude o P. Filipe Perlo e todos os outros.[12]

[Vol. III, p. 712, n. 337]

[12] O significado dessas breves notas de Allamano, após a renúncia do padre Gays, é: não estou ofendido, mas desculpe. Espalhamos um véu sobre o passado e continuamos amando uns aos outros. Colabore com o padre Perlo e todos os outros missionários.

44

Ao P. Filipe Perlo

J.M.J. 22 de janeiro de 1904

Caríssimo Teólogo,

A sua última carta trouxe-nos a dolorosa notícia da morte da Irmã Jordana.[13] O Senhor prova-nos com estas mortes prematuras: será tudo para o bem das nossas missões. Precisamos de protetores no Céu, e o Senhor escolhe as melhores; e tem compaixão do Instituto apenas nascido, ao qual não ousou ainda tirar membro algum.

Levei a notícia ao pai da Ir. Jordana. Atónito, esperava ele tal notícia acerca de outra pessoa que não da Ir. Jordana. Mas pronunciou o seu *fiat voluntas Dei* [a vontade de Deus seja feita]. Até penso mesmo que talvez já tenha acontecido mais alguma coisa de angustioso, mas não quero ser profeta. Porém, devemos querer só o que é da vontade de Deus, ele que tudo dispõe para o bem dessas gentes. Para o futuro, temos de tirar proveito de tais experiências.

Dado que a sua carta chegou tarde, não pudemos interpretar o telegrama no sentido que V. Rev.a lhe deu. Mas a maior parte das Irmãs desta última expedição são mais jovens e de caráter mais enérgico, e isso diz-nos que haverá da parte delas uma vontade mais firme e também vida mais longa. As observações que nos deu serão respeitadas relativamente às que partirão de futuro.

Para mim, o que é mais importante agora é que o comportamento das Irmãs, e mais ainda o dos missionários, não baixe, e que ninguém perca a coragem por causa destas mortes. A nós não nos aconteceu isso aqui. Providencie para que também aí todos façam o mesmo usando os princípios que a fé nos ensina.

Recebi as três cartas do P. Cagliero e o telegrama vindo de Mombaça: agradeça a esses missionários aos quais, por agora, agradeço eu por meio desta carta.

---

[13] Irmã *Giordana Sopegno* é a segunda freira Vicentina que morreu no Quênia, em 30 de novembro de 1903, nem mesmo dois meses após a morte da irmã Editta.

V. Rev.a com certeza já assumiu o cargo de Superior e já comunicou a notícia a todos. Caso não o tenha ainda feito, faça-o depressa porque, se me consola o bom espírito do P. Gays, não quero retirar a ordem dada, especialmente depois das notícias recebidas. O Senhor vai ajudar V. Rev.a a bem desempenhar o ofício de Superior e de Procurador – que agora, providencialmente, estão nas mesmas mãos.

Só recebi ainda os diários do P. Borda, P. Perlo, P. Cravero, Ir. Luís e Ir. Bento. Veja que todos o escrevam *diariamente*, e me os mandem sempre a tempo. E ao escreverem-nos, não se percam em longas observações, mas que, quando escrevem, tenham em mente o que diz o Regulamento, e escrevam sobre pequenos acontecimentos *verdadeiros,* que tenham acontecido.

Quanto às Missas devem os sacerdotes manter um registo, e devem entregar a V. Rev.a o número de missas *cada* mês. Diga-lhes que, *o mérito* vai para cada celebrante, e *o útil* vai para as enormes despesas com o que é necessário; ao máximo, que cada um guarde para si uma intenção cada mês, e ainda melhor se menos do que isso. Quero que cada um faça os Exercícios Espirituais todos os anos, se necessário mesmo sozinho ou com os colegas que com ele vivem. Quanto às Irmãs, o Superior delas quer que elas os façam sempre que podem, incluindo também alguma pregação.

Foi há três anos, no dia de S. Francisco de Sales, que o nosso Cardeal aprovou o Instituto *ad triennium* [por três anos], aprovou-o agora *ad decennium* [por dez anos]. E sendo este ano o Centenário da nossa Consolata, exorto-vos a todos a honrá-la com mais fervor ainda para podermos merecer as suas graças.

Decidi dar-vos por padroeiro para este ano S. Pedro Claver, que a Santa Sé deu à África como padroeiro; dê V. Rev.a esta notícia aos Missionários e às Irmãs.

Procure dar coragem à Superiora e a todas as Irmãs, garantindo-lhes que nós rezamos por elas todas e pelas companheiras falecidas. Este ano a Consolata vai ajudá-las para que elas, trabalhando aí muitos anos, recebam depois uma bela coroa de glória no Céu.

Cumprimentos e felicidades a todos os meus queridos missionários, por quem já só vivo aqui na terra. A minha paterna

bênção vai para todos vós de manhã como à noite, mas especialmente para V. Rev.a.

Amigo em N. S. J. C....

[Vol. IV, pp. 22-24, n. 349]

45

Ao P. Filipe Perlo

J. M. J. Turim, 3 de fevereiro de 1904

Caríssimo Teólogo,

Depois de ter escrito algumas linhas a cada missionário, pouco tempo me sobra para escrever a Senhoria caríssima. Vou fazê-lo melhor para outra vez. Por agora, insisto com V. Rev.a para que se instale firmemente no seu lugar de Superior, para que tudo proceda bem e com a ordem devida.

A isso o Senhor o ajudará. Cumprimentos deste seu *in Domino*. Com muito afeto em J.C.

P.S. As minhas cartas não são urgentes; mande cópia a cada missionário quando puder. Nelas só escrevo exortações espirituais para os encorajar.

[Vol. IV, p. 29, n. 352]

46

Ao Ir. Bento Falda

J.M.J. Turim, 3 de fevereiro de 1904

Meu caro Bento,

A tua figura, ágil e franca, ocupa frequentemente a minha mente, e de vez em quando parece-me ver-te entrar no meu quarto para ficarmos a conversar amigavelmente. Quem dera poder ver-te de novo!... Mas sim, vejo-te e falo contigo no Senhor e junto do altar da nossa querida Consolata: a ela te encomendo para que permaneças sempre na grande graça que

te foi concedida. Sabes, vivemos num mundo triste, no qual é preciso sofrer em qualquer lugar nos encontrarmos. Mas tu, tudo o que fazes é para ganhares um céu maravilhoso que tu vais merecer não obstante os defeitos inevitáveis da miséria humana. Coragem, repito, tem sempre coragem e alegria no Senhor: toca e canta quando te assalta a melancolia.

O Rev. Padre Perlo já te comunicou certamente as minhas felicitações pelo teu empenho nos trabalhos da serração, parabéns que também te envia o Sr. Vice-Reitor. Agora mando-tos eu diretamente. Com este trabalho serás muito útil às Missões; e foi por esta razão precisa que o Senhor te enviou a colaborar na salvação dessas gentes.

Gostei muito dos teus diários, especialmente pela sinceridade genuína com que os escreves. Continua sempre a escrevê-los assim, pensando que falas com um pai que no Senhor Jesus te ama afetuosamente, diários que não partilho com ninguém, exceto aquelas coisas que não são confidenciais.

Na tua família estão todos bem, e todos te recordam muito, especialmente a tua mãe que de vez em quando me vem visitar.

Coragem, meu caro Bento. Reza também por mim que te abençoo de todo o coração, e te encomendo muitas vezes à nossa querida Consolata. Com muito afeto no Senhor...

P.S. Com certeza já deste o abraço de boas vindas ao caro Anselmo [Jeantet]: imagino a tua alegria! Um tal Bertone, que é mecânico e que é teu amigo, também quer entrar no Instituto; vamos ver se ele tem vocação. Estás a ver o que fazem o teu bem exemplo e as tuas orações!...

[Vol. IV, pp. 30-31, n. 353]

47

Ao P. Filipe Perlo

J. M. J. Turim, 5 de fevereiro de 1904

Caríssimo Teólogo,

A sua carta enviada de Limuru no dia 25 de dezembro

passado trouxe-me muita consolação pois fiquei convencido que as minhas ordens[14] foram executadas. Desde o dia que entreguei a questão à nossa Consolata, e que tudo conferi com Sua Em.ª o nosso Cardeal, e tomei a decisão final, nunca mais tive a mínima dúvida que é esta a vontade de Deus.

Ganhe coragem, pois o Senhor está consigo. Todos lhe querem muito bem, todos o estimam, e você tem as qualidades para bem desempenhar tal ofício, sempre com a graça de Deus. É ideia minha que não deve V. Rev.a atacar os problemas com rijeza demais; é melhor usar a paciência, a benignidade, saber perdoar; são pessoas que já fizeram muitos sacrifícios e não devem sentir-se acusados de má intenção ou coisas semelhantes.

Muita é a miséria humana. E a mudança de vida que tiveram de suportar pode mesmo desorientar um indivíduo que, por isso, se comporta como se fosse mau, mas por vezes sem o ser verdadeiramente. Tratados com bons modos e com paciência serão mais capazes de se corrigirem. Em Turim ter-se-iam comportado como a flor do clero e do laicado, e é mesmo o que por aqui deles dizem, afirmando até que o Reitor usou de bom senso quando os escolheu...

Estou de acordo consigo que é preciso pôr em prática o Regulamento e mesmo, quanto possível, o Diretório - este, ao menos virtualmente. Faça como melhor lhe parece...

Para cada casa nomeie um superior efetivo, considerando antes de tudo a capacidade dele de bem dirigir a casa e não se preocupando se é ou não o mais velho, se assim o exigir o maior bem.

As cartas para aos indivíduos vou mandá-las diretamente a si, abertas, exceto as que forem pessoais: leia-as e entregue-as a cada um, se tal achar conveniente e oportuno.

Escrevemos, eu e o Sr. Vice-Reitor, para dar resposta às notícias que vinham nos diários e nas cartas; mas não podíamos fazer de outra maneira quando o Superior pouco ou nada escrevia, e as necessidades pareciam urgentes. De hoje em diante, confiando em

[14] As ordens referem-se à aceitação do cargo de superior por Mons. Perlo.

si, antes de tudo exorto-o a coordenar, governar e fazer tudo *tamquam potestatem habens* [como alguém que tem autoridade], e pode ter a certeza que eu tudo aprovarei. Se por acaso eu tiver dúvidas sobre o comportamento de alguém, escreverei a V. Rev.a para que de tudo se informe e a tudo providencie. Peço-lhe só uma coisa: não seja circunspecto para comigo, diga-me tudo! Se até agora não se comportou desta maneira porque ainda não era Superior, daqui em diante deve ser capaz de *pensar mal, julgar mal* e comunicar-me tudo pormenorizadamente.

São Francisco de Sales chama a isso uma obrigação; e V. Rev.a, quase sempre que me escreve e o puder fazer, dê-me uma avaliação de cada missionário, do progresso de cada um, etc. Eu vou ter em conta as normas que V. Rev.a me indicará como mais importantes, e isso me ajudará a escrever uma futura circular.

Espero que o P. Borda melhore; o Cattaneo, examine-o apropriadamente: se não se emenda, e se se tornasse um risco, pense em repatriá-lo, e quando ele cá chegar, dispensá-lo-ei dos votos: peço a Deus por ele e vou confiando...

Quando aí chegar o Monsenhor Vigário Apostólico, tratem-no bem: lá fora, com solenidade; em casa, *sem* pompa. Será o tempo próprio para começarmos a pensar em termos o nosso próprio Vicariato Apostólico, pensando qual será a fronteira no sul! Muitos esperam que tal suceda e, quando chegar o momento, cá darei os passos junto da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé. Por agora nada farei, espero o acordo de V. Rev.a.

Muita coragem, e comporte-se *suaviter ac fortiter* [com força e gentileza]. Com afeto in Domino...

[Vol. IV, pp. 32-33, n. 354]

48

Ao P. Filipe Perlo

J. M. J. Turim, 26 de fevereiro de 1904

Caríssimo Teólogo,

Pela sua última carta vejo que V. Rev.a, obediente à vontade

de Deus, assumiu o seu cargo como deve ser; e deitando água benta sobre as misérias passadas, vai procurar reorganizar as Missões com prudência e *in multa patientia* [com muita paciência]...

Deus o ajudará, e a mim dará Ele os meios para pagar as despesas, não só as que são necessárias, mas mesmo as convenientes para a tranquilidade de todos, com a condição que não degenerem em abusos habituais para o futuro.

Uma prova desta minha confiança em Deus tive-a há dias na ocasião da morte do padre Robilant. Sem nunca me ter dito nada, deixou-me em testamento duas herdades de um valor total de 70-80 mil Liras, além da biblioteca e outras coisas. Renunciei por delicadeza à herança; mas, confidencialmente, receberei o valor total. Nem é esta a primeira oferta generosa que recebi: do Cón. Abre de Bra recebi seis mil Liras; do P. Casale cinco mil Liras para as missões. Que consolação me dão todas estas ofertas feitas por verdadeiros sacerdotes! E mais: o Abade Glória deu-me 500 Liras de oferta e mais 500 Liras de intenções de Missas.

Estas coisas, digo-as só a si em confidência para que não se preocupe se é preciso gastar muito; o Senhor pensa em vós, não só para vos dar o que é absolutamente necessário mas mesmo o que é preciso para sustentar a fraqueza e a miséria humana de quem não tem a força de se tornar mais generoso nos sacrifícios em favor do apostolado.

A propósito de Missas, espero receber muitas com o passar do tempo. E sua Eminência determinou que o estipêndio mínimo seja de 3 Liras. Como já lhe pedi antes, controle que cada sacerdote tenha um caderninho em que deve escrever o número de Missas que celebra, números esses que V. Rev.a me deve depois enviar. Segundo o espírito de pobreza e para o bem das Missões, deveriam os sacerdotes aplicar todas as Missas, ou quase todas, segundo as minhas intenções, ficando cada um só com uma intenção por si próprio por mês, como eu disse aos últimos sacerdotes que para aí partiram. Comunique isto a todos V. Rev.a, segundo melhor pensa e usando a prudência.

O P. Bertagna e o Bento pedem-me que os dispense de

escrever o diário porque dizem que não têm tempo. Não lhes posso conceder esta dispensa porque esta é uma regra muitíssimo importante, e o Bento, na sua simplicidade, escreve bem. Se não tiverem muito que dizer, basta que escrevam duas linhas de vez em quando. Vou eu mandar a resposta a estes dois indivíduos, mas quero que V. Rev.a conheça bem a minha intenção, que é para todos os missionários. O P. Scarzello escreveu-me uma linda carta. Recebemos também as muitas e bonitas fotos que enviou, mas os sacerdotes estão vestidos com hábitos seculares, não ousamos publicar nem mostrar as fotos deles. Nas fotos, os padres e os seminaristas devem estar sempre vestidos com a batina, e às vezes também os Irmãos.

Antes das nossas festas vou ainda escrever-lhe várias vezes, mas já lhe posso dizer que vão ser muito solenes. Haverá uma novena e uma oitava, durante as quais se fará a Consagração da Igreja, e nos dias 18, 19 e 20 vamos fazer um tríduo muito especial: no 1º dia coroamos a imagem de Nossa Senhora com 12 estrelas; no 2º dia haverá no Santuário as Ordenações da diocese e, à noite, a procissão; no 3º dia, faremos uma festa verdadeiramente solene.

O S. Padre elevou o Rito a Duplo de 2ª Classe com Oitava. É isto um resumo do que queremos fazer. E vós aí na África estareis unidos a nós em espírito para poderdes receber muitas graças da nossa Padroeira.

A Santíssima Virgem, que parece não querer manter os protestantes longe de vós, faça com que a presença deles não seja muito daninha; saberá bem ela orientar tudo para glória de Deus.

Que o Senhor lhe dê força na grande obra da conversão desses povos, a si e a todos os Missionários e Irmãs. Reze por mim, e receba a bênção que lhe mando de todo o coração.

In Domino, vosso com muito afeto...

[Vol. IV, pp. 41-43, n. 356]

49

Ao P. Filipe Perlo

J. M. J. Turim, 4 de março de 1904

Carísimo Teólogo,

A sua última carta do dia 2 de fevereiro deu-me muita consolação, pois nela me dizia que os novos missionários apenas chegados ao Quénia dão sinais de muita esperança; e também pelo fato que V. Rev.a tomou bem a peito a boa sistematização das nossas Missões. E já que falo nisto, pois digo-lhe que me alegra muito a sua decisão de reunir os missionários para os Exercícios Espirituais: coisa maravilhosa e necessária, que de hoje em diante deve ser organizada todos os anos, e mais frequentemente mesmo quando possível.

O Padre (Superior) do Cottolengo deseja que também as Irmãs façam os seus Exercícios Espirituais todos os anos. Seria bom pedir ao P. Gays ou outro padre para ser o pregador, e fale-lhes também V. Rev.a, pois a voz do Superior tem uma graça especial, como aconteceu comigo que nem sequer sou bom pregador. Para escolher os meios para bem pôr em ordem as Missões por toda a parte, interrogue cada um sem os deixar discutir, e depois com calma decida irrevogavelmente quanto melhor lhe parecer in Domino.

Não é preciso que quem preside à casa das Irmãs lhes deva pregar todos os domingos, mas exorte-os a fazê-lo frequentemente com exortações segundo a capacidade e a prudência de cada um. Acerca de prestarem contas por escrito sobre coisas de consciência, penso que é melhor que não se faça isso por agora; ponha-o em prática oralmente quando passa por cada casa. Se, porém, houvesse alguém que o quisesse fazer, aceite, e favoreça este modo de se santificarem.

Vou mandar imprimir o Diretório e as Práticas de Piedade para os juntar às Festas Solenes e aos outros livros. Acerca dos livros, penso que já existem em número suficiente; talvez estejam nalguma casa; diga a todos que quando são mudados duma casa para a outra não devem levar consigo tudo o que lá

encontraram. Sim, devemos também pensar num Catecismo…

Acerca da divisão do Vicariato, creio que V. Rev.a é o melhor juiz pois vive aí, e depois eu lhe direi o que eu e o Sr. Vice-Reitor pensamos.

Seria certamente um bem termos em breve o nosso próprio Vicariato: 1), muitos já por ele suspiram; 2), daria estabilidade às nossas Missões; 3), atrairia muitas vocações; 4), teríamos os subsídios da Propagação da Fé; 5), daríamos mais segurança ao nosso futuro; 6), acabariam tantos medos, dúvidas, etc.

Por outro lado, os desejos do P. Caysac…, a expulsão da França: tudo isto os pode levar a temer que, conhecendo nós bem a zona, a desejemos mais firmemente, deixando-nos as casas onde agora estamos ainda como estrangeiros… Mas Mons. Algeyer quererá certamente gastar muito para receber muitos outros; mas estes, não irão eles preferir as missões mais cómodas da América, ou não quererão eles aguentar-se num apostolado ativo, eles que, como professores e gente idosa estão acostumados a uma vida cómoda? E depois, minguará brevemente a fonte das vocações por causa da tal expulsão…

Nós prometemos não fazer diligências junto da Propagação da Fé sem que eles estejam de acordo; e a nós é necessário o testemunho da nossa competência, e também a aprovação deles.

O Governo Inglês poderá não fazer nada para o nosso bem, quando procurarmos a proteção de Londres.

Não sei que conclusão tirar de tudo isto, senão a possibilidade de sacrificarmos talvez um pouco da zona Kikuyu para obter imediatamente o resto, esperando podermos, depois (e em breve), estendermo-nos para Norte até… (no país dos povos Galla).

Examine todo isto V. Rev.a, reze e faça prudentemente o que pensa que é melhor. Nós aqui só podemos rezar, e isso eu farei: rezar e pedir para que outros rezem; pedirei aos nossos seminaristas para que rezem orações especiais todos os dias, para obtermos tudo o que é preciso, para que a Consolata nos console guiando a nossa mente pelo melhor caminho e para que, segundo a nossa limitada maneira de ver, tenhamos em breve um Vicariato nosso…

Por favor, tenha cuidado com a sua saúde, e contente-se em fazer o bem que pode fazer. Dos indivíduos disponha

livremente segundo as capacidades e as aptidões que têm.

Muitos cumprimentos para todos, e diga-lhes que rezo por todos eles e que vivo só para eles. Para todos a minha bênção, especialmente para si. Com afeto *in Domino*...

P.S. Todas as cartas incluídas neste invólucro são de membros de famílias vossas: li-as todas, nada de urgente.

[Vol. IV, pp. 65-68, n. 359]

50

Ao P. Filipe Perlo

J. M. J. Turim, Sexta-Feira Santa, 1904

Caríssimo P. Teólogo,

Recebi a sua carta do dia 29 de fevereiro na qual vinha um perfeito relatório das contas de 1902, e também as cartas das Irmãs. Agradeço ao Senhor as boas notícias dos queridos missionários e das Irmãs da 2ª expedição. Espero que o vosso retiro produza frutos de boa ordem, união e muita virtude.

Quarta-feira de manhã recebi o telegrama sobre a doença da Irmã Filipina. Fui ter com o Padre (superior do Cottolengo) que ficou triste, mas concordou comigo que ela volte imediatamente para a Itália. À noite, examinou a questão de quem deve acompanhar a Irmã de volta para a Itália. Escreveu-me uma mensagem, e trouxe-me a carta da Madre, que me dizia que não concorda que venha a superiora das Irmãs daí com ela, mas talvez uma das mais delicadas de saúde, como a Ir. Metilde ou a Ir. Bonifácia.

Parece-me que a razão é que tenha medo que seria como se nós nos quiséssemos desembaraçar da superiora, e por isso não aprova a escolha da Irmã Opportuna para a substituir temporariamente ou para sempre. Disse-me que toca à Ir. Sant'Alessio substituí-la porque é a mais idosa, e também por já ter sido superiora durante a viagem, ela que sempre se comportou bem onde esteve, e que por isso não merece agora esta afronta. Eu respondi que, dado que a Ir. Opportuna está em Limuru, talvez fosse mais normal que fosse ela

a indicada para este trabalho, mas de maneira nenhuma tinha eu intenção alguma de censurar a Ir. Sant'Alessio.

Creio verdadeiramente que para V. Rev.a a Ir. Opportuna é mais segundo o nosso espírito e maneira de ser, e também segundo as nossas necessidades. Mas penso que é melhor adiar por agora a decisão e que ela aí fique como superiora: sem as suas duas auxiliares, terá de se pôr no seu lugar. Procure V. Rev.a estudar bem a Ir. D'Alessio e formá-la como melhor pensa, se possível.

Daqui a alguns dias vou visitar o Padre (superior do Cottolengo) e informá-lo dos inconvenientes daquela Superiora e do modo de ser dela porque, voltando a Ir. Filipina, já fique prevenido. Falar-lhe-ei do envio das cartas, do espírito de independência que elas têm para com os padres e do que mais me escreveu V. Rev.a.

Apenas possa, escreva-me pormenorizadamente quanto viu e ouviu acerca de como vão agora as coisas. O Senhor providenciará... É preciso paciência. Continue V. Rev.a a não se chatear com elas e, se tal tiver de acontecer, que seja feito por outros. À Madre aqui já eu disse alguma coisa. Ela ficou triste e prometeu enviar-lhes as suas admoestações: eu disse-lhe que seria melhor não o fazer por agora. Se a Ir. Opportuna responder bem à prova, seria melhor não a louvar muito para não indispor a sua futura superioridade...

Li o Diário do T. Borda, e vi que se lançou contra os *gôma* (danças); Por amor de Deus, devagar, e muita calma! Recordemos o que aconteceu aqui acerca dos bailes, mesmo sendo isso pior do que os bailes. Temos de dissimular o mal porque é impossível vencê-lo agora, e combatê-lo frontalmente seria prejudicial ao caminho da conversão.

Li há poucos dias como na China avançava triunfalmente o número de conversões quando o P. Ricci, jesuíta, tolerava certas oblações aos mortos...: houve algumas mentes tacanhas que se opuseram, e foi isso que provocou a perseguição e o fim deste progresso. É preciso *tempo* e paciência para extirpar o mal. Veja V. Rev.a que comportamento seguir e dê a todos uma orientação sobre como devem proceder neste caso e em outras ocasiões e problemas.

Recordo mais uma vez que todos devem escrever o diário,

cartas e o número de Missas celebradas. Sei que houve quem escrevesse cartas sem as fazer passar pelas minhas mãos. Reprovo isto, e proíbo-o, penso que não mereço tanta falta de confiança. Cumpra-se o Regulamento no que se refere à maneira de tratar com estranhos. Podia acontecer como em Fossano, onde se publicaram em jornais coisas contrárias ao que nós publicámos. É o caso da carta de P. Scarzello a Mons. Manacorda que foi impressa em "*Fedeltà*"; por sorte que não continha nenhuma notícia importante.

Vamos mandar-vos o quadro de Nossa Senhora de Bra e o de Nossa Senhora de Mondovì que nos ofereceu Mons. Ressia, e também outra Nossa Senhora impressa em papel, Nossa Senhora das Graças de Pinerolo. Dê V. Rev.a esses nomes a várias estações de missão futuras. Agradeça e mande agradecer por escrito ao P. Alardo de Bra e a Mons. Ressia. Mandarei brevemente as orações, o Diretório e a Ordem das Festas. Desejo e rezo para que todos tenham uma Páscoa feliz, meus muito queridos, e a todos envio os meus cumprimentos *in Domino*.

Mantenha-se V. Rev.a em boa saúde evitando cansar-se demais... Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IV, pp. 79-81, n. 362]

51

Ao P. Filipe Perlo

Turim, 8 de abril de 1904

Caríssimo Teólogo,

As preciosas notícias sobre como decorreu o retiro trouxeram-me grande consolação, e foram realmente os melhores parabéns que recebi para a minha festa. Estão todos os meus caros missionários cheios de bom espírito e de boas atitudes, e só precisam duma sábia e esclarecida direção para bem viverem como sacerdotes e apóstolos. Até mesmo certas misérias humanas hão de diminuir quando prevenidas ou corrigidas a tempo. E V. Rev.a comporte-se *tamquam potestatem habens* [como alguém que tem autoridade], poder que realmente tem.

Por uma carta que recebi juntamente com a sua ultimamente,

vejo que o seminarista Cattaneo ainda não se comporta como deve. Mostra uma atitude de aversão a ir para (missão de) Metumi, que ele apelida de *meta não desejada;* prefere ficar em Wambogo para estudar...; como desculpa de não ter escrito antes diz: «Por favor, faça com que me deem tinteiros, tinta e papel, e então lhe mandarei notícias minhas». Da carta que eu lhe escrevi nada diz. Só diz: «Como filho seu devo pedir-lhe muito perdão por nunca lhe ter escrito até agora, e porque, uma vez ou outra, perdi a paciência e dei alguma bofetada a certos Kikuyus de comportamento arrogante». Só isto - e de que modo!

Se depois de várias provas e correções não se humilha e obedece verdadeira e cordialmente, é melhor repatriá-lo. Lamento não ter telegrafado para que ele viesse com as Irmãs que voltaram par a Itália. Examine V. Rev.a o caso diante do Senhor, e quando tiver exaurido todos os meios de correção doce e enérgica, encontre maneira de o repatriar, por exemplo sob pretexto de vir completar os estudos.

O nosso Em.mo Cardeal escreveu uma magnífica carta pastoral que aqui envio. Nela escreveu um trecho sobre o Instituto que é realmente superior aos nossos méritos. Na sua bondade, dá-nos um diploma de solidez e de boa operosidade. Escreva-lhe uma carta de agradecimento, enviando-lhe também as últimas notícias sobre as Missões. A meu pedido, em janeiro, ele aprovou o Instituto (que foi aprovado apenas *ad triennium*, por três anos) *ad decennium,* por um decénio; e tê-lo-ia mesmo aprovado *ad perpetuum* [para sempre] se tal eu lhe pedisse.

Sobre as nossas futuras festas, já sabe alguma coisa com certeza pelo que vem na Carta Pastoral; mas vou mandar depois mais pormenores.

Cumprimentos a todos: é como se eu estivesse a escrever tudo isto a cada um em particular, incluindo as Irmãs... Cumprimentos para si da parte dos superiores do Colégio Eclesiástico...

Que o Senhor lhe dê a Sua força em todas as suas ocupações, é esta a minha oração. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IV, pp. 86-87. n. 363]

52

Ao P. Filipe Perlo

J. M. J. Turim, 6 de maio de 1904

Caríssimo Teólogo,,

Agradeço ao Senhor pelo bom êxito da vossa reunião em Moranga. Espero muito das conclusões tiradas, e também pelo modo como decorreu toda a reunião. Louvo também a sabedoria mostrada durante as discussões, e bendigo o sabedoria prática das conclusões. Numa próxima carta vou fazer o exame de todos os pontos, mas não posso deixar a oportunidade de mencionar quanto é conveniente o Regulamento de todos os dias e as normas acerca da alimentação. Aprovo todas as conclusões *sem exceção alguma,* e exijo que sejam todas postas em prática.

Mas é necessário que V. Rev.a vigie, e que outros também vigiem, que tudo seja posto em prática: *prontamente, constantemente e cordialmente*. Deve dominar a uniformidade de todos, ainda que haja alguma ideia melhor sobre algum ponto prático; *et quicumque hanc regulam secuti fuerint, pax super illos et misericordia, et super Israel Dei* [e todos os que esta regra observarem, venha sobre eles a paz e a misericórdia, como em todo o Israel de Deus]. Chegaram as duas Irmãs com boa saúde e dizem maravilhas sobre as Missões, sobre os missionários e especialmente, *salva humilitate* [sem ofender a humildade], sobre a vossa muito querida pessoa. Por agora não pensamos em enviar outras Irmãs. Provavelmente em dezembro teremos mais quatro sacerdotes e um Irmão prontos para partir; mas acerca disso vai-vos escrever o Sr. Vice-Reitor quando chegar o momento.

O irmão de André trouxe-me 100 Liras em oiro para o irmão: entregue-lhos V. Rev.a tirando-os do fundo comum, e eu vou escrevê-los no meu registo.

Soube pelas Irmãs que fez V. Rev.a a viagem de Tusu a Limuru em dois dias: por amor de Deus, não faça esforços destes para não dar cabo da sua saúde. Os missionários mandam-me sempre boas notícias. *Deo Gratias*. Aqui no Instituto mandei embora os

seminaristas Lovena, Varusio e Squarzino por terem sido reconhecidos como não idóneos para o Instituto. Amanhã chegará aqui um diácono de Cuneo, um tal D. Rolfo, que foi membro do colégio sacerdotal o ano passado; virá também provavelmente um bom sacerdote nativo de Brescia.

Para outra vez vou falar-lhe das nossas Festas solenes, nas quais participarão ao menos cinco Cardeais, dos quais um será o enviado do papa. É verdade que não nos falta trabalho para preparar tudo como deve ser. Mande V. Rev.a fazer o que melhor lhe parecer para a Novena e a Festa; vamos mandar-vos os suplementos para o breviário.

Muitos cumprimentos *in Domino* para todos, e desça também sobre vós a bênção da nossa Consolata, e também a bênção paterna de quem gosta de assinar.

Com muito afeto no Senhor...

Vol. IV, pp. 108-109, n. 372

53

Ao P. João Batista Rolfo

Turim, 16 de maio de 1904

Caríssimo em N.S.J.C.,

Supondo que V. Rev.a esteja sempre na decisão que tomou, deve vir a Turim pelo fim do mês ou em princípios de junho para obter a licença expressa de S. Eminência. Eu já lhe falei nisso, e vi que S. Em.a ficou contente com a sua decisão. Falará depois com o seu pároco.

Tudo procede de maneira maravilhosa na África, graças a Deus, e vê-se que Nossa Senhora da Consolata abençoa os missionários espiritualmente e corporalmente.

Com muito afeto i*n Domino*...

[Vol. IV, p. 116, n. 373]

54

Ao P. Luís Borio

Turim, junho de 1904

Caro P. Borio,

Veio aqui o Squarzino e disse-me que tem intenção de deixar o hábito aqui em Turim em casa duma sua tia. Disse-lhe que é melhor ir para sua casa, e depois fazer o que lhe disser o prior dele. Quando vierem buscar as suas coisas, dê-lhes um bilhete em que se mencionem as coisas que levaram. E se por acaso vier ele em pessoa, não deixe que os outros jovens o vejam. O seminarista Varusio escreveu-me uma carta pedindo desculpa e agradecendo tudo.

Mande-me hoje ao Santuário da Consolata os seminaristas *Balbo* e *Perlo* para registarmos vários objetos que chegaram da África, objetos estes que depois mandaremos para o Instituto - mas não os mande durante as horas de aula. Diga ao portador desta mensagem a que hora eles virão. Até podem vir imediatamente se não tiverem aulas.

Veja que se viva aí em paz; mas não se pense no passado, como as Irmãs...

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IV, p. 128, n. 375]

55

Ao Irmão Bento Falda

V.J.M. e J. Turim, 4 de agosto de 1904

Caríssimo Bento,

Pelas tuas cartas vejo que não perdeste a alegria mesmo nos momentos de doença. Ótimo! Continua sempre com este espírito, com esta atitude, e o Senhor há de ajudar-te! Li aos confrades do Instituto a tua carta, e eles fartaram-se de rir, e diziam: "*Bento há de ser sempre o mesmo!*

Espero que já estejas melhor, e vais procurar sê-lo tomando os remédios necessários. E pensa que abandonaste pais, parentes e amigos por amor de Deus, o Deus que te dará o cêntuplo neste mundo e a futura glória no outro. Foi este pensamento que ajudou muitos a deixarem tudo para se consagrarem mesmo à custa de muitos sacrifícios: o Paraíso é realmente tão belo que nada há que possa pagá-lo.

Tu e o Agostinho procurai ajudar-vos um ao outro para vos tornardes verdadeiros santos por meio da obediência; e então sentir-vos-eis felizes, mesmo privando-vos de tantos bens.

Deus te deite a sua bênção, e a Santíssima Consolata te proteja de todas as desgraças. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IV, p. 218, n. 404]

56

Ao P. Luís Borio

J.M.J. Piano della Mussa, 12 de agosto de 1904

Caríssimo em N.S.J.C.,

Sinto-me contente pela boa viagem dos caros missionários. O ar puro e santo desse lugar vai fazer-lhes bem à alma e ao corpo.

Faça com que eles deem um passeiozinho de manhã e outro à noite, e que não se cansem com o estudo, mas que nunca fiquem sem fazer nada.

Traga-os V. Rev.a aqui quarta-feira próxima, dia 17: levantem-se a tempo para partirem de S. Inácio às 6 da manhã e chegar aqui pelas 10 horas, mais ou menos. Vão partir outra vez pelas 3 horas da tarde para assim chegarem a S. Inácio mais ou menos às 19h30. Dê à Irmã um pacote com pão *abundante* para *o pequeno almoço* durante a viagem (em Ala) e para *o jantar* em Mussa. Vou eu arranjar a polenta e a carne para o jantar, e pense V. Rev.a só ao conduto para o pequeno almoço. Por certos motivos não vão subir ao Crot, mas vão sentir-se bem aqui neste planalto magnífico.

O caso do Sr. Reycend é escabroso; V. Rev.a fez tudo o que podia fazer, e isso basta: rezemos!...

A história do P. Bellani dá-me muito que pensar; espero que

nele se não repitam certos acontecimentos do passado. Rezemos para que Deus encaminhe a coisas pelo melhor...

A minha saúde vai indo bem. O mesmo se diga do Sr. Vice-Reitor. Cumprimentos a todos. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IV, pp. 221-222, n. 405]

57

Ao P. Luís Borio

Turim, outubro de 1904

Caro P. Borio,

Veio o seminarista Valetti e eu disse-lhe o que lhe devia dizer, pois ele já não deve pensar em ir para as Missões depois de dois anos de doença em órgãos essenciais. Dispensei-o completamente dos votos e disse-lhe que deve absolutamente descansar durante alguns meses em casa.

Quando depois estiver melhor, mesmo de casa pode estudar a teologia no Morino e nos livros do Seminário de S. Caetano. Quando já será sacerdote diocesano, então vamos ver se está completamente restabelecido da doença, e se o Senhor quer ainda que ele volte.

Que deixe no Instituto os livros de inglês, de Kiswahili, etc., e também o Schouppe...

Mas o que lhe pertence, e só o que lhe pertence, a ele, leve tudo. Dá a impressão que ele já esperava esta decisão, e talvez de vez em quando a desejasse. Uma decisão justa, sem dúvida.

A Irmã com certeza já lhe disse que é melhor dar-lhe a batina, que é nossa, porque não é conveniente que seja usada por outros. Levando consigo tudo, não sentirá apego ao Instituto. Fale V. Rev.a com ele claramente, como lhe falei eu, deixando-lhe só a tal esperança futura... Aos jovens dirá o que lhe parecer prudente.

Hoje à tarde não vou ao Instituto, irei no princípio da semana que vem. Veja se o Costa e os colegas são capazes de fazer dois bancos como os que estão na capela.

Veja também quais são os livros dos Santos Padres que

temos em *latim* ou em *italiano*. E que tal a lista do que falta em Rivoli? Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IV, p. 248, n. 409]

58

Ao P. Filipe Perlo

Turim, primeiros dias de janeiro de 1905

Consola-me ter conhecimento do número de crianças batizadas, porque assim cresce o número de protetores nossos no Céu. Continuai a ser prudentes para que, se estas crianças batizadas não morrem, não fiquem depois expostas a perder a fé mesmo antes de bem a conhecerem. O essencial, sempre, é formar bem o ambiente e preparar a conversão geral por meio da caridade e a instrução.

Mando nomes de benfeitores e benfeitoras que devem ser dados aos batizados; no registo dos batismos de cada estação de Missão devem escrever-se também os apelidos, cuja lista vos envio...

[*uma lista de 30 nomes segue*]

Para acudir às despesas das Missões, o Sr. Vice-Reitor oferece-lhes generosamente as receitas da publicação do Periódico. Mas, como para tudo o resto, a gente precisa de ler coisas interessantes; e dado que nele se fala quase só das Missões, é preciso que o Periódico seja feito de maneira a agradar a todos. Como podemos nós fazer isto quando as cartas e os diários dos missionários são tão pobres e escassos de interesse? É por isso absolutamente necessário, como é necessário o pão de cada dia, que os diários observem as seguintes normas que V. Rev.a completará e explicará.

1. Descrições *pormenorizadas* de cada lugar-aldeia, plantas, animais, produtos, etc.
2. Habitantes, caráter, costumes, práticas supersticiosas nas várias circunstâncias da vida, nascimentos, matrimónios, doenças, mortos, etc.; opiniões religiosas, festas, etc.
3. Vosso relacionamento com eles, e deles para convosco, troca pormenorizada de conversas, etc.

É preciso imaginar o desejo comum de saber *todos os pormenores* acerca dos batismos! Peço-vos, portanto, para explicar a situação da família, o que fazem para obterem sucesso, e os pequenos diálogos que se fazem... Por isso, indo vós ao encontro deles que, primeiro se sentem desconfiados, depois um pouco mais corajosos, e finalmente curiosos mesmo acerca da religião... contai-nos também todas as perguntas ingénuas que fazem... e finalmente os sucessos da catequese. Resumindo: mandem-nos muitas piadas, historietas - e tudo muito em pormenor.

Sei muito bem que certos missionários pensam que não são capazes de fazer isto: não acredito! Espicace-os V. Rev.a, incutindo neles a ideia que isto faz parte dos seus deveres e é para glória de Deus e para o bem do trabalho missionário.

O Senhor abençoe todos os meus caríssimos filhos em Nosso Senhor Jesus Cristo, e que a nossa Mãe Consolata os encha de coragem para fazerem muito bem.

[Vol. IV, pp. 269-271, n. 418]

59

Aos missionários do Quénia

Turim, 6 de janeiro,
Festa da Epifania, 1905

Ad maiorem Dei gloriam
[Para a maior glória de Deus]

Caríssimos filhos em N.S.J.C.,

Chegou ao seu termo o feliz ano das nossas festas centenárias, e estão ainda os nossos corações repletos da suave comoção por tantas homenagens prestadas à nossa celeste Padroeira. Turim, o Piemonte inteiro, e muita gente de várias partes da Itália e do estrangeiro - todos unidos num só coração e numa só alma para venerarem e invocarem a Santíssima Virgem Consolata! A relação da festa publicada no

Periódico só consegue dar uma pálida ideia do entusiasmo de que fomos testemunhas durante aqueles santos dias passados aos pés da Veneranda e Venerada Imagem.

A tão admirável cortejo não podia faltar, e não faltou, o obséquio dos filhos benjamins da Consolata. Tendo-vos preparado com uma fervorosa novena, e com o jejum da vigília, procurastes preparar-vos também na pobreza das vossas capelas para celebrar o faustoso acontecimento com a maior solenidade possível. Um sacrifício bem doloroso foi certamente para vós estar tão longe do caro Santuário e não poder contemplar a Santa Imagem adornada com as nove coroas.

E por ter sido tão sentido este sacrifício, mereceu ele obter muitas bênçãos especiais da vossa Mãe Celeste para vós, para todo o Instituto e para as amadas populações por quem trabalhais.

Os nossos seminaristas sentiram-se orgulhosos de serem vossos representantes junto da Mãe Consolata, e também eu senti esse mesmo dever de maneira muito especial. Posso até dizer-vos que esqueci as minhas muitas outras preocupações para só recordar, como pai desta família que sou, que tenho de vos apresentar, todos juntos e cada um em particular, à nossa querida Mãe celeste. A ela pedi o aumento material do Instituto e a graça para continuardes a desenvolver em vós a vontade e o entusiasmo de vos santificardes, e a sempre zelardes a conversão do povo com quem trabalhais.

As sábias conclusões das vossas conferências do passado mês de março[15] mostram-me claramente que este esforço pela vossa própria santificação tenha sido o vosso supremo desejo. O vosso caro Superior aí com certeza que já vos disse quanta consolação eu senti ao ler essas vossas deliberações: nelas vi que o Espírito Santo nitidamente vos assistiu e iluminou. Relendo e meditando eu depois essas vossas decisões, concluí que elas merecem a minha plena aprovação. Nessas conclusões começastes vós a cumprir o que prescreve o Regulamento: que se vão fixando

[15] O Fundador se refere à primeira (e famosa) "Conferência pastoral" de Murang'a (1-3 de março de 1904).

normas de vida e de ação apostólica conforme sugere a experiência, normas essas que são as mais aptas para concretizar a vossa finalidade.

As normas foi o Senhor que vo-las inspirou: importa agora pô-las em prática com precisão e perseverança. E mesmo neste ponto tive já notícias consolantes. Deixai-me com toda a força insistir que deveis praticá-las sempre e sem exceção. Não há dúvida que a experiência sugerirá alterações e achegas que serão discutidas nas conferências deste ano; mas, por agora, e até terdes novas instruções da parte do vosso Superior, é indispensável que cada um ponha exatamente em prática estas disposições sem se outorgar o direito de optar por variante alguma, nem pensando que algo diferente seria melhor, nem com a desculpa que os métodos estabelecidos não dão os resultados que se esperavam.

Se na prática do dia a dia parecesse oportuno e útil alguma mudança, não convém que o indivíduo missionário tome a decisão por si próprio: deve referir o caso ao Superior e esperar pela decisão dele.

Considero útil recomendar-vos também o bom uso do tempo. É o Espírito Santo que tal nos diz: *Fili, serva tempus* [Filho, cuide do tempo]. O tempo, pode um indivíduo perdê-lo na ociosidade: espero que tal nunca aconteça a nenhum de vós, nem usar o tempo em coisas inúteis ou de maneira desordenada. A qualidade de vida que aí viveis é tão diferente daquela a que estáveis habituados aqui na Itália que seria fácil desorientar-vos e tornar-se difícil organizar bem as vossas ocupações. Mas mesmo que não seja fácil organizar-vos, não é impossível fazê-lo com um pouco de boa vontade e com a graça de Deus.

E devo dizer que esta organização vos é apresentada já no horário quotidiano: empenhai-vos a segui-lo pontualmente, direi mesmo escrupulosamente, exceto em caso de impossibilidade verdadeira. Esta observância deve sempre ser o primeiro ponto do exame particular de consciência ao meio dia e à noite. Quando houver impossibilidade de praticar as obras do ministério explicitadas no horário, como por exemplo em dias de chuva, é

preciso observar uma certa ordem e um justo discernimento na ordenação daquilo que se deve fazer.

Não seria justo agarrar-se à primeira ocupação que surge na ideia; é melhor refletir por uns instantes qual das sugestões mentais é verdadeiramente a melhor para ser posta em prática, e isto sem esquecer a razão única da vossa presença aí na Missão. Imitai aquele frade que quando devia escolher entre várias opções, dizia: *Quid hoc ad aeternitatem* [O que me beneficia pela eternidade]? Como é que isto realiza o objetivo do meu apostolado?

Entre as obras de maior importância creio que se encontra o estudo da língua indígena: esta pode parecer fácil no que respeita as palavras referentes a coisas materiais, mas é certamente difícil quando se trata de ideias abstratas, e especialmente as de ordem sobrenatural. Mas não há dúvida que para realizar com êxito o vosso ministério espiritual é indispensável ter um conhecimento pleno da língua local. Por isso mesmo, recomendo-vos vivamente este estudo sério e contínuo em todos os momentos em que estais livres de outras ocupações.

Algo que tem mais importância do que poderia parecer à primeira vista, e um ofício que deveis praticar mesmo nos dias de muito trabalho, é a compilação do diário - coisa que deve ser feita de maneira a concretizar a finalidade que o Regulamento lhe atribui. Para tal, observai as seguintes normas: No primeiro dia de cada mês, referir a ordem das ações prescritas no horário, ou aquelas que o horário deixa à discrição de cada superior de missão. Naturalmente, se fazeis o que está decidido no horário, não é preciso repeti-lo todos os dias.

Mas se algum ponto do horário não pôde ser praticado, esse deve ser declarado, explicitando mesmo o motivo: se por mau tempo, por falta de saúde ou algo semelhante. Mas o que é mais importante referir no diário são os costumes e as usanças dos indígenas por quanto vós os conheceis, e considerando também o vosso relacionamento com eles. Descrever depois de que modo eles aceitam o que lhes dizeis, que impressão fazem sobre eles as vossas palavras; as vossas conversas com eles; o que eles vos relatam; as suas interrogações, perguntas e objeções sobre as

verdades da fé. Por exemplo: sei que por toda a parte tratais os doentes, e por vezes um grande número mesmo cada dia.

Mas esse trabalho faz-se certamente com conversas interessantes: talvez sobre a história da origem da doença que curais, sobre as curas que eles já fizeram por si próprios, a confiança ou desconfiança que mostram no tratamento que lhes dais, como eles recebem as vossas palavras que mostram o vosso interesse nos seus males, os ensinamentos religiosos que com eles partilhastes. Mais ainda: que tendes para contar sobre os batismos administrados às crianças? Graças a Deus que já fizestes alguns, em várias estações de Missão; mas em nenhum dos vossos diários aparecem descrições dos pormenores destes acontecimentos que tanta importância têm para os nossos benfeitores.

É impossível dizer-vos aqui tudo o que deveis escrever. Basta que recordeis as crónicas dos jornais e as descrições tão pormenorizadas dos vários acontecimentos que se leem.

É verdade que não podeis descrever desta maneira todos os encontros de cada dia, mas fazei-o, e completamente, dos fatos mais curiosos e interessantes. E a propósito do diário, não aprovo que se faça habitualmente depois do jantar, como faz um ou outro: isso é prejudicial à saúde: encontre cada um alguns momentos para o fazer antes do jantar.

Outro trabalho importante que deveis fazer, mesmo se for necessário roubar um pouco de tempo às obras do ministério, é cuidar bem da horta *(*cf. *o Regulamento, Cap. IV, art. 19)*. Cada estação de Missão deve ter, se as circunstâncias o permitem, uma horta capaz de produzir abundantemente toda a hortaliça de que os membros dessa estação precisam. É meu desejo que o local onde se encontra cada horta de cada Missão, e também as suas dimensões, sejam determinadas pelo Superior, o P. Perlo, e que, sem licença dele, não se mude a horta para outro local.

Fica ao cuidado do superior local que sejam feitas as sementeiras de maneira a ter sempre hortaliça e legumes conforme as necessidades. É preciso portanto ter grande cuidado para semear a tempo o que é necessário, a tempo fazer as transplantações convenientes, mondar as ervas daninhas, fazer a

rega adequada, defender a horta dos ataques do porco-espinho e de outros inimigos, usar os remédios que a experiência ensina contra os insetos e outros invasores que possam eventualmente danificar a colheita dos produtos.

Sublinho estes pormenores porque, lendo os diários, verifiquei que nem sempre se têm estes cuidados, e que, portanto, nem sempre se tira partido duma riqueza local que produz mesmo uma poupança nos custos do sustento diário da comunidade. Mais ainda, é certo e fidedigno que, alimentando-vos, ao menos em parte, da hortaliça e dos alimentos a que estáveis habituados na nossa pátria, muito com isso ganhará a vossa saúde.

Permiti que vos faça ainda mais duas recomendações que penso muito vos ajudarão por agora: a caridade e a perseverança. Da caridade, e mais especialmente ainda da mansidão que deveis usar ao tratar com os indígenas, já vos falei outra vez - e com muito afinco! - e por isso penso que não precisais que volte a fazê-lo. Quero só reafirmar que este vosso comportamento tem muito peso no meu coração, e por isso desejo que seja um dos propósitos que deveis renovar todas as manhãs na vossa meditação sagrada. Mas neste momento quero marcar bem a necessidade da vossa caridade mútua. Com o multiplicar-se do número de pessoas aumenta também a multiplicidade das opiniões, pois é verdade que cada cabeça sua sentença, e muito aumenta também a dose de amor próprio ou egoísmo, mesmo sem disso nos apercebermos.

E surge naturalmente o desejo de discordar do modo de pensar e de agir dos outros confrades e, por vezes, até dos superiores. Cuidado com esta tentação, pois ao começar o sistema da crítica mútua é produzida também a esterilidade para as vossas fadigas, e isto marcaria o início do fim do Instituto. Se durante o exame de consciência à noite virdes que falhaste neste ponto durante o dia, deveis remediar fazendo um propósito sério, e mesmo abjurar as palavras de crítica que porventura tiverdes pronunciado.

Uma outra ocasião para tentação contra esta caridade recíproca pode bem ser a atribuição, pelos superiores, dos trabalhos ou

funções entregues a cada um, no sentido de pensar que a certos membros foram dados empregos mais importantes, ou mais cómodos, e que não tiveram em conta os méritos de cada um.

Quando daqui partistes prometestes sacrificar-vos totalmente por amor das almas. Aceitaste submeter-vos a toda e qualquer privação e incómodo, e de vos contentardes com qualquer ofício, se isso vos ajuda a santificar-vos a vós próprios e ao próximo.

Não esqueçais nunca estas vossas generosas deliberações: pelo contrário, renovai-as frequentemente, especialmente quando a inveja e o descontentamento se infiltrarem no vosso espírito. Não vos sintais ofendidos por eu vos fazer tal recomendação, pois esta mesma tentação já se manifestou mesmo no início da Igreja, não obstante o fervor dos primeiros convertidos.

Por isso mesmo S. Paulo decidiu insistir repetidamente contra tal atitude, e até o fez com a comparação interessante do comportamento dos vários membros do corpo humano e as funções de cada um (cf. *a Carta aos Romanos, cap. 12, vers. 12 e seguintes*). Esta consideração sobre o fato que somos todos membros dum só corpo, e que cada membro, por menos nobre que seja, deve concorrer para a harmonia de corpo inteiro, deve infundir coragem especialmente aos Irmãos quando se aplicam a trabalhos materiais: recordem sempre que estes seus trabalhos são verdadeiras obras de apostolado em favor daqueles que ainda não conhecem a revelação do Senhor Jesus. E por isso estes trabalhos, quando feitos com fé e com zelo, receberão de Deus o mesmo prémio que ele lhes concede quando fazem obras espirituais.

A última recomendação que vos quero fazer é sobre a santa perseverança. Depois de um, dois ou mais anos de fatiga apostólica nesses campos, se não vedes ainda os frutos de conversão que naturalmente esperáveis, isso pode tornar-se uma verdadeira tentação para o desânimo. O Card. Lavigerie, que muito sabia acerca do que são as Missões, escreve que «esta aparente esterilidade apostólica é um dos sofrimentos mais dolorosos para um missionário, especialmente no início do trabalho de missão. De fato, é coisa sempre necessária e difícil

tirar um povo do erro e conduzi-lo à verdade, dos vícios da rusticidade à civilidade, à virtude...

E é por isso que, se um missionário chega a esses lugares com ilusões bastante comuns aos temperamentos generosos, se pensa que basta mostrar a sua pessoa a quem o escuta para os converter, esse missionário bem depressa sentirá o aguilhão do desânimo».

Mas não é isso que deve acontecer. Primeiro, porque não é verdade que os frutos são tão escassos como parecem: graças a Deus já se conseguiu muito e, sou sincero, já se conseguiu mais do que eu esperava, especialmente se pensamos que a preparação da maior parte de vocês não foi aquilo que devia ser. Pode ser que nem todos entre vós vejam estes frutos, assim como uma mãe que, porque vê continuamente o seu menino ao pé de si, não repara como ele cresce de estatura.

E que dizer do bem-querer e do sentido de confiança que já têm em vós, especialmente por causa dos bons cuidados e curas que lhes prestais; e depois, como leio nos vossos diários, como eles cada vez mais se interessam por tudo o que fazeis e dizeis – o que, certamente, é coisa muito significativa e um bom indício, se consideramos a natural apatia que por ventura poderiam sentir. E o batismo de crianças em ponto de morte, não é isso uma consolação que o Senhor vos concede, que supera de muito a minha expetativa? Portanto, não vos deixeis deprimir: pelo contrário, começai a agradecer vivamente à nossa Mãe Consoladora que abençoa as vossas fadigas com bênçãos que considero excecionais, especialmente quando penso no que acontece em outras zonas missionárias no início dos seus trabalhos.

Suponhamos mesmo que os frutos que colheis não correspondem às fadigas que suportais: é isto que vos deve fazer perder a coragem? Recordai que cada um receberá o prémio *secundum proprium laborem* [de acordo com o seu trabalho], e não segundo o resultado obtido. Nas vidas dos santos, quantos exemplos de fadigas apostólicas extraordinárias sem a consolação de aparente recolha de frutos. Se isso vos acontecesse também a vós, e eu espero que não, mas se acontecesse, escutai o que diz o Car. Lavigerie:

«O que se pede ao missionário não é o bom resultado do trabalho, mas a fidelidade aos seus deveres». Afinal, a verdade é que, trabalhando com perseverança, cumpre-se a vontade de Deus; e então pode o missionário dizer como Jesus: *Meus cibus est ut faciam voluntatem Eius qui misit me, ut perficiam opus Eius* [o meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra] (Jo 4, 34)."

Portanto, eia sus! Sempre em frente, corajosos, cheios de zelo, constantes, olhos fixos no prémio que Deus prepara para aqueles que terão praticado e ensinado segundo as palavras de Jesus Cristo: *Qui fecerit et docuerit hic magnus vocabitur in regno coelorum* [Aquele que praticar e ensinar, esse será grande no Reino dos Céus] (Mat 5, 19).

Que a bênção da Consolata, que vos mando de todo o meu coração, vos solidifique em propósitos santos e vos obtenha a graça de os praticar com pureza de intenção, com fervor e com perseverança. Vosso com afeto em Jesus Cristo...

[Vol. IV, pp. 276-282, n. 420]

60

Ao P. Tomás Gays

Turim, 26 de janeiro de 1905

Caríssimo P. Gays,

Há muito tempo que não recebo nenhuma carta de V. Rev.a. e de há mais tempo ainda que não recebo nenhum diário seu. Não creio que seja questão que as cartas se tenham perdido, porque outras cartas que mandou a outras pessoas chegaram cá e enviei-as aos seus destinatários.

Não me é fácil compreender o seu silêncio em questões que considero importantes e mesmo prescritas pelo Regulamento. Creio qie V. Rev.a sabe bem quanto amor eu lhe tenho; por favor, ajude-me a tirar, sem demora, este espinho doloroso que me dilacera e que, penso, não mereço.

Sei que aí trabalham todos com bom espírito, e que V. Rev.a ajuda de coração o P. Perlo para que os nossos missionários

trabalhem para a própria santificação e o bem dessas pobres populações. Louvo, acredite-me, o seu trabalho especial na composição do Catecismo em língua local, e o interesse e empenho com que se dedica à obra maravilhosa da formação dos catequistas. Louvado seja por isto o Senhor!

Os dois sacerdotes que vão chegar são bons sujeitos, penso e espero que darão um bom contributo ao vosso trabalho. O jovem Aquilino conhece vossa Rev.a muito bem, todos o tratam como um verdadeiro e bom confrade, mesmo se ainda não emitiu os votos.

Uma bênção especial da sua Consolata venha sobre si para que o conserve sempre em boa saúde para o bem comum. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IV, p. 285, n. 421]

61

Ao Ir. Bento Falda

V.J.M.J. Turim, 26 de janeiro de 1905

Caríssimo Bento,

Quantas vezes penso no meu querido Bento, e como desejaria eu vê-lo ao meu lado no meu quarto para ouvir as suas conversas sempre cheias de brio e alegria! Também as Irmãs e os nossos seminaristas recordam sempre o vigor e a vivacidade do Bento.

Sei que para o teu coração sensível é fácil sentir saudades e mesmo melancolia, e que por isso precisas de vez em quando duma palavra que te infunda ânimo e coragem.

Quando isto te acontecer, pensa em mim, e escuta a minha voz repetir: *Coragem in Domino!* e quanto eu te diria! Mas aí, não tens tu um Superior que te quer muito bem e que me escreve maravilhas sobre o teu comportamento!? E depois, o Jesus no Santíssimo Sacramento, que faz leões de cordeiros! Recorda, és seu sacristão...

Peço-te que não te canses demais no teu trabalho, e que quando estás cheio de suor não apanhes ar frio nem humidade. O que eu quero dizer é que tenhas cuidado com a tua saúde. Não reprovo as tuas longas cartas aos teus familiares e amigos, mensagens de que eles tanto gostam; mas, para que eu não tenha ciúmes, escreve-me

também abundantemente a mim e ao Sr. Vice-Reitor. Chegará aí um querido jovem, Aquilino Caneparo, que é bom carpinteiro e tem jeito para ensinar esse ofício a outros: recebe-o como um teu irmãozinho mais novo, como se fosse o teu Alexandre. Também ele é Irmão Leigo como vós, e muito bem observa o Regulamento; mostra-lhe amizade e ajuda-o a ser um bom missionário, e não deixes que ele (digo-te isto em confidência!) não deixes que ele passe muito tempo com Ametis... Para isto, confio em ti e no Agostinho.

Coragem no Senhor, e confiança no Paraíso que te será concedido quando já não tiveres gosto em morar cá na terra...

Aqui vai uma minha bênção especial que te mando daqui onde estou aos pés de nossa querida Consolata.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IV, pp. 287-288, n. 422]

62

Ao P. Filipe Perlo

Turim, 3 de fevereiro de 1905

Caríssimo Teólogo,

Recebi a sua carta hoje mesmo de manhã às 9h30, e às 11h30 fui ter com o Padre (do Cottolengo) para discutirmos o problema.

Disse-me ele que já tinha escrito às Irmãs para que *obedecessem aos missionários*. E que se lhes disse para não copiarem, etc.... que isso se referia somente a coisas confidenciais e próprias dos sacerdotes. Isto é, que se referia só a coisas que poderiam diminuir nas Irmãs a plena estima e reverência aos sacerdotes. Disse isto por receio que V. Rev.a se sirva da secretária para mandar avisos de reprovação aos mesmos sacerdotes. Ora eu penso que isso seria impossível considerando a prudência de V. Rev.a.

Que, portanto, não tinha intenção de falar dos apontamentos sobre as minhas mensagens, ou das mensagens de V. Rev.a às casas e aos missionários, ou dos diários e coisas semelhantes, e muito menos do que se refere ao armazém. Disse-me para eu

dizer isto a V. Rev.a para que o comunique às Irmãs em seu e meu nome. Disse-me ainda que quer que estas coisas sejam observadas pelas Irmãs em todas as estações de Missão, das quais irmãs poderiam servir-se para escrever, ou para qualquer outra atividade.

Tendo-lhe eu perguntado se se podem tirar fotografias à Irmãs respondeu que sim, mas não sozinhas, *como comparsas*; mas se for em fotos com grupos de indígenas e/ou com os missionários, não via dificuldade alguma, como fazem todas as outras Irmãs nas Missões, até pelo contrário.

Disse-me que gostou das fotos do grupo de Limuru para a festa da Consolata. E pediu-me que eu lhe mencionasse isto a si para que avisasse as Irmãs em nome dele.

Em terceiro lugar, falei-lhe do canto e da música, ele concordou, não só na igreja mas também simplesmente em casa, e mesmo quando viajam pelas aldeias, pois os Kikuyus são verdadeiramente apaixonados pelo canto e, portanto, por este meio de apostolado. Contou-me a sua alegria que o canto *Lodate Maria* [Louvado seja Maria] esteja já aí tão difuso e ensinado.

Disse-me também que já escreveu a V. Rev.a para que em cada estação de Missão o Superior se dirija à Assistente para assuntos gerais, como manda a regra, mas disse-me também que pode dirigir-se diretamente a cada uma que trabalha num ofício particular, como por exemplo a costureira, etc.

Tenho confiança que as boas Irmãs serão obedientes à minha voz e à voz do (seu próprio) Padre e que, com verdadeiro espírito de filhas de Deus, hão de trabalhar pela salvação dessas pobres gentes.

Para todas as Irmãs vai a minha bênção, como também para todos vós, e para a V. Rev.a que tão querido me é a mim.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IV, pp. 294-295, n. 425]

63

Ao P. António Borda-Bossana

5 de maio de 1905

Caríssimo Teólogo,

Respondo às duas últimas cartas de V. Rev.a que muito querido me é. Da segunda carta agradeço especialmente os pormenores acerca da futura estação de Nossa Senhora das Flores. A Senhora anda à procura duma menos indigna morada; não admira, portanto, que seja preciso superar vários imprevistos para chegar ao lindo monte que me descreve V. Rev.a. Está escrito: *«Ego in altissimis habito… flores mei fructus honoris et honestatis»* [Moro lá no alto… as minhas flores são fruto da honra e da honestidade].

Voltando à sua carta: consigo me alegro que o Senhor lhe faça saborear os frutos produzidos por um missionário digno de tal nome. Aos apóstolos e aos seus discípulos enviou o Senhor Jesus *sine pera, sine calceamentis* [sem bolsa nem sandálias], com o que se segue; e para ser deles digno sucessor deve V. Rev.a tomar parte em provações semelhantes. Seja generoso, e então muitas serão as graças do seu apostolado.

Porém, como pai que lhe sou em N.S.J.C., e seu reitor também, tomo a liberdade de lhe dizer que V. Rev.a deixa por vezes que a sua mente se encha das névoas do amor próprio e da inveja, como se os outros o não estimassem como deveriam aí, e talvez também em Turim. Pobrezito!…

Não se deixe abandalhar por semelhantes lucubrações. Aí, bem o sei, é V. Rev.a muito amado por todos. Cá por mim, sabe bem V. Rev.a quanto o amei, e o amo sempre. Mas então, por que pensar em ficar para trás dos outros e sentir pena de não ter obtido lugares mais eminentes? Não se recorda que eu dizia que os melhores vigários paroquiais são colocados nos lugares mais difíceis? Contente-se de ficar onde está, ou de viajar para outros lugares que porventura lhe forem indicados. Não perca o fruto do voto de obediência querendo avaliar demasiado o mérito das decisões dos superiores.

Mais ainda: pela confiança que em si tenho, e porque desejo que seja um verdadeiro apóstolo, digo-lhe ainda que você tem inclinação a olhar muito para o alto, a invejar a mansão dos seus colegas, e por isso facilmente julga todos e tudo. Rumine bem as palavras da *Imitação de Cristo* sobre o juízo que de outrem se faz. Talvez nem reflita V. Rev.a sobre o voto de pobreza que proferiu, pois continua a amassar teres e haveres por demasiada cautela, coisas de que pouco ou nada precisa e que correm o risco de mais tarde ou mais cedo caírem em desuso e de nada aproveitarem a quem as acumulou.

Imagine quanto, a mim e à caridade pública custa prover-vos do necessário; porque deve aferrar-se ao supérfluo? Pior ainda a desvirtude de amontoar para si coisas retiradas de outras casas ou a outrem; não será isso o apego do rico do evangelho, que muito se deleitava ao ver bem cheios os seus celeiros...

Caro amigo meu, se lhe quadrar fazer milagres nas Missões, seja humilde, satisfaça-se do puro necessário, saboreie mesmo privar-se de tantos empecilhos, desenvencilhando-se de tudo - e mais ainda! Não se ofenda V. Rev.a da minha audácia paterna; trabalhe unicamente para a glória de Deus e segundo a visão de quem em nome de Deus lho prescreve. Se assim se comportar, então os ricos dons de que o Senhor o cumulou não se tornarão *in destructionem* [para destruição], mas em grande *aedificationem* [construção] para as nossas Missões.

Tudo isto que lhe escrevo, foi aos pés da nossa Consolata que o decidi. Por favor, escute estas minhas palavras com o coração: examine-se contemplando o exemplo de S. Francisco Xavier, e decida imitá-lo especialmente na humildade e na pobreza.

Com a minha bênção especial para si e para a Missão da Beata Virgem Maria das Flores. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IV, pp. 390-391, n. 433]

64

Aos missionários do Quénia

J.M.J. Turim, 4 de agosto de 1905

Caríssimos em J.C.,

Chegou finalmente a Turim o P. Perlo, vosso Superior, que foi recebido com muito carinho e afeto por S. Em.a o nosso Cardeal, pelos nossos benfeitores e por toda a gente.

Trouxe-me ótimas notícias sobre as Missões e sobre vós, afirmando que existe entre todos a caridade, a obediência e um zelo esforçado pela conversão do seu povo pobre.

Agradeço ao Senhor que abençoa tantos sacrifícios que se fazem pelo bom andamento das nossas Missões. É óbvio que a nossa Padroeira celestial vos protege, sem sombra de dúvida.

Já adivinhastes a razão porque eu chamei à Itália o vosso caro Superior. E não é só por desejo de rever algum dos meus queridos filhos da África: era necessária a visita do vosso Superior para advogar a causa das nossas Missões junto da Santa Sé. Por isso mesmo deverá ele demorar-se aqui algum tempo. Tenho a certeza que durante a sua ausência cada um de vós se vai comportar segundo as normas estabelecidas. E isso também para poderdes receber a desejada graça da estabilidade das nossas Missões.

Portanto, continuai a rezar e a estimular esses neófitos a rezarem também por esta mesma intenção; e à oração uni também o espírito de mortificação, à qual foram prometidas graças sempre maiores.

Solicitado de tal forma, tem de o Senhor conceder quanto desejamos e lhe pedimos, e bem depressa poderemos cantar-lhe um *Te Deum* de agradecimento.

Abençoo de todo o meu coração cada um de vós individualmente, e também as boas Irmãs.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IV, pp. 422-423, n. 441]

65

Aos missionários do Quénia

Turim, 25 de setembro de 1905

Caríssimos no Senhor Jesus Cristo,

Com o coração cheio da mais intensa alegria, dou-vos a consolante notícia que a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé elevou a nossa Missão ao estado de Missão independente, e confiou a inteira Província do Quénia aos Missionários da Consolata, anexando a essa Província a estação de missão de Limuru (decreto de 14 de setembro de 1905).

Nestas poucas palavras está resumida a história de muita trepidação e de longas práticas que tiveram um resultado superior a toda a nossa expetativa. Trepidação que me angustiava de há três anos para cá com o receio que este primeiro campo das nossas fadigas nos fosse tirado, sem poder imaginar qual ia ser o lugar destinado pela Providência para ser a sede duradoura dos meus missionários: práticas laboriosas que começaram quando fomos intimados a abandonar Metumi; práticas que duraram até hoje com um resultado felicíssimo e verdadeiramente inesperado, no sentido que todos os nossos pedidos foram aceites pela Sagrada Congregação de Propaganda, coisa raríssima em tais situações.

Seria impossível não reconhecer neste fato a proteção especial da Consolata, a Consolata que, depois de ter levado os seus missionários para um dos países mais belos e mais saudáveis da África, no-lo dá permanentemente - não obstante todas as dificuldades.

A história destas dificuldades, tal como as longas práticas para as superar, a vós a vai contar o vosso caro Superior, o P. Perlo. Sem dúvida vos dirá também a grande bondade e benevolência que por vós todos e pelos caros indígenas mostrou o Santo Padre numa longa audiência particular, juntamente com o Card. Gotti e vários outros cardeais.

Por agora basta que saibais que o Santo Padre pronunciou palavras de grande apreço pelo andamento das nossas Missões e particularmente pelos vossos trabalhos apostólicos, e que ele, para

cada um de vós missionários e missionárias em particular, envia de todo o coração a sua bênção apostólica, acrescentando que espera grandes frutos do nosso Instituto.

Muitas expressões de louvor e encorajamento ouvimos nós de muitos cardeais aos quais tivemos de recorrer nesta ocasião, sublinhando eles em uníssimo especialmente duas coisas: a organização das nossas Missões, e a união de todos vós no trabalho tanto espiritual como material. A estas duas coisas, depois de à graça de Deus, dizem eles, devem atribuir-se os resultados extraordinários obtidos em tão pouco tempo.

Pela graça de uma boa organização deveis agradecer ao vosso Superior local que soube interpretar plenamente as minhas intenções e concretizar as instruções que lhe fui dando segundo as necessidades; e isto deve aumentar a vossa confiança nele e levar-vos a uma cada vez mais perfeita obediência.

Quanto à união de ação, essa é especialmente mérito vosso porque soubestes uniformar-vos completamente às instruções recebidas. E deve isto servir de estímulo para uma obediência ainda mais perfeita no futuro: obediência não só nas ações mas também na maneira de pensar para assim renunciardes às maneiras de ver pessoais e à maneira de julgar individual, e a empenhar-vos a pronta e exatamente acatardes as normas já recebidas ou que recebereis no futuro.

Depois de estabelecer a nossa Missão no Quénia, Sua Em. o Cardeal Gotti nomeou superior dela o Rev. Padre Perlo, outorgando-lhe a jurisdição e todas as faculdades normalmente atribuídas aos Vigários Apostólicos, excluídas só as derivadas da Ordem Episcopal.

E por isso, de hoje em diante cessa sobre vós a autoridade do Vigário Apostólico de Zanzibar. E todas as faculdades que ele vos tinha concedido no que diz respeito ao exercício do sagrado ministério estão agora nas mãos do P. Perlo.

Por esta eminente graça já nós agradecemos à nossa Consolata com especiais cerimónias no Instituto. Pela vossa parte, já não recitareis as orações que até agora rezáveis depois da Missa pela graça agora já obtida. No primeiro Domingo depois de receberdes esta notícia, cantareis em cada estação de Missão um *Te Deum* seguido da

Bênção com o Santíssimo; e depois, durante oito dias, em cada Missa rezareis a oração coleta *Pro gratiarum actione* [em ação de graças].

Se esta graça é para nós causa de santo júbilo, deve também ser motivo de maior confiança ao considerarmos a série contínua de bênçãos que nos vêm da nossa Consolata, confiança esta que deve aumentar com o crescente desenvolvimento que todos desejamos para esta nossa obra apostólica.

Na esperança que assim vos comportareis, e com este desejo no meu coração, mando-vos a minha bênção paterna.

[Vol. IV, pp. 455-457, n. 447]

66

Aos missionários do Quénia

Turim, 27 de novembro de 1905

Caríssimos filhos em Nosso Senhor Jesus Cristo,

eu vos saúdo e vos desejo todas as graças. O meu coração está convosco, convosco está a nossa Padroeira, a Consolata, convosco está o Senhor por meio da bênção do seu Vigário na terra, o amável Pio X.

Trabalhai pela vossa santificação e pela conversão das pobres dessas terras. Mantende vivíssima a vossa fé em Jesus no Santíssimo Sacramento, e uma devoção cheia de ternura para com a Virgem Santíssima. Sede obedientes e sereis santos; sede humildes e salvareis muitas almas. Felizes sereis vós se sempre pensardes *ad quid venisti* [com que propósito você veio]? vivereis sobrenaturalmente e não vos tornareis tíbios da tibieza que causam as misérias deste mundo. *Sursum corda - merces vestra copiosa est in coelis* [Corações ao alto - grande é a sua recompensa no céu].

A minha bênção para todos vós: sacerdotes, irmãos, irmãs, batizados, catequistas, catecúmenos, etc.

[Vol. IV, p. 473, n. 449]

67

Ao Irmão Bento Falda

V.J.M.J. Turim, 26 de fevereiro de 1906

Meu sempre caríssimo Bento,

As tuas cartas, um tantinho raras, muita alegria me dão, especialmente a última: ao recebê-la, imaginei encontramo-nos no meu escritório no dia em que a mim te apresentaste pela primeira vez. Acredita, nos teus escritos eu vejo todo o teu coração - de tal maneira deles gosto!

Sei que estás melhor de saúde, mas eu quero que tu te cures *perfeitamente,* e isto te ordeno em nome da Santíssima Consolata. Procura não te cansares muito no trabalho, não te afadigues, tem paciência quando as coisas não correm como desejas -- o que acontece muitas vezes...

O que te recomendo em particular é de não te perderes de coragem por causa dos teus defeitos, seja no campo da humildade, ou da obediência, ou da caridade, ou por qualquer outra razão. Ainda não és santo, e isto será o teu pão de cada dia enquanto viveres cá na terra – o que afinal é fruto do teu caráter ardente. Basta que tenhas sempre, diante de Deus, o desejo de te emendares, de diminuíres a quantidade e a gravidade das tuas faltas, prostrando-te humildemente diante de Deus e dos colegas ou superiores. E depois, sempre alegre como antes, sem esquecer a tua santa Comunhão diária.

Muito bem podes tu fazer a essa gente, ensinando-os a trabalhar e instruindo-os nas verdades da nossa Santa Fé! No diário, descreve minuciosamente as conversas que tens com eles; acredita-me, gostamos muito do teu diário; escreve-o ao menos uma vez por semana.

A tua querida mãe, que encontro muitas vezes, reza por ti e pela tua perseverança na vocação; os teus parentes gostaram muito dos teus presentes e adoram saber que és missionário da Consolata.

Então, meu Bento, coragem, repito, sempre muita coragem, escreve-me em breve e, olha, no dia da tua festa vou rezar Missa por ti para que sejas santo, e um santo missionário. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IV, pp. 490-491, n. 456]

68

Ao P. João Batista Rolfo

J.M.J. Turim, 26 de fevereiro de 1906

Caríssimo em N.S.J.C.,

Há muito que desejo responder às suas várias e gostosíssimas cartas. Para começar, agradeço ao Senhor que lhe dá a graça e a alegria na vivência desta nova vida: o bom Deus é sempre muito generoso connosco, e há de conceder-lhe o cêntuplo de quanto deixou, e mais, muito mais... Portanto, muita coragem sempre *in Domino qui te confortat*. [no Senhor que lhe dá força].

Não se preocupe se ainda não morreu em si o homem velho: para seu maior proveito deixa o Senhor que tenha de sofrer, como S. Paulo, certas tentações e misérias de soberba, ou talvez contra a castidade, para mais Ele lhe conceder a santidade, e para que tenha mais confiança nele e não em *omnis caro* (todo homem) em si própria. Coragem sempre, porque Ele *infirma elegit* [o Senhor escolheu o que é fraco] para fazer grandes coisas.

Compreendo a sua pena por causa daquele Batismo que não teve lugar, mas olhe que V. Rev.a agiu prudentemente; e por isso, não se preocupe, pense no mistério da graça de Deus. Vou mandar ao Rev. Superior algumas normas para todos acerca dos batismos dos moribundos, normas que também a si o ajudarão a ficar mais tranquilo em casos semelhantes. Fiquei muito contente com os diários, continue assim, por favor, descrevendo *minuciosamente* os fatos, por exemplo acerca dos batismos, as conversas e diálogos com a gente. São ótimos para publicarmos no nosso periódico.

Veio visitar-me o capelão do manicómio de Racconigi, e pediu-me para lhe dizer que fique tranquilo, pois os seus dois queridos estão bem, tranquilos e contentes, e também a sua irmã; ele, o capelão, vela por eles, encontra-se com eles várias vezes, diz que eles não precisam de nada especial: as irmãs mesmas dão-lhes muitos mimos porque, dizem elas, “temos um irmão missionário”!

Coragem, digo-lhe, *in Domino*, e não duvide nunca que eu rezo por si para que possa fazer muito bem a muita gente e assim ganhar para si um Paraíso maravilhoso. Com muito afeto...

[Vol. IV, p. 492, n. 457]

69

Ao P. João Batista Rolfo

J.M.J. Turim, 5 de abril de 1906

Caríssimo em N.S.J.C.,

Depois de escrever a V. Rev.a recebi duas cartas suas, às quais vou responder com duas palavrinhas. Li a carta aos irmãos e penso que tudo estava bem, só escrevi *mais ou menos* antes da palavra *mil*. Sei pelo irmão da cunhada, que é sacerdote, que a proposta foi bem aceite por esta cunhada e pelos irmãos, só à outra repugna, mas acerca disso lhe escreverão os irmãos.

À segunda carta respondo: Coragem, o verdadeiro fervor consiste na vontade; reafirme V. Rev.a frequentemente a vontade, e depois continue com confiança no Senhor. Agradeça ao Senhor por já não ter aquelas tentações; mas se o demónio lhas desse de novo, não se preocupe: quando se confia no Coração de Jesus nada há a temer: *tuta requies in visceribus Salvatoris* [descanso em segurança nas entranhas (= no coração) do Salvador], como diz Santo Agostinho. Continue a escrever o diário minuciosamente.

Coragem *in Domino*. Com muito afeto o abençoo...

[Vol. IV, p. 505, n. 462]

70

A João Chiomio

Turim, 6 de setembro de 1906

Caríssimo em J.C.,

Depois do testemunho do teu prior e do reitor do Seminário de

Giaveno, aceito-te no nosso Instituto. Por isso, se depois de leres o nosso Regulamento ainda te sentes chamado à maneira de vida dos nossos missionários, sê bem-vindo.

Vestido, portanto, do nosso santo hábito, e obtida a licença do nosso Card. Arcebispo, podes vir o mais depressa possível para começares a educação própria do apostolado.

O Senhor te abençoe e te conceda a graça de vires a ser um seu digno ministro. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IV, p. 589, n. 477]

71

Aos missionários do Quénia

Turim, 8 de dezembro de 1906

AD MAIOREM DEI GLORIAM
[Para a maior glória de Deus]

Caríssimos filhos em N.S.J.C.,

Durante o ano passado não vos escrevei nenhuma carta dirigida a todos, mas encarreguei o vosso querido superior de vos comunicar, ao voltar para o meio de vós, os meus pensamentos e as minhas intenções.

E ele fez exatamente isso, especialmente durante os Exercícios Espirituais. Confesso que muito me agradou saber que vós tudo isso aceitastes de boa mente, e que, até agora, vos esforçastes por cumprir o que vos pedi.

A vossa obra no meio desse povo querido, os kikuyus, atravessa agora um momento crítico e decisivo. Recebestes a sua confiança, e copiosamente lhes destes os ensinamentos religiosos que parece terem bem aceitado, graças a Deus. Mas agora é a prática das máximas cristãs que deveis começar a ensinar-lhes. Quer dizer que agora devem os corações deles começar a inclinar-se para observarem a lei de Deus.

O que obtivestes até agora foi a renúncia aos erros: falta o mais difícil, isto é, a renúncia a tudo aquilo que, no seu comportamento, é

contrário aos mandamentos divinos, para assim começar a verdadeira prática da vida cristã. A proteção da nossa Mãe Consolata, que obteve do Senhor os primeiros felizes resultados, não faltará certamente para obter a realização desta obra, alcançando também esta transformação dos corações.

Da nossa parte, para bem colaborarmos neste feliz resultado, é preciso a união de todas as forças e a subordinação a quem por Deus é chamado a dirigir o vosso trabalho. É necessário que toda a vossa atividade e zelo apostólico sejam constantemente animados pelo espírito de obediência. Não duvido das vossas boas disposições acerca do voto de obediência, mas sei quão dura é a batalha que nos move o demónio contra esta grande virtude, e quantos pretextos atira ele para o nosso caminho para impedir que a nossa obediência seja perfeita.

Primeiramente, procura ele despir a obediência do seu caráter essencial, que consiste em reconhecer Deus em quem tem autoridade, e que os defeitos do superior nada têm a ver com o dever de obedecer. Em seguida, esse manhoso inimigo convence-nos que os nossos méritos não são suficientemente reconhecidos pelos superiores: e isso quer dizer que outros missionários, menos sábios e com menos experiência, são colocados em lugares mais importantes ou de protagonismo. E se acontecer que, depois de nos colocarem em lugares de comando, nos colocam sob a dependência de outrem, então logo ele faz cócegas à nossa soberba, como se nos tivessem infligido um castigo, ou ao menos uma humilhação forte e dura demais; desta forma nos não deixa ele compreender o grande bem que é o estado de obediência, especialmente depois de termos estados em lugares de comando.

A verdade é que esta norma de colocar em estado de obediência quem primeiro tinha as rédeas do comando é constantemente praticada nas Ordens Religiosas em que mais se pratica a disciplina e a observância, como nos Jesuítas e nas ordens fundadas por S. Francisco de Sales. Deve cada um, portanto, santificar-se no lugar onde o coloca a obediência, sem deixar que a tal se apegue o seu coração, e ficando sempre pronto a deslocar-se a um gesto dos superiores, recordando o que diz o

autor da Imitação de Cristo: *"Muito mais seguro é obedecer que mandar"* (Livro I, cap. 9).

As regras dos Padre Brancos entre os meios indispensáveis aos missionários para se manterem fiéis à sua vocação apontam o *espírito prático de obediência absoluta para com os superiores, sem o qual,* afirmam, *não pode haver obra comum e, consequentemente não é possível o Apostolado.* E para mais profundamente recomendar esta grande máxima, o seu fundador, o Card. Lavigerie, implantou nas suas Constituições a admirável carta de S. Inácio sobre esta virtude; carta que também eu vos apresento para que nela mediteis por inteiro durante os Exercícios Espirituais, lendo um trecho cada dia, e que depois lereis durante o ano cada um por si, especialmente no dia da Recoleção Mensal, e dela façais sempre objeto no exame particular de consciência.

Entretanto convido-vos a concentrar a vossa atenção sobre três pensamentos expressos nesta carta, pensamentos que faço meus próprios. E eles são estes:

No n. 2: *"Ainda que eu deseje que sejais perfeitos em todos os dons e em todas as graças espirituais, no entanto, como já vos disse outras vezes, é na obediência mais particularmente do que em qualquer outra virtude que Deus Nosso Senhor me dá o desejo que deveis ser distintos".*

No n. 3: *"Poderíamos suportar que outras ordens nos superassem em jejuns, vigílias e outras mortificações as quais, segundo o seu estado de vida, o seu Instituto santamente observa; mas na verdadeira e perfeita obediência, e na renúncia à própria vontade e ao próprio livre arbítrio, muito eu desejo, caríssimos irmãos, que sejam distintos aqueles que nesta Companhia servem a Deus Nosso Senhor, e que como tal são reconhecidos como verdadeiros filhos dela".*

No n. 20: *"É por isso que nesta Congregação sobre a qual Deus me deu alguma autoridade, eu desejo ardentemente que tão importante virtude seja praticada com toda a diligência e mantida a todo o custo, como se dela dependesse todo o bem, e mesmo a preservação da nossa Companhia".*

Praza ao Senhor conceder também ao nosso Instituto parte

do bem que desta carta derivou, e ainda deriva, para a Companhia de Jesus: isso mesmo obteremos se tivermos sempre o comum e constante empenho de observar tudo o que nela é recomendado.

A SS. Consolata, nossa Padroeira, que foi sempre modelo de perfeita obediência, vos ajude a obter esta grande virtude, tal como eu desejo e ao Senhor peço. Com a minha bênção...

[Vol. IV, pp. 609-612, n. 483]

72

Ao P. João Batista Rolfo

J.M.J. Turim, 28 de fevereiro de 1907

Caríssimo Teólogo,

Gosto muito da sua abertura de alma e coração. V. Rev.a não sente o fervor que desejaria; pois contente-se com dizer a Jesus este seu desejo, e ofereça-Lhe o bem que já consegue fazer a essas almas. Gosto do seu diário, está bem escrito. E depois, com um melhor conhecimento da língua e dos usos e costumes, será capaz de melhorar ainda a descrição dos fatos para serem publicados.

Agradeça ao Senhor que vai fazendo de si um instrumento das suas maravilhas: não se preocupe quando não lhe for possível salvar todos os moribundos, nem converter toda a gente, em breve, como desejaria.

Sei que você e o P. Cagliero se dão muito bem e que, como irmãos, lá se vão santificando e fazendo *bem o bem*. Continue V. Rev.a a ajudá-lo a ter bom espírito e a obedecer aos confrades.

Agradeço-lhe o amor que tem ao Instituto e às Missões, de que dá prova com o seu novo testamento: mas acerca disto, pense bem como comportar-se, para não causar mágoa à família.

De resto, cá vou pedindo ao Senhor que lhe conceda uns cinquenta anos de trabalho nas Missões, e então veremos como melhor fazer o seu testamento. Penso que no mencionado património não está incluído tudo o que possui e que, portanto, alguma coisa ficará para os parentes. E ao menos para os dois

menores de Racconigi, será preciso pensar neles se por acaso viessem a precisar de mais do que aquilo que têm. Por agora sei que eles estão tranquilos e que a família os ajuda.

Seria melhor mudar a frase *declaro que quero* em *quero, é minha intenção, etc.;* mas acerca disso, basta por agora.

Reze por mim, eu que todos os dias o encomendo à Consolata para que obtenha para si o espírito de S. Francisco Xavier. Com muito afeto em N.S.J.C....

[Vol. IV, pp. 665-666, n. 494]

73

Ao P. António Borda-Bossana

Turim, 17 de novembro de 1907

Caro Padre Borda,

Pela sua carta vejo o seu desejo de voltar à pátria o mais depressa possível. Vou escrever ao Rev. Superior, o P. Perlo, para que arranje o seu repatriamento o mais cedo possível e conveniente. Entretanto, ao terminar o quinquénio, faça a renovação dos votos que dure até à sua chegada a Turim e até que nós dois tenhamos conversado.

Procure comportar-se até ao fim como verdadeiro missionário e de tornar menos onerosas ao Instituto as despesas da sua viagem. Com o desejo de o abraçar, rezo à Consolata para que abençoe a sua viagem.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IV, p. 749, n. 514]

74

Ao P. João Batista Rolfo

Turim, 6 de dezembro de 1907

Caríssimo P. Rolfo,

Recebi ótimas notícias acerca de V. Rev.a da parte do Pe

Cagliero e do vosso Superior, pelo que fico grato ao Senhor. Depois de tantos sacrifícios para corresponder à voz de Deus que o chamava a salvar tanta gente infeliz nessas terras, é bom empenhar-se com todas as forças.

Os diários e as cartas são verdadeiramente como eu desejo; e os nossos jovens no Instituto ouviram os seus diários com todo o gosto. Continue a escrever o mais minuciosamente possível: servirá também para o Periódico.

Recebi da sua cunhada boas notícias acerca da sua família, e do Reitor de Racconigi boas notícias acerca do seu irmão e irmã: o Senhor Deus trata-os melhor do que podia fazer V. Rev.a.

Recebi a segunda cópia do testamento e vou guardá-la até à sua volta ao meio de nós.

Acerca das suas confidências de consciência, depois de ter rezado à nossa Consolata e ao nosso Venerável [Cafasso], aconselho-o a ficar tranquilo acerca do passado e de viver *in Domino* todos os dias, imitando o B. Pedro Chanel que nomeei protetor para o ano 1908.

Sei que você e o P. Cagliero se entendem bem, e deste modo se vão ajudar um ao outro a santificar-vos e a fazer o bem que o Senhor vos pede. Como se estivesse aqui perto de mim, eu o abençoo com todo o meu coração de pai; e reze também V. Rev.a por mim.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IV, p. 749, n. 514]

75

Ao P. Carlos Saroglia

J.M.J. Turim, 6 de dezembro de 1907

Caríssimo P. Saroglia,

As boas notícias que durante todo o ano me mandaste acerca do teu estado corporal e espiritual deram-me muita satisfação. Vejo que mesmo entre tantas ocupações materiais sabes descobrir a vontade de Deus, o que para ti deve ser suficiente. É neste espírito de obediência que nós devemos viver, especialmente nas Missões. Os diários também estão bem

escritos e dão alegria aos confrades do Instituto... Continua, caro padre, no verdadeiro espírito de obediência cega, e sempre em união com Deus que vive em nós e que está presente nas vossas humildes capelas. O Senhor te abençoe e a nossa Consolata te faça um santo como o B. Pedro Chanel.

In Domino com muito afeto...

[Vol. IV, p. 761, n. 517]

76

Aos missionários do Quénia

J.M.J. 24 de dezembro de 1907

Caríssimos filhos em N.S.J.C.,

Reunir-vos-eis daqui a pouco para os santos Exercícios Espirituais e eu, presente no meio de vós em espírito, convido-vos a escolher os meios mais idóneos para a vossa santificação e para a conversão do povo em que viveis.

Antes de mais deveis pensar na vossa própria santificação, por isso exorto-vos a examinardes a vida que vivestes desde os últimos Exercícios, ou melhor, desde a vossa chegada à África até ao presente.

Examine-se cada um para ver se avançou ou retrocedeu nas virtudes próprias ao *Sacerdote - Religioso - Missionário*. Espero que todos, ao penetrardes no íntimo da vossa alma, sentireis o testemunho que vos diz que fizestes o possível para vos conservardes à altura da vossa vocação; mas também pode ser que alguns descubram que, como diz o autor da Imitação de Cristo, *meliores et puriores fuisse in initio, quam post multos anos professionis* [éramos melhores e a nossa vida mais pura no princípio da nossa conversão que depois de muitos anos de profissão] e pior, se *nunc pro magno videtur si quis fervoris partem posset retinere* [agora considera-se grande coisa poder alguém conservar parte do primitivo fervor] (Imit. I, 11). Feitos com boa vontade, estes Exercícios podem sacudir estes últimos para que voltem ao fervor primitivo e, quanto aos primeiros, mais ainda os ajudarão a santificar-se.

Para vos ajudar em coisa de tão grade importância, peço-vos que me acompanheis nas seguintes reflexões: Sois *sacerdotes,* sois *religiosos,* sois *missionários*.

Sois *sacerdotes*, e porque como tais vos deveis comportar, *sicut Dei ministri* [como ministros de Deus], respondei: Mora ainda em vós o vigor e o fervor do Sacerdócio que vos habitava naqueles lindos dias da Ordenação? E se a algum de vós a consciência acusasse de ter caído na tibieza, ou pior ainda, acorde e retome *charitatem primam* [seu primeiro amor]. E aqui, examinai que amor tendes ao Santíssimo Sacramento, como celebrais a Santa Missa, e como recitais a Liturgia das Horas, etc.

Como *religiosos* deveis tender à perfeição: segundo a doutrina comum dos santos e dos teólogos, este dever é absoluto, e contra ele faltaria o religioso que se contentasse em viver uma vida ordinária e renunciasse à perfeição. E são essenciais ao religioso os três votos de *pobreza,* de *castidade* e de *obediência*.

Pelo *voto de pobreza* o religioso não é dono dos bens que pertencem ao Instituto e às Missões, tais como a estipêndio para as Missas celebradas e toda e qualquer qualidade de oferta que, mesmo se entregues ao indivíduo, são dadas *intuito* [em vista] das Missões. O uso dos bens do Instituto está sempre subordinado à autoridade e licença do Superior Geral e é limitado ao que é necessário; por isso, quem os usa mal ou sem cuidado, ou deles se apropria mais de quanto precisa, este religioso não está em regra com voto de pobreza.

Quanto ao voto de *castidade*, ao qual estais duplamente ligados como religiosos e como ministros de Deus, pensai usastes sempre os meios para bem conservar em vós esta pérola preciosa, especialmente uma grande modéstia dos olhos, da fantasia, etc., vosso comportamento com os africanos?

Não vos falo do voto de *obediência*; acerca dele proponho-vos uma vez mais a carta de S. Inácio, em que deveis sempre encontrar o vosso modelo. Examinai-vos também sobre as regras gerais e especiais de comportamento estabelecidas para cada estação de Missão. Que tal é a vossa observância do

horário dos exercícios de piedade, e de toda as outras ações de cada dia, desde o levantar-vos prontamente de manhã à hora estabelecida até à hora do descanso à noite à hora certa, observando todos o silêncio depois das 21h30? Estou também ao corrente do fato que há quem escreve e recebe cartas sem que elas passem pelas mãos do superior - o que é contra o Regulamento.

Sois também *missionários,* o que que dizer apóstolos que devem zelar pela saúde-salvação das almas. Qual foi e é a vossa sede de almas, o desejo de vos sacrificardes inteiramente, dia e noite, como S. Paulo e S. Francisco Xavier? Sinal deste zelo é certamente um estudo, não superficial nem saltuário, mas profundo e perseverante, da língua indígena, para bem conhecerdes as ideias falsas da gente para as rebater, e para assim os catequizar eficazmente. Por isso, insisto que o Superior estabeleça exames periódicos.

Falando dos meios mais aptos para a conversão destas populações, além do que já foi mencionado, estou convencido que um meio importantíssimo, necessário mesmo, é a obra dos catequistas. Deve ser empenho de todos colaborar na formação deles, preparando-os por meio do estudo e dum cuidado especial na Estação antes de os enviar ao colégio; e quando de lá voltarem, amá-los levando-os a viver como em família; instruindo-os com uma pequena conferência todos os dias; infundindo neles entusiasmo pelo seu ofício; habituá-los a fazerem à tarde um relatório das atividades do dia. E que vos contem o que acontece na terra onde moram, vos falem das crianças, dos doentes, etc; usá-los, no bom sentido da palavra, e não vos desinteressardes deles, nem lhes fazer perder tempo com outros encargos ou trabalhos; e concentrar neles a vossa maior atenção possível para que vivam sobriamente, piedosos e firmes no seu ofício. Sabeis bem quanto nos custam os nossos catequistas, pois devemos pagá-los mesmo durante o tempo que passam no colégio, por isso sirvamo-nos deles o melhor possível.

Sim, dos vossos relatórios trimestrais eu concluo que as estações de Missão funcionam e *rendem* quando os catequistas funcionam bem e bem trabalham; ter catequistas é como

multiplicar o número dos missionários. Já chegou o tempo para levar a gente daí a viver a vida cristã: é por isso lógico que algumas famílias, especialmente as famílias dos catequistas, comecem a viver segundo as leis e as práticas cristãs. Durante as festas, calculai mais a constância e o desejo que os presentes têm de se instruírem do que à quantidade de pessoas; e vós reparai e satisfazei este seu desejo e intenção, levando-os a compreender que é este o único fim da vossa presença no meio deles. Onde for possível, estabeleça-se uma espécie de centro festivo para a juventude. E a todos os que o usarem levai-os a passar depois pela igreja para rezarem um pouco, para que compreendam o significado das Festas, e para que o Senhor Jesus abençoe e faça frutificar as sementes que semeais nas suas almas.

Não vos vou falar das vossas frequentes visitas às suas aldeias que, em alguns dos vossos relatórios, me parecem ser bastante raras. Se delas queremos tirar maior fruto, é necessária uma união de intenção e de orientação; por isso, todos os dias à tarde, todos os membros duma estação de Missão se reúnam com o superior e façam um relatório de tudo o que fizeram durante o dia e, com ele e sob a sua direção, se concertem sobre o que deverão fazer no dia seguinte. E assim essas visitas não se tornarão simples passeios, e não serão esquecidos os doentes nem as aldeias mais necessitadas.

Tenho dúvidas se sim ou não deva insistir de novo sobre a obrigação que vos impõe o Regulamento de bem escrever o diário. Alguns continuam a escrevê-lo com empenho, a maior parte omitem-no ou escrevem-no de forma inútil para publicação. Sublinho só que deste modo pouco a pouco nos faltará o material para publicarmos o Periódico: portanto, esgotar-se-á a fonte principal das ofertas dos fiéis. Cumpri este dever também para que o vosso Superior não tenha de se ocupar tanto a escrever quase sozinho tais artigos. Não acrescento mais coisas por agora para que as que já escrevi recebam mais atenção por serem mais importantes.

Que o Senhor vos conceda aquela paz que nestes santos dias ele trouxe aos homens de boa vontade, como penso sedes vós todos.

Rezai por mim e pelos benfeitores que muito se recomendam às nossas orações. E nós aqui junto da nossa Celeste Padroeira

continuamente a ela vos encomendamos, e muito lhe pedimos que abençoe a vós e as vossas fadigas apostólicas.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IV, pp. 769-772, n. 521]

77

Ao P. Tomás Gays

Turim, depois do dia 5 de março de 1908

Caríssimo P. Gays,

A sua longa carta trouxe-me muita consolação. Continue a escrever-me muitas vezes e longamente, e mande-me relações minuciosas para o Periódico.

A SS. Consolata o abençoe e o faça um santo.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. V, p. 40, n. 530]

78

Ao Irmão Bento Falda

J.M.J. Turim, 6 de março de 1908

Caro Bento,

Gosto da tua sinceridade e abertura de coração. Também eu te falo francamente como um pai. Penso que as necessidades presentes das Missões te pedem que retardes de alguns meses a tua vinda à Itália; desta maneira podias ser substituído por alguns irmãos mecânicos que se estão a preparar no Instituto.

É verdade que para Deus ninguém é necessário, e mesmo sem ti a Missão continuaria a funcionar. Mas pensa que, como homem e como religioso, tens um coração muito delicado, e que a terra e o sangue poderiam mesmo fazer-te perder a vocação que Deus te deu, e também que o Senhor não tem a obrigação de sustentar na luta quem demais confia nas suas próprias forças.

Não gostaria que mais tarde viesses a arrepender-te do mal

passo dado que já outros têm de chorar. Então, sê um *homem* verdadeiro e entrega-te às decisões do Rev.mo P. Perlo; em vez de fazer agora os votos perpétuos, renova-os somente até quando te apresentarás diante de mim em Turim; assim fez também o P. Gays.

O teu irmão Luís trabalha na companhia de fabricação de órgãos Vegezzi-Bossi, e recebe um salário razoável. Mesmo sem se apresentar à segunda visita militar, deram-lhe a despedida absoluta. *Deo Gratias*! Tem sempre o desejo de voltar para as Missões e renova muitas vezes o pedido. Eu aconselho-o a comportar-se bem e a continuar o seu trabalho até que o Senhor se pronuncie mais claramente.

A nossa Consolata te abençoe. Reza por mim.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. V, p. 41, n. 531]

79

Aos missionários do Quénia

Turim, 15 de maio de 1908

Caros missionários,

Desejando eu que tenhais os livros necessários para o vosso trabalho missionário, peço-vos que me mandeis uma lista completa dos livros que já tendes aí nas missões.

Peço, portanto, a cada um de vós que me mande a lista dos livros que tem que são propriedade do Instituto: refiro-me a todos os livros que recebestes, mesmo individualmente, de mim ou da Casa durante a vossa permanência aqui em Turim e no ato da vossa partida para África.

Além disso, gostaria também de saber quais livros pertencem a cada um de vós pessoalmente: isso me ajudará também a completar a lista dos livros que desejo enviar-vos.

A SS. Consolata vos abençoe como lhe pede este Vosso pai que tanto afeto vos tem no Senhor...

[Vol. V, p. 64, n. 539]

80

Ao P. Mário Arese e ao Ir. Bento Falda

J.M.J. Santuário de S. Inácio,
15 de julho de 1908

Caríssimos,

Com o desejo de vos abraçar bem depressa, venho dar-vos os seguintes avisos:

1. Quando estiverdes no Instituto, devereis comportar-vos de maneira edificante, pensando que os olhos de todos estarão fixos em vós para verem o que são os missionários da Consolata: conversas retas e nunca pronunciardes juízo algum sobre os vossos irmãos que trabalham na África. Sede observantes das atividades da comunidade, especialmente os exercícios de piedade.
2. Se eu estiver ausente, pedireis ao Sr. Vice-Reitor licença para visitar os vossos parentes, e ao sairdes de casa colocai-vos à disposição do Sr. Prefeito.

Durante a vossa permanência no Piemonte: 1) Não deveis falar de coisas íntimas da vida das Missões, nem deveis julgar ou falar mal dos Missionários ou das Irmãs. 2) Não deveis enviar carta alguma para a África sem que passe pelas minhas mãos. 3) Todas as ofertas que recebereis em dinheiro ou objetos, exceto as que venham dos vossos parentes mais chegados, deveis entregá-las a mim, como pertencentes à Missão. E colocai-vos imediatamente sob o manto da nossa Consolata no seu Santuário. Até breve.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. V, p. 80, n. 546]

81

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Turim, 20 de julho de 1908

Caro P. Gays,

Vi e li com muito agrado várias cartas que V. Rev.a escreveu

a várias pessoas acerca de batismos. Continue V. Rev.a neste importante apostolado; nós apenas recebidas as cópias, vamos imprimir as que mais pormenores trazem e as que mais tocam o coração dos leitores. Pelo P. Arese e o Ir. Bento recebemos boas notícias, o que de coração agradeço ao Senhor.

Continue V. Rev.a a trabalhar para o bem das almas, e escreva-me também a mim que muito desejo estar em comunicação consigo.

Cumprimentos a todos... Com muito afeto no Senhor....

[Vol. V, p. 83, n. 548]

82

Ao estudante Lourenço Sales

S. Inácio de Lanzo,
[depois do dia 30 de julho de 1908]

Respondo. Não me admira que o demónio troveje. Mas isso não é de maneira nenhuma contra a vocação. Fica tranquilo, hás de vencer durante as provas; põe em prática o que fazia na tentação S. Agostinho: *«Cum me pulsat aliqua turpis cogitatio recurro ad vulnera Christi: tuta requies in vulneribus Salvatoris»* [Quando um pensamento vergonhoso se me apresenta ao espírito, recorro às chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo].

Coloca-te de vez em quando dentro do Sagrado Coração de Jesus, e fica em paz; o que aconteceu já não é pecado.

Para a frente é que é o caminho! Com a minha bênção...

[Vol. V, p. 88, n. 549]

83

Ao Ir. Bento Falda

V.J.M.J. S. Inácio, 23 de agosto de 1908

Meu caro Bento,

Compreenderás que a minha dor de não poder ver-te e

abraçar-te antes de repartires para a África é ao menos tão grande como a tua.

Gostaria ter passado mais tempo a sós contigo em Santo Inácio, mas *fiat voluntas Dei* [seja feita a vontade de Deus].

O que não pudemos dizer um ao outro a viva voz, fá-lo-emos por escrito. Escrevo-te mesmo antes de partires, e depois, quando já estiveres em África, recomeçaremos a nossa antiga correspondência. Com certeza que mais tarde ou mais cedo voltarás a Turim, ao menos aos 39 anos. Até pode ser que então já eu por cá não ande na terra mas já esteja no Paraíso: mas lá nos encontraremos sempre juntos ao pé da nossa querida Mãe do Céu. Para companheiro da tua viagem vou mandar o Sr. P. Morino, e acompanhar-te-ão também as nossas orações. O Sr. Vice-Reitor vai mandar-te o que tu queres e deixaste em Turim e em S. Inácio: a filarmónica, o revólver, etc.

Podes ter a certeza que eu vou sempre proteger os meus Bento e Celestino, e farei o possível para que vivam sempre como bons cristãos. A tua mãe veio ver-me quinta-feira passada ao Santuário da SS. Consolata, e nada sente contra ti. Deus permitiu aquelas mágoas para que não te custasse tanto a separação da partida para a África, e para que o teu amor às Missões pudesse ser completo. Lá no céu depois nos encontraremos em santa harmonia.

Entretanto, eu já falei com o Sr. Deputado o Marquês de Saluzzo: ele vai falar com o Ministro Tittoni acerca dos nossos problemas, e diz-me ele que tudo se vai resolver como nós desejamos. Por agora não escrevas a ninguém o motivo da tua permanência em Marselha e da tua partida à pressa para a África. Daqui a algum tempo vou dizer-te a maneira de explicares o problema a quem quiseres.

Fica sempre alegre no Senhor, pois ele vai dar-te muitas graças em compensação dos sacrifícios feitos. E considera que és feliz por poderes sofrer algo por amor de Deus, e assim poderás dizer com S. Paulo: *Agora começo a ser verdadeiramente discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Muitos cumprimentos no Senhor; com muito afeto em J. C...

[Vol. V, pp. 90-91, n. 551]

84

Ao Ir. Bento Falda

V. J. M. J. Turim, 2 de setembro de 1908

Caríssimo Bento,

Penso em ti, e vejo-te cheio de generosidade: não só por fazeres o sacrifício de nunca mais veres a tua pátria, mas também pela decisão de te tornares um santo missionário: Bendito seja Deus!

Sim, para gozar da paz do coração nesta vida miserável, é necessária uma grande decisão de nos darmos a Deus totalmente e sem reservas. Sê piedoso, humilde, obediente e manso para com todos, e então já gozarás aqui na terra dum paraíso antecipado. Não me admiro da tentação passageira de desânimo que tiveste, ainda moram ideias do mundo na tua mente. Com a graça de Deus isso há de passar, e hás de ser um missionário de alma e coração; o que quer dizer que não viverás só para trabalhar e para fazer bem a essas gentes aí na África, mas vais procurar convertê-los com o teu exemplo e as tuas orações.

Sim! A nossa Missão continuará e há de progredir, porque ela é obra de Deus e de Nossa Senhora da Consolata. Os homens, esses hão de passar, muito ou pouco será o seu mérito ou valor; tombarão as folhas, mas a árvore abençoada pelo S. Padre vai prosperar e tornar-se mesmo uma árvore gigantesca: e disso tenho eu provas prodigiosas. E bem-aventurado será aquele que resistir à tentação e perseverar de pé, pois verá sucessos admiráveis. Feliz és tu a quem é dada a sorte de ser o primeiro Irmão a fazer os votos perpétuos: serás chefe de fila duma grande falange de santos Irmãos Leigos lá no Céu – e hás de também agradecer-me a mim por não te perdoar as correções que te dei.

Por agora, renova os santos votos até que o padre Superior, o P. Perlo, a quem vou escrever, te faça emitir solenemente os votos perpétuos. Afinal, já tens esse mérito, tanto é o desejo que tens de os fazer.

Os retratos podes mandá-los a quem quiseres, a mim também, desse modo vou ver neles o teu rosto e dar-te-ei um

abraço como se aqui estivesses ao pé de mim. Quando entreguei as tuas cartas à tua mãe vi como ela te quer muito bem; nem sequer se admirou que não voltasses, até mesmo me disse que ela já pensava nisso. Contei-lhe o verdadeiro motivo do recrutamento e ela ficou contente. Vais ver que ela te vai escrever uma linda carta.

Ontem veio cá o Luís e disse-me que afinal tu tens muita sorte. Ficou resignado ao saber que já nunca mais te há de ver para não seres infeliz como ele que perdeu uma boa vocação, coisa que muito lhe tira a paz da alma. Exortei-o a comportar-se bem e a continuar no caminho que escolheu.

Domingo vamos celebrar em S. Inácio uma pequena cerimónia da partida do bom P. Morino, e lá vou entregar aos jovens a tua carta. E tu estarás cá presente em espírito e receberás, também tu, a minha bênção paterna.

Vou enviar-te uma carta por meio dele; peço-te que o acompanhes e ajudes como a um irmão: Ele é muito bom, mas um pouco tímido. Ele ficou radiante por ter sido escolhido para partir para aí imediatamente.

Coragem in Domino, e consagra-te aos pés de Nossa Senhora da Guarda como se estivesses aqui aos pés de Nossa Senhora da Consolata. De todo o coração te abençoo, com muito afeto no Senhor Jesus Cristo...

[Vol. V, pp. 94-95, n. 552]

85

Ao Ir. Bento Falda

V.J.M.J. Turim, 7 de setembro de 1908

Caríssimo Bento,

De volta de S. Inácio ontem recebi a tua carta que completou a alegria que todo o dia me acompanhou lá cima. Outros vão responder a essa tua linda carta aos confrades, e o caro P. Morino vai contar-te tudo.

Portanto, caro amigo, boa viagem para as Missões, onde vais ganhar tantos méritos para o Paraíso. Feliz és tu que, tendo superado as misérias mundanas, te dás, alma e coração, ao

unum necessarium, [única coisa necessária] sem o qual tudo o resto *nihil prodest* [nada vale].

Dado que não te posso enviar outros livros, mando-te um que, lendo-o tu várias vezes, muito conforto te dará na tua vida de apostolado. Continua com essa força de cristão que te habita, sê humilde, manso, obediente e piedoso, e serás feliz já aqui na terra. Cumprimentos a todos... Sê um bom guia para esse teu amigo... Com muito afeto no Senhor...

[Vol. V, p. 97, n. 553]

86

Aos missionários do Quénia

Turim, 7 de setembro de 1908

Caríssimos em Nosso Senhor Jesus Cristo,

Do vosso amado Superior soube, com muita alegria, que os Exercícios Espirituais vos foram pregados com muita solidez doutrinal e com tanta sagrada unção, e que todos vós os fizestes com muito empenho e de maneira edificante. Graças sejam dadas ao Senhor, e que os seus dons trabalhem sempre em vós para que o fruto deles recebido dure longamente para santificação vossa e o bem das gentes dessas terras.

Motivo também de consolação foi para mim o bom êxito dos vossos exames sobre as sagradas cerimónias e sobre o vosso falar da língua kikuyu: acerca do vosso conhecimento dessa língua muito me alegro do progresso de vós missionários e missionárias. Foi-me dito que muito bom foi o resultado de tal exame, tanto na teoria como na prática. E muito me alegrará no futuro todo o progresso que fareis.

Pelas conclusões das conferências notei com satisfação que vos estais aperfeiçoando cada vez mais no conhecimento das crenças e dos usos e costumes dos indígenas, e também no método com que continuais o trabalho da evangelização: aprovo todas as resoluções tomadas e as práticas de piedade que estabelecestes para todos. Às explicações que por meio do vosso Superior me pedistes acerca da regra n.º 12 do cap. IV, p. 33, respondo:

1, a palavra *confratelli* (confrades), como se vê nas pp. 29 e 35, deve ser compreendida, como aliás se faz noutros institutos, acerca dos sacerdotes e dos irmãos leigos – que por isso me devem escrever de três em três meses. 2, Cada superior de estação de Missão já satisfaz esta regra por meio das relações trimestrais que me são enviadas com prontidão.

Mas isto não basta, porque quem dirige uma casa tem uma responsabilidade especialíssima pelo bom andamento dessa casa, e por isso deve manter-se em comunicação especial com o Superior Geral ao menos trimestralmente. Mais ainda, devo afirmar que nem sequer seria justo para mim insistir sobre esta vossa obrigação neste campo, porque, mais do que uma obrigação deveria ser uma necessidade abrir o vosso coração a quem vos ama como um pai que sente a necessidade de partilhar as vossas alegrias e as vossas tristezas para vos dar aqueles conselhos que surgem da sua própria experiência e das graças do seu ofício.

A desculpa, por alguém oferecida, que escrevendo a mim diretamente poderia gerar no coração dos confrades da estação de missão a suspeita de relatório sobre a vida dos outros, esta desculpa, repito, não merece resposta, pois culpa os confrades de serem capazes de tal mesquinhez e de imposturas pueris. Por isso, todos devem cumprir este artigo do Regulamento como um verdadeiro compromisso e, devo dizer, mais do que foi feito no passado.

Outro artigo do Regulamento que precisa de explicação é o n. 7 do cap. I, acerca dos bens pessoais de cada um. Tais bens são aqueles que o indivíduo já possuía antes de se tornar religioso, e aqueles que os parentes dão do que lhes pertence e por razão de parentela. Por isso, *pertencem ao Instituto,* e não ao indivíduo:

1°, todas as ofertas dadas por quem não é seu parente, mesmo quando oferecidas ao indivíduo, e mesmo com a declaração que ele delas se sirva pessoalmente ou para uso da Missão - declaração que não tem valor algum por ser contra o voto de pobreza.

2°, o que os parentes enviam ao indivíduo, mas que não lhes pertencia, aos parentes, mas que vem da liberalidade de pessoas estranhas.

3°, as ofertas dos parentes que são dadas para promover a obra das Missões. Estas normas referem-se a ofertas em dinheiro e a ofertas de bens naturais. Acrescento ainda que a Sagrada Congregação, interpelada sobre o uso dos bens pessoais do missionário, declarou que, *mesmo no caso de bens pessoais*, é necessária a licença do Superior para deles se servirem, e que não se pode conciliar o voto com o uso arbitrário dos bens pessoais do indivíduo sem licença. Por isso, para obedecer a esta regra, os missionários devem pedir licença a mim ou ao P. Perlo, o qual não poderá dar essa licença senão a um indivíduo em particular e dentro dos limites estabelecidos em relação aos bens dos missionários, da comunidade e da obra do apostolado.

Com esta matéria está relacionada a aquisição e a expedição de objetos e outros produtos africanos enviados daí a parentes ou gente conhecida aqui na Itália: para ir ao encontro de inconvenientes do passado, decido que, de hoje em diante, nenhum missionário pode expedir tais objetos, diretamente ou por meio de confrades ou irmãs que voltam para a pátria. Dou só licença que cada missionário que vem à Itália traga consigo, com a aprovação do P. Perlo, algumas coisitas não voluminosas, com a condição que tenham sido adquiridas com dinheiro pessoal. Fica excluído, naturalmente, tudo aquilo que o governo inglês proíbe exportar do Quénia, ou que o governo italiano proíbe importar para Itália.

E ainda, a propósito deste tema, deixai que vos diga que vi, com pena, que alguém de entre vós se mostrou mais preocupado em favorecer os parentes do que o Museu do Instituto ao mandar a parentes objetos raros interessantes que teriam melhorado o nosso Museu.

Para evitar confusões e outros inconvenientes com o aumento do número dos missionários, depois de bem considerar a questão e seguindo o conselho de pessoas competentes, decidi que todos os missionários, sacerdotes e irmãos, se tratem por *lei* (você). É assim que se tratam os membros de ordens e congregações religiosas, nas quais nem os irmãos e irmãs por nascimento se tratam por *tu*.

Depois da bênção do SS. Sacramento canta-se o *Laudate*

Dominum omnes gentes [todos os povos louvam ao Senhor], como se faz aqui na Casa Mãe, pois tal oração é própria especialmente de missionários. O *Vi adoro* [Eu adoro você ou meu Deus] recita-se só ao sair da capela.

Confio que, com a vossa boa vontade e com espírito religioso, vos empenhareis a observar tudo o que vos disse até aqui, e assim tereis a garantia de receber as bênçãos de Deus para vós, para o Instituto e para as queridas populações que vos confiou a Divina Providência.

Nos nomes santíssimos de Jesus e Maria abençoo-vos cordialmente, e muito me apraz declarar-me vosso pai amoroso e dedicado...

Texto B[16] - *Circular*

1. Fala-se demais, critica-se, inventam-se histórias sobre o Instituto e sobre regras dadas pelo Superior... Provavelmente, em cartas clandestinas. Submeter todas as cartas ao superior P. Perlo.

2. Muito se fala e se critica sobre a comida e a bebida (comidas da pátria), os fatos. *Habentes... his contenti simus*[17] [ver o livro de Cardenal Vives). Consequentemente, murmurações contra a dispensa, e cada um se arranja. Será isto o voto de pobreza?

3. O nosso voto permite-nos possuirmos os nossos bens pessoais ou provenientes de parentes familiares (pai, mãe, irmãos, irmãs), mas não os provenientes de outras pessoas, pois estes devem ser considerados dados *intuitu missionis* [a favor das missões]. Mas mesmo os bens pessoais devem ser usados segundo o voto de pobreza que exige que se peça a licença do P. Perlo, que não dará licença que se usem para alimentos e fatos diversos, ou para guloseimas. Qualquer alimento ou bebida oferecida mesmo pela família deve ser posta ao serviço da comunidade, e só deve ser usado com a licença do Superior. Qualquer uso diferente é falta de caridade fraterna e estimulante da própria soberba.

---

[16] O Arquivo Geral IMC conserva ainda outros dois textos autografados de Joseph Allamano (texto A e texto B) e a versão final que foi reescrita pelo Fundador. O texto A é um esboço simples; o texto B pode ser considerado a primeira tentativa de redação. Publicamos o Texto B, pois contém elementos, historicamente interessantes, que não foram incorporados no texto final.

[17] Cfr. 1Tim 6, 8: "*Quando temos que comer e nos cobrir... vamos nos contentar com isso*" [Quando tivermos algo para comer e algo para nos cobrir, vamos nos contentar com isso].

Sobre este argumento perguntei à Sagrada Congregação. A resposta diz que não se pode considerar verdadeiro voto de pobreza sem que ao menos seja necessária a licença de se servir para quando é tolerada a propriedade, como fazem os Padres Lazaristas e as Irmãs da Caridade; portanto, para a aprovação das nossas Regras pela Santa Sé deve explicar-se assim a nossa norma (*Regulamento*, p. 16), e desde já nos impuseram que nos coloquemos nesta forma de comportamento.

4. A propósito das Regras, sei que correu a voz que um dia ou outro vão ser mudadas pela Santa Sé, ou de outra maneira. Isto é falso. A S. Congregação não mudará certamente a finalidade, a natureza e a essência do nosso Instituto; portanto, os indivíduos serão sempre, e só, encarregados das nossas Missões, e com os três votos religiosos. A sua revisão e aprovação será só para coisas acidentais, como as orações, as práticas, etc., por exemplo, se fosse questão de mudar a duração dos votos, ou obrigando a fazer os votos perpétuos antes de partir para a África, isso seria só para os futuros missionários e não para os que já estão atualmente nas Missões: estes, como aconteceu aos Missionários de Verona (Combonianos) , serão primeiramente interrogados sobre a questão, e depois deixados livres de fazerem imediatamente os votos perpétuos, ou de esperarem pelo fim do quinquénio.

No que se refere aos sacerdotes, para o título de património é exigido o juramento "*inserviendi perpetuo missionibus"* (se dedicar perpetuamente a missões) *,* e isto é bem claro em relação a serem inseridos numa diocese; e segundo as últimas decisões da S. Congregação para os Bispos e os Regulares, não são os bispos obrigados a ordenar para a sua diocese quem nela não fica, nem a recebê-los quando quisessem para elas vir. No entanto, tal juramento não torna os missionários fixos para sempre nas nossas Missões, mas, com a licença da S. Congregação, poderiam passar para outras Missões. Afinal, esta decisão só diria respeito ao quinquénio dos votos temporâneos, e não existiria se os votos perpétuos fossem feitos antes de partir para as Missões.

Mas, para quem tem bom espírito, e eu penso que todos o têm, a vontade e o desejo da Santa Sé serão suaves; e desde agora de boa mente se submeterá a tudo o que, para bem do Instituto e das Missões, a divina sabedoria da S. Sé decidirá ser conveniente, e de que no cap. I, artigo 5 do *Regulamento* nós fazemos profissão. Assim aconteceu para os Salesianos, os Josefinos e para quantos se querem submeter ao juízo e à aprovação do seu *Regulamento* como é dever de cada um, e também para receber tantas outras regalias. Muitas foram também as variantes. Mas, como já disse, ficai tranquilos e segui os desígnios de Deus que serão sempre para o maior bem nosso e das nossas obras.

5. O vosso Superior pede-me em vosso nome uma explicação da Regra n. 12, p. 30 do *Regulamento*. Para mim é claro que tal regra compreende todos os missionários, mesmo os superiores de estação, para os quais é ainda mais forte a necessidade ou a conveniência de se relacionarem frequentemente também com os superiores aqui em Turim. Foi de fato esta intenção que nos levou a formular esta regra, ainda que nela não tenhamos podido prever e exprimir tudo de maneira completa. Podemos mesmo dizer que nem todas as regras das Congregações foram formuladas perfeitamente desde o início, mas se foram aperfeiçoando com o tempo e com a experiência.

Sabeis bem que eu não quero falar como *Cicero pro domo sua* (Cicero para sua casa), também porque o pouco tempo que me dará ainda o Senhor aqui na terra, e o afeto que nutro por vós meus missionários, não precisariam desta regra que vos manda escrever-me frequentemente como desejo eu para partilhar as vossas alegrias e tristezas, e eventualmente para vos dar os conselhos que a minha experiência me ordena, experiência esta que recebe também o valor da minha posição divina como vosso Superior.

Devo também dizer que não quero que alguém se sinta impedido de me escrever frequente e longamente por medo que outros pensem ou digam que o faz como espião junto dos superiores porque quer contar-lhes a vida dos outros. Seria isto uma atitude velhaca, e mesmo uma insinuação má contra os superiores, os quais recebem e julgam as cartas segundo quem as escreve.

Nem pense alguém que eu violo o segredo de quanto me escrevem os missionários; o contrário é a verdade, e ninguém teve razão até agora de pensar de maneira diferente. Sabeis que eu por vezes leio as vossas cartas aos vossos confrades no Instituto, mas não todas as cartas, e muitas vezes só leio certas partes das cartas: quero dizer: leio aquilo que na carta edifica os confrades e os leva a pensar em vós e nas Missões, leio as partes que não contém segredos, leio aquilo que vós escrevestes precisamente para ser comunicado aos confrades. Mas repito, nunca li nem lerei coisa alguma que é confidencial ou de consciência.

Fechando este ponto doloroso, convido-vos a usar mais simplicidade na obediência e na humildade, pois os santos missionários escrevem para o bem e a edificação própria e de outrem, e não têm medo de mostrarem os próprios defeitos. Como exemplo, menciono S. Francisco Xavier que assim se apresenta nas suas muitas cartas que foram imprimidas e divulgadas mesmo durante a sua vida.

[Vol. V, pp. 100-105, n. 555]

87

Ao seminarista Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 27 de setembro de 1908

Caríssimo em J.C.,

Pelo teu diretor, o P. Airaldi, recebi ontem a notícia da grave doença do teu querido pai. Recebi agora de ti a notícia que ele passou para a melhor vida do Céu. Nesta dura prova, admiramos a Providência Divina que te levou até ele antes da sua partida aqui da terra: não há dúvida que a tua presença serviu para melhor o preparar para a morte. Hoje de manhã os sacerdotes e os seminaristas e os irmãos receberam a Sagrada Comunhão pela sua cara alma: até aqui, sabíamos que estava doente, agora vamos rezar pelo seu eterno descanso.

Procura infundir coragem na tua mãe, e em ti próprio também. Com certeza que o Senhor terá tido em conta a oferta que de ti ele fez às Missões. Fica aí com a tua família durante o tempo que te parecer necessário para consolares a tua mãe e para ajudares na solução de eventuais problemas.

Coragem. Envio-te a minha bênção com muito afeto *in Domino*...

[Vol. V, p. 137, n. 561]

88

Ao P. Francisco Cagliero

J.M.J. Turim, 6 de dezembro de 1908

Caríssimo Teólogo,

Aproveito a partida de três novos confrades para te enviar estas linhas. Estou contente com a regularidade das tuas cartas e dos relatórios da tua dupla estação; e assim fico sempre ao corrente da tua vida espiritual e material. Certamente tens de exercitar a tua paciência por causa de certos murmuradores, que afinal vão diminuindo em número, graças a Deus. Coragem! Com as boas

maneiras, com admoestações e exortações sobre os deveres do verdadeiro religioso, pouco a pouco levarás todos ao bom comportamento.

P. Morino, escrevendo aos seminaristas da nossa Casa Mãe, escreveu um resumo do discurso que fizeste ao Bento: gostei dos pensamentos que exprimiste; continua a difundir nos teus subordinados, e em todos os outros confrades, a boa maneira de viver.

Espero que o P. Savio se vá aperfeiçoando sob a tua tutela: é um bom sujeito, mas de vez em quando é preciso tolerá-lo e levá-lo pelo lado do coração. Ensina-lhe especialmente que o trabalho material faz parte do trabalho do verdadeiro missionário. O mesmo deve compreender o P. Balbo. É um ponto sobre o qual aqui na Casa Mãe temos sempre insistido e sempre insistiremos. Não digo mais nada porque tu já sabes bem o que eu penso.

Se ainda não fizeste os votos perpétuos, desejo que ao fazê-lo recebas a plenitude da graça de Deus e o precioso dom da constância e da perseverança. Felicitações. Com muito afeto *in Domino*, Maria e José...

[Vol. V, pp. 144-145, n. 565]

89

Ao P. Tomás Gays

Turim, 6 de dezembro de 1908

Caríssimo P. Gays,

Fiquei muito contente com as boas notícias que V. Rev.a me mandou acerca da nova experiência na preparação dos catequistas. É esta uma das obras mais importantes para conseguir a conversão desse querido povo. A isso se aplique V. Rev.a com toda a coragem.

Envio-lhe um livro dos santos para todo o ano, o único que me pareceu oportuno: é uma recordação dos meus tempos de jovem. Envio também juntamente as Cartas de S. Paulo com o comentário que deseja.

Fiquei também muito contente com o afilhado para a Srª De-Luca, o catequista Nguru, e ela ficou radiante também com os bons sentimentos por ele exprimidas na carta. Espero ter a oportunidade de lhe escrever algumas linhas e mandar-lhe um presentezinho. Que o Senhor o assista nas provações e lhe dê cada vez mais força e decisão; vou também eu rezar por ele.

Continue V. Rev.a a escrever-me as suas cartas e relatórios sobre os catequistas: Vamos publicar algo no Periódico.

Peço a V. Rev.a que reforce o bom espírito de quantos confrades puder para que desapareçam certas misérias de murmurações, etc., e todos vivam com fé e oferecendo-se em sacrifício.

O Senhor o abençoe, lhe conserve a boa saúde para bem das nossas missões.

Cumprimentos da parte do Sr. Vice-Reitor, do Prefeito, dos Superiores da Consolata e de todo o Instituto.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. V, pp. 146-147, n. 566]

90

Ao P. João Balbo

Turim, [antes do dia 7 de dezembro de 1908]

Caríssimo em N.S.J.C.,

Acerca do livro em alemão já te escreveu o P. Rosso: só esperamos para o comprar que seja traduzido para italiano ou para inglês. Com a futura expedição de missionários vou também mandar-te o outro livro e também o que te ofereceu a sua Alteza a Princesa Clotilde; idem para os cartões, etc...

Continua como puderes o estudo e as coleções para o nosso Instituto. Acima de tudo, continua com os bons sentimentos, e esforça-te para sempre avançares cada vez mais na perfeição, a perfeição por meio da qual unicamente se pode obter a conversão das almas.

Coragem sempre no Senhor. Com muito afeto em J.C....

[Vol. V, p. 149, n. 567]

91

Ao P. João Balbo

J.M.J. Turim, 7 de dezembro de 1908

Caríssimo P. Balbo,

Pelas tuas cartas parece que vives sempre alegre e satisfeito; e é assim que deve ser para quem de Deus recebeu tantas graças. Sempre em frente! Procura ser sempre nas mãos dos superiores o instrumento de bem que o Senhor quer de ti e de todo o bom religioso.

Gosto do fato que nas horas livres te ocupes de botânica e de coisas semelhantes, sem jamais deixar os trabalhos espirituais e materiais que a obediência de ti deseja. O bom P. Rosso vai falar-te acerca dos livros que pediste. O de geologia não conseguimos encontrá-lo, e o de alemão custa 110 Liras. Examinei os três volumes e vi que tem poucas ilustrações. Parece-me que não é tão útil como pensas, e que o custo não é conforme ao voto de pobreza. Procurarás aceitar a minha decisão sobre este caso.

Alegro-me contigo pelos sacrifícios feitos durante o trabalho noturno da serra, e de como, com um poucochinho de dissabor, te dás com chiste a esse trabalho. Acredita-me: vale mais o trabalho material feito por obediência do que o trabalho espiritual feito por vontade própria. Não posso, portanto, esconder as minhas predileções por Cagliero, Bellani, Saroglia, Savio, etc.: Se eles, e tu também, não fizessem os trabalhos a que vos submeteis, todos os outros seriam obrigados a trabalhar manualmente. Exorto-vos portanto a continuar com verdadeiro espírito onde quer que a obediência vos chamar.

O Senhor te abençoe como lhe peço eu sempre!

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. V, p. 151, n. 568]

92

Ao P. Francisco Gamberutti

J.M.J Turim, 7 de dezembro de 1908

Caríssimo P. Gamberutti,

Não sou capaz de te dizer quanto me são agradáveis as cartas que me mandas, nas quais me expões abertamente os teus pensamentos. Não vale a pena andar a pensar em misérias passadas, pois delas o que se deve é tirar humildade e uma maior coragem para corresponder à santa vocação. O Deus que é tão bom já fez por ti verdadeiros milagres; agradece-lhe com o desejo de te tornares um verdadeiro S. Francisco Xavier.

Continua a ser, nas mãos dos superiores, um instrumento da vontade de Deus; eles quiseram-te neste lugar porque em ti depuseram a sua confiança, não cobices outras coisas, segue sempre os seus desejos, sem respeito humano, etc...

E esforça-te por bem te africanizares para poderes resistir a toda e qualquer variedade de clima, de alimentação, etc.

O Senhor te abençoe, como te abençoo eu de todo o coração com toda a minha bênção de pai.

Cumprimentos da parte de todos aqui. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. V, pp. 152-153, n. 569]

93

Ao P. João Batista Rolfo

J.M.J. Turim, 7 de dezembro de 1908

Meu caríssimo P. Rolfo,

As suas cartas são sempre uma alegria para mim, especialmente as últimas, nas quais vejo que se sente feliz na sua vocação e muito unido aos sentimentos dos superiores. Numa destas cartas notei a sua aflição por causa duma certa mesquinhez dum colega, coisa de que você se sente culpado. Quando acontecem

coisas semelhantes, não se aflija. Entremos dentro de nós nesses momentos e reconciliemo-nos connosco próprios, sem nos perdermos de coragem. A nossa fraca natureza humana há de morrer só no momento da nossa morte. Nos nossos excessos devemos ver sempre uma ocasião para renovarmos a nossa confiança em Deus, o Senhor que de repente nos pode conceder a mansidão dum S. Francisco de Sales.

Então, não se perca de coragem mesmo quando se torna mais distraído, ou mais colérico, etc. Nesses momentos diga ao Senhor: *vim patior, responde pro me* [sofro violência, responda por mim], e esconda-se no Sagrado Coração de Jesus ou dentro do sacrário: *tuta requies in visceribus Salvatoris* [descanso em segurança nas entranhas [= no coração] do Salvador]. Em nós *omnia cooperantur in bonum, etiam peccata* [tudo contribui para o bem (daqueles que amam a Deus)], até pecados), diz-nos a Glossa, pois até os pecados nos dão a oportunidade de pensarmos na nossa mesquinhice para nos abandonarmos a Deus.

Portanto, coragem sempre *in Domino* e na voz da obediência. Sei que o P. Superior lhe quer muito bem, e para lhe dar a oportunidade de ganhar mais méritos coloca-o às vezes em lugares mais difíceis; mas o Senhor vai ajudá-lo sempre, mesmo quando escoucinham os seus defeitos. Vá, sempre em frente, que eu cá estou a rezar por si todos os dias para que seja um missionário de espírito mesmo no meio das suas muitas ocupações.

O Sr. Vice-Reitor e todos os superiores daqui, e mesmo todo o Instituto, se recordam de si com muito prazer…

Receba toda a minha bênção junto da Mãe Consolata. Com muito afeto no Senhor Jesus…

P.S. Recebi boas notícias dos seus parentes e do seu irmão e da sua irmã em Racconigi, que vivem todos em grande serenidade. *Deo Gratias*!

[Vol. V, pp. 154-155, n. 570]

94

Ao Ir. Bento Falda

V.J.M. e J. Turim, 8 de dezembro de 1908

Caríssimo Bento,

Compreenderás como o meu coração paterno bateu apressadamente ao saber da tua Profissão Perpétua! O caro P. Morino escreveu-me uma minuciosa relação do acontecimento, descrevendo os pontos principais do lindo discurso do P. Cagliero. Põe em prática o que diz essa homilia, e tornar-te-ás modelo de todos os Irmãos que virão depois de ti.

A graça recebida de Deus naquele dia será para ti fonte de muita glória no Paraíso; esforça-te por corresponder com uma fervorosa prática das virtudes do religioso.

Envio-te a minha bênção, e com ela quero confirmar-te como primeiro Irmão do Instituto.

Com as minhas felicitações recebe também as do Sr. Vice-Reitor, do Ecónomo, do Prefeito e de todos os membros da Casa Mãe.

No Senhor teu com muito afeto...

[Vol. V, p. 156, n. 571]

95

Ao P. João Batista Rolfo

Turim, 19 de janeiro de 1909

Caríssimo em N.S.J.C.,

Vou mandar, com os impressos, aquilo de que falámos na precedente carta. Talvez V. Rev.a, bem como os outros, tenham de deixar a agregação à União Apostólica, como também à Terceira Ordem de S. Francisco, pois saiu um decreto a propósito disto. Mas sobre este assunto vou escrever-vos depois em tempo mais oportuno.

Coragem: *infirma elegit Deus* [Deus escolheu o que é fraco]*;*

as nossas misérias dão mais relevo à bondade de Deus. Força!

Com muito afeto em Nosso Senhor Jesus Cristo...

[Vol. V, p. 178, n. 580]

96

Ao P. João Batista Rolfo

J.M.J. Turim, 15 de fevereiro de 1909

Caro P. Rolfo,

Venho novamente recomendar-lhe que esteja tranquilo, que não se inquiete com os seus defeitos. É claro que se sofre moralmente; mas em nome da obediência deve ter coragem, levando todas as cruzes por amor de Deus.

Fora com as penas e a melancolia; devemos fazer o bem que podemos fazer, com o desejo de fazer ainda mais... Esteja V. Rev.a certo da sua vocação, e não admita dúvidas. Sempre em frente; o Senhor *quer-lhe muito bem*, vai santificá-lo, e depois lhe dará o prémio.

Aos pés da Consolata coloco este bilhete para que ela o torne infalível... Só Deus, mais nada, só Deus...

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. V, pp. 198-199, n. 585]

97

Ao seminarista Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 20 de fevereiro de 1909

Caríssimo em N.S.J.C.,

Respondendo à tua carta, dou-te licença de prolongar a tua morada aqui na pátria quanto for necessário até ficarem resolvidos todos os problemas. Caso alguma coisa não possa ser resolvida durantes estes dias mais chegados, voltas para tua casa outra vez. E acerca do seminarista Sciolla? Como vai a saúde dele? Agradecei as manifestações de bondade da parte do Sr. Reitor, do Diretor e de todos os Superiores.

Dai bom exemplo no Seminário, e não obrigueis ninguém a aceitar uma nova vocação, também por respeito aos superiores que já são tão delicados para connosco...

Agradece aos meus antigos colegas: o Rev.mo P. Vachetta, o P. Rovere, e o digníssimo Diretor, e recomenda-me às orações deles. E vocês rezem à SS. Virgem do seu lugar[18] pelas nossas Missões e também por mim. Em J.C.N.S. vosso com muito afeto...

Coragem e cumprimentos à vossa boa mãe e a toda a família.

[Vol. V, pp. 199-200, n. 586]

98

Ao P. João Balbo

J.M.J. Turim, 29 de março de 1909

Caro P. Balbo,

A última carta que me mandaste escreveste-a com certeza num momento de má disposição. Não pensava eu que me pudesses escrever certas expressões que, espero, caíram por engano da caneta. Lê de novo a minha carta e vais ver que nela não encontras razão nenhuma para responderes da maneira que o fizeste. Pediste-me cartões, mandei-tos. Pediste-me um certo livro, e eu mandei-te dizer o alto custo e que não era adequado à sua utilidade. E tu respondes-me que se tivesses pensado melhor terias primeiro preparado a soma do dinheiro que ele custava. Não estou eu disposto a pagar tal soma se eu considerasse esse livro conveniente?

É natural teres a intenção íntima de obedecer, mas dizeres secamente que *começaste pela obediência e deixarás por obediência* é dito duro demais. O mesmo vale para a tua afirmação que, por causa de *não teres este livro nem as matérias químicas,*

[18] Ou seja, SS. Virgem *Regina Montis Regalis*, do famoso Santuário de Mondovì, no Piemonte (Itália).

já pensas que é inútil, mais ainda, tempo perdido, o estudo do solo - essa afirmação é absolutista demais. Penso que não deves ir a extremos - ou tudo ou nada.

O mesmo se diga da tua afirmação que usarás de outra maneira o teu dinheiro para presenteares os parentes, etc.

Concluindo, penso que não é mal que tu, pelo bem espiritual e material da Missão, deixes estes estudos *ad tempus* [por um certo tempo], mas não pelos motivos que expões. Apesar de tudo, como tu próprio dizias antes da tua partida (para África), tais estudos devem ser só acessórios e restritos às horas de recreio, e não às horas de trabalho pela Missão.

Espero me tenhas compreendido, e que como bom religioso te curvarás *toto corde* [com todo seu coração] ao desejo dos teus superiores, os quais, como fizeram no passado, te darão o que for preciso para fazeres o bem que de ti quer o Senhor.

Não sei se na minha carta te disse que, para a não inquietares, não deves dar a conhecer à tua família as tuas pequenas dificuldades e disposições de ânimo. Falei-te com o meu coração de pai, e tu aceita o que te escrevo com bom espírito.

Abençoo-te no Senhor, com muito afeto...

[Vol. V, pp. 297-298, n. 591]

99

Ao seminarista Lourenço Sales

Turim, 17 de abril de 1909

Caríssimo em Jesus Cristo,

Sob a proteção da B. Joana d'Arc, vaia com coragem e desembaraço: a SS. Consolata há de ajudar-te. Em família, sê delicado e sem timidez. Se alguma coisa te disturbar, não te rales, nem sequer te examines quando tiver passado. A Nossa Senhora de São João Batista te ajudará.

Coragem. Parte hoje com o teu irmãozinho e voltas quinta-feira próxima também com ele. O Sr. Prefeito vai dar-te o dinheiro para a viagem de ida e volta também por Alba; para o

teu irmãozinho pede o dinheiro ao P. Perlo. Com a minha bênção, e com muito afeto...

[Vol V, p. 221. N. 594]

100

Aos missionários do Quénia

J.M.J. Turim, 31 de agosto *(julho)* de 1909
Festa de Santo Inácio

Caríssimos filhos em N.S.J.C.,

Com o coração cheio da maior alegria venho anunciar-vos a alta graça que a Senhora Mãe Consolata nos obteve do Senhor para bem das nossas Missões e do Instituto.

O Santo Padre Pio X com três Breves distintos do dia 12 e 15 do corrente erigiu a nossa Missão do Quénia a Vicariato Apostólico, e confiou-o ao nosso caro P. Filipe Perlo, decorando-o com o título de Vigário Apostólico e Bispo de Maronia.

Com esta decisão conferiu as nossas Missões o mais alto grau de dignidade e importância que se pode dar a um campo de apostolado entre os não-cristãos. E isto, apenas sete anos depois da vossa entrada nessas terras onde viveis: foi de fato no dia 28 de junho passado, vigília da festa dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e sétimo aniversário do dia em que chegastes a Tusu, que a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé decidiu, em reunião plenária, de apresentar ao Santo Padre estes dois pedidos que ele benignamente aprovou.

Envolvido eu na alegria geral de todo o Instituto, e de todos os devotos da Virgem Consolata, o meu primeiro pensamento vai para vós para me alegrar pelo fato que o vosso zelo apostólico e as vossas apostólicas fadigas tenham obtido o melhor prémio que aí pudésseis desejar aqui na terra. Durante estes últimos anos semeastes vós entre tantos labores e aflições mesmo; e agora, eis as vossas almas repletas de manípulos de almas convertidas ao Senhor ou já próximas da Fé.

E assim quadra-vos perfeitamente a sentença do salmo *«Euntes ibant et flebant, mittentes semina sua. Venientes*

autem cum exultatione portantes manípulos suos» [à ida vão a chorar, levando as sementes; à volta vêm a cantar, trazendo os molhos de espigas].

E foi precisamente este bom fruto recolhido em tão breve tempo que levou o Card. Gotti a passar por cima do grau de Prefeitura para conceder imediatamente a dignidade de Vicariato. Por tal favor, dai graças ao Senhor. E, como se faz na casa Mãe, apenas receberdes esta minha missiva, cantai um *Te Deum* solene com a bênção do SS. Sacramento. E depois, omitindo as orações que há tempos vos tinha prescrito, durante nove dias rezai em comum três *Salve Raínhas* com o *Oremus pro gratiarum actione* [oração para agradecer].

Depois recomeçareis a rezar o *Veni Creator* com as três *Ave Marias,* para implorar sob o novo Bispo a abundância das graças episcopais, até ao dia da sua consagração, para a qual já obtivemos a licença, e terá lugar em breve no nosso Santuário.

Este traço de predileção da Santa Sé vos siva de estímulo a perseverardes na santa vocação e a dedicar-vos sempre com maior vigor e constância a esta obra tão manifestamente abençoada por Deus. Seja, porém, o vosso trabalho sempre feito com a maior pureza de intenção, para ser sempre digno da proteção divina e para que, como está escrito, *protegam eum, quoniam cognovit Nomen meum* [protegê-lo-ei porque conheceu o meu Nome].

Aos pés da nossa querida Padroeira vos abençoo a todos com todo o coração, e me recomendo às vossas orações.

Em J.M.e J. vosso com muito afeto...

[Vol. V, pp. 259-260, n. 607]

101

Ao P. Humberto Costa

Turim, 1 de novembro de 1909

Caro P. Costa,

Hoje à tarde pelas 16h30 mandas à *Consolatina* um Neo-Sacerdote, ou melhor dois, e os seminaristas necessários para a Bênção Solene. Imediatamente depois da cerimónia eles voltam

para aí. Vocês começam o rosário inteiro às 17h00, para eu poder já aí estar para a Bênção simples.

Diz ao seminarista Sales e ao irmão dele que vão com a mãe.

Amanhã às 9h00 mandas os seminaristas, os estudantes e alguns Irmãos ao funeral que terá lugar na *Consolatina*; preparem-se para cantar a Missa de Requiem, por exemplo a que tem Gradual.[19]

[Vol. V, p. 293, n. 618]

102

Ao P. João Batista Rolfo

J.M. J. Turim, 5 de novembro de 1909

Caríssimo P. Rolfo,

A sua última carta trouxe-me boas notícias acerca do seu estado de ânimo e da sua saúde. Agradeçamos ao Senhor e procuremos viver em paz, e preparemo-nos para aguentar algum futuro pequeno espinho cá na vida deste pobre mundo: *ostendam illi quanta opportet pro nomine meo pati* [mostrar-lhe-ei quanto ele deve sofrer pelo meu nome]. Vi também as boas disposições que tem para o futuro. Também é opinião minha que deve V. Rev.a ligar-se ao Instituto em perpétuo. O Senhor que lhe deu a graça de se desligar do mundo civil, ele próprio o ajudará a continuar *usque ad mortem* [até a morte] a sacrificar-se pela santa obra da salvação das almas.

Coragem, portanto. Quando voltar o Monsenhor com o P. Bellani, ofereça-se, com toda a minha aprovação ao Senhor para sempre. Quando terminarem os cinco anos da promessa, renove os mesmos votos até ao dia solene da promessa perpétua. Com o andar dos tempos, virá também V. Rev.a à pátria - mas isso, colocamo-lo nas mãos de Deus.

Com todo o coração lhe envio a minha bênção. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. V, p. 295. N. 619]

[19] Ou seja, a "Missa pelos defuntos" em canto gregoriano, contida no livro *Graduale*.

103

Ao P. Tomás Gays

V. Maria Imaculada Turim, 8 de dezembro de 1909

Caríssimo P. Gays,

Foi este ano para nós um tempo de graça e de alegria. Depois da criação do Vicariato Apostólico veio a abertura da nova casa do Instituto, e depois a consagração do nosso Monsenhor. Mas nem mesmo assim cessaram as festas, pois a presença do novo bispo no meio de nós foi objeto de muitas manifestações em favor das Missões, e também de um maior conhecimento delas.

Isto causou um retardo no desejo vivíssimo do Monsenhor de voltar para vós o mais depressa possível. Desejaria eu segurá-lo aqui mais tempo, mas tenho de, para vosso bem, fazer este sacrifício. E assim, no princípio de janeiro, com vários antigos e novos confrades, vai ele voltar para vós.

Nem me atrevo a dizer-vos para o receberdes com a maior solenidade possível, porque eu sei quanto o amais e estimais. De hoje em diante, mais ainda do que antes, será ele o vosso chefe e o vosso pai. A maior consolação para ele será rever-vos todos, cada um no seu lugar, trabalhando pela própria santificação e para a evangelização desses povos.

Pela minha parte, durante toda a convivência e troca de impressões com ele, e considerando os muitos louvores que continuamente ele de cada um de vós proclamava (especialmente de si, caríssimo padre Gays!), muito aumentou o meu afeto por vós, se é que tal posso dizer! Confesso mesmo que por vozes chorei de comoção e de consolação ao ouvir ele contar-me o bom espírito que entre vós reina.

Continuai, ó meus queridos, neste sólido caminho, e então abundantemente vos abençoará a nossa Consolata, e abençoará ela todas e cada uma das vossas fadigas: e tudo isto será para consolação de toda a Santa Igreja, e do Santo Padre Pio X, que muito também vos ama.

Tenho a certeza que o Monsenhor lhe vai contar a si tantas coisas maravilhosas e consolantes que aconteceram durante a

sua permanência na Itália. Muito grato lhe fico pelas Boas Festas de Natal e Ano Novo que me mandou: retribuo penhorado. Para o próximo ano dou-vos como protetor especial o Beato Gabriel Perboire; proponho-vos que imiteis a sua *conformidade em tudo à santa vontade de Deus*. Esta virtude exercitou-a o santo especialmente nas Missões, como podeis deduzir da pg. 42 do livrinho sobre a vida dele que vos mando. Lede e meditai o tratado 8 da primeira parte do Exercício de Perfeição do Rodrigues, em que cada um encontrará coisas que muito podem ajudar a aprender e a praticar esta virtude.

O Senhor vos abençoe a todos, incluindo as boas Irmãs, e rezai também vós por este vosso que vos ama muito no Senhor...

[Vol. V, pp. 298-299, n. 621]

104

Ao seminarista Lourenço Sales

Data incerta

Caríssimo em N.S.J.C.,

Coragem; é o demónio que quer disturbar-te. Fica *in corde Jesu* [no coração de Jesus] e isso basta! Queria ir aí hoje à tarde, mas não posso por causa duma reunião no arcebispado. Escuta: continua a ir à Comunhão, segue o meu conselho, tal e qual como se te tivesses confessado, e esquece tudo. Basta que obedeças.

Até amanhã. A minha bênção com muito afeto...

[Vol. V, p. 342, n. 632]

105

Ao seminarista Lourenço Sales

Data incerta

Deves ser humilde, mas não sentir desprezo por ti próprio. Deus perdoa e esquece; tu deves compensar com o teu fervor e a tua virtude. Os Superiores querem-te muito bem: não os evites nem vejas mal no que eles te dizem, ou nas suas decisões.

Não desanimes, mas trabalha, fazendo o que os superiores te aconselham, pois a vontade deles é a vontade de Deus.

Coragem. Sempre em frente. Aceita a minha bênção...

[Vol. V, p. 343, n. 633]

106

Ao P. Humberto Costa

Turim, 8 de abril de 1910

Muito Reverendo Assistente,

O jovem António foi aceite só por alguns dias para visitar a comunidade e ver a maneira de ser e viver dela; mas não para ficar ainda. Foi o que fizemos com Severino de S. Damião e com o Tomás.

Por isso, em vez de mandar a carta para pedir que lhe tragam as coisas, que vá ele a casa amanhã, sábado, e depois veremos. É assim que costumamos fazer; por isso volte ele a casa, e depois vamos mandar-lhe uma carta.

Cumprimentos no Senhor, com muito afeto...

[Vol. V, p. 362, n. 638]

107

Ao seminarista Domingos Spinello

Turim, 14 de abril de 1910

Reverendo Seminarista,

Considerando o modo prudente do teu comportamento e a avaliação do superior, eu, em nome da Consolata, aceito-te no nosso Instituto. Vais esperar até ao fim do ano escolástico, continuando a rezar ao Senhor para que te oriente para a vocação para a qual ele desde toda a eternidade te preparou.

Se tiveres ocasião de vir a Turim, vem, e vamos conversar os dois, e farás também a visita do nosso médico, coisa que com todos se costuma fazer. Reza também tu por mim...

[Vol. V, p. 363, n. 639]

108

Ao P. Humberto Costa

J.M.J.

Santuário de S. Inácio,
9 de julho de 1910

Caríssimo P. Costa,

Recebi as tuas duas últimas cartas, que são como eu as desejo: curtas e segundo a realidade das coisas e dos acontecimentos.

Acerca do êxito dos exames, penso que devemos estar contentes. Vê-se que quase todos fazem o que podem; mais um poucochinho de esforço e logo chegará o descanso e a frescura de S. Inácio. É preciso que cada um use todas as suas energias, e então Nosso Senhor dará o prémio ao nosso trabalho. Mas é também precisa a prudência.

Rezo a S. Inácio de Loiola para que nos dê muito do seu espírito e do espírito do seu filho S. Francisco Xavier.

Apenas tiver começado a segunda série de Exercícios Espirituais voltarei para Turim terça ou quarta-feira próxima; poderei assim ver-vos a todos vós que tão queridos me sois.

Rezai por mim e pelo bom êxito dos Exercícios Espirituais. Abençoo-vos a todos *in Domino*. Com muito afeto...

[Vol. V, p. 378, n. 643]

109

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 29 de agosto de 1910

Caro P Costa,

Amanhã, 30 do corrente, mandamos pelo comboio das 4h10 um cesto de hortaliça. Diz à Irmã Superiora que mande o empregado depois das 5h30 da tarde buscar o cesto para o levar a S. Inácio. É só um cesto que não vai pesar muito.

Daqui em diante escreverei sempre quando mandar coisas destas. Juntai os cestos todos e entregai-os ao motorista de Lanzo para que os leve à Consolata em Turim: aqui têm poucos cestos.

Nossa Senhora da Consolata vos abençoe e vos dê um verdadeiro espírito religioso e apostólico. *In Domino* vosso com muito afeto...

[Vol. V, p. 401, n. 647]

110

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 4 de setembro de 1910

Caro P. Costa,

Recebi a tua carta que muito me alegrou, depois de muito por ela esperar. Gostei dos pormenores todos que nela escreveste. Fico contente com a peregrinação ao Santuário de Marsaglia. Tem muito cuidado para que os estudantes não façam esforços exagerados, para não perderem a saúde de que gozam, e particularmente para que não suem e logo a seguir fiquem parados num lugar onde há corrente de ar.

Amanhã, à hora do costume, vou mandar fruta, pois sei que dela precisa a Irmã. Informa-me por carta se devo mandar mais hortaliça ou não, e se devo continuar a mandá-la de dois em dois dias.

Pode ser que quarta-feira de manhã cheguem aí os Irmãos Leigos, que ficarão até sexta-feira à tarde. Não vai o Vitório porque me pediu para ir a casa por causa de uma dor de ouvidos que teve desde quando era garoto. Em casa vai pensar mais na sua vocação, sobre a qual tanto ele como eu temos dúvidas. Avisa o irmão dele.

Cumprimentos a todos e recebei a minha bênção paterna. Com muito afeto no Senhor...

P.S. Com boas maneiras, vê se consegues que o P. Borio não leia mais artigos de jornal aos estudantes.

[Vol. V, pp. 402-403, n. 648]

111

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 5 de setembro de 1910

Caro P. Costa,

Recebi agora pelas mãos da Sr.ª Inês Perlo uma tua nova carta. Acho que recebeste hoje a que eu te mandei na qual te dizia que hoje à tarde vamos mandar alguns cachos de uvas. Por agora não mandamos mais hortaliça até que voltem os Irmãos Leigos que aqui hão de chegar quarta-feira de manhã, para partirem outra vez sexta-feira à tarde: Assim passarão a grande festa convosco.

Não vou repetir o que já te disse acerca do Vitório, o qual disse ao ecónomo que não volta senão depois de fazer o serviço militar. Diz-lhe que não se preocupe: a pedido do Vitório, eu já escrevei ao prior de Bra com quem vou falar sobre este problema quando ele vier a Turim.

Fala com o estudante Bento, em privado e com delicadeza, acerca do harmónio: admoesta-o sobre o seu comportamento...; acerca dos outros, faz o que podes e... rezemos!

Acerca do jogo da bola, não vejo dificuldade; mas é bom saber primeiro se é necessário ou não pedir licença ao presidente da câmara: informa-te bem.

O P. Dolza pergunta se vocês receberam o cesto que vos mandou sábado passado com 3 Kg de *dextrina*.[20] E hoje à tarde não se esqueçam de ir buscar as uvas.

Diz à Irmã superiora que os Irmãos Leigos, quando chegarem quarta-feira, trazem dois coelhos mortos. Cumprimentos a todos. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. V, pp. 404-405, n. 649]

[20] Substância branca usada como cola.

112

Aos missionários do Quénia

J.M.J. Turim, 2 de outubro de 1910
Festa dos Santos Anjos da Guarda

Caríssimos Filhos em Nosso Senhor Jesus Cristo,

É tempo para responder à vossa caríssima carta coletiva tão cheia de santa alegria e de espírito apostólico.

Dissestes muito bem ao afirmardes que o ano passado foi o nosso *ano de oiro* por causa das graças extraordinárias que o Senhor nos concedeu.

Muito vos terá dito o caríssimo Sr. Vigário Apostólico, mas não conseguiu certamente exprimir a realidade total como ela foi. E quantas vezes pensei eu: Ai como seria bom se eles estivessem todos aqui em Roma e em Turim!... Teríeis visto o Santo Padre, todo bondade, e quase esquecido da sua grande dignidade, a interessar-se pelos mínimos particulares do nosso Instituto e das nossas Missões. Vós o teríeis ouvido exclamar, com as lágrimas nos olhos, que nós damos consolação à Igreja, a qual, enquanto perde na Europa tantos filhos ingratos, é compensada na África por tantos e fervorosos novos cristãos.

Da mesma maneira se exprimiram os Eminentíssimos Cardeais Gotti e Vives, e muitos outros que em Roma muito afeto nos têm. E em Turim foi uma festa contínua ao nosso novo Bispo, desde o dia da sua consagração até ao momento da partida dele – tempo curto demais para o nosso gosto!

Repito: 1909 foi e sempre será o ano de oiro do nosso Instituto, tal como foram os anos da nossa fundação e da ereção do Quénia a Missão Independente. Mas a maior graça que recebemos o ano passado foi a da aprovação do Instituto e das Constituições, porque tal graça o estabeleceu sobre bases sólidas e o elevou à dignidade de Congregação com todos os direitos das Congregações aprovadas pela Santa Sé.

Foi o Senhor que em tempo tão breve, não obstante a nossa pequenez, operou verdadeiras maravilhas: *a Domino factum est istud, et est mirabilis in oculis nostris* [foi o Senhor que tal fez e

que tão maravilhoso é aos nossos olhos]. Por tantos favores recebidos, gratos devemos ser ao Deus de quem nos vem *omne donum optimum et omne donum perfectum* [todo o dom excelente e perfeito].

Agradeçamos à nossa querida Padroeira, a Santíssima Consolata, que connosco se comporta como verdadeira Mãe e Rainha generosíssima.

Vão em seguida os nossos agradecimentos ao Santo Padre e aos nossos Superiores; e não podemos esquecer a falange dos nossos Amigos e Benfeitores que tanto nos ajudaram a obter tão felizes resultados. Rezemos por eles, e por eles ofereçamos ao Senhor o mérito das nossas fadigas apostólicas.

Mas não podemos parar por aqui. Vós mesmos me dissestes que, vendo a grandeza dos benefícios que a Santa Igreja nos concedeu, vos sentis animados e desejosos de corresponderdes sempre melhor à vossa sublime vocação. E bem justo é esse vosso propósito. A vocação do missionário é sublime porque é realmente a continuação da Missão de Nosso Senhor Jesus Cristo, da missão dos apóstolos e dos santos missionários que vos precederam. Esta vocação eleva-vos acima da dos cristãos normais, dos religiosos, e mesmo dos sacerdotes das nossas terras, porque a vós é concedido levar a conhecer e a amar a Deus tanta gente que, sem vós, nunca o conheceriam nem nunca o poderiam amar.

Aos missionários se aplicam de maneira especial as palavras do Senhor Jesus que disse: *Vos estis, qui permansistis mecum in tentationibus meis; et ego dispono vobis... regnum... ut sedeatis super thronos* [vós sois aqueles que permanecestes comigo nas minhas provações... e eu disponho do Reino para vosso favor... para vos sentardes em tronos]... Que promessa consolante, e que prémio!

Como corresponder a tão sublime vocação? Meditai e praticai o que está escrito no primeiro capítulo das nossas Constituições: o objetivo primeiro é sempre a vossa santificação, e depois a evangelização dos não-crentes. Erraria quem se desse inteiramente aos trabalhos da Missão e esquecesse a oração, a prática das virtudes e a observância dos santos votos e das

Constituições. Deus prometeu ficar sempre com os seus apóstolos até ao fim dos séculos, mas ele concede uma ajuda especial só àqueles que se mantêm unidos a Ele com a mente e com o coração.

Só quem vive como S. Paulo unido a Nosso Senhor Jesus Cristo pode repetir: *Omnia possum in Eo qui me confortat* [tudo posso naquele que é a minha força]. Esta união com Deus leva-nos a sempre procurar exclusivamente a sua glória; e também a reconhecer, na prática, que é Ele que opera todo o bem por meio de nós; e então o Senhor concederá, sem limite, as suas graças para a nossa santificação e para a conversão dos não-crentes.

Guardando sempre estes propósitos, dai-vos *toto corde et omnibus viris* [com todo o coração e com todas as forças] à obra da evangelização. Foi por esta intenção de vos tornardes santos que seguistes a vocação missionária, preferindo o nosso Instituto a tantas outras Congregações que se ocupam de outros ministérios.

Mas para que o vosso trabalho dê o fruto desejado, tem de ele ter três qualidades: ser *perseverante, unânime e iluminado*. Receberá o fruto do seu trabalho aquele que não só começa bem, mas que *persevera com constância*; e somente aquele que trabalhará até ao fim receberá o prémio dos apóstolos.

Não suceda que alguém de entre vós comece com ardor, mas depois, por qualquer contrariedade ou incómodo, arrefeça, ou se torne morno, e quase se arrependa de ter seguido tal vocação, ou suspire por aquilo que generosamente deixou por amor de Deus e das almas. Não, vós não sois daqueles que desejam ser repatriados o mais depressa possível; pelo contrário, tendes medo de voltar à pátria, porque não desejais perder, ao menos em parte, o tempo destinado à salvação das almas.

Mas penso que é melhor dizer-vos o que acerca deste problema escrevia o P. Joaquim Llevaneras, Procurador das Missões dos Capuchinhos: «Os missionários que continuamente se sentem devorados por um zelo ardente de salvação das almas, que sentem o desejo apostólico de renunciar à carne e ao sangue: numa palavra, os missionários totalmente dedicados *pro Deo et propter Deum* [por Deus e (pelo amor de) Deus] às Missões,

sentem-se felizes na nova pátria, que mais perto está da pátria celeste; e amam os seus habitantes como seus concidadãos e irmãos novos, e até mesmo como filhos muito amados.

Todos estes missionários, que imitam a perseverança apostólica, nunca mais se afastam, nem nunca desejam afastar-se, dos lugares onde missionam, e só o fariam se a isso obrigados pela santa obediência; é doce para eles perseverarem até à morte, e assim, entre os seus concidadãos e filhos espirituais, forjarem-se um túmulo apostólico – *ex quo defuncti adhuc loquantur* [donde, mortos para esta vida, ainda falam]».

Outra caraterística do trabalho missionário é a *concórdia*. A união da mente e do coração torna ligeira a fadiga, dá força e alcança a vitória. Ai do missionário que, ferrenho nas suas ideias, não sabe renunciar às suas maneiras de ver para aceitar cordialmente a opinião da maioria dos seus companheiros e, mais ainda, a dos seus superiores. Um missionário assim trabalha em vão, ou destrói mesmo o bem feito pelos outros.

Uma falsa estima de si próprio e do seu próprio saber dá a alguns a impressão de terem mais zelo do que os seus colegas os quais, na realidade, possuindo um conhecimento melhor dos lugares e das pessoas do que eles, se comportam com maior prudência, e por isso produzem verdadeiros frutos de bem duradoiro. Trabalhai unânimes, e Deus há de abençoar as vossas fadigas comuns.

E agora, a terceira caraterística do vosso trabalho, que eu chamo de '*iluminado*' - em relação ao método a seguir. O decreto da Santa Sé que aprova o nosso Instituto, as afirmações da S. Congregação de Propaganda Fide, e também as palavras do Papa, declaram qual deve ser o nosso método de apostolado: dos indígenas é preciso fazer homens trabalhadores para depois se poder fazer deles cristãos: mostrar-lhes os benefícios da civilização para lhes dar o amor à fé: hão de amar a religião que lhes promete a felicidade da outra vida - mas que primeiro os torna mais felizes aqui na terra.

No passado houve quem ousou criticar o nosso método de evangelização, como se nós nos ocupássemos demais dos bens materiais em prejuízo dos bens espirituais: diziam que é preciso pregar e batizar sem nos ocuparmos de mais nada. Mas depois

da publicação do decreto da nossa aprovação e das conferências de Mons. Perlo e do P. Gabriel, começaram a mudar de ideia, e vários confessaram isso mesmo.

Sirva-nos de exemplo o P. Ricci da Companhia de Jesus, o qual, para penetrar na China e ganhar crédito para si próprio e para os missionários e, portanto, para abrir o caminho à conversão daquelas gentes, começou por ensinar a matemática, compor mapas-múndi e fazer relógios solares: foram estas as coisas que lhe ganharam a estima da gente e fizeram com que o considerassem benemérito, coisas que causaram a confiança nele quando depois começou a ensinar a religião cristã.

A quem na Europa o criticava, como se andasse a perder tempo ensinando as ciências humanas, respondia ele: *eu cá por mim gosto mais de fazer isto do que converter dez mil pessoas à religião cristã.* Sim, se durante a vida dele se batizassem só duas mil pessoas, a palavra de Deus teria chegado aos ouvidos de muitos milhões de pagãos; e poucos anos depois da morte dele já lá havia uns quarenta mil cristãos. Mas porque estou eu a dizer-vos estas coisas, a vós que de boa vontade passais meses e anos numa serração ou numa granja, sem nunca vos perderdes de coragem, e até mesmo contentes e convencidos de fazer desta maneira um apostolado mais profícuo? Vós sabeis bem que por agora seria inútil uma pregação verdadeira; sabeis que por agora é preciso semear a palavra de Deus de maneira calma e, por assim dizer, casual, durante o trabalho mesmo, e com muitas sessões de catecismo.

E assim a vossa *Kerera* [catecismo] lá se vai espalhando pelas aldeias, e vereis a nossa santa religião penetrar pouco a pouco na alma dessa gente, e com a graça de Deus prepararei muitos para receberem o santo Batismo. É este o método verdadeiro para a conversão de todo o belo Vicariato do Quénia.

Termino dizendo-vos que me alegram as vossas ótimas disposições para vos tornardes e vos conservardes sempre missionários dignos deste nome. É esta a recompensa que eu e o querido Sr. Vice-Reitor esperamos receber do vosso zelo apostólico.

Digne-se o Senhor confirmar os santos propósitos que

fizestes durante os Exercícios Espirituais e os faça produzir muitos frutos.

Desta maneira a nossa Santíssima Consolata continuará a abençoar as vossas fadigas, suscitará aqui na Casa Mãe novos aspirantes que virão no futuro ajudar-vos no vosso trabalho, e há de dar-nos mais e mais benfeitores para fazer face às ingentes despesas dessa vossa Missão e das outras que a Divina Providência se dignar confiar no futuro ao nosso Instituto.

A caridade de N. S. Jesus Cristo esteja sempre com o vosso digno Vigário Apostólico, com todos vós sacerdotes e Irmãos, com as boas Irmãs, com os novos cristãos, neófitos e a inteira Missão do Quénia.

Com muito afeto em Jesus, Maria e José...

P.S. Desejo-vos todas as bênçãos para o ano 1911, e proponho como protetor do ano o B. António Neyrot cuja *humildade* vamos procurar imitar durante o ano.

[Vol. V, pp. 407-412, n. 650]

113

Ao P. Rodolfo Bertagna

Turim, [princípio de janeiro de 1911]

Caro Teólogo,

As duas primeiras páginas da tua carta são para mim um mistério. Nunca seria eu capaz de imaginar de te fazer tais perguntas. Se disseste isto a outros, dizes-me que o disseste *em confidência,* portanto não me disseram nada, se é que te compreenderam!

Realmente, se tu me pedisses um conselho, eu poderia examinar-te melhor para melhor avaliar a questão. Mas a verdade é que tu me escreves dizendo que *os votos perpétuos não os fizeste segundo a regra, e que agora não tens coragem de os renovar*. Que resposta te posso eu dar agora senão dobrar o joelho diante da tua decisão soberana?

Vai o Sr. Vice-Superior decidir quando voltarás para cá.

Entretanto, não te esqueças que tens a obrigação de não falares disto a ninguém senão ao Monsenhor, e deves observar os votos até à tua chegada a Turim.

Não sinto coragem para dizer mais nada, mas vou pedir à SS. Consolata que te abençoe. *In Domino*, com muito afeto...

[Vol. V, p. 459, n. 667]

114

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Santuário de S. Inácio,
4 de julho de 1911

Caro P. Costa,

Recebi esta manhã a tua caríssima carta, que muito agradeço pelas boas notícias *pormenorizadas* que nela me dás.

Sim, o meu coração está convosco, e a minha mente gostaria de sempre correr para o querido Instituto; mas tenho de fazer também eu os Santos Exercícios Espirituais, tenho também eu de pensar na minha alma; por isso, vou oferecer a S. Inácio todos os meus pensamentos, e ele vai dar abundantemente as suas graças àquilo que eu não quero fazer. Haja um pouco de abandono à Providência do Ven. Cottolengo!...

Muito bem a prática da Primeira Sexta-feira e da Recoleção Mensal. Espero que, bem feitos, muito bom espírito deles virá.

Acerca dos exames, muito bem. Se puderes, vai ter com os Irmãos Leigos para a distribuição dos prémios.

Penso que deverias dar aos confessores alguma bebida com água fresca (não com gelo) ou vinho. Deveríamos introduzir o uso do café todas as sextas-feiras do ano? Com isso não estou eu de acordo. Faz isso só como exceção, e perguntando cada vez a cada um se precisa de beber por causa do calor.

Lamento que tenham aceitado [para o exército] outra vez o estudante Casa; será mais uma prova para uma vocação que não considero certa.

O Rev. P. Giaccardi agradece a oferta que lhe foi feita; pede, porém, que os exames sejam antecipados se possível, porque talvez tenha de ir

a Lourdes no dia 3 de agosto. Vê se podes contentá-lo. O estudante Marengo escreveu-me e mandou-me uma carta do P. Mascarelli, diretor do seminário, na qual, em nome do Sr. Cardeal, ele não o aceita no seminário. Respondi-lhe que se lembre dos sentimentos que mostrou ao sair do Instituto, e que faça aquilo que em ponto de morte desejaria ter feito.

Hoje o caro ecónomo deve ter ido a Caramagna. Quando voltar dê-lhe os meus cumprimentos.

A minha bênção para todos os meus queridos filhos. Às orações e sacrifícios deles na observância cordial dos seus deveres vou atribuir o bom êxito dos Exercícios Espirituais deste rebanho de 80 sacerdotes.

Com muito afeto no Santíssimo Coração de Jesus...

[Vol. V, pp. 613-614, n. 690]

115

Aos missionários do Quénia

25 de julho de 1911

Carta de acompanhamento do "Livreto das Cerimónias"

Meus queridos missionários,

Apresento-vos algumas instruções sobre as cerimónias que recomendo à vossa séria consideração. São fruto de uma longa experiência, tiradas das Rubricas, das decisões da Sagrada Congregação para a Liturgia e dos melhores escritores sobre a Liturgia.

Conheceis bem a importância dada pelo Senhor às cerimónias no Antigo Testamento, e quanto ele sempre as recomendou. No cap. 8 do Deuteronómio lemos: *Observa, et cave ne negligas mandata Domini et coeremonias, quae praecipio tibi* [Observai e guardai-vos de negligenciar os mandamentos do Senhor e as cerimónias que hoje vos anuncio]. E no cap. 11 é proposta a observância das cerimónias dos mesmos mandamentos divinos: *videte ut impleatis caeremonias atque judicia* [portanto, esteja atento à observância de cerimônias e leis].

Na Nova Lei, a S. Igreja, sob a inspiração de Deus, usou sempre o máximo cuidado nos Santos Ritos, e por isso mesmo instituiu uma Congregação que tudo deve examinar neste campo. Meditai no que disse o S. Concílio de Trento na Sessão XXII: "*Quanta cura"* [Quanto cuidado]...

Mais uma advertência. Todas as Ordens e Congregações religiosas, no início da sua existência e nos tempos do seu maior fervor observaram com cuidado as Sagradas Cerimónias, e a prática destas baixou com a sua decadência, e talvez tenham decaído precisamente por negligência no cumprimento das Sagradas Cerimónias.

Portanto todos, sacrificando a própria opinião, praticai em uníssono, e aos novos cristãos ensinai com precisão e espírito de fé interior e exterior as cerimónias propostas pela Igreja. E assim poderá o Senhor dizer de nós: *Sanctificabor in eis qui approquintant mihi, et in conspectu omnis populi glorificabor* [Santificarei os que se chegarem a mim e serei glorificado aos olhos de todo o povo].

Que o Senhor vos abençoe como eu lhe peço de todo o coração. Com muito afeto...

[Vol. V, pp. 634-635, n. 695]

116

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 17 de agosto de 1911

Caro P. Costa,

Voltam os queridos irmãos Leigos e os três candidatos, reforçados no corpo e reanimados no espírito. Recomendei-lhes como sinal especial da sua vocação *a diligência nos trabalhos*. Ao Mário dei-lhe licença para ir passar o dia de amanhã em casa com a família. João vai segunda-feira passar uns dias com os seus.

Amanhã venho aí com o Carlos, pode ser que fique comigo na Consolata. Se vieres cá sábado, de manhã ou de tarde, vamos conversar sobre vários assuntos. Cumprimentos.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. V, p. 678, n. 699]

117

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 25 de agosto de 1911

Caro P. Costa,

Alegro-me com as notícias sobre o seminarista Cagnolo e com o progresso de Garrone: Ao Garrone continua a dar os cuidados de que precisa, e faz com que ele se esforce por caminhar tanto quanto pode.

Espero que ontem tenha chovido aí como choveu aqui, e que tenha mesmo chovido mais, e que hoje faça bom tempo como em Turim.

Hoje à tarde às 17h45 mando alguém à estação, como me escreveu o P. Bório; penso que não chegaram cogumelos; no entanto, se amanhã, sábado, houvesse, podem mandá-los pelo mensageiro.

Não deixes que percam muito tempo a apanhar cogumelos. E que não espezinhem os campos com tanta caminhar à procura deles, e por isso se lamentem depois os donos.

O seminarista Maletto está melhor, mas deve ainda ficar em Turim para ir ao médico. Apenas acabar a Novena, levem o Santíssimo. Ainda não sei quando poderei ir a S. Inácio, espero brevemente. Diz ao P. Bório que recebi a carta dele para o Sr. Cardeal, e que a mandarei escrever à máquina pelo T. Gunetti.

Cumprimentos a todos, e a todos envio também a bênção da Consolata. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. V, p. 680, n. 700]

118

Aos Padres Humberto Costa e Luís Perlo

J.M.J. Roma, 13 de dezembro de 1911

Caríssimos Padres Costa e Perlo,

Estamos a chegar ao fim da nossa missão. Chegámos a Roma

com um atraso de uma hora e meia e no Domingo a primeira coisa que fizemos foi ir à Basílica de S. Pedro, onde rezei por várias intenções...

Depois fui visitar o Mons. Bonsano, o P. Barlassina e o Mons. Virili, postulador da Causa do nosso Venerável. Segunda-feira, visita ao Card. Gotti, que me deteve muito tempo com muita amabilidade.

Terça-feira levámos o processo à Sagrada Congregação dos Ritos, visitámos de novo a Basílica de S. Pedro e pedimos audiência ao Santo Padre. Quarta-feira, visita ao Secretário da Propagação da Fé, Mons. Laurenti, que nos quer muito bem. Amanhã, audiência com o Santo Padre às 11h30. Hoje visitámos de novo o Card. Martinelli, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, o Card. Vives e os Monsenhores Verde e Mariani. Eu sinto-me bem; espero terminar tudo sexta-feira para voltar sábado para Turim.

Rezem por mim, e para que esta minha viagem a Roma seja par glória de Deus e o vosso e o meu bem. Estive muito tempo longe do nosso caro Instituto e daqueles que faziam os Exercícios Espirituais. Deem estas notícias às Irmãs Consolatinas.

Cumprimentos a todos. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. V, p. 762, n. 712]

119

Ao P. João Balbo

J.M.J. Turim, 15 de janeiro de 1911

Caro P. Balbo,

Pedes-me que te dê o meu juízo sobre o teu comportamento e sobre o teu futuro. Acerca da primeira coisa, tens o teu Superior imediato, o Monsenhor que, certamente, como me disse a mim ter-te-á também dito a ti que está contente contigo: uma prova é o fato que te deixou por muito tempo como superior duma estação de Missão, e que te escolheu agora para fundar a

missão de Meru. Também o Sr. Vice-Reitor me falou bem de ti.

Acerca do teu futuro, teria sido melhor não pedires o conselho dos teus parentes, pois eles assustaram-se por causa da carta que lhes escreveste, e disseram-me com franqueza que eles nada têm a ver com esse problema. Nesta matéria, os conselhos pedem-se a quem no assunto é competente - e a Jesus Sacramentado.

Respondo às tuas objeções:

1. Sinto-me contente que, como ocupação secundária, te ocupas de botânica. Por isso te enviei aquele livro alemão e o resto que me pediste. Também é verdade que nada apareceu até agora no Periódico, mas quem tem culpa disso? Do Prof. Negri que faltou à palavra dada, e que agora foge ao P. Costa que lhe pede ao menos o herbário.

Depois de ir aí, o Sr. Vice-Reitor já me escreveu a louvar os teus trabalhos e diz que deseja dentro de pouco tempo ter algo para publicar. Portanto, a primeira objeção... evaporou-se.

A segunda é a mudança de lugar onde trabalhas. Creio que tu estiveste muito tempo na mesma estação de Missão, portanto o problema não está em ti. Sê humilde e sujeita-te à obediência que julga diversamente. Os padres jesuítas mudam de lugar muitas vezes, até mesmo para se sentirem 'desligados do emprego', pois se a ele se ligam, isso poderia mesmo ser de prejuízo em certas situações particulares. Quando o bem geral tal exige, é preciso ter a obediência sempre na *mente*, sem julgar aquele que deve dirigir. E se alguma vez o superior faz alguma exceção à regra, é só para o maior bem geral.

Penso ter-te respondido segundo o teu desejo. Coragem, reza e pensa no prémio eterno no Paraíso que está destinado aos verdadeiros missionários perseverantes.

Nossa Senhora da Consolata te abençoe a ti e aos outros missionários que contigo trabalham no Meru. E nós vamos rezando para que a semente que vós lançais ao terreno produza frutos abundantes.

E, recorda-te, vós sois os 'benjamins' deste vosso afetuosíssimo pai em Nosso Senhor Jesus Cristo...

[Vol. VI, pp. 40-41, n. 724]

120

Ao P. Carlos Saroglia

J.M.J. 14 de fevereiro de 1912

Caríssimo P. Saroglia,

A primeira convicção que deves ter é que estás aí por vontade de Deus, e que é por minha ordem que os missionários são mudados várias vezes duma estação de Missão para outra. Talvez certos sinais te levem a acreditar que estas mudanças produzem uma diminuição de confiança nos superiores. Mas não deve ser assim; não deves parar a considerar ideias semelhantes.

E como me dizias na carta, manda embora estes pensamentos. Certamente que Limuru é um lugar de especial importância: deves estudar bem a língua, mas o Senhor vai ajudar-te, e conseguirás! E isto vai ser para mim uma ocasião de te escrever mais vezes, e então automaticamente ficarás mais perto dos superiores. Portanto, coragem, e aceita de boa mente os caríssimos que a ti se apresentam hoje: são dois queridos Irmãos: conforta-os e anima-os espiritualmente.

Para descargo da tua consciência vou entregar ao Sr. Bianciotti *400* Liras em ouro, e *4* Libras (esterlinas), tudo para a viagem, e disso dará ele conta a ti ou ao Monsenhor. Repito: coragem, pensa que te tenho amor, também porque tendo os votos perpétuos és meu filho perpétuo. E escreve-me muitas vezes.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 77, n. 731]

121

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Rivoli, 10 de março de 1912

Caríssimo P. Costa,

Sempre me alegram as tuas notícias sobre o caro Instituto, e

também sobre os exames que correram bastante bem. Deo Gratias! Acerca da carta sobre os Votos: provavelmente não terei tempo para a escrever antes de quinta-feira à tarde, pois penso voltar para Turim quinta-feira de manhã. Se pensas que é melhor escrevê-la antes, faz o que melhor te parece *in Domino*.

Pela tua carra vejo que te sentes desgostado por causa do que eu disse ao ecónomo: interpretastes negativamente demais as minhas palavras. Na minha franqueza e abertura, e para o maior bem, fiz uma ou outra observação a ambos os dois, sem a isso dar muita importância. Ficai tranquilos, e continuai a ter a vosso entusiasmo de sempre para o bem da comunidade. O Senhor vos abençoará e vos confortará no vosso trabalho. Penso que as poucas palavras a dirigir ao Mons. Bonzano seria bem que as lesses tu, e que as lesses *em inglês*. *Concordas?*

Neste meu peregrinar, enquanto procuro afastar tantas cogitações, deixo sempre que dominem os pensamentos sobre os meus queridos missionários; rezo por vós, para que em vós se cumpra a santa vontade de Deus. Muitos cumprimentos a todos, especialmente a vós dois, e toda a minha bênção. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 95, n. 733]

122

Ao P. José Perrachon

J.M.J. Turim, 7 de junho de 1912

Caríssimo P. Perrachon,

Desejo que leia esta minha carta na capelinha diante de Jesus Sacramentado. Trata-se de uma notícia que ainda não soa bem dentro de mim. E no entanto, a verdade é que o seu bom pai partiu para o Senhor a noite passada. No meio da sua dor, diga o seu *fiat* em sufrágio daquela alma eleita.

Aos 52 anos estava já maduro para o Céu: lá, terá ele uma glória especial por de tão bom grado ter aprovado a sua vocação.

Domingo dia 26 de maio, veio visitar-me; confessou-se e recebeu a sagrada comunhão no Santuário. E durante o dia veio-

lhe uma congestão cerebral que lhe apagou a memória. Voltou para Pinerolo, e lá parecia estar tranquilo e são. Terça-feira veio de novo a Turim, e aqui o mal atacou-o mais gravemente, e foi preciso levá-lo para o hospital Martini que fica perto do Instituto. Tivemos sempre a esperança que recuperasse. Mas teve vários pequenos golpes apopléticos que o levaram ao fim da vida, e expirou tendo recebido a bênção do nosso Cardeal, e com os Santos Sacramentos.

É compreensível a dor da cara irmã durante estes dias. A tia de Turim está com ela, e nós fazemos também tudo o possível. O T. Gunetti encarrega-se do transporte do cadáver para Pinerolo onde será sepultado amanhã.

Acerca da irmã e dos bens não se preocupe, vou eu fazer de pai, como ela deseja; e vou fazer com que os parentes a não inquietem.

Ela tem uma fé forte e bons princípios, e o Senhor há de ajudá-la. Vou manter V. Rev.a ao corrente de tudo, também porque ela é ainda menor.

A Santíssima Consolata o console a si e lhe dê a força dum verdadeiro apóstolo... Já mandei rezar missas pelo seu pai; celebre também V. Rev.a segundo o Regulamento.

Tenha coragem no Senhor.

Com a minha bênção, e com muito afeto *in Domino*...

[Vol. VI, p. 158-159, n. 747]

123

Aos missionários do Quénia

Turim, 21 de julho de 1912
Festa do Santíssimo Redentor

Caríssimos no Senhor,

Chegou o muito desejado regresso do Vice-Superior que muita alegria me deu, a mim e a todo o Instituto. Mas maior consolação me deram as notícias que de vós ele me trouxe sobre o andamento geral das missões, muito especialmente o bom

espírito que vos anima sempre a todos vós como religiosos e missionários.

Estava eu pronto para vos comunicar a minha alegria e para vos exortar sobre alguns pontos que me parecia ao menos oportuno mencionar, quando me chegou fulmínea a dolorosa notícia da morte do querido padre Manzon.

Podeis bem imaginar a profunda tristeza que todos sentimos por tão angustioso anúncio, por tão dura prova para todo o Instituto. Sua Em.ª o Sr. Cardeal veio consolar-nos mostrando-nos como o Senhor Deus que, pedindo-nos como vítima o mais jovem dos nossos missionários, nos cumulará a todos de bênçãos preciosas a nós e aos nossos queridos indígenas nessas nossas Missões, pelos quais está já agora o nosso querido P. Manzon a interceder no Céu.

E nós ficamo-nos com a certeza que ele já está a receber o prémio das fadigas e sacrifícios que ele ofereceu no seu tão curto apostolado, e do duro sofrimento causado pela dolorosa doença que o vitimou, consolando-nos, porém, a santa morte que o levou.

Agradeço ao P. Dal Canton pela minuciosa relação sobre os edificantes particulares do doloroso trespasse, e muito me conforta o que ele ajuntou dizendo que vós não estais desanimados por tal tristeza, mas que até tomastes fôlego para mais ardorosamente explicitar o vosso zelo apostólico como correspondência à vossa vocação. É isto, creio eu, um primeiro fruto da intercessão daquele que generosamente ofereceu a sua vida para o vosso bem e o bem das Missões.

Foi o que sentiram também aqui os sacerdotes, os seminaristas e os Irmãos do Instituto que unanimemente se mostram sempre mais corajosos a seguir a chamada divina. De maneira particular os sacerdotes que, com cinco novos ordenados, são nove ao todo; e todos eles anseiam por partir o mais depressa possível para colmar o vazio deixado pelo amado e invejado confrade.

Há outros frutos que muito desejo que se tirem desta morte prematura: primeiro, uma séria reflexão sobre a fugacidade da vida humana, incluindo aqueles que gozam duma saúde forte, que são mais robustos do que ele, ele que do túmulo sussurra:

hodie mihi, cras tibi [hoje para mim, amanhã para você]... E é mister sobre isto meditar frequentemente, especialmente durante a recoleção mensal.

Meditar sobre o valor nulo das satisfações desta vida, incluindo as santas consolações do vosso ministério e do vosso emprego... E mesmo sobre o nada que são os sofrimentos, privações e sacrifícios inevitáveis da vossa vida de Missão; sempre, como faziam os santos, *aspicientes in remunerationem* [olhando para a recompensa], olhos fixos no grande prémio que preparado está para todo o missionário que é fiel à sua vocação.

As notícias que me deu o Vice-Superior sobre o espírito que vos anima e sobre as vossas obras, consolaram-me, não há dúvida, como já vos disse, e ao Senhor sempre agradeço. Mas, reparando bem no agregado das relações recebidas, e pensando em algo que me sugere a minha experiência, há uma virtude sobre a qual devo insistir como aquela que mais necessária é a cada um de vós sacerdotes e irmãos, seja nas obras do sagrado ministério seja no exercício dos trabalhos materiais: é a virtude da obediência, que as nossas Constituições chamam a virtude fundamental dum Instituto Missionário (ver o n. 35), e a falta da qual seria suficiente para destruir qualquer Comunidade Religiosa.

Conheceis bem aquela Carta de S. Inácio, sobre a qual sempre tanto insisti; e a importância que ele dava à prática da santa obediência; e como ele queria que ela fosse o distintivo da sua pia Sociedade... Lede-a, e relede-a; melhor: meditai-a seriamente, e seriamente aplique-a cada um a si próprio, como já vos escrevi.

Podeis vós dizer, com toda a sinceridade, que sois sempre e em tudo obedientes no espírito, no coração, nas obras, sempre obedientes diante de Deus? Matéria da obediência são as Constituições, e em seguida as regras da vida comum, do apostolado e do trabalho manual que vos foram dadas minuciosamente nas circulares pelo Monsenhor, e nas suas conferências; e também as ordens, e mesmo as instruções que ele vos dá segundo as necessidades e as circunstâncias.

Estas diretivas acerca da vida de Missão, não podia eu dá-las

a vós quando estáveis aqui, nem sequer depois por carta, não conhecendo eu suficientemente o ambiente tão diverso e mutável em que viveis. Porém, considerando o esquema das conferências anuais que me é apresentado todos os anos, e especialmente escutando as explicações que me deu agora o Sr. Vice-Superior, reconheço que aquelas normas são verdadeiramente dadas com muita sabedoria e prudência.

Muito bem: levastes sempre a vossa mente a aceitar estas normas, a convencer-vos que elas são para vós a vontade de Deus? Não terá acontecido que por vezes pensastes, e mesmo julgastes obstinadamente, e pior ainda se a outros o dissestes, que teria sido melhor se a decisão tivesse sido diferente? Não devemos ponderar até que ponto temos a obrigação de aceitar o juízo do superior, mas devemos trabalhar todos em união. Quando a nossa avaliação é contrária, então é difícil termos um comportamento simples, sincero, cordial e pleno; é difícil agir com aquele *animo volenti* [com uma mente pronta] que quase nos não deixa sentir o peso da obediência, e que, depois da pureza de intenção, é o que maior mérito dá às nossas ações.

Sem este espírito prático de obediência absoluta aos superiores, dizem as nossas Constituições, não é possível a unidade de trabalho e, naturalmente, não é possível o sucesso no apostolado. E é assim porque as fadigas e os sacrifícios feitos só pela própria vontade não são abençoados por Deus: acontece o que aconteceu aos sacerdotes da Lei Antiga que, só por iniciativa própria, *sine consilio exeunt in proelium* [saiu para lutar de uma forma tola], sofreram uma derrota desastrosa que leva o Livro dos Macabeus a concluir: *ipsi autem non erant e semine virorum per quos salus facta est in Israel* [mas eles não pertenciam à raça desses homens, a quem foi dado salvar Israel].

Acreditai-me: a transformação civil e espiritual desse povo acontecerá mais ou menos em breve, mais ou menos larga e profundamente, segundo cada um de vós será mais ou menos exemplar na observação da obediência.

Sei também que o demónio há de sempre dar-vos o pretexto de pensar que vos encontrais em circunstâncias especiais de pessoas, lugares, tempo, etc., que o vosso superior não conhece

as coisas tão bem como vós; que ele não considera suficientemente as vossas observações pois, se bem informado estivesse, havia de vos dar razão... Tudo isto, caros amigos, não passa de uma armadilha do demónio, para vos privar do grande mérito e dos frutos da obediência. O superior local é prudente; se há circunstâncias verdadeiramente excecionais, dizei-lhas com simplicidade, e depois, com humildade, aceitai a sua decisão... E entretanto, enquanto a decisão dele não mudar, continuem a observar-se as instruções precedentes.

Acontece ainda que há um tal que se comporta diferentemente das normas dadas porque as esqueceu, ou porque não refletiu bem sobre elas antes de agir... E que depois, por causa do descuido, pensa que tem a consciência tranquila. Isto está errado. O esquecimento e a falta de reflexão são desculpa somente quando se fez tudo o possível para os prevenir. Reparai no que se faz quando é questão de interesses materiais: escreve-se uma nota num papel, sublinha-se um dia no calendário, ata-se um lenço a um dedo, e usam-se muitas outros artifícios para não esquecermos alguma coisa mais ou menos importante.

Porque não fazemos o mesmo para chamar a nossa atenção para o que nos manda a obediência? Caminhar na vida assim ao acaso, fazer tudo à toa sem esforço nenhum para recordar as instruções recebidas levará muitas vezes a violar as normas recebidas: mas, repito, não devemos acreditar que neste caso ficamos imunes de culpa no tribunal de Deus.

Cada um de vós leia e medite quanto dizem as Constituições acerca da obediência, medite nela todos os dias, faça dela objeto dos propósitos da meditação diária, e também dos exames de consciência ao meio dia e à noite.

Recordai-vos que sereis missionários daquele Jesus que se fez *obediens usque ad mortem* [se tornou obediente até a morte], só se puderdes afirmar que os vossos passos nas Missões são sempre dirigidos para aquele único bem que foi o dele quando viveu cá na terra: *non ut faciam voluntatem meam sed voluntatem Eius qui misit me* [não para fazer a minha vontade mas a vontade d'Aquele que me enviou]. A vontade de quem vos envia, isto é, a vontade do vosso superior - é esta a única diretiva para o vosso apostolado.

É este o voto que para vós faço de todo o coração. Juntamente com o caro P. Vice-Superior renovo o meu obrigado pela alegre receção que lhe fizestes e pela docilidade com que aceitastes tudo o que ele vos comunicou para o vosso maior bem: docilidade esta que me assegura que recordareis como um tesouro também esta e outras recomendações que o Senhor me inspira para que mais facilmente consigais o vosso maravilhoso fim que é a vossa santificação.

Seja sempre a nossa celeste Padroeira, a Consolata, o vosso conforto: ela vos ampare e abençoe sempre, como lhe pede agora, com muito afeto, este vosso em Jesus, Maria e José ...

[Vol. VI, pp. 168-171, n. 750]

124

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Mezelet, 25 de julho de 1912

Caro P. Costa,

Recebi hoje a tua carta, e alegram-me as boas notícias sobre a Casa. Fizeste bem em dispensar do exame o seminarista Maletto. Faz atenção a que ele cumpra tudo o que o médico lhe prescreve. O seminarista Atzeni escreveu-me a dizer que fez uma boa viagem e que está a ser seguido por um bom médico que já lhe disse que ele vai ficar bom em pouco tempo; e depois explicou-me o que fizeram os pais para terem o dinheiro, e pede desculpa: vê-se que nestas casos se tornam selvagens.

O P. Alberione de Alba escreveu-me a dizer que disse ao pai do Saffirio que o filho deve fazer o retiro. Seria bom que tu lhe dissesses (ao pai) que vai ser no dia depois dos exames e antes de ir para S. Inácio. O mesmo P. Alberione disse-me acerca dum tal Ciravegna que quer entrar par o nosso Instituto. Já estudou Teologia Moral durante um ano depois dos estudos teológicos, mas por ainda ser jovem demais só poderá ser ordenado pelo Natal. Pode ser que tu o conheças, ou dele tenhas ouvido falar; se assim for, escreve-me, que eu espero antes de lhe responder.

Aceitei também o jovem Margiaria, e o dois de Cerrina,

Monferrato. Fecha com cola o bilhete aqui incluso, que entregarás ao P. Bodino.

Aqui está fresquinho, lá vamos avigorando as nossas forças físicas e morais para depois fazermos o bem que o Senhor quer.

Cumprimentos a todos, com a minha bênção, e com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 176-177, n. 752]

125

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Melezet, 27 de julho de 1912

Caro P. Costa,

Pela minha carta, que vais mandar ao pai do jovem Saffírio,

verás qual é a minha decisão. Não lhe bastam as últimas e momentâneas centelhas positivas para desfazer tantas negligências que teve durante todo este ano, especialmente no que diz respeito à vivência da vocação, vocação que duvido bem que ele tenha.

Deixemos-lhe ainda um pouco de esperança: ao partir, dizemos-lhe que pense bem, que peça conselho, e que reze. Aos companheiros diz-se que ele foi a casa por motivos de família. Não vale a pena deixar ir a casa o seminarista Calandri; se o pai dele me escrever, dir-lhe-ei que o filho não vai. Se não se eliminam certas veleidades, tudo acabará mal. Ao Barozzi podes permitir-lhe algumas horas quando vai e volta de S. Inácio.

Acerca dos exames, está bem. Ao fim, lê as notas em presença de todos. E que sejam boas, as notas, especialmente as do comportamento.

Cumprimentos ao ecónomo e a todos, também da parte do Sr. Vice-Reitor. O Senhor vos abençoe e vos faça santos.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp.181-182, n. 754]

126

Ao P. João Balbo

J.M.J. Turim, 30 de julho de 1912

Caro P. Balbo,

Lendo várias cartas tuas escritas a mim e ao Monsenhor, e especialmente pelas cartas que escreveste à tua família em que falas do teu património eclesiástico, creio bem que não tens a intenção de fazer o juramento perpétuo, ou que ao menos sobre isso tens bastantes dúvidas.

Para mim, se tal é a tua intenção, nada tenho a dizer porque, acabando o quinquénio, ficas livre. Quero simplesmente dizer-te que se voltas para a Itália, tens de fazer o serviço militar, pois a isenção do serviço militar como missionário é só para os que estiveram em Missão até aos 32 anos de idade. Por isso, se queres evitar o serviço militar, proponho que renoves o juramento até completares os 32 anos; e assim terás também mais tempo para estudares melhor a tua vocação, e depois tomarás uma decisão definitiva.

Peço-te que me dês uma resposta o mais depressa possível, porque tenho de contatar a Propagação da Fé para as devidas faculdades; também quero que tomes a decisão enquanto estás aí, porque se chegasses cá agora, eu considero a tua vinda como decisão definitiva que queres deixar o Instituto.

Pensa bem no caso, reza e manda-me uma resposta o mais depressa possível. Entretanto, rezarei também ao Senhor para que Ele te ilumine bem, e de todo o coração te abençoo.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. VI, p.186, n. 755]

127

Ao P. Ângelo Dal Canton

Turim, 30 de julho de 1912

Caro P. Dal Canton,

Considerando todas as informações que tenho a teu respeito vindas do Monsenhor, e ultimamente também do Sr. Vice-Reitor, devo dizer-te que tenho bastantes dúvidas acerca da tua admissão ao juramento perpétuo. Digo isto não porque duvido que tenhas a vocação, mas porque me parece que a ela não correspondes com empenho no que respeita os teus defeitos, e na aquisição das virtudes próprias dum missionário e dum religioso.

Não quero estar aqui a mencionar as tuas deficiências pois elas já te foram ditas pelo Monsenhor e pelo Vice-Superior. Não sei se atribuir isto ao fato que te tens ocupado até agora mais em trabalhos materiais. O fato é que eu não ficaria tranquilo se te aceitasse sem que tu me dês ainda uma prova que tens sincera vontade de te emendares.

Por isso, vou propor-te de continuares em Missão com um juramento de mais três anos, depois dos quais tomaremos uma decisão definitiva. Pensa bem no caso, reza e dá-me uma resposta o mais depressa possível, pois quero que tomes a decisão enquanto estás aí, e também porque devo ainda pedir à Propagação da Fé as faculdades necessárias para este vínculo temporâneo.

Vou recomendar-te muito à Santíssima Consolata para que ela te inspire para o teu maior bem e te ajude a tornares-te um verdadeiro missionário.

[Vol. VI, p. 188, n. 756]

128

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Melezet, 12 de agosto de 1912

Caro P. Costa,

Recebi as tuas duas últimas cartas, e muito me alegro com a alegria e a boa atitude dos alunos.

Faz com que eles recuperem as energias com passeios matutinos e à tarde, e mesmo mais quando já tiverem mais forças.

Eu já me sinto melhor, há uma semana que corro pelas montanhas, sinal evidente de recuperação. Deo Gratias! Seja tudo

para poder ocupar-me ainda mais energicamente a fazer a vontade de Deus e para nosso bem.

No dia 20 volto decididamente para Turim, e no sábado seguinte vou a S. Inácio onde estarei um dia. Quando chegar a Turim, e apenas o Sr. Vice-Reitor puder dispensar-me o Mons. Perlo, levo-o a S. Inácio. Poderás então voltar para Turim, pois temos de falar sobre vários assuntos. De volta, podes ir visitar os teus familiares. A S. Inácio voltarás talvez para a última semana de férias. Em comunidade, para a Santa Missa podeis usar o vosso calendário. O capelão, que use o seu.

Tenho pena da última descoberta do Blandino; daqui em diante devemos mandá-los todos ao Dr. Precerutti. Não me parece segundo a caridade mandá-lo embora imediatamente. Vamos fazê-lo depois de ele ter voltado para Turim, depois da visita do médico.

Acerca de Albis, paciência; acerca do seminarista Goletto, tudo bem: que fique, e depois vamos tratar do assunto com o bispo. Ao novo aspirante daremos o nome de António.

Acerca de Gemello e Farina, está bem. Vercelletti é um caso que ainda temos de estudar: é o que acontece com todos os que vão a casa.

Peço a Deus para que abençoe todos os meus queridos missionários, que são a minha maior esperança e consolação. Que maravilha se todos correspondessem à grande graça da vocação! Peço-lhes que mostrem uma grande devoção a Nossa Senhora pela Festa da Assunção. Nesse soleníssimo dia, se não tiveres de pregar, lê-lhes a instrução de S. Afonso, ou outro documento, sobre a devoção a Nossa Senhora (*Selva).*[21]

Cumprimentos para todos e rezai também vós por este vosso que muito vos ama no Senhor…

[Vol. VI, pp. 200-201, n. 759]

[21] "*Selva di materie predicabili ed istruttive*" [Floresta de assuntos pregáveis e instrutivos]: livro devocional escrito por S. Alfonso M. de Liguori.

129

Ao P. Gaudêncio Panelatti

Turim, 12 de agosto de 1912

Caro P. Panelatti,

Pelas tuas últimas várias cartas, especialmente a última, vejo que tens muitas dúvidas sobre se sim ou não te agregares para sempre ao Instituto; pode mesmo dizer-se que sentes desejo de não te agregares. Também eu há tempo que tenho as minhas dúvidas. Encomendei o problema a Deus, e cheguei à conclusão que não te posso admitir ao juramento perpétuo.

No que se refere à data da tua vinda para Itália, combina com o Monsenhor e faz o que ele te disser. Mas aviso-te que a Cúria de Turim não te aceita no seu clero, por isso, ao chegares a Génova, segue diretamente no comboio que vai para Voghera-Piacenza-Codogno-Mantova-Peri-Trento, e assim chegas à tua terra.

Deus te abençoe e te dê a graça de viver como verdadeiro sacerdote, como é meu desejo e oração. Com afeto...

[Vol. VI, p. 206, n. 760]

130

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Melezet, 15 de agosto de 1912

Caro P. Costa,

Muito me alegram as boas notícias que me mandas sobre a saúde e o bom espírito que reina nos nossos caros jovens. Mas é melhor não sermos otimistas demais, é mais profícuo trabalhar para conhecer o caráter e as inclinações de cada um. E é verdade que isso se obtém quando se comportam com mais liberdade.

Alegro-me acerca do P. Sales: *Deo Gratias!*

Pedes-me para que fiquem aí os Irmãos leigos para participarem no passeio de segunda-feira. Mas o primeiro grupo dos Irmãos voltava sempre para Turim no dia depois da Festa

da Assunção; porque prolongar as férias deles, que já bastante compridas foram? Já a coisa está decidida, é inútil pedires-me esta licença quando já sabes que não tenho tempo para pensar numa resposta. Creio ver nisto o P. Dolza e o seu grande coração especialmente para com os Irmãos leigos; então, que voltem para Turim nessa mesma tarde.

Vejo que se está introduzindo entre vós o costume de vos tratardes por *padre*. P. Dolza, P. Cagnolo, P. Bento, etc., como escreves tu nas tuas cartas. Dado que estão a ameaçar eliminar as congregações religiosas, talvez não seja o momento de introduzir este costume que pode incluir nessa eliminação também o nosso Instituto. Portanto, daqui em diante, em casa ou fora ou por escrito, use-se a palavra *Don*.[22] Dá este aviso a todos – sem dizer porquê.

A minha saúde, graças a Deus, vai melhorando. No dia 20 à tarde aí estarei de novo em Turim.

Nossa Senhora vos abençoe, especialmente hoje, e que S. Inácio vos comunique um pouco do seu espírito. Cumprimentos a todos. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 210, n. 761]

131

Ao P. Luís Perlo

J.M.J. Turim, 28 de agosto de 1012

Caro P. Perlo,

Ontem chegaram cá os cogumelos e as flores, e tudo em bom estado. Colocados com esmero num lindo cestinho com uma cartinha, lá foram entregues ao Sr. Cardeal.

Sua Eminência ficou muito contente agradeceu de todo o coração esta nossa demonstração; e hoje, durante o almoço, em que participavam muitos convidados entre os quais a minha pessoa, a mesa estava toda coroada de cíclames, e logo

[22] *Don* [*Dominus* = Senhor] é, na Itália, o nome de respeito com que são chamados os sacerdotes do clero secular e os membros da nobreza.

apareceram sobre ela cogumelos fritos. E imediatamente o Cardeal explicou donde tinham vindo tais delícias... E encarregou-me de vos agradecer, e manda-vos a sua bênção. Di-lo a todos para que se sintam satisfeitos.

Comunica a todos, sacerdotes, seminaristas, irmãos leigos e estudantes que, durante a curta visita que vos fiz, senti-me consolado ao ver o bom espírito entre vós. Continuem todos a ter piedade e obediência perfeita.

É esta a compensação que desejam receber os superiores por todos os sacrifícios que fazem. Durante a novena da Natividade de Nossa Senhora rezem uma *Salve Regina* [Salve Rainha] durante a Missa, e recomenda a todos que procurem fazer pequenos sacrifícios.

Aqui no Instituto toda a gente está bem e todos mandam cumprimentos. Os trabalhos continuam e, por ora, pode o Sr. Vice-Reitor dispensar a tua presença.

Cumprimentos a todos, e rezem a S. Inácio por mim. Vosso no Senhor com muito afeto...

[Vol. VI, p. 213, n. 763]

132

Ao P. Francisco Gamberutti

J.M.J. Turim, 1 de setembro de 1912

Caro P. Gamberutti,

Soube pelo Monsenhor que ao terminares o teu quinquénio de trabalho nas missões desejas entrar para o Instituto para sempre; e que te sentes a ele agregado desde quando estavas em Turim.

Não recordo que fazias tu então; mas o que é certo é que não podias então prometer ao Instituto mais do que o que ele te pedia, e qualquer promessa por ti feita em privado podia obrigar-te a ti, mas não ao Instituto.

E então, dado que do Monsenhor e do Vice-Superior eu tenho boas informações acerca de ti, aceito-te na Congregação; podes, portanto, proceder aos votos formais perpétuos apenas acabe o quinquénio que publicamente aceitaste e prometeste.

Abençoe-te a Virgem Consolata para que tu possas ser de consolação para os superiores e digno instrumento nas santas obras das nossas Missões. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 225, n. 770]

133

Ao P. Domingos Gillio

J.M.J. Turim, 1 de setembro de 1912

Caríssimo P. Gillio,

Pediu-me V. Rev.a. para ser agregado em perpétuo à nossa Congregação, e eu com todo gosto o aceito. Sei que tem V. Rev.a bom espírito e deseja corresponder aos objetivos dos superiores. De si recebi boas notícias do Monsenhor e, ultimamente, do Sr. Vice- Superior.

Portanto, quando acabar o quinquénio, consagre-se definitivamente às nossas Missões, com a intenção de sempre melhor progredir e de se tornar um santo missionário cheio de zelo. Fiquei também contente por não desejar V. Rev.a vir à Itália, pois assim não perderá tempo, que tão precioso é para a salvação das gentes dessas terras.

A SS. Consolata o abençoe, como o abençoo também eu de todo o coração. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 226, n. 771]

134

Ao P. Luís Perlo

J.M.J. Turim, 6 de setembro de 1912

Caro P. Luís,

Alegram-me as tuas boas notícias e a descrição do belo passeio a S. Cristina. Poderás ainda fazer mais um ou dois, além do que fareis amanhã ao Santuário da Consolata.

No dia da Natividade de Nossa Senhora seria bom ler-se alguma

coisa sobre a Virgem Santa, algo tirado por ex. do livro *Selva* de S. Afonso[23], que está no meu quarto. Cantareis a Missa Solene. Depois de acabarem de ler no refeitório a vida do missionário, seria bom ler a vida do Beato Cura d'Ars cujo livro está também no meu quarto. Segunda-feira de manhã deves mandar sem falta o Ir. José a Turim. Os outros Irmãos não voltam para S. Inácio, pois muito há que fazer no Instituto.

Mandei dizer à Irmã de Lanzo que não use a gola de veludo, porque não é conforme à pobreza. Os jesuítas e os josefinos estão proibidos por regra de a usarem. O mesmo deve ser para nós.

Fez bem em comportar-se assim com o seminarista Maletto.

Se o P. Chiomio tivesse piores notícias acerca da saúde de sua mãe, podia vir cá para a ver. E seria melhor que o fizesse quando os estudantes se encontram em S. Inácio.

Os dois pacotes de café são para o vigário de Gisola e para o P. Vianti; deem-lhos lá pelo fim das férias.

Se me não engano, voltareis para Turim no dia 19 do corrente, e seja isto a norma; mas disto falaremos depois com mais calma.

Quando vier, o José podia trazer alguns cogumelos frescos, se por acaso os tiverdes por aí. Cumprimentos a todos, e uma boa Festa cheia da bênção de Maria Santíssima. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 232-233, n. 772]

135

Ao p. Francisco Gamberutti

J.M.J. Turim, 12 de novembro de 1912

Caro P. Gamberutti,

Quando receberes esta minha já te terás ligado em perpétuo às nossas Missões. Aceita as minhas cordialíssimas felicitações. *Non alleviasti onus tuum, sed ad majorem teneris sanctitatis perfectionem* [Não se te diminui o encargo, ao contrário, estás agora mais apertadamente obrigado a maior

[23] Ver *Carta* n. 129 de 12 de agosto de 1912.

perfeição e santidade]. A esta insigne graça atingirás maior vigor para te aperfeiçoares e para melhor zelares o bem que recebeste.

Se a obediência te ocupa no Colégio dos filhos dos Chefes, pensa no bem que destas fadigas receberás. Para ti peço à SS. Consolata muita *paciência* e virtude para encheres de cristianismo esses caros jovens que são a esperança das nossas Missões. Pensa na tua responsabilidade diante da Igreja, e encomenda-te todo a Deus para de vigor encheres mesmo o teu corpo e assim seres capaz de te sacrificares por tão nobre bem. Já te enviei os dois livros que pediste, e com tempo chegará também o harmónio.

Coragem no Senhor, e não te deixes acabrunhar pelas saudades da pátria: Pensa no *Paraíso*!... Envio-te de todo o coração a minha bênção.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 277, n. 782]

136

Ao Ir. Luís Bezzone

V.J.M. e J. Turim, 13 de novembro de 1912

Caro Luís,

Regozijo-me com as tuas frequentes cartas; continua a escrever-me minuciosamente tudo o que vês: poderemos assim, juntando-as umas às outras, compor artigos para o periódico.

Já não falta muito para fazeres os votos perpétuos: reza para poderes merecer esta graça, e escreve-me com tempo para me dizeres as tuas intenções.

Renova todos os dias a tua vontade de te tornares santo; e usa os meios, especialmente o exercício da presença de Deus, pois é para Ele que aí estás.

Para não gastar duma vez muito dinheiro, vou procurar mandar de vez em quando várias vidas de santos para todos, incluindo as que tu pediste. Desta vez mandei dois volumes da vida do B. Sebastião Valfré; mais tarde chegarão os outros livros.

Coragem, portanto, nesse trabalho para vos tornardes santos

missionários, obedientes de alma e coração, e dotados de paciência. Abençoo-te paternalmente.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 279. n. 783]

137

Ao P. Tomás Gays

Turim, 28 de junho de 1913

Caríssimo P. Gays,

O Monsenhor escreveu-me a dizer-me que por questões de saúde e cansaço V. Rev.a pede para abandonar o seu presente trabalho. É claro que eu não quero que arruíne as suas forças e por causa disso sofra no futuro. Mas o lugar que ocupa atualmente é um dos mais importantes para o bem das Missões, e por isso não posso aceitar o seu pedido. V. Rev.a tem nesse trabalho a experiência de tantos anos: como no passado, assim no futuro formará catequistas verdadeiros, e assim serão compensadas certas deficiências de missionários no trabalho de conversão dessas gentes.

Coragem, P. Gays, continue esse trabalho no Senhor, Ele que *infirma elegit* para fazer obras grandes. Vou pedir à SS. Consolata que lhe dê a energia antiga para bem ainda trabalhar para a glória de Deus, e as nossas orações obterão para si essa graça. Escrevi ao Monsenhor para lhe entregar 500 Liras que lhe manda o P. Perardi.

Portanto, caro P. Gays, sempre em frente com renovado ânimo, tendo sempre em mente o prémio que lhe será concedido no Paraíso onde, como dizia o nosso Venerável, descansaremos no Senhor.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 419-420, n. 818]

138

Ao P. Ângelo Dal Canton

J.M.J. Turim, 29 de junho de 1913

Caro P. Dal Canton,

Estava eu convencido de te ter escrito depois da tua Profissão; se o não fiz, não foi por me ter esquecido de ti, ou por não estar contente com o teu comportamento. O Monsenhor sempre me escreve coisas boas acerca de ti, e os dois Irmãos Tiago e Bento sempre te louvam nas cartas que me escrevem por seres para eles um bom mestre e um bom conselheiro.

Portanto, toca a desfazer alguma pequena nuvem que tenha surgido na tua mente, não penses mais naquele tempo de espera que o Senhor permitiu, não tanto como aflição, mas como pequena prova para melhor fazeres a tua aliança perpétua. Sempre foste, e sempre serás, um filho brioso da Consolata, destinado a trabalhar, materialmente mesmo, para o bem e a prosperidade do Vicariato do Quénia - e quem sabe lá se não também do Kaffa...

Sabes bem que espécie de espírito eu desejo que tenham os nossos missionários: bem arreigados no espírito da fé de maneira que trabalhem para Deus, e que o seu comportamento apresente Deus ao povo local. Se conseguires obtê-la, lê a homilia do nosso Venerável sobre a *modéstia*. Mas o que eu mais desejo para vós é a virtude da obediência ao Monsenhor em tudo e segundo as diretivas que ele vos dá, especialmente no que e refere ao dinheiro.

Dá-me pena como há quem seja pouco delicado neste ponto, sem refletir no que significa a violação do voto de pobreza. Querer dar aos operários mais do que o Monsenhor estabeleceu é um roubo ao Instituto. O mesmo se diga de quem arranja dinheiro e dele se serve arbitrariamente.

Alguns faltam a este espírito de pobreza; tenho medo que facilmente se peque contra o voto. Comunica aos teus colegas estas minhas palavras. O cuidado que se tem com o uso das próprias possessões é o mesmo cuidado que se deveria ter com

as coisas do Instituto. Tenho medo que as faltas neste ponto levem o Senhor a fazer secar as fontes da caridade dos nossos benfeitores.

Todos os dias rezo de modo particular para que todos vós vivais constantemente como verdadeiros missionários dignos de tal nome, que trabalhem pela própria santificação e depois pela conversão desses povos.

Abençoo-te com muito afeto paterno.

In Domino teu...

[Vol. VI, p. 421-422, n. 819]

139

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 11 de julho de 1913

Caro P. Costa,

Recebi a tuas duas cartas e a do ecónomo, e alegro-me com as boas notícias sobre o caro Instituto. Vós pensais que a minha mente está sempre convosco; mas tal doce consolação entreguei-a eu ao Senhor para que ele tenha sempre a sua santa mão sobre vós e vos abençoe continuamente.

Pensando nestes oitenta e quatro sacerdotes que estão imersos nos Exercícios Espirituais e procuram formular propósitos sérios para a própria santificação e para o bem das almas que Deus lhes confiou, considero que muito mais empenho em santificar-se devem ter os meus caros alunos missionários.

Não estão eles destinados a ser apóstolos simplesmente numa paróquia ou reitoria, mas a trabalhar com uma multidão enorme... Felizes sois vós, dizia-me esta manhã um senhor prior, felizes vós a quem é pedido colher não só manípulos de almas, mas paveias.

É assim, meus queridos, que eu vos esqueço.

Comporto-me como Moisés lá no alto monte enquanto vocês lá baixo na planície lutam contra os vossos defeitos. Que o Senhor vos conceda de bem vos conhecerdes, e muita graça para resolverdes de uma vez para sempre o problema da vossa santificação.

S. Inácio vos dê a graça de vos prepararDES bem para quando o vierdes cá visitar. Quando fores à cúria para os exames, deixa que o C. Alasia escolha os examinadores como melhor pensa; se ele te perguntar a tua opinião, podias sugerir o P. Coccolo ou o P. Bues. Se o seminarista Calandri é capaz de acomodar aquele sacerdote sem perder muito tempo, que o faça, ajudado talvez pelo P. Dolza. Está bem acerca do que respeita os dois Chiomio e Prina... Muitos cumprimentos à Rev. Superiora das Irmãs e às Irmãzinhas, às quais não tenho tempo para escrever agora.

O Senhor te abençoe muito a ti, ao caro ecónomo e a todos e a todas. Com muito afeto no Senhor...

P.S.: Recebi o postal do P. Dolza que, por seu caminhar, precede mesmo os caros Irmãos Leigos.

[Vol. VI, pp. 428-429, n. 821]

140

À Irmã Margarida Demaria

Viva J. M. J. S. Inácio, 17 de julho de 1913

Rev. Irmã Margarida,

Agradeço-te a longa e pormenorizada carta. Alegra-me o bom espírito que reina na Casa. Dado que ainda vivemos nesta mísera terra, haverá sempre defeitos; esforcemo-nos ao menos para que, quem os tem, *reconheça que os tem, se arrependa e se decida com decisão a corrigi-los*. É nisto que consiste a formação dos indivíduos.

Mas tu, não te inquietes pela aridez que por vezes sentes nas coisas espirituais. Aceita isto como vontade de Deus, ele que por vezes se esconde para, durante uns tempos, provar a nossa fidelidade. Na maior parte dos casos isto vem do pensamento de como cuidar de toda a comunidade, o que provoca certas distrações nas orações.

Oferece tudo como prova do teu amor para com os teus deveres, e terás parte no mérito de tudo o que fazem e rezam também as outras. Por isso, sempre em frente no Senhor com

paz e tranquilidade de espírito. Não tenhas medo de falar em público com ardor sobre as virtudes e as práticas de devoção: tudo isso o Senhor escreverá no ativo da tua conta.

Por agora não faças mortificações especiais. Mas no que respeita a alimentação, o vestir, etc., não deixes que te tratem de maneira especial. Não aceites certas ninharias que as Irmãs, por delicadeza, te ofereçam. Seja a vida comum a tua mortificação, exceção feita para o que for verdadeiramente necessário: podemos então usar exceções que, porém, devemos também usar para com as outras. Até à próxima semana.

Com a minha bênção no Senhor...

P.S. Por favor, diz à Ir. Maria dos Anjos que não escreva mais ao pai. Se por acaso for necessário comunicar alguma coisa, vou fazê-lo eu de S. Inácio.

Não te preocupes com a saída da Irmã Vicentina. Quando temos dúvidas, devemos mandar embora os indivíduos; e quando logo no início não se sentem imbuídos do sentir da comunidade e da espiritualidade, não se deixarão formar bem, e serão sempre as mesmas, sempre com os mesmos defeitos.

E quando se manda embora uma, o Senhor vai mandar-nos três; afinal, não é o número que conta, mas a riqueza espiritual.

[Vol. VI. pp. 434-435, n. 824]

141

Às Irmãs Missionárias

Viva J. M. J. S. Inácio, 17 de julho de 1913

Minhas queridas filhas em N.S.J.C.,

Recebi as muito por mim desejadas notícias vossas que me mandou a vossa Rev. Superiora, o que realmente me alegrou no Senhor. Rezai por mim, e oferecei todas as vossas ações ao Senhor para que muito fruto venha destes santos Exercícios Espirituais. Agradeço-vos, e confesso que não é ninharia nenhuma renovar espiritualmente 160 sacerdotes e mais de 80 leigos. Continuai a rezar, e muito mérito tereis.

Muito me consolou a notícia do bom espírito que reina nessa santa Casa, e também de como vós aproveitais tudo para vos adornardes das virtudes do vosso estado, e de modo muito especial porque quereis seguir perfeitamente a Carta de S. Inácio. Rezei e muito rezo a este santo, aqui onde ele tantas graças concede, para que ele imprima indelevelmente essa Carta na vossa mente e no vosso coração, agora e para sempre.

Estamos a ler no refeitório a vida do P. Colin, fundador dos Maristas, e todas aquelas lindas coisas que nela se contam. Ao mandar os seus missionários na Oceânia recomendava-lhes ele que *desconfiassem de si mesmos e confiassem em Deus; o exercício da presença de Deus em toda e cada ação;* e muito especialmente *exortava-os a ser gente de oração e de meditação, porque a conversão dos infiéis é uma graça que só com a oração se obtém.*

Estas preciosas recordações do Venerável obtiveram um ótimo sucesso, e os filhos do P. Colin obtiveram conversões prodigiosas; e vários de entre esses missionários ganharam a palma do martírio, como foi o caso do Beato P. Pedro Chanel.

Também vós, preparai-vos para a vossa não muito distante partida para as Missões desenvolvendo em vós este mesmo espírito. Convencei-vos da vossa estreiteza de espírito, pedi tudo ao Senhor de todo o coração; não descuideis nada que possa servir para a vossa humildade, obediência, mortificação do corpo e da alma, caridade, etc. etc. Convencei-vos que deveis ser santas, grandes santas, imediatamente santas.

Escutai: por vezes é fácil pensar que já avançámos no caminho das virtudes, mas depois caímos nos mesmos defeitos. E isto porque não nos conhecemos intimamente, não nos aplicamos energicamente a extirpar os defeitos antigos, que afinal nunca emendámos. Cada uma de vós deve decidir, com a graça de Deus, a não deixar viver em si nenhum amalecita. Amalecita é aquele defeito contra a humildade ou a caridade, o defeito de que tantas vezes vos falou o vosso confessor ou os superiores.

Para mim, o que mais me alivia o peso da responsabilidade da vossa perfeita formação ao apostolado, é que sempre rezo ao

Senhor Deus para que ele continue a fazer em vós o trabalho da vossa santificação.

Para tal ofereço ao Senhor a fadiga e a preocupação para o bom êxito destes três grupos de Exercícios Espirituais aos quais, por dever, devo pregar. Ao fim, será para mim uma alegria encontrar-vos mais adiantadas no caminho da perfeição.

No próximo Domingo é a festa da vossa Superiora e eu custa-me não poder estar presente. Então sereis vós as minhas representantes na apresentação dos votos de Boas Festas para retribuir o muito bem que ela faz por vós.

O Senhor vos abençoe e que S. Inácio obtenha para vós o espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Com muito afeto...

[Vol. VI, pp. 437-438, n. 825]

142

Ao P. Luís Perlo

J.M.J. S. Inácio, 18 de julho d 1913

Caro P. Perlo,

Obrigado pela tua carta tão cheia de pormenores. Vê-se que todos estão cheios de boa vontade. O Beppino não serve para nós. Assim me escreveu ele próprio ontem, comunicando-me que deseja sair; que escreva para arranjar o dinheiro para a viagem, se ainda o não fez: e que se resolva o caso o mais depressa possível para não passar tempo na comunidade um indivíduo que causa desgosto.

E faz com que os pais do Gonella o levem daí o mais depressa possível. É preciso libertarmo-nos também dos dois Farina, não são feitos para nós; apenas soubermos a direção do pai deles, mandamo-los para casa. O Sr, Vice-Reitor já escreveu ao pároco de Nizza Monferrato para ver se é lá que está o pai deles. Depois de a leres e a fechares, entrega ao Ir. Domingos a folha que incluo aqui dentro. Parece-me que é melhor que ele vá a casa o mais depressa possível, por dois ou três dias, visitar a mãe e o irmão dele que está doente. Causará isso uma boa impressão e ajudará aquele

carpinteiro a vir cá. O ecónomo de S, Inácio agradece-te as fotos; mas não convém fazer mais fotos porque são preciosas demais para serem vendidas.

O P. Costa deve ter partido com o Sr. Vice-Reitor; a saúde deles precisava dum pouco de cuidados, esperamos que tudo corra bem. Tu, com calma e com a ajuda dos Santos Anjos, faz com que todos cumpram os próprios deveres. Diz a todos que eu rezo por eles, pelo bom sucesso nos estudos, e para que todos sejam devotos e obedientes. Em S. Inácio está a preparar-se tudo para bem depressa lhes dar as boas-vindas e para os premiar pelos sacrifícios que fizeram por amor de Deus.

Espero voltar a Turim sábado 26 do corrente à tarde. Se o P. Baravalle precisasse de missas e confessores, manda-lhos; e vocês ofereçam-se para fazer o que for preciso para a Festa de Santa Ana.

O P. Costa escreveu-me a perguntar se podia convidar o P. Baravalle para dar o exame de teologia especulativa: se vocês precisam, convida-o.

Muitas bênçãos para todos... Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 440-441, n. 826]

143

Ao P. Luís Perlo

J.M.J. Turim, 28 de agosto de 1913

Caro P. Perlo,

Já apresentámos ao Sr. Cardeal os cogumelos e os ciclaminos; mostrou-se contente; durante o almoço de hoje, com o Sr. Vice-Reitor, comemos aqueles e admirámos estes que estavam 'semeados' em cima da mesa do Arcebispado. S. Eminência mostrou-se muito interessado em todos vós, e também nas Irmãs, e pediu-me para vos dar a todos a sua bênção. Deo Gratias. Oferecemos-lhe os cogumelos e os ciclaminos todos, e foram suficientes para todos!

Fiquei contente pelas boas notícias que me mandaste. Li a longa e bela relação que o seminarista Cavallo escreveu, e

aprovo-a – exceto o fato de ter falado demais do Carlino, coisa que me parece um tanto infantil.

O Sr. Vice-Reitor já te escreveu ontem para te dizer que não vás ao passeio sábado por causa das confissões, e também porque é a vigília da Festa. Esperava sábado a chegada dos Pp. Bodino e Prina, como combinámos em Turim. Podem ficar até 2ª-feira, e então virão contigo. Se chegar sábado o P. Maraviglia, quero que fique até 2ª-feira: entretanto, Domingo de manhã, depois de celebrar a Missa, chegará o P. Costa. Podes passar o dia com ele para falardes sobre o que for necessário.

O Sem. Goletto escreveu-me a dizer que precisa de vir cá, coisa que eu já tinha aceitado. Também ele pode vir contigo a Turim.

Fiquei contente com as cartas dos Pp. Chiomio e Bodino.

O Senhor vos abençoe todos para atingirdes o fim comum, que é a vossa santificação. Rezai também por este vosso no Senhor; com muito afeto...

[Vol. VI, p. 466, n. 835]

144

Ao diácono Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 3 de setembro de 1913

Caríssimo em N.S.J.C.,

Para um superior é de íntima consolação ver abrirem-se os corações dos seus filhos pelos quais dá totalmente a vida. E é este o caminho real da perfeição religiosa. E por isso me alegro por tudo o que me manifestaste, e me dirás a viva voz e por escrito. O Senhor te abençoe.

Os dissabores do passado, coloca-os no Cálice do Senhor; Jesus lava toda a mancha e *super nivem dealbabor* [e ficarei mais branco do que a neve]. Peço à nossa querida Consolata que te prepare bem a ti e ao teu amigo para a dignidade sacerdotal.

Acerca dos assuntos da família, faz o que me disseste, especialmente para com a tua mãe: fazes bem em levá-la para França. Usa a ocasião da ordenação para ires a França, e assim fazes o que desejam os familiares, e ao mesmo

De resto, o essencial para ti e para o colega Maletto, é de entrar no Santo Cenáculo para merecer *o cornu plenum* [o chifre cheio] quer dizer, a abundância da graça sacramental, que vos dará a ajuda necessária para serdes sacerdotes santos e cheios de zelo.

Sempre em frente e muita confiança no Senhor, ele, que pela sua bondade e misericórdia, pode e quer fazer de vós santos. Diz estas coisas ao caro Maletto.

Abençoo-vos com muito afeto...

[Vol. VI, p. 469, n. 837]

145

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 11 de setembro de 1913

Caro P. Costa,

Chegou ontem o subdiácono Ciravegna. Não pôde dizer adeus à mãe porque ela já tinha partido para a terra deles; o médico dirá qual é o mal dela. Penso que é melhor que ele fique connosco para ajudar o ecónomo a pôr tudo em ordem. Decidi colocar todos os futuros noviços dos Irmãos na camarata que fica diante do estudo deles, que até agora era um armazém. Vamos assim separá-los cada vez mais dos outros noviços.

Do quarto contíguo fazemos o escritório do mestre dos noviços, que tem sido, até agora, o P. Sales. Os oito futuros seminaristas, vamos colocá-los juntos com os seminaristas; Savino e José ficam com os Irmãos na camarata do costume. Luís, Tiago e António continuam a ser simplesmente aspirantes. A lista dos estudantes começa com o nome do De-Ambrosis. Chegou ontem de Brescia aquele outro jovem, Negri, que veio com o seu prior.

Tem bom aspeto, foi declarado são pelo nosso médico; usa óculos porque tem um pouco de miopia; o Dr. Battagliotti diz que vai aumentar. Começou a usar os óculos só no seminário.

Quando estão longe, nunca dizem tudo. Já fez o terceiro ano do secundário; porque já tem quase 17 anos; vamos pô-lo com os três do quinto ano.

Digo estas coisas para que, se tivesses alguma observação a fazer, me a mandes por escrito: isto para que tudo corra bem e para que, quando voltares, tudo caminhe corretamente. Pensa nisto tudo e escreve-me com toda a sinceridade. Procuramos o maior bem, por isso se deve falar abertamente, assim como fizestes, e bem, durante a Missa a Traves, com o Merlo Pich: quando não estou presente, deves refletir diante de Deus e depois fazer o que te parece que eu te diria se estivesse contigo.

É este o espírito de Deus, e eu não quero absolutamente saber tudo senão para melhor vos guiar. E assim, mesmo se trabalhasses longe de mim e se errasses, nada te devia inquietar. O Sr. Vice-Reitor tinha dado um trabalho do P. Cravero ao P. Sales. Ora este, não conseguindo fazê-lo, devia ter enviado ao Sr. Vice-Reitor o manuscrito original, pois o Sr. Vice-Reitor tinha-lhe dito que precisava desse trabalho o mais tardar para o dia 25. Assim podia o Sr. Vice-Reitor entregar a outros esse mesmo trabalho que devia ser imprimido no próximo número do Periódico.

Outro inconveniente semelhante aconteceu com o seminarista Meineri, o qual devia chegar a Turim a tempo para transvasar o vinho antes da mudança da fase da lua, mas ele afinal já chegou tarde demais. Digo isto porque quando, por escrito ou oralmente, se dá a fazer um trabalho determinando uma certa maneira de o fazer, é preciso, ao fazê-lo, ter em conta essa mesma maneira, ainda que se não expliquem as razões todas, exceto, naturalmente, em casos graves imprevistos.

Isto digo com simplicidade e com verdade. No caso dos padres Cravero e Balbo vimos como por vezes o que é escrito em África não tem qualidade para ser publicado. E então tenho de pedir ao Monsenhor que escreva ele, senão não pode haver Periódico. Digo isto para aqueles sacerdotes invejosos que chamam ao periódico *perloide* (obra do Perlo); isto me disse o seminarista Albertone. Basta!...

A Irmã Matilde, se não melhora, mandem-na para cá, que venha sozinha de comboio se nos puderem avisar para a ir buscar, senão mandem-na acompanhada por uma outra Irmã.

Tudo bem acerca da festa de S. Pedro Claver. O mesmo se diga acerca dos doentes. Tu, procura recuperar as tuas forças

durante o tempo que ainda aí passas. Voltem quinta-feira, dia 18. Seguirá para aí o T. Gunetti: deixa-lhe alguns ajudantes e dá-lhe uma lista das coisas partidas.

Faz com que tudo seja colocado a tempo no seu lugar, e que não tragam nada do que não devem trazer, livros ou outras coisas: isto deves dizê-lo a todos, especialmente aos estudantes. Tinha-se combinado que se colocavam números nos livros, mas afinal, segundo me diz o Ciravegna, isso não foi feito. Se ainda for possível, diz ao seminarista Gallea para o fazer, ele e alguns colegas, mas que não escrevam números muito grandes. Não sei que presente podemos dar ao cura e ao pároco; talvez pudéssemos enviar-lhes depois alguma coisa para lhes agradecer; diz à Irmã Inês que agradeça ao cura sexta-feira.

Vê lá se o T. Vianti se demora aí ainda muito tempo; se assim for, diz-lhe que em Turim temos dificuldades. Eu poderei passar sem ele aqui, seria melhor que ele fosse para S. Inácio, e eu vou falar com D. Chichon, tenho a certeza que ele aceitará vir para cá.

Lê a carta que escrevi ao seminarista Garrone e entrega-lha se vês que ela está consoante o comportamento atual dele, senão não lha dês. Agradece ao P. Chiomio a carta que me escreveu. Mandei embora o Drughera para que volte para a sua mãe; ela vem busca-lo a Turim no dia 18.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 477-478, n. 839]

146

Ao P. Francisco Gamberutti

J.M.J. Turim, 15 de setembro de 1913

Caro P. Gamberutti,

Obrigado pelas boas notícias do Colégio. Sem dúvida é preciso ter muita paciência, *in multa patientia,* e depois esperar pelo tempo da graça. São garotos inconstantes; mas a semente lançada, há de dar fruto a seu tempo, e então faremos a ceifa.

E também é verdade que o Senhor não paga segundo a

quantidade da colheita, mas segundo o trabalho que fazemos. E eu entrego à Consolata esta obra que é extremamente importante. Nós aqui não nos esquecemos de ti, e o P. Costa pensa muito em ti e vai escrever-te muitas vezes. Seria bom que tu escrevesses vários teatrinhos sobre os principezinhos, que eu mandaria ler em público, especialmente aos estudantes. Deverias fazer isso com bastante cuidado, e assim serviriam também para publicar no Periódico.

Coragem, e não te deixes abater por causa dos teus defeitos. E acima de tudo faz sempre o que é segundo a vontade do Monsenhor.

Cumprimentos a todos. Abençoo-te no Senhor...

[Vol. VI, p. 483, n. 841]

147

Às primeiras missionárias da Consolata que partiram para o Quénia

J.M.J. Solenidade de Todos os Santos
1 de novembro de 1913

Caríssimas filhas em Nosso Senhor Jesus Cristo,

Com a minha bênção no Senhor, quero também dizer-vos algumas palavras que sejam como que um compêndio das instruções que vos dei durante os anos da vossa formação missionária. Aceitai-as como inspiradas por Deus e procurai pô-las sempre em prática.

Antes de mais, tende sempre no vosso pensamento o fim porque vos tornastes Irmãs Missionárias, que é a vossa santificação e a salvação de muitas almas. Se assim fizerdes, já correspondestes à vossa vocação e recebereis um grande prémio no Céu.

Para alcançardes esta meta, deveis constantemente esforçar-vos para possuirdes todas as virtudes religiosas e apostólicas. Especialmente deveis ter sempre em vós o *espírito da fé, da obediência, da caridade e da mortificação*. Convosco estará quase por toda a parte o vosso Esposo, que é

Jesus vivo nas pobres capelas: a ele recorrei continuamente, ao menos em espírito:

Ele vos confortará nas vossas penas e vos tornará generosas nas fadigas que deveis suportar por seu amor.

Obedecei com simplicidade, e de todo o coração, mesmo nas coisas de menor importância ao Monsenhor Vigário e à vossa Vice-Superiora, sem nunca, por motivos pessoais, mudar as ordens dadas -- coisa que vos poderia sugerir a soberba. Nunca pode Deus perdoar tais faltas; mas quem obedece cega e cordialmente, esse cantará vitória. Sim, cada uma pode propor à superiora as próprias ideias quando crê que isso traria um bem maior, mas depois ficar disposta a seguir a obediência.

Recomendo-vos a caridade umas para com as outras, e a união entre vós: amai-vos como irmãs em Jesus Cristo Senhor, suportai os defeitos umas das outras, amai-vos e corrigi-vos mutuamente.

Para com a gente no meio da qual trabalhais nunca será demasiada a vossa caridade e a vossa paciência, virtudes que deveis sempre pedir ao Senhor. Porém, não vos rebaixeis com eles, mantende sempre o vosso lugar e a vossa dignidade de Irmãs; nunca deis a ninguém, por falsa caridade, dádiva alguma maior do que pelo Monsenhor foi estabelecido, pois pecaríeis também contra a pobreza.

Nunca seria missionária verdadeira a que não fosse capaz de sofrer privação no comer, no vestir, na casa onde mora... aquela que procurasse saborear as míseras frivolidades dos países assim ditos civilizados. O Senhor procura almas generosas e, normalmente, para operar grandes obras de conversão serve-se de pessoas que mortificam os seus sentidos e sabem morrer para as delícias da vida.

Dado que ainda vos não considero perfeitas, daquela perfeição que conseguireis só no Paraíso, exorto-vos vivamente a não vos perderdes de coragem por causa dos vossos defeitos, persistentes mesmo; sobre eles, examinai-vos e, se forem públicos, humilhai-vos diante da Superiora e das outras irmãs dia após dia; se por acaso se tratasse de faltas de caridade para com outras Irmãs, pedir perdão imediatamente.

E aqui me contenho, e peço à nossa Santíssima Padroeira, a Consolata, de vos conceder todas as graças necessárias para bem corresponderdes à vossa vocação e ao que os superiores esperam de vós. Encha-vos da sua graça o Sagrado Coração de Jesus, como também eu paternalmente vos saúdo, e vos asseguro que todos os dias, de manhã e à noite, rezarei por vós junto do Altar da Consolata.

Com muito afeto em Jesus, Maria e José...

[Vol. VI, pp. 495-496, n. 845]

148

À Irmã Margarida Demaria

Turim, entre os dias 1 e 3 de novembro de 1913

1. Para 1914 tereis com Protetor S. Inácio de Loiola.

2. Para a correspondência, podeis escrever uma carta ou um postal de Massawa; uma só aos parentes. Outra quando chegardes a Limuru. Depois, de seis em seis meses durante o primeiro ano, e em seguida uma vez por ano aos pais, ou tutores, ou benfeitores insignes.

As cartas entregam-se à Vice-Superiora que as lê e as entregará ao Monsenhor que poderá lê-las. Só a mim, ao Vice-Reitor e à Superiora podem escrever quando quiserem, em envelope fechado.

A Vice-Superiora escreve-me frequentemente, e eu darei frequentemente notícias aos vossos parentes, e darei a vós notícias dos vossos parentes.

[Vol. VI, p. 498, n. 846]

149

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 9 de dezembro de 1913

Caro P. Costa,

Alegro-me contigo e agradeço ao Senhor pelas tuas boas

disposições neste dia que é um dos mais importantes da tua vida. Como fizeste no passado, coloca-te também para o futuro perfeitamente nas mãos de Deus: o que te desejo é que em ti se cumpra perfeitamente a sua santa vontade *integra et usque ad finem*.

Costuma o Senhor escolher *infirma et ea quae non sunt* para fazer coisas grandiosas. Ele próprio te dará a força da alma e do corpo para que faças o bem que de ti Ele espera.

Unindo sempre o teu coração ao dos superiores e à vontade deles encontrarás a vontade de Deus e a tua santificação. Não há dúvida que o teu presente trabalho tem por vezes espinhos e abrolhos mas, visto através dos olhos da fé, tem muita importância: procura fazê-lo como se o devesses fazer toda a tua vida, mas com um desapego tal que fosses capaz de num instante o deixares para aceitares outro encargo da obediência.

E depois, sempre em frente no Senhor pensando: *Dummodo consummem cursum meum et ministerium, quod accepi a Domine Jesu* [contanto que acabe a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus].

Coragem no holocausto completo dos Santos Votos. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 515, n. 850]

150

Ao P. João Batista Rolfo

J.M.J. Turim, 12 de dezembro de 1913

Caríssimo P. Rolfo,

Espero que V. S. continuará com coragem a sua santa missão sem se deixar deprimir demais pelas provações físicas e morais e pelos insucessos.

Recorde de vez em quando as palavras da Imitação de Cristo que diz: *Fili, non te frangant labores quos assumpsisti propter me; nec tribulationes te dejciant usquequaque* [Filho, não te deixes quebrantar pelos trabalhos empreendidos por meu amor, nem desanimes nas tribulações].

O P. Borda escreveu a V. Rev.a depois de ter falado comigo acerca dos projetos dos seus irmãos. Não se alarme por causa das diferenças de opinião entre eles, tais diferenças não são muito grandes: são pequenas invejas causadas pelo medo que têm que disso se aproveite o administrador. Penso que eles querem dar a V. Rev.a o menos possível, privando-o do património. Diga-lhes que não tem intenção nenhuma de se privar do património eclesiástico, e que se for vendido, quer você a soma total para dela constituir apólices.

Nem é isto muito urgente, pode você regulá-lo quando vier a casa. Entretanto, dê ordem para que anualmente se faça a conta dos rendimentos, conta esta que a si devem enviar. Para o melhor bem dos irmãos, é melhor que nada lhes dê enquanto vive: desta forma, a esperança e o temor os ajudará a viver mais cristãmente.

Encomendo-o sempre à SS. Consolata; e reze V. Rev.a por este seu amigo em Jesus Cristo, com muito afeto...

Mas penso que V. Rev.a, tendo feito os votos perpétuos, não tem obrigação de ficar com o património.

[Vol. VI, p. 518, n. 852]

151

Às missionárias do Quénia

Viva J.M. e J. Turim, 24 de dezembro de 1913

Reverendas e caríssimas missionárias,

Pelas várias cartas que me escreveu a V. Superiora, e pelas lindas linhas por cada uma de vós escritas, vim a saber que fizestes uma boa viagem, e que chegastes bem ao campo da vossa santificação. Ficamos todos agradecidos ao Senhor e a nossa Senhora da Consolata.

Impressionou-me o vosso comportamento no navio em que, pelas vossas orações e com o exemplo da obediência e de todas as virtudes religiosas, causastes admiração aos passageiros: Por isso também, Deo Gratias.

E agora, passadas as primeiras impressões da novidade, e talvez também de uma certa desordem que é natural, com certeza já vos organizastes como deve ser e, segundo as exigências dessa vossa nova vida; já tendes, cada uma, o conhecimento de quais são as vossas ocupações. Recomendo-vos muita coragem e confiança em Deus, e a aceitação do auxílio da vossa Superiora e do Monsenhor Vigário.

Não me alongo mais, chamo a vossa atenção para o que vos disse quando daqui partistes.

Acompanho-vos sempre espiritualmente e, a cada uma, envio a abundância da minha bênção; e vós, não vos esqueçais deste vosso velhinho e pobre pai no Senhor Jesus Cristo.

Com muito afeto...

[Vol. VI, p. 520, n. 853]

152

Aos missionários do Quénia

Turim, princípio do ano de 1914

Caríssimos em N.S.J.C.,

Gostei muito das vossas cartas coletivas que recebi ao fim dos Exercícios Espirituais, cartas que muita consolação me trouxeram.

Já bem conhecia eu a vossa habitual disposição de vos conservardes dignos filhos da Consolata e instrumentos idóneos nas mãos de Deus para a redenção das gentes dessas terras. Doce é sempre para o coração dum pai receber tais carinhos da parte de seus filhos. Sob a sapiente direção do vosso Excelentíssimo e muito amado Vigário, e muito também pela palavra viva e eficaz de tão bons pregadores, renovastes as vossas pessoas no verdadeiro espírito da vossa vocação: a unção espiritual e a doçura experimentadas naqueles dias encheram certamente o vosso espírito apostólico, talvez um tanto debilitado pelas vossas contínuas e variegadas ocupações.

Saboreastes o vosso aperfeiçoamento nas práticas de piedade, sentistes-vos mais prontos a afrontar as fadigas do apostolado, mais cheios de zelo para permanecerdes lá onde em

nome de Deus vos colocou a obediência, ou onde porventura vos colocará no futuro; renovastes finalmente o juramento de serdes observantes fiéis das santas Constituições e das diretivas dos superiores, mormente das que vos outorgou o Monsenhor nas suas conferências.

Deo Gratias! Sobre estes vossos propósitos práticos e tão convenientes invoco eu de todo o coração as bênçãos de Deus e da nossa querida Consolata. Mas, para que tudo isto se torne eficaz e dê o fruto desejado, é preciso renovar estes propósitos frequentemente durante o ano inteiro; isto vós o praticareis se, como se faz na Casa Mãe, deles tirardes apontamentos que serão relidos durante cada recoleção mensal e na confissão semanal.

Como bem sabeis, aos vossos propósitos individuais costumo eu ajuntar um que é para todos, isto é que todos devem observar; desta vez sinto-me inspirado para vos propor o espírito de *economia* e de *pobreza*.

Não pareça estranho ao vosso espírito que eu proponha a pobreza a vós missionários que tantos sacrifícios já tendes de fazer! Escutai: o Beato Gabriel Dufresse, bispo e mártir na China do século passado, durante o Sínodo aos seus missionários, que eram simples sacerdotes, recomendava que não suportassem forçadamente a pobreza, mas que se contentassem duma mesa frugal, de alimentos simples cuja finalidade era de somente conservarem a vida e não de procurar delícias; que não adquirissem nada de exótico, sumptuoso ou delicioso... E dizia que, segundo o exemplo dos santos, deviam ser pobres, sóbrios e frugais; que não somente se abstivessem de coisas supérfluas mas que, na alimentação, se privassem daquilo que não é estritamente necessário, sempre em vista da conversão dos infiéis, e para a construção de escolas e outras necessidades próprias à Missão.

A S. Propagação da Fé frequentemente recomendou aos missionários este espírito de economia, como por exemplo num decreto do ano 1869 em que disse: "*curent expensas pro victu atque itineribus mínimas fieri*" [tenham cuidado em gastar o mínimo nos alimentos e nas viagens]: noutro]documento exorta-os a adaptarem-se, quanto possível, à qualidade dos alimentos da região em que se encontram, e só

por verdadeira necessidade recorram a alimentos de além-mar, dizendo no documento: *"experientia constat, pauca vel nulla ultramarina alimenta ut plurimum necessaria fieri"*. [a experiência mostra que poucos ou nenhum alimento do exterior são necessários]. Diz ainda que, para diminuir as despesas, seria ideal cultivar uma horta junto de cada residência para ter verdura e legumes necessários ao uso quotidiano, e a cultivar campos, não só para promover a agricultura, mas para diminuir as despesas das Missões.

Que posso eu acrescentar a estas respeitáveis exortações para afervorar-vos no espírito de economia e de pobreza? Digo-vos que este dever é ainda maior e mais imperioso para vós porque, além de serdes missionários sois também religiosos e por isso prometestes praticar a pobreza e a isso vos obrigaste. Sabeis bem que a pobreza evangélica, enquanto *voto,* consiste na renúncia ao direito de usar e dispor das coisas temporais sem a licença do superior; e como *virtude* consiste em ter um coração que renuncia às coisas supérfluas e vive desapegado das coisas necessárias. Desde jovens desejáveis vós viver a vida do missionário, imagináveis praticar tantos sacrifícios, e mesmo o sacrifício doloroso dos Beatos Chanel e Perboire, e cheios de coragem abraçaste essa mesma vida.

Mas hoje, com o progresso da civilização, as ocasiões do martírio verdadeiro são raras até mesmo nos territórios de Missão. Permanece porém para sempre a realidade de viver o martírio incruento, o martírio dos pequenos sacrifícios habituais, tais como a falta das comodidades que há nos países civilizados, e tolerar com paciência a alegria das privações dos países como aquele em que viveis, contentando-vos com o que é estritamente necessário no que respeita a alimentação, a maneira de vestir e a casa onde viveis.

Normalmente não vos falta este necessário graças à organização admirável das Missões em que viveis, onde tudo está tão perfeitamente distribuído que todos têm no tempo devido o que faz parte das vossas necessidades quotidianas. Agradecei ao Senhor por tão eficiente organização e louvai a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé. Não vos deixeis enganar

pelo amor próprio, ou por um certo espírito de largueza e comodismo que vos daria o desejo de possuir e administrar dinheiro gastando-o segundo os próprios desejos, ou satisfazer caprichos e mimos às escondidas dos superiores.

Infelizes seríeis se depois de suportardes grandes sacrifícios vos deixásseis engrolar por míseras inanidades que vos roubariam tantos méritos diante do Senhor e maiores bênçãos ao vosso zelo apostólico. Certas graças de conversão não se obtêm somente com a oração, mas esta deve estar unida aos sacrifícios. Foi assim que se comportaram todos os missionários santos, desde S. Paulo até aos nossos dias.

Se no ofício que a obediência vos confiou deveis manusear dinheiro, pensai atentamente que a vossa condição de religiosos e as condições do vosso Instituto vos obrigam a fazer despesas com a máxima parcimónia, só gastando o necessário e conformando-vos, na mente e no coração, com as normas estabelecidas ou pelos superiores dadas, seja no ordenamento dos trabalhos seja no pagamento dado aos operários.

Tenho de vos manifestar a dor que experimentei no passado ao saber que alguém se lamentava por não poder gastar fora da vontade dos superiores, e com abundância; e afirmava a absurda razão que eu sou rico, e que as ofertas dos fiéis chegam cá sempre e abundantemente. Deveis compreender que se houve grandes somas de dinheiro nos meus bolsos, tais somas já foram todas usadas para sustentar a fundação e a organização das Missões do Quénia, para a construção da grandiosa Casa Mãe, e para a manutenção, em Turim de mais de oitenta alunos e cinquenta irmãs - além de vós próprios!

Quanto às ofertas mensais que a Divina Providência nos manda, agradecei comigo ao Senhor; e ao recitardes bem, como deve ser, o Pai Nosso, rezai para que elas continuem durante muito tempo para fazer face a tantas despesas na África e aqui; mas tende também medo que a Consolata, que tanto nos ajuda, e sem dúvida milagrosamente nos ajudou no princípio, mude de ideia se nós abusamos do que temos e não usamos bem todos os meios para nos sustentarmos a nós próprios por meio do nosso trabalho.

Por isso a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé muito nos recomenda as culturas agrícolas e as pequenas indústrias que possam produzir fruto para nós no presente e no futuro.

Seja este o compromisso comum, e de maneira particular para aqueles de entre vós foram destinados a fazer estes trabalhos, irmãos, irmãs e sacerdotes: não pensem que são por isso menos missionários do que os outros, mas convençam-se que por meio de tais trabalhos fazem um apostolado igual aos que se dedicam às obras espirituais. E progridam neste seu empenho cada vez com mais zelo. E acerca disto lede o que dizem as Constituições.

A estas razões juntemos mais outra, a da abertura da Prefeitura do Kaffa que a Sagrada Propaganda acaba de nos confiar. Serão necessárias despesas enormes, como se fez no Quénia: despesas de viagens, de provisões, etc. E toca a vós poupar o que for possível para que, com os vossos trabalhos, possais colaborar na fundação sólida desta nova Prefeitura do Kaffa.

Animados por este espírito de economia e de pobreza dizei com S. Paulo: "*Habentes alimenta et quibus tegamur his contenti sumus*" [Tendo alimento e vestuário, com isso nos contentamos]. Pensai bem que a vida e a prosperidade do nosso Instituto dependem, em grande parte, da boa prática desta economia e deste espírito.

Considerai-vos afortunados por poderdes aliviar quanto podeis a responsabilidade quotidiana dos vossos superiores, e então recebereis as bênçãos de Deus para toda a vossa obra e as vossas fadigas.

É esta a proposta que vos faço a todos vós: ponde-a em prática, e sobre este ponto examinai-vos frequentemente. O Senhor abençoe estas minhas palavras, e a vós todos dê um espírito inteligente para bem as compreenderdes e uma grande docilidade de coração e constância para as pordes em prática.

[Vol. VI, pp. 527-530, n. 857]

153

Aos padres Maurício Domingos Ferrero e José Maletto

J.M.J. SS. Consolata, 17 de janeiro de 1914

Caríssimos em N.S.J.C.,

Agradam-me as vossas confidências: assim deveis ser para serdes bons filhos. Como pai, vou dizer-vos com toda a liberdade e clareza o que penso e pretendo.

O vosso desejo de ir para a África é conforme à vossa vocação, mas o tempo de para lá irdes está subordinado à vontade de Deus que se exprime pelo envio da parte dos superiores. Deveis ter receio que a vossa vontade transtorne os desígnios de Deus. E também seria mau sinal aborrecer-vos de estar na Casa Mãe onde já recebestes, e continuareis a receber, tantas graças para um outro apostolado ainda mais fecundo. Seria justo devolverdes, por assim dizer, o pão que vos foi dado, ajudando os pobres superiores já tão sobrecarregados com o peso da formação dos irmãozinhos mais novos, e com as obras que mantém viva a obra apostólica nas Missões!

E depois, acerca do exame de confissão, é minha intenção mantê-lo regularmente depois de dois anos de estudos práticos, tal como se faz na diocese. Não seria justo pedir ao Sr. Cardeal que nos conceda depois de poucos meses o que dá aos diocesanos só depois de dois anos de Colégio, ou depois de terem eles estudado teologia moral durante os cinco anos de teologia no seminário. Tenho mesmo de admitir que nem sempre os nossos fizeram boa figura diante dos examinadores diocesanos.

Aqui vai ela, bem sincera e aberta, a minha opinião sobre o que pedistes, que creio seja um *judicium coram Deo;* e isto, dizei-o lendo estas normas aos nossos sacerdotes.

Tudo isto, e sempre, ad Majorem Dei gloriam... e com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 546-547, n. 861]

154

À Irmã Margarida Demaria

Viva J.M.J.! Turim, 16 de maio de 1914

Rev. e caríssima Irmã,

Recebi a tua linda carta que agradeço. Especialmente apreciei a muita sinceridade e os pormenores que nela vinham. É uma questão de bem, e não deves ter medo se alguma pena me deste. Causaria mais dor se, para me não dares algum desgosto, não me dissesses alguma coisa de negativo. Todos desejamos o bem comum, o bem de todos.

Afinal, as notícias que me deste são bastante boas, e não diferem muito do que eu esperava. O que se era na Casa Mãe, tal se será nas Missões, talvez com um aumento da miséria humana por causa do clima, da qualidade diferente da vida, e porventura também da diminuição do primeiro fervor. Coisas que, com a graça de Deus, irão desaparecendo. Procura ter paciência, muita paciência. Infunde coragem, consola e corrige sempre maternalmente.

Com a Ir. Catarina, comportaste-te bem: esperamos que ela se tenha arrependido e se corrija. No que diz respeito à Ir. Filomena, se as boas maneiras não produzirem nenhum efeito, será necessário ser mais severa para com ela, e mesmo ameaçá-la com a expulsão. Depois de ter sido avisada com tanta caridade, já ela deveria ter mostrado humildade, ser mais obediente e mesmo mais ativa do que as outras. Tomei a decisão de a repatriar mesmo antes que acabem os cinco anos de profissão se ela não mudar. Podes ler-lhe esta minha decisão.

Nas cartas que recebi de várias irmãs vejo que algumas se sentem sacrificadas porque não podem andar por aí dum lugar para o outro, mas devem trabalhar nas coisas materiais da granja. Procura eliminar este preconceito da cabeça delas: que se recordem quantas vezes, quando estavam na Casa Mãe, lhes foi explicado como o perfeito desapego à própria vontade seja essencial à missionária. Talvez tenham sido influenciadas por

tantas manifestações que receberam nas estações de Missão que visitavam, manifestações estas que as levaram a aproveitarem-se das fadigas dos outros e, por isso mesmo, só consideram a coisas atraentes que veem nas visitas às aldeias.

Louvo as irmãs Constança, Lúcia e Domínica se continuarem no espírito que já têm. Tem cuidado que todas conservem a modéstia religiosa para não se tornarem grosseiras, que durante as ocupações materiais se conservem unidas a Deus, e por amor a Deus façam todas as coisas.

Usa nos Batismos os nomes que me disseste, e outros também, e é melhor que tu própria escrevas diretamente aos benfeitores se por acaso sabes as direções deles.

A comunidade aqui vai indo bem, sempre aumentando em número. Estão agora a fazer os Exercícios Espirituais anuais, ao fim dos quais vão fazer a profissão religiosa e receber o hábito. Coragem nesta tua importante missão que o Senhor te confiou. Ele vai ajudar-te espiritualmente, e fisicamente também, como sempre lhe peço eu nas minhas orações, para que tu possas dar um fundamento sólido ao bem que hão de fazer as nossas Irmãs no presente e no futuro.

Agradece às irmãs as lindas cartas que me escrevem e responde-lhes tu dizendo-lhes o que sabes que eu próprio gostaria de lhes dizer, mas não posso atualmente.

Daqui, aos pés da nossa Padroeira, vos mando a minha bênção: mostrai sempre que sois dignas do nome que tendes. No Senhor vosso com muito afeto...

[Vol. VI. pp. 574-575, n. 868]

155

À Ir. Margarida Demaria

Turim, 13 de junho de 1914

Rev. Ir. Margarida,

Recebi a tua carta, e agradeço que escreveste muito e muito minuciosamente. Acredita no que te digo: é uma falsa compaixão quando se não conta tudo para não entristecer

aquele a quem se escreve. Dizer a verdade toda e sempre é a melhor consolação que se pode dar a quem deseja saber o que aconteceu e como aconteceu.

Come já te escrevi noutra ocasião, eu não me inquieto por causa de certas misérias, até te digo que mais ou menos espero que elas aconteçam. Mas hão de passar, com a graça de Deus. É impossível que gente que fez sacrifícios para salvar almas não acorde depois das primeiras vinganças do demónio e não arranje novas energias para o combater. Anima-te, a ti e às outras, a todas as outras. São jovens, perdem a coragem facilmente, mas todas têm boa vontade e a todas o Senhor vai dar a sua força.

Mas tu, continua a encorajá-las com caridade e longanimidade; não deixes de as corrigir até subirem às alturas da sua grande missão. Diz muitas vezes a todas que não se percam de coragem porque o Senhor vai ajudá-las; que ter pouca saúde não é falta de virtude; que é preciso procurar mais a santidade que a sanidade; que o Senhor concede a santidade a todas as almas fortes, àquelas que com coragem cumprem os deveres que lhes impõe a obediência.

Para vós é este tempo como que um segundo noviciado durante o qual, as que não dão provas de obediência e de diligência nos trabalhos e nas virtudes da vida religiosa e apostólica, perderão a graça da vocação; e como o 40º de Sebaste, não hão de obter a glória do martírio.

Conta-lhes o que aconteceu a Gedeão; não devemos preocupar-nos com a quantidade de missionários, mas devemos considerar o ardor missionário; infeliz de quem tivesse de voltar para a pátria. E escrevo-te todas estas coisas para não andares preocupada, e quando for necessário, depois do compadecimento, não poupes as ameaças àquelas que não se comportarem como devem. Eu já sabia que haveria quem pouco vale, assim como a Ir. Cândida; mas ela deve ao menos humilhar-se, não ser casmurra e trabalhar com energia naquilo que pode e sabe fazer. Acerca da Ir. Filomena, já te disse como deves comportar-te, não desistas. Quanto à Ir. Catarina, diz-lhe que eu esperava que ela se comportasse melhor.

E a todas, recorda-lhes as promessas feitas de suportarem um *martírio longo* com ânimo ardente, que consiste em suportar as pequenas doenças com coragem, em trabalhar em qualquer ocupação dada pela obediência, em não invejar o emprego das outras, em não viajar à toa por aqui e por ali. Uma irmã deve sentir-se contente por ocupar o último lugar e por se ocupar em trabalhos manuais. Nada de filosofias como "*Isso não é cá p'ra mim*", que nada exprime senão a preguiça de quem o diz. Mas devem ajudar-se umas às outras, e não andarem a roubar o trabalho umas das outras. O prémio é dado segundo o esforço e a fadiga: *unusquisque mercedem accipiet secundum suum laborem.*

E isto basta! Estimula-as todas, especialmente a Ir. Cecília. Desconheço a causa do seu incómodo. Andarão vocês a beber água poluída? Atenção!... Diz à Cecília que escreva ao pai a dizer-lhe que já está curada da doença, mas sem entrar em pormenores. A todas dirás que escrevam aos parentes *da maneira que combinámos.*

Coragem. Durante esta novena de Nossa Senhora da Consolata vou rezar por vós. Ela há de consolar-vos, curar-vos, formar-vos para serdes missionárias como deve ser.

Envio a todas a minha bênção, a ti de maneira especial.

Com muito afeto no Senhor...

Recebi as cartas de todas, por agora não me é possível responder. Mas rezo ao meu Anjo da Guarda que dê a minha resposta a cada uma de vós. E vós procurai escutá-lo. Não te canses muito, tem cuidado contigo própria e, sempre em frente com muita paz espiritual.

As Irmãs da Casa Mãe mandam-vos cumprimentos.

[Vol. VI, pp. 584-585, n. 871]

156

À Irmã Margarida Demaria

Viva J. M. e J. Turim, 27 de junho de 1914

Rev. e boa Irmã Margarida,

Recebemos a tua longa carta na qual vejo que há um

melhoramento no comportamento das Irmãs. Pouco a pouco, e com a graça de Deus, tudo se vai tornar normal. Agora tu não te percas de coragem, continua a ser uma superiora doce e firme; não te preocupes se por acaso perdes de vez em quando a paciência. O Senhor vai resolver também os teus defeitos e erros...

Lê as duas catas para as Irmãs Filomena e Catarina, e depois sigila-as, e entrega a cada uma a sua. A minha resposta à Ir. Catarina não te compromete de maneira alguma. Esperemos que as cartas produzam um bom efeito nelas; se não se emendarem, pensaremos em outros remédios.

Coragem e muitas bênçãos para todas, especialmente para ti. Com muito afeto paterno no Senhor...

P.S. Desejo-te uma Boa Festa. Nesse dia, de S. Inácio, vou mandar-te uma bênção especial. A todas desejo uma Festa feliz.

[Vol. VI, p. 588, n. 872]

157

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 10 de julho de 1914

Caro P. Costa,

Obrigado pela tua carta e pelas notícias sobre os nossos caros sacerdotes, irmãos e jovens. Abençoo-os todos na ocasião dos exames, ou melhor, peço ao nosso Padroeiro S. Inácio que os abençoe *Ad Majorem Dei Gloriam*.

Que este grande santo obtenha para todos uma correspondência autêntica à santa vocação; faça ele também de nós 'jesuítas', quer dizer, cheios do espírito de Nosso Senhor Jesus Cristo, e imitadores fervorosos do Coração divino do Senhor.

Chegámos ao fim do primeiro grupo de Exercícios Espirituais, que correram bastante bem; orai para que corram bem também os dois próximos turnos para a santificação dos exercitantes. Por esta intenção oferecei também os pequenos sacrifícios que o Senhor vos mandar nesta ocasião.

Mando-te uma carta do C. Molino sobre o P. Ciravegna. Eu já

respondi a essa carta. Não lhe a mostres por agora. É preciso que os nossos moralistas se convençam que não são lá muito perfeitos em Moral, e por isso devem estudá-la cada vez mais.

Tu e o P. Chiomio continuem a estudar os jovens ainda duvidosos, incluído o Luís. Que o Senhor nos dê as suas luzes sobre a vocação deles.

Muitos cumprimentos para todos. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 589-590, n. 873]

158

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Viva J. M. J. S. Inácio, 14 de julho de 1014

Rev. e querida Irmã,

Obrigado pelas tuas duas cartas nas quais me dás boas notícias sobre as caras missionárias. Ao chegar a este monte coloquei-vos todas aos pés de S. Inácio para que ele pense em vós. Mas não deixarei de vos enviar de vez em quando uma bênção, e de lhe pedir para que ele vos faça santas, não só nas palavras e desejos, mas também na conquista de virtudes sólidas, especialmente na que tu mencionaste, que é a união com Deus, e também uma firme laboriosidade.

Acerca de ti própria, mantém-te calma e firme na vontade de Deus e dos superiores.

Soube pelo Sr. Vice-Reitor que a candidata de Belluno escreveu a dizer que já não vem. E assim acaba esta história e tu, no envelope com os seus dados, escreve um *Não* final: Terminado! Acerca da Argentero e da Consoli fala com o Sr. Vice-Reitor e tomem uma decisão. Acerca daquela do prior de Torre, não faço nenhuma ideia.

Agradeçamos ao Senhor a solução da questão da Inês: vou escrever-lhe umas linhas. E agora, continuem com coragem em nome do Senhor, pois Ele escuta a vossa boa vontade - e torna-a eficaz.

A minha bênção para todas, especialmente para ti.
Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 592-593, n. 875]

159

Para a Inês Battaglia

Viva J. M. e J. S. Inácio, 14 de julho de 1914

Minha boa Inês,

Tens razão em dizer de todo o coração um *Deo Gratias*; e nisso eu me uno a ti para agradecer ao Senhor por ter aberto os olhos ao teu pai e ao teu irmão. De agora em diante não falamos mais no assunto, e tu, não fiques com pena nenhuma.

Agora segue o caminho para onde o Senhor te chama; continua com perseverança a tornar-te santa contra as tentações. Sorte tens tu porque, tendo os olhos fixos no Paraíso, lá chegarás um dia com o coração cheio de boas obras para a salvação dos infiéis.

Coragem, minha boa Inês. Abençoo-te de todo o coração.
Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 593-594, n. 876]

160

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 18 de julho de 1914

Caro P. Costa,

Certamente estais desejosos de notícias minhas, e eu escrevo-vos para vos dizer que, graças a Deus, não sofri muito e que respirei ares frescos e saudáveis. Voltarei para vós lá pelo meio da próxima semana, se Deus quiser, e muito terei que vos contar. Por agora, prepara tudo bem para os exames, e não te esqueças que este ano a festa de S. Inácio vai ser no dia 2 e portanto, vocês devem partir para S. Inácio no dia 3.

Depois dos exames deixamos partir os 4 do quinto ano, e

depois os que mandamos embora. A todas as perguntas dos pais responde sempre com um 'não' categórico. Manda o mais depressa possível o seminarista Sandrone, sobre o qual já te falou com certeza o Sr. Vice-Reitor.

Peço a Deus que vos abençoe a todos e fortifique o vosso espírito de piedade e o ardor durante as fadigas do estudo e dos trabalhos manuais. É preciso ter muita energia para se ser verdadeiros missionários, e para que o Instituto prospere.

Muitos cumprimentos a todos, e S. Inácio vos abençoe.

Com muito afeto no Senhor...

P.S. Preparem uma festazita para o Sr. Vice-Reitor para o dia de S. Joaquim: umas palavritas, umas poesias... Depois quando eu chegar, vou ver como podemos fazer-lha, a festa.

[Vol. VI, pp. 594-595, n. 877]

161

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 8 de agosto de 1914

Caro P. Costa,

Obrigado pelas boas notícias que recebi por meio do Sr. Ecónomo, e também pela tua carta que recebi hoje de manhã. Alegra-me saber que a vossa vida comum corre bem e que todos vivem cheios da graça especial que S. Inácio vos alcança, e que todos se empenham em corresponder a essa mesma graça.

Na Casa Mãe tudo corre bem e eu também lá vou de dois em dois dias. D. Meineri assegurou-me que, depois das observações gerais e particulares que eu fiz, todos se comportam bem. Hoje de manhã veio ter comigo o Luís para me pedir que o deixemos voltar. Naturalmente, mandei-o embora com pouca esperança, mas só lá para mais tarde. Repreendi-o de ter causado que os tomates se tenham queimado por lhes ter dado verdete demais, respondeu à sua maneira e calou-se. Não vale a pena deixá-lo voltar.

Amanhã à tarde vou mandar-te o César, o Savino e o Eugénio.

Creio que podemos nesta ocasião pôr o David com os Irmãos, é assim que deves fazer.

Para a novena da Festa da Assunção façam alguma coisa de especial, ainda que seja só cantar a *Ave Maris Stella*. Ainda não sei quando é que poderei ir aí de novo. O Mons. Barlassina vem cá breve. Hoje de manhã partiu o P. Ferrero; ficará pouco tempo em casa. O Monsenhor vem 2ª feira de manhã e já estará pronto para a aula das 11h00.

Muitos cumprimentos a todos, com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 608-609, n. 881]

162

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione e às outras Irmãs

Viva J. M. e J. Turim, 8 de agosto de 1914

Minha boa Irmã Maria e todas as Irmãs Consolatinas,

Recebi as vossas notícias que me trouxeram o Rev. Ecónomo e depois e Sr. Prefeito. Começaram bem as vossas férias, e bem hão de continuar se vocês, enquanto usam bem o ar físico para fortificar os vossos corpos, tiverem sempre diante dos olhos *os ares espirituais,* como tudo neste monte santo vos aconselha.

Esteja sempre convosco, dia e noite, o próprio Jesus, e também S. Inácio que nesse lugar tem o trono das suas graças. Vivei de fé, e então haveis de saborear o estímulo do sobrenatural.

As Irmãs de Rivoli e de Turim estão bem e cheias de paz; nada de novo aconteceu por lá. Sempre em frente, com muito cuidado e boa vontade, pois bem depressa passarão para vós estes dias.

Não sei ainda quando poderei ir ver-vos, mas frequentemente vos mando a minha bênção e vos recordo à SS. Consolata. Preparai-vos bem para a grande Solenidade da Assunção, não necessariamente aumentando o número das orações, mas multiplicando o fervor. De todo o coração vos abençoo e... rezai também vós por mim.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 611, n. 882]

163

A Júlio Peyrani

Viva J. M. e J. entre 12 e 19 de agosto de 1914

Caro jovem,

Como combinámos, já escrevi ao Sr. Reitor do Seminário de Giaveno. Ele respondeu-me dando-me boas notícias de ti; só lhe custa é que tu não termines o liceu lá no seminário. Seria bom escreveres-lhe para lhe dares a conhecer a tua decisão, explicando-lhe as razões que te levam a dar este passo, e também a dificuldade dos teus pais e, mais ainda, a dificuldade de obteres, daqui a um ano, a licença do Sr. Arcebispo.

Podes também dizer-lhe que, depois de teres rezado e de te teres aconselhado, pensas dever tomar agora a decisão de responder à chamada do Senhor: *Hodie si vocem Domini audieritis nolite obdurare corda vestra* [se ouvirdes hoje a voz do Senhor, não endureçais os vossos corações]. Mas não lhe comunicarás nada do que nós dois discutimos.

Apenas receberes a resposta, vem ter comigo aqui em Turim, onde me encontrarei depois do dia 21 do corrente mês.

Muitos cumprimentos aos teus bons pais, e rezemos à SS. Consolata... Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 614-615, n. 883]

164

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 20 de agosto de 1914

Caro P. Costa,

Já deves ter recebido, por meio do Mons. Barlassina e também pelo *Momento* enviado pelo P. Dolza, a notícia da morte repentina do Santo Padre. A sua morte é uma perda enorme para toda a Cristandade, mas para o nosso Instituto é uma perda gravíssima.

Ele amava-nos como seus benjamins e concedeu-nos sempre aquilo que lhe pedimos. Alegrava-se com a maneira como começou o nosso Instituto, e animava-nos a crescer em número e em virtude. E sentia-se consolado ao saber do trabalho dos nossos missionários que trazia à Igreja novos filhos em troca de tantos cristãos ingratos da Europa. Choremos a sua morte. E rezemos pela sua santa alma.

Cantareis uma Missa *de requiem* aplicando-a, com um único sacerdote, durante a qual façam, os que podem, a comunhão em sufrágio da sua alma. Fareis isto durante a próxima semana *in die septima*. Durante nove dias ofereceреis a comunhão e o terço, com o *requiem*, pela sua grande alma. Todos os dias depois do *Angelus* cantareis o *De Profundis* com o 1º *Oremus* dos que vêm no missal*: Deus qui inter summos Sacerdotes*...

Os sacerdotes deixam por agora o *oremus* contra a guerra e dizem o oremus *pro eligendo Summo Pontifice* até à eleição do novo papa. O mesmo se diga acerca da Bênção do SS. Sacramento, durante a qual, depois da Ladainha, cantareis o *Veni Creator* com o *Oremus* e 3 Ave Marias à nossa Consolata.

Em Turim vamos unir-nos a vós e faremos o que pudermos. O Instituto, o Santuário e o Ven. Cafasso têm muito de que sentir dor; mas esperamos ter bem depressa um novo protetor no Céu.

O Senhor vos abençoe, e mais uma vez vos digo que por todos rezo aos pés da SS. Consolata.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 616-617, n. 884]

165

Ao P. Lourenço Sales

J.M.J. Turim, 5 de setembro de 1914

Caro P. Sales,

Obrigado pelas notícias que me mandaste. Continua como até agora, pois bem sabes quanto tudo o que se refere ao Instituto, bom ou menos, desce ao fundo do meu coração. Já pedi ao Sr. Prefeito para te responder. Mas aqui te mando umas palavritas acerca do Santo Padre.

Enquanto vós continuais a rezar pela alma do Papa Pio X, alegrai-vos vivamente pela eleição do Card. Della Chiesa a papa Bento XV. Além da razão comum, o ser ele papa, para nós é especial por causa da devoção que ele tem à nossa Padroeira a Consolata: encomendou-se ele às orações que se fazem no Santuário – assim ele o disse ao nosso Arcebispo. Alegremo-nos e agradeçamos ao Senhor com um *Te Deum* que cantaremos amanhã durante a Bênção do Santíssimo, e durante três dias com o *Oremus pro gratiarum actione* [oração em ação de graças] na Santa Missa e nas Bênçãos.

Quanto ao resto, o que mais me interessa em referência ao novo papa é que façamos a nossa profissão de fé na Igreja Católica Apostólica e Romana. Amanhã, durante o retiro, renovai esta mesma profissão com a recitação do *Credo*. E como toda a obediência cristã procede do papa e através dele se derrama a todos os superiores espirituais até aos mais inferiores, prometei obediência sempre a todos os vossos superiores.

É este o melhor presente que ao papa podemos oferecer. Abençoo-vos com muito afeto...

[Vol. VI. pp. 622-623, n. 886]

166

Ao P. Lourenço Sales

J.M.J. Turim, 5 de setembro de 1914

Caro P. Sales,

Apenas partiram os três Irmãos recebi a tua carta; mando a resposta pelo Ir. Ângelo que vai aí amanhã de manhã. Diz às Irmãs que, se precisam de açúcar, que o comprem em Lanzo na loja da Cordero, e se tiverem necessidade urgente podem mesmo comprá-lo no hoteleiro de Piano di S. Inácio. A superiora admira-se que tenham falta do açúcar porque, segundo os cálculos do ano passado não devia ainda faltar; mas não faz mal, comprem-no em Lanzo.

Tenho pena dos que estão doentes, mas são pequenas coisas que hão de passar. Comportaste-te bem com o seminarista Albertone,

e tu sê forte se ele tiver outra mania acerca do estudo. Parece-me que é melhor não eliminarmos a *hora* diária do estudo da língua kikuyu. Já se não fazem outros estudos e, como bem dizes tu, não estudam intensamente, e então estamos a criar preguiçosos.

Já durante o ano passado o P. Giaccardi se lamentava, e talvez também outros professores, que estudavam pouco, menos que durante os anos passados. E dizer que eu os tinha dispensado das aulas dos trabalhos manuais! Bem me parece que quanto mais há para fazer mais se faz, e não o contrário... Quando começar o próximo ano vou dar-lhes um abanão contra a preguiça, especialmente para os seminaristas mais jovens.

Acerca de aprender a falar línguas, dado que já disso estão dispensados durante os recreios e não é obrigatório durante os passeios compridos, parece-me que não é o caso de dar contra-ordens agora. Aos que o fazem voluntariamente ou por dever não pode fazer mal nenhum. Tu, diz aos indivíduos e à comunidade o que melhor te parecer.

A mim parece-me que os passeios compridos, se forem muitos, não fazem bem a muitos deles. Portanto, quando tiverem dado mais um passeio de um dia inteiro, é melhor não lhes dar mais nenhum, chegam bem os que duram só da parte da manhã, ou à tarde, e isto até ao fim do ano.

Podem, o D. Meineri e só os Irmãos que chegaram ultimamente, fazer um passeio à 2ª e à 4ª feira. 5ª feira de manhã *todos* os Irmãos voltam a Turim. Se eles precisarem de sapatos, então que trabalhem em vez deles os seminaristas. Coragem, pequenas misérias sempre as há... Muitos cumprimentos a todos no Senhor, com muito afeto...

[Vol. VI. pp. 624-625, n. 887]

167

Aos missionários do Quénia

Turim, 15 de setembro de 1914

Caríssimos em N.S.J.C.,

Estava à espera do fim dos Exercícios Espirituais para

responder às vossa cartas coletivas do ano passado. Agradeço-vos os sentimentos de afeto que me exprimistes, e muito me alegro convosco especialmente pelos propósitos que fizestes de serdes mais perfeitos na vossa vida privada e apostólica. Entusiasmados durante estes santos dias pelas homilias dos vossos bons pregadores e pelas conferências do Mons. Vigário, renovastes o espírito da vossa vocação e decidistes usar maior diligência nos exercícios de piedade e na obediência aos superiores.

Já por isto agradeci ao Senhor; e ao ler cada um dos vossos nomes parecia-me ver cada um de vós diante de mim quando estáveis aqui em Turim. Coloquei os vossos nomes aos pés da nossa Padroeira para que ela vos abençoasse e vos obtivesse a graça de tudo pôr em prática. Mas para chegardes a esse fim, cada um de vós com certeza tirou apontamentos, como se faz na Casa Mãe, e os recorda todas as manhãs durante a meditação e à noite durante o exame de consciência, e também na confissão semanal, e especialmente no dia da recoleção mensal.

E agora depois dum ano, voltando a encontrar-vos para os Exercícios Espirituais, examinai-vos sobre os frutos que destes; se cumpristes, agradecei ao Senhor, se não, pedi perdão e toca a fazer um propósito mais fervoroso, e a estudar os meios para mais fiéis serdes no futuro.

Já recebestes a notícia da morte do S. Padre Pio X e a eleição ao Sumo Pontificado de Bento XV. Com certeza que rezastes, e rezareis ainda, pela santa alma de Pio X, também porque ele era nosso benfeitor especial. Bem sabeis quanto afeto ele tinha pelo nosso Instituto: ficará o seu nome escrito em carateres de oiro na nossa história.

No que diz respeito ao novo papa, que é um devoto da SS. Consolata, terá também ele certamente muito amor às Missões que dela têm o nome. Rezai para que nestes tempos difíceis ele possa fazer todo o bem que deseja. Prometamos-lhe a ele, como Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo, obediência de mente e de coração, e consolemo-lo aumentando o número de cristãos em compensação por tantos católicos cujos erros e vícios os levam a deixar a Igreja.

Que o Senhor abençoe estes vossos Exercícios Espirituais

para que eles sejam para a vossa maior santificação. Recomendo-vos à SS. Consolata, em cujo nome paternalmente vos abençoo a vós, às boas Irmãs e a toda a gente dessas terras.

No Senhor vosso com muito afeto...

[Vol. VI, pp. 638-639, n. 889]

168

À Irmã Margarida Demaria

J.M.J. Turim, 4 de novembro de 1914

Rev. e caríssima Irmã Margarida,

É verdade que o Senhor nos manda provações, e nós beijamos a sua mão que no-las dá. Mas tudo há de virar para bem: quer se curem as Irmãs, quer partam algumas para o Paraíso. Mas o meu coração diz-me que se hão de curar: e com a cura do corpo, curar-se-ão também as almas. Mas é preciso que sacudam também as pequenas misérias humanas e comecem a praticar os propósitos que fizeram quando estavam em Turim, para assim recuperarem o tempo perdido.

Ordeno às duas irmãs e à Ir. Filomena que acabem com a inveja entre si mesmas: vais-lhes dizer isto com toda a força em meu nome. E tu continua com esse teu método, que me parece realmente bom. Mas procura não te cansares nem corporalmente nem espiritualmente por causa delas; tens de conservar a tua sanidade para outras coisas mais importantes.

Pede a outras irmãs que as ajudem no que elas precisam, não o faças tu sozinha. Durante o tempo de convalescença recorda-lhes o voto e o espírito de pobreza e a gratidão que devem ao Instituto. E no que diz respeito as outras, alegra-me o bem espírito delas e dou graças ao Senhor.

A minha bênção para todas, também para as que estão em Tetu, que bem lindas cartas me mandaram.

Muita coragem peço, para ti especialmente, à SS. Consolata, e rezo para que te ampare e te console como só ela sabe.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 648, n. 891]

169

A um Irmão Leigo desconhecido

Turim, 21 de dezembro de 1914

Sinto alegria por serdes como sois: tu, o caro Ir. Bartolomeu e o Eugénio: amai-vos uns aos outros, corrigi-vos e ajudai-vos, e fazei tudo por Jesus Cristo.

Daqui, mesmo aos pés da Consolata, vos mando a minha bênção. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 678, n. 895]

170

Às missionárias do Quénia

Viva J.M.e J. Turim, 27 de dezembro de 1914

Caríssimas em N.S.J.C,
Superiora, Assistente e Irmãs,

Já há mais de um ano que daqui partistes, mais do que um ano de vida na África para vós! Um ano que, por ter sido o primeiro ano de apostolado, grande importância tem para vós e para o futuro do nosso Instituto. O ano da primeira prova das virtudes missionárias, que servirão de exemplo para as gerações futuras de missionárias nossas.

Deveis, portanto, fazer um exame sério sobre como vivestes este tempo. Se o vosso coração revela que correspondestes bem à vossa sublime vocação, agradecei penhoradas ao Senhor, e renovai em vós o verdadeiro 'espírito da Irmã Missionária', para poderdes, cada vez mais e melhor, avançar no caminho a perfeição e no zelo pela salvação das gentes dessas terras.

Se a vossa consciência vos reprovasse alguma infidelidade, e de terdes faltado às promessas feitas durante a vossa formação, e muito especialmente ao que prometestes no momento da vossa partida, arrependei-vos sinceramente, e começai imediatamente a reparar o mal feito com uma mais firme e constante promessa.

Não leveis a mal que eu, como vosso pai no Senhor, vos fale de

coração aberto: durante este ano passado, muito me alegraram as boas notícias acerca da maior parte de vós; e muito me custaram as notícias sobre algumas que não corresponderam ao que eu delas esperava e que elas tinham prometido diante do sagrado altar. Nem sempre houve obediência pronta e cordial à Superiora e à Assistente; aconteceu isto no comportamento em coisas materiais, e também na pontualidade em fazer as coisas: falta, portanto, de caridade religiosa na ajuda mútua durante as vossas ocupações; mais ainda; houve soberba, inveja, ciúmes, coisas que deram mau exemplo, não só às outras Irmãs, mas até mesmo a gente de fora.

E o Senhor Deus quis mandar provações, graves mesmo, a algumas de vós. E houve quem mostrasse falta de paciência durante a prova, e pouco espírito de mortificação; e até mesmo intolerância e falta de gratidão para com a solicitude dos superiores, especialmente para com a vossa boa Superiora; exigindo curas demasiadas e alimentos extraordinários não conformes à virtude da pobreza professada: falo de coisas de que vós mesmas fostes testemunhas, que também me foram referidas pela vossa Superiora e por outras pessoas que não muito edificadas ficaram.

Como pai, sou capaz de compreender a fraqueza humana, mas não se pode continuar desta maneira. As culpadas entrem no íntimo de si próprias e meditem sobre tal comportamento diante de Deus e dos superiores. O Senhor não precisa de vós, e pode mesmo retirar a graça da vocação por causa da vossa falta de correspondência; e neste caso seriam terríveis as consequências durante a vida e no momento da morte.

Perdoai-me este desabafo paterno, que pensei fosse necessário para que tudo se organize como deve ser. As que são fiéis, solidifiquem a sua fidelidade; as outras reacendam o fervor. Creio que o segundo ano vai remediar as deficiências do primeiro: e assim a nossa Consolata sentir-se-á contente das suas filhas prediletas.

Eu vou rezar por vós todos os dias ao pé do altar da nossa celeste Padroeira, e lá mesmo vos abençoo de todo o coração. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, pp. 682-683, n. 897]

171

À Irmã Margarida Demaria

J.M.J. Turim, 28 de dezembro de 1914

Rev Irmã Margarida,

Aqui te mando a carta para as Irmãs, que tu deves ler a todas e a cada uma. Talvez te pareça um pouco severa. Foi pensada e escrita aos pés de Nossa Senhora da Consolata. Tem coragem no Senhor, pois Ele há de amparar-te corporalmente e espiritualmente, como eu lhe peço.

Escreve-me tudo objetivamente, como acontece; e depois, não te preocupes. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VI, p. 685, n. 898]

172

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Turim, segunda metade de 1914

Parece-me que devemos decidir que, *em verdadeiro perigo de morte* do *pai* ou da *mãe*, e não dos irmãos, etc., podemos deixar que uma Irmã vá a casa, como fazem as Irmãs Salesianas de D. Bosco. Mas é preciso ver se há *verdadeiro perigo de morte* como está escrito no postal.

Se a Irmã sabe que o capelão não exagera no que diz, que a Irmã vá o dia depois, e volte o mais depressa possível, por exemplo 2ª feira, exceto em caso de morte, pois então pode ficar para o enterro, se assim melhor ela pensa.

Senão, mande um telegrama.

Acerca da Della Pregno, ficamos de acordo em não a aceitar, quer vão aí, quer venham ter comigo amanhã.

Acerca daquela de Saluzzo, paciência; podes escrever-lhe mais tarde a dizer-lhe que reze e espere.

E à outra lá daquela terra... (a de hoje de manhã), não escrevas mais. É um problema já longo demais e cheio de mistificação.

[Vol. VI, p. 694, n. 900]

173

Ao seminarista Domingos Spinello

Turim, segunda metade de 1914

Sê obediente, e há de o Senhor abençoar-te. Mas podes explicar tudo aos superiores, especialmente acerca da escola dos Estudantes.

Coragem, e abandona-te a Deus. Com a minha bênção.

[Vol. VI, p. 696, n. 901]

174

Ao P. Lourenço Sales

Turim, janeiro de 1915

Caro P. Sales,

Sofreste durante a viagem, mas agora vais ficar bem. Confirfirmo-te, *nullis rebus obstantibus* [o que quer que aconteça com você]. Como está escrito: *hanc regulam secutus, pax... et misericordia...* [seguindo este padrão, você terá paz e misericórdia]

Coragem; *Dominus tecum* [O Senhor está contigo].

Com muito afeto...

[Vol. VII. p. 23, n. 907]

175

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 23 de junho de 1915

Caríssimo em N.S.J.C.,

Recebi hoje de manhã a tua caríssima carta, à qual não pude responder imediatamente.

Alegro-me que já te sentes um pouco melhor; continua em repouso absoluto, e a SS. Consolata vai curar-te depressa. No Instituto tudo procede normalmente. Hoje à tarde começam os Exercícios Espirituais o P. Bolla e o Ugo. Amanhã celebram a festa de S. João.

Chegaram os três postais: um do pai do seminarista Baldi a agradecer, outro do Irmão Savino e do seminarista Sciolla que trazem boas notícias, e o do Savino que agradece a tua carta. E agora chegou um postal do Sciolla para o João Borello.

Estamos nas mãos de Deus, e que em tudo e sempre se cumpra a sua santa vontade. Cumprimentos à tua cara mamã e a todos os parentes, ao Ven. Sr. Vigário e aos outros sacerdotes. Boa festa de S. João. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 102-103, n. 916]

176

Ao seminarista Eugénio Valentino Baldi

Turim, 30 de junho de 1915

Caríssimo,

Recebemos notícias tuas, e gostamos do teu bom humor. Procura ser prudente em tudo. Quando puderes, passa tempo com os teus colegas, e confortai-vos uns aos outros no bem. Espero que tu passes bem esta prova para depois voltares bem renovado no corpo e no espírito.

Recorda-te do Instituto e do espírito que nele se vive, e procura viver nesse mesmo espírito. N. Sr.ª da Consolata, à qual recorrem tantos soldados, há de dar-te a sua ajuda, ela que te inscreveu na Companhia chamada *dos soldados*. Por vezes, pensa que eu estou perto de ti, e no que eu te diria se estivesse ao pé de ti.

Mando-te muitas vezes a minha bênção.

[Vol. VII, p. 105, n. 917]

177

Ao diácono João Mauro

Turim, 30 de junho de 1915

Caríssimo,

Gosto de saber que és forte e corajoso. Tudo o que for doloroso, manda-o embora, e renova a tua confiança em Deus.

Estás dispensado do breviário, mas mantém-te unido a Deus por meio dos bons pensamentos. Quando puderes, vai ter com os colegas, escuta o que eles dizem, especialmente o Ferrero, que representa os superiores.

A SS. Consolata há de ajudar-te a voltar são e salvo, e ainda mais forte no corpo e no espírito. Todos nós te temos muito amor e rezamos por ti. Coragem…

Recorda-te: és filho da Consolata, da Senhora que já fez tantos milagres aí… Abençoo-te frequentemente.

[vol. VII, p. 107, n. 918]

178

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 6 de julho de 1915

Caro P. Costa,

Não vale a pena dizer se sim ou não me recordo do Instituto. Todos: África, sacerdotes, seminaristas, irmãos e estudantes, e especialmente os que são soldados, eu deponho aos pés de S. Inácio, para depois os colocar de novo na minha mente ao fim dos Exercícios; mas o pensamento, esse está sempre com todos; e eu a mandar santamente o pensamento embora, e a pedir ao santo que pense ele em vós… Gostei das notícias sobre os estudos e os exames. Penso que deve fazer por aí muito calor, pois nem mesmo aqui faz frio. Procure animar o D. Meineri e o António.

A SS. Consolata ajude os nossos soldados e os traga depressa ao ninho. Seria ótimo conseguir que os três de Turim trabalhem como enfermeiros aqui no Piemonte; procurem obter isso e, se for necessário, apresente-se uma certificação como já se apresentou sobre os estudos de medicina. Sobre as Missas dos dois, não te preocupes; escreve o que já sabes e dá-o ao Sr. Vice-Reitor. Escreve ao companheiro de Valdieri, mas para ficar tudo mais claro diz-lhe que venha no mês de agosto. Acerca de ti próprio, comporta-te como já te disse: tem cuidado com a comida e o descanso, e dá frequentes passeiozinhos.

Muitos cumprimentos a todos, e para ti a bênção deste teu amigo em Jesus Cristo.

P.S. Seria bem ires ao P. Corgiatti, cura de S. Máximo, para saber se ele conseguiu recomendar os nossos três ao Capitão. Dá muitos cumprimentos à Rev. Superiora e às boas irmãs: S. Inácio quer mandar-lhes um pouco do seu espírito, segundo o que está escrito na carta sobre a obediência.

[vol. VII, pp. 111-112, n. 920]

179

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 9 de julho de1915

Caro P. Costa,

Recebi agora a tua carta, à qual respondo brevemente: não te preocupes se a palavra *lei* (você) me escapou neste cúmulo de tantos trabalhos. Estou contente que aí tudo proceda regularmente; recorda a todos que os nossos queridos que andam na guerra sofrem frio, chuva, fome, etc.; é por isso justo que também vós sofrais um pouco por causa do calor, ou se tendes de sacrificar a língua, de estudar com toda a força...: seja tudo isto para que a SS. Consolata os console, os sustente e os traga de volta sãos e salvos o mais depressa possível, e até mesmo mais fortes no espírito, eles... coitadinhos...

Dado que não sei se já lestes as cartas e os postais que escreveram, mando-tas para que tu as leias segundo a tua prudência; a carta do P. Ferrero vai fazer bem. No entretanto, pede aos noviços que escrevam ao P. Ferrero alguns postais que sirvam de exemplo; os estudantes escrevam ao P. Sciolla, e assim por diante, mas cada carta só com uma assinatura. E vê que sejam cartas sérias, cheias de espírito e um pouco *italianas*.

Dá coragem ao *D. Meineri*, por ele eu rezo para que não degenere num mal incurável. Está *Bem* no que diz respeito aos três soldados em Turim.

De resto, vivamos de fé e cheios de confiança em Deus. E rezai também por este vosso muito amigo no Senhor...

P.S. 1. O seminarista Calandri escreveu-me a dizer que recaiu

no mal, e pede para ir passar algum tempo na montanha segundo o desejo dos seus pais. Vou dizer-lhe que sim.

[Vol. VII, pp. 114-115, n. 921]

180

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Viva J.M. e J. Turim, 9 de julho de 1915

Rev. e cara Superiora irmã Maria dos Anjos,

Aqui deste monte santo, onde frequentemente durante o dia vos abençoo, os meus cumprimentos. Estou convencido que fazeis pequenos sacrifícios por causa do calor, não só por mim, mas para o bem dos nossos queridos confrades soldados. Sim, fazei com que a SS. Consolata os encha das muitas graças de que precisam para a alma e para o corpo.

O Rev. P. Ferrero escreveu-me a dizer que isto vós lhe prometestes. Pede ao Prefeito P. Costa que te mostre a carta.

De resto, portem-se bem, e sempre alegres no Senhor!...

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 117, n. 922]

181

À Irmã Maria Madalena Audisio

S. Inácio, depois do dia 13 de julho de 1915

Cara Irmã Madalena,

Rezámos e rezamos pelo teu irmão. E tu, coragem, aceita a vontade de Deus, pois ele é nosso Pai, e com certeza ajudou o teu irmão de maneira extraordinária naquele momento.

[Vol. VII, p.121, n. 924]

182

Ao P. Humberto Costa

J.M.J S. Inácio, 16 de julho de 1915

Caro P. Costa,

Mando-te as cartas recebidas do Campo. Gosto muito da do Ir. Savino, pois por ela sabemos que ele está bem. Talvez fizesses bem em mandares 25 Liras ao P. Ferrero, com quem está a maior parte deles; envia-as de maneira segura.

Causou-me pena a má notícia do seminarista Calandri; recomendo, com voto, o problema a S. Inácio, e continuo a esperar. Vê se consegues notícias, mesmo por telégrafo e, se for possível, vê se consegues ir visitá-lo e levar-lhe a minha bênção. E mantém-me ao corrente do problema, e comunica-o ao Sr. Vice-Reitor.

O Senhor manda-nos estas provas, como a todos as manda, especialmente durante certos tempos extraordinários. Mas também é verdade que de tudo Deus pode tirar o bem. A partida, ou melhor a falha, dos quatro que se foram, com certeza que a todos marcou. Vê se consegues manter bem alto o moral.

Fala com o Sr. Vice-Reitor no que diz respeito ao hospital; creio que devia ser mandado para lá, como também tu dizes. E depois, tenhamos confiança em Deus e na Consolata, e pedir que se faça a vontade de Deus. Talvez não fosse mal adiar os exames, ao menos os dos Estudantes; senão, o que é que vamos fazer depois? Manda-me a tua opinião. Com muito afeto no Senhor...

Eu já tinha escrito estas coisas antes por precaução, e depois recebi o teu escrito. Agradeçamos a sorte que tiveram os quatro. E para que tenham boa viagem, rezemos as costumadas orações em público.

Deo Gratias pelo António e o Meineri, e eu vou pedir a S. Inácio que lhes dê coragem. Mais uma vez te ordeno que vás segunda-feira a Moretta visitar o seminarista Calandri. Vamos continuar a ter esperança que se cure, mas é preciso muita coragem; leva-lhe a minha bênção. Acerca das ordenações, combinaremos quando eu voltar.

Coragem a todos e a bênção de S. Inácio. Com muito afeto no Senhor...

P.S. Quando escreves aos nossos soldados, tem cuidado para não falares na partida dos quatro, e ainda menos nas razões por que eles partiram. E os três de Turim não devem escrever nada sem tu controlares rigorosamente o que escrevem.

[Vol. VII, p.121, n. 924]

183

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 20 de julho de 1015

Caro P. Costa,

Agradeço ao Senhor pelas melhoras do seminarista Calandri, e esperamos que bem depressa esteja bom de todo. Com certeza informaste-te como é que começou o mal, e se aquele sangue saía dos pulmões ou não. Em caso de fraqueza pulmonar, ir para a montanha não lhe faria bem.

O Sr. Vice-Reitor deveria ir para as águas de S. Genésio; nesse caso basta que vocês lhe escrevam uma carta, como já fizeram os nossos de Údine. Se ele fosse a Turim, vocês podiam lá ir, ou irem cumprimentá-lo à Consolata. Em todo o caso, seria bem que cada classe escrevesse uma carta: seminaristas, irmãos e estudantes. Fala também com as Irmãs.

Ando a pensar que, se nada houver em contrário, vou ficar em S. Inácio até ao dia 1 de agosto para a festa. Vou descansar uma semana, e isso serão as minhas férias. Isto digo-o para tua informação. Lá pelos fins dos exames escreve uma carta bonita ao Prior de Nasi e aos Toselli. Eu vou escrever ao prior de Buttigliera Alta. Os do 5º ano que vão a casa por uns diazitos, mas o de Brescia não deve ir.

O Senhor vos abençoe, é o que lhe peço por intercessão de S. Inácio. Com muito afeto no Senhor...

P.S. Dá as notícias à Madre Superiora, eu não tenho tempo.

[Vol. VII, pp. 125-126, n. 926]

184

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Viva J.M. J. S. Inácio, 22 de julho de 1915

Boa Irmã Maria dos Anjos,

Obrigado pelas boas notícias sobre a saúde das Irmãs e sobre o bom espírito que aí reina. Procura viver em paz, sabendo que estás a praticar a obediência; o Senhor remedeia as nossas deficiências.

O passeio a S. Inácio façam-no, não a semana que vem, mas depois. Enquanto lá vão algumas de vocês, vão lá poucos missionários de cada vez. Escrevam isto ao Sr. Vice-Reitor se ele voltar a Turim. Infelizmente vocês podem participar na festa dele só por carta porque ele, como habitualmente, fugiu de Turim.

Muito bem, acerca da Gerbore!

Estou a pensar em voltar para Turim só no dia 1 de agosto, assim ficarei lá bastante tempo. Muitos cumprimentos a todas, e muitas bênçãos aqui de S. Inácio.

Com muito afeto em J.C....

[Vol. VII, p. 130, n. 927]

185

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, julho 1915

Caro P. Costa,

Mando-te a carta do nosso caro P. Ferrero. Claro que aos jovens poderás ler só algumas partes, não a carta toda. Vou responder-lhe eu próprio.

Eu tenho de ficar aqui até ao dia 1 de agosto, por isso é melhor que tu leias as notas 6ª feira à tarde: assim ainda ouvem as notas os que vêm a S. Inácio sábado e os jovens que devem ir a casa 2ª feira. E também, como combinámos, eu vou escrever só ao prior de Buttigliera Alta e tu aos outros. Escrevi ao Sr. Vice-Reitor

para lhe perguntar se o Dolza e o Carlos se podem ausentar da loja. Quando eu receber a resposta, então decidimos.

Estão a acabar os Exercícios Espirituais aos leigos, e parece que eles receberam muito: Deo Gratias!

Muitos cumprimentos e a bênção de S. Inácio.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 132-133, n. 928]

186

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. S. Inácio, 26 de julho de 1915

Caríssimo P. Ferrero,

Gosto muito das tuas cartas: quanto mais frequentes e compridas são, mais eu gosto delas! Escrevê-las dá-te muita satisfação, e a mim dá-me grande consolação lê-las. É-me impossível dizer-te quanto eu sofro por todos vós, e especialmente por ti, pois sei que és muito sensível espiritualmente e corporalmente. Por isso peço continuamente à nossa SS. Consolata que vos dê força nas duras provas, e vos abrevie o tempo das *duras provas*.

E tu, continua o teu bom *ofício* com os confrades: dou-te eu esta missão! Aconselha-os fraternalmente, sustenta-os espiritualmente, e ajuda-os mesmo materialmente. O Sr. Prefeito mandou-te 25 Liras; mas eu estou disposto a mandar-te tudo quanto precisas, não só para aquilo que te for preciso, mas também para teu alívio e consolação. Escreve-me, diz-me tudo o que quiseres.

Aprovo o retrato que fizestes, e de todo o coração o receberei. Comporta-te com fluidez em toda e qualquer ocasião. Já sei que o P. Garrone voltou para passar o tempo da convalescença. Fica aí só o bom Irmão, pelo qual rezo de maneira especial, por ele e pelo Ir. Savino. Certamente já sabes dos quatro que se foram embora. Deus os ajude...

Eu volto para Turim o mais depressa possível e lá ficarei permanentemente. Os seminaristas e os jovens não virão a S.

Inácio para ficarem, mas só *ad tempus* [temporariamente]...

Coragem para todos vós! E diz-lhes que obedeçam às tuas ordens e aos teus conselhos... *Em tudo!*

Mando-vos a minha bênção aqui mesmo donde estou, aos pés de S. Inácio. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 134, n. 929]

187

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 27 de julho de 1915

Muito Reverendo e Caro P. Costa,

Boas notícias do funcionamento da casa me mandaste, obrigado. Pede ao P. Tamietti de corrigir os trabalhos e de dar as notas. Ao Cón. Dematteis vamos depois dizer que, por um caso de urgência, tivemos de assim fazer. Acerca das notas do comportamento, sede generosos. E para com os que devem ser promovidos regula-te como já combinámos, mas é melhor dar notas baixas aos que devem repetir. No que respeita as coisas secundárias, a cada um seja dado o que merece.

Para S. Inácio, é bom constituir três grupos, cada um com o seu respetivo superior: P. Chiomio, P. Maletto e tu. Deste modo, não fará uma impressão exagerada em Turim, pois vejo pelos jornais que muitos prófugos estão a ser admitidos, especialmente moços. Entre os primeiros estarão os que vêm para a festa; os outros, venham 2ª feira a pé quanto for possível. Não tragam nada de vestiário extra, e voltarão sábado como ficou combinado.

Precisamos porém das missionárias para prepararem a comida. Mas o almoço de 2ª feira preparam-na as Albertinas: combina assim com o Sr. Ecónomo. Li mesmo agora no *Momento* de hoje que todos os dias cem rapazes vão brincar ao oratório salesiano e ficam lá todo o dia; e mais ou menos, o mesmo número de moças vão fazer o mesmo às Irmãs de D. Bosco...; não deve acontecer o mesmo connosco para que não vejam lugares vazios...

Domingo chegarei a Turim, mas chego tarde, e por isso não

poderei ir ao Instituto. Cumprimentos a todos, deste vosso com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 135-136, n. 930]

188

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 30 de julho de 1915

Caro P. Costa,

Admira-me que ainda não tenhas recebido a minha carta, pois apenas recebi a tua, respondi imediatamente, e dentro mandei também uma do nosso Ecónomo. Nela, que certamente já recebeste, mandei-te as normas para S. Inácio e para os exames.

Respondo só àquilo que é novo na tua carta: Gallo, Marcelino e Ronco deixa-os como já estão. Ao Marchina, dá-lhe a nota.

São muito más as notas dos da 2ª, e será preciso pensar talvez em mandar embora alguns por incompetência. Não percebo com é que tantos podem ser assim...

Também recebi um postal do seminarista Bruno, um postal que não diz nada. Diz aos três que se esforcem para conseguirem resultados melhores, e que, com boas maneiras, façam às Irmãs as suas justas reclamações.

D. Garrone escreveu-me a dizer que já se encontra melhor e que em breve virá ao Instituto. Cumprimentos a todos.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 144, n. 934]

189

Ao seminarista Eugénio Valentino Baldi

J.M.J. Turim, 18 de agosto de 1915

Caríssimo em Senhor Jesus Cristo,

Rezei por ti, e agora estou contente com a tua mudança de lugar e com o teu melhor comportamento. Porém, sei que os perigos

morais são maiores entre os militares; esforça-te por usar todos os meios para te manteres virtuoso. A presença de Deus e o elevares continuamente o pensamento à Virgem Maria e ao teu Anjo da Guarda são os verdadeiros antídotos, juntamente com a assistência à Santa Missa e os sacramentos. Se assim te comportares, não deixarás que a tua vontade se torne morna e molengona, e assim caíres no perigo de te tornares mundano e perderes a vocação.

Encomenda-te a S. Daniel que permaneceu ileso no meio dos leões... É melhor ficar só e falar pouco e ser considerado um misantropo do que agradar aos camaradas. Tu, o que mais deves desejar, são as promoções que dá o Senhor.

Mando-te com esta carta 15 Liras; peço-te que, sem necessidade verdadeira não fumes, e que não vás almoçar com quem tem mais dinheiro do que nós.

Ficas nas minhas orações. Com a minha bênção e com muito afeto...

[Vol. VII, p. 167, N. 939]

190

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 20 de agosto de 1915

Caro P. Costa,

Aqui, tudo vai indo. Já decidi a data do início dos Exercícios Espirituais: dia 8 de setembro à tarde; assim servem também para os dois que vão ser ordenados. Mandai a casa os estudantes Orestes Borello e Camissassi, e também o Giacomino. Os estudantes novos que já aceitámos são doze: o Senhor está a apoiar o nosso Instituto.

Cumprimentos a todos. Com muito afeto o Senhor...

P.S. Se assim o quiseres, quando voltarem os seminaristas Perino e Merlo P., deixa-os passar pela sua terra e ficar lá algumas horas. Devem voltar no próximo sábado, se a tal respeito não tomarmos outra decisão. Passeios longos de um dia inteiro podeis fazer dois por semana. Se eu este Domingo vos mandar Giacomino e David, à tarde volte para aqui o António.

Se não viessem por que vão a casa do De Luca, o António que venha à mesma.

[Vol. VII, p. 168, n. 940]

191

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 23 de agosto de 1915

Caro P. Costa,

Espero que estejas melhor de saúde; reza a S. Inácio para que te cure completamente para que possas mais totalmente consagrar-te a fazer bem a estes caros jovens. Sábado cá vos espero à tarde: vai aí primeiro o Ecónomo da Consolata, a quem deveis entregar tudo, mesmo as coisas partidas.

Aqui estão todos bem, e hoje à tarde vão a Rivoli fazer o mesmo passeio que vocês já fizeram.

Já aceitei 13 rapazes que vão chegar no dia 20 de setembro depois dos Exercícios Espirituais, que começam no dia 8 de setembro à tarde, e assim servem também para os que vão ser ordenados.

Hoje chega o Ir. David que voltará depois convosco sábado. O Giacomino, que deixámos ir a casa até sábado passado à tarde, ainda não voltou. Vai parar em Turim.

Muitos cumprimentos a todos; rezem a S. Inácio por todas as nossas necessidades particulares. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 172, n. 941]

192

Ao P. João Batista Rolfo

Turim, depois do dia 25 de agosto de 1915

Caro P. Rolfo,

Segundo o meu desejo, foi você mudado de lugar. Era isto necessário para o bem das Missões.

Não é falta de confiança da nossa parte, de maneira nenhuma. Agora, aí no novo lugar em que se encontra, com a ajuda de Deus fará bem. Coragem: *infirma elegit Deus* [Deus escolheu o que é fraco], e vai tornar-se santo.

Eu mando-lhe uma bênção todos os dias, e encomendo-o à Virgem Consolata.

[Vol. VII, p. 173, n. 942]

193

Ao P. Constâncio Cagnolo

J.M.J. Turim, 28 de agosto de 1915

Caro P. Cagnolo,

As notícias que do seminário em várias cartas me deste trouxeram-me muita consolação. Tem esta obra verdadeiramente uma importância máxima para o futuro do Vicariato, e deve ser a pupila dos nossos olhos. Tens realmente muita sorte por teres sido escolhido para formares os nossos primeiros alunos. Procura, com o exemplo e com o ensinamento, fazer com que entre neles a compreensão da grandeza do sacerdócio, e consequentemente o enxoval de virtudes necessárias para eles chegarem devidamente preparados ao sacerdócio.

Respondi de maneira simples à carta deles, e de boa mente o farei outras vezes no futuro.

Fiquei contente que o Monsenhor te tenha dado como ajudante neste trabalho o P. Sales. Unidos espiritualmente fareis muitos santos destes caros seminaristas seguindo as diretivas que do Monsenhor recebereis. O Sr. Vice-Reitor pede que recolham por escrito todos os particulares sobre esta fundação e sobre a vida de cada um dos alunos antes de entrarem e durante todo o tempo da sua preparação. São estas pequenas coisas muito importantes para publicar no Periódico.

Diz ao P. Sales que já recebemos vários escritos, que são muito gostosos para os nossos seminaristas, e que o serão também para o nosso público.

Cumprimenta-o e felicita-o, e diz-lhe que em breve lhe escrevo. Abençoe-vos a SS. Consolata. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 174, n. 943]

194

Ao P. Francisco Gamberutti

J.M.J. Turim, 28 de agosto de 1915

Rev. E caríssimo P. Gamberutti,

Há bastante tempo que queria escrever-te a ti e a esses caros jovens. Difícil me seria descrever o prazer que me deram as suas duas belas cartas e a delicadeza dos sentimentos por eles revelados. Escrever-lhes-ei com gosto mais vezes no futuro. E tu deves sentir-te consolado pelo bem que fazes nesta missão que tanta importância tem.

Tal como no passado, hás de encontrar momentos de desilusão e incompreensões; não desanimes; o bem que se faz não morre, permanece. Continua com coragem. E eu vou rezar à SS. Consolata para obter para ti muita paciência, prudência e todas as virtudes necessárias para seres um santo missionário, para sempre fazeres o que é bem e para que o teu trabalho atual dê muito fruto.

Olha, o Monsenhor quer-te muito bem e tem muita confiança em ti. Portanto, fora com as penas e as sombras! Trabalhemos só para o Senhor - e com Ele! De todo o coração te mando a minha bênção. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 176, n. 944]

195

Ao P. Luís Rosso

Turim, depois do dia 5 de setembro de 1915

Caro P. Rosso,

Raramente recebo cartas tuas. É verdade que também não

posso escrever frequentemente. Mas recebo sempre notícias com muito gosto e alegria.

Espero que vocês todos do Meru continuem sempre com bom espírito, especialmente aqueles que uma educação mais abundante tiveram na Casa Mãe.

Não te esqueças de pensar e operar sempre na presença de Deus. Com a minha bênção e com muito afeto...

[Vol. VII, p. 202, n. 947]

196

Ao P. José Maletto

Turim, 6 de setembro de 1915

Em nome de Deus te declaro que todas as tuas Ordenações, e em particular a tua Ordenação Sacerdotal, foram válidas e lícitas, *nullis rebus obstantibus,* ou seja, *não obstante alguma razão ou dúvida no passado, no presente ou no futuro.*

E ordeno-te em nome de Deus que acredites no que aqui te escrevo com fé firme e inabalável, mesmo no que se refere à salvação eterna da tua alma e à salvação dos outros.

[Vol. VII, p. 203, n. 948]

197

Ao seminarista Domingos Spinello

Data incerta

Coragem e confiança em Deus. Pensa: "Custe o que custar. Devo fazer-me santo!" É com isto na mente e no coração que sempre deves fazer tudo.

E cada vitória traz consigo uma graça de Deus e a paz do coração. Se perdeste, recomeça a luta. Maria SS. Consolata te ajudará sempre.

[Vol. VII, p. 204, n. 949]

198

Ao P. Ângelo Dal Canton

Turim, 25 de setembro de 1915

Caro Dal Canton,

Recebi notícias tuas no dia 20 de junho (de Burgi) e em 17 de julho (Abara de Sidamo); e também em 7 de agosto (de Abara de Sidamo). Podes imaginar a nossa dor ao saber que estás nessa condição separado do teu querido irmão. Vamos rezar ainda mais por ti à SS. Consolata para que ela te dê a sua consolação e a sua força, e para que bem depressa fiques liberto de tão grande amargura.

Já antes tínhamos feito o possível para que as coisas se resolvessem: recorremos à autoridade da Rainha Mãe e da Duquesa de Aosta. A Duquesa exprimiu-se energicamente junto do Ministro dos Negócios Estrangeiros, que ela chamou para uma audiência, e obteve dele a promessa de fazer tudo o que fosse possível; mas ela telegrafou também ao Conde Colli, e ainda por cima escreveu ordens superiores em mérito.

Como vês, nós aqui não dormimos, velamos a agimos para bem vosso, como por vós faz aí o Monsenhor Perlo. Eu espero com toda a alma que neste momento as coisas já estejam resolvidas.

Eu queria mandar-te algum dinheiro, mas tenho medo que o não recebas, e por isso vou mandá-lo por meio do Monsenhor. Peço-te que tu, mesmo telegraficamente, se tal for possível, me mandes notícias a dizer como estão as coisas, e também quais são as vossas necessidades e a maneira certa de vos ajudar.

Sejam-vos de conforto as mágoas que sentimos por vós e as orações que por vós se fazem no Instituto, e também no Santuário da Consolata, e mesmo por muitas almas caridosas. Tal como no passado, também no presente vos dará o Senhor a força e a constância própria dos apóstolos e dos mártires. E pensai em quantos méritos estais ganhando!

À Consolata rezamos incessantemente, mas pedimos também a intervenção de S. Miguel Arcanjo que é protetor especial de toda a Igreja, e das nações também: a ele vos entrego

a vocês que aí operais e sofreis: invocai-o também vós e tomai-o como vosso padroeiro especial.

Coragem no Senhor, muita coragem! Seja-vos de conforto esta bênção especial que vos mando eu, vosso muito amigo no Senhor...

[Vol. VII, pp. 209-210, n. 952]

199

Ao seminarista Eugénio Valentino Baldi

J.M.J. Turim, 8 de outubro de 1915

Caro Baldi,

A minha primeira palavra é de perdão. Como já te disse N.S. Jesus Cristo. Silêncio absoluto sobre a tua confidência, e tu esquece tudo perpetuamente. Coragem: *surgam...; ecce dixi nunc coepi* [eu vou acordar... E eu disse: agora eu começo]. Agradeçamos ao Senhor que não te deixou afundar-te mais ainda... Foi o Senhor que me sugeriu aquela carta – e aquele medo... E as cautelas que é preciso teres...

Remediar imediatamente, é isso que deves fazer. Muita oração, confissão frequente e sincera, fugir fugir fugir... *Nec Davide sanctior, nec Sansone fortior, nec Salomone sapientior* [Você não é mais santo do que Davi, nem mais forte do que Sansão, nem mais sábio que Salomão]. Haja penitência forte e cautela preservante. Escreve-me em breve para me consolares; a SS. Consolata te ajude, e eu vou-Lhe rezar por ti várias vezes cada dia. Com certeza que já recebeste o pacote com o fato anti-frio.

Abençoo-te como sempre... com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 211-212, n. 953]

200

Ao diácono João Mauro

J.M.J. Turim, 8 de outubro de 1915

Caro Mauro,

Em nome de Deus digo-te: Obedece, e avança na vida!

As mesmas circunstâncias em que vives agora vão ajudar-te no futuro a encher-te de graças para ti e para as tuas necessidades. Tens também o dever de estudar, e durante os Exercícios deves preparar-te para as sagradas cerimónias. O mesmo digo ao Garrone.

Pensa na vontade de Deus e em trabalhar para a sua maior glória e, repito, sempre em frente, observando a obediência: nisso encontrarás a felicidade. Tens de obedecer sem reservas, sem condições, e tens de te mostrar contente com as decisões dos superiores.

Mando-vos a minha bênção daqui onde estou, aos pés da SS. Consolata.

Com muito afeto, vosso...

[Vol. VII, p. 213, n. 954]

201

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 8 de outubro de 1915

Caro P. Ferrero,

Escrevo-te à pressa estas poucas linhas para que faças coragem ao Mauro para que ele possa receber a graça que lhe indiquei. Procura encontrá-lo, ou ao menos escrever-lhe, para que ele continue sempre em frente no Senhor, e não se comporte como um garoto qualquer.

Que aprenda o que é mais necessário para as Sagradas Cerimónias, e basta; e isso deve fazê-lo durante os Exercícios, que provavelmente fará em Udine, na casa dos nossos Lazaristas de Turim, aos quais já os encomendei vivamente.

Portanto, *dá-lhes estas ordens todas* em meu nome. Por agora não posso responder às tuas caríssimas cartas, mas rezo mito por ti e por todos. Coragem!

Apenas possas, manda-me notícias sobre o Mauro e o Garrone; eles devem compreender que isto é para eles uma graça especial, e que Jesus tudo fará por eles. Em confidência: presta atenção que ele não ponha *condições,* mas que tudo aceite por verdadeira obediência, conforme *a minha vontade*.

Abençoo-vos a todos, com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 214-215, n. 955]

202

À Irmã Margarida Demaria

Viva J., M. J. Turim, 15 de outubro de 1915

Rev. Irmã Margarida,

Recebi as tuas cartas até à 15ª, que muito te agradeço. Peço-te que me mantenhas ao corrente de tudo acerca de como correm a coisas, mesmo acerca dos particulares do comportamento de cada irmã. E faz isto assim como quem não quer a coisa, e sem exagerar, e de tal maneira que os superiores não percam a confiança em quem quer que seja.

Sou bem capaz de dar um desconto ao que vejo ou ouço, e compreender as imperfeições inevitáveis, e considerar também os diferentes temperamentos. Mas devo dizer que na tua última carta vejo que todas têm boa vontade e desejam reparar as misérias do passado.

Comporta-te como mãe delas, sempre decidida, mas bondosa,

e sempre capaz de fazer arrebitar a coragem. E então o Senhor vai fazer o resto por meio da graça que ele dá no tempo oportuno.

Parece-me bem pensada a distribuição das irmãs pelas Estações de Missão - e também não teres dado ainda, por agora, o título de Assistente às Irmãs Paulina e Serafina. As circunstâncias e os empregos formam as pessoas que tiverem a capacidade e a boa vontade; pela tua parte, sê-lhes de guia e informa-te de tudo. É conveniente respeitar a ancianidade das que não são ineptas, e quando é claro que não há outras que sejam muito mais idóneas, mesmo segundo a opinião das mesmas irmãs. Anima cada uma a usar toda a sua capacidade no trabalho que lhe foi dado; e assim se vai descobrindo como deverá ser a formação no futuro.

O Sr. Vice-Reitor já te escreveu acerca da Ir. Filomena; cumpre a ordens que ele te deu e esperemos que tudo corra bem.

A ancianidade conta-se a partir da primeira Profissão, e o

número dos anos conta-se, não desde a partida para a África, mas contando cinco anos depois dos primeiros votos. Mandamos-te alguns dos livros pedidos, se outros forem precisos, pede e mandaremos.

E agora, a ti e a todas dizemos: muita coragem! Pensai sempre na finalidade que aqui vos trouxe e no prémio que vos espera no Paraíso.

Que o Senhor vos abençoe, e que a nossa caríssima Mãe Consolata vos ajude e sempre vos console. Com muito afeto no Senhor...

N.B. As nossas Irmãs de Lanzo não dão o título de Assistente a nenhuma Irmã que seja chefe duma casa subsidiária. Vamos estudar este problema e tomaremos uma decisão. Por agora, não se dê tal título em tais circunstâncias.

[Vol. VII, pp. 218-219, n. 957]

203

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Turim, 18 de outubro de 1915

Rev. e caríssimo P. Gays,

Estou a escrever algumas linhas a alguns missionários e por isso quero responder também às suas cartas.

Muito me alegrou saber do bom trabalho que está vossa Rev.a a fazer com o P. Bellani, para iniciar e dar impulso à obra dos catequistas também em Meru. Este trabalho, juntamente com o trabalho feito com os seminaristas, é duma importância e utilidade extraordinária para as Missões. Rezo, portanto, frequentemente ao Senhor para que dê a V. Rev.a a graça de, com todo o coração, se ocupar deles. Haverá certamente desilusões e deficiências; mas o Senhor não dá o prémio aos nossos êxitos, mas ao trabalho que por Ele fazemos.

A sua outra missão como missionário é a de trabalhar para a união e o bom espírito entre todos os missionários. Com o alargamento do campo do apostolado, e o respetivo aumento de

distância entre os vários centros, nasce o perigo que diminua aquela união de mente e de coração que fabrica o bem do nosso Instituto. E poderia mesmo introduzir-se um pouco de egoísmo e diminuir o amor e o interesse pelo 'ser comunidade'.

Consultado como ancião, e compenetrado das intenções dos superiores, dedique-se, P. Gays, ao desenvolvimento desta harmonia. De maneira particular, insista sobre a necessidade do espírito de fé, de obediência e de pobreza. É verdade que os tempos são difíceis. Mas Deus, quando o servimos fielmente, nunca Ele nos deixa faltar o necessário. Mas se não nos esforçamos por bem o servir, não poderá Ele abundar nos seus favores para connosco.

E vossa Rev.a, P. Gays, continue a ser o braço direito do Mons. Perlo e do Mons. Barlassina, para que eles, com força e prudência, possam guiar nestes tempos difíceis todos os missionários, e para que as duas Missões irmãs se entreajudem na concretização da finalidade do seu intento.

Cá vou pedindo à SS. Consolata todas as graças e consolações de que precisais, e a si declaro todo o meu afeto no Senhor Jesus...

[Vol. VII, p. 222, n. 959]

204

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 23 de outubro de 1915

Caríssimo P. Ferrero,

Recebo e leio com satisfação as tuas cartas bem compridas. O meu primeiro sentimento é de pena, especialmente por ti, caríssimo, pois sei que és muito delicado espiritualmente, e corporalmente também. Da nossa querida Consolata imploro força e graça, e uma volta em breve ao redil...

Pela tua carta, e por notícias do Tenente, que veio ao Instituto, soubemos da doença do P. Cavallo. Não sou capaz de te dizer a nossa tristeza, e como desejaríamos ajudá-lo. Fazei vós tudo o que puderdes pelo seu corpo e pela sua alma, e se

precisardes de alguma coisa de nós, escrevei-nos. O teu dinheiro pode ajudar nestas situações. Aqui ainda temos connosco o bom Sciolla que conseguiu sete dias de licença. Se também vocês pudessem dar cá um saltinho!...

Ao Sciolla dei os meus conselhos, sem comprometer ninguém, falando sobre as causas do mal, e ao voltar, será ele mais prudente e discreto.

Acerca do Garrone e do Mauro, esperamos até quando voltar o Sciolla para procurar obter para eles uns vinte dias de licença, durante os quais poderiam vir a Turim, e com as cartas de Treviso receber aqui a ordenação: assim o esperamos! Fico contente ao saber que eles andam tranquilos e prontos a cumprir a obediência; entretanto, vamos preparando os nossos corações para receber essa grande graça.

Agradecei em meu nome ao Sr. Vigário por todas as gentilezas com que vos trata. Escreve-me a dizer-me como é que o posso recompensar, enviando-lhe dinheiro ou presentes. Já pensei em mandar-lhe café; se ele não tem intenções de Missa, eu posso mandar-lhe algumas, mesmo das de 2.50 Liras; no entanto, tu vai-lhe dando algumas de 3 Liras e põe na minha conta. Manda-me a tua opinião.

A experiência do passado vos ajude a ser prudentes, sem andar com medo, confiantes no Senhor, e só fazendo aquilo que é do vosso dever. Que o aviso sirva também ao P. Cavallo.

Aqui no Instituto pensam todos em vós e por vós rezam, e todos suspiramos que volteis para nós o mais depressa possível. Até mesmo na África pensam em vós. Aqui os seminaristas Gallea e Sandrone foram de novo reformados (deixados livres); os seminaristas Negri e Vercelletti ficam livres até ao próximo verão.

O subdiácono Spinello e o Irmão David ficaram aprovados: o Spinello, e provavelmente também o Gallea, vão ser ordenados diáconos e sacerdotes. O Senhor mandou-nos dois novos seminaristas, de Novara e de Saluzzo, e muitos estudantes. Deo gratias.

E agora, meus queridos filhos no Senhor, abençoo-vos paternalmente, e peço-vos que penseis no muito amor que vos tem o meu coração, o amor do Sr. Vice-Reitor e de todos os confrades.

A Virgem Consolata vos ajude em tudo para que possais ganhar

muitos méritos: ela vos há de trazer de novo sãos e salvos para a comunidade. Por isso, durante esta novena, vamos pressionar o Trono de Deus por meio da intercessão de todos os santos...

Cumprimentos a todos. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 224-225, n. 960]

205

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

Turim, 2 de novembro de 1915

Caríssimo,

Agradeço a muito querida carta e todo o conforto que me trouxe. O Senhor nos dá a aflição, e em seguida a consolação, a confiança de termos no Céu mais um protetor para a Missão do Kaffa, como o Manzon para o Quénia. Coragem no Senhor para todos vós que sempre mais queridos sois para o Instituto.

No dia 7 vai ser ordenado também o Spinello. O dinheiro foi recebido...

[Vol. VII, p. 230, n. 961]

206

Ao Mons. Gaudêncio Barlassina

Turim, 2 de novembro de 1915

Caro Monsenhor,

Recebemos a tua carta do dia 12 de setembro, e muito nos alegrámos que já não era ela uma carta solitária e muito breve - 'uma carta tua como as outras' - mas que, finalmente, tu começaste a escrever mais longamente e a abrir-nos o teu pensamento, como deves fazer daqui em diante, pois é de ti que nós devemos vir a conhecer o andamento das tuas futuras Missões.

No que respeita o que diz a tua carta: antes de mais digo que não tens razão para nos mostrares um certo desgosto porque, quando tu estavas em Turim, nós não te informámos pormenorizadamente dos nossos projetos, o que depois foi feito

por meio do P. Dal Canton e companhia. Dado que as tentativas feitas em Roma pelo nosso Vice-Reitor, e as que tu próprio e o teu irmão fizeram para que te fosse facilitada a entrada no Kaffa, não tinham dado nenhum resultado, escrevemos nós repetidamente a Mons. Perlo para que ele estudasse toda e qualquer possibilidade de tentar uma entrada (no Kaffa).

Respondeu-nos ele que não sabia absolutamente que fazer neste caso. E viemos a saber que, depois de feita a tal tentativa, a expedição do P. Dal Canton, que devia chegar a Mojale pela festa da Imaculada, e pouco depois a Burgis, só lá chegou meses mais tarde, isto é, muito depois de teres tu partido de novo para África. Acerca do muito pouco que soubemos dessa expedição, demos-te sempre todas as informações quando estavas aqui.

Quando depois estavas em África podias ter pedido informações ao Mons. Perlo. Acerca de te darmos nós informações sobre a tua futura ida lá... não podíamos dar-tas de maneira nenhuma porque não conhecíamos aqueles países e o modo de vida que lá se vive – coisas que viemos a conhecer só mais tarde pelas cartas que nos mandou o P. Dal Canton, a primeira datada de 20 de junho deste ano, a outra datada de agosto...

Por isso, se querias ter informações sobre a viagem e sobre o modo de vida (já lá na Abissínia), devias ter pedido essas informações ao Mons. Perlo que há muito tempo conhece perfeitamente as nossas ideias sobre o Quénia e, quanto possível, também sobre o Kaffa. Deves considerar-te afortunado em ter um guia e uma possibilidade tão grande, porque tu, como todos nós aqui, podes constatar que grande espírito empreendedor e perfeição de intuito tenha ele (Perlo) demonstrado na criação e no estabelecimento da Missão do Quénia.

Por isso, é preciso renunciar a certas pequenas bisbilhotices, que porventura são aumentadas pelos costumados descontentes que só são capazes de criticar e de nada de bem fazer. Tu, com toda a confiança, deves apoiar-te no Bispo Perlo, sobre tudo o que ele te sugerir *agora e para o futuro*.

Nós sabemos que ele tem uma única finalidade: o sucesso do Kaffa, como tem em mente o sucesso do Quénia. E tudo isto para vosso bem e para a salvação das almas. Portanto, em vez de o

evitares, deverias procurar todas as ocasiões para dele te aproximares, e passares tempo com ele, para dele receberes um tesouro de boas diretrizes que ele te pode dar e, como bem sabemos, com todo o gosto te quer dar, acerca do teu próximo e distante destino.

Bem nós sabemos que o que nele causa desgosto a muitos é a firmeza com que ele exige moderação e ordem nas despesas – o que afinal foi causa do bom sucesso das Missões do Quénia; e ser também ele promotor do dever que todos aí sentem para com as exigências do voto e da virtude da pobreza -- sobre o que espero bem depressa escrever-vos uma carta circular. Preparação material e afastar pensamentos negativos, Monsenhor.

Acerca do problema do P. Luís, não estou de acordo com a tua decisão de te opores à sua ida a Mogadíscio. Era política elementar que nem tu nem Mons. Perlo tal fizessem, e que este passo fosse feito por uma pessoa quase *estranha e inferior* a vós dois porque, caso não desse resultado não seríeis vós dois humilhados e comprometidos. Por outro lado, não há dúvida que, no que respeita o conhecimento da língua e a agudeza do seu génio, bem como a sua persistência de execução, era ele o mais competente para ir fazer estas *sondagens*; e teria sido um bem se lá tivesse ido ele.

Esta sua ida à Somália não foi decidida por nós, pois nem sequer disso fomos informados - nem podíamos sê-lo - como também da sua ida a Adis Abeba a qual, como a outra, tinha uma finalidade, simplesmente política, por assim dizer, isto é, de tatear o terreno da corte da Abissínia, e também junto do Conde Colli, para ver se seria possível obter para vós uma licença explícita e ampla de lá entrar. Portanto, não era para ele uma destinação, ao menos por agora, como membro das tuas Missões.

Mas isto não quer dizer que tu podias recusá-lo, mesmo se destinado como tal, porque é coisa certa que os superiores de Turim têm a faculdade de destinar um membro do Instituto a um Vicariato ou a outro sem que os respetivos vigários o possam recusar. De fato, se os dois Vicariatos o recusam, que devemos nós fazer de um tal

indivíduo? Mandá-lo embora simplesmente? Mas uma expulsão semelhante só pode ser feita por razões canónicas gravíssimas. E assim, o superior geral pode não só pretender que um vigário daí aceite genericamente nas suas Missões este ou aquele indivíduo, mas, mais ainda, pode destiná-lo a fazer um trabalho especial, como por exemplo, visitador, procurador ou semelhantes.

Não pretendemos por agora valer-nos deste privilégio; mas avisamos-te que já escrevemos ao Mons. Perlo que, se as coisas corressem de tal modo que ele, por uma razão ou outra, pensasse praticamente necessária, ou muito útil, uma visita do P. Luís a Adis Abeba, que ele o mande em nosso nome: sempre *por agora*, exclusivamente com aquele específico mandato político acima descrito.

E dado que estamos a falar do P. Luís, as críticas a ele feitas no Instituto, críticas que tu mencionaste, não são nada de novo: é uma regra geral que quem faz alguma coisa seja criticado por quem é estranho ao problema e não sabe que diretivas a tal respeito deram os superiores. Assim lhe aconteceu também a ele, mas ele ficou sempre firme sobre o problema das despesas, ele que deu uma organização aos vários ofícios do Instituto, seus e dos outros, sem se importar com a suscetibilidade dos indivíduos que, por isso, se chateavam com ele como se ele metesse o nariz nos trabalhos deles. A causa principal é a da reordenação da Casa Mãe, que foi providencial. E se tal ordem continua nesse lugar, é mérito dele, ele que tem um génio organizativo muito superior ao do seu irmão, Mons. Filipe Perlo. Não quero dizer com isto que ele não tenha os seus defeitos, sim tinha-os, como todos nós, e isso mesmo lhe dissemos mais do que uma vez, e pareceu-nos que ele se esforçasse para se corrigir. E foi por isso mesmo que o admitimos à profissão perpétua. Não te iludas que serás capaz de contentar a todos; como diz um provérbio, 'ainda não nasceu quem será capaz de contentar toda a gente'. Só o conseguirá quem quisesse deixar cair tudo por terra: destruição da disciplina religiosa e causando a queda vertiginosa da instituição. E então contentam-se talvez as pessoas, mas adquire-se uma grande responsabilidade diante de Deus: *noli fieri judex, nisi valeas virtute irrompere iniquitates*,

diz o livro de Ben Sira (7,6) (Não procures ser juiz, se não conseguires extirpar a injustiça). Nada de mais destruidor numa comunidade do que o comportamento dum superior que torna a vida doce para todos porque teme as críticas dos indivíduos: a sua comunidade não tem futuro.

Já te dissemos que não te podemos dar diretivas precisas sobre o teu apostolado porque não conhecemos suficientemente o ambiente. Dissemos-te uma só palavra que acreditávamos, e acreditamos agora ainda mais depois da carta do P. Dalcanton: fazer apostolado como o fazia o Massaia. Isto consiste num sistema completamente diferente do que se faz no Quénia, mas que tem de ser absolutamente usado no Kaffa, onde um governo semi-bárbaro e desorganizado não garante a segurança das pessoas nem das coisas; choques violentos, latrocínios e perseguições não justificadas acontecem diariamente...

E a prisão atual dos nossos dois missionários prova isto sem sombra de dúvida. Em tais condições é impossível viver tranquilamente e seguramente: é preciso fazer como os passarinhos que pousam em cima dum ramo, sempre prontos a ser espoliados de tudo e de ter a mala de viagem sempre pronta... sem nunca poder fazer valer as próprias razões. Para eles, basta pensar que vocês são ricos e logo neles acorda o apetite de roubar e de vos tirarem tudo, confiantes de que não serão castigados, ou que a punição será sempre adiada pela prática de novas manhas... até o evitarem completamente, o castigo. É esta a condição do país para onde deveis de ir, e por isso é necessário decidir desde já que raça de apostolado fareis em tais situações.

Antes de mais, renunciar a toda e qualquer grande instalação agrícola ou industrial, ou comércio como os que foram tentados no Quénia. Uma cabana como a dos indígenas, ainda que porventura um pouco mais ampla, mais salubre e mais limpa, e nada mais: assim deve ser a vossa morada. Nenhuma grande cultivação, nenhum laboratório industrial, nenhuma tentativa de criação de gado, nenhum comércio de café ou de qualquer outro produto da terra – nenhum comércio praticado por nós nem em união com outras entidades, como já tinha pensado o P. Dalcanton: unicamente uma horta para hortaliça e legumes, cuja

grandeza deve ser proporcionada às necessidades de cada missão.

O início do apostolado deve ser, como no Quénia, cuidando dos doentes sem usar medicina europeia (que agora já não podemos mandar-vos dado que é proibido exportar tais coisas da Itália), servindo-vos de curas empíricas à base de vegetais que vós mesmos tereis de preparar usando, especialmente, elementos purgativos que, em geral, são a melhor receita para gente que come mal, digere mal e precisa sempre de purgantes; até o Massaia fazia sempre assim. Os medicamentos europeus devem ser só para vós, mas nunca para os indígenas - e isto até vos mandarmos mudar de método. Ajuda aos indígenas nunca se deve dar, pois isso seria abrir uma porta que impossível seria fechar depois.

No que se refere ao apostolado deveis durante muito tempo contentar-vos de lhes explicar e inculcar as verdades fundamentais da fé: *Deum esse et remuneratorem*...[24] cujo conhecimento basta para salvar uma alma, em caso de necessidade. Uma norma indispensável que deve ser seguida rigorosamente até nova ordem nossa é a de não tentardes converter os que já são cristãos coptos ou abissínios; se estes vos procurarem, não deveis aceitá-los, mas recusá-los *sempre* e com boas maneiras. Pode parecer-vos isto algo de doloroso e cruel, mas é assim que deveis comportar-vos para evitardes inconvenientes graves.

O exemplo do Massaia e de quantos o precederam no Kaffa mostra que todas as perseguições a que foram sujeitos tiveram origem na conversão de coptos, e isto por subornação dos padres abissínios invejosos de verem os seus sequazes serem-lhe roubados. Deixai-os, e trabalhai só com os pagãos, esperando tempos melhores.

A vossa caravana deve ser preparada tendo em consideração estas normas, e também a reserva de dinheiro que levareis para as vossas necessidades. Acerca da preparação da caravana deveis fazê-la vós mesmos: tu e o teu colega não devem esperar que faça tudo o Mons. Perlo. É claro que deveis depender dele para as

[24] "Quem deseja se aproximar de Deus deve crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam" (Hebreus 11, 6).

provisões e para os meios de transporte porque ele está ao corrente das nossas intenções quanto às despesas que o Instituto pode fazer para esta nova Missão.

Ficámos aturdidos com uma menção de 50 mil Liras para esta expedição, e mandámos-lhe imediatamente um telegrama para ele reduzir muito substancialmente esta cifra, porque se vamos para diante desta maneira damos cabo do Instituto; ora o Instituto, não devemos esquecer-nos, é essencial para as Missões, pois deve o Instituto pensar sempre em prover pessoal etc. para as Missões. Se é preciso limitar as despesas, quer dizer que vos limitareis a tomar conta duma zona muito mais limitada pois, repito, não podemos desgraçar o Instituto.

Basta contares as ofertas anuais publicadas no Periódico e verás que não chegamos às 80 mil Liras, e só imprimir e enviar o Periódico já nos custa 18 mil Liras! Mais ainda, o Instituto tem de manter 140 pessoas... com o alto custo da vida atualmente... um problema que devemos estudar dia e noite... sem contar contribuições, despesas com os edifícios, etc. etc. Que acabe de vez a cantiga do *poço sem fundo*...

E tu sabes bem a quem me estou a referir. Pois pensem vossemecês nisto ao prepararem a caravana e as provisões...E acerca das despesas depois de chegarem lá, basta que leveis uma pequena economia... Aliás, tu sabes que há maneira de vos mandar o necessário a prestações por meio de agentes do governo inglês que viajam até Moyale...

E, repetimos, procurem economizar também quando já lá estiverem. E se aquela Missão exigisse despesas grandes demais, então seríamos obrigados a retirar-nos de lá. Sabes mesmo que assim tiveram de fazer os Capuchinhos do Piemonte com o Massaia, que depois conseguiu continuar com a ajuda da França, pelo que passaram eles as suas Missões aos Capuchinhos franceses.

Estas suposições são simplesmente suposições e mais nada, e cremos que nunca se tornarão realidade; pelo contrário, acreditamos que conseguireis estabelecer-vos solidamente, e que esta Prefeitura, com o passar do tempo, há de competir espiritualmente com a do Quénia. Toca a andar para a frente com

muita coragem e com toda a confiança em Deus. Ao propor-te a ti como Prefeito desta difícil Missão mostramos que temos confiança em ti; e não duvidamos que, com a graça de Deus, serás bem sucedido nesta empresa. Mas não deves perder a coragem logo às primeiras dificuldades, nem por causa da miséria humana.

O Senhor disse que será bem sucedido aquele que só nele confia e a ele todo o bom êxito refere: *Protegam eum quoniam cognovit nomen meum* [Eu o protegerei, porque ele conheceu meu nome]. Nós rezaremos! E o querido P. Meineri, que se ofereceu como vítima pelo Kaffa, lá do Paraíso advogará esta causa. E nós até já fizemos voto de dedicar uma das primeiras estações de missão a S. Miguel Arcanjo para que expulse os demónios que desde há muitos séculos são senhores daquela região.

Esta resposta à tua carta combinei-a plenamente com o Sr. Vice-Reitor, e nela verás os nossos pensamentos e os nossos desejos. Procura conformar-te com eles, e a SS. Consolata há de abençoar o teu trabalho.

Peço-te que me escrevas frequentemente, longa e pormenorizadamente, contando-me o que fazes, as tuas ideias e as tuas propostas; nós responderemos, e te aconselharemos. Comum e única é a nossa finalidade: fazer bem, fazer o maior bem possível e só para a glória de Deus.

Com a minha bênção para a ti e os teus colegas.

[Vol. VII, pp. 232-238, n. 962]

207

Ao P. Maurício Domingos Ferrero e confrades militares

J.M.J. Turim, 10 de dezembro de 1915

Caríssimos Pp. Ferrero, Mauro e Garrone,
e seminaristas Occelli e Sciolla

Está a chegar a linda Festa da Imaculada Conceição, e muito desejaria eu passá-la este ano também com os meus queridos filhos. Estaríeis vós então nuns ares mais límpidos e consolantes, e não estaríamos nós a sofrer por causa da vossa

ausência. Somos menos, sentimo-nos como *cães espancados*; já não somos capazes de sorrir, de sentir alegria. É preciso paciência – para nós, e para vós *expectantes beatam spem* [esperando a bendita esperança]...

Coragem, digo-vos, no Senhor que sabe consolar e encher de alegria o nosso coração.

Para nos confortarmos nesta triste ausência que de vós sentimos, vamos fazer uma festa: vestiremos de seminaristas 15 estudantes do 3º e 4º ano, e assim vamos pensar que eles são vocês, e ficaremos contentes. Rezaremos muito por vós e por aqueles do 2111, e por todos os nossos pobrezinhos. Dê-vos sempre a Imaculada Conceição muita constância e horror a tudo aquilo que não é honesto e puro, e solidifique cada um de vós na vossa santa vocação.

Outros vos mandarão notícias. De mim basta que saibais que vos amo, vos abençoo e rezo por vós.

Na festa do nosso padroeiro, S. Francisco Xavier, rezei para que o imiteis no seguinte: ele *totus erat Dei, totus proximi, totus sui* (ele pertencia todo a Deus, aos outros e a si próprio). Seja o mesmo para vós. Cumprimentos no Senhor para todos vós. Com muito afeto...

[Vol. VII, p. 257-258, n. 968]

208

À Irmã Margarida Demaria

J.M.J. Turim, 10 de dezembro de 1915

Boa Irmã Margarida,

Obrigado pela tua longa carta e pelas notícias que ela me trouxe, ainda que dolorosas. Continua a escrever-me tudo o que é bem e o que é mal, sem receio de me entristeceres. Escreve na presença de Deus e não como comprimida pela dor. Eu cá saberei avaliar as coisas e tomar as decisões necessárias para que tudo melhore.

Bem! Acabaram as peripécias de duas, e eis que duas outras se comportam de maneira ainda pior. Verdadeiramente estas, como idosas que são, deveriam ser de edificação para as mais

novas, em vez de darem mau exemplo. Trata-as com caridade e paciência; mas se não se comportarem melhor, eu não as vou deixar continuar... Não é de lei que todas depois dos cinco anos façam o Juramento: tenho a faculdade de prolongar o tempo da sua continuação ou de as licenciar e as mandar voltar para a Itália. Além do mau exemplo que dão, tenho pena do teu sofrimento. Ordeno-te de continuares em paz, e com firmeza, sem permitir que se façam discussões e críticas. Se elas apelam ao Monsenhor, também tu dirás o que tens a dizer. Entretanto, sem acreditares nas palavras delas, dá-lhes com firmeza as tuas ordens, enquanto não intervenha o Monsenhor oralmente ou por escrito. Espero que voltarão a ter juízo depois das minhas cartas que, primeiro tu lerás sozinha e, depois de as fechares, a elas as entregarás (...).

Tu, entretanto, pensa bem na tua saúde. Tu deves dirigir tudo, especialmente no que respeita o espírito, e não estás aí para trabalhar. Os cuidados de cada dia dão cabo das forças. Por isso, no que diz respeito ao descanso, à alimentação e ao resto, ordeno-te por obediência que tenhas cuidado de ti própria. Tens a sorte de teres várias Irmãs virtuosas, como por ex. a Imã Constância: apoia-te nelas e ajuda-as nas suas fadigas.

Por isso, pede ao Monsenhor uma quantia de dinheiro, como te dirá por escrito o Sr. Vice-Reitor, para as despesas com selos, despesas íntimas para ti e para as Irmãs: disto terás só tu a contabilidade que poderias, talvez, mandar para mim. Vou explicar isto ao Monsenhor, e tu pede isso como despesas para as Irmãs.

Apenas possível, vamos mandar mais algumas Irmãs para vos ajudarem. Espero que elas tenham um espírito de obediência, de humildade e de simplicidade mais completo e pronto. Não te esqueças que, para além de tudo isto, haverá sempre fraquezas humanas neste mundo; nem devemos deixar que isso nos faça perder a coragem; com paciência podemos sempre vencer todas as dificuldades, e Deus abençoa todos os sacrifícios.

Quando tiveres tempo, manda-me pormenorizadamente o vosso horário e tudo aquilo que se faz durante cada dia, cada semana e cada mês, seja nas Estações de Missão como também

em todos os outros lugares, e ainda cada exercício que já fazíeis na Casa Mãe e aí praticais também, ou as atividades novas aí começadas. É preciso que tudo tenha a minha aprovação e a minha bênção.

Aos missionários dei como padroeiro do próximo ano S. Francisco de Assis, modelo de *pobreza*. O mesmo faço agora para vós. Comunica-o a todas as Irmãs. A todas elas, e de maneira particular para ti, mando todos os dias a minha bênção. Com muito afeto, em N.S.J.C. vosso pai...

[Vol. VII, pp. 259-260, n. 969]

209

À Irmã Teresa Grosso

Turim, 10 de dezembro de 1915

Cara Irmã Teresa,

De há uns tempos para cá chegam até mim de vários lugares notícias sobre o teu comportamento aí nas Missões. Diante de Deus penso: como é que em tão pouco tempo já esqueceste todos os propósitos que fizeste quando estavas na Casa Mãe, propósitos de superar todos os teus defeitos e de te tornares santa? E todas as exortações que dei a todas vós, e a cada uma em particular, já te esqueceste delas? Espero ainda que este teu comportamento tenha sido causado simplesmente pelo clima diferente e pela qualidade dos trabalhos que deves fazer.

Passo a dizer-te os pontos principais do teu comportamento agora em questão: 1) Comportamento mundano que nada condiz com a vida religiosa, como pessoa; e também na tua maneira de tratar com os missionários, com os africanos e até, por vezes, uma maneira vulgar de falar; 2) a soberba que te leva ao desejo de dominar sobre as outras irmãs, e mesmo sobre todas as outras pessoas, e o rejeitares de viver em estado de obediência; 3) desobediência e arrogância mesmo para com quem por Deus te foi dado para te guiar, difamando-os mesmo com palavras e calúnias de baixo teor; 4) falta de caridade para com todos e amizades particulares com uma ou com outra; 5)

passar por cima da superiora para acatar ordens somente do Monsenhor, apresentando-lhe as coisas da maneira que tu as vês com fingimento e arbitrariedade. O que, mais uma vez, quer dizer que fazes o que te apetece, sem obedecer àqueles que a Providência nos deu como seus representantes. E as tuas calúnias, nem sequer mencioná-las quero...

Pensa bem nisto, cara Irmã Teresa, pois não podes continuar assim. Se não entras dentro de ti mesma, acabarás por perder a vocação e tudo o resto, e obrigar-me-ás a tomar decisões extremas...

Entra em ti própria e, diante de Jesus Sacramentado, pensa seriamente no teu comportamento atual; não atribuas a causa do mal a outros, mas a ti mesma. Às vezes vem visitar-me a tua mãe, a quem eu até aqui dei sempre boas notícias de ti, e por isso ela volta toda contente para casa. Mas não faças com que chegue o dia que eu tenha de mudar o que lhe digo de ti: isto eu espero, e com confiança. Entra em ti própria!

Pensa na santidade da tua vocação e, custe o que custar, diz a ti própria: vou remediar o mal feito e os escândalos, vou começar a obedecer verdadeiramente a quem Deus me deu como superiora, a qual eu quero mesmo consolar com um comportamento novo. E se por acaso o teu trabalho presente causa, ao menos em parte, esta situação, eu darei ordens para que te deem um trabalho diferente.

Mas pensa sempre no *ad quid venisti* que tantas vezes eu vos inculquei. Sinto-me amargurado, e só a tua pronta e permanente reforma me dará consolação. Abençoo-te.

Esperei muito de ti, e ainda não penso que me enganei.

Entra em ti própria!...

[Vol. VII, pp. 262-263, n. 970]

210

À Irmã Cecília Pachne

Turim, 10 de dezembro de 1915

Cara Irmã Cecília,

Soube que te curaste bem dos males que durante bastante

tempo te afligiram, e de coração agradeci a Nossa Senhora da Consolata. E agora, esforçando-te por bem cumprir os deveres que te confiou a Rev. Superiora, procura corresponder cada vez mais à tua preciosa vocação.

Deves ser sempre obediente e observar pontualmente as normas da vida comum, fazendo tudo segundo a vontade da Superiora que faz as minhas vezes e, portanto, as vezes de Deus. Pensa em como é preciso ocupar bem todo o tempo, o que quer dizer...

[Vol. VII, p. 265, n. 971]

211

Ao Mons. Filipe Perlo

Turim, antes do dia 28 de dezembro de 1915

Enquanto procuro incutir o verdadeiro espírito nas nossas missionárias da Casa Mãe, fico desgostoso ao saber que algumas delas na África não correspondem ao que delas eu esperava. Não falo das doenças do passado com as misérias morais que elas trazem consigo; nem dos erros, ou falta de experiência, que o tempo melhorará; refiro-me a certas cabeças que mostram ter pouco espírito religioso, pouca energia nos trabalhos e, mais ainda, falta de respeito e de submissão à superiora, e mesmo aos superiores missionários.

Tenho medo que tais Irmãs tenham recebido uma formação falsa, tal e qual como os missionários formados pelo P. Borio. Não vale a pena contar de novo essa dolorosa história. Mas certas missionárias, não vencendo as suas inclinações depravadas, e não compenetradas do nosso verdadeiro espírito que de Deus vem, e que é um espírito de fé, de humildade, de obediência e de caridade, etc., nos momentos de prova mostram o que eram quando viviam no mundo, o que V. Excel. certamente já constatou. Falo neste momento das Irmãs Teresa e Cecília que não se comportam como verdadeiras missionárias.

Refletindo sobre o comportamento das nossas Irmãs nas Missões, não me sinto satisfeito do comportamento de algumas

delas. Não falo das doenças graves que houve que consigo traziam misérias morais, doenças que, graças a Deus, parece terem sido curadas, nem sequer de certas outras fraquezas inevitáveis em mulheres por causa do clima e de certas ocupações e trabalhos. O que dá muita pena é, em algumas delas, a falta de espírito religioso, e mesmo de espírito cristão.

De vários lados me chegaram notícias sobre o comportamento da Ir. Teresa. Esta Irmã, que no mundo tinha vivido uma vida um tanto dissipada como cocheira, quando se juntou a nós pareceu-nos aceitar bem o nosso espírito e mostrava mesmo uma forte boa vontade. Mas por causa da pouca duração do tempo da sua formação, e por causa de ter recebido uma formação mais exterior do que interior, e isto por culpa de quem então dirigia a comunidade, não construiu ela em si bases sólidas, especialmente no campo da humildade e da obediência. Disso deu ela provas ao submeter-se de má vontade à outra superiora por mim escolhida. Mas conseguiu rever a sua situação. Mas agora, na África, voltou ao seu estilo de insubordinação para mal e dor da sua superiora, e para mau exemplo das outras irmãs, dos missionários e mesmo da gente local. É por isso necessária a sua, de V. Excelência, autoridade para que ela reconheça os seus erros.

Sei que ela já teve discussões fortes com a Ir. Crescentina que teve de ser mudada do seu trabalho no armazém. Desejo que a Ir. Teresa seja mandada para outra Missão, não como era antes, mas submetida à autoridade de outras. Precisa ela desta humilhação para aprender, e também para a separar da Ir. Cecília (...).

A Ir. Margarida não terá porventura ainda as qualidades duma verdadeira superiora, mas é a mais idónea presentemente, e deve ser respeitada e obedecida por todas. Sei que ela tem muita confiança em V. Excelência; ajude-a espiritualmente e materialmente, aconselhe-a, e corrija-a mesmo, obrigando todas as Irmãs a recorrer unicamente a ela para toda e qualquer licença e forma de comportamento exterior. Conceda-lhe também, se ela lho pedir, uma quantia de dinheiro para certas despesazitas necessárias às senhoras: disso terá ela conta privada, sem necessidade de o escrever no registo da contabilidade comum.

E V. Excelência, quando me escrever, diga-me o que é que pensa sobre o andamento e o comportamento das irmãs, também para que isso me ajude a melhor formar as aspirantes da Casa Mãe.

[Vol. VII, pp. 273-274, n. 972]

212

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 14 de fevereiro de 1916

Caríssimo em N.S.J.C.,

Recebi as tuas cartas e postais, obrigado. Em vez do mau propósito de pouco me escreveres depois de ter chegado o caro Occelli, renova imediatamente o hábito antigo de me escreveres frequentemente e longamente.

Mesmo que eu não te possa responder sempre, muito me alegram as tuas notícias, e ao mesmo tempo participarei nas tuas poucas alegrias e muitas dores. Mas junto do altar do Senhor, lá vou sempre responder-te por meio de Jesus e de Nossa Senhora da Consolata. E todas as tardes te hei de abençoar como teu pai no espírito que sou. Não andes a pensar que eu tinha coisas especiais para te dizer quando partiste; realmente, tinha sim muitas coisas para te dizer, mas todas elas se resumem nesta: *coragem no Senhor; alegra-me seres tu como és; e peço sempre à Consolata que voltes definitivamente*.

Fizeste um bom trabalho de irmão com o Cappello, e ele contou-me por escrito; rezemos por ele.

O Venerando Vigário escreveu-me uma linda carta: agradeceu-me os presentes que lhe mandei, e mostra que tem muito afeto por ti. Quarta-feira partem o Occelli e o Savino, mais um espinho que se crava no nosso coração; faça-se sempre a vontade do Senhor. O P. Mauro escreveu-me, vou responder. Dizia-me a ordem dada pelo Arcebispo de Udine que é preciso vestir a batina durante a Santa Missa. Vamos mandar ao menos uma batina para ele e para o colega. Se também tu precisas de uma, manda-nos dizer.

Respondi ao Capelão que não podemos mandar-vos Irmãs religiosas; procurei-as, mas não encontrei. Paciência. Disseram-me agora que chegou aqui ao Instituto uma tua longa carta. Se for preciso responder, vamos fazê-lo por meio do Occelli.

Muitos cumprimentos no Senhor, e a bênção da SS. Consolata e deste teu com muito afeto em Jesus Cristo...

[Vol. VII, pp. 293-294, n. 980]

213

À Irmã Lúcia Monti

Turim, depois do dia 14 de fevereiro de 1916

Cara Irmã Lúcia,

Apenas chegou a tua triste notícia, toda a comunidade ficou com pena, e todos rezámos pelo teu bom pai. Mandei imediatamente celebrar uma Santa Missa pela sua alma. Na intenção que eu formulei, também tu rezastes pela sua alma. E tu, escreve ao teu irmão. No que respeita as possessões do teu pai, diz ao teu irmão que venha ter comigo.

Fica tranquila, pois resolveremos tudo a bem e com paz. Escreve-me a dizer se a quantia que te foi deixada te parece justa, e se sim ou não há alguma coisa que pertence à mãe.

Tu, coragem, e eleva o teu olhar para o Paraíso.

Abençoo-te a ti e a todas...

[Vol. VII, p. 296, n. 981]

214

Aos missionários militares (na Itália)

Turim, 1 de março de 1916

Caríssimos em N.S.J.C.,

O sagrado dever de Superior e o afeto paterno que nutro por vós leva-me a recordar-vos tudo o que vos disse no momento da vossa partida, e em seguida também, a viva voz ou por escrito.

Aceitai o que vos recomendo com espírito religioso, e praticai-o fielmente. Se assim fizerdes, conservareis intata a vossa sublime vocação no meio mesmo dos perigos do mundo.

1. Estais sempre sob a obediência aos superiores, aos quais deveis recorrer para direção e para conselhos. Estais longe de Turim, mas *epistolarum commercium instituant, ac, quantum fieri potest, sédulo prosequantur* [Eles devem iniciar a correspondência por carta e, na medida do possível, continuá-la diligentemente] (Sagrada Congregação para os Religiosos, 1 de janeiro de 1911).

Assim dareis contas aos superiores *de vitae ratione et conditione, de singulis mutationibus suae stationis* [do tipo e condição de vida e de qualquer mudança de lugar] (Decr. cit.). Escrevei, portanto, frequentemente e com muita confiança; não decidais nada importante sem primeiro os consultardes.

2. Os que se encontram em Turim permanentemente ou temporariamente, sempre que estejam livres e possam sair do quartel ou do hospital, vão diretamente à Casa Mãe, e lá fiquem até ao fim da licença, unindo-se aos confrades nos exercícios da comunidade.

3. Fora de Turim, o bom religioso deve suspirar pelo querido Instituto como pela própria pátria e pela própria família; feliz de quem pode obter para Turim licenças provisórias, e passar na Casa Mãe todo o tempo que lhe for concedido. A mencionada Sagrada Congregação, falando das licenças definitivas assim se exprime: *recto tramite ad suas quisque religiosas domus remeare tenetur* [cada um deve retornar diretamente para sua própria casa religiosa].

4. Em qualquer lugar que vos encontreis, escolhei um sacerdote exemplar para vosso confessor e diretor espiritual, melhor ainda se aconselhado pelo bispo local, ao qual recorrereis todas as semanas para vos confessardes. Enviareis aos superiores o nome e o domicílio do mesmo sacerdote (Decr. Cit.). Saindo vós permanentemente desse local, pedir-lhe-eis um documento sobre o vosso comportamento e a vossa frequência aos sacramentos, documento que apresentareis aos Superiores.

5. Se tiverdes a sorte de serdes vários no mesmo local, ou perto uns dos outros, os Superiores nomearão algum que faça as

funções de chefe dirigente do grupo, a quem escutareis, o qual tem o dever de frequentemente referir aos Superiores o comportamento dos colegas.

6. Se por acaso no lugar onde vos encontrais houver um seminário, ou alguma boa casa religiosa, depois de nós nos pormos em contato com os diretores dessa casa ou seminário, lá ireis para praticar os exercícios de piedade e de estudos (Decr. cit.).

7. De acordo com a indicação da mesma Congregação: *ea semper modéstia et cautela conversentur, quae decet religiosos viros;* portanto, abstende-vos de fumar, de ir a espetáculos públicos, de conversas e leituras perigosas, e de todo o perigo de cair em pecado [devem comportar-se sempre com aquela modéstia e prudência próprias das pessoas consagradas] (Decr. Cit.); optai pela companhia de sacerdotes exemplares e de seminaristas dignos de tal nome.

8. Quando o tempo e as ocupações o permitirem, aplicai-vos aos estudos e ocupações próprios do nosso Instituto. De maneira particular, rezar as orações, fazer um pouco de meditação, não omitir nunca o exame de consciência, possivelmente celebrar a Santa Missa ou assistir a ela e, quando se sai, fazer a Visita ao SS. Sacramento.

9. O Instituto tem cuidados especiais para com os seus filhos que vivem longe, e procura fornecer-lhes o necessário e, quanto possível, mesmo o conveniente. Por sua parte, os missionários, pensando como religiosos, usem moderação nas suas despesas, e deem de vez em quando conta do ativo e do passivo à Casa a que pertencem, à qual se deve também dar o que sobra. Finalmente, seja empenho de todos santificar-vos mesmo vivendo no mundo, para que no dia feliz do vosso retorno não vos encontreis entre aqueles que *ad saecularia remigrabunt, vel quod longe pejus, religiosam repetent domum, cum pericolo alios contaminandi* [voltarão à vida mundana, ou, o que é muito pior, voltarão a entrar na casa religiosa com o perigo de estragar os outros] (Decr. cit.): *quod Deus avertat* [Que Deus nos livre].

Aos pés da nossa Consolata vos abençoo de todo o coração, com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 302-303, n. 983]

215

Ao P. Luís Rosso

Turim, por volta do dia 9 de março de 1916

M. Rev. e caro P. Rosso,

O Rev. P. Pautasso veio trazer-me pessoalmente a carta que nos deu pena, a mim e a toda a comunidade. Rezámos pelo querido irmão e pelo pai. Coragem no Senhor, e escreve a teu pai para o consolares, e ao P. Pautasso para lhe agradecer.

Prouvera a Deus que a notícia fosse falsa como aconteceu com outros na mesma terra...; que fosse só prisioneiro. Por isso adiei a partida desta carta por alguns dias... Acerca da família, dado que o pai está bem, não há preocupações; entretanto eu vou falar com o teu pai, e veremos.

Coragem, e a minha bênção.

[Vol. VII, p. 308, n. 985]

216

Ao P. João Mauro

J.M.J. Turim, 18 de março de 1916

Caro P. Mauro,

Respondo brevemente às tuas prezadas cartas. Alegro-me com o bom acolhimento recebido do Reitor do Seminário e também do Bispo. Aceita com reconhecimento o poderes dormir e comer lá. Mas diz-lhes que os teus superiores querem, como é justo, pagar todas as despesas da comida e do alojamento.

Já basta, e muito, a caridade, mas é preciso também cumprir a justiça. Deste modo gozarás também de boa companhia além da outra mais importante, que é a do Senhor Jesus.

Parece-me que seria melhor ficares no ofício que agora tens e não procurares voltar ao 211. Dou-te um bilhete para o Sr. Reitor. A festa de S. José vais passá-la espiritualmente unido a nós. Para ti, a minha bênção paterna.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 316, n. 987]

217

Ao P. João Batista Rolfo

Turim, depois do dia 29 de março de 1916

Caro P. Rolfo,

Fique tranquilo no que respeita o câmbio, que se deve fazer unicamente para o sistema geral. Deus vai abençoá-lo também nesse lugar; por agora, seja feita a vontade de Deus. Penso que seria bom escrever à mencionada cunhada e agradecer-lhe os cuidados que teve com os dois doentes, etc. Muitas graças peço para si e lhe mando a minha bênção.

[Vol. VII, p. 318, n. 988]

218

Ao P. Lourenço Sales

Turim, primeiros meses de 1916

Caro,

Não obstante a nossa miséria, o Paraíso, e mais ainda o Amor Eterno, são para mim e para ti.

Renovo o que te escrevi aqui os pés da SS. Consolata: obedece cegamente, e não penses em nada mais. Jesus tem-te muito amor, e tu deves amá-lo sem medo algum. Coragem.

A minha bênção...

[Vol. VII, p. 319, n. 989]

219

Ao seminarista José Nepote Fus

Turim, fins de março-princípios de abril de 1916

Caro seminarista Nepote,

Eis mais um filho meu a quem escrevo algumas linhas tal e

qual como faço aos outros. Filho da SS. Consolata: deixo à boa Mãe do Céu o cuidado de te proteger, de te consolar e de bem te guardar para as Santas Missões.

Peço-lhe também que te livre de toda e qualquer influência humana, e te torne cada vez mais forte na alma e no corpo. *Si Deus mecum, quis contra me?* Coragem, e a minha bênção.

[Vol. VII, p. 320, n. 990]

220

Ao seminarista Eugénio Valentino Baldi

J.M.J. Turim, 6 de abril de 1916

Caro seminarista Baldi,

Trouxe-me consolação a tua carta por causa do bom espírito que nela mostras, e também pela vontade que tens de obedecer às normas que, só elas, podem conservar-te firme na tua santa vocação.

Quanto ao testemunho pedido, basta o do capelão; e também a tua presença assídua à Igreja de Nossa Senhora das Graças. Seria ótimo se pudesses de vez em quando retirar-te num ambiente religioso, ou ao menos clerical.

Não quero dizer que te deves privar do alívio que produzem os passeios, mas faz também isto com alguns colegas e por meio de algumas visitas a Jesus Sacramentado. O Senhor nunca recusa as suas graças a quem humildemente e com fervor lhas pede; e eu tenho a certeza que vais voltar fortalecido e cheio dos teus bons antigos sentimentos.

Abençoo-te e rezo por ti à SS. Consolata.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 322, n. 991]

221

Ao P. João Mauro

J.M.J. Turim, 13 de abril de 1916

Caro P. Mauro,

Pediste-me um conselho e uma licença para os quais eu não tenho informações suficientes para te os dar. A mim, parece-me que estás num lugar confortável, onde não tens trabalho demais, e por isso podes viver como um verdadeiro sacerdote. Bem conheces a vida que já fizeste e que devem agora fazer os teus colegas.

Com os Borellos não te darás bem porque são duma Companhia diferente da tua. Terás de voltar ao 211; mas eles têm receio, como me escreveram, de serem contracambiados com outros que seriam retirados da linha da vanguarda. Procura dar uns passeiozitos durante os tempos livres, e assim não serás obrigado a estar sentado a mesa depois das refeições. No entanto, deixo a ti a decisão depois de teres tudo conferido com o Reitor do Seminário.

Procura andar alegre no Senhor, e com a oração abrevia o tempo de voltares para o caro Instituto. Abençoo-te com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 325, n. 993]

222

Ao P. Maurício Domingos Ferrero e ao seminarista Ottavio Occelli

J.M.J. Turim, 16 de maio de 1916

Caríssimo P. Ferrero e Sem. Occelli,

Recebi as vossas cartas *confidenciais* que me enviastes, e fiquei consolado ao ver nelas a vossa boa vontade. Estou persuadido que Nossa Senhora vos ajuda e vos consola, como eu lhe peço várias vezes por dia. As outras cartas são lidas afetuosamente pela comunidade, e todos ao ouvi-las ficam edificados. Também nós levamos as nossas cruzes com coragem, com a esperança que em breve chegue uma paz que restabeleça a vida da comunidade.

É meu desejo que também em relação à comida useis todo o cuidado possível, especialmente tu, Occelli; se vos falta o dinheiro, escrevam-me; a divina Providência há de sempre prover o necessário.

Tenho pena do pobre Cappello. Depois dum longo silêncio, e mesmo depois de vários convites meus para que me escrevesse, escreveu-me algumas cartas assim muito abstratas; veio a Turim para a Festa de S. José mas comportou-se bastante friamente. Exortei-o a acordar e a pensar seriamente na sua vida *coram Deo*.

Finalmente escreveu-me a dizer que tinha tomado a decisão de seguir a carreira militar e de abandonar a vida clerical e religiosa. Respondi-lhe com delicadeza paternal aconselhando-o a que viva sempre como um bom leigo. Desde então nada mais soube dele, exceto através do seminarista Botta.

Infeliz! Estando as coisas deste modo, vocês, mesmo os do 211, deixem-no, tratem-no como um soldado qualquer. Rezemos por ele.

E tu, P. Ferrero, diz isto aos teus colegas. O ter ele respondido sem delicadeza à vossa gentileza amorosa é mau sinal. Quem será aquele colega com quem ele se relaciona...; talvez algum antigo seminarista. Por meu lado, encomendo-o à SS. Consolata. Mas vocês deixem-no, para que ele vos não faça mal.

E vós, sempre em frente no Senhor! Com a minha bênção paternal, e com muito afeto...

[Vol. VII, pp. 333-334, n. 996]

223

Ao seminarista Eugénio Valentino Baldi

Turim, 7 de junho de 1916

Caro Baldi,

A tua última carta deixou-me consolado. Quantas orações rezei eu por ti, quantas bênçãos te mandei aos pés da nossa Consolata para que tu perseveres na tua vocação. Olha que eu cheguei a ter medo, e durante o longo ano passado cheguei a duvidar da tua moralidade, ou ao menos do teu espírito religioso e clerical.

Consola-me o fato que finalmente decidiste retirar-te para os Lazaristas... e que de novo se tornou suave para ti o estar sós a sós com Jesus Sacramentado... Tanto quanto for possível, foge da companhia dos seculares, mesmo dos que não são maus, mas simplesmente

cheios de ideias terrenas. Muita coragem no Sagrado Coração de Jesus: *Tuta requies in visceribus Salvatoris* (S. Agostinho).

Abençoo-te. Agradece em meu nome aos Padres Lazaristas.

[Vol. VII, p. 338, n. 998]

224

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Viva J.M.J. SS. Consolata, 17 de junho de 1916

Cara Irmã Maria,

Consola-me saber que andas tranquila e bem assistida por todos. Espero que a SS. Consolata, a quem tanto rezamos, se comporte como médica, e te cure mesmo sem a operação. E se Deus pensa que seja necessária alguma operação, então rezamos para que seja coisa de pouca gravidade e seguida duma cura perfeita. Não poderei ir ver-te tão depressa quanto desejaria por causa do muitíssimo trabalho que tenho para fazer nestes dias; mando-te muitas vezes a minha bênção.

Cumprimentos ao eminente Professor e às boas Irmãs.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 342, n. 999]

225

Ao P. João Mauro

Turim, antes de 20 de junho de 1916

Caro P. Mauro,

De lá longe onde estás, celebra a festa da querida Consolata, e pede-lhe constância nas dificuldades, e todas as outras graças de que precisas.

Recordamos-te, a ti como a todos os confrades que estão longe. Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 344, n. 1000]

226

Ao seminarista Eugénio Baldi

Turim, 30 de junho de 1916

Caro Baldi,

Quanta consolação me trazem as tuas cartas! Tinha medo eu, tinha medo, sim, da tua natural inconstância e vivacidade. Sê firme nas práticas de piedade, foge dos companheiros mundanos... *Esto fortis in fide*...

Feliz de ti se conservas o fervor durante as ocasiões perigosas...

Abençoo-te...

[Vol. VII, p. 348, n. 1001]

227

Ao P. Francisco Rossi

J.M.J. Turim, 6 de julho de 1916

Mui Rev. e caro P. Rossi,

Depois de muita deliberação, e de bem ter encomendado a coisa ao Senhor, cheguei à conclusão imperativa de não te conceder a profissão perpétua. Terminado, portanto, que seja o quinquénio, ficas livre e remetido à tua diocese.

Por estarmos em tempo de guerra, permito ao Monsenhor Vigário que te mantenha aí como seu sacerdote até ao fim da guerra, sob a condição que te comportes bem e a ninguém falares desta decisão.

Esta decisão foi tomada não só para bem das Missões e do Instituto, mas também para teu bem: acomoda-te a esta vontade de Deus, e não insistas em contrário, pois seriam insistências inúteis. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 351, n. 1003]

228

Ao P. Humberto Costa e à comunidade da Casa Mãe

J.M.J. S. Inácio, 10 de julho de 1916

Caro P. Costa e caríssimos missionários,

Permitiu o Senhor que viesse de novo a tentação sobre o caro Instituto. Como justos que sois, aumentastes a oração pedindo à SS. Consolata que *si fieri potest, transeat cálix iste*...

Entretanto, sob as *ordens precisas* do Sr. Vice-Reitor, comportai-vos bem tanto quanto possível humanamente. Disto mesmo o bom Deus tirará proveito para nós. Recomendo-vos paz e tranquilidade, e que vos comporteis em tudo como se nada tivesse acontecido. Será esse o sinal de bom espírito de que deveis dar provas nos momentos difíceis.

Destas coisas, que se fale pouco. Dado que não posso estar convosco pessoalmente, convosco estarei espiritualmente, e aos pés de S. Inácio peço as graças necessárias para fazer *de tentatione proventum*.

Abençoo-vos paternalmente em união com as boas Irmãs, às quais envio também estas minhas palavras. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 357, n. 1004]

229

Ao seminarista Eugénio Valentino Baldi

S. Inácio, 11 de julho de 1916

Caro Seminarista Baldi,

Muito me alegra seres tu constante e certo nas práticas de piedade, e também por teres ido para os Lazaristas, a quem agradecerás em meu nome.

Tem cuidado contigo próprio, alimenta-te bem; se precisares de dinheiro, pede ao P. Ferrero, e depois apresentarás as contas. Faz tudo *coram Domino* [na presença do Senhor] e nada de mal

te acontecerá. *Esto fortis in propositis* [Seja forte em suas resoluções].

Com a minha bênção no Senhor...

[Vol. VII, p. 359, n. 1005]

230

À Ir. Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

S. Inácio, 11 de julho de 1916

Rev. e cara Irmã Maria,

A notícia que bem depressa será feita a operação indispensável alegra-me porque assim mais depressa nos livramos da presente ansiedade.

Peço ao Senhor que dirija tudo segundo a sua santa vontade, e também conforme o que é melhor para nós.

Coragem! A SS. Consolata vai ajudar-te. Das Irmãs me ocuparei eu.

[Vol. VII, p. 360, n. 1006]

231

Ao P. Humberto Costa

Santo Inácio, 14 de julho de 1916

Caro P. Costa,

Estamos a chegar ao fim dos Santos Exercícios, e o meu espírito está cheio de consolação.

Lá estavam eles diante dos meus olhos: 80 sacerdotes, todos bem conscientes da importância do que estavam a fazer. Talvez eu pudesse dizer que durante os 36 anos passados não vi tanta seriedade e um silêncio tão profundo. E lembrei-me dos nossos caros missionários, e pensei que não são eles os únicos a fazerem um silêncio assim. Dois pregadores de primeira fizeram um trabalho muito profícuo.

Demos graças ao Senhor, e a S. Inácio também. E eu coloquei

o Instituto e todos os seus problemas presentes aos pés de Jesus, de Maria e de S. Inácio. E procurei fazer também eu os meus Exercícios Espirituais anuais o melhor possível. E vós, nos vossos preciosos momentos de recolhimento, meditai com a mente e o coração na frase: *memorare novisima tua* [pense no seu destino final] - mas com humildade!

Alegro-me com o bom espírito que aí mora e com o bom êxito dos exames. Se nada de urgente surgir, ficarei aqui até ao fim dos Exercícios dos leigos, e antes do fim do mês voltarei a Turim para ficar.

O Senhor ama esta Congregação que desde o início foi obra sua, e nada lhe acontecerá que não tenha sido previsto *ab aeterno,* desejado e por ele permitido para nosso bem e a sua maior glória. Repousemos *in manibus Ejus* [nas mãos dele]. Afinal, como me escreveu o Sr. Vice-Reitor, parece que as nuvens estão a desaparecer pouco a pouco e que se aproximam tempos de serenidade. Se conseguíssemos também a libertação dos padres Chiomio e Maletto!... Escreve-me uma carta a mim pessoalmente dirigida. Coragem!

Cumprimentos para todos. Rezai por mim.

Com muito afeto....

P.S.: 1. Escrevi ao P. Ferrero e aos seminaristas Baldi e Occelli...; e vou escrever uma carta, ou um postal, a cada um dos nossos soldados.

2. Recebi mesmo agora a tua carta. Obrigado por todas as notícias que mandaste. Rezo por Chiomio e Maletto; seria uma graça inesperada... penhor de tantas que a Consolata quer conceder-nos.

Vou ver se consigo escrever duas linhas ao seminarista... (nome apagado). Que estranho! Encoraja-o, diz-lhe que esqueça tudo e, se assim o deseja, que vá confessar-se onde quiser.

[Vol. VII, pp. 362-363, n. 1008]

232

Às Irmãs da Casa Mãe

J.M.J. S. Inácio, 14 de julho de 1916

Queridas Irmãs Missionárias,

Aqui neste santo monte penso em vós. E alegram-me as vossas orações e os vossos muitos pequenos sacrifícios que nos hão de obter as graças de que precisamos. Aquele vosso tríduo noturno de orações, ah, como deve o Senhor tê-lo aceitado de todo o coração! Quantas bênçãos terá ele atirado sobre o Instituto, e também para vós mesmas.

Rezastes também com certeza pela saúde da Vice-Superiora, para que a SS. Consolata lhe dê força na provação e vo-la devolva sã e cheia de forças bem depressa. Certamente também me recomendastes ao Senhor a mim e a estes Santos Exercícios; e é verdade que correram mesmo bem, e muito bom proveito obtiveram para os que os fizeram. Por tudo, obrigado ao Senhor!...

Recordai-vos que a melhor consolação que podeis dar-me é saber eu que viveis santamente alegres no Senhor, obedientes e cheias de caridade umas para com s outras nos vossos pensamentos, palavras e obras. Foi esta a homilia que fez mesmo agora aquele santo que é o P. Paleari.

Encomendo-vos muitas vezes a S. Inácio para que ele vos obtenha um grande desejo de perfeição, e especialmente de fazer tudo *Ad majorem Dei Gloriam*.

Com a minha bênção, e com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 364-365, n. 1009]

233

Ao P. João Mauro

Turim, 5 de agosto de 1916

Caro P. Mauro,

Continua a escrever-me sempre, ainda que nem sempre eu

possa responder; e então eu vou encomendar-te cada vez mais ao Senhor. Coragem, e muita alegria, pensando que tens um lugar melhor do que os outros.

O futuro está nas mãos de Deus; tu, porém, acelera (!) sempre o teu desejo por meio de visitas ao SS. Sacramento. A oração é omnipotente. Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 379, n. 1015]

234

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

V.J.M.J. Turim, 8 de agosto de 1916

O Cónego JOSÉ ALLAMANO

alegra-se que a Rev. e cara Irmã tenha chegado felizmente à casa da sua família. Com todas as Irmãs rezo para que bem depressa fique completamente curada, para ser de novo recebida de braços abertos no Instituto.

Nove irmãs partiram pra S. Inácio onde ficarão uns quinze dias. Cumprimentos ao pai e às irmãs, e a minha bênção; com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 380, n. 1016]

235

Ao P. José Gallea

V.J.M.J. Turim, 11 de agosto de 1916

O Cónego JOSÉ ALLAMANO

manda a sua bênção ao P. Gallea, aos bons seminaristas e aos queridos estudantes, e pede à Virgem Santa Maria Elevada ao Céu que os santifique para que possam todos unidos ir um dia fazer as Suas honras na Paraíso.

Do outro lado da folha:

Caro P. Gallea,

Obrigado pela tua carta e as boas notícias. Tens o Sr. Vice-Reitor como conselheiro e diretor.

In Domino...

[Vol. VII, p. 382, n.1018]

236

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

V.J.M.J. Turim, 14 de agosto de 1916

Caríssima em N.S.J.C.,

Vou adornar a tua festa de amanhã com estas poucas linhas e que todas elas sejam paradisíacas, pois é lá que se devem fixar os nossos olhos e os nossos pensamentos nesta grande solenidade: no Paraíso!

É verdade que não somos tão santos como S. Estanislau Kostka, e por isso não teremos o mérito de bem depressa merecermos ser testemunhas da festa anual da Coroação da nossa Querida Mãe. Virá também para nós esse dia; entretanto, preparemo-nos para ele com um desapego de nós mesmos e de tudo, um desapego que dece crescer todos os dias. É isto que nos dias passados eu disse às Irmãs.

Espero que a vida no campo e a boa companhia já te tenham fortalecido e trazido melhoras. É preciso ter paciência e usar os meios que nos dá o Senhor. As irmãs sabem da tua ida para aí, e falei-lhes também, quanto possível, da tua doença. Até agora pensei que seria melhor que não te escrevessem para não prejudicar a tua cura; vão escrever-te em breve a Irmã Assistente e a Irmã Administradora.

A Ir. Clara está em S. Inácio com as nove Professas que mais necessitam daquele clima. Voltam daqui a quinze dias, e vai para lá outro grupo com a Ir. Administradora; todas vão quase todas as manhãs a passeio, e uma vez por semana vão a Rivoli. Trabalham e estudam e dizem-me que não têm tempo para coisas inúteis. Rezam por ti e pela tua cura completa.

Alegra-me o fato que tu possas receber muitas vezes a Jesus Sacramentado; quanto ao jejum, faz o que podes e segue o conselho do Arcipreste. Devemos viver em tudo de fé e no Sagrado Coração de Jesus.

Cumprimentos ao papá e às irmãzinhas. Implorando sobre ti e sobre todos a Bênção da nossa Mãe Consolata, com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 383-384, n. 1019]

237

Ao P. Humberto Costa

Turim, 27 de agosto d 1916

Caro P. Costa,

Espero que tudo corra bem em S. Inácio, e que tu tenhas

cada vez mais forças para desempenhares os trabalhos cada vez maiores que te reserva o futuro. S. Inácio há de ajudar-vos, a vós todos e todas.

Na Casa Mãe tudo vai indo regularmente.

Perdemos de vista o caro P. Chiomio que partiu sabe Deus para onde. Escreveu-nos de Novara quando por lá passava. Rezemos por ele e por todos os nossos queridos soldados. Dado que celebramos as Quarenta Horas, virão todos os nossos visitar-nos durante os três dias; hoje de manhã vão servir e assistir à Missa e à Procissão.

Daqui aos pés da Mãe Consolata vos abençoo com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 386, n. 1020]

238

Ao P. Maurício Domingos Ferrero e ao seminarista Occelli

J.M.J. Turim, 28 de agosto de 1916

Caríssimos,

Ao receber o vosso postal, fui imediatamente ao altar da nossa Mãe Consolata para lhe confiar as vossas necessidades e as vossas penas. Tenho a certeza que ela vai confortar-vos, como sempre tem feito. Mas vós confiai muito em Deus, pois ele não vai deixar que vos sintais mais atribulados do que pode a vossa natureza humana: ele vos dará a força que deu aos mártires, de sofrer com constância, e até mesmo com alegria, tudo aquilo que for para sua glória e segundo a sua vontade.

Coragem, portanto!

Ajudar-vos-ão as nossas orações; coragem *in Domino*, um dia após o outro, uma hora depois da outra. Todas as muitas orações e sacrifícios que fazemos e oferecemos hão de obter finalmente, e o mais depressa possível, o fim das vossas provações, e virá finalmente a dia da vossa volta para o nosso Instituto. Fiat, Fiat...

Com a minha bênção de todo o meu coração, sou vosso com muito afeto no Senhor....

[Vol. VII, p. 388, n. 1019]

239

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 2 de setembro de 1916

Caro P. Costa,

Recebi ontem a tua carta do dia 30 de agosto. O meu mal-estar foi coisa de pouca monta, só me impediu de celebrar a Santa Missa Domingo. Agora já me sinto bem. Ótimo que tudo por aí vai bem!

O T. Gunetti diz que não é preciso fazer barrela nenhuma, que se encarrega ele disso depois. Ele vem quarta-feira e porá tudo em ordem. E vocês, se não tiverem lenha para a cozinha, comprem-na ao Peru. Acerca da chavezita, olha, paciência. Quinta-feira procurem chegar cá pelas 10h45; esperamos por vós para o almoço, assim as Irmãs não precisam de retardar o seu trabalho.

Tem cuidado para que tudo esteja sempre no seu lugar: o ano passado perdi tempo à procura de várias coisas que estavam fora do sítio. Se não souberem onde colocá-las, ponham tudo no meu quarto.

Se quiseres, vai cumprimentar a tua mãe, e volta à noite para Turim. Com a minha bênção...

[Vol. VII; p. 392, n 1023]

240

Ao P. João Chiomio

3 de setembro de 1916

Caro P. Chiomio,

Recebi mesmo agora a carta que me escreveste a mim e aos estudantes, vamos lê-lha hoje à noite. Todos, e eu em particular, sofremos pela tua inesperada partida; doeu-me a cabeça durante vários dias, e nem pude celebrar a Missa Domingo passado. Quis Deus que eu participasse na tua dor, dor que por ti senti, e talvez ainda sentirei no futuro...

Mas o Senhor Jesus é bondoso e pode de repente entrar no nosso coração, não só espiritualmente, como fez para certos santos; e certamente há de compensar a nossa fome com uma dupla porção durante outras Missas. Vê em tudo a vontade de Deus e ele te consolará, e tirará mesmo o bem do mal. Abençoo-te...

[Vol. VII, p. 395, n. 1025]

241

Ao seminarista Eugénio Valentino Baldi

Turim, 4 de setembro de 1916

Caríssimo em N.S.J.C.,

Espero que a tua disposição atual continue no futuro para me dar a consolação que atualmente me dá, pois houve tempos no passado em que ela me deu bastante apreensão. Muita coragem e *sursum corda*.

Com Jesus temos tudo; nós é que cometemos falta quando deixamos morrer o fervor. Coragem, portanto!

Abençoo-te de todo o meu coração...

[Vol. VII, p. 396, n. 1026]

242

A Maria Consolata Vajra

V.J.M.J. Turim, 18 de setembro de 1916

Egrégia jovem,[25]

Podes vir apresentar-te num dia qualquer que não seja dia de festa, avisando-me com antecedência. Penso que o M. Rev. P. Vottero te disse o que eu lhe escrevi acerca dos juros.

A nossa Consolata te abençoe.

Com muito afeto...

[Vol. VII, p. 402, n. 1028]

243

Ao P. João Chiomio

Turim, 21 de setembro de 1916

Caro P. Chiomio,

O Senhor há de amparar-te nestas duras provações: N'Ele, coragem! Nós rezamos.

Parece-me que a batina aí não está bem, não a uses. No que respeita o altar, faremos o possível para o prepararmos bem para quando vieres a Turim. O teu postal é ilegível, procura escrever mais claro, e não escrevas tanto.

Sempre em frente, continuando sempre a fazer a santa vontade de Deus, e verás que tudo virará para teu bem e para a Sua glória.

Abençoo-te de todo o coração...

[Vol. VII, p. 404, n. 1029]

[25] Maria Consolata Vajra, aspirante a missionária, tornou-se irmã missionária da Consolata, com o nome de Irmã Gertrude.

244

À Ir. Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

V.J.M.J. Turim, 21 de setembro de 1916

Caríssima em N.S.J.C.,

Agradeço à SS. Consolata e ao nosso Venerável o melhoramento da tua saúde: esperamos que seja o início do cami nho para uma cura completa.

Para poder aconselhar-te melhor, fui ver o Dr. Boccasso e exprimi-lhe a minha inquietude relativa à lentidão da tua cura, e pedi-lhe que me dissesse toda a verdade. Ele respondeu que estava ainda incerto se operar-te ou não, e que espera bom resultado da cura da uva e dos bons ares outonais dessas colinas.

Quando lhe falei no nosso desejo de te vermos de volta o mais depressa possível na comunidade, ele disse-me que queria primeiro fazer-te um exame juntamente com o médico local, e que depois me diria o resultado e a sua opinião sobre o caso.

Estando as coisas assim, não sei que dizer acerca do teu e nosso desejo que voltes o mais depressa possível. Temos um problema, porque tivemos de dar todo o rés-do-chão como salas de aula ao Instituto Isabella, incluindo o refeitório dos estudantes, e daqui a pouco começamos os trabalhos de reorganização geral dos espaços, e veremos como aliviar um pouco a confusão atual.

De novas tomadas de hábito não se falou ainda; e a Virgínia, olha: depois de várias tentativas, vamos mandá-la embora. Quatro Irmãs vão fazer a profissão daqui a pouco. Em tudo, estamos nas mãos de Deus, aquele Deus que várias provas nos manda de vez em quando, pedindo-nos mesmo novos sacrifícios de alunos nossos que têm de ir para a guerra. Mas em tudo, *fiat voluntas Dei* [a vontade de Deus seja feita]. Sim, vai visitar a tua tia e a Moretta. O que é importante é que, quando voltares, não voltem os antigos sintomas – mas mesmo nisto, *fiat*!

Muitos cumprimentos ao pai e às irmãs. Abençoo-te no Senhor com muito afeto...

[Vol. VII, p. 405-406, n. 1030]

245

Ao P. Lourenço Sales

J.M.J. Turim, 24 de setembro de 1916,
Nossa Senhora das Mercês

Caríssimo P. Sales,

Se antes eu te abençoava coletivamente e em particular, desde que recebi a tua carta comecei a abençoar-te ainda mais frequentemente: tudo para teu bem! Continua com coragem, sê forte seguindo *as minhas palavras* que te mando de novo espiritualmente todas as manhãs.

Pelo P. Cagnolo, soube da partida de alguns alunos; nada de admirar. Quando ainda se duvida depois de fazer alguns testes, mandai embora os que não foram realmente chamados, e os que não correspondem à vocação. Espero mesmo que haja mais desistências.

O Sr. Vice-Reitor já esperava que isso acontecesse ao Vicente [Karogo], porque viu que ele tinha a cabeça no ar. É verdade que se vão embora muitos estudantes: e isto é ocasião de murmuração da parte dos que vivem sem genica no Seminário Menor, que não fazem ideia qual é a razão para as desistências; ora é ainda mais lógico que isso aconteça aí onde o demónio luta ferozmente contra o Seminário, e onde a índole da juventude é bastante inconstante. Pois eu costumo dizer que por cada desistência rezo um *Te Deum*! Recordai-vos sempre que é melhor poucos, mas bons.

Diz estas coisas também ao P. Cagnolo, e pede-lhe desculpa por mim se as não escrevo também a ele, mas olha, tu é que me roubaste o tempo. A ele mando a carta para os estudantes.

Acerca de escrever para glória de Deus - e porque a isso tu os empurras – digo-te que, tal e qual como a '*patatina',* também '*Luisi*' teve sucesso. Vê se escreves outros episódios característicos e instrutivos.[26]

Por fim, peço-te que de vez em quando me escrevas cartas

[26] São duas saborosas esquetes teatrais, publicadas no boletim "*La Consolat*a" (setembro de 1916).

compridas acerca de tudo aquilo que te ajuda a fazer o bem. É esta a minha única intenção durante este pouco de vida que o Senhor me concede ainda nesta terra onde não faltam abrolhos, especialmente nestes nossos tempos.

Mas também é verdade que todas as coisas *cooperantur in bonum*... [tudo coopera para o bem]*; nec facio animam meam pretiosiorem quam me, dummodo*... [mas não tenho consideração pela própria vida, enquanto]...

Abençoo-te a ti, ao P. Cagnolo, aos queridos estudantes e a todos. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 409-410, n. 1032]

246

Ao P. Humberto Costa

Turim, 27 de setembro de 1916

Caro P. Costa,

Alegra-me ver que os teus sentimentos são tão bons que realmente são conformes aos desígnios que Deus tem para a tua santificação e a santificação de outros. Nada te turbe. *Etsi castra consistant adversum me, non timebo... dummodo consumem cursum meum et ministerium quod accepi a Domino Jesu*... [se um exército acampar contra mim, não temerei... desde que eu complete minha jornada e o serviço que me foi confiado pelo Senhor Jesus].

Mando as 164 L. recebidas hoje do Borra. Creio que correspondam à conta, portanto dá o seu ao seu dono. Já lhe escrevi. E também já te dei a minha opinião de não dar os exames; vamos arranjar uma desculpa: assim amanhã estarão tranquilos para os Exercícios [espirituais]. Seria bom se amanhã se pudessem examinar os quatro, e também todos os que não passaram e são deficientes em certas disciplinas...

Vamos tomar esta decisão para as várias classes. Se é possível, Garrone e Ruetta vamos aprová-los. Vou escrever ao seminarista Re e ao P. Maletto.

[Vol. VII, p. 417, n. 1034]

247

Ao P. José Maletto

J.M.J. Turim, 27 de setembro de 1916

Caro P. Maletto,

Finalmente! - bradei eu ao Sr. Prefeito ao receber a tua primeira carta. Não te censuro, mas, francamente... um postal!

Alegro-me, não com a dor de dentes que, espero, passará bem depressa, mas da relativa tranquilidade em que és capaz de viver... Estamos dispostos a mandar-te o vinho para a Santa Missa; mas gostaria que fosses celebrá-la na paróquia, sempre que possível. E deves lá ir também na ocasião das festas para ajudar o Sr. abade: não é questão simplesmente de mais uma Missa, mas por caridade para com ele, e para animar o prior para quem, rezar duas missas, deve ser bastante pesado, com todos os outros trabalhos que ele tem. E é uma maneira de agradecer por todas as gentilezas que ele tem para contigo.

Aceita de bom grado a caridade que para contigo ele usa, mas sem abusar dela. Se for conveniente dar gorjetas aos sacristãos, dá-as. Eu já dei as 12 L. ao T. Tamietti. Não recordo se também agradeci ao prior, mas agradece-lhe tu por mim; amanhã vou mandar-lhe um Kg de café.

Vou mandar os dois números do Periódico no próximo mês. Acerca da aplicação das intenções de Missa, comporta-te da maneira que me escreveste; se ele precisa, reza-as por ele, contentando-te do óbolo que te der. Como norma minha para ti, as minhas intenções de Missa são de duas Liras. Mas acerca do prior daí, contenta-te com o que ele te der.

Gosto da promessa de vires a Turim tão frequentemente como disseste. Deo Gratias. Mas não tenhas escrúpulo de arranjares para ti comida, vinho e tudo o que precisares com plena liberdade de espírito. Se precisares de dinheiro, escreve-me. Acerca dos estudos, tranquiliza-te, estamos perfeitamente em regra com os superiores. Coragem sempre.

Abençoo-te, e tu reza por mim... Com muito afeto...

[Vol. VII, p. 419, n. 1035]

248

Ao P. João Chiomio

Turim, depois do dia 12 de setembro de 1916

Caro P. Chiomio,

Recebi mesmo agora a tua carta do dia 12 do corrente. Consola-me saber que estás bastante bem, e resignado com o que o Senhor permite. Comporta-te como dizes, mas com simplicidade e amabilidade; é melhor preferir falar italiano com os que sabem falá-lo. Acerca do *tu*, não te comportes diferentemente dos outros, *Soli Deo esto familiaris* [Familiarize-se apenas com Deus]; e assim evitarás problemas e dissabores.

Deus te ajudará em tudo: *protegam eum quoniam congnovit Nomem meum* [eu o protegerei, porque ele conhece meu nome]. Já procurámos um altar portátil, prometeram arranjá-lo, estamos à espera. Acerca dos jovens, já deves saber quais foram promovidos ao clericato. Quatro: Ruetta, Garrone, Mauro, e Olivero, vão repetir, porque são preguiçosos; Ruetta, mando-o para casa, pois nos dias passados roubou por aí coisas a vários colegas. Misérias...

Atualmente fazem de Assistentes o subdiácono Sandrone e o seminarista Richetta; o Sem. Sales pediu para ser dispensado desse trabalho.

Coragem, muita coragem... Com a minha bênção...

Se precisares de dinheiro, escreve...

[Vol. VII, p. 424, n. 1037]

249

Ao P. José Maletto

Turim, depois do dia 26 de outubro de 1916

Caro P. Maletto,

Tinha apenas acabado de escrever a minha carta quando recebi as tuas duas dos dias 23 e 26 de outubro. Tens de te desembaraçar do que é negativo duma vez para sempre; e olha que o Senhor oferece-te sempre essa oportunidade.

Voltando à faculdade de confessar, asseguro-te *que a tens para toda a gente sem exceções*: soldados, gente do povo, quer estejas sozinho ou com outros confessores: isto deves começar a fazê-lo imediatamente. Tens de obedecer a este comando, também para a salvação das almas... Acerca do café, pois faz o que disseste.

Deixa a patena em paz, a continência, etc.; faz-se o que se pode; o mesmo acerca da cera e de tudo o resto. Acerca do vinho, dado que é difícil para nós mandá-lo, pede ao prior, mesmo pagando-o; e a Missa, quando se é em vários, di-la onde e como podes, como te dizem os priores, nos quais deves ter confiança. Vou mandar-te as luvas, usa-as.

Se pudesses ser ajudante, eu estaria disposto a pagar todas as despesas da capela. Por agora, faz o que podes e como podes. E se nenhum outro paga as despesas, paga-as tu. Daqui a pouco deixo-te completamente livre em relação a tudo, e deves fazer o que podes sem ficar com dúvidas.

Sabes, és um pouco casmurra nestas coisas: vive mais livre, desenrolado das tuas ideias; é esta a vontade de Deus. Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 426, n. 1038]

250

Ao P. João Chiomio

Turim, depois do dia 26 de outubro de 1916

Caro P. Chiomio,

Gostarias certamente de receber notícias do amado Seminário Menor, se é que ainda as não recebeste.

Os que foram promovidos ao 5º ano já tomaram o hábito e, com outros dois que se lhes juntaram, já são 9 os seminaristas de filosofia. O Ruetta, depois de várias provas, foi mandado para casa por que roubava coisas aos colegas. Temos debaixo de olho outros dois por questões de moralidade. Os que entraram este ano são duros de torcer, e três deles já saíram. Os restantes lá vão indo, exceto o Crespi que mudou para os Irmãos.

Perguntas-me se podes falar piemontês e tratar os outros por

tu! Não sejas diferente dos outros: se eles fazem assim, assim farás tu também; comporta-te sem fingimento. Coragem e paciência *in Domino*.

Recordamos-te sempre e rezamos por ti...

Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 428, n. 1039]

251

Ao P. João Mauro

Turim, antes do dia 29 de outubro de 1916

Caro P. Mauro,

Conserva-te unido ao Sagrado Coração de Jesus. Foste sempre favorecido, espero continues sempre a sê-lo. Se te encontrares em perigo de partir, recorre ao bom bispo; ele vai obter que possas ficar.

Recorda-te do aniversário do P. Meineri. Abençoo-te...

[Vol. VII, p. 430, n. 1040]

252

Ao P. João Chiomio

Turim, 18 de novembro de 1916

Caro P. Chiomio,

Não gosto deste teu silêncio, mete-me medo... escreve mais vezes. Nós recordamo-nos muito de ti e rezamos muito por ti, para que a Consolata te dê força e consolação.

Já propus ao Capitão do seminarista Re que te faça capelão, mas parece que isso é impossível. A ver vamos. Continua a escrever a Facta [um parlamentar da cidade de Pinerolo], reclamando o cumprimento das promessas que ele fez; aqueles senhores podem fazer o que querem... e acabarão por acontentar-te. Acontecem tantas coisas!... Anuncio-te, com muita pena, que também o P. Dolza foi declarado válido para o serviço... *Fiat voluntas Dei* [a vontade de Deus seja feita].

Tu, coragem sempre *in Domino*, e nunca te esqueças que nós estamos contigo e muito por ti rezamos. Abençoo-te com muito afeto…

P.S.: Recebi mesmo agora a tua carta, e muito bem me fizeram as tuas boas notícias. Sempre em frente, com muita coragem, e Deus te abençoe.

[Vol. VII, p. 435, n. 1043]

253

Ao P. João Mauro

Turim, depois do dia 18 de novembro de 1916

Caro P. Mauro,

Estou muito contente, e quase tenho inveja (ao menos em relação aos outros), do lugar que agora ocupas. Podes levar uma vida normal, frequentar Jesus Sacramentado, e usufruir da bondade destes teus dignos Superiores.

Muito obrigados ficamos ao Senhor! Vamos! E sirva-te de força e coragem este prova.

O nosso caro P. Dolza foi declarado hábil… Paciência.

Com a minha bênção…

[Vol. VII, p. 437, n. 1044]

254

Ao P. Domingos Spinello

Turim, fins de novembro de 1916

Caro P. Spinello,

Recebi a tua prestação de contas material; não seria mal se recebesse também a espiritual… Talvez tenhas 'compaixão' de mim, mas eu desconfio da tua presente condição, tenho dúvidas sobre o que se passa em ti, e pergunto-me se não se está a infiltrar em ti o humano, ou mundano.

Raciocina, meu caro, tens de te conservar íntegro e piedoso *coram Deo* [na presença de Deus]*;* não faças caso dos outros.

Considera as admoestações que te dei no passado e põe-nas em prática. Nas tuas cartas tudo se manifesta claramente. Sê humilde e serás casto.

Abençoo-te, e envio-te os cumprimentos do teu muito reverendo Tio.

[Vol VII, p. 440, n. 1045]

255

Ao P. José Maletto

Turim, fins-de-novembro - início de dezembro de 1916

Caro P. Maletto,

Continua a confessar com desembaraço, a pregar e a dar a S. Bênção como és capaz: Jesus contenta-se em ser tratado mesmo pobremente. Agradece às Irmãs Ursulinas o vinho - e talvez elas te deem mais.

A próxima semana irá fazer a sua convalescença junto das Irmãs do Cenáculo em *Intra,* a nossa Superiora Missionária; seria bom que fosses lá visitá-la. Aquelas Irmãs são capazes de te ajudar em tudo o que diz respeito à capela - e mesmo no que diz respeito à tua pessoa! De resto, atira com todas as penas e dúvidas para dentro do lago: *mergam vos, ne mergar a vobis* [eu vou mergulhar você, para não ser imerso por você].

Cá te esperamos. Com a minha bênção...

[vol. VII, p. 442, n. 1046]

256

À Ir. Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

V.J.M.J. Turim, 5 de dezembro de 1916

Caríssima Ir. Maria,

Recebi primeiro o teu postal, e depois a tua carta. Alegra-me saber que estás a melhorar continuamente e que esses ares

suaves estão a ajudar a tua convalescença. Seja intenção tua usar todos os meios para te restabeleceres permanentemente. Compreendo a tua dificuldade; mas foi certamente o Senhor Jesus que permitiu prova tão demorada, e foi Ele que certamente o fez para o teu bem e o bem do Instituto.

Seja o *fiat* a tua jaculatória habitual. Precisamos de muitas bênçãos para o Instituto e para os nossos pobres soldados. Vão levar-nos também o Dolza; e o Carlos idem, já os declararam 'válidos para todo o serviço militar'. E o meu criado também já para lá foi. Ai quantas desgraças e misérias!...

Que o Senhor tenha piedade de nós. Como se eu ainda não tivesse suficientes preocupações, tive de ser testemunha durante vários dias no processo de beatificação de Dom Bosco!

Desde já faço votos que tenhas uma feliz festa da Beata: o meu presente, esse vou dar-to durante a minha S. Missa. Domingo passado falei claramente de ti às nossas Irmãs, creio que elas ficaram contentes. Olha que elas têm sempre rezado por ti e vão escrever-te. Também o Sr. Vice-Reitor deseja as tuas melhoras e que fiques curada de todo. Coragem no Senhor, e reza também tu por mim. Com muito afeto...

P.S.: Os meus cumprimentos para a Madre Superiora e para a tua Irmã, e que rezem por nós.

[Vol. VII, p. 443-444, n. 1047]

257

Aos missionários da África

Turim, 8 de dezembro de 1916

Caríssimos missionários,

Enviastes-me de mil maneiras os vossos parabéns pela minha confirmação como Superior do Instituto. É essa vossa atitude para mim uma prova de bom espírito e de bom coração que muito vos agradeço. Por outro lado, manifesto-vos o desejo, que de há muito tenho, que vós possais o mais depressa possível

reger-vos por vós próprios sem a minha interferência. Por isso mesmo, já há dois anos que eu pedi ao Card. Gotti que Deus tem para me deixar livre e tal trabalho.

Depois de me escutar com muita paciência e benévola indulgência, respondeu-me ele:

«Não é prática louvável que um fundador renuncie a tal cargo durante a sua vida... No seu caso, isso seria uma grande perda para as Missões, porque seria preciso tirar-lhes, às Missões, os melhores sujeitos para tomarem as rédeas do Instituto aqui. Teria o P. Allamano a coragem de causar tal dano à obra que tanto trabalho tem custado?»

E concluiu ordenando-me de afastar tal pensamento e de continuar como no passado em união com o Sr. Vice Superior. Forçoso me foi adaptar-me, portanto, como faço neste momento, pois parece ser essa a vontade de Deus.

Mas, naturalmente, sentimos o peso da responsabilidade. A verdade é que, além das forças físicas, precisamos que nos dê o Senhor uma ajuda especial; e que também vós deveis colaborar por meio da vossa oração e sobretudo correspondendo fielmente à vossa grande vocação.

E vós deveis mostrar esta vossa correspondência com uma constante e cada vez mais perfeita observância das Constituições, praticando tudo o que vos pede e manda a obediência; com um zelo e uma operosidade que crescem à medida que se vai alargando o círculo do vosso apostolado para bem de tantas almas necessitadas da vossa ação apostólica; mas, acima de tudo, e de maneira muito particular, com a prática, diria eu escrupulosa, da virtude de que depende em máximo grau a vossa perfeição: a virtude da *pobreza* que vos propus para este ano, e que me sinto inspirado a vo-la propor também para o próximo ano.

Os sacrifícios e as provações a que agora todos devemos submeter-nos por causa do extraordinário e inaudito encarecimento dos preços de tudo o que é indispensável na vida, situam-vos, por assim dizer, na necessidade de praticar a pobreza. Mas nós sabemos que podemos tirar méritos destas privações se as aceitamos com a paciência cristã, e muito mais ainda se, para além

destas privações necessárias, nos impomos outras que nos ajudarão a progredir sempre mais no caminho da perfeição.

Isso vós fareis se continuardes a subir cada vez mais até aos píncaros da virtude. Isso eu espero de vós e vo-lo peço como grande ato de penitência coletiva que o Santo Padre muito tem pedido para obter o fim desta guerra que se está tornando tão insuportável.

No que se refere ao voto e à virtude da pobreza, que é realmente um dos três grandes votos da vida religiosa, parece-me que até aqui temos andado assim um pouco sem jeito nem trambelho, e que muito temos a corrigir neste ponto. Não digo que isto tenha acontecido por má vontade, mas talvez por não termos um verdadeiro conhecimento dos nossos deveres nesta matéria. Pensei, por isso, apresentar-vos algumas linhas de reflexão que estão perfeitamente de acordo com os princípios da teologia e do direito canónico.

E desejo que delas se faça leitura em comum todas as vezes que durante o ano de 1917 fareis o Exercício mensal da Boa Morte, e também quando fareis os Exercícios Espirituais do ano. Para bem começar em coisa tão importante, é necessário fazer primeiro um bom e diligente exame do vosso passado para verdes o que é que não foi conforme às exigências da pobreza. Por isso examinai-vos especialmente sobre:

1º Se durante a vossa permanência na Casa Mãe, e muito especialmente na ocasião da vossa partida para a África, não vos apoderastes, ou recebestes de outros confrades, sem a devida licença objetos pertencentes à Comunidade.

2º Se recebestes dinheiro ou objetos de pessoas que não são vossos parentes até ao 4º grau, ou mesmo de tais parentes se eles vos sugeriram que tais coisas eram para o Instituto ou para as Missões: tudo coisas que, feitas sem eu saber ou sem a minha licença, seriam contrárias à pobreza.

3º Acerca de objetos (livros, fato, utensílios, etc.) que de mim recebestes, ou do Vice-Superior, deveis considerar como norma geral que só o fato e o breviário vos foram dados para uso exclusivo de cada um: todas as outras coisas, ainda que por nós dadas ao indivíduo, na nossa intenção eram elas também

para o uso da Comunidade. Por isso eu costumava recomendar-vos – o que infelizmente nem sempre foi feito - que nessas coisas pusésseis o carimbo do Instituto, e de referir depois ao Mons. Perlo as coisas e as licenças que vos outorguei; e por isso mesmo é que há tempos vos pedi uma lista completa dos livros que possuís.

E agora, para resolver para sempre este problema, determino o seguinte:

1º. De todos estes objetos que recebestes de alguma das maneiras acima mencionadas nos nos 1.2.3 (exceto o vestiário e o breviário), *se ainda possuis tais objetos,* cada um de vós faça uma lista pormenorizada deles e me a mande antes do dia 1 de setembro de 1917. Aos missionários que atualmente se encontram fora do Vicariato peço que, até à mesma data, me enviem simplesmente a lista dessa coisas que presentemente têm consigo. Esta lista deve ser completada e a mim enviada durante o primeiro trimestre durante o qual tiverem voltado para o Vicariato do Quénia.

2º De todas as licenças que se referem à possessão, uso e feitura de coisas que são contra a pobreza e foram dadas por mim ou pelo Vice-Reitor, ordeno que me seja enviada uma lista pormenorizada antes do fim do 1º trimestre de 1917. Quem durante estes seis meses me não enviar a dita lista e me não comunicar as licenças recebidas, não poderá mais ficar licitamente com esses objetos, nem usufruir das licenças que lhe foram concedidas. Quem me comunicar essas duas coisas (objetos e licenças) pode ficar com elas e usá-las durante o primeiro trimestre de 1917, a não depois disso sem (de mim) ter recebido confirmação.

3º Acerca do dinheiro que, segundo as Constituições, é de vossa propriedade, aviso-vos que o simples fato que eu vo-lo enviei, ou permiti que os vossos parentes vo-lo enviassem, estes fatos não incluem a licença de dele vos servirdes. Para esta licença, dada a maçada de terdes de recorrer a mim, prefiro que de agora em diante recorrais ao Mons. Perlo (para os do Kaffa ao Mons.

Barlassina), que desde agora ficam encarregados de vos conceder a licença do Superior cada vez que ela seja necessária.

Nada mais me falta senão exortar-vos com todo o coração a que vos encaminheis generosamente pela via dos sacrifícios e das privações que exige a pobreza. Eu próprio estou convencido que tal vos não será pesado se recordardes a generosidade com que vos oferecestes a Deus para o apostolado, mesmo 'até ao martírio'. A dulcíssima e poderosa nossa Padroeira há de obter para vós a ajuda necessária para suportar o martírio incruento que, por vezes, mora na observância fiel dos Votos Religiosos e do Regulamento.

Ela vos consolará com a abundância dos frutos espirituais durante as vossas fadigas apostólicas. Acima de tudo, há de ela amparar-vos e guiar-vos no caminho que vos leva aos altos píncaros da perfeição. Que ela vos cumule sempre das suas bênçãos como lhe pede o

Vosso, com afeto em Jesus Cristo e Maria...

[Vol. VII, pp. 249-252, n. 1048]

258

Pequeno tratado sobre a Pobreza (para os missionários)

[Para o texto, cf. Vol. VII, pp. 454-467, n. 1049]

259

Às missionárias do Quénia

Turim, 8 de dezembro de 1916

Minhas queridas Irmãs Missionárias,

Para este ano, que está a chegar ao fim, propus-vos eu como virtude especial a *pobreza* como ela nos é apresentada pelos grandes modelos tais como S. Francisco de Assis.

Entre os motivos porque eu tinha escolhido esta virtude estava a necessidade de nos adaptarmos às dificuldades em que nos encontraríamos por causa da crise económica, que já se sentia aqui

e aí onde vos encontrais. Esta crise, em vez de diminuir aumentou desmedidamente, de tal forma que a prática da pobreza se tornou para todos uma verdadeira necessidade.

Por isso mesmo me sinto eu inspirado a propor-vos essa mesma virtude como virtude especial para o ano 1917. Mas não é tanto a necessidade que deve empurrar-nos a praticar a pobreza, mas a obrigação que tendes de a observar por causa do juramento feito ao consagrar-vos ao Instituto, e também pelo dever que, como religiosas, assumistes de tender à perfeição nesta como nas outras virtudes próprias ao vosso estado de vida.

Espero que todas vós assumireis esta prática como empenho muito especial durante o próximo ano. Isto vos peço também como um ato de penitência comunitária que o S. Padre continuamente pede para obter a tão desejada paz para o mundo.

O voto e a virtude da pobreza são de tal forma exigentes que, mesmo nas comunidades de grande observância, se infiltram por vezes abusos e liberdades nesta matéria. Para que tal não aconteça entre nós, pensei em propor-vos alguns apontamentos e reflexões, que vos ajudarão a compreender melhor as exigências da pobreza. Desejo que a Carta Circular que vos envio juntamente com esta seja lida como leitura espiritual por vós Irmãs sozinhas, todas as vezes que durante o ano de 1917 praticareis o Exercício Mensal da Boa Morte; e em seguida, seja lida uma vez durante o ano nos Exercícios Espirituais.

Para que tudo melhor aconteça em questão tão importante, desejo:

1º, que vos examineis se entre os objetos que cada uma de vós possui há algum de que vós próprias vos apropriastes, ou que vos foram dados por outras Irmãs ou por pessoas estranhas, sem eu ou a vossa Superiora Geral disso ter conhecimento e sem a nossa licença.

2º, para que cada uma de vós fique livre de qualquer inquietação ou dúvida neste ponto, cada uma de vós escreverá uma lista completa e pormenorizada de todos estes objetos,

livros incluídos, e ao fim de três meses depois de receber esta minha carta, apresentará essa lista à vossa Superiora Geral.

3º, a esta lista ajuntará cada uma de vós uma nota em que mencionará todas as licenças particulares que eu vos dei relativas a livros ou outros objetos; e também licenças relativas a comidas e bebidas, ou uso em África de qualquer coisa pertencente à comunidade, que vos tenha dado a vossa Superiora Geral.

À vossa Superiora Geral eu certifico o encargo de examinar todos estas licenças, mesmo aquelas que eu dei, e de as confirmar ou as eliminar, considerando unicamente o vosso bem e o bom espírito que deve florescer na comunidade. E a vós eu recomendo de vos comportardes santamente indiferentes acerca dessas licenças, que confirmará ou eliminará a vossa Superiora, segundo o que mandam as Constituições no Artigo 35.

Para o futuro, se receberdes dinheiro ou algum objeto dos vossos parentes ou de pessoas estranhas, seja qual for a coisa recebida, deveis entregá-la à Superiora Geral e dela receber a licença de tal coisa usar para vós próprias, se a Superiora assim o decidir. Mas lembro a exceção mencionada pelo Art. 29 das Constituições, pelo qual, se a coisa é de alto valor, nem a Superiora Geral pode dar a licença de a usar. Acrescento ainda que relativamente ao dinheiro ou objetos que eu vos mando, ou dou licença que outras pessoas vos mandem, o fato que vo-los mando não significa que tendes licença de os usar pessoalmente: para tal licença deveis dirigir-vos à vossa Superiora Geral como já vos disse.

E agora só me resta exortar-vos, com todo o meu afeto de pai, a que aproveiteis os ensinamentos e normas da Carta Circular, e a aceitá-los com grande generosidade de alma e coração, ambicionando atingir os mais altos graus da virtude da pobreza. Nem isto haveis de considerar difícil se pensardes na generosidade com que vos dedicastes ao apostolado, prontas mesmo a sofrer o martírio. Ajude-vos sempre a nossa Padroeira e Mãe Santíssima, abençoe ela sempre as vossas fadigas, e vos confirme na bênção que vos mando com muito afeto eu, vosso Pai e Superior.

[Vol. VII, pp. 469-471, n. 1050]

260

Pequeno tratado sobre a pobreza (para as missionárias)

[Para o texto, cf. vol. VII, pp. 472-484, n. 1051]

261

Ao Mons. Filipe Perlo

J.M.J. Turim, 14 de dezembro de 1916

Caríssimo Monsenhor,

Mando-lhe um breve tratado sobre a S. Pobreza, preparado com toda a diligência. De há muito tempo que eu pensava organizar a vida dos missionários sobre esta importante matéria da qual depende, em grande parte, o bom espírito nas Missões. Um ou outro vai achar um tanto complicado ordenar a sua vida por ele; mas é uma obrigação fazê-lo, e não convém esperar mais. V. Ex.cia. mantenha-se firme neste ponto, com suavidade e determinação.

A SS. Consolata há de abençoar-vos e recompensar os sacrifícios que tiverdes de fazer. S. Francisco de Assis, que vos dou novamente como protetor para o ano 1917, vos seja modelo desta virtude, que foi a sua predileta; por isso ele e os seus filhos fizeram e continuam a fazer tanto bem.

Muito me alegra a obra dos Hospitais. Do Altar da nossa Padroeira vos abençoo. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 491, n. 1051]

262

À Irmã Margarida Demaria

V.J.M. e J. Turim, 14 de dezembro de 1916

Cara Irmã Margarida,

Envio-te uma Carta Circular sobre a Santa Pobreza. Cada Irmã religiosa, e mais ainda se missionária, aperfeiçoa-se

consoante o amor que tem a esta virtude, e fielmente observa o S. Voto. A matéria é um pouco difícil de compreender completamente e é, por isso, necessário meditá-la atentamente e continuamente: só assim se poderá dela ter uma ideia justa, e só assim será possível pô-la em prática. Quando tiveres dúvidas, recorre ao Monsenhor.

As Irmãs devem saber que, segundo as Constituições, a sua pobreza deve ser completa; devem, portanto, regular-se como descrito na vossa própria Carta Circular, e não sobre a dos missionários.

Alegram-me as boas notícias que me mandaste na tua última carta de 16 de maio. Certas pequenas misérias relativas à saúde, ou de outras espécies, são inevitáveis neste mundo, e servem mesmo para ajudar todas a santificarem-se.

Na Casa Mãe tudo corre bem, com seriedade e boa vontade. O número de professas, de noviças e de postulantes vai crescendo, e estamos à espera da calmaria dos mares para vos mandar muitas outras companheiras de vida e trabalho. A Irmã Maria dos Anjos superou bem uma importante operação e agora encontra-se em convalescença, espero que volte para nós na próxima primavera.

Na tua carta perguntas-me sobre a Missa que se deve aplicar a quando da morte dos pais. Penso que seja melhor que a façamos nós aqui em Turim, para que mais depressa seja aplicado o sufrágio. Vocês aí façam as orações por eles.

Coragem no Senhor.

Fiquem os olhos do vosso coração sempre bem fixos na finalidade de vos tornardes santas e salvar assim mais almas.

Com muito afeto no Senhor...

P.S.: Repito: para 1917 o Protetor é S. Francisco de Assis.

[Vol. VII, p. 491-494, n. 1056]

263

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

J.M. e J. Turim, 3 de janeiro de 1917

Cara Irmã Maria,

Finalmente tenho alguns minutos, mesmo se poucos, para responder à tua estimada carta. Agradeço ao Senhor pela tua próxima perfeita cura com a extração do último ponto. Penso que seria bom que tu continuasses aí durante estes frios, usando todos os cuidados dessas boas Irmãs; depois, se pensares que é conveniente, não tenho nenhuma dificuldade que vás visitar o teu pai e levar-lhe um pouco de consolação.

Quanto à dúvida que apresentaste, fizeste o que devias. Teologicamente podia dizer-se assim: não se deve operar se há uma dúvida prática. Na dúvida, dado que a lei não aparece certa, e por isso ela não obriga, posso fazer o que penso segundo a liberdade; e por isso não tenho a intenção de pecar, e consequentemente não peco.

Vou mandar-te as dispensas-apontamentos da medicina. Estuda-as, sim, mas que não perturbem negativamente a tua cura.

Para este ano propus novamente como Protetor S. Francisco de Assis, com a prática da virtude da pobreza e o desapego ao amor próprio. Reza-lhe.

Aqui na comunidade nada de novo, além do que te escreveram as Irmãs. A Ir. Albina foi passar uns tempos a Lucerna com as irmãs Josefinas para se curar duma anemia completa. Que o Senhor nos conforte nestes tempos tempestuosos e nos faça santos e nos ajude a aceitar tudo das Mãos de Deus.

Agradece a estas boas religiosas pelos cuidados que te prodigam a ti e ao Instituto, especialmente agradece à Madre Superiora. Diz-lhes que rezamos por elas, e eu rezo para que alcances a tua perfeição. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 498-499, n. 1058]

264

À Irmã Albina Granero

V.J. M. e J. Turim, 27 de janeiro de 1917

Cara Irmã Albina,

Comuniquei com o Comendador Lanza, Diretor Geral dos Hospitais Mauricianos. Ele respondeu que não pode reduzir a diária de L. 2,50, já reduzida por favor. Se não tens dinheiro que chegue, escreve à Irmã Administradora e ela vai-to mandar. Esse mesmo Senhor disse-me também que aquele hospital é uma Casa de Cura e não um pensionato; por isso quer que em breve saias de lá.

Eu tinha-lhe pedido que recebesse por pouco tempo a tua irmã, a Ir. Secondina. Certamente sabes que ela de há muito tempo está na enfermaria pelo costumado ataque de erisipela, sem se curar; e quando se cura, incha toda, e os médicos dizem que ela precisa de mudar de ares. O Sr. Lanza não a aceitou no seu Hospital.

Dado que certamente não estás pronta para voltar para Turim, e a tua irmã precisa de ares mais naturais, penso que vocês as duas deviam ir para casa dos vossos irmãos em Bricherasio para lá vos curardes. Fala disso às irmãs Religiosas, e depois escreve-me imediatamente.

Com a minha bênção no Senhor...

[Vol. VII, p. 501, n. 1059]

265

Ao P. José Maletto

Turim, princípios de fevereiro de 1917

Caro P. Maletto,

Recebi mesmo agora a tua carta do dia 30 de janeiro. Que Deus te ampare no teu trabalho que por Ele fazes com pureza de intenção, além de o fazeres também por necessidade e

dever. Tu já sabes bem o que penso, a minha maneira de ver as coisas.

Quando voltares, traz contigo uma grande serenidade e uma paz bem decidida: seria isto já uma grande graça! Apenas chegue café da África, vou mandar-te um pouco.

Reza!... Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 503, n. 1060]

266

À Ir. Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

J.M. e J. Turim, 3 de fevereiro de 1917

Rev. Irmã Maria,

Respondo um pouco atrasado às tuas cartas dos dias 6 e 16 de janeiro; sabes, fica sempre mais trabalho por fazer do que trabalho feito... É uma alegria saber que estás quase perfeitamente restabelecida; mas continua os cuidados até que a ferida fique bem curada: por isso por ti rezo muitas vezes à SS. Consolata.

Não me parece justo que o Mosteiro, que é bastante pobrezinho, te mantenha aí de graça; será preciso remunerá-lo com presentes, ou melhor, com o pagamento devido em dinheiro. Desta maneira, seria mesmo mais fácil para ti pedires a comida que mais depressa te ajudaria a completamente te curares. Pensa bem nisto, e depois escreve-me, a mim ou ao teu papá. Se precisas de vestidos ou de outra coisa, escreve à Irmã Ecónoma.

A boa Irmã Albina voltou e está muito melhor; mas vai partir pata Bricherasio para fazer companhia à Irmã Secondina que, depois duma longa doença de *erisipela,* parece nunca mais melhorar. Mudar de ares por uns tempos vai fazer bem às duas. Provavelmente vão partir a duas no princípio da próxima semana. De resto, tudo vai andando bastante normalmente na Comunidade.

As notícias da África são também bastante boas, com exceção de pequenos achaques entre algumas das 14 que se dedicam a trabalhos em hospitais para africanos, onde fazem

um trabalho realmente bom. *Deo Gratias*! Vou procurar o livro que me pedes.

Este mundo arruinado em que vivemos pede-nos uma maior união com Deus, e convida-nos a acalmarmos a justa cólera que porventura em nós poderia surgir. Os mais atribulados são os nossos pobres seminaristas e sacerdotes; rezemos para que volte bem depressa a paz.

Recomenda-nos às férvidas orações desse Santo Asilo; e eu vou recordar as boas Irmãs Religiosas nas nossas orações a Nossa Senhora da Consolata. Cumprimenta em meu nome a Rev. Superiora. Deus vos abençoe.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 507-508, n.1062]

267

À Ir. Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

J.M. J. Turim, 14 de fevereiro de 1917

Rev. Irmã Maria,

Respondo imediatamente à tua carta para que não fiques confusa. Eu pensava que ficavas nesse santo lugar até estares completamente curada com a sutura completa da ferida e o fim do frio que é ainda muito intenso. E que depois vinhas celebrar connosco a Festa de S. José no Instituto, e em seguida, para contentar o teu bom pai e o resto da família, ias passar uns dias a Moretta.

Se o meu projeto te agrada, muito bem; senão, escreve-me e com toda a liberdade diz-me o teu parecer. Entretanto, usa todos os meios para te restabeleceres perfeitamente. Muito te ajudará neste projeto um espírito livre e aberto e o abandonar-te inteiramente à vontade de Deus, convencida sempre que só se ofende a Deus quando tal se faz voluntariamente e com todo o conhecimento do que se faz. Creio que compreendes...

Quero agora informar-te de mais uma nova prova à qual Senhor quis submeter o nosso Instituto: a parte da casa ocupada pelos estudantes, e em parte pelos seminaristas, foi requisitada pelos soldados.

Naturalmente, também amamos a nossa pátria: e aos tantos sacrifícios em pessoas e em despesas financeiras unimos agora os incómodos que provêm de termos de concentrar em espaço limitado tantos inquilinos. Ficam as nossas Irmãs limitadas nos espaços que ocupavam, perdem os lugares usados como escola e outras atividades; ocupados ficam lugares que serviam para estudar, dormir mesmo, etc.

Temos andado ocupadíssimos, mesmo no dia de Domingo, porque devem ficar livres amanhã todos estes lugares requisitados. Faça-se o que Deus permite! No entanto estas nossas comunidades estão calmas e serenas, com um estilo verdadeiramente missionário, que a tudo está disposto. Reza, mas não te inquietes! Peço à nossa querida Consolata que concretize a tua cura completa o mais depressa possível, para que assim acabe o teu exílio. Cumprimentos à Rev. Superiora.

Abençoo-te com muito afeto no Senhor…

P.S.: Este ano vamos celebrar com fervor o mês de S. José que começa no dia 17. Ficarás unida a nós especialmente recitando as Dores e as Alegrias deste Santo.

[Vol. VII, pp. 511-512, n. 1063]

268

Ao P. João Batista Rolfo

J.M.J. Turim, 28 de fevereiro de 1917

Caro P. Rolfo,

Aproveito a ocasião da carta da sua cunhada para lhe escrever estas poucas linhas. Espero que se encontre bem de saúde no corpo e na alma. Tendo superado as primeiras dificuldades relativas ao lugar em que se encontra, sei que continuará a fazer o bem que já fazia anteriormente noutros lugares.

Avance, sempre em frente *in Domino*, recordando-se que o Senhor ajuda *et humilia respicit* [olha para os humildes], e *qui confidit in Domino non minorabitur* [quem confia no Senhor não será confundido].

A cunhada recomendou a Lucrezia de Carignano. Eu respondi que para isso era precisa a licença do Teólogo e que por isso não podia dar-lhe o dinheiro depositado que é de L. 91,55.

Fiquei com este dinheiro esperando que me dissesse você alguma coisa. A Lucrezia veio ver-me para ver se a filha, que é cega, podia ser internada nalgum Asilo. Eu sugeri-lhe que pedisse instantemente o favor ao Hospício de Carignano. Não me pediu dinheiro, e eu também lho não dei, também porque a vi vestida com um *paletó* elegante.

Falei depois com o Teólogo Borda, e ele disse-me que ela é muito ambiciosa, e quanto mais tem mais quer e mais gasta e, mais ainda, que os irmãos dela a podem ajudar naquilo de que ela precisar. Se Você quer que eu a ajude, mande-mo dizer. No entanto fico cá com a quantia de dinheiro.

Misérias deste mundo, são estas! Ainda que mais pequenas do que aquelas que agora pesam sobre nós e que são causadas pela guerra: entre estas está a partida de tantos nossos queridos para ela, e também a ocupação de parte do nosso Instituto. Reze e mande rezar pela paz. Mando-lhe a minha bênção, que é também para todos os que consigo vivem. Com afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 517-518, n.º 1065]

269

Ao P. Domingos Spinello

Turim, primeiros meses de 1917

Caro P. Spinello,

As tuas frequentes cartas espirituais trazem-me muita consolação. *Majorem non habeo gratiam, quam ut videam filios meos in veritate ambulare* [Não tenho maior graça (alegria) do que esta, saber que meus filhos andam na verdade].

É verdade que o espírito de oração e mortificação, unido a uma profunda humildade, hão de fortalecer-te e amparar-te em todos os momentos de perigo.

Por toda a parte está o Senhor Jesus com a sua graça, a graça que para ti eu sempre peço.

Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 519, n. 1066]

270

Ao P. João Mauro

Turim, depois do dia 3 de março de 1917

Caro P. Mauro,

Recebi hoje de manhã a tua carta; e agradeço ao Senhor que te conserva no teu lugar, etc. Continua a dizer sempre bem a Santa Missa sem te preocupares como a rezam os outros, deixando ou abreviando só aquilo que é permitido, por exemplo, o *Memento*.[27]

Abençoe-te S. José...

[Vol. VII, p. 520, n. 1067]

271

Aos seminaristas Mário e João Borello

Turim, depois do dia 3 de março de 1917

Caros Mário e João,

Dão-me sempre alegria as vossas cartas pelas notícias que me trazem de vocês e dos vossos irmãos. Já não podeis continuar a fazer o antigo ofício de visitantes, mas deveis continuar a fazer sempre algum coisa. Continuai... E coragem no Senhor neste mundo maligno; amparai-vos um ao outro; não andeis a pensar no mal: aborrecei-o!

Tende cuidado com a vossa saúde, especialmente tu, Mário. Gastai o que for necessário e *conveniente;* pedi, e vou mandar-vos dinheiro.

[27] *Memento*: a "lembrança" dos vivos e dos defuntos, no Cânon da Missa.

Sempre em frente... Nossa senhora da Consolata há de proteger-vos; e S. José faz depois o resto.

Abençoo-vos de todo o coração...

[Vol. VII, p. 521, n. 1068]

272

Ao P. João Chiomio

Turim, 10 de março de 1917

Caro P. Chiomio,

Chegaram as tuas últimas cartas que, como sempre, muito me agradaram. É o Senhor que te mantém firme, para poderes fazer um pouco de bem, ao menos com o exemplo.

Sempre em frente, até que a Deus agrade consolar-nos. Encomendo-te a S. José.

E abençoo-te.

[Vol. VII, p. 523, n.1069]

273

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Turim, antes do dia 15 de março de 1917

Cara Irmã Maria,

Muito alegria me dá a tua cura. Vem cá pela Festa de S. José, por exemplo no dia 16 ou 17 do corrente. Não vejo inconveniente nenhum que tu venhas sozinha. Manda dizer a que hora chegas para que alguém vá buscar-te.

Vou obter informações acerca da vida da Barrà[28] e depois vou enviar-te o resultado. Até à próxima.

[Vol. VII, p. 524, n. 1070]

[28] Barrà: = Santa Madalena Sofia Barat.

274

Ao P. José Maletto

Turim, depois do dia 19 de março de 1917

Caro P. Maletto,

Viva S. José, teu e meu Protetor; com certeza passaste a Festa fazendo um pouco de bem em paz, em santa paz. E faça-se sempre em nós a vontade de Deus... Continua a fazer sempre o trabalho da tua santificação, mas com fluidez - para o teu maior bem e o bem das almas.

Com a minha bênção.

[Vol. VII, p. 526, n. 1072]

275

Ao P. Domingos Spinello

Turim, depois de 21 de março de 1917

Caro P. Spinello,

Muito me alegrei por causa da tua visita ao Occelli e o conforto verdadeiramente fraterno que lhe prodigaste (como ele próprio me escreveu!). E muito me penou o que te aconteceu...

Coragem, coloca tudo aos pés da Cruz do Senhor para de tudo tirares proveito e mérito. Se precisares de dinheiro, escreve-me. Nós rezamos por ti à nossa querida Senhora Consolata.

Vive a Páscoa como puderes, como S. Hermenegildo. Abençoo-te de todo o coração.

[Vol. VII, p. 237, n. 1073]

276

Ao Irmão Carlos Girardi

22 de março de 1917

Caro Irmão Carlos,

Vou responder à tua carta na qual tu te declaras disposto a

fazer tudo e mais alguma coisa. Para conservar a vocação religiosa, e a ela corresponderes verdadeiramente, deves pôr em prática os seguintes pontos:

1. Obedecer de todo o coração aos Superiores e praticar todas as Regras, pedir todas as licenças tanto quando estás em casa como quando estás fora; não deves entrar em casas privadas sem prévia licença – mesmo em casa das tuas irmãs.

2. Para o juramento da pobreza deves contentar-te com o que a Comunidade dá aos seus membros: alimentos, fato, habitação, etc.; deves usar bem o tempo fazendo os trabalhos próprios dos Irmãos segundo as ordens e os desejos dos superiores.

3. Como ancião, deves dar bom exemplo aos irmãos nos exercícios de piedade, nas conversas e em tudo o resto.

Que o Senhor te faça compreender a beleza da vida religiosa quando vivida com fervor, e a consolação que sentirás no momento da tua morte. Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 528-529, n. 1074]

277

Ao seminarista José Nepote Fus

Turim, depois de 6 de abril de 1917

Caro seminarista Nepote,

A minha bênção paterna chegue a ti como sinal de consolação e de amparo, a ti que vives longe do Instituto. Coragem! Continua nesse teu bom espírito, mantendo já o teu olhar fixo na África.

[Vol. VII, p. 540, n. 1076]

278

Ao P. João Chiomio

Turim, 14 de abril de 1917

Caro P. Chiomio,

Não faltam os espinhos, mas em tudo está também o Senhor Jesus.

A ti também eu digo: Coragem! Continua a preparar-te para seres um bom apóstolo. Com a minha bênção.

[Vol. VII, p. 542, n. 1078]

279

Ao P. Vítor Sandrone

J.M.J. Turim,15 de abril de 1917

Caro P. Sandrone,

Soube pelo P. Gallea da partida da sua querida mãe [para o céu]; e como já tinha rezado antes pela sua linda alma, também já a recomendei agora a Nossa Senhora da Consolata, e continuarei a fazê-lo, também para consolação tua e da tua família.

Procura dar coragem a todos, e confortai-vos uns aos outros com as boas e santas memórias que dela tendes. Lá do Paraíso, será ela, mais ainda, vossa mãe. Também no Instituto se reza por ela. Fica em casa o tempo que pensas que é necessário e conveniente.

Abençoo-te com muito afeto...

[Vol. VII, p. 543, n. 1079]

280

Ao seminarista Eugénio Valentino Baldi

Turim, 22 de abril de 1917

Caro Baldi,

La tua última carta trouxe-me a boa notícia da tua coragem depois de teres aberto a tua alma ao confessor.

Sim, não te percas em histórias da carochinha e em coisas talvez piores. Nossa Senhora da Consolata vai ajudar-te no corpo e na alma, se a ela tu te consagrares com toda a generosidade.

Afinal, como nos aparece fugaz e insignificante esta vida presente! Não é *a carne e o sangue* [a carne e sangue] que te darão a força para cumprires a vontade de Deus para contigo,

mas o abandonar-te a Ele e a Ele consagrares toda a tua vida: só isto te levará à posse dos bens eternos.

Coragem. A minha bênção... Se precisas de alguma coisa, escreve-me.

[Vol. VII, p. 544, n. 1080]

281

Ao P. José Aimo-Boot

J.M.J. Turim, 1 maio de 1917

Caro P. Aimo-Boot,

Já não será novidade para si a dolorosa notícia da partida [morte] da sua querida mãe. Ela andava sempre um tanto adoentada, e soube que de algum tempo para cá ia piorando. Era o Senhor que a estava preparando para o Paraíso.

Tenha V. Rev.a coragem. Eu também já procurei consolar a sua família. Desde que soube a notícia da morte dela, sufraguei a alma dela, e no Instituto rezámos.

O sacrifício de V. Rev. lhe terá certamente poupado a ida da sua bela alma ao Purgatório. Coragem! A nossa Santíssima Consolata conforte e abençoe V. Rev.a.

Com muito afeto no Senhor Jesus...

[Vol. VII, p. 545, n. 1081]

282

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 16 de maio de 1917

Caro P. Costa,

Recebi a tua carta, e alegra-me que já te sintas melhor. Para continuares bem, penso que seria melhor ficares em tua casa durante a próxima semana; voltarás depois para a Festa de Pentecostes. Mas não quero que por causa da doença do teu bom prior tu te sintas cansado, e isso torne inútil este tempo de descanso.

Para nós está antes de tudo a tua caridade e a do Instituto. E aí há dois vice párocos, e há também outra paróquia... por isso não quero que te ponhas a confessar, nem que cantes Missas, especialmente a horas tardias. Se por acaso o prior piorasse, e em Turim já dizem que ele está moribundo, tu deves contentar-te em fazer visitas breves e não passares nisso horas, noites...

Pensa na finalidade da tua permanência aí, e não reduzas a metade a tua cura, raciocinando com a cabeça e não com o coração. Procura passar bem a Festa da Ascensão e a novena ao Divino Espírito Santo. Muitos cumprimentos à família.

Com muito afeto no Senhor Jesus...

[Vol. VII, p. 550, n. 1084]

283

Ao P. João Chiomio

Turim, mais ou menos no dia 18 de maio de 1917

Caro P. Chiomio,

Recebi a tua carta. Continua com paciência e terás bom proveito. Faz a Novena ao Espírito Santo para teu bem, por nosso bem e por todos os teus caros estudantes, os quais despertaram um pouco, como demonstraram os últimos exames.

Rezemos a Nossa Senhora da Consolata. Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 552, n. 1086]

284

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. Turim, 23 de maio de 1917

Caro P. Costa,

O Bom Deus vai trazer-te a nós mais são e mais robusto depois do sacrifício que fizeste durante bastante tempo. Bem-vindo a nós serás tu este próximo sábado!

Peço-te que agradeças aos teus pais, em meu nome e em nome de todo o Instituto, pela caridade que fizeram à nossa comunidade. Penso que, se racionalmente não tens medo de os ofender, deves deixar-lhes o pequeno óbolo de 50 Liras porque, nestes dias tristes, não seria honesto aproveitar-se dos suores dos outros...

Usa o resto do tempo para te restabeleceres mais ainda.

Apresenta ao Mons. Vigário os meus respeitosos cumprimentos para que possa também ele curar-se pronta e perfeitamente. *In Domino*, com muito afeto...

[Vol. VII, p. 555, n. 1087]

285

Ao P. João Mauro

Turim, princípios de junho de 1917

Caro P. Mauro,

Recebi hoje a última carta que enviaste ao Sr. Prefeito. Coragem! Esperamos que continues por enquanto por aí, se não, *Fiat*; *Domini est terra* [Que seja feito (a vontade de Deus) A terra é do Senhor].

Quanto ao Ofício, está tranquilo, faz só o que podes e não te aflijas. Mando-te frequentemente a minha bênção.

[Vol. VII, p. 559, n. 1088]

286

Ao seminarista Mário Botta

Turim, junho de 1917

Caro Botta,

estamos sempre à espera de notícias tuas, e também do caro Goletto. Coragem; a Santíssima Consolata há de conservar-te sempre na santa vocação. Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 560, n. 108]

287

Ao P. José Maletto

Turim, depois do dia 14 de junho de 1917

Caro P. Maletto,

Com certeza já soubeste pelos confrades da sorte do pobre Occelli; que vai acontecer aos outros que lutam na guerra? Rezemos. Sempre em frente cheio de coragem e comportando-te segundo as normas do costume, para poderes voltar renascido mentalmente, por assim dizer...

Abençoo-te de todo o coração...

[Vol. VII, p. 562, n. 1091]

288

Aos missionários da Consolata

Turim, 28 de junho de 1917

Caríssimos em N.S. Jesus Cristo,

Quis o Senhor enviar mais uma provação ao nosso Instituto, como faz com tantas outras Comunidades, pedindo-nos como vítima um de entre os nossos chamados para a guerra. O nosso querido seminarista Eugénio Baldi, que tinha sido ferido gravemente em combate no Vodice no dia 14 corrente, morreu agora num Pequeno Hospital. Não obstante várias pesquisas da nossa parte, não conseguimos ainda saber as circunstâncias da doença e da morte.

Com certeza que Nossa Senhora da Consolata o confortou na sua dor e, como Mãe que é, acolheu a alma dele para a levar ao Paraíso. Na sua última carta dizia-me: *"Não sei se ao receber esta minha carta eu estarei ainda vivo. De joelhos, peço-lhe a sua santa bênção"*.

Sim, sim!... A minha bênção paternal teve-a ele todos os dias, e mais do que uma vez por dia. Não é este o momento de elogiar o nosso querido confrade, o seu caráter genuíno e amável, e o

seu entusiasmo pelo seu futuro apostolado, cujo desejo aprouve ao Senhor agora premiar.

Realmente, é nosso dever rezar pela sua bendita alma, para que depressa se junte às almas dos nossos padres Manzon e Meineri, para que se tornem nossos celestes padroeiros. Devem os nossos sacerdotes aplicar uma Missa o mais depressa possível, e que todos durante nove dias ofereçam a sagrada comunhão e o terço.

A partida deste nosso caro seminarista sirva para nos acordar a todos, e a todos encher de fervor para sempre melhor corresponder à santa vocação.

Escrevia-me este nosso bom confrade Baldi no dia 17 de fevereiro: *"Vejo que a distância do Instituto em que vivo, a distância de todos os caríssimos colegas, o contínuo contato com o mundo, tudo isto enfim está a diminuir, a resfriar o meu espírito! Temo que o meu caráter, fraco mas impetuoso, se dobre diante das máximas do mundo, e que a minha vocação faça naufrágio!...»*.

Pobre Baldi, mas afortunado foi ele que reconheceu a tempo os perigos que o circundavam. Que isto sirva de lição para todos. Ai de quem deixa o fervor e deixa arrefecer o espírito de fé e *a vida interior!* Ai de quem *abandona os exercícios de piedade*, e não sente aversão ao mundo: bem depressa se dobrará diante das suas máximas, e a elas miseravelmente se sujeitará. É isto que nos diz o caro Baldi: *defunctus adhuc loquitur* [embora morto, ele ainda fala]. Escutai-o.

Abençoo-vos, e sobre todos peço que desçam os dons do Espírito Santo. Com muito afeto...

[Vol. VII, pp. 566-567, n. 1093]

289

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 13 de julho de 1917

Caro P. Costa,

Há cinco dias que me encontro neste sagrado monte, gozando duma solidão perfeita, como uma avezinha que vira e revira em

volta do centro que é Jesus Sacramentado. Durante o meu descanso, especialmente o meu descanso mental, não consigo esquecer o caro Instituto e todo os missionários efetivos ou aspirantes. Rezo por cada um deles, e não esqueço os soldados que vivem em tantos perigos.

Diz aos caros jovens que S. Inácio espera por eles, e que venham cheios dos méritos do muito esforço que fazem para bem estudarem durante este mês. Poderíamos aplicar a cada estudante o dito: *Non coronabitur nisi qui legitime certaverit* [Apenas aqueles que lutaram de acordo com as regras recebem a coroa]. E a curta vida do querido Baldi, já a escreveste e já a entregaste ao Sr. Vice-Reitor?

No segundo dia esteve cá o Carlos durante uma horazita - verdadeiro judeu errante, um infeliz sem rumo!

Tu, tem coragem, vai levando a tua cruz até que o Senhor assim o entender. *Sufficit tibi gratia D. N. J. Ch.* [A graça de nosso Senhor Jesus Cristo te basta].

Cumprimentos a todos, e para ti a minha bênção paterna. *In Domino*...

[Vol. VII, p. 573, n. 1098]

290

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 15 de julho de 1917

Caro P. Costa,

Recebeste com certeza a carta que te escrevi ontem, e eis que hoje recebo a tua. Obrigado pelas notícias.

Ao caro Manfredi vais dizer que tudo isso é uma provação da parte do Senhor. Que tenha coragem, que viva e saboreie o nosso espírito, e estude o pouco que pode, as coisas essenciais. E assim, dando tempo ao tempo, será nosso sacerdote missionário: afinal, *infirma elegit Deus* [Deus escolheu o que é fraco].

Se o P. Spinello partisse antes do meu regresso a Turim (talvez no dia 28 do corrente), poderia vir passar um dia aqui em S. Inácio, acompanhado pelo P. Dolza ou qualquer outro.

Concordo com a peregrinação ao Sagrado Coração: rezai!... Cumprimentos a todos, e a bênção de S. Inácio.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 575, n. 1099]

291

Às Irmãs Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione e Luísa Mazzia

Viva J.M.J. S. Inácio, 16 de julho de 1917

Caríssimas em N.S.J.C.,

Escrevo a vocês as duas, Superiora e Ecónoma, porque o que vou dizer pode referir-se às duas, e tudo o que interessa ao Instituto deve também interessar-vos a vós e à boa Assistente. Alegro-me com o bom andamento da comunidade, quer na piedade como nos estudos.

Parece-me que todas sofrem de um pouco de gripe, tenham cuidado com os ares, especialmente durante a noite e quando estão suadas em casa, ou quando vão a Rivoli. É preciso ver se alguma teve 'o pequeno mal' porque dormiu sem colchão. Tenho pena das três irmãs Granero porque de vez em quando uma ou outra não está bem. Até pode ser que as Josefinas, que já lá tinham duas delas, não receberam as outras por causa disso.

É preciso que se cure a Irmã Amália; e depois de usarem os remédios caseiros mais simples, se não melhorar, será preciso levá-las ao Dr. Ariotti. Uma boa transpiração ou uns bons banhos, e pronto, ela vai ficar boa.

Acerca da Ir. Rafaela, é preciso que ela seja examinada pelo Prof. Battistini, para que termine a incerteza dela e nossa. É necessário contar ao médico toda a história precedente da saúde dela. Isto é urgente, como é também urgente que melhore e se cure a Irmã Beatriz, para ficarmos tranquilos acerca de todas elas. Mas para esta basta que vá ao Dr. Ariotti. Para a Irmã Judite é preciso ver se o problema vem duma tendência negativa, senão tem de ir ver o Prof. Boccasso. A Irmã Fernanda deveria fazer o sacrifício de corrigir o seu comportamento.

Não se deve pedir ao papá que pague a despesa para aquilo que te sugeriu a Ecónoma; para coisas necessárias como esta é que há a Divina Providência.

Quanto às Irmãs é preciso analisá-las, corrigi-las, mesmo energicamente. S. Francisco de Sales diz que os superiores devem ser capazes de pensar mal; e eu digo que eles nunca pensam suficientemente mal: e isto para evitar o mal, ou o pior. Você são três, então examinai as coisas em conjunto

Penou-me a afronta feita à nossa Consolata. Não é mal que se saiba, para que por nós, seus filhos prediletos, seja reparada a ofensa por meio dos nossos sacrifícios e mortificações individuais. Deve isto ser para nós uma lição para acordarmos e nos tornarmos mais ativas; como muito bem me disse o Sr. Vice-Reitor: foi Nossa Senhora que se defendeu a si própria, e não o sacristão, o qual, tendo acordado quando tocou a campainha, logo adormeceu de novo; e os outros que já há muito tempo deixaram as campainhas a funcionarem mal... Deveria a gravidade do caso acordar as pessoas para serem mais vigilantes, duma vigilância contínua e escrupulosa!...

À Ecónoma digo que não tente fazer mais do que vê que é capaz de fazer: meça as próprias forças e não conte só com a sua boa vontade; e decida de uma vez para sempre curar-se completamente usando os remédios materiais e espirituais.

Parece-me que estou a escrever uma carta tão comprida quanto costumam ser as vossas; devia eu pensar que, quanto mais velho sou mais diminui a minha capacidade de bem escrever - e também a minha *vontade* de escrever. Escrevam muito vocês que são jovens, vá!

A minha saúde vai indo menos mal, e a perfeita solidão revigora-me, dá-me forças para superar os muitos acontecimentos pouco alegres deste ano. Dá-me vontade de dizer que procuro esquecer todos e tudo para pensar só em mim mesmo, mas realmente não é isso que faço; este beato Instituto, com todos os seus membros masculinos e femininos, sempre tão longe e tão perto de mim, está perenemente a pedir-me para que eu o ofereça ao Senhor nas minhas frequentes visitas ao Santíssimo Sacramento, e

também ali aos pés de S. Inácio. Chega, Deus do Céu!...

A minha bênção no Senhor...

[Vol. VII, pp. 579-580, n. 1101]

292

Ao P. Humberto Costa

J.M.J. S. Inácio, 25 de julho de 1917

Caro P. Costa,

Com certeza já voltaste de Costigliole para participares na triste cerimónia, dando assim um pouco de alegria ao teu bom pai...

Ainda não consegui receber notícias do P. Dolza sobre a questão da requisição dos locais ainda não acabados. Enviando esta minha carta a Lanzo, talvez cá chegue ao mesmo tempo carta do P. Dolza. Afinal estamos nas mãos de Deus: *ipsi cura est de nobis* [Ele cuida de nós]. Devemos sentir-nos conscientes do que fazemos quando trabalhamos para preparar a casa para as nossas necessidades; seja o que for, pare todo o trabalho até quando eu chegar.

Aqui, meu caríssimo, não se trata do *Amalecita*, parece-me mais o caso do Santo Job. No mesmo dia leio em *Il Momento* [jornal] a interpelação sobre o apelo dos *rendidos,* etc.; pouco depois de receber a tua carta, que me trouxeram os dois, recebo a notícia do torpedeamento; e logo a seguir chega o P. Dolza mensageiro da inquisição. O que mais me doeu foi a primeira notícia.

O resto não me afligiu, mas sempre lá disse cá para mim, e com Job: *Dominus dedit... Sit nomen Domini benedictum* [O Senhor deu... bendito seja o nome do Senhor].

Sempre em frente *in Domino: Cum infirmor, tunc potens sum* [Quando estou fraco, é quando estou forte].

Aqui vai mais uma: tal e qual como no Santuário em Turim, parece que também em S. Inácio foi tentado um furto, pois encontrámos a porta grande semiaberta e com os parafusos da fechadura partidos; aconteceu isto num domingo, durante o almoço. Nada de preocupante, afinal.

O T. Gunetti vem sábado de manhã a S. Inácio, e fica cá até que cá cheguem vocês. Tens de tu ou o P. Gallea ir combinar com ele acerca do condutor, etc.

Diz ao P. Dolza que sábado quando eu chegar à Consolata depois das 7 horas já lá esteja esteja lá ele à minha espera.

Muitos cumprimentos, e até à vista. Com afeto no Senhor...

[Vol. VII, pp. 584-585, n. 1103]

293

Ao Irmão Tiago Ronco

Turim, antes de agosto de 1917

Caro Tiagozinho,

Coragem... Continua a ir a todas as práticas de piedade, especialmente agora que tens muito tempo; e demos sempre graças ao Senhor. Com a minha bênção...

[Vol. VII; p. 588, n. 1104]

294

Ao seminarista José Nepote Fus

Turim, princípios de agosto de 1917

Caro José Nepote,

Alegra-me que cada vez estás em menos perigo, e penso que quem isso faz é a nossa e tua Consolata. A nossa boa Mãe vai continuar a proteger-te no corpo e no espírito como muito lhe peço eu.

Coragem... Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 589, n. 1105]

295

Ao Mons. Filipe Perlo

J.M.J. Turim, 20 de agosto de 1917

Caríssimo Monsenhor,

Mando este bilhete com a carta do Sr. Vice-Reitor.

Durante o ano 1918 deveriam fazer a Profissão Perpétua 12 dos nossos missionários que estão aí em África, cujos nomes aqui mando.

É preciso que, além do pedido de cada um, V. Excelência me mande a sua avaliação para que eu possa responder a cada um. Até seria conveniente, e também justo, que ao menos uma vez por ano, V. Excelência me mandasse dizer o que pensa de todos.

Acerca destes que devem fazer a Profissão Perpétua, eu não sei como é que eles passaram estes cinco anos, não sei se dão provas que vivem como bons religiosos e missionários merecedores de tal nome.

Desejo de maneira particular saber notícias do P. Bento; o fato que ele foi mudado frequentemente de estação de Missão, e também ultimamente de hospitais, leva-me a ter dúvidas sobre ele. Penso que isto seja causado por casmurrice da parte dele... Ou leviandade...

Muitos cumprimentos , com muito afeto...

[Vol. VII, pp. 596-597, n. 1108]

296

Ao Irmão Tiago Gaidano

Turim, 20 de agosto de 1917

E tu, caro Tiago, pensa muitas vezes porque deixaste tudo para te tornares santo. Com este pensamento e com a presença de Deus hás de sentir-te tranquilo e feliz em qualquer ocupação e lugar. Bem depressa chegará o dia da tua Profissão e isso eu vou comunicar ao Mons. Perlo. Coragem, não tenhas medo das tentações.

Abençoo-vos como se estivesseis aqui na minha presença, e tenho um grande desejo de vos abençoar com a bênção da nossa Consolata tal e qual como um pai que todo o bem vos deseja no Senhor. Cumprimentos a todos os sacerdotes e irmãos que aí estão. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 598, n. 1109]

297

Ao Irmão Aquilino Caneparo

Turim, 20 de agosto de 1917

Caríssimo Ir. Aquilino,

Na tua carta de 25 de junho escreveste-me palavras de consolação sobre o teu amor à perfeição. Disso me alegro. Continua com este mesmo espírito e terás aqui o cêntuplo e a vida eterna.

Gostei da sinceridade com que falaste da *nova versão dos Nos 20 e 21*. Deves saber que desde a apresentação das Constituições à Santa Sé em 1909, foi-nos ditada a necessidade daquela mudança; por isso logo eu vos escrevi acerca disso, e sei que esta minha carta foi recebida e comunicada a todos.

Realmente a diversidade consiste numa licença racional, que é absolutamente necessária à essência do voto, sem a qual, disse Roma, não se pode compreender o voto. Penso que, tornando-te religioso, a aceitaste implicitamente, e explicitamente também ao fazeres os votos em abril de 1910.

Com a experiência do passado podes ver que eu não mudei de atitude em relação aos teus interesses particulares, e tu sempre pediste a devida licença. Peço-te por isso para não falares com outros acerca das tuas dificuldades para não causares aborrecimentos insensatos.

Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 600, n. 1110]

298

À Irmã Clara Strapazzon

Viva J.M. e J. Turim, 25 de agosto de 1917

Rev. Irmã Clara,

Penso que é melhor que por agora fiques por aí. Continua a comportar-te como fizeste durante os primeiros 15 dias. Rezai muito durante as 40 Horas, que muito precisamos.

Se voltardes ao Santuário dos Lagos, agradecei em meu nome àquele bom sacerdote salesiano; e procurai saber o nome dele.

Cumprimentos a todas, e a minha bênção paterna, particularmente para ti. Com muito afeto...

[Vol. VII, p. 604, n. 1111]

299

Ao P. José Gallea

J.M.J. Turim, 1 de setembro de 1917

Caríssimo P. Gallea,

Obrigado pelas boas notícias que me mandaste, e muito especialmente pela reparação a Jesus Sacramentado. Era isso muito oportuno também por causa de todo o mal feito em Turim durante estes dias, especialmente ali perto na igreja de São Bernardino, onde gente péssima tudo destruiu, até mesmo o Divino Sacramento.

Continuai vós com esse mesmo espírito de fé, e santamente alegres também até ao fim, ou seja até sexta-feira. O P. Dolza já não vem; vem o T. Gunetti, pelo meio da semana. Vejam que fique tudo no seu lugar, e entreguem-lhe as coisas partidas.

Abençoo-vos com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 605, n. 1112]

300

À Irmã Margarida Demaria

Viva J.M.J. Turim, 7 de setembro de 1917

Querida Irmã Margarida,

Recebemos as tuas cartas, e eu recebi especialmente a nº 26, que me mandaste a mim pessoalmente.

Alegram-me as notícias do muito bem que fazem as Irmãs pelos hospitais e as muitas almas que salvam. Deo Gratias! O Senhor lhes dê muita força e as torne missionárias

verdadeiramente santas. Tenho pena que tu não estejas muito bem de saúde e, ainda por cima, tenhas de trabalhar mais por falta de pessoal. Procura ter cuidado contigo própria, e faz somente o que podes; quando acabar a guerra vão mais irmãs ajudar-vos. Acerca dos santos Votos Perpétuos, não admitirei nenhuma se não tiver informações *firmes e pormenorizadas* sobre cada uma delas.

Dada a impossibilidade de tal fazer durante este tempo de guerra, adiamos a profissão para quando eu decidir. Mais ainda, vou ver, com as autoridades eclesiásticas, se não seria melhor renovar os votos só temporariamente, por exemplo por outros cinco anos. Portanto, vais dizer às Irmãs que, sim, tenham um grande desejo de se tornarem santas missionárias, mais do que quererem imediatamente fazer os Votos Perpétuos.

Terão os mesmos méritos, e mais ainda, estarão a ser obedientes aos superiores que representam o Senhor. Isto naturalmente não se aplicaria a ti e a algumas outras; mas a 'decisão' será enviada a todas. Não é necessário dizer isto agora a todas as Irmãs. Seria melhor só mencionar a cada uma em particular que talvez seja necessário adiar a cerimónia dos Votos.

Pela tua parte, começa a preparar um relatório pormenorizado sobre cada uma das que devem professar. Apontarás de cada uma tudo que é bem e tudo o que é mal, o progresso feito e falhado durante os últimos anos.

O temperamento de cada uma e o esforço e progresso em melhorá-lo; e se prometem bem para o futuro. Deves escrever tudo, mesmo as dúvidas que tens sobre cada uma; e darás depois a tua própria avaliação de cada uma, etc. etc. Deves fazer duas cópias (se possível escritas à máquina) caso a primeira se perdesse durante a viagem. Este relatório não deves mostrá-lo a ninguém, e só a mim é que o deves enviar.

Coragem no Senhor e na bênção que te envio de todo o coração, para ti e para todas as Irmãs.

Em Jesus Cristo, vosso...

[Vol. VII, pp. 612-613. N. 1115]

301

Ao P. João Mauro

Turim, depois do dia 7 de setembro de 1917

Caro P. Mauro: O caro Miguel é bom e trabalhador; penso que se tornará um bom Irmão Leigo. Acerca do Del Marco já o Rev. Prefeito te deve ter escrito, não te preocupes. Feliz és tu que te encontras longe dos perigos. Rezemos pelos confrades que andam na guerra e pelo Instituto todo.

A nossa Consolata há de ajudar-nos.

[Vol. VII, p. 614, n. 1116]

302

Ao P. João Chiomio

Turim, setembro de 1917

Caro P. Chiomio: Alegra-me saber que estás sempre forte na santa vontade de Deus. Pois então, sempre em frente, e *omnia cooperantur in bonum* [em tudo (Deus) age para o bem]. Se ficares sempre no santo espírito eclesiástico vencerás rodas as provações [...] Rezemos.

Abençoa-te a cara Consolata.

[Vol. VII, p. 616, n. 1118]

303

Ao P. Domingos Spinello

Turim, 1 de outubro de 1917

Caro P. Spinello: Já não sei para onde escrever!... São tantos os confrades que o fazem - e *bem,* realmente! Coragem, procura ajudar quando necessário os que encontras no teu caminho e precisam de conforto e de alento.

A minha bênção.

[Vol. VII, p. 617, n. 1119]

304

Ao P. Gaudêncio Panelatti

Turim, 5 de outubro de 1917

Caríssimo P. Panelatti,

Gostei muito das tuas duas cartas, nas quais me dás noticias consolantes acerca do muito bem que fazeis nesses hospitais. O Senhor Deus vos dê força e vos ajude a trabalhar pela salvação das almas. Tudo o que tiverdes de sofrer por causa das febres e das fadigas oferecei-o pela conversão dessa pobre gente.

Procura dar ânimo e alento às boas Irmãs; as Irmãs daqui mandam-lhes cumprimentos e felicitações, e suspiram por bem depressa irem encontrá-las e ajudá-las.

E tu, continua a consolar-me com as tuas frequentes cartas, e eu abençoo-te de todo o coração daqui mesmo aos pés da SS. Consolata.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 619, n. 1121]

305

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

Data incerta

Caríssimo em N.S.J.C.,

Recebi a tua bela reportagem sobre as peripécias da Capela. Os colegas leram-me com muito gosto, e também sentiram pena... Obrigado pelos... mas ordeno-te que tenhas cuidado.

A SS. Consolata te abençoe e te ampare para manteres sempre bem alta a tua coragem.

[Vol. VII, p. 627, n. 1124]

306

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

Data incerta

Caro P. Ferrero,

Tu já compreendes o meu coração, e eu o teu.

E quanto me consolam as tuas frequentes notícias! Rezo e suspiro por uma conclusão não muito distante. Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 628, n. 1125]

307

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

Turim, antes do dia 24 de outubro de 1917

Caro P. Ferrero. Ibant gaudentes... quoniam digni habiti sunt pro nomine Jesu [Saíram felizes... da honra que lhes coube (de estarem indignados) pelo nome de Jesus]...

Coragem! Rezo muito à Santíssima Consolata.

O Senhor te ampare, e que tudo seja para a sua maior glória... O Sr. Blengini veio trazer mais 2000 Liras. Com a minha bênção.

[Vol. VII, p. 629, n. 1126]

308

Ao seminarista José Nepote Fus

Turim, antes do dia 24 de outubro de 1917

Caro Nepote,

Qual não foi a minha pena ao receber a notícia de teres de deixar o lugar onde estás para ires para...! Mas muito consolado fiquei ao receber a última carta.

A querida Consolata queria só o sacrifício da tua vontade - e pronto!... *Deo Gratias!* Coragem *in spe* [na esperança]... Eu mando-te sempre a minha bênção - e rezo.

Se precisas de dinheiro ou de qualquer outra coisa, escreve-me. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 630, n. 1127]

309

Ao seminarista José Goletto

Turim, novembro de 1917

Caro Goletto,

Durante o mês de novembro, pensa em fazer o teu Purgatório, e também em libertares do Purgatório muitas almas. E assim sentirás um pouco de conforto e alcançarás muitos méritos.

Coragem. Mando-te a minha bênção.

[Vol. VII, p. 633, n. 1129]

310

À Irmã Josefina Battaglia

Viva J.M. e J. Turim, 26 de novembro de 1917

Querida Irmã Josefina,

Muito e sempre desejo notícias tuas. A Rev. Superiora respondeu também em meu nome à tua carta; mas desde então, nada de ti recebemos. As Irmãs recordam-te frequentemente e esperam que melhores depressa. Entretanto, aceita agradecida os cuidados mais que maternos que têm para contigo os teus queridos pais e os teus bons irmãos e irmãs.

Que a Virgem Santa de Mondovì, e a Santíssima Consolata, te deem muita força, e bem depressa te curem completamente.

Muitos cumprimentos à tua família. e os meus respeitosos cumprimentos ao Sr. Prior.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VII, p. 638, n. 1132]

311

Ao P. Lourenço Sales,

J.M.J. 6 de dezembro de 1917

Caríssimo,

Já escrevi ao Monsenhor acerca do que me pediste e, naturalmente, a resposta é *affirmative* [de forma afirmativa]. E eu agora, depois de oração e reflexão, respondo também da mesma maneira.

Gostava de te dizer muitas coisas, mas é melhor não as dizer por escrito. Mas todas elas, essas coisas, acabariam por se situar no *permane* [fique firme]...

Estou convencido que o Senhor te ajudará; e tu, mantem-te certo e seguro nas decisões que eu te dei, as quais, para vergonha daquilo que me disseste, eu afirmo e confirmo. Não devemos fugir às ocasiões que temos para nos vencermos a nós próprios, mas com a graça de Deus e a nossa humilhação, por fim sairemos vencedores.

Espero que tempos e sentimentos melhores sejam expressos nas tuas longas cartas; entretanto, rezemos para que todos tenham bom espírito, e tenhamos todos muita confiança no Senhor.

Tem coragem e mantem sempre o teu olhar bem fixo no alvo. Com a minha bênção... A SS. Consolata gosta muito de ti, e te abençoa. *In Domino*, com muito afeto...

[Vol. VII, p. 663, n. 1134]

312

Ao seminarista José Nepote Fus

Turim, ante do dia 25 de dezembro de 1917

Caro Nepote,

Trememos ao pensar nas tuas aventuras! Mas a nossa Santa Mãe nos consolou. Sempre em frente, como é próprio dum

missionário...: *Capillus de capite vestro non peribit* [nem um fio de cabelo de sua cabeça perecerá].

Protetor para o ano 1918 vai ser o B. Cottolengo, mestre de abandono à divina Providência. A minha bênção...

[Vol. VII, p. 676, n. 1141]

313

Ao seminarista José Bertolino

Turim, antes do dia 25 de dezembro de 1917

Caro Bertolino: A SS. Consolata te ajude e te encha do fervor e do espírito eclesiástico. Rezo por ti.

Protetor para o ano 1918 [será] o B. Cottolengo.

[Vol. VII, p. 677, n. 1142]

314

Ao P. João Chiomio

Turim, antes do dia 25 de dezembro de 1917

Caro P. Chiomio; Penas, tribulações, e fadigas por vós sofremos... Vivo também eu a vossa vida! Tirará o Senhor o bem do menos bem, mesmo do reles. Consola-me que a SS. Consolata vos defendeu a todos. Chegará, e bem depressa, o dia em que voltareis para nós, tu e todos os outros... Rezemos, e a cabeça verguemos diante da SS. Vontade de Deus.

Festas felizes! Abençoo-te de todo o meu coração.

[Vol. VII, p. 678, n. 1143]

315

Ao P. José Maletto

Turim, depois do dia 25 de dezembro de 1917

Caro P. Maletto:

não há mais espaço [no papel]; digo-te simplesmente que deves

continuar a comportar-te: com prontidão, e com fluidez *in Domino*!

E isso deve tornar-se um estilo na tua vida.

A minha bênção.

[Vol. VII, p. 680, n. 1144]

316

Ao seminarista José Goletto

Data incerta (1917)

Caro Goletto. Muitas notícias te foram dadas certamente pelos confrades. Quero só aconselhar-te a comportar-te como verdadeiro enfermeiro, porque a tal tens direito segundo os teus superiores-médicos de Turim.

E depois, tudo *in Domino* o qual, como no passado te ajudou em tantas aventuras, também agora te sustentará, sempre e até ao fim, para te preparar para as Missões na África. Suspira por elas, e logo te hão de elas acolher!...

Há sempre tempo *coram Deo* [perante o Senhor]...

Com a minha bênção...

[Vol. VII, p. 683, n. 1145]

317

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, 4 de janeiro de 1918

Caríssima em N.S.J.C.,

Obrigado por teres pensado em mim logo no início deste novo ano. Quer isto dizer que agradeceste ao Senhor por tantas bênçãos que dele recebeste no passado, e que renovaste o teu propósito de te tornares santa, grande santa, e depressa santa. É isto que eu e todo o Instituto decidimos desde o princípio.

Ofereci à nossa cara Consolata todos estes votos e desejos incluindo, naturalmente, os teus.

Para protetor deste ano dei-vos o novo Beato, o Cottolengo, como modelo de confiança e abandono a Deus, não só nas coisas temporais

mas, e mais ainda, nas espirituais. Aí o tens, o caro Beato!... Estou convencido do teu afeto para com o Instituto, para o qual entraste de tua livre vontade, e por tua própria vontade nele já permaneceste vários anos. E isto prova que queres configurar-te ao seu espírito e às suas regras conforme tal és capaz de fazer.

E deve isto tornar-se natural para ti que, sem perderes de forma alguma o teu afeto e agradecimento aos teus bons pais e parentes, aspiras ardentemente ao dia em que, restabelecida a tua saúde, entrarás novamente para dentro das Santas Muradas, onde te esperam e desejam as outras Irmãs para, juntas, vos formardes na caridade perfeita e nas várias virtudes apostólicas.

Depois de amanhã vamos celebrar a nossa Festa Maior [Epifania], e vamos ter-te muito presente nestes momentos de santa alegria, que também tem o seu quê de tristeza por causa dos tempos que correm.

O Senhor te abençoe, a ti e a toda a tua família. No Sagrado Coração de Jesus teu com muito afeto...

[Vol. VIII, pp. 10-11, n. 1160]

318

Ao P. José Gallea

Turim, 18 de janeiro de 1918

Caro P. Gallea,

Já tentei várias vezes contatar-te por telefone, às 13h30, às 15h00, e às 15h30 e nunca houve reposta. Vejam se por acaso o auscultador do telefone não está fora do sítio.

Por causa do mau tempo não venho aí hoje à tarde: tu pega nos escritos de todos sobre o Prefeito e, diante de todos, fecha-os num envelope que me mandarás amanhã de manhã.

Diz imediatamente ao P. Dolza, ou ao P. Albertone, que mandem a minha carta aos soldados, e que onde se lê P. Meineri mencione também *o seminarista Baldi*. Experimenta tu a telefonar-me, eu estou em casa toda a tarde. Com a minha bênção.

[Vol. VIII, p. 24, n. 116]

319

Aos missionários na Itália, especialmente aos soldados

Jesus, Maria, José

Circular n. 3 Turim, 18 de janeiro de 1918

Caríssimos em N.S.J.C.,

Uma gravíssima perda feriu o nosso Instituo. O querido e venerado Prefeito P. Costa partiu de nós para o Paraíso, quarta-feira às 8h00, depois duma curta doença. Só no sábado sentiu uma nevralgia na face, que ele curou com os remédios ordinários sugeridos pelo médico, continuando a cumprir os seus deveres. Terça-feira às nove celebrou a Santa Missa, que afinal lhe serviu de Viático para a eternidade. Voltou para a cama às 15h00 e adormeceu para não mais dar sinais de vida, e morreu acometido por uma congestão cerebral.

Assistido amorosamente pelos Confrades e as Irmãs, pelo Teólogo Gunetti e pelo Cón. Baravalle da Consolata, expirou nos meus braços às 8h00 de quarta-feira dia 16 do corrente. Tinha apenas 32 anos; ainda que não fosse muito robusto de saúde, pela grande energia da sua vontade dirigia com constância e ardor a Comunidade à qual se tinha totalmente consagrado.

É impossível compreender a nossa dor!... Depois de tantas provações a que agradou ao Senhor sujeitar o nosso Instituto nestes últimos tempos, especialmente a vossa vida longe de nós, não esperávamos este dolorosíssimo acontecimento.

E, no entanto, *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum!* [Você é justo, Senhor, e justo em seus julgamentos]. O Instituto é, ele todo, obra de Deus, desde o seu nascimento e para sempre, e o Senhor tem-lhe mostrado muito amor, mesmo por meio de graças muito especiais.

Quis porventura o Senhor castigar-nos por falta de correspondência da nossa parte? Não creio, estou convencido que não porque, não obstante as misérias humanas, todos vós vos comportais com espírito religioso, mesmo no meio dos maiores perigos, e procurais viver como dignos aspirantes às santas Missões.

Com certeza que o Senhor o considerou já maduro para o Paraíso, e quis premiar aquele que dele foi servo fiel e prudente, e que em poucos anos *explevit tempora multa* [alcançou a plenitude de uma vida inteira]. Foi transportado para o Céu para que, com os caros padres Manzon e Meineri e o sem. Baldi, tivéssemos outro protetor. Ele, que tão bem conheceu as necessidades da nossa família, há de obter par nós, junto do trono de Deus, o conforto e as graças necessárias para que o Instituto possa caminhar santamente pelo caminho da perfeição a que é chamado.

Consciente da minha fraqueza e da do Sr. Vice-Reitor em suportar este grave peso, vai ele obter para nós da Virgem Maria a força e a graça para não sucumbirmos, e modelar em vós todos um coração dócil que vos ajudará a bem cumprir os vossos deveres; e há de consolar-nos com a vossa perfeita obediência aos nossos desejos.

Não posso neste momento falar-vos como devido das virtudes deste nosso muito amado confrade, que todos vós conhecestes e estimastes, tal como nós. Convido-vos a rezar por ele segundo nos mandam as nossas Constituições, recordando-o nas santas Missas e Comunhões e rezando nove vezes pelo seu descanso eterno a terça parte do S. Rosário.

Console-vos a nossa querida Consolata, como eu a seus pés a imploro. Com muito afeto em N.S.J.C.…

[Vol. VIII, pp. 26-27, n. 1168]

320

Aos missionários e missionárias da África

Justus es, Domine, et rectum judicium tuum. Ps. CXVIII, 137.
[Você é justo, Senhor, e justo em seus julgamentos]

JESUS, MARIA, JOSEPH. Turim, 18 de janeiro de 1918

A todos e todas vós, caríssimos em N.S.J.C.,

Uma perda gravíssima se abateu sobre o nosso Instituto.

O querido e piíssimo Prefeito, P. Costa, deixou-nos para ir para o Paraíso, depois duma curta doença. Só sábado acusou uma nevralgia na face, que curou com os remédios ordinários, também sugeridos pelo médico, sem deixar de cumprir os seus deveres. Terça-feira às 9h00 celebrou a Santa Missa, que afinal devia servir-lhe de Sagrado Viático para a eternidade. Voltou para a cama pelas 15h00, adormeceu e não mais acordou, sem dar sinal algum de vida, vítima duma congestão cerebral.

Assistido amorosamente pelos Confrades e pelas Irmãs, expirou serenamente nos meus braços às 8h00 do dia 16 do corrente. Tinha apenas 32 anos. A sua saúde não era muito forte mas, com muita energia e força de vontade, dirigia a Comunidade com constância e muito entusiasmo, ele que à Comunidade consagrara totalmente a sua vida.

Certamente podeis compreender a nossa dor!... Depois de tantas provas a que agradou ao Senhor submeter o Instituto nestes últimos tempos, especialmente pela partida de muitos dos nossos membros para a vida militar, não esperávamos esta prova dolorosíssima. E, no entanto, *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum!* [Você é justo, Senhor, e justo em seus julgamentos].

O Instituto é, todo ele, obra de Deus desde o seu nascimento, agora e para sempre. E por ele mostrou o Senhor a sua predileção por meio de muitas graças, mesmo graças de todo especiais. Terá sido a nossa falta de correspondência que levou Deus a castigar-nos com perda tão grave? Não creio; pelo contrário, estou convencido que não; porque, não obstante as misérias humanas, todos e todas vós continuais com bom espírito e com zelo a trabalhar nas antigas e novas obras de apostolado; e até mesmo os chamados às armas, ainda que atravessem maiores perigos, se comportam como verdadeiros religiosos e aspirantes às santas Missões.

Certamente que o Senhor Deus viu que o nosso P. Costa estava maduro para o Paraíso, e quis assim premiar aquele que sempre foi seu servo fiel e prudente, aquele que em poucos anos *explevit tempora multa* [cumprido há muito tempo].

Foi levado para o Céu para, com os padres Manzon e Meineri e o seminarista Baldi, se tornar nosso seguro protetor. Ele, que

tão bem conheceu as necessidades da nossa família, vai obter para nós o conforto e as graças necessárias para que todos os membros do Instituto possam caminhar santamente no caminho da perfeição à qual são chamados.

Bem consciente da minha fraqueza e da do Sr. Vice-Reitor ao carregarmos este grande peso, vai ele obter-nos de Maria Santíssima a força e a graça para não desfalecermos, e vai dar a todos-todas um *coração dócil* para nos ajudar a bem cumprirmos os nossos deveres, e a consolar-nos com a vossa perfeita obediência aos nossos desejos.

Não posso por agora alongar-me a falar-vos das virtudes do nosso muito amado confrade que, sem dúvida, vós mesmos conhecestes e apreciastes tal e qual como eu. Convido-vos, porém, a rezar por ele conforme exigem as nossas Constituições, recordando-o na Santa Missa e na comunhão e rezando nove vezes a terceira parte do Rosário pela sua santa alma.

Console-vos a nossa querida Consolata, como eu lhe peço junto ao seu altar. Vosso com muito afeto, no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 29-31, n. 1169]

321

À Irmã Josefina Battaglia

V.J.M.J Turim, 19 de janeiro de 1918

O CÔNEGO JOSÉ ALLAMANO

agradece à boa Ir. Josefina por se unir à dor do nosso Instituto. Para o bom P. Costa foi um lindo dia o da sua morte porque foi receber o prémio das suas fadigas que suportou unicamente para a glória de Deus... Foi para nós uma grande perda a sua morte, mas não foi perda nenhuma aos olhos da fé. Fiat!

Envio uma pequena 'carta de família' que mandámos aos nossos soldados, e que provavelmente gostarás de ler, pois ela te levará a viver mentalmente na Casa a que está apegado o teu coração, e onde te esperamos quando estarás completamente restabelecida da tua doença.

Com a minha bênção e com muito afeto no Senhor...
E muitos cumprimentos a toda a tua família.

[Vol. VIII, p. 38, n. 1179]

322

Ao P. José Gallea

22 de janeiro de 1918

Caro P. Gallea,

Amanhã é o oitavo dia da morte do nosso caro Prefeito. Penso que seria bom celebrá-lo solenemente: em vez de simplesmente haver a Missa normal da Comunidade, celebrar este dia com a presença das Irmãs e de toda a Comunidade. Se pensas que seria melhor cantá-la noutra ocasião, não há problema. Mas convidem as Irmãs.

Se continuar este mau tempo, não se faz o passeio. Eu espero ir aí à tarde. Deus vos abençoe.

[Vol. VIII, p. 47, n. 1174]

323

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

Turim, depois do dia 22 de janeiro de 1918

Caro P. Ferrero,

Obrigado por sempre tomares parte nas minhas penas, e também na minha alegria. Não que eu queira adicionar para vós tristeza sobre tristeza: *afflicto ne adas moerorem* [não adicione tristeza a alguém em aflição], e vós, dores já tendes que chegue.

E eu posso afirmar que vivo numa paz perfeita, totalmente abandonado à vontade de Deus, e ainda por cima tenho boa saúde. Nossa Senhora da Consolata lá está a proteger os seus caros missionários, e de muito mal vai tirar para nós muito bem.

Coragem *in Domino*. Mando-te uma bênção toda particular...

[Vol. VIII, p. 53, n. 1175]

324

Ao P. João Mauro

J.M.J. Turim, 16 de fevereiro de 1918

Caro P. Mauro,

Gosto imenso das tuas cartas e tenho sede?[29] que me escrevam alguma também o P. Garrone e o seminarista Sciolla. Continua sempre assim. Eu, pela minha parte, nem sempre posso responder.

Continuai a viver do Instituto, quer dizer, vivei sempre no seu espírito; e interrogai-vos frequentemente sobre o que eu vos diria se estivesse convosco. Muita sorte tereis vós se quando voltardes, e esperamos que seja bem depressa, estejais carregadinhos dos méritos que os vossos sacrifícios obtiveram de Deus. E tenhais também tirado proveito espiritual mesmo das misérias humanas. Pensai bem: *sou missionário, por isso quero ter um espírito missionário!*

Não se chateiem por causa do futuro, ou de serdes mudados do departamento da saúde: por agora isso não está em causa, e precisam de muitos nesse departamento. Esperamos ansiosos pela vossa licença temporária. Se não puderes vir em breve, escreve para casa a dizer que mandem cá o teu irmão.

Abençoo-vos todos paternalmente, e encomendo-vos sempre à nossa querida Nossa Senhora da Consolata.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 64-65, n. 1179]

325

À Irmã Josefina Battaglia

V.J.M.J. Turim, 3 de março de 1918

Rev. Ir. Josefina,

Obrigado pela notícia das tuas melhoras, e continuo a rezar a

[29] O ponto de interrogação é de José Allamano.

S. José pela tua cura. O meu desejo, e o de todas as Irmãs, seria que tu já estivesses connosco para celebramos juntos a Festa de S. José. Mas tu deves cumprir à letra as ordens do médico e obedecer ao que te dizem os teus pais.

Aprovo a leitura das obras de Stª Teresa; hão de ser uma ajuda para te formares mais solidamente na virtude da magnanimidade e no espírito de sacrifício, virtudes muito necessárias para seres uma verdadeira missionária. Por isso, coragem, vive no mundo somente com o corpo, mas a tua alma, que ela avance sempre para onde te conduz a insigne graça da vocação.

Vamos continuar a rezar pelos teus irmãos, especialmente para que o Paulo seja declarado 'dispensado'. Apresenta os nossos cumprimentos a toda a tua família, em nome também do Sr. Vice-Reitor. Abençoo-te paternalmente, com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 92, n. 1185]

326

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, 17 de abril de 1918

Cara Irmã Josefina,

Muito me alegra a tua cura, e rezo a Nossa Senhora da Consolata para que ela a consolide completamente. Agora já só te falta voltar ao querido ninho, onde todas as tuas Irmãs te esperam, pensando mesmo que longa demais foi já a tua ausência. Esperamos que venhas para começares a celebrar connosco o mês de S. José, durante o qual vamos fazer os santos Exercício Espirituais.

Agradece também em meu nome aos teus amados pais e às tuas irmãs pelos muitos cuidados que tiveram contigo, que são realmente uma caridade feita para bem do Instituto.

Abençoo-te com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 104-105, n. 1189]

327

Aos missionários soldados

Turim, fins de maio de 1918

Muito amados filhos no Senhor,

Aos meus diletos filhos militarizados seja bem-vinda a afetuosa saudação do seu Pai e Reitor, e seja para eles causa de coragem e de conforto nas dificuldades da vida militar.

Encomendo-vos todos a Nossa Senhora da Consolata para que, compreendendo todos o bem que é a vocação, conserveis sempre bem forte o espírito apostólico, e ao mesmo tempo cumprais os vossos deveres para com a Pátria.

Meditai sempre no que dizia o nosso Venerável Cafasso do sacerdote, isto é, que "o apóstolo deve ser um homem totalmente diverso dos outros homens no seu comportamento e nos seus costumes, como já o é pela sua dignidade e a sua vocação".

Abençoe-vos e proteja-vos Nossa Senhora da Consolata.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. VIII, p. 137, n. 1198]

328

Aos missionários soldados

Turim, fins de maio de 1918

Aos caríssimos missionários soldados,

Benedictus Dominus, qui consolatur nos in omni tribulatione nostra [Bendito seja o Senhor que nos consola em todas as nossas tribulações]. Muito tiveram de sofrer o nosso Instituto e as nossas Missões pelas muitas partidas de missionários nossos para o serviço da pátria.

Dignou-se, porém, o Senhor de nos consolar deixando-nos alguns para trabalharem aqui na Casa Mãe, e agora dá-nos a alegria de voltarem para nós quatro anciãos já

destinados a socorrer os nossos missionários no Quénia e no Kaffa.

Enquanto por um lado dizemos obrigado às autoridades civis e militares por tão singular benefício, agradecemos também penhorados a Deus que nos consola com esta doce repatriação, e rezamos à nossa querida Consolata para que acelere o lindo dia em que voltem todos os nossos confrades ao Instituto e ao coração do seu Reitor!

[Vol. VIII, p. 138-139, n. 1199]

329

Ao Mons. Gaudêncio Barlassina

J.M.J. Turim, 10 de junho de 1918

Caríssimo Monsenhor,

Li e reli todas as tuas cartas que escreveste a mim e ao Sr. Vice-Reitor. Bem se vê nelas a tua intenção de consolidar a vossa posição materialmente falando, enquanto esperais o tempo da consolidação espiritual. É nosso compromisso dar-vos apoio e ajudar-vos com a nossa experiência.

É neste espírito que deves receber e ler as cartas do Sr. Vice-Reitor, ele que, como bem sabes, tem muita experiência nestas coisas e compreende bem as tuas preocupações.

Duas coisas deves sempre recordar:

1. Que a Congregação da S. Propaganda proíbe que se faça comércio; e nós não lhe devemos nem lhe queremos desobedecer. O Senhor há de premiar esta nossa obediência. Põe, portanto, em prática as diretivas do Sr. Vice-Reitor.

2. Não deves entregar-te a demasiadas obras industriais, as quais são só promessas; aceita as poucas que por agora sejam realizáveis e frutíferas, deixando para o futuro outras que sejam porventura dispendiosas demais, e também inconvenientes porque sois poucos e, por agora, ainda inexperientes.

No que diz respeito ao dinheiro, sabes que não te negamos o necessário segundo as nossas possibilidades, e que te tratamos como

fizemos às Missões do Quénia, e melhor ainda se Deus quiser. Mas não podemos permitir que se façam grandes despesas sem a certeza de bom resultado, e também por outros motivos que já te disse o Sr. Vice-Reitor. É mister viverdes agora num círculo restrito, ainda que isso signifique perder alguma maior vantagem.

Dizes-me que te sentes inspirado no que fazes, e até mesmo apelas ao tribunal de Deus, por assim dizer. O melhor apelo, e o caminho mais seguro segundo a vontade de Deus, é o da obediência, e não o próprio juízo e inspiração. O que é certo é que nunca te arrependerás por teres retardado qualquer progresso porque os superiores o não aceitaram. Somos também nós pelo progresso, mas com prudência e segundo as diretivas da S. Propaganda.

Os meus cumprimentos e felicitações ao caro [Irmão] Carlos [Angrisani]. Sim, tende coragem!... E a minha bênção para todos. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. VIII, pp. 139-140, n. 1200]

330

Aos missionários soldados

Turim, 16 de junho de 1918

Muito amados no Senhor!

A nossa querida Mãe Consolata, no dia da sua festa vai abençoar e confortar todos os que a ela recorrem. Mas de maneira toda particular vai pousar os seu maternal olhar sobre os seus queridos filhos que se esforçam por sempre, e de todo o coração, respeitar o Seu nome.

"*Ave spes, consolatio, refugium nostrum, O Maria; Beata tu fidei nostrae; Beata tu animae nostrae; Beata dilectioni nostrae; Beata praeconiis et benedictionibus nostris.*"[30]

[Vol. VIII, p. 147, n. 1203]

[30] "Salve, ó esperança, consolação, nosso refúgio, ó Maria; Bendita és por nossa confiança; Bendita por nossos pensamentos; Bendita por nossos afetos; Bendida por nossos louvores e bênçãos" (Antífona do *Benedictus*, no Ofício da festa).

331

À Ir. Josefina Battaglia

Turim, 26 e junho de 1918

Rev. Irmã Josefina,

Agora que já passou a Festa de Nossa Senhora da Consolata, repondo, em poucas palavras, às tuas cartas.

Espero que te encontres agora melhor corporalmente e espiritualmente, segundo o que por ti sempre peço na Missa. Não deves ver tudo escuro, deves caminhar para a frente com simplicidade e abandono à santa vontade de Deus. Ninguém duvida das tuas boas disposições. As tuas Irmãs estimam-te, e desejam que voltes sã e santa ao Instituto.

Mas procura andar calma e serena, sempre com o cuidado de usares todas as curas para depressa ficares boa: É esta a razão porque estás longe de nós e do afeto da tua família.

Sim, vai chegar o lindo dia de voltares para nós. Para nós o tempo passa depressa; não penses que te esquecemos porque não te escrevemos muitas vezes. Não duvides que rezamos por ti muitas vezes.

Cumprimentos aos teus pais e ao Sr. Prior. Teu com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 148, n. 1204]

332

Ao P. Lourenço Sales

Data incerta

Caro. P. Sales: lamentas-te que não te escrevo longas cartas. Sabes bem que bem pouco é o meu tempo, dividido como ele tem de ser por tantos e tantas coisas. E afinal tu já compreendes os meus desejos e a minha vontade.

Escreve, não faltes...

[Vol. VIII, p. 149, n. 1205]

333

Ao P. Lourenço Sales

data incerta

Caro P. Sales,

Escrevo pouco, mas já tens um bom volume de cartas minhas. Recorda-te que conversamos os dois no Senhor, e que afinal são sempre as mesmas palavras bem revalidadas:

Com muito afeto…

[Vol. VIII, p. 150, n. 1206]

334

Ao seminarista José Nepote Fus

data incerta

Caro seminarista José Nepote.

Nossa Senhora da Consolata vai continuar a dar-te a sua bênção e a consolar-te, como eu lhe peço todos os dias.

Sempre em frente, com bom espírito; e os santos Anjos, o teu pessoal e o do Instituto, te ajudarão a sempre mais te santificares…

[Vol. VIII, p. 151, n. 1207]

335

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

Turim, 3 de julho de 1918

Caríssimo P. Ferrero,

Vou responder imediatamente à tua carta que recebi ontem. Primeiro, agradeço-te pela clareza com que me abres o coração, mesmo sabendo que tal abertura me poderia trazer alguma pena. Sim, meu caro amigo, eu vivo em mim as provações por que passas, elas doem-me e eu muito desejaria delas te libertar…

Não podendo por agora fazer mais, vou rezar mais ainda por ti à

nossa querida Mãe, e a ela para ti pedirei a virtude da fortaleza e o heroísmo dos mártires. Abriga-te nos seus braços, e ela há de consolar-te, e há de transformar o teu luto em gáudio; bem saberá ela converter em bem o teu mal e a tua humilhação.

Pensa muito que muito estou eu perto de ti para te confortar. Continua a escrever-me, mas sempre dizendo a verdade, e toda a verdade!... Coragem. Procura imaginar tudo aquilo que eu desejaria dizer-te. Abençoo-te de todo o coração e com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 154, n. 1210]

336

Aos missionários soldados

Turim, 7 de julho de 1918

Caríssimos em N.S.J.C.,

Estamos já no mês de julho, mês que a piedade dos fiéis consagra ao Preciosíssimo Sangue de N. S. Jesus Cristo. Este sangue divino *emundat nos ab omni peccato* [nos purifica de todo pecado]*;* muito disso precisa o mundo, e cada um de nós em particular.

É esse sangue que nos dá força nos momentos de luta e de dor da nossa vida. E é pelos méritos desse mesmo sangue que salvaremos muitas almas e para nós ganharemos um lindo Paraíso.

Tende-lhe devoção rezando muitas vezes a seguinte jaculatória: "Pai Eterno, ofereço-vos o preciosíssimo sangue do vosso Filho Jesus Cristo, para perdão dos meus pecados e pelas necessidades da Santa Igreja".

[Vol. VIII, p. 159, n. 1211]

337

Aos missionários soldados

Turim, antes do dia 26 de julho de 1918

Caríssimos em N.S. Jesus Cristo,

Certamente recordais os lindos dias passados no Santuário de S. Inácio, dias de consolação para a alma e para o corpo.

Agora lá longe, não se esqueçam que os vossos confrades muito vos recordam e por vós rezam. E vós procurai recordar a majestosa figura do Santo, e lede, com a mente e o coração, as palavras que lá estão escritas: *Ad majorem Dei gloriam* [para maior glória de Deus].

Dizei também vós: Sim, seja tudo para a glória, a maior glória de Deus: pensamentos, afetos, cada palavra, todas as ações, e muito especialmente os vossos muito sacrifícios - tudo seja enviado a Deus para que o Senhor seja sempre glorificado na vossa vida presente; e que pelos méritos dos vossos sofrimentos muitas almas se salvem na África.

Com a minha bênção...

[Vol. VIII, p. 168, n. 1215]

338

À Ir. Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

S. Inácio, julho de 1918

Mui Rev. Superiora,

Concordo com a opinião da Irmã Assistente. Rezemos e, quando eu voltar, vamos decidir.

Eu encontro-me bem e procuro respirar o ar fresco para depois o levar para Turim. Encomendo-te a ti e as tuas intenções a S. Inácio, e pelas queridas Irmãs rezo para que tenham um verdadeiro espírito de pureza de intenção e de zelo para a maior *glória de Deus*.

Abençoo-vos de todo o coração, com muito afeto em Jesus Cristo...

[Vol. VIII, p.172, n. 1218]

339

Aos missionários soldados

S. Inácio, fins de julho--inícios de agosto de 1918

Podíamos chamar o mês de agosto o segundo mês de Maria. No dia 15 celebramos a Festa da *Assunção,* a primeira festa da SS. Virgem Maria: *Inter festivitates ejus habet quandam excellentiam* [Tra le sue feste, ha una certa eccellenza] (Suarez).

Seria bom passar os primeiros 15 dias do mês a bem nos prepararmo para a Festa, e os outros como agradecimento. É uma prática piedosa rezar todos os dias doze Ave Marias para honrar as doze estrelas com as quais foi ela coroada no Céu;

estrelas que significam as doze virtudes que de maneira particular na sua vida brilharam e que nós, como seus dignos filhos, devemos praticar para a imitar.

[Vol. VIII, p. 173, n. 1219]

340

Ao seminarista Júlio Peyrani

Turim, 7 de agosto de 1918

Caro Júlio,

Obrigado pelas tuas cartas que todos nós desejamos muito receber. Podes gastar segundo as necessidades. No que respeita a vida espiritual, mantém-te unido a Deus, e ele há de proteger-te. Os teus colegas e os estudantes estão em S. Inácio e, se merecerem os dons da Divina Providência, por lá ficarão o mês inteiro.

O teu bom pai, sempre cheio de generosidade, decidiu oferecer-nos farinha de milho. Mandou também algumas coisas para ti, as quais, não podendo eu mandá-las a ti, servirão aqui para uso dos teus confrades.

Coragem *in Domino,* com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 178, n. 1221]

341

Ao P. Vitório Sandrone,

J.M.J. Turim, 8 de agosto de 1918

Caro P. Sandrone,

Recebi o teu postal-vale de 50 Liras. Louvo o teu afeto pelo Instituto, ajudam-me muito as ofertas para pagar as despesas ingentes, cada vez maiores. Mas tu, procura tratar-te bem, e sustentar também o caro António.

Por aqui nada de novo, exceto que o P. Chiomio anda um pouco indisposto. A comunidade está quase toda em S. Inácio, tudo tem de ser para lá mandado, até mesmo o pão. É preciso paciência!

Coragem *in Domino*.

Abençoo-vos com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 179, n. 1222]

342

Ao P. Pedro Albertone

J.M.J. Turim, 26 de agosto de 1918

Caríssimo em N.S. Jesus Cristo,

Penso que depois desses primeiros dias de fraqueza já estarás restabelecido, e que vais ganhando cada vez mais forças. É este o fim porque foste para essa terra: para que consigas plenamente a cura. Não vejo nenhuma dificuldade que por aí fiques até depois da festa da Natividade (de Maria) e mesmo até depois do dia 15: mas não ficas aí por causa das homilias de que me falas: podes aceitar de as fazer se não vão contra a finalidade destas tuas férias.

Recebeste com certeza notícias acerca do Instituto pelo P. Gallea, que está em S. Inácio, e que eu encarreguei de te escrever. O Senhor ama-nos e cuida de nós nestes tempos tristes. Mas nós devemos merecer a sua proteção especial, tanto para o corporal como pra o espiritual.

In Domino, sempre em frente para melhor poderes ser útil a ti próprio e à Casa.

Abençoo-te com afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 184-185, n. 1224]

343

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, 30 de agosto de 1918

Rev. Irmã Josefina,

Voltando a S. Inácio encontrei o teu postal. E, pelo que li, parece-me que não estás ainda completamente restabelecida. Continua a usufruir de todos os cuidados que te oferecem os teus bons pais e parentes, e em particular procura aproveitar esses bons ares daí.

Numa carta mais comprida diz-me todos os pormenores mais explicitamente. E muita coragem!... As Irmãs recordam-te sempre e sempre por ti rezam.

Com afeto...

[Vol. III, p.187, n. 1226]

344

Ao P. José Gallea

J.M.J. Turim, 2 de setembro de 1918

Caro P. Gallea,

Recebi a tua carta de sábado. Pequenas misérias que têm a sua origem também na necessidade de mudança; portanto, partam sexta-feira de manhã. Primeiramente, que fique tudo bem no seu lugar, incluindo a sacristia e a igreja. Ao ecónomo entrega a lista das coisas partidas. Ninguém leve absolutamente nada de S. Inácio. Agradece ao prior oferecendo-lhe meio quilo de café.

O P. Maletto e o seminarista já não vêm, dado que morreu a

irmã, já a não viu viva; voltarão de casa hoje ou amanhã. Sábado vamos convidar os confessores para virem ao Instituto.

Chegou um telegrama e uma carta do capelão do Hospital de Mondovì pedindo ao Marcelino que fosse visitar o irmão soldado que está doente de *tifo, doença bastante grave*. Pensei melhor não te dizer nada; depois em Turim veremos o que é melhor fazer. Eu não vejo necessidade de mandar um rapaz a casa por este motivo, até porque haveria o perigo de contrair o mesmo mal.

Nada mais. Vão com a bênção de S. Inácio. Vai chegar aqui o Ecónomo, a quem direi para não fazerem mais trabalhos na estrada.

[Vol. VIII, p. 188, n. 1227]

345

Ao P. Tomás Gays

Turim, 2 de setembro de 1918

Caríssimo P. Gays,

Recebi há pouco tempo as suas duas cartas de fevereiro e de maio. Obrigado pelas lindas expressões de pêsames pela partida do P. Costa. É verdade que o Instituto sofreu uma grande perda, pois muito bem fazia ele pela formação de jovens missionários; e depois, para nós idosos, era ele um grande apoio porque o seu espírito vivia em perfeita harmonia com o nosso. Mas *fiat voluntas Dei* [a vontade de Deus seja feita]. Lá do Céu, pelo grande amor que tinha ao Instituto, continuará a proteger-nos, e há de obter para nós muitas graças para podermos cumprir a nossa missão.

Gostei muito da sua primeira carta que recebi pouco depois da segunda. Mas fiquei admirado com o seu conteúdo. Porque depois de agradecer ao Senhor a grande vocação que lhe deu, passa V. Rev.a a pedir desculpa e perdão.

Francamente, não percebo. Você foi sempre respeitoso para comigo e para com o Sr. Vice-Reitor. E o Mons. Perlo sempre falou de V. Rev.a com grande admiração, por exemplo quando V. Rev.a se demitiu de superior: a isso ele se opôs com toda a força, até

mesmo escrevendo-me a dizer que não aceitasse eu tal demissão. E foi também o Monsenhor que me escreveu dizendo que quando houve quem sugerisse que se formasse um governo (para as Missões), foi V. Rev.a que se opôs com toda a força e falou da ingratidão e da estultícia deles.

Sempre V. Rev.a usou todas as suas forças para o bem e o progresso das Missões, especialmente no que respeita a importantíssima formação de catequistas. O bem que fez sem barulho nem abrilhantamentos, esse sim, o Senhor bem o viu, e também eu e o Sr. Vice-Reitor sempre muito o apreciámos.

Nem todos são feitos para trabalhar correndo seca e meca, mas cada um tem o seu modo de bem fazer e bem operar segundo as suas próprias forças e vocação.

Para concluir, saiba que nada temos a perdoar-lhe, pelo contrário, muito temos a agradecer-lhe em nome de Deus, pela honra e glória de quem tem o reverendo padre tantos anos trabalhado. Coloque-se V. Rev.a na santa indiferença no que respeita o que o Senhor quererá de si no futuro.

Como desde o princípio, talvez só a si tenha eu aberto o meu coração ao dizer-lhe que, um vez fundado o Instituto, eu o teria depois assistido como padrinho (algo que no coração recordo!); e a isso se referem certas palavras que foram publicadas, mesmo contra minha vontade, na carta sobre a *Pobreza*; e a este futuro continuo a pensar…

Por agora nada mais lhe posso dizer senão: rezemos! Envio-lhe a bênção da nossa querida Consolata, e seu me considero com muito afeto no Senhor…

[Vol. VIII, pp. 190-191, n. 1228]

346

Aos missionários soldados

Turim, 18 de setembro de 1918

Caríssimos em N. S. Jesus Cristo,

Está a chegar a novena e depois o mês consagrado aos Santos Anjos da Guarda, e eu exorto-vos, com S. Bernardo, a terdes por

eles devoção, reverência e confiança: *"Reverentiam pro praesentia, devotionem pro benevolentia, fiduciam pro custodia"* [Reverência pela presença, devoção pela benevolência, confiança pela segurança].

Recorrei frequentemente ao vosso Anjo da Guarda; ele há de amparar-vos nas tentações e nas tribulações; ele há de reconduzir-vos sãos de corpo e alma ao muito amado Instituto.

[Vol. VIII, p.193, n. 1229]

347

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, 24 de setembro de 1918

Rev. Irmã Josefina,

Muito me alegraram as boas notícias que me deste primeiro num postal e depois numa carta que me escreveste. A mudança da tua atitude, da tua maneira de ver a vida, é verdadeiramente uma graça de Deus. E isso vai dar-te muita força para continuares na tua santa vocação.

Durante a novena ao Anjo da Guarda e durante todo o mês de outubro, reza-lhe para que ele te ajude a tornar mais constante a tua vontade.

Agora, para concretizares e consolidares a tua cura corporal, eu penso que seria bom prolongares a tua permanência aí onde estás até depois da vindima, como aliás é desejo do teu pai. Mais ainda, quero que os médicos se convençam que tu estás verdadeiramente curada. E se por acaso fosse necessária alguma pequena operação tu deves aceitar de a fazer. A tua Superiora, depois de fazer a operação que sugeriu o Prof. Boccasso, tem-se sempre sentido muito bem de saúde.

Muita coragem, e abandona-te à Divina Providência e à vontade de Deus. Muitos cumprimentos à tua família e ao Sr. Prior. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 194, n. 1230]

348

Ao Mons. Filipe Perlo

Turim, 27 de setembro de 1918

[...] Quero recordar-lhe o que já lhe escrevi ultimamente, isto é, que V. Excel. tenha a bondade de me mandar de vez em quando o seu juízo sobre todos e todas (missionários e missionárias), especialmente antes da Profissão. A mim não me basta o seu silêncio.

E isto é o seu dever, porque é V. Excel. que os tem às suas ordens, que os vê e ouve o que dizem. Eu pouco ou nada sei depois de tantos anos de ausência deles, ou só por meio de cartas individuais que me escrevem que pouco ou nada dizem, e que por vezes nem a verdade dizem. Disso preciso eu, também para bem decidir acerca das destinações de missionários no futuro. É verdade que estamos em tempos de censura, mas pode escrever-se sem mencionar os nomes dos indivíduos, mas só dizendo, por exemplo, o nº da roupa de cada um ou outras coisas assim.

Faça isto, por favor, é o seu dever.

Os dois professos: Maraviglia e Ciravegna. [31]

Protetor: B[eata] M[argarida] Alacoque.

[Vol. VIII, p. 195, n. 1231]

349

Aos missionários professos perpétuos em 1918

Turim, 27 de setembro de 1918

Caríssimos em N.S.J.C.,

Não podendo escrever a cada um de vós em particular, digo-vos que muito me alegro com todos vós que já fizestes, ou fareis este ano, os Votos Perpétuos. Pelo bom número de professos que sois[32],

[31] O significado da frase é: em particular, expresse sua opinião sobre os padres G. Maraviglia e Ciravegna, que devem fazer seus votos perpétuos em 1919.

[32] Na África eram dez: cinco sacerdotes e cinco Irmãos.

constituís vós um ano excecional para o nosso Instituto e contribuís assim admiravelmente para a sua consolidação. Alegro-me por todo o bem que sois e fazeis pela nossas Missões.

No dia solene da vossa Profissão renovastes, ou renovareis, a vontade firme de viver como missionários santos por meio da observância dos três Votos e do Regulamento. Se assim vos comportardes, vivereis contentes durante esta breve vida, e conquistareis para vós mesmos o Paraíso próprio dos Religiosos-Missionários.

Coloco as vossas promessas aos pés da nossa querida Consolata pedindo-lhe que as abençoe.

Aceitai, vós todos, o meu abraço espiritual e a bênção paterna deste vosso no Senhor Jesus Cristo...

[Vol. VIII, p. 196-197, n. 1232]

350

Ao P. Ângelo Dal Canton e ao Irmão Anselmo Jeantet

Turim, 27 de setembro de 1918

Caríssimos P. Dal Canton e Ir. Anselmo,

Também eu aqui da Casa Mãe me alegro com o vosso regresso, e me uno às festas que, justamente, vos fizeram os confrades de Nyeri. Como vosso pai espiritual, sempre vos tive presentes no meu coração durante estes quatro anos de apostolado, e todas as tardes, sem exceção, vos mandei a minha bênção especial fazendo duas vezes o Sinal da Cruz. O Senhor sustentou-vos no corpo e na alma; e certamente escreveu em letras de oiro o sacrifício que o P. Dal Canton fez por não ter confessor durante esse tempo.

Não há dúvida que as vossas fadigas e a semente que lançastes à terra produzirão fruto no tempo devido. E agora pensai em renovar as vossas forças físicas e espirituais; e, na companhia do Monsenhor e dos outros confrades, preparai-vos para fazer tudo o que o Senhor vos pedirá.

Recebi a carta que o P. Dal Canton e o Ir. Anselmo me escreveram de Moyale em dezembro de 1917, e a que de Nyeri

me escreveu o Anselmo no dia 4 de julho passado. Pelas informações do Monsenhor sei que estais agora a trabalhar para acabar a igreja: muito bem; trabalhai para prepararde uma casa menos indigna para Jesus Sacramentado.

Tive sempre presentes no meu pensamento os teus bons pais e mandei-lhes ajuda por meio do prior deles. Quando aconteceram aqueles problemas, escrevi a um dos irmãos soldados, cuja direção eu tinha; ele escreveu-me a dizer que os pais estavam sãos e salvos e num lugar seguro. Depois disso, e até agora, não recebi mais informações; mas é meu empenho pessoal descobrir onde se encontram e ajudá-los. Por isso, não te preocupes.

Abençoo-vos daqui aos pés de Nossa Senhora da Consolata e, convosco, abençoo também todos os sacerdotes e irmãos leigos que aí trabalham.

Com muito afeto no Senhor Jesus Cristo...

[Vol. VIII, pp. 198-199, n. 1233]

351

À Irmã Margarida Demaria

Turim, 28 de setembro de 1918

Rev. Irmã Margarida,

Recebi a tua carta do dia 15 de julho que me trazia notícias boas, e notícias menos boas. Tudo prova que a vontade de Deus quer radicar-se na virtude da humildade e não nos grandes sucessos.

As misérias físicas e morais não devem fazer-nos perder a coragem, e isto vale também para a desistência das duas. Elas realmente metem dó, e devemos rezar por elas. No entanto, sempre foi feito um pouco de bem, e nas suas cartas as Irmãs mostram terem bom espírito mesmo no meio de tantas distrações. Mas ai, lá em Nairobi!... Mas há de acabar depressa!

Recebi a tua carta com todos os pormenores, e assim é que está bem; escreve-me assim ao menos uma vez cada ano, usando, nestes tempos que passam, o *número* de cada uma em vez do nome. Conta com simplicidade o que bem te parece *in Domino*.

Acerca dos Votos, acabado o ano, ides renová-los por mais um ano cada ano, até à vossa volta final dos hospitais. Só depois da guerra se pensará em fazê-los em perpétuo, mas só depois dum certo tempo de vida e atividade nas estações de Missão, e só depois da minha licença. Também já escrevi isto ao Monsenhor, e tu recorda-lho também.

Esforça-te por viveres calma e tranquila. Abençoo-te a ti e a todas. Com afeto no Senhor…

[Vol. VIII, p. 201, n. 1234]

352

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

Turim, 3 de outubro de 1918

Caríssimo em N.S.J.C.,

A tua penúltima carta deu-me muita pena. Mas deixa-me dizer-te imediatamente que deves continuar a escrever-me sempre, mesmo as coias mais tristes que acontecem; isso há de servir-te como desabafo e consolação. E num estado semelhante não se devem tomar decisões importantes. Depois, faz o que o Senhor te inspira, e eu aprovarei. Em vez de continuar numa vida semelhante, é melhor mudar, que a próxima pior não será.

Coragem, e pensa que o bom Deus vê tudo, ele há de amparar-te nas provações e a seu tempo enxugará *omnem lacrymam* [todas as lágrimas].

Encomendo-te à nossa querida Mãe e ao teu Anjo da Guarda. Na comunidade, eu não falei do que aconteceu…

Abençoo-te de todo o coração…

Com muito afeto no Senhor…

[Vol. VIII, p. 205, n. 1235]

353

Aos missionários

Turim, 5 de outubro de 1918

Requiescite pusillum...
[Descanse um pouco]

Caríssimos em N.S.J.C.,

Um novo luto veio atingir a nossa família com a morte prematura, e quase subitânea, do mais jovem dos seus membros soldados, o nosso caríssimo seminarista Constâncio Leinardi.

Quinta-feira dia 19 de setembro passado à tarde chegou-nos de La Morra um telegrama anunciando o estado gravíssimo deste nosso amado confrade. Esta notícia, que não esperávamos, encheu-nos de apreensão e imediatamente respondemos prometendo as nossas orações, e mandando ao enfermo a nossa paterna bênção no Senhor.

Ma esta reposta não deve ter chegado a tempo porque naquela mesma tarde a alma do nosso caríssimo confrade partiu para o Paraíso, fortificada pela graça dos Santos Sacramentos e purificada pelo sacrifício da sua vocação apostólica.

Foi o sacerdote que o assistiu nos últimos momentos, e o preparou para a morte, que me assegurou que, durante a sua breve enfermidade, o Constâncio falou várias vezes com emoção das Missões, e dava a impressão que a elas aspirava com todo o fervor do seu coração juvenil, o que também se via nas lindas cartas que nos escrevia, como por exemplo:

"*Sempre o meu pensamento e o meu coração anseiam chegar e entrar pela porta do Instituto";* e noutra vez; *"Graças a Deus, tenho sempre ficado forte até agora, e mantenho sempre firme o meu propósito e a minha vocação..."*

Ora a nós, que sofremos intimamente por esta nova perda, só nos resta curvar-nos mais profundamente ainda diante da santa vontade de Deus que nos prova de novo.

Quero porém de todo o coração que todos vós, dos lábios deste vosso irmão, cuja vida se finava, compreendais bem como, naquele

momento derradeiro, nada melhor consolá-lo podia do que o pensamento de ter fielmente correspondido à grande e sublime vocação que Deus lhe deu: aceitai, caros filhos, esta lição que muito vos servirá durante os graves perigos materiais e morais que vos podem atormentar todos os dias.

Recomendo às vossas orações este nosso caro irmão defunto. Por ele já nós celebrámos na Casa Mãe as Missas prescritas e já também cantámos a Missa do sétimo dia. Durante nove dias rezai por ele o terço e oferecei também por ele as vossas comunhões.

O Senhor e a SS. Consolata continuem a proteger-vos e a abençoar-vos todos, como de todo o coração também eu vos abençoo. Com muito afeto *in Domino*.

[Vol. VIII, pp. 206-207, n. 1236]

354

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Turim, 15 de outubro de 1918

A Ecónoma veio falar-me só de si própria e da sua consciência. A cozinha vai ficar bem. Quando é questão do bem da comunidade não se deveria dar lugar à indiferença; mas é justo e claro dizer tudo segundo a maneira espiritual de ver as coisas.

Hoje é a festa da nossa protetora Stª Teresa de Jesus: rezemos-lhe para que ela nos ajude a ter tanto amor a Deus que sejamos capazes de vencer todas as misérias desta vida. No que se refere à Ir. Camilla e companheiras, muito bem. Hoje à tarde façam a Bênção com o Santíssimo, se é que assim se fazia nos anos passados.

Nada te turbe, tudo passa. Sofrer ou morrer (S. Teresa).

[Vol. VIII, p. 210, n. 1238]

355

Aos missionários soldados

J.M.J. Turim, 20 de outubro de 1918

Filhos caríssimos no Senhor,

Durante esta novena para a celebração de Todos os Santos, e também no dia da Festa, elevemos ao Céu com todo o amor o nosso coração: *Ingens multitudo carorum nos expectat* [Uma multidão infinita de entes queridos nos espera]!

Alegremo-nos com eles, e peçamos-lhes que nos ajudem a tornarmo-nos santos: ainda que já estejam perfeitamente felizes, eles desejam ardentemente que também vamos para o pé deles. Mas não esqueçamos os nossos defuntos, particularmente aqueles que durante este ano o Senhor chamou a si.

E esforcemo-nos por usar todas as provações que o Senhor Deus nos manda nesta vida como purificação das nossas almas: assim nos aconselha Stª Catarina de Génova, dizendo: «O Senhor purifica-me das minhas baixezas com os sofrimentos neste mundo, para que imediatamente depois da minha morte eu possa subir à felicidade eterna».

Com afeto paterno vos abençoo…

[Vol. VIII, p. 211, n. 1239]

356

Ao P. Francisco Gamberutti

Turim, depois do dia 31 de outubro de 1918

Caro P. Gamberutti,

Recebi a carta que escreveste à tua irmã, a Irmã Amália, e entreguei-a às Irmãs Bígias [Ir. cinzentas] do Manicómio. Elas disseram-me que a tua irmã tinha partido para o Paraíso, e escreveram-me o que vai escrito aqui acima. O Senhor decidiu dar-lhe o Prémio logo no início da sua vida religiosa. Rezemos por ela… Eu nunca me esqueci de ti; mas tu nunca escreveste sobre a Esola dos *Principezinhos* [filhos dos chefes tribais]. Quantos o desejam…

Tem paciência; virá para ti também o dia em que verás o teu bom pai: ele está bem e veio visitar-me aqui há dias acompanhado pelo cunhado, o Sr. Albera. A minha bênção para ti…

[Vol. VIII, p. 217, n. 1241]

357

Ao P. José Perrachon

J.M.J. Turim, 4 de novembro de 1918

Caríssimo P. Perrachon,

A dolorosa notícia já não era nova par mim: já há dias me disseram que estava doente toda a sua família, e pediam que rezássemos por eles a Nossa Senhora da Consolata. Depois da morte do seu cunhado escrevi uma carta de consolação à sua irmã...

Quantos têm morrido por causa da guerra, e quantos morrem durante a epidemia, que parece estar agora a diminuir de intensidade! Tenha coragem, e escreva palavras de consolação à sua irmã...

Sei que você resistiu às fadigas e ao clima de Mombaça. *Deo Gratias!* Presentemente, tudo deve já ter acabado, e em breve se voltará para o trabalho nas Missões.

O Senhor o abençoe a si e a todos os confrades e Irmãs.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 219, n. 1242]

358

Ao P. Ângelo dal Canton

Turim, novembro de 1918

Caro P. Dal Canton,

A tua terra e a tua família sofreram muito por causa da guerra. Lerás muitas notícias na carta do prior. Pronuncia o teu Fiat à vontade do Senhor. Nós rezámos e celebrámos Missas... Escreve ao teu pai, que espera ansiosamente notícias tuas: ele, coitado, até tem medo que tu tenhas morrido.

Coragem sempre *in Domin*o...

Com a minha bênção...

[Vol. VIII, p. 227, n. 1244]

359

Aos missionários soldados

Turim, 15 de novembro de 1918

Caríssimos em N.S.J.C.,

Digamos de todo o coração um DEO GRATIAS ao nosso Protetor deste ano, o B. Cottolengo. Os acontecimentos dos últimos dias geraram muita alegria por toda a parte, mas especialmente no meio de nós porque pensámos imediatamente num vosso próximo regresso à nossa comunidade.

Continuai a bem cumprir os vossos deveres até o fim. E, entretanto, desapegando o vosso coração do mundo e dos seus preceitos, preparai-vos para reentrardes totalmente no espírito e na vida do nosso Instituto.

Naquele dia em que me será dado abraçar-vos definitivamente, possa eu ver em vós um desejo de viver a santa disciplina, e a boa disposição de recomeçardes a total e completa formação ao apostolado. Com a minha bênção...

[Vol. VIII, p. 233, n. 1246]

360

À Irmã Josefina Battaglia

V.J.M.J. Turim, 22 de novembro de 1918

Boa Irmã Josefina,

Partilho a tua dor, e ao mesmo tempo nela me alegro. Verdadeiramente a Casa da tua santificação e da tua glória é aqui; e não deves encontrar paz em nenhum outro lugar senão aqui. Mas o Senhor quis provar-te para sempre mais te desapegares do mundo, e ao Senhor só te apegares cada vez mais. Esse lindo dia virá para ti! Espera por ele, deseja-o, mas com espírito de paciência e em conformidade com a vontade do Senhor.

Os motivos do atraso já os ouviste da boca do Sr. Vice-Reitor, e nada mais há a dizer. As tuas Irmãs do Instituto recordam-te

sempre, e sempre anelam que voltes, e vão escrever-te uma carta todas juntas. Dizem-me que para elas o tempo quase nem é tempo, tanto ele corre veloz...

Vão partir para a África quatro missionários, nenhuma irmã por agora. E nós estamos ansiosos à espera do regresso dos nossos queridos missionários soldados.

Depois da Solenidade da [Imaculada] Conceição, quatro vão receber o hábito; mas nem sequer os parentes deles estarão presentes porque temos medo da epidemia - da qual, por graça de Deus, estamos livres. Sabes certamente que em Turim parece que ela está a recrudescer.

E para terminar, fica tranquila e calma, e não penses que esta tua provação é um castigo. Mas trabalha para te purificares cada vez mais, e para que se reacenda sempre mais em ti o espírito da vocação que o Senhor te deu. O Sr. Vice-Reitor está de cama há dias por causa do cansaço e duma constipação, não pelo mal epidémico. Ele manda-te cumprimentos. Agradece à boa Irmã Madalena pela graciosa oferta; vai ser madrinha.

Muitos cumprimentos ao Sr. Vigário. Daqui, aos pés da nossa querida Consolata, te abençoo. Em Jesus, Maria e José, teu afetuosamente...

[Vol. VIII, pp. 235-236, n. 1247]

361

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 30 de novembro de 1918

Caríssimo P. Ferrero,

Recebi as tuas cartas e postais, e já tentámos enviar-te aquilo de que precisas, mas ainda não conseguimos. Tem paciência, e por agora arranja-te como podes. Se para isso ou para outras coias precisas de dinheiro, escreve-me.

Entretanto alegra-te, pois além dum pedido para que voltem depressa todos os nossos militarizados, insistimos mais ainda no teu caso, e recebemos ontem do Ministério da

Guerra que te seja concedida uma licença extraordinária dum mês. Depois virá o resto.

Agradecemos à nossa querida Mãe e... coragem até ao fim. Com a minha bênção e com muito afeto em Jesus Cristo...

[Vol. VIII, p. 243, n. 1249]

362

À Irmã Margarida Demaria

Viva J.M. e J. Turim, 6 de dezembro de 1918

Boa Irmã Margarida,

Chegou finalmente a paz, e as Irmãs podem voltar ao Vicariato e recomeçar as suas atividades missionárias. Já escrevi ao Monsenhor para que organize para vós um curso de Exercícios Espirituais. E assim, purificadas das misérias contraídas no mundo, podereis entregar-vos, com toda a alma e coração, à própria santificação e à salvação das almas.

Em meu nome, exorta-as a viverem no espírito de obediência e de mútua caridade. Ouso esperar que todas se vão entregar a uma vida de fervor. Até o exemplo da Pachner as ajudará a viver em santo temor.

Por ordem dos Superiores fica estabelecido que, antes de fazerem os votos perpétuos, se façam dois quinquénios, isto é, dez anos de profissão religiosa com votos temporâneos. A decisão é para o bem comum de todas; tenho a certeza que as Irmãs a aceitarão de boa vontade. Por isso, as que os renovaram por um ano, ao fim do ano fazem-nos por quatro anos até ao fim do decénio.

Já escrevi ao Monsenhor acerca da Irmã Adele, e a ti repito a mesma coisa: se ela não se renovar bem espiritualmente, ao fim do quinquénio deve ser demitida e voltar para a Itália. Se ela se redimir bem e remediar os males do passado, então podemos dar-lhe um ano de prova com votos renovados só por um ano. E não te cause receio a dupla desistência, pois Deus vai suscitar outras com bom espírito; e até já temos muitas na Casa Mãe que ardentemente desejam partir para as Missões.

Deus vos abençoe a todas, e a ti em particular, para que

tenhas a força e a graça de bem dirigir as nossas queridas missionárias na santa vocação.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 250-251, n. 1250]

363

Aos missionários soldados

J.M.J. Turim, depois do dia 9 de dezembro de 1918

Caríssimos filhos no Senhor,

Nesta série de festas tão queridas aos nossos corações, que trazem à nossa mente a doçura que sempre as caraterizou desde os nossos tempos de criança, procuremos viver no espírito que anima a Igreja nossa Mãe. Todos os dias ela nos apresenta nutrimento espiritual, primeiro no santo dia do Natal e depois nas festas de grandes santos que se seguem. Procuremos também nós renascer no espírito, *resuscita gratiam quae in te est* [Reacenda o dom de Deus que está em você]*;* procuremos renovar em nós o perfume das virtudes, perfume suave que nos vem do berço do Menino Jesus, para depois começarmos, aos pés do Senhor, o novo ano com um ardor renovado e com uma regenerada boa vontade. Com muito afeto vos abençoo.

Vosso *in Domino*.

[Vol. VIII, p. 254, n. 1251]

364

À Irmã Edviges Grosso

12 de dezembro de 1918

Coragem sempre, e conseguirás! Por agora procura fazer o que é mais perfeito durante um dia, depois durante outro dia, e assim por diante... Depois, dando tempo ao tempo, veremos se será conveniente fazeres os votos.

Com a minha bênção.

[Vol. VIII, p. 255, n. 1252]

365

À Irmã Josefina Battaglia

V.J.M.J. Turim, 24 de dezembro de 1918

O CÓNEGO JOSÉ ALLAMANO

em união com o Sr. Vice-Reitor, nestes santos dias recomenda ao Senhor a boa Irmã Josefina para que chegue depressa o almejado dia da sua volta definitiva ao Instituto, onde todas a esperam carinhosamente. Muitos cumprimentos à família.

Com muito afeto no Senhor…

[Vol. VIII, p. 258, n. 1253]

366

Aos missionários soldados

J.M.J. 1 de janeiro de 1919

Caríssimos em N.S.J.C.,

Eis-nos no princípio dum Novo Ano! Olhando para o passado, agradeçamos ao Senhor todos os benefícios recebidos, e todas as graças que nos concedeu, mesmo as que nos chegaram por entre as provações às quais Lhe agradou submeter-nos.

Seja daqui em diante a nossa vida um caminho de esperança, sempre de olhos fitos em cada vez mais abundantes favores da parte do Senhor para cada um em particular, e em geral para todo o Instituto.

Chegue célere o suave dia em que todos, *cor unum et anima una* [um coração e uma alma], retomemos juntos o caminho da nossa salvação debaixo do olhar materno da Virgem Consolata, Mãe de toda a Consolação.

A B[eata] M[argarida] Alacoque, cuja canonização terá bem depressa lugar, será a nossa protetora durante este novo ano, durante o qual nos esforçaremos para imitar a mansidão do Sagrado Coração de Jesus.

Jaculatória: *Jesu, mitis et humilis corde, fac cor nostrum secundum cor tuum* [Jesus, manso e humilde de coração, fazei o nosso coração semelhante ao vosso].

[Vol. VIII, p. 273, n. 1256]

367

Aos Padres José Gallea e Pedro Albertone

Só pela Glória de Deus Turim, 5 de janeiro de 1919

O Rev. P. Gallea é superior da casa: dele dependem os sacerdotes, os seminaristas, os irmãos e os estudantes. Ele pode e deve falar a todos em público e em privado. Toca a ele dar as licenças de ordem comum, deixando as menos importantes para os seus ajudantes, cada um no seu ofício.

Ao Rev. P. Albertone cabe o ofício especial de formar os noviços e de vigiar sobre todos os seminaristas.

Os Padres Gallea e Albertone reúnem-se de vez em quando: em público para dar o bom exemplo, e em privado para examinar o andamento da comunidade e o progresso da formação de cada indivíduo. Só Deus!

[Vol. VIII, p. 275, n. 1257]

368

Ao Monsenhor Filipe Perlo

Turim, antes do dia 25 de janeiro de 1919

Caro Monsenhor,

Já passaram vários anos depois da sua última vinda à Itália, e é conveniente que cá volte apenas lhe for possível, mesmo que seja por pouco tempo. É isto exigido pela visita *ad limina*[33] e para bem do Instituto, pois muitas coisas precisam de ser

[33] A expressão *Visita ad limina* (= *Ad limina apostolorum*) pretende indicar o encontro que, a cada cinco anos, bispos de todo o mundo têm no Vaticano com o Papa e os diversos Dicastérios da Cúria Romana.

examinadas em comum. Porque muito quero a consolidação do Instituto, muito desejo também que obtenhamos a aprovação definitiva do mesmo Instituto e das suas Constituições.

Acerca das Constituições vou mandar-lhe, pelo P. Chiomio, ou por correio, uma cópia das mesmas Constituições com as correções que a experiência do passado nos sugeriu. Peço-lhe que as estude V. Rev.ma, e que todos os sacerdotes sobre elas deem o seu parecer. Dado que todos devem observá-las, é lógico que todos deem as suas opiniões. Comunique-as V. E. a todos e a cada um, e de cada um receba as objeções por escrito, objeções que V. E. vai trazer consigo na sua vinda a Turim.

Por causa da morte do P. Costa, é necessário que venha o mais depressa possível daí um ancião para dirigir a Casa Mãe; parece-me que o mais idóneo seria o P. Gays. Seria também necessário que viesse o P. Perrachon para resolver os problemas da família, especialmente no que respeita a irmã dele que ficou viúva no meio de várias dificuldades.

Desejaria também que ele ficasse algum tempo aqui na Casa Mãe por causa de certas necessidades do Instituto. Tendo chegado a paz, alguns sacerdotes ficarão livres, e também vários seminaristas já idosos serão em breve ordenados, e irão para aí. Sei que vai ser para o Vicariato um sacrifício tirar-lhe dois sacerdotes, mas temos de ter paciência, também para bem formarmos os futuros missionários.

Além do P. Rossi e destes dois, nenhum outro tem de ser repatriado. Também o P. Bodino fez pedido de voltar, mas vamos dizer-lhe que não. Nestes casos é preciso proceder por ancianidade, começando por quem nunca vieram e que tenham uma verdadeira necessidade.

O P. Prina deseja dar à nova Missão o nome de "Madonna di Trana". Eu não vejo dificuldade, mas veja Vossa Excelência.

Acerca de muitas outras coisas lhe vai escrever o Sr. Vice-Reitor. A mim, só me resta dizer que me alegro com o muito bem que aí fazeis, pelo que digo sempre "Deo Gratias!" Considere-me seu *in Domino* com muito afeto...

[Vol. VIII, pp. 279-280, n. 1258]

369

Aos seminaristas Atílio Beltramino e Bartolomeu Durando

Turim, 25 de janeiro de 1919

Caríssimos em N.S.J.C.,

Considerando as informações do vosso Rev.mo Reitor, é *toto corde* [de todo o coração], que vos aceito no nosso Instituto. Aqui encontrareis uma família cujos membros se amam e se ajudam mutuamente na formação ao santo apostolado. Quanto ao tempo da vossa vinda para nós, sujeitai-vos ao que vos dirá o vosso Senhor Reitor.

Sentindo o desejo de bem depressa vos poder abraçar, encomendo-vos à nossa querida Consolata para que vos dê a graça e o espírito de fortaleza necessários para concretizar a vossa santa vocação.

Abençoo-vos com muito afeto em N.S.J.C....

[Vol. VIII, p. 283, n. 1259]

370

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

Turim, 10 de fevereiro de 1919

Caro P. Ferrero,

Esperávamos-te ansiosamente aqui em casa, e eis que recebo hoje a tua carta em que vejo que adiaram a tua licença. Não será possível obter esta tua justíssima vinda? Estamos dispostos a fazer toda e qualquer diligência para a obter. Esperávamos-te para te mandar a Roma para que nos escutem.

Já duas vezes recorremos em teu favor, mas não tivemos resposta. O obstáculo deve estar aí, e não noutro lugar. Se vês que não podes vir imediatamente, escreve-me e faremos outras diligências junto do Ministério.

Entretanto tu, tem coragem, e tem todos os cuidados possíveis

contigo próprio. Escreve-me se precisas de dinheiro. Vamos mandar-te aquilo de que precisas. A Mãe Consolata te dê força.

Com certeza sabes que a epidemia também alastrou em África. Vítima dela foi o Irmão Tiago Gaidano. *Fiat voluntas Dei* [a vontade de Deus seja feita]. Reza pela sua bela alma.

Manda-me dizer também as tuas penas: servirá isso ao menos de desabafo comigo que sou teu pai em Deus.

Abençoo-te de todo o coração.

Com muito afeto em J. C...

[Vol. VIII, pp. 291-292, n. 1262]

371

À irmã Josefina Battaglia

Turim, 14 de fevereiro de 1919

Rev. Irmã Josefina,

Pela tua carta à Rev. Superiora vejo que o teu bom pai e toda a família estão muito melhores de saúde. Pois então acabou o teu trabalho de enfermeira, e convém que voltes ao ninho de eleição. Creio que é bem que voltes para a Festa de S. José, se não houver outros impedimentos. Entretanto, procura desapegar o teu coração de Mondovì para o dares totalmente ao teu Esposo, Jesus. Envio-te algumas relíquias do nosso Venerável para conseguires que ele te dê muitas graças...

Para Batismos de pessoas ainda viventes não é necessária uma despesa maior; mas devem ser Batismos de pessoas que não estão moribundas; e depois é preciso rezar ao Senhor para que lhes conserve a vida.

A epidemia também alastrou na África, especialmente entre os africanos, e nós perdemos um querido Irmão Leigo, Tiago Gaidano, um digno religioso e missionário, *Fiat voluntas Dei!* [seja feita a vontade de Deus]. Muitos cumprimentos aos teus bons pais.

E a minha bênção para ti e para os teus irmãos e irmãs. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 294, n. 1263]

372

Aos missionários da Itália

Turim, 17 de fevereiro de 1919

Caríssimos em N.S.J.C.,

É com tristeza que vos comunico a morte dum nosso confrade, o Rev. Irmão Leigo Tiago Gaidano, professo, e há sete anos nosso missionário no Quénia.

O maior elogio que dele podemos fazer são as palavras que dele escreveu o Monsenhor Perlo, palavras que eu vos proponho para meditação, e para procurardes imitá-lo na vossa vida.

Quero também mencionar o mês dedicado a S. José, nosso protetor especial.

Abençoo-vos com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 297, n. 1265]

373

Aos missionários no Quénia

Turim, 3 de março de 1919

Caríssimos em N.S.J.C.,

Passaram velozmente 10 anos depois do *Decretum Laudis* que ao nosso Instituto concedeu a Santa Sé. Desde então, o Senhor abençoou a nossa Casa Mãe e as nossas Missões. E agora, para bem consolidar a nossa existência, é conveniente pedirmos à Santa Sé a aprovação definitiva do Instituto e das Constituições. Peço, portanto, a todos e a cada um, para bem examinarem as nossas Constituições e que cada um me mande as observações que melhor vos parecem contribuir para a vossa santificação e a prosperidade das Missões.

Cada um faça uma novena ao Espírito Santo e a Nossa Senhora da Consolata, e depois, sem consultar ninguém, escreva o que lhe dita a consciência e aquilo que desejaria escrever se estivesse no momento da morte. Não se trata de alterações da

essência e da substância, mas do que exige o Novo Código, e do que a vossa experiência vos sugere para o futuro. E estes escritos entregareis ao Monsenhor Perlo que fará com que eu os receba o mais depressa possível.

O Senhor vos abençoe a todos tal e qual como eu lho peço sempre em J. C....

[Vol. VIII, pp. 310-311, n. 1270]

374

Ao P. Tomás Gays,

Turim, 3 de março de 2019

Caríssimo P. Gays,

Pela minha última carta certamente compreendeu V. Rev.a que eu tenho para si um plano especial que há tempo em mim vem amadurecendo. O Sr. Vice-Reitor e eu estamos no caminho da idade avançada, e antes de passarmos à outra vida desejamos organizar o Instituto de maneira a ficar permanentemente consolidado. Ora o lugar que tem uma importância toda especial é a Casa Mãe.

Deve V. Rev.a vir ocupá-lo, também porque foi o primeiro a nela morar, foi aquele que por amor dela suportou as primeiras dificuldades e provações.

A experiência que ganhou no seu trabalho nas Missões vai servir-lhe muito na formação de futuros missionários. Com toda a confiança confio que V. Rev.a aceitará este meu convite considerando-o um sinal de afeto paterno da minha parte, e para maior glória de Deus.

Já contatei o Monsenhor Perlo sobre esta decisão, e com ele combinará V. Rev.a quando é que pode voltar para a Itália. A nossa Consolata lhe dê toda a sua bênção, como também eu o abençoo.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 312-313. n. 1271]

375

Aos missionários de África

Glorietur frater humilis in exaltatione sua
[O humilde irmão gloria-se na sua exaltação] (*Jacob 1, 9*)

em memória do IRMÃO LEIGO PROFESSO
TIAGO GAIDANO

nascido em Lingotto (Turim) no dia 24 de março de 1889
faleceu na estação de Missão Nossa Senhora das Graças
Nyeri (A.O.B.) no dia 19 de dezembro de 1918

R.I.P.[34]

Fuit Homo simplex,et rectus ac timens Deum (Job 1, 8)
[Homem simples, íntegro e temente a Deus]

Turim, 4 de março de 1919

Caríssimos em Senhor Jesus Cristo,

Quis o Senhor escolher do meio de nós mais uma vítima, e para isso preferiu o Ir. Tiago Gaidano. Era um fruto já maduro para o Paraíso, como justamente me escreveu o Monsenhor Vigário, pois também vós sois testemunhas das suas virtudes. Para edificação de todos nós, vou referir dois passos de cartas que a mim ele escreveu, que mostram como ele vivia de espírito de fé.

No dia 29 de setembro de 1915 escreveu: «Começa-se de manhã a fazer um trabalho e, às vezes, ao fim do dia vemos que tivemos de fazer dez trabalhos diferentes; mas quando se trabalha para o Senhor, mesmo se é preciso fazer vinte trabalhos diferentes, tudo corre bem, se tudo se faz segundo a santa vontade de Deus e para sua maior glória».

No dia 28 de março de 1916, ao dizer-me que para o Batismo do Chefe Karoli, ele tinha ficado sozinho na Missão de Gaturi,

34 *Requiscat in pace* [descanse em paz].

confessava numa carta: «Disse eu que tinha ficado sozinho, mas disse uma verdadeira asneira; porque na igreja estava o Santíssimo Sacramento e, portanto, qual sozinho qual carapuça!

Fiquei com o Rei dos reis, sozinho eu, Tiago Gaitano, a fazer-lhe de dama de companhia! E, pelo dia fora, lá andava eu a fazer uns trabalhitos de carpintaria aqui e acolá, e sentia cá por dentro umas palpitações no coração quando estava mais perto da igreja, porque estava ali mesmo à beira dele, e lá me ia o pensamento só para ele; e mandava-lhe uns arrebates de adoração e de amores meus: e isto eu fazia também em nome dos meus confrades que tinham ido a Tuso».

Rezemos por aquela linda alma que, bem no sabemos, já recebeu a coroa do apostolado. Vosso com muito afeto...

[Vol. VIII, pp. 314-315, n. 1272]

376

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 14 de março e 1919

Caríssimo P. Ferrero,

Alegro-me muito contigo porque conseguiste a licença final; é o sinal do fim duma terrível odisseia: Deo Gratias! Esperamos que algo haja também para os outros colegas confrades...

Claro que é meu desejo, e teu também, que voltes para o meio de nós para a Festa de S. José. Mas eu sei que o Sr. Vice-Reitor te escreveu a dizer-te que poderias ser útil a fazer propaganda: se for necessário, fica aí, farás assim esse sacrifício por amor de Deus.

Recebi ontem a nomeação oficial da *tua procuradoria*. Talvez fosse conveniente ires agradecer ao Mons. Laurenti. Coragem sempre *in Domino* e muitas saudações deste teu com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 317, n. 1273]

377

Ao Mons. Gaudêncio Barlassina e confrades do Kaffa

18 de maio de 1919

Caríssimos Monsenhor e confrades,

Recebi as vossas cartas e muito me alegra essa vossa santa disposição de trabalhardes num campo cheio de espinhos e que ainda não dá consolações.

Agradeço ao Senhor e rezo-lhe por vós todos os dias para que, como presentemente viveis o *Euntes ibant et flebant mittentes semina sua* [Enquanto iam, andavam chorando, jogando suas sementes], possais depressa dizer*: Venientes autem cum exultatione portantes manípulos suos* [mas quando voltarem, virão com alegria, carregando seus feixes].

S. Paulo e o Card. Massaia não se envergonharam de fazerem trabalhos manuais para assim chegarem à meta desejada. E vós, dedicai-vos completamente sem vos envergonhardes da vida que agora viveis. Passará a provação e cantareis vitória.

Quanto a nós, recordamos-vos, todos e cada um, dispostos como estamos a ajudar-vos financeiramente, e a mandar-vos outros colaboradores para o vosso trabalho.

Pela vossa parte, conservai-vos no verdadeiro espírito apostólico, que é o do nosso Instituto; e aumentai o vosso conhecimento das línguas e dos costumes locais.

Abençoo-vos de todo o coração aqui aos pés de Nossa Senhora da Consolata.

[Vol. VIII, p. 365, n. 1282]

378

Ao P. Pedro Albertone

Turim, antes de 1 de junho de 1919

Caro P. Albertone,

Completai o escrito sobre a África: faltou a notícia dos nossos

mortos por causa da guerra e, primeiro, a do nosso caro Prefeito: deveis mencioná-la. Se também queres escrever o texto de S. Boaventura, escreve também um pequeno comentário; Rainha da joia mais bela dos missionários é a virgindade; acerca dos Apóstolos: *praedicate Evangelium* [Pregar o evangelho]...*;* dos mártires: são estes os missionários cheios de fogo, mesmo se só de fogo lento...

S. Boaventura: Triplex corona legitur in scriptura: una florea, altera stellea, tertia aurea. Prima dicitur florea propter suam speciositatem; Secunda stellea propter suam luminositatem; Tertia aurea propter suam pretiositatem et firmitatem. Prima corana datur virginibus, secunda praedicantibus, tertia martyribus. (Ex sermonibus).[35]

[Vol. VIII, p. 375, n. 1284]

379

Ao P. Pedro Albertone

J.M.J. data incerta

Caríssimo em N.S.J.C.,

É sempre um prazer responder às tuas perguntas. Podes ler *As Confissões* de S. Agostinho, e se assim o quiseres, lê também *As Meditações*. As segundas estão na biblioteca dos seminaristas, as outras não sei, se as não as encontras, vou procurá-las eu.

Não conheço outra vida de S. Paulo Apóstolo senão a que vocês aí têm, com certeza; não creio que S. Jerónimo também tenha escrito uma vida de S. Paulo.

Gosto do teu projeto com o teu colega Mário Borello, mas não devia ele ser o único: pouco a pouco deveríeis trazer outros para esta prática.

[35] De acordo com as Escrituras, existem três tipos de coroas: coroa de flores, coroa de estrelas e coroa de ouro. O primeiro é dito ser feito de flores devido à sua beleza; a segunda, das estrelas pela sua luminosidade; o terceiro ouro por sua preciosidade e solidez. A primeira coroa é dada às virgens, a segunda aos pregadores, a terceira aos mártires.

Deveria ser assim a vossa vida...; deveríeis pedir a Deus esta graça para todos.

Dou licença que faças o voto[36] 'sem fazer pecado algum, nem o mais pequeno' (por agora), com a renovação sugerida pelo P. Sales. Mas tudo em paz e com alegria. Abençoo-te com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 377, n. 1285]

380

Ao Irmão Ângelo Marchina

Turim, 5 de junho de 1919

Caro Ângelo,

A notícia da tua profissão religiosa trouxe-me muita consolação e eliminou a pena que senti ao ler a tua penúltima carta. Quis o Senhor provar-te com provas internas e externas; mas deu-te força no momento da queda. Agradece-lhe, e eu vou também colaborar com as minhas orações e bênçãos. É verdade que ainda não estamos no Paraíso, mas num vale de lágrimas, e tu não deves perderes-te de coragem por causa de certas misérias tuas e de outros.

O Senhor permite-as para nos mantermos humildes e para pormos nele a nossa confiança, e também para angariarmos méritos. E cada um deve praticar a caridade e a tolerância, procurando santificar-se sem estar a observar os defeitos dos outros, mas os seus próprios defeitos.

Isto eu te recomendo por causa do teu caráter melindroso - e com os seus laivos de soberba. Não tenhas muito medo dessas tentações; diz ao Senhor que elas não são parte de ti, e segue sempre em frente com calma e tranquilidade. Aconselho-te a seres discreto com aqueles com quem trabalhas; não exijas que façam demais, não os aborreças, mas forma-os com caridade para o bem do Instituto.

[36] O voto era de "aderir em todas as coisas à vontade de Deus".

Percebes? O teu irmãozinho foi a casa por algum tempo porque se sentia muito fraco; agora já está bastante bem e deseja voltar imediatamente, mas eu quero que ele lá fique mais algum tempo para mais forte ainda ficar. Ele é bastante bom e está a tornar-se cada vez mais sério. O pai veio busca-lo e quere-lhe muito bem. Quando escreveres ao pai agradece-lhe e mostra-lhe que lhe tens amor.

Cumprimentos a todos os Irmãos, porque eles entre todos os missionários são os meus 'Benjamins'! Diz-lhes que recebi as cartas deles: ultimamente recebi as dos caros Aquilino, Luís e Tomé, e espero poder responder a todos.

Abençoo-te de todo o coração, e mais uma vez te digo: Muita alegria *in Domino* - e obrigado a ti e a todos os teus colegas. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 380-381, n. 1286]

381

À Irmã Margarida Demaria

Turim, 5 de junho de 1919

Mui Rev. Irmã Margarida,

Recebi as tuas cartas, incluindo a de 13 de fevereiro em que me dás notícias das Irmãs Adele e Catarina. Consolaram-me as primeiras e deram-me pena as segundas: temos de elevar a nossa mente a Deus e examinar tudo à luz da Sua vontade.

Ajuda a primeira para que ela possa reabilitar-se como deve ser e tirar do mal do passado um bom proveito para avançar na perfeição. Procura animá-la e dar-lhe coragem, em meu nome também; e diz-lhe que as minhas penas e lágrimas a ajudaram a levantar-se e a reconquistar o fervor perdido; diz-lhe que deve procurar ser constante e que eu a abençoo de todo o coração.

Acerca da outra, a segunda, não sei que dizer, talvez que a sua maneira de proceder seja um defeito de família. Depois de sair do Instituto um primeiro irmão dela, também saiu o segundo porque, em vez de progredir na virtude, piorava sempre, cheio de soberba, etc. Tu não te prodigues demais a ampará-la, e se ela continua na

mesma, pois terá de ser repatriada. Mas tu, procura mostrar-lhe que isso será um passo muito grave aos olhos de Deus.

Chegou a Turim no dia 25 a Patchner, disse-mo o pai dela. Naturalmente pensa que a razão está toda do lado dela... Pobre desgraçada! Lamenta-se que não foi curada da surdez de um ouvido. Afinal, já quando estava cá em Turim não ouvia bem, como eu me apercebi e confirma a Irmã Maria dos Anjos. Rezemos por ela.

E tu, coragem sempre, mantém o desejo de caminhar na via da perfeição. E procura compadecer-te das misérias humanas, trabalhando sempre para que elas diminuam. E depois, não te percas de coragem por causa dos teus defeitos; o Senhor, que te escolheu para guiar as queridas Irmãs, há de ajudar-te e dar-te as luzes necessárias para bem o conseguires, e há de ele remediar a tua pobreza. Coragem...

Aqui na Casa Mãe tudo vai indo bem; já temos mais de cinquenta, e muitos pedidos. Estavam para partir umas dez ou doze, mas não pôde ser por falta de navios de passageiros; entre essas estava também destinada a Ir. Maria dos Anjos; partirão apenas será possível. A Irmã Amália está no Cottolengo, provavelmente só um milagre a poderá curar. A Ir. Luísa, a Ecónoma, teve de fazer uma operação dolorosa o ano passado, mas correu bem, atualmente está em Rivoli em convalescença.

Tu, continua sempre com muita coragem *in Domino*; diz a todas que não se percam em pequenas misérias sem jeito nem trambelho; a única finalidade da nossa vida é sermos santos, mesmo quando há estas misérias. Para cada uma de vós peço os dons do Divino Espírito Santo, especialmente o dom da fortaleza cristã, religiosa e apostólica.

Daqui, aos pés da nossa querida Consolata, vos mando a minha bênção, com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 382-383, n. 1285]

382

Ao P. José Gallea

Turim, 12 de junho de 1919

Caro P. Gallea,

Começando amanhã a novena do nosso Venerável [Cafasso], rezem todos os dias três Pai nossos, três Ave Marias e três Glórias pela cura duma surda-muda.

[Vol. VIII, p. 390, n. 1290]

383

Ao P. Luís Rosso

J.M.J. Turim, 2 de julho de 1919

Caro P. Rosso,

Recebi uma carta tua, de quando estavas nos Hospitais, na qual falavas não muito claramente do comportamento de certas Irmãs. Devias ter referido o caso ao Monsenhor para que ele resolvesse o problema, ou então escrevias-me mais claramente o que aconteceu.

Na carta de 1 de janeiro falavas dos horrores da fome que por aí alastra. Tenho pena do teu sofrimento; mas, certamente, nos planos de Deus tiveste ocasião de ajudar a salvar muitas almas.

E agora, acerca do que dizias na 3ª carta datada do dia 3 de abril. Primeiro, fiquei triste ao ler o que escreveste, talvez inspirado por alguém que tenta, nisto como noutras coisas, disturbar o Instituto e as Missões. Mas a obra é de Deus, e ninguém pode coisa alguma contra elas, nem sequer um P. Balbo. Faz bem atenção, para não perderes os méritos do teu apostolado. Recorda-te do teu colega, o santo P. Costa: do Paraíso ele vai-te ajudar para que também tu para lá vás depois de muitos labores apostólicos.

Acerca do voto de pobreza, repito quanto já te escrevi depois de 1909, No 1º Regulamento provisório diocesano, mesmo sabendo que segundo a teologia a pobreza não pode conciliar-se com a *livre* administração dos bens, eu afirmei que, dado que a Santa Sé tinha feito exceção no que se refere à *posse* dos bens pertencentes a cada indivíduo no caso dos Lazaristas e das Filhas da Caridade, essa mesma Sé teria talvez concedido a administração livre, não *quoad omnia* [sobre todos os bens], mas referente só aos bens herdados da família; por isso eu incluí essa mesma liberdade no Regulamento;

mas isso foi com a condição, exposta no início do Regulamento, de ficar cada um disposto a uniformar-se, não somente às ordens dos superiores, mas às simples diretivas da Santa Sé.

Em 1909, quando foi apresentado o Regulamento a Roma para obter o *Decretum Laudis,* isso foi concedido, mas com a condição de eliminar as palavras *livre administração,* que foram substituídas por: *fazer isso sob a dependência dos superiores*. Quer dizer, voltava-se ao princípio geral que diz que a pobreza tem de estar sob a dependência dos superiores para toda e qualquer administração de bens.

E isto foi também comunicado ao Mons. Perlo antes de voltar para África em 1909-1910. E eu mesmo escrevi para aí (África) para que esta norma fosse comunicada a vocês todos. E isso mesmo o Sr. Vice-Reitor, o Cón. Camisassa, sublinhou a quando das Conferências de 1911, quando ele foi a África. Portanto, não podeis afirmar que ignorais tais factos nem apelidar de ratoeira tal norma: e tu estavas então em Nyeri, e fizeste o juramento perpétuo dois anos depois, isto é, em dezembro de 1913.

Foi somente a explicação feita na Circular sobre a pobreza que alarmou alguns, mas injustamente, pois o juramento foi sempre feito com plena adesão preventiva a todas as normas da Santa Sé, o que afinal é obrigatório para todos os religiosos.

Mais ainda, toda esta agitação vem de uma ou duas cabeças, e é irracional porque não vos é tirada a capacidade de administrar, mas sim vos é imposta a obrigação de pedir licença preventiva aos superiores, que nunca a negaram até ver. Partilha esta minha explicação com quem dela precisa, especialmente com o P. Balbo.

Mas tu tens prudência e bom espírito, e por isso não deves perder-te e deixares que te desviem da tua santa vocação. Na mesma carta lamentaste-te por não receberes correspondência dos teus pais. A culpa é tua que lhes escreves muito raramente. Ainda há pouco tempo veio visitar-me o teu pai, todo chateado porque 'já não tinha filho'! Eu acalmei-o, e prometi que te havia de te escrever acerca disso, etc.

Termino com a minha bênção, invocando sobre ti todas as graças para um santo apostolado. Teu com muito afeto *in Domino*...

[Vol. VIII, pp. 400-401, n. 1291]

384

Ao P. José Gallea

S. Inácio, depois do dia 2 de julho d 1919

Caríssimo P. Gallea,

Antes de partir de Turim senti um desgosto que te vou expor: foi-me dito que alguns seminaristas afirmaram que de S. Inácio este ano não iriam a Lanzo para transportar provisões, mas que se arranjaria um cavalo com carro para fazer esse trabalho. Disto não sei eu nada, nem sei com que fundamento podem tal dizer.

Uma coisa que me dá pena é a aversão a estes passeios que este boato causará, passeios que no passado se faziam normalmente como um dever, e de boa vontade, e que também se podiam considerar uma preparação ao trabalho nas Missões para melhor poder ajudar os pobres. Fala disto ao Sr. Vice-Reitor para que se possa corrigir e eliminar esta insubordinação.

[Vol. VIII, p. 403, n. 1292]

385

Ao P. José Gallea

J.M.J. S. Inácio, 10 de julho de 1919

Caro P. Gallea,

Recebi a tua carta, e consola-me o bom espírito dos sacerdotes, dos seminaristas, dos Irmãos leigos e dos queridos estudantes. Aqui neste S. Monte, durante os Exercícios Espirituais, todos sentem a necessidade de se tornarem santos sacerdotes e missionários. E esta é também a minha constante oração aos pés de S. Inácio. Foi para este único fim que entrastes nesta santa casa; e nela, todos os esforços individuais e comunitários devem ser para concretizar essa finalidade: intenções, trabalhos e estudos.

Ai de quem se deixar apanhar pela tibieza, ou perde a coragem por causa de certas pequenas misérias, suas ou de colegas, misérias

essas que são inevitáveis na natureza humana. Sempre repito e hei de repetir que, para corresponder à santa vocação, é preciso energia dentro de nós e sobre nós: a graça de Deus fará o resto - e mais ainda!... Coragem...

Aprovo a permuta dos clérigos Sperta e Nepote. Sê forte e decidido em mandar embora o Crovetto. O comportamento do Zallio ensina-nos que devemos escolher candidatos de famílias honestas, e contentar-nos de poucos, quando necessário.

Devíamos ter escrito ao Cón. Mercandino. Agora é melhor contentá-lo; e tu, em meu nome, pede-lhe desculpa e diz-lhe que vamos tentar ainda: mas que o tutor deve pagar, assim a modos como se fizesse a oferta de um tanto que deve ser combinado com o Sr. Vice-Reitor, e que tu lhe vais comunicar. Mas, é certo que é ele que molha a cama? Fala disto, que é grave, ao Sr. V.-R. Acerca de como deve ser feito o pagamento, vamos pensar e depois veremos.

Podes responder ao pai de Stacul e dizer-lhe que, excecionalmente, vamos deixá-lo ir no dia 8 de agosto.

Vem a Turim, talvez esta semana, o Mons. Bonzano, vem visitar-nos: diz ao P. Albertone que lhe dê as Boas Vindas em *bom inglês:* para o quê se informe junto do Sr. Vice-Reitor. Eu ainda por aqui fico talvez uma semana, exceto quando vier o Mons. Bonzano, então vou dar aí um salto.

Recomenda a todos que se mantenham alegres *in Domino* e que tenham muito amor a N. S. J. Cristo e à nossa querida Mãe Maria Santíssima. Com a minha bênção, e com muito afeto...

[Vol. VIII, pp. 408-409, n. 1293]

386

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

V.N.S.J.C., S. Inácio, 10 de julho de 1919

Rev. Irmã Maria,

Aprovo os teus propósitos, e ponho-os aos pés de S. Inácio. Coragem; o Senhor vai conceder-te o que te falta e, com a sua graça, vai fazer de ti uma santa e verdadeira missionária.

As queridas Irmãs vão certamente rezar por mim, e também para o maior fruto destes santos Exercícios. Estão a correr otimamente, o único problema é que duram pouco tempo, vão acabar já sábado de manhã. Eu vou ficar por aqui mais alguns dias para fazer os meus Exercícios, e para respirar estes ares tão bons, material e espiritualmente.

Deves examinar tudo com o Sr. Vice-Reitor. Comportaste-te bem com a Irmã G., e deves, firmemente e suavemente, ajudá-la a manter-se no caminho reto, como ela seriamente prometeu. Temos de viver de espírito, e desapegar-nos de tudo e de todos, e especialmente de nós próprios.

Com a minha bênção, e com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 411, n. 1294]

387

Ao P. José Gallea

J.M.J. S. Inácio, 12 de julho de 1919

Caro P. Gallea,

Recebi a última carta do Ir. David. Lê-a para te saberes regular e para tudo veres bem claramente. Seria lamentável que andasse alguém a semear o desânimo: seria sempre preciso recomeçar sempre com esses benditos irmãos leigos!

Não digas a ninguém que te mandei a carta. São misérias que é preciso eliminar de vez em quando.

Acerca da visita do Mons. Bonzano, diz à Irmã Superiora que mande preparar um discursozito em inglês à Irmã que melhor sabe essa língua e, se necessário, peçam ao P. Albertone que o corrija.

Cumprimentos e até breve. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 412, n. 1295]

388

Ao P. José Gallea

J.M.J. S. Inácio, 14 de julho de 1919

Caríssimo P. Gallea,

Recebi esta carta do seminarista Ciatti. Vê se é preciso emendar alguma coisa no palavreado dos seminaristas. Certas coisas, nem por brincadeira se devem dizer. Percebo que os soldados têm mais interesse nessas coisas, talvez porque também eu lhes falei da comida, mas eu falei da merenda só quando estavam a almoçar ou a jantar: e disse-o só a eles.

São fraquezas estouvadas que animam a malta para sua consolação ao serem ditas porque, quando veem os colegas tranquilos em suas casas, eles sentem o peso da vida na tropa. Se ao menos os libertados pensassem com reconhecimento no benefício recebido, e a ele correspondessem percorrendo com mais ardor o caminho da perfeição!... O seminarista Nebbia escreveu-me quando estava ainda em Turim. Parece-me que já só tem 5 Liras: manda-lhe mais 15.

Hoje chega o Sr. Vice-Reitor, com ele vamos para aí o mais tarde sexta-feira. Muitas bênçãos para todos.

Com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 413, n. 1296]

389

Ao seminarista Gabriel Quaglia

J.M.J. Turim, 23 de julho de 1919

Caríssimo em N.S.J.C.,

Digamos juntos *Deo Gratias!* E também a sua boa mãe deve agradecer. Quando Deus escolhe um filho para ser sacerdote, isso é um sinal de predileção de Deus para com a família, e a ela há de Ele conceder muitas graças, mesmo temporais. E muito mais há de Ele abençoar a família que está de acordo com chamada do filho para ser apóstolo.

Diga à sua mãe que o Bom Deus lhe vai dar consolações

durante a vida, e especialmente na hora da morte, e um prémio todo especial no Paraíso. E tu, coragem, não escutes aqueles que nem sequer sabem pensar à luz da fé.

O Instituto vai aceitar-te de coração aberto. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 416, n. 1298]

390

Á Irmã Clara Strapazzon

V.J.M.J. Turim, 9 de agosto de 1919

O CÓNEGO JOSÉ ALLAMANO

envia à Rev. Assistente, a Irmã Clara, os melhores votos no Senhor, abençoa-a a ela e às outras Irmãs de Rivoli, e sobre todas elas implora as virtudes do verdadeiro Apostolado.

[Vol. VIII, p. 428, n. 1299]

391

Ao P. Lourenço Sales

J.M.J. Turim, 16 de setembro de 1919

Caríssimo P. Sales,

Muito me agradou a carta confidencial que me enviaste. Ninguém a leu nem dela soube coisa alguma, nem sequer o Sr. Vice-Reitor. Tu, continua sempre na mesma, mas pensando muitas vezes em tudo aquilo que pode ser de ajuda ao Instituto e às Missões. Mesmo sobre os teus problemas pessoais falarás nas cartas – sempre de forma prudente.

Escreve *justamente* da permissão de Deus para o menor bem: isto sem nunca perder a coragem, mas orando sempre, e sempre usando toda a autoridade, e especialmente o bom exemplo, para darmos a nossa colaboração a tudo o que é bom e ao que é melhor.

Assim fizeste tu ao enviar-me a avaliação comum sobre as 'Consolatinas', e pregando-lhes os Exercícios Espirituais. Eu, porém, sirvo-me das 'Notas' para o bem das Irmãs da Casa

Mãe, especialmente para instrução das que daqui a pouco vão partir para as Missões. Mas sem que elas se apercebam donde é que isto veio.

E agora, para ti: Acerca do Kaffa, transeat, está bem. Acerca da solidão, não: nela serias abalroado por muitos diabitos, como S. Antão. *Permane in vocatione, qua vocatus es* [permanece na vocação a que foste chamado] - *vocação que supera todas as outras,* porque vivida por N. S. Jesus Cristo.

Olha: o P. Savio, que tinha entrado para os Cartuxos em Espanha, veio inscrever-se nos *valentes*; realizou atos de alto valor e... conquistou medalhas. Deus é que o sustentou. Agora faz de camponês lá para as bandas de Castelnuovo, ainda que não tenha mandado à fava o hábito e a Santa Missa.

Prejudicas as Missões? Não é verdade; mas olha, avança sempre *in Domino*. A cada hora diz lá dentro um *nunc coepi* [agora recomeço], e segue em frente no caminho das normas que recebeste.

Tiraram-te do seminário, andas vagabundo mundo além. Então pensa: Isto é para meu bem e para o bem das Missões. Muitas coisas aprendes tu e vês que podias escrever para o Periódico, o Periódico cujos pequenos artigos do Sales são devorados gulosamente por muita gente. Da América já se não fala; mas dia virá em que substituirás o Sr. Vice-Reitor na compilação do Periódico.

E agora uma notícia que te vai dar desgosto – mas não deves alarmar-te! O irmão seminarista José está em casa por motivos de doença. Penso que ele sofre também de doença *moral*, e por isso, também para bem do Instituto, teve de sair depois de muitas provas. É uma prova que, penso, acabará - é esta a esperança que tenho acerca dele. E no entretanto, ele lá vai estudando e, com a minha ajuda, fará os exames da escola primária e do liceu.

Não fiques triste. Isto é uma aberração que dará depois lugar a uma onda de paz, e também lhe dará a primeira vocação, de que ele sempre gosta. Ele próprio te vai escrever. E tu, não lhe causes desânimo, mas consola-o e faz-lhe coragem para que ele reze e tenha confiança em Nossa Senhora, e também para ter

uma vontade *muito forte*. Então, meu caro, podes ver quantos espinhos coroam a minha cabeça de ancião.

Reza ao Senhor pedindo-lhe que me ajude e me aperfeiçoe. Sê tu a minha consolação – e sinal de vergonha para as minhas misérias! Basta! Renovo aqui o que antes te escrevei...

Abençoo-te daqui onde estou aos pés da SS. Consolata.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 450-451, n. 1306]

392

Ao Mons. Filipe Perlo

17 de setembro de 1919

Ao Mons. Perlo[37]

Não tenho a certeza se mandei as Constituições corrigidas; não as prometi aos indivíduos; provavelmente vou mandá-las a si, Monsenhor.

Não informe disso os irmãos coadjutores. O irmão Aquilino deve voltar à Itália, mesmo com o perigo de ele cá querer ficar.

Reunir o Conselho Geral é impossível agora; reunirá mas talvez só depois da nossa morte.

Serão gratuitas as viagens para o Perrachon, que não reterei na Itália, e para o Aquilino.[38]

Paciência pelos novos que não partirão.[39]

Não me agrada que alguns missionários usem a divisa militar [em vez da batina].

Cumprimentos pelas *Condecorações Italianas* atribuídas (aos missionários), mesmo para quem não foi condecorado.

[37] Este é apenas um rascunho de uma carta para Mons. Perlo: a carta em si nunca foi encontrada.

[38] Proveitem para P. Perrachon e Ir. Aquilino a concessão de viagens gratuitas pela Inglaterra. E o Fundador não tratará P. Perrachon na Itália além do estritamente necessário.

[39] Isto é: Seja paciente se nenhum missionário partir para o Quênia.

Não convém imprimir as cartas.[40]
Parocos e vice parocos.[41]

[Vol. VIII, p. 453, n. 1307]

393

Ao P. José Gallea

Turim, antes do dia 30 de setembro de 1919

Caro P. Gallea,

Vem o jovem Sperta com a mãe, chora, pede perdão, promete... Devemos experimentar de novo? A Consolata diz-me que devemos experimentar de novo... pela última vez. Aceita-o de novo.

[Vol. VIII, p. 463, n. 1311]

394

Ao P. João Chiomio

Turim, depois do dia 18 de outubro de 1919

Mui Rev. P. Chiomio

Caro P. Chiomio; Sempre em frente *in Domino*, com coragem; as primeiras dificuldades hão de passar. Abençoo-te de todo o coração...

[Vol. VIII, p. 475, n. 1317]

395

Ao Irmão Ângelo Marchina

Turim, depois do dia 1 de novembro de 1919

Caro Ângelo,

[40] Possível significado da frase: Não considero oportuno imprimir a carta circular sobre a revisão das Constituições em Nyeri.

[41] Admira-me que tenhais criado os títulos de pároco e vice pároco aos superiores de missão e seus colaboradores.

Alegram-me os lindos trabalhos que fazes;[42] faz com que cada sílaba que forjas seja um ato de amor a Deus e uma comunhão espiritual. Assim te ajudará o Senhor contra todo o ato de impaciência e contra todas as tentações.

É bom o pensamento da morte, mas eu quero que ela venha depois de muitos anos de trabalho pelas almas: *Opera eorum sequuntur illos* [porque as suas obras os seguem]. Coragem!

O querido Pacífico [irmão do Ângelo] agora está bem, estuda e, com boa vontade, tenta de se aperfeiçoar. Ao fim deste ano passa para a filosofia e recebe o sagrado hábito. Vai ser um bom missionário: a sua santa mãe vai ajudá-lo lá do Céu onde se encontra. Fica calmo, que eu penso em tudo; e nada mais pediremos à tua casa.

Muitos cumprimentos a todos os Irmãos, e diz-lhes que ficam sempre a ser os 'meus queridos', e que os abençoo a todos.

[Vol. VIII, p. 476, n. 1318]

396

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, depois do dia 15 de novembro de 1919

Aprovo os três propósitos, que se podem resumir num só: *Attende tibi* [Tenha cuidado].

Coloquei-os aos pés da nossa querida Padroeira, e dou-lhes a minha bênção.

[Vol. VIII, p. 481, n. 1319]

397

À Irmã Margarida Demaria

Turim, 30 de novembro de 1919

Mui Rev. Irmã Margarida,

Chegam finalmente até vós dez Irmãs que vos vão ajudar no

[42] O Irmão estava encarregado da gráfica de Nyeri.

vosso trabalho. Todas têm boa vontade, e tu já as conheces. No princípio é preciso ampará-las de maneira particular, e encorajá-las. Pessoalmente, tu agora podes reduzir as tuas ocupações materiais, e assim ocupar-te mais do teu espírito e da vida do espírito das Irmãs. É esta a primeira ocupação duma superiora, e eu quero que tu te dediques, especialmente com o exemplo e com a palavra, a dirigir as outras todas no cumprimento das normas e na prática das virtudes. Sei que existe em algumas um certo espírito de dissipação, de murmuração e de pouca caridade mútua. Comunica ao Monsenhor esta minha intenção para que ele faça com que tu não te deixes absorver pelos trabalhos materiais da granja, mas visites frequentemente, e longamente, todas as Estações de Missão onde moram Irmãs nossas.

Já talvez saibas do meu desejo de tu voltares de novo para aqui, mas isso acontecerá só depois do Monsenhor voltar da Itália, isto é, lá pelo outono de 1920. Durante este tempo, podes pensar em quem é que te pode substituir como superiora.

A nós parece-nos que podia ser a Irmã Inês a qual, além da ancianidade, tem bom espírito; mas antes de então vai o Senhor iluminar-nos acerca deste problema. A Irmã Maria dos Anjos deveria por agora voltar a viver como simples Irmã; e o Senhor vai depois pensar no futuro. Ela tem bom espírito e terá sempre boa influência sobre as outras por meio do seu bom exemplo.

Tenho de ter notícias certas de cada Irmã, mas especialmente das Irmãs Adélia e Catarina.

Outras novidades leva-as a Irmã Maria. E pensamos que bem depressa mandaremos seis Irmãs. E assim se poderá fazer mais bem, sem negligenciar a santificação de cada uma.

Que o Senhor vos abençoe a todas, e a ti em particular.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 493-494, n. 1319]

398

Ao P. Pedro Albertone

Turim, 8 de dezembro de 1919

1. Aprovo e abençoo a vossa União fraterna para toda a vida, com o fim de vos santificardes e vos ajudardes mutuamente a melhor corresponder à vossa vocação toda a vida.

2. Aprovo a vossa pequena regra, e também as modificações que o futuro possa inspirar como necessárias ou úteis ao seu fim.

3. Aprovo os dois votos: *de aderir à SS. Vontade de Deus,* e *de a cumprir o mais perfeitamente possível,* e de *pobreza absoluta,* que renovareis cada ano no dia da Imaculada Conceição.

Naturalmente os superiores podem simplesmente suspender ou anular tais regras. Observai-as com fluidez e sem nervosismo.

4. Memento: recordai-vos: *ad quid venisti?* [Lembre-se: Por que você está aqui?]. *Unum est necessarium* [Só uma coisa é necessária]. *Deum time...; hoc est omnis homo* [Temor a Deus...; isso é tudo para o homem]. *Omnia arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam* [Eu considero todas essas coisas como lixo]. *Mihi adhaerere Deo, Christus est; mori autem lucrum* [Para mim, estar perto de Deus é Cristo; morrer é ganho]. *Praeterit figura mundi* [Passe a cena deste mundo]. *Christo confixus sum Cruci* [Eu fui crucificado com Cristo]. *Dummodo Christus honorificetur* [Enquanto Cristo é glorificado] *Adimpleo ea quae desunt Passioni Christi.* [Eu completo (na minha carne) o que falta nos sofrimentos de Cristo]. *Non ego, sed gratia Dei mecum* [Não eu, porém, mas a graça de Deus que está comigo]. Etc. Dia de Maria Santíssima Imaculada.

[Vol. VIII, p. 496, n. 1323]

399

À Irmã Clara Strapazzon

Turim, à volta de 20 de dezembro de 1919

Não deem dinheiro à Prof. Villa,[43] vamos pagá-la ao fim do ano escolástico.

[Vol. VIII, p. 511, n. 1326]

400

À Irmã Clara Strapazzon

Turim, data incerta (1919)

Boa Irmã Clara,

Fizeste bem em responder à Ir. Luísa como fizeste. É minha intenção que se viva seriamente e não se passe a vida a perder tempo. Depois de muita insistência, respondi negativamente, e depois tolerei uma outra ninharia ali num de repente.

Portanto, basta! Coragem e a minha bênção.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 525, n. 1330]

401

Ao seminarista Guilherme Airaldi

J.M.J. Turim, 5 de janeiro de 1920

Caríssimo em N.S.J.C.,

Agradeço-te pelas tuas confidências *in Domino*. Não tenhas medo, e uma boa Festa! Reza ao Senhor para que te ilumine, a ti e aos teus superiores, a bem conhecer e a bem seguir a santa Vontade de Deus.

Vamos conversar em breve. Mas fica tranquilo. A nossa querida Consolata há de ajudar-nos para que tudo corra o

43 Margarida Villa, professora particular de inglês e francês.

melhor possível. Abençoo-te de todo o coração. E destas coisas, não fales com ninguém, e eu guardarei sempre segredo. Coragem! Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 529, n. 1331]

402

À Irmã Clementina Cristino

Turim, primeiros dias de janeiro de 1920

Boa Irmã em N.S.J.C.,

Aprovo e abençoo os teus propósitos, e que este próximo ano seja para ti *o ano da tua santificação*. Para isso, entra numa guerra sem tréguas ao teu amor próprio, disposta a suportar toda e qualquer humilhação, considerando-te a última de todas na comunidade.

Com a Irmã Luísa sê ainda mais delicada do que antes para que não se sinta aviltada: ajuda-a a tornar-se santa.

Excelente nossa festa [da Epifania]...

[Vol. VIII, p. 532, n. 1333]

403

Ao P. Luís Rosso,

J.M.J. Turim, 17 de janeiro de 1920

Caro P. Rosso,

Recebi a tua carta, e vou ser franco: ela não me trouxe consolação nenhuma. O que não quer dizer que duvidei da tua boa vontade e da tua perseverança na santa vocação. Mas penso que quando a escreveste havia nuvens de dúvida que atravessavam a tua mente acerca de teres, sim ou não, espírito reto.

Gostei dos sentimentos que exprimiste, não tanto acerca da minha pessoa, mas acerca do Instituto. Creio que se tem falado demais de mim. Convencei-vos todos que, durante o pouco tempo de vida que me resta, nada mais desejo que bem consolidar tudo definitivamente, e sentir-me feliz se poderei ainda constatar que

progredis regulamente. Gostaria que, como ancião, tu fosses escolhidos pelos colegas para vires participar nas conferências que aqui serão feitas durante este ano. E se assim não acontecer, eu vou depois arranjar as coisas para que venhas visitar os teus pais já velhinhos. Dado que estão a escrever uma biografia do P. Costa que Deus tem, seria bom que me enviasses o mais depressa possível as cartas que ele te escreveu e alguns apontamentos do que por acaso recordasses da sua vida, especialmente durante o liceu.

Abençoe-te a SS. Consolata - é isso que sempre lhe peço para ti. Teu i*n Domino* com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 543, n. 1334]

404

Ao P. João Balbo

J.M.J. Turim, 18 de janeiro de 1920

Caro P. Balbo,

Nunca neguei o teu afeto pela minha pessoa; e também creio que nada fiz para o não merecer. Recebi-te no Instituto como seminarista, tratei-te sempre como filho caríssimo, procurando enriquecer-te de virtude e de ciência. Por isso mesmo senti muita pena por causa do teu comportamento aí na África, e por teres levado à revolta vários colegas para os puxares para um partido formulado segundo antigos teus ideais. Recordo bem o que disseste um dia na Consolatina quando, admoestado, explodiste nestas palavras: *Virá o dia em que mandaremos nós*.

Devias também saber que, de há tempo, era meu desejo de constituir um governo regular para o Instituto, que já existiria se as autoridades devidas, e as nossas circunstâncias especiais, tal tivessem consentido. Porque te deves arvorar em juiz e dar passos desatinados e impróprios? Teria sido melhor e mais prudente se, movido por um zelo reto, te tivesses dirigido a mim. Não! Nisto como em tudo o resto, sempre foste pobre em correspondência e em confidências. Somente se eu te não tivesse escutado poderias tu então escolher outras atitudes e outras maneiras de comportamento, mas nunca o caminho e a atitude da insubordinação.

Sei que só tu não quiseste assinar aquela fórmula de obediência: de facto, quando recebi as cartas todas, não as li, nem contei quantas eram, e nem sequer li as assinaturas. Mas chega de coisas idas e passadas. Aceito a tua *reconciliação formal*, que abolirá entre nós todo o equívoco para o futuro.

Rezo a Deus para que ele bem te confirme no propósito de observares as Constituições e a verdadeira obediência, pois terá assim a tua vida méritos diante de Deus, produzirá o bem para as Missões e consolação para os superiores.

Daqui, aos pés da SS. Consolata, te abençoo, com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 544-545, n. 1335]

405

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, 3 de fevereiro de 1920

Boa Irmã Josefina,

Gosto da tua perene boa disposição. Vais ser uma santa se usares as pequenas mortificações internas e externas. Por agora, o Senhor pede-te que procures só as mortificações da vida comunitária. Coragem, e Deus te há de santificar! Acerca da carta de hoje de manhã, escreve que aceitas tudo sem medo – e isto tu dirás à superiora.

Por agora, não vás visitar a tua tia, que já está em *estado de coma,* e por isso já não é capaz de falar. Escreve, se bem te parece; e rezemos por ela. Com a minha bênção...

[Vol. VIII, p. 564, n. 1336]

406

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, 20 de fevereiro de 1920

Boa Irmã Josefina,

O Senhor, a quem tudo deste e sacrificaste, convida-te a bem

praticares a fé. O teu irmão André telefonou-me de Mondovì dizendo que hoje de manhã faleceu em casa o teu irmão soldado, de nome, parece-me, Francisquinho.

O funeral será Domingo, e pedem que tu lá vás. Por vários motivos eu respondi que *sim*. Eu disse-lhes para telefonarem aos primos Pallieri (da Farmácia) para eles também lá irem e te acompanharem.

Deves partir amanhã depois do meio-dia, e voltas segunda-feira. Coragem.

Rezemos e... *Fiat* [seja feita (a vontade de Deus)].

[Vol. VIII, p. 576, n. 1337]

407

À Irmã Margarida Demaria

V.J.M.J. Turim, 20 de fevereiro de 1920

Boa Irmã Margarida,

Já conheces praticamente todas, ou quase todas, as Irmãs que há pouco aí chegaram. Têm boa vontade; algumas são ainda um pouco crianças. Espero que aliviarão as vossas fadigas, e que tu desde agora possas ocupar-te mais da parte espiritual.

Tens de convencer a Irmã Inês para que esteja pronta a revezar-te quando, depois da volta do Mons. Perlo da Itália, tu deves vir para a Casa Mãe.

À Irmã Maria dos Anjos, que tanto aqui trabalhou entre nós, mostra-lhe consideração especial, mas não preferência. Regra geral, para chefes de Estação de Missão procura preferir as que têm espírito mais virtuoso e mais prudência, sem te preocupares demasiado com a ancianidade.

Para tua informação, eu não dei nenhum encargo especial à Irmã Luísa: Por isso não te preocupes com possíveis frases dela, tais como, *em nome,* e s*egundo o espírito* e *os desejos* do Pai... E isto te pode também explicar a Irmã Maria...

A Irmã Joaninha, depois de um bom descanso, que faça os Exercícios Espirituais, e faça os votos para o 2º quinquénio. Aviso-te que, desde agora em diante, nenhuma poderá fazer os

votos perpétuos sem a minha explícita licença. E tu deves mandar-me a tua avaliação de todas e cada uma, especialmente da Irmã Adélia.

Com certeza já sabes que o teu irmão sacerdote foi nomeado prior, não me recordo onde, o que certamente é uma consolação para a tua mãe.

Muitos cumprimentos a todas *in Domino*, com a minha bênção especial e com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 577, n. 1340]

408

Às Irmãs Missionárias do Quénia

V.J.M. e J. Turim, 20 de fevereiro de 1920

Minhas caríssimas Irmãs Missionárias da Consolata,

Com a dupla partida de Irmãs de há muito por vós desejada, envio uma palavra de resposta às várias cartas que me enviastes os anos passados, e ao mesmo tempo dou-vos a minha avaliação do vosso comportamento. Não podendo por agora escrever a cada uma pessoalmente, respondo a todas em geral. Mas cada uma de vós, considere esta minha carta como escrita a si própria. Louvo o vosso trabalho apostólico no Vicariato, e em outros lugares também durante a guerra.

O Senhor abençoou as vossas fadigas com a salvação de muitas almas. Graças sejam dadas a Deus e à nossa Santíssima Consolata, que vos protegeram e acompanharam durante todo aquele tempo. A estas felicitações uno a menção de certos defeitos que surgiram durante a vossa permanência em Missão, para que quem falhou se emende. Chegaram aos meus ouvidos descrições de falhas na obediência, na caridade e no espírito de sacrifício em algumas de vós. Nem todas sempre observaram o devido respeito aos superiores; nem todas os consolaram com uma obediência cega: pelo contrário, algumas desenvolveram o mau hábito de murmurar e criticar, mesmo em público, as prescrições dos mesmos (superiores).

Acerca da caridade fraterna, também há necessidade de

emenda: não se deve invejar o lugar e o bem de outras Irmãs; é necessário suportar mutuamente os defeitos físicos e morais das outras; importa perdoar generosamente as pequenas injúrias, e usar a caridade da correção. Também me foi dito que certas Irmãs são um pouco egoístas, e por isso não se prestam, de alma e coração, a ajudar as Irmãs que têm trabalhos mais baixos e cansativos, pensando só em si próprias e nas próprias conveniências, até mesmo violando os preceitos da pobreza.

Filhas minhas queridas! Não deveis jamais esquecer a finalidade com que entrastes para o Instituto, o fim com que partistes para as Missões, e os propósitos que fizestes na Casa Mãe antes de partir. Pensai nas palavras de Jesus Cristo que dizem que cada um receberá o seu prémio segundo o trabalho que fez e a fadiga que suportou - tudo isto feito por amor de Deus.

Quem isto vos escreve é um pai afetuoso, que sempre tem medo que falte em vós o benefício da perfeição religiosa, porque este vosso pai deseja que sejais santas religiosas e santas missionárias. Deseja ele especialmente a obediência do vosso coração e da vossa mente. Deseja ver-vos cheias de caridade nos pensamentos, nas palavras e nas obras, e deseja que vos comporteis como trabalhadoras zelantes em todas as coisas.

Que o Senhor vos abençoe, tal como vos abençoo eu em seu nome, com uma bênção para todas e para cada uma em particular, vós que todas sempre estais presentes na minha vida. Com muito afeto em Jesus Cristo...

[Vol. VIII, pp. 579-580, n. 1341]

409

À Irmã Úrsula Martino

Depois do dia 19 de março d 19120

Deve ser esta a tua aspiração: que em ti tudo esteja em ordem por amor à pobreza; por isso procura corrigir fraternamente e remediar os defeitos do próximo. E depois, *tudo por amor de Deus*.

[Vol. VIII, p. 597, n. 1345]

410

À Irmã Margarida Demaria

Turim, 24 de maio de 1920

M. Rev. Irmã Margarida,

Respondo às tuas cartas de março e abril (n.^{os} 31-32). É também meu desejo que bem depressa vocês tenham o Regulamento e o Diretório. Procura estudar o da Casa Mãe e pede à Irmã Maria que te ajude.

1. Segundo o *n.º 6* das Constituições, é preciso respeitar sempre a *ordem de ancianidade de Profissão Religiosa,* e não a ordem da partida para as Missões, nem o trabalho ou a ocupação que cada uma tem. Têm, porém, precedência *a Superiora* e *a Assistente*; e estes dois são os únicos títulos que se podem dar: mesmo as Irmãs superiores duma estação de Missão não têm título especial.

Para cada cargo ou ofício, não se considera a ancianidade mas a *idoneidade*; para o cargo de chefe de estação devem ser escolhidas as mais prudentes. E é preciso, de vez em quando, mudar cada Irmã de trabalho, incluindo as dirigentes de cada Estação de Missão, colocando-as em lugares inferiores e debaixo da autoridade de outras menos idosas, mesmo de algumas de quem tinham sido superioras.

É este o método que se deve usar começando o mais depressa possível, sem se importarem com possíveis melindres individuais: aliás, é assim que se comportam as Congregações bem governadas. É este o teu dever, que comunicarás ao Monsenhor. A ti o dever de bem dispor das Irmãs seguindo as ordens do Superior Geral.

2. *N.º 48*. Faz-lhes a sugestão de não comerem a fruta se a outra comida for suficiente. A Acusação Pública faça-se onde as Irmãs se podem encontrar sozinhas e sejam ao menos quatro. Insiste sobre o fato que, à noite, cada uma peça, dentro de si própria, perdão para as faltas cometidas contra a caridade, e de mau exemplo dado durante o dia.

3. N.º 49. As licenças obtidas dum confessor, não é necessário que sejam renovadas por confessores sucessivos, se as circunstâncias não mudaram. É bom que, privadamente, aconselhes o uso de penitências corporais especiais, sempre tendo em conta as condições de saúde e a maneira de ser de cada uma: as práticas da disciplina e do cilício ajudam a pessoa a corrigir-se e a aperfeiçoar-se. É preferível a prática da disciplina quando for possível. O uso do cilício deve durar só poucas horas, uma ou duas vezes por semana, mas não depois das refeições. A ti bastam-te as penitências materiais e morais do teu ofício.

4. *N.º 55*. O nome *Ordinário* aqui refere-se ao Vicário ou Prefeito Apostólico [Mons. Perlo], e não ao confessor.

5. O corte do cabelo não deve ser deixado à vontade do indivíduo, mas regulado pela Superiora ou a Assistente segundo os tempos propícios e a necessidade de cada Irmã. As toucas usam-se em caso de doença e se se usam as tranças, senão deixa que cada uma decida, se não houver inconvenientes especiais. Proíbe às Irmãs a leitura ordinária de jornais.

O Senhor abençoe todas estas suas boas filhas que, com a mente e o coração, obedecem a estas normas.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 610-611, n. 1350]

411

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Turim, 24 de maio de 1920

Caríssima Irmã Maria dos Anjos,

Com certeza estavas à espera de uma resposta às duas cartas que escreveste durante a viagem para as Missões. Agradeço contigo ao Senhor por vos ter guiado, sãs e salvas, ao lugar de há tanto tempo desejado. Quando puderes, cumprimenta todas as tuas companheiras, e agradece-lhes pelas cartas que me escreveram.

Agora rezo por ti e por todas as outras, para que tenhais a constância necessária para vencerdes as primeiras provas, e para superardes as doenças físicas e morais dos primeiros tempos. Tendes de vos conservar fortes com os princípios duma fé viva e dum santo amor a Deus. Se o Senhor estiver convosco, toda a tristeza será passageira. Coragem...

Fico à espera de frequentes cartas tuas confidenciais. No entanto, faz sempre aquilo que eu te diria se estivesse presente. É o meu anjo que te leva os meus pensamentos. Ajuda a Superiora...

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 613, n. 1351]

412

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, antes do dia 20 de junho de 1920

Boa Irmã Josefina,

Estou contente com as vitórias que obténs sobre o teu caráter. Continua a esforçar-te na luta contra ti própria. Com a ajuda do Espírito Santo, e com o passar do tempo, vais tornar-te santa. É preciso muita constância, e não te perderes de coragem quando não és fiel: renova a promessa feita e... toca a andar para diante!

Por agora, para ti basta a promessa mesmo sem o voto – até à Festa da Imaculada Conceição. Que o Senhor Jesus more sempre no teu coração.

[Vol. VIII, p. 618, n. 1353]

413

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. S. Inácio, 4 de julho de 1920

M. Rev. e caríssimo P. Gays,

Estou em S. Inácio, não para os Exercícios Espirituais dos

outros mas os meus. Ainda não sei quanto tempo cá fico e quando voltarei para Turim.

Para qualquer necessidade, contate por favor o Sr. Vice-Reitor em Turim ou em Rivoli.

Penso no querido seminarista Perino que, creio, anda ainda adoentado. Prodigue-lhe os cuidados necessários, sem o angustiar segregando-o dos outros. Digo-lhe isto porque ele próprio me disse que estava disposto a acatar estas medidas para bem dos colegas. Mas ao dizer-me isto, via-se que tinha pena; não creio que tal separação seja necessária. Que não estude e que faça frequentes passeios. Quando estará livre das visitas ao Hospital militar, talvez pudesse ir a Ciriè, se ele assim o quiser e, nesse caso entregue aos seus o dinheiro que recebeu do hospital.

Digo bem *se ele assim o deseja*, porque quando eu lhe sugeri isto ele não me deu resposta. Ele tem de fazer uma visita o doutor Nicola para ver se precisa da cura dos banhos do mar. Neste caso, com o seminarista Beltramino, faz-se um pedido aos Salesianos de Alassio, que possuem uma casa especial para os banhos. Acerca disto pode V. Rev.a falar ou escrever ao Cón. Baravalle, a quem eu já falei deste problema. Também a V. Rev.a fariam bem estes banhos por causa da sua artrite; fale disto ao médico. Até podia assim acompanhar estes dois seminaristas...

Os exames vão correr bem, e o mesmo se diga da saúde em geral. Se chegarem os novos, dê-lhes as Boas Vindas *in Domino*. Aqui rezo por todos, e todos recomendo a S. Inácio para que ele a todos receba daqui a pouco. Muitos cumprimentos a todos, deste Vosso... Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 626-627, n. 1356]

414

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. S. Inácio, 9 de julho de 1920

M. Rev. e caríssimo em Jesus Cristo,

Agradeço-lhe pelas notícias pormenorizadas sobre o caro Instituto. Pequenas misérias sempre as haverá, e é melhor que sejam só corporais.

Acerca do seminarista Perino, está bem assim, mas vou continuar a esperar pela graça da Consolata e de S. Inácio. No que diz respeito ao Beltramino, esperem um pouco, pois o frio que se faz sentir por aqui também chega à praia, e é por isso que agora não seria o tempo melhor para os mandar para lá. Como já lhe sugeri, fale com o Cón. Baravalle para que lá arranje lugar para eles. Além dos Salesianos, os do Cottolengo também lá têm uma casa, para onde me parece que já foi o P. Paleari. Não sei se eles aceitariam os dois.

Creio que o Instituto não deve tomar parte ativa em eventos diocesanos, exceto que se trate de coisas relativas às Missões, ou em que também participem outros Institutos, tais como os Lazaristas, os Salesianos, etc. Nós somos para a África.

Muitos cumprimentos a todos. Quero dizer-vos que rezo sempre por todos, para que haja entre vós sempre bom espírito. *Ad Majorem Dei Gloriam* [por Sua maior glória].

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 628-629, n. 1357]

415

À Irmã Clara Strapazzon

V.J.M.J S. Inácio, 9 de julho de 1920

Rev. e querida Irmã em N.S.J.C.,

Recebi antes de ontem a tua carta com as da professora e da Ir. Marta. Muito me alegro que a comunidade continua bem e com bom espírito. S. Inácio cuida de vós, pois eu tenho de pensar nos santos Exercícios.

Aqui faz frio e chove várias vezes durante o dia e durante a noite. E isso produz uma solidão perfeita, e ninguém vem disturbar-nos. Se assim o quiserem, deem o *pagliano* ['paliativo'] às duas; é coisa bastante forte, não sei se vai fazer bem à Ir. Albina...

Manda Maria Penna ao dentista; no que respeita a Ir. Isabel, ela

deveria ter dinheiro seu, porque a despesa vai ser muito grande. Mas isso não é urgente, dado que será necessário primeiro tomar uma decisão acerca da vocação dela.

Sempre em frente no Senhor, com a ajuda dos Santos Anjos. Abençoo-vos de todo o coração, com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 630, n. 1358]

416

À Irmã Constantina Mattalia

V.J.M.J. Turim, 5 de agosto de 1920

Rev. Irmã Ecónoma,

Recebi a tua carta, eu e também o Sr. Vice-Reitor. Fiquei contente em saber que andais tranquilas e sem grandes preocupações. *Nada te turbe*, como dizia S. Teresa; com calma tudo se faz melhor. Mesmo de casa nos vêm bons ares materiais e espirituais. O doutor disse-me que não devíeis *agitar-vos tanto*.

Com certeza já ouvistes dizer que morreu a postulante Celeste: morreu como uma santa que só desejava fazer a vontade de Deus. Com certeza já está a rezar por nós. As outras doentes sentem-se melhor e estão no caminho da cura.

Vivei em concórdia, e o trabalho custará menos. Em casa também se trabalha. Abençoo-vos, e vocês rezem a S. Inácio por mim. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 642-643, n. 1364]

417

Ao Mons. Filipe Perlo

10 de agosto de 1920

Caríssimo Monsenhor,

Já que V. Exc. não pode vir agora à Itália como esperávamos nós, e segundo a promessa que recebemos do P. Gays, é inútil que mande agora os dois delegados cujos nomes ignoro. O P. Toselli,

delegado do Mons. Barlassina e dos do Kaffa, não pode prolongar a sua permanência aqui, e vai partir para o Kaffa em setembro.

E a mim não interessa adiar mais uma vez o pedido à Propagação da Fé para que aprove definitivamente o Instituto e as Constituições. Já tenho as cartas de todos ou de quase todos em que escreveram as suas avaliações das mesmas Constituições, e vou tê-las em conta nas notas que sobre elas escreverei.

Desta maneira ficará completa a minha missão principal para o bem do caro Instituto.

In Domino com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 645, n. 1366]

418

Ao seminarista Luís Massa

J.M.J. Turim, 10 de agosto de 1920

Caríssimo em N.S.J.C.,

Foi com pena que recebi as notícias sobre esta tua fraqueza habitual. Tem coragem, verás que isso passa com a diminuição do calor. Nossa Senhora da Consolata, que te escolheu para seu filho predileto, há de curar-te, para que tu depois ajudes muitas outras pessoas a conhecê-la e a amá-la, gente mesmo que nunca tinha sequer ouvido o nome dela. Não te deixes assaltar pela melancolia, e porta-te como te diz o médico.

As nossas Irmãs estão melhor; mas uma postulante lá se foi para o Paraíso, fizemos o seu funeral há poucos dias. Sei que os teus colegas te recordam e gostariam de ver-te com eles em S. Inácio. Muitos cumprimentos ao teu bom pai e a toda a família. Abençoo-te com afeto...

[Vol. VIII, p. 647, n. 1367]

419

Ao P. José Gallea

J.M.J. Turim, 18 de agosto de 1920

Caro P. Gallea,

Fiquei muito contente com a linda festa celebrada em S. Inácio. Tenho a certeza que a Virgem Maria ficou satisfeita, e deve ter concedido muitas graças à Congregação e a todos os seus filhos. Também nós em Turim fizemos tudo o que pudemos.

Afinal, se não somos nós muito devotos de Nossa Senhora, quem é que o deve ser?

Li a carta do seminarista Bertolino, e penso que é melhor esperar até depois das ordenações; se ele cá vier, mando-o ao médico, se for possível encontrar um médico. O Sr. Vice-Reitor vai escrever-te acerca da rotação dos Irmãos Leigos; talvez pudesse ficar aí o Davide; para o trabalho das expedições bastam o Miguel e o Mauro.

O Sr. Vice-Reitor também te vai dizer para mandares a Turim o seminarista Nebbia - e tu comunica isso ao P. Ferrero e ao seminarista Ciardo: não te esqueças. Provavelmente as Irmãs novas que lá estavam contaram-te tudo acerca do meu mal-estar, mas já passou tudo.

Deo Gratias! Sempre em frente com toda a alma e com todo o coração. Abençoo-vos no Senhor, com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 653, n. 1370]

420

Ao seminarista Júlio Peyrani

J.M.J. Turim, 18 de agosto de 1920

Caríssimo em N.S.J.C.,

Alegra-me saber que estás melhor, que já estraste em convalescença. Tens de continuar a ter cuidado contigo e,

portanto, ficares em casa até chegares a uma cura completa. Agradece ao teu bom pai e aos teus parentes todos os cuidados que contigo tiveram. Tenho pena da tua mãe que, por motivos de saúde, teve de ir para Saint Vincent, esperamos que volte completamente curada.

Presentemente a tua missão é mais de orar do que operar; e o teu bom exemplo fará o resto.

Para a Santa Comunhão e a Santa Missa, faz o que podes; e depois, muitas comunhões espirituais e muita união com Deus.

Em S. Inácio fizeram uma grande festa: e também nós em Turim fizemos tudo o que pudemos. Que o Senhor abençoe a tua família. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. VIII, p. 655, n. 1371]

421

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 23 de agosto de 1920

Caríssimo P. Ferrero,

Pelas tuas duas cartas compreendo o teu bom comportamento para com os noviços. Reza por eles, chama-os e conversa com eles sós a sós, e não te preocupes com o caráter e a casmurrice deles acerca da disciplina e acerca de se vencerem a si próprios.

O Senhor tem muita paciência para connosco, e só depois de recebermos muitas graças é que melhoramos. Coragem, e procura mostrar doçura para com todos. Deixa o futuro a Deus, cuja santa vontade faremos. Acerca do seminarista Nebbia, penso que está bem assim; esperamos que se ocupe com mais energia.

Reza por mim, e dirás todos os dias aos pés de S. Inácio três vezes o *Glória ao Pai* pelas minhas intenções. A minha bênção para ti e para todos os noviços.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, pp. 656-657, n. 1372]

422

À Irmã Clara Strapazzon

V.J.M J. Turim, 23 de agosto de 1920

Rev. Irmã Clara,

Espero que tudo corra bem por aí. S. Inácio e os Anjos da Guarda estão a trabalhar. No que diz respeito à Ir. Gertrudes, não é preciso ter pressa; mas é melhor que ela volte quando voltarem o P. Gallea ou outros. De resto procura, *em virtude de obediência*, construir *uma base sólida* para a tua saúde.

Por aqui, nada de especial. As doentes estão cada vez melhor.

Muitas bênçãos no Senhor para todas... Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 658, n. 1373]

423

À Ir. Josefina Battaglia

Turim, agosto de 1920

Esforça-te por andar calma e alegre: a vontade de Deus e nada mais! Quando o Senhor quiser que tu vás para as Missões para lá irás, e tudo há de correr bem. Os homens pensam como melhor lhes parece; mas nós, *oculi mei semper ad Dominum* [meus olhos estão sempre voltados para o Senhor].

Ao teu bom pai, que me dizia que tu tens a mania de partir, eu respondi simplesmente que não era uma mania, mas que tu estavas pronta a obedecer às ordens dos superiores. Ele respondeu que se tu tivesses de esperar mais de dois anos após a tua entrada, tu não terias vindo: e eu disse-lhe que não é assim, mas que tu vives com muita calma. Mas tu, não te preocupes, pois nós vemos as coisas de maneira diferente.

E o Senhor Deus vai abençoar-te.

[Vol. VIII, p. 659, n. 1374]

424

À Irmã Madalena Audisio

Data incerta

Fiquei contente por saber que estás completamente curada da tua grave doença. Sê agradecida! E agora deves tornar-te santa por meio duma caridade verdadeira e das outras virtudes religiosas.

Abençoo-te a ti e a todas as outras irmãs.

[Vol. VIII, p. 664, n. 1377]

425

À Irmã Madalena Audisio

Turim, depois de 19 de setembro de 1920

Boa Irmã Madalena. Dá-me alegria saber que presentemente te sentes bem de saúde. Continua sempre com bom espírito e fiel na obediência. Deves viver de fé e com muita coragem. Muitos cumprimentos à Ir. Teresa: Diz-lhe que, dado que agora não lhe posso escrever, o que te disse a ti é também para ela.

Abençoo-vos a vós todas que trabalhais na fazenda.

[Vol. VIII, p. 665, n. 1378]

426

Ao P. Joaquim Cravero

V.J.M.J. Turim, 7 de outubro de 1920

Caro P. Cravero,

Sinto a necessidade imperiosa de te contar a alegria que sinto pelo bom espírito com que vives, e pelo teu trabalho[44] de compor e imprimir tantas coisas úteis à salvação de muita gente. Isto é um verdadeiro apostolado, e no dia do Juízo este teu apostolado terá mesmo mais valor do que o outro apostolado entre as gentes daí. Continua sem te chateares.

[44] O missionário estava encarregado da gráfica de Nyeri.

Procura encorajar sempre o caro Ângelo nesta obra tão importante para o bem das almas.

Recebi o presente. Tanto o Mons. Vigário como eu, e também todos os outros, gostámos mesmo muito. O Sr. Vice-Reitor está pronto a enviar-te tudo o que for útil à tua missão. E nós vamos imitar-vos também aqui na Casa Mãe: vamos ter também aqui uma verdadeira tipografia, onde vamos imprimir o Periódico e tantas outras coisas. E alguém, que aqui nessa matéria se formará, irá depois ajudar-te a ti e ao Ir. Ângelo.

Dado que tu já imprimes o Calendário aí quase à perfeição, já não vamos pedir ao D. Grogno que o faça aqui. E tu manda-nos mais algumas cópias.

Os protetores para o ano 1921 serão os Santos Mártires do Uganda. O P. Perrachon vai levar-vos a descrição da vida e do martírio deles. Virtude para 1921: o espírito de fé, isto é, uma fé viva e prática. De todo o coração vos abençoo a todos e a todas que aí trabalham.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 666, n. 1379]

427

Ao Irmão Ângelo Marchina

V.J.M.J. Turim, 7 de outubro de 1920

Caro Irmão Ângelo,

Recebi as tuas várias cartas. Vi em todas elas o teu bom espírito e até mesmo uma certa alegria e contentamento pela tua vocação. Alegrei-me muito e tudo agradeci a Nossa Senhora da Consolata.

Caro Ângelo, é muito bom desejares o Paraíso, mas tem de ser segundo o que quer a vontade de Deus, e não para poupar fadigas, provas e tentações. O Paraíso sabe melhor depois de passarmos por provações e tentações.

Olha, tenho quase 70 anos. Já quando era seminarista eu desejava partir para o Paraíso, mas ainda por cá ando, e nada mais desejo senão que se faça a vontade de Deus.

Vai o Senhor conceder-te uma vontade boa, e a capacidade de imprimir muitos livros e outras coisas que muito bem hão de fazer a essas gentes daí. Alegra-te, e continua a fazer este maravilhoso apostolado, mesmo até quando já serás velhinho. Recorda-te do que disse S. Teresa: *Nada te turbe, tudo passa!*

Com pena, devo dizer-te que o querido Pacifico está de novo em casa por questões de saúde, depois da comunidade lhe ter prestado tantos cuidados. Mas eu não o vou abandonar. Ainda há poucos dias lhe mandei 100 Liras para que a avó possa ter cuidado dele. É muito bom e estuda muito, e eu escrevi-lhe que já o considero um 'clérigo'. Reza para que o Senhor lhe dê muita consolação e volte para as Missões. Mando-te a última carta que lhe escrevi. Não te preocupes com ele pois ele, para mim, é mais do que um filho.

Gostei muito da bela história contada ao teu irmão. Vamos publicá-la no Periódico. Coragem, e sempre em frente no Senhor, sempre fazendo muito bem; olha que o teu é um verdadeiro apostolado! Abençoo-te no Senhor com muito afeto...

[Vol. VIII, pp. 668-669, n. 1380]

428

À Irmã Margarida Demaria

V.J.M.J. Turim, 8 de outubro de 1920

Rev. Irmã Margarida,

Com a volta do P. Perrachon [ao Quênia] para o meio de vós, escrevo-te duas linhas para te dizer, a ti e às Irmãs que aí chegaram ultimamente, que estou contente com o espírito que as anima, espírito que elas conservam não obstante as dificuldades físicas e espirituais do início do seu apostolado.

Espero que todas estejam a progredir depois da minha última exortação, na qual reprovei as murmurações contra os superiores, os missionários e mesmo contra as Irmãs.

É preciso destruir essa erva maligna, e cada uma de vós deve pensar em si mesma e decidir fazer-se santa no caminho da santa caridade. Para todas, os meus

cumprimentos e a minha paterna bênção, com muito afeto em N.S.J.C.

P.S.: Santos protetores para o ano 1921: os Ss. Mártires do Uganda; virtude: a fé viva e prática, isto é, um verdadeiro espírito de Fé.

[Vol. VIII, p. 670, n. 1381]

429

Ao P. João Chiomio

Turim, depois do dia 2 de novembro de 1920

Caro P. Chiomio,

Sei que o Senhor Deus te dá a graça de avançares sempre no caminho do bem. Ajuda também os outros, sê consolador e sustentáculo para todos, especialmente para os jovens (Albertone, Maletto, etc.), e para com os Irmãos Leigos.

É grande virtude saber caminhar virtuosamente no meio das misérias humanas, sempre animados e firmes no bem... Abençoo-te com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 683, n. 1386]

430

Ao P. Francisco Gamberutti

J.M.J. Turim, 14 de dezembro de 1920

Caríssimo P. Gamberutti

Recebi a tua carta, e agradeço-te pelo teu bom coração. Mas deixemos tudo à S. Vontade de Deus. Sim, quero ver-te antes de partir para o Paraíso, e espero que venhas quanto antes. E assim verás também o teu velho pai e os teus parentes.

Entretanto, continua a fazer o bem que estás a fazer nessa importante Estação de Missão, mesmo se tiver de ser no meio de várias dificuldades. Nossa Senhora da Consolata tem sempre muitas bênçãos para ti, e aceita tudo o que fazes para a sua glória.

Abençoo-te também eu paternalmente e de todo o coração. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 707, n. 1391]

431

Ao P. Tiago Cavallo

J.M.J. Turim, 15 de dezembro de 1920

Caro P. Cavallo,

Foi um prazer recebermos os teus escritos. Fazem bem aos jovens e a todo o público. Mandámos a carta ao seminário de Mondovì. Continua este teu trabalho, que é um verdadeiro apostolado. Alegra-me muito todo o bem que aí fazeis.

Coragem, sempre! Deus dá-vos a sua bênção e, mais ainda, dá-a no tempo conveniente. Vou mandar-te o mais depressa possível os livros que pediste. Aqui todos vos recordam e rezam por vós.

Abençoo-vos no Senhor. Com muito afeto...

[Vol. VIII, p. 708, n. 1392]

432

À Irmã Margarida Demaria

V.J.M.J. (todas devem usar esta expressão)[45]

Turim, 15 de dezembro de 1920

Rev. Irmã Margarida,

Respondo brevemente à tua carta de 14 de agosto de 1920, e também à de abril de 1919.

Antes de mais nada, alegro-me com o progresso da vida do espírito das Irmãs. Estou convencido que isso é devido às tuas repetidas visitas às várias Estações de Missão. Continua assim. E convence-te que deves continuar a fazê-lo para que diminuam as

[45] "Viva Jesus, Maria e José". Ou seja: todas as irmãs, em correspondência (cartas), usam usam a abreviação W.J.M.J. como iniciais de devoção.

murmurações entre elas, e as pequenas resistências, e para relembrar às Irmãs o *ad quid venisti* [com que propósito você veio].

É verdade que nunca se deve diminuir a estima pelas mais idosas; mas eu confio que as mais novas hão de sempre permanecer firmes na vivência do espírito que nelas infundimos quando estavam na Casa Mãe. E agora, para responder às tuas perguntas: Sim, concordo que seria importante escrever o mais depressa possível um Regulamento ou Diretório para os lugares de Missão. Tendo em conta o esquema do Regulamento da Casa Mãe, começa tu a escrevê-lo com a ajuda de alguma pessoa competente neste assunto. O Monsenhor vai depois completá-lo e eu poderei eventualmente aprová-lo.

Por agora penso que não é necessário terem confessor e diretor espiritual, nem penso que a ele se devem escrever 'bilhetinhos'. Em casos extraordinários, e só uma vez em cada caso, podes concedê-lo depois de conferir com o Monsenhor. Por *Ordinário* deve aqui entender-se o Vigário ou Prefeito Apostólico [Mons. Perlo], não o confessor como, creio, já te expliquei por escrito.

Acerca do n. *49* das Constituições, a licença concedida por um confessor dura até ser renovada por outro. Acerca dos conselhos dados pela Superiora, deves preferir os espirituais aos corporais, tais como controlar a língua, a curiosidade, o desejo de preeminência. Vêm depois os corporais que se praticam observando, por exemplo, a pontualidade, as regras e as prescrições dos superiores.

A verdadeira santidade, e portanto a mortificação, que é o caminho para sermos santos, consiste no cumprimento pleno e cordial dos deveres do próprio estado. No que se refere ao alimento, a melhor coisa é contentarmo-nos com o que a Providência nos manda sem nos lamentarmos ou desejar outras coisas. Devemos comer para viver ou, como diz o nosso Card. Richelmy, para ficarmos vivos. Os instrumentos de disciplina e os cilícios, etc., não os devemos desprezar, mas devem ser usados com moderação para que não prejudiquem a saúde, mas para que realmente ajudem a nossa vida espiritual. Se possível, seria bom não comer a fruta da refeição da tarde de sexta-feira.

Para o capítulo das faltas, quando não se puder fazê-lo em privado vale mais contentarmo-nos em fazê-lo como se pode; por exemplo, um dia à noite, pedindo humildemente desculpa a uma colega que ofendemos, ou que tenha mesmo ficado escandalizada.

É necessário que haja uniformidade na questão do corte do cabelo e do uso da touca da noite, até mesmo só sob o ponto de vista da limpeza. O mesmo se diga da questão de passar ou não as coisas a ferro, que coisas se podem ou devem eliminar, etc. Deves proibir a leitura de jornais, mas que se leia algum livro bom, com licença, como se faz na Casa Mãe.

E agora, como já fizeste no passado, procura 'estudar' cada Irmã, corrige-as maternamente, ou mesmo energicamente se necessário, para que as que caíram se levantem e se emendem dos seus defeitos, e fiquem mais bem preparadas para a profissão perpétua. Corrige de maneira particular as Irmãs Adélia, Teresa e Catarina. O Senhor te ampare e te dê muita paciência.

Abençoo-vos todas, e rezo por vós. Com muito afeto...

[Vol. VIII, pp. 709-710, n. 1393]

433

Ao P. Pedro Albertone

J.M.J. Turim, 24 de dezembro de 1920

Caro P. Albertone,

As tuas cartas são tristes e...; não só para mim, mas também para o Instituto - e isto não está bem. Sim, dizes-me que também S. Paulo experimentou provações semelhantes; reza-lhe, e imita-o: *Etsi consistent castra adversus me, non timebit cor meum* [Se um exército acampar contra mim, meu coração não temerá]. Não peças a Deus que acabe em breve com esta tua vida, mas que te dê a graça de poderes trabalhar *ad multos annos* [durante muitos anos]. E não deves desanimar por causa das fraquezas deste ou daquele confrade; reza, e não te deixes arrastar...E procura ajudá-los fraternalmente, ao menos com o teu bom comportamento.

Tens de procurar compreender o que eu te digo, mesmo sem depois te preocupares com pequenos pormenores. O teu dever, e o dever de vós todos que já compreendestes o espírito do Instituto, é de ajudar os jovens a compreendê-lo e a praticá-lo, porque eles podem às vezes sentir-se confusos por causa de certas conversas, e até mesmo só por causa de certas palavras. Percebes?

Já mandei as tuas cartas à tua tia religiosa.

O Sr. Marietti fez o que devia fazer, imprimiu bem o livrinho, e mandou-me *150* cópias para serem encadernadas sem capa: destas, cinco já te foram enviadas. E eu já te mandei *40* cópias.

Se tiveres oportunidade de ver o Rev. P. Spinello, diz-lhe que lhe agradeço tudo o que fez, e que ele deve ser um verdadeiro *vir Dei* [um homem de Deus].

Muitos cumprimentos a todos, e *sursum corda* [corações ao alto]! Com muito afeto no Senhor...

[Vol. VIII, p. 728, n. 1397]

434

Ao P. João Chiomio

Turim, depois do dia 26 de dezembro de 1920

Caro P. Chiomio. Coragem sempre *in Domino*! Conserva e propaga o bom espírito entre os confrades: Primeiro, sede vós santos; e depois fazei todo o bem às gentes dessas terras africanas. E, em tudo, esteja sempre convosco Nosso Senhor Jesus Cristo...

De todo o coração te envio a minha bênção.

[Vol. VIII, p. 731, n. 1398]

435

À Irmã Henriqueta Quaglia

Data incerta (1920)

Boa Irmã Henriqueta,

Fiquei contente por receber da vossa Superiora boas notícias

sobre o teu bom comportamento, sobre o teu contínuo desejo de ser perfeita e de cumprires os deveres do teu estado.

Continua assim, e procura mesmo dar bom exemplo às outras Irmãs.

Envio-te a minha bênção, e por todas vós rezo a Nossa Senhora da Consolata.

[Vol. VIII, p. 742, n. 1399]

436

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Roma, 26 de fevereiro de 1921

Caríssimo P. Gays,

Chegámos bem a Roma, com um atraso de três horas. As boas Filhas de S. José estavam à nossa espera e receberam-nos de braços abertos, e com muita cordialidade. Depois de celebrarmos a Santa Missa na capela delas, passámos aquela quinta-feira em visita ao Postulador, Mons. Virili, aos Card. Cagliero e Valfré, e à Condessa Ledòchowska.

Só sexta-feira é que pudemos visitar S. Pedro; depois, visita ao Mestre de Câmara de Sua Santidade. Pedimos licença para uma visita privada ao Santo Padre para hoje às 11h00. O S. Padre recebeu-nos imediatamente e passámos trinta e dois minutos com ele.

Ficámos muito contentes com a bondade de Bento XV para com a Consolata, o *Convitto* [Colégio sacerdotal]e os missionários.

Ontem visitámos o Barão de Giura que nos recebeu cordialmente (Padre Ferrero o conhece) e imediatamente nos concedeu a redução do custo da viagem de comboio. À tarde visitámos o Card. Bisleti encarregado da Causa do Cafasso. Todos querem bilhetes para a função se amanhã. Nós vamos ser levados ao Vaticano pelo Conde Sterbini, e daí o Mestre de Câmara vai conduzir-nos ao trono de Sua Santidade.

Quando receberdes esta minha carta, espero que tudo terá terminado da melhor maneira possível.

Segunda-feira, se já tivermos recebido os impressos das Constituições, vamos à *Propaganda*. Ali teremos muitas coisas a pôr em ordem. Diga a todos que rezem e se comportem bem

para que o Senhor nos abençoe em tudo.

Recebi ontem a sua carta. Muitos cumprimentos a todos, e envio-vos a bênção do Santo Padre.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IX/1, pp. 30-31, n. 1406]

437

À Ir. Gertrudes Vajra

Turim, depois do dia 6 de março de 1921

Colocou-te Deus na ocasião de te tornares cada vez mais humilde, especialmente em pensamentos. Continua, renova muitas vezes a tua boa intenção, e depois não te preocupes nem com os louvores nem com as críticas.

Para ti, Deus só e único, Coragem.

Abençoo-te...

[Vol. IX/1, p. 33, n. 1407]

438

Ao seminarista Lourenço Bessone

Turim, depois do dia 19 de março de 1921

Coragem! Jesus e a sua SS. Mãe querem fazer de ti um santo missionário.

Suplica-os com a oração, excita a tua vontade quando te sentes apático, e verás que vais conseguir: *Docebo iníquos* [Eu ensinarei aos ímpios (seus caminhos)]...

[Vol. IX/1, p. 54, n. 1417]

439

À Irmã Emília Tempo

Turim, depois do dia 19 de março de 1921

Despreza a tua leviandade e obedece firmemente à vontade dos superiores. A confissão fica sempre bem feita se te

arrependes em geral dos teus pecados passados.

Pensa em Deus, e não em ti própria. Abençoo-te.

[Vol. IX/1, p. 55, n. 1418]

440

À Irmã Josefina Battaglia

Rivoli, 15 de abril de 1921

Boa Irmã Josefina,

Não me digas que estás desesperada; diz a ti própria o que a si próprio dizia S. Filipe Neri, que estás desesperada de ti msma para só confiares em Deus.

Não vês que tanto a Superiora como todas as outras te querem muito bem e se compadecem das tuas penas? Vê bem! Estas tuas penas são mais ideais do que reais. Se a tua cabeça se sente afligida por tantas questões, não te rales: tudo o que é bem e o que é mal, coloca-o no Coração de Jesus.

Então, o teu propósito de seres corajosa, e a devoção ao Divino Espírito Santo, não valem nada? Força, coragem, e tudo isso passará! Daqui em diante não penses mais no passado - nem no futuro - vive no instante presente, e Deus será o teu conforto: *Deus gosta muito de ti.*

Abençoo-te. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 57, n. 1419]

441

Ao P. Lourenço Sales

J.M.J. Turim, 22 de abril de 1921

Caríssimo P. Sales,

Espero que esta minha cata te encontre ainda em Bolonha. Desejo-te todo o bem, e muitas graças do Senhor para as nossas Missões. Dado que alguns indivíduos daí desejam esclarecimentos sobre o nosso Instituto - e acerca disso me

escreveu há dias um tal Montanari, seminarista - podes falar-lhes sobre o nosso Instituto, com prudência e com a aprovação dos superiores.

Mas não te deixes levar por sentimentos poéticos. Conta-lhes a verdadeira natureza do nosso Instituto, e fala-lhes na disciplina e no espírito que guia os seus membros. E informa-te bem junto dos superiores acerca das qualidades morais e físicas dos postulantes, como está escrito no folheto que mandei ao Montanari.

Além disso, creio que primeiro devem vir a Turim pessoalmente para decidirem tudo com os nossos superiores encarregados, e mesmo para fazerem uma visita aos nossos médicos. É sempre necessário usar prudência e tempo antes de aceitarmos especialmente indivíduos que vêm de zonas da Itália que ficam longe donde nós vivemos. No entanto a zona de Bolonha ainda fica bastante perto de nós. E penso que, antes de entrarem, deveriam terminar o ano de estudos que estão a fazer.

E tu visita o Santuário de S. Lucas, de Santa Catarina de Bolonha, etc... E não te esqueças de rezar por nós.

Acabamos de receber a notícia que o Mons. Perlo já chegou a Nápoles e que amanhã ou depois chegará a Génova.

Muitos cumprimentos para ti, e agradece tudo a esses beneméritos superiores.

In Domino, com muito afeto...

[Vol. IX/1, p. 58, n. 1420]

442

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. SS. Consolata, 17 de Maio de 1921

Caro P. Ferrero,

Não posso abandonar-te nessa tua tristeza. Sei bem que, porque és generoso, já ofereceste ao Senhor estas tuas penas. Agora, esforça-te por esquecer essa má sensação que em ti se produziu.

Que eu saiba, o P. Gays não disse as palavras que tu citas. Pode ser que eu não tenha prestado atenção. Mas o livro da vida do P.

Costa tenho-o eu comigo, e a ninguém o emprestei senão ao P. Rosso, que foi companheiro dele desde o ginásio; e emprestei-lho para que o lesse e o aumente com as suas memórias daqueles tempos. Portanto, não se deve apagar nada...

Acerca da tua amizade pelo P. Occelli: Felicitações!

Fica-te calmo e cheio de paz no Sagrado Coração de Jesus, e nele deposita toda a amargura do teu coração.

Fico à tua espera, em breve, aqui na Consolata. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, pp. 71-72, n. 1422]

443

À Irmã Edviges Grosso

25 de maio de 1921

Coragem, sempre! Jesus há de sempre ajudar-te nas tentações, e não te vai deixar cair. Quando fores tentada, entrega-te ao Coração de Jesus e fica serena e tranquila. Come calmamente o que podes, e procura fazer bem o teu trabalho.

Quanto chega a impaciência, não te preocupes, procura voltar imediatamente à calma.

Em tudo, tem confiança, e obedece ao Sr. Vice-Reitor. Abençoo-te...

[Vol. IX/1, p. 78, n. 1426]

444

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Turim, 30 de junho de 1921

Caríssimo P. Gays,

Recebi a sua carta do dia 25 do corrente. Alegro-me que a temperatura esteja boa, e disso tire V. Rev.a o melhor proveito para si e para o bem do caro Instituto. A sua missão é uma grande missão da qual depende quase tudo o que é melhor no apostolado. Rezemos!

O seminarista Revetria veio ter comigo e repetiu-me praticamente o que já disse a V. Rev.a. Eu decidi entregar-lhe a carta. Realmente eu não espero muito deste caso, especialmente ao vê-lo tão obstinado na decisão de se ir embora. Prometeu-me que não falará no problema a ninguém. Vai fazer os exames e depois vai esperar pela volta de V. Rev.a.

Dá-me a impressão que lhe falta uma decisão firme, e também por causa daquela *fraqueza* que já dura à vários anos, fraqueza nunca ainda vencida... Por isso a minha opinião é de o deixar ir para casa para lá tomar a decisão final com os pais e os confessores. Vou responder, eu ou outro, ao seminarista Marcelino.

Foi muito solene a cerimónia das Ordenações, alguém lha vai descrever a si. Também a festa de S. Paulo correu bem, e durante a academia também falaram o Sr. Vice-Reitor e o Monsenhor.

Amanhã vou a S. Inácio onde rezarei pela sua cura completa. Reze também por mim. Cumprimentos também aos bons colegas. *In Domino*, com muito afeto...

N.B.: Controle por favor o peso das cartas. Pela sua última tive de pagar 26 cêntimos.

[Vol. IX/1, p. 94, n. 1430]

445

Ao P. José Gallea

J.M.J. S. Inácio, 5 de julho de 1921

Caro P. Gallea,

Obrigado pelas boas notícias que me enviaste sobre o Instituto, notícias que sempre recebo com muita satisfação.

Parabéns pela distribuição dos exames e dos trabalhos, que atualmente são mais numerosos em vista da próxima expedição de missionários para África; mas conseguiremos preparar tudo com a ajuda de Deus e a boa vontade de todos. Vou escrever aos caríssimos e caríssimas que vão partir, para os animar e lhes fazer as minhas recomendações. Também a ti o Senhor te há de

ajudar, e vais ver que tudo correrá bem. Procura animá-los a todos e a todas.

Faz tudo o que combinámos para os que partem pela primeira vez para a sua nova terra de apostolado; mas não para os outros, como por exemplo o Irmão Arnéodo, exceto que seja verdadeiramente necessário, e neste caso falando primeiro com o Sr. Vice-Reitor.

Aqui não me falta o trabalho, e também muitos cuidados e atenções, especialmente porque não tenho quem me ajude no meu trabalho. Mas o Senhor Deus ajuda-me sempre, e sempre me dá a força e então sou capaz de fazer tudo o que é preciso. *Deo Gratias*!

Diz aos jovens que os abençoo a todos, que se portem bem, com bom espírito, e que também espero que venham a S. Inácio como prémio do seu bom comportamento. Teu com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IX/1, p. 99, n. 1431]

446

Aos padres Henrique Manfredi e aos seminaristas Luís Massa, Bernardo Perino e Mário Nebbia

J.M.J. S. Inácio, 8 de julho de 1921

Caríssimos em N.S.J.C.,

Tal e qual como S. Inácio em nome de Deus e da Igreja mandou em missão S. Francisco Xavier e os seus companheiros, com a mesma autoridade, e deste santuário dedicado ao grande S. Inácio, vos mando eu a vós quatro em missão para a África.[46]

Jesus estará sempre convosco, e sempre vos vai ajudar: *Ecce ego vobiscum sum* [Eis que estou com você]. Não tenhais medo da vossa fraqueza humana e da vossa falta de experiência. É Ele que vos diz: *Ego sum, nolite timere* [Sou eu, não tenha medo].

[46] Pe. Manfredi e todos os outros tiveram doença pulmonar; ele permaneceu no Quênia toda a sua vida, até 1977; os outros tiveram experiências diferentes.

Debaixo das asas da obediência tereis uma boa viagem, e vereis como a vossa saúde melhorará. Fareis uma pequena pausa nos estudos, e depois começareis a estudar de novo e chegareis, também vós, amados seminaristas, à meta tão desejada do sacerdócio.

É esta para vós a vontade de Deus, que será também uma prova de afeto da parte dos superiores, os quais a nada se pouparão para solidificar a vossa vontade, e para fazerem de vós missionários idóneos e verdadeiros.

Não podendo eu estar presente durante a vossa partida para vos abençoar solenemente, estarei presente em espírito, e vou mandar-vos à mesma a minha Bênção paterna, que vos tornará fortes ao deixardes o aconchego da Casa Mãe e de tantos vossos queridos confrades.

A ti, caro P. Manfredi, abençoo eu duma maneira especial, para que esta bênção te possa ajudar a guiar os teus companheiros e a conduzi-los *cum pace et gaudio* [com paz e alegria] à terra prometida.

Ao chegardes ao campo do vosso apostolado, beijai essa terra que regareis com o suor do vosso rosto, e renovareis então o vosso propósito de vos tornardes santos missionários.

Levai os meus cumprimentos ao Rev.mo Vigário Geral do Quénia, o P. Gabriel Perlo, e a todos os missionários, que já se tornaram venerandos pelas muitas fadigas apostólicas que suportaram para bem das amadas gentes dessas terras. Dizei-lhes que aqui na Casa Mãe todos pensam neles com afeto, e sempre por eles todos rezam.

Deixai-me agora encomendar-vos à maternidade da nossa querida Padroeira, a Santíssima Consolata. E abençoo-vos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo...

Em J. M. J., com muito afeto ...

[Vol. IX/1, pp. 101-102, n. 1432]

447

Às Irmãs Constantina Mattalia, Rafaela Gerbore, Secundina Granero e Rosália Carrera

V.J.M. e J. S. Inácio, 8 de julho de 1921

Reverendas Irmãs Missionárias:
Constantina, Rafaela, Secundina e Rosália,

Chegou para vós o feliz dia que tanto almejastes! Saboreai a alegria e agradecei de todo o coração ao Senhor. Sim, sentireis pena ao separar-vos desta Santa Casa onde tantos bens recebestes e onde de tantas graças o Senhor vos colmou. E agora, escutando o murmúrio da voz do Senhor que vos chama, parti cheias da força do Alto. Quantas Irmãs vos precederam, e quantas seguirão os vossos passos.

Não vou repetir os muitos ensinamentos que vos dei durante todos estes anos passados. Mas digo-vos: conservai bem alto o vosso espírito que sempre vos diz: *Deus só, em tudo e sempre*! E assim sereis capazes de vencer todas as dificuldades, levantar-vos-eis dos desânimos fugazes, e procurareis sacrificar-vos para consolar o vosso Jesus sempre ávido de almas.

E assim passareis a vossa vida, uma vida mesmo longa talvez: e de imediato lá estará ele à vossa espera, o Paraíso dos apóstolos. Felizes sereis se sempre procurardes satisfazer os desejos de Deus e dos superiores! E... lá no Céu nos veremos, lá onde *semper cum Domino erimus* [estaremos sempre com o Senhor].

Durante a vossa viagem, com as nossas orações vos animaremos, e lá na terra da Missão vos sustentaremos com o bem-querer do nosso coração. Quando lá chegardes, saudai por nós a vossa nobre Superiora e todas as vossas Irmãs no apostolado: dizei-lhes que por elas sempre me alegro, pois sei que sempre nos seus corações mora a boa vontade.

Parti, portanto!... Abençoadas pela nossa Padroeira, a nossa Santíssima Consolata, sede felizes – a vós o digo, eu, vosso Superior e Pai, que à Missão vos envio.

[Vol. IX/1, pp. 103-104, n. 1433]

448

Ao P. Lourenço Sales

J.M.J. S. Inácio, 13 de julho de 1921

Caro P. Sales,

Muito me alegra o bem que se faz por meio de projeções. Deo Gratias por Carignano. Vai também a Sommariva, onde a tua mãe te espera ansiosamente, como me escreveu o Josézinho. É um dever ires lá, também para agradeceres ao benfeitor T. Dominici, ao qual agradecerás também em meu nome.

Aqui aos pés de S. Inácio te abençoo, e para ti e para mim lhe peço um pouco do espírito que ele tinha, espírito de fortaleza e de fé viva em Deus – e só em Deus! Reza também por mim ao Senhor Jesus para que eu *termine bem o tempo da minha vida, in Domino*.

O teu irmão escreveu-me a dizer que os exames correram bem. Agora sente-se cansado e não muito bem de saúde. Vamos esperando e vendo. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 106, n. 1434]

449

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. S. Inácio, 13 de julho de 1921

Caro P. Ferrero,

Rezei por ti aos pés de S. Inácio, e tenho sempre muita esperança nele porque ele sofreu penas e tribulações maiores do que as tuas e as minhas. Coragem, para ti e para mim!... Fico contente por saber que vais visitar a tua família quando te for possível. Nessa ocasião faz também a oferta do subsídio para a *bolsa* [de estudos] de Giaveno, tendo em conta todos os outros contributos, mesmo os da África. Depois veremos se sim ou não pôr o seminarista a par de tudo.

Se lá fores antes de eu voltar para Turim, pede o dinheiro ao

Sr. Vice-Reitor; eu volto no sábado, dia 23 do corrente. Pergunta ao M. R. D. Brizio pelo documento das Ordenações, pois ele ficou lá com ele para pedir aos dois cónegos para o assinarem também eles, e para depois o levar à Cúria.

Continua com coragem; o Senhor, depois da dor costuma dar-nos muitas consolações. E depois vai o Paraíso ser um lucro incomensurável. Reza também por este teu que te estima com muito afeto...

[Vol. IX/1, p. 107, n. 1435]

450

À Irmã Clara Strapazzon

V.J.M. e J. S. Inácio, 13 de julho de 1921

Rev. Irmã Clara,

Obrigado pelas boas notícias dessa querida comunidade em que vivem com um só coração e uma só alma *in Domino*. É esta a consolação que mais prazer me dá. E cá me fico a rezar por todas em geral, e por cada uma em particular, para que todas se façam santas.

Alegra-me também o facto que as que partiram estão cheias de coragem; o Senhor há de sempre protegê-las. E vocês durante a viagem rezem como de costume uma *Salve Rainha* (ou uma *Ave Maris Stella*) e um *Angelus*. Eu volto para aí o mais tardar sábado, dia 23 do corrente. Acerca da Irmã Josefina, fala com o Sr. Vice-Reitor. Cumprimentos... e obrigado pela fruta...

Abençoo-vos daqui aos pés de S. Inácio, com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 109, n. 1436]

451

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Turim, 5 de agosto de 1921

Caríssimo P. Gays,

Li com verdadeira satisfação as boas notícias que me trouxeram

as suas cartas. O essencial é que haja em todos uma boa e constante vontade. As imperfeições, essas espero que sejam deixadas em S. Inácio, durante o retiro. E depois, no próximo ano poderemos esperar que todos já cumpram os seus deveres. Acerca da decisão que tomou a Piccola Casa: Paciência!

O seminarista Sestero, e o outro também, é preciso que não ultrapassem o número dos dias, para não precisarem de dispensa nenhuma, porque Roma não gosta muito de conceder dispensas. E V. Rev.a, pela Festa da Assunção mande vir para aí o seminarista Bísio, que parece já estar à espera da dispensa. Recebi ontem uma carta dum seminarista da zona de Bolonha, um tal Montanari: já o aceitámos.

Ele vem a Turim hoje ou amanhã, e depois, um dia ou outro, vou mandá-lo a S. Inácio. E vocês arranjem-se aqui como puderem, podem mesmo servir-se dos meus quartos, e mesmo dos do Cardeal. E até mesmo colocando colchões no chão se necessário. Pensemos, tu e eu e o P. Gallea, quando é que devemos determinar a troca dos Irmãos e das Irmãs. O Ir. Davide, se possível, fique onde está até ao fim do mês, pois é ele que mais necessidade tem segundo o Dr. Quarelli, que também disse que o José e o Afonso não estão doentes. Isto é para V. Rev.a se poder regular.

Agradeça a todos, estudantes, postulantes, noviços e professos, etc. pelos lindos escritos que fizeram. Alegra-me ver que estão gratos ao Senhor pela grande graça que Ele lhes concedeu, e que mostrem com os factos a sua gratidão, procurando viver entre si em perfeita caridade e obediência.

Este ano têm também a presença do S. Coração que se dignou vir triunfalmente distribuir sobre eles as suas graças e as suas bênçãos. Depois de se voltar para Jesus sacramentado, volte-se o nosso olhar agradecido para o Sagrado Coração, por meio de jaculatórias como: *Cor Jesu flagrans* [Coração de Jesus, ardendo (de amor)]...

Quanto amor sentirão por Deus e por aqueles que ainda não chegaram ao conhecimento da fé! E preparem-se todos para a grande solenidade da Assunção de Nossa Senhora ao Céu, durante a qual, espero, também estará presente o Monsenhor. Eu farei o

possível, pois como sabeis de há dias que estou fechado dentro do meu quarto por causa das costumadas dores de cabeça. Mas... que em tudo se faça a santa vontade de Deus.

E agora venho a V. Rev.a que me escreveu: *Não me sinto bem no lugar onde estou. Tenho tantas coisas que lhe queria dizer, mas sei que não gosta de as ouvir, e isto causa-me uma dor imensa*. Não entendo estas palavras enigmáticas. Penso que lhe tenho dado até hoje toda a confiança de superior e de confidente. Tenho-me comportado segundo os seus desejos a pontos de sacrificar as minhas maneiras de ver às suas... Como é que pode dizer que não gosto de o ouvir? Foi por isso que, com muita estima e afeto, o chamei a governar o Instituto. E tudo parece correr bastante bem...

Então tenha coragem, e se isto é causado por penas e por melancolia, coloque tudo no Sagrado Coração, e vá, força, sempre em frente! E se por acaso a causa é outra, escreva-me tudo em toda a confidência e confiança, e veremos que outros expedientes usar.

Eu agradeço ao Bom Deus por amparar a minha velhice durante penas maiores e mais dolorosas para que eu possa *consummare cursum meum* [terminar minha corrida]. Força, coragem e, por favor, escreva tudo, e tudo bem claramente. Muitos cumprimentos a todos, e a minha bênção paterna.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, pp. 116-117, n. 1439]

452

À Irmã Clara Strapazzon e às outras Irmãs

V.J.M. e J. Turim, 5 de agosto de 1921

Rev. Superiora, Irmãs,

Que consolação para mim saber que estais bem corporalmente e espiritualmente! Assim, não só nada perdeis no espírito mas, com a maior força e vigor do corpo, também vos sentireis fortes no espírito da fé e da caridade mútua, e mais fácil será viverdes uma vida sincera e verdadeira. O Sagrado Coração de Jesus, que se

dignou colocar-vos solenemente neste monte, também ajudará Santo Inácio a bem vos formar no seu espírito apostólico.

É verdade que o trabalho não falta; mas quando o fazemos por amor de Deus, há ainda tempo para darmos de vez em quando um passeio; e os bons ares, esses até os encontramos dentro de casa. Para mim vai ser difícil voltar a S. Inácio por causa dos meus muitos compromissos; e depois o calor, também ele vai diminuindo... Presentemente, sinto-me bem. Depois combinaremos como e quando decidir a troca das Irmãs, e a seu tempo vo-lo comunicarei.

Agora tu deves comportar-te com tranquilidade no teu ofício. Pequenas misérias, vai sempre havê-las, nem serás nunca capaz de as eliminar todas. O que é preciso é não tolerar os defeitos, mas corrigi-los com uma palavrinha, um olhar, um silêncio que fala; um estar à espera duma falha para a corrigir oportunamente logo de início. Recorda bem: É Deus que se exprime, o Deus que muita paciência tem para connosco.

Muito obrigado pelas framboesas e os murtinhos; mas daqui em diante, bem, saboreiem-nos vocês.

Muitos cumprimentos para todas e a minha bênção para cada uma. Com muito afeto vosso no Senhor...

[Vol. IX/1, pp. 119-120, n. 1440]

453

Ao P. Luís Santa

Turim, 5 de agosto de 1921

Caríssimo em N. S. Jesus Cristo,

Esperava do Sr. Bispo uma resposta diversa, dado que ele me tinha dito oralmente que o único motivo para adiar a licença era temer que V. Rev.a não estivesse bem firme na sua decisão. Creio que convém esperar e aceitar os ofícios que ele lhe queira confiar. Entretanto reze para que o Senhor confirme a sua decisão por meio da sua graça e, sempre que possível, renove o pedido.

E isso convencerá o Bispo que a vontade de V. Rev.a está bem

firme e perseverante. A graça virá, e eu vou por ela rezar à Santíssima Consolata.

Viva na alegria, e reze por este seu que muito afeto lhe tem em Jesus Cristo...

[Vol. IX/1, p. 121, n. 1441]

454

Ao P. Tomás Gays

Antes do dia 13 de agosto de 1921

Caro P. Gays,

Não lhe posso escrever muito. Recebi as suas cartas: tudo bem!

Se aqui vier o irmão do Montanari este sábado, deem-lhe de comer. Também costuma cá vir o Sr. Prina, que vá comer à hospedaria; podemos dar-lhe um café, e o mesmo para a mãe do diác. Merlo-Pick.

A Rocciamelone[47] podem ir só os mais robustos da 1ª Classe. Cumprimentos...

[Vol. IX/1, p. 124, n. 1443]

455

Ao P. Tomás Gays

Turim, antes do dia 16 de agosto de 1921

Caro P. Gays,

1. Penso que não é conveniente que o seminarista Maletto vá a casa: 1) Ele precisa da cura inteira dos ares de montanha, até ao fim; 2) o prior D. Giona disse-me que o Maletto não devia passar muito tempo em casa; 3) É jovem, porque é que deve ficar em casa a conversar com a cunhada!... Que converse com ela o marido, o irmão; 4) o ano passado repetiu; mas então é inútil passar tempo no campo. Ele tem um 'coração' muito pequeno. É necessário que

[47] Montanha de cerca de 3.500 m. a norte do Val de Susa (Turim).

quando voltar a Turim tenha saúde, e também que renuncie a alguns caprichos.

2. O mesmo para o Moriondo porque, como seminarista, não pode ficar no lugar do P. Re; e além disso, despesas... dissipações... A mãe dele não está à espera dele. Ao máximo, irá depois a Turim.

Conversando com o P. Gallea, penso que a mudança das Irmãs e dos Irmãos convém fazê-la no dia 20; deste modo os outros, ficando até ao dia 15 de setembro, teriam o mesmo tempo de férias. Comunique isto à Superiora.

Veio visitar-me o prior de Nole: disse-me que aquele tal rapaz, quando voltou de S. Inácio, feriu-se num pé; eu disse-lhe 'que se cure' e depois volte a S. Inácio.

[Vol. IX/1, p. 125, n. 1444]

456

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Turim, 17 de agosto de 1921

Caro P. Gays,

Fiquei contente que as festas foram celebradas com muita solenidade. A Santíssima Virgem certamente tudo pagará com muitas graças.

Não quero censurar o passado, mas para conservar as boas tradições, não se admita nunca nenhum sacerdote ou leigo à mesa comum. É assim que se comportam as Congregações de boa observância. E também nós sempre observámos esta norma. Do mesmo modo, não concordo com as festas feitas em honra da Superiora na igreja ou à mesa. Os seminaristas não devem saber os nomes das Irmãs, e a separação entre eles e elas nunca é demais, para que depois em África a separação entre eles e elas seja mais fácil.

O Irmão Miguel escreveu-me há quinze dias dizendo-me que ainda anda a fazer a cura de ovos e leite, como determinado. Respondi-lhe que experimentasse a não a fazer durante quinze dias: se se sentisse bem, que voltasse. Portanto, à exceção do

David, é assim que se devem comportar todos os inválidos depois do mês de agosto.

Acerca daquela Cruz, não façam nada. O Cón. Gunetti já me disse que o Vigário de Lanzo já formou uma comissão que se encarrega das despesas necessárias, que não são indiferentes, e também que vai fazer ele tudo com o contributo das aldeias vizinhas.

Muitos cumprimentos a todos, e a minha bênção, com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 129, n. 1446]

457

À Irmã Margarida Demaria

V.J.M. e J. Turim, 1 de setembro de 1921

Boa Irmã em N.S.J.C.,

Já é tempo de responder à tua última carta, em que me dizias que te parece que o Monsenhor não anda muito contente com as nossas Irmãs. Várias vezes tratei este assunto com ele, e ele disse-me que estava contente com todas em geral, e particularmente contente com a maior parte delas.

De ti, sempre me falou bem, e mesmo diz que teria dificuldade em te deixar voltar para a Itália. E para te abrir *in Domino* todo o meu coração neste ponto, o Monsenhor disse-me só que lhe parece que tu mostras predileção pelas mais jovens e por aquelas que sabem cortejar-te. Sim ou não, não sei, o que é bem é que tu saibas estas coisas que te estou a dizer para que elimines de ti toda e qualquer dúvida ou pretexto.

O Monsenhor deseja que eu próprio nomeie as dirigentes para cada Estação de Missão.

Vou fazer exatamente isso, mas deixando-te a possibilidade de trocares a que eu nomeio por outra quando te parecer que a minha escolha não está bem. Sabes bem que eu nunca escolheria para tal trabalho as Irmãs Cândida ou Antonina. Nem sei se a Ir. Inês seria competente para ficar no teu lugar quando tu vieres à Itália. E também me parece que seria cedo demais escolher a Ir. Maria. A respeito da Ir. Luísa, é preciso dizer-lhes as coisas

como elas são, mas sem a rebaixar, pois ela tem virtude e talento para trabalhar bem.

Foi um prazer saber que as Irmãs Catarina e Teresa mostraram que querem emendar-se: vê se as ajudas a vencer os seus defeitos, mas para isso deves mostrar-lhes estima e afeto.

Com certeza já viste que partiram nove Irmãs do Cottolengo, e depois ainda partirão várias outras, até à última de entre elas. Isto estou a dizer-to em *confidência*. Quanto possível, mandaremos as nossas; mas por agora, não podemos substituir todas as do Cottolengo com Irmãs nossas. É possível deixar nalgumas Estações de Missão só os sacerdotes, mas não deixaremos as Irmãs senão em grupos de quatro, ou *ao menos de três*. Esta ordem já a dei claramente ao Monsenhor.

Como já te disse, vai recolhendo o material para a composição do Diretório para os lugares de Missão. Quanto mais se aproxima o momento de fazerem os votos perpétuos, mais necessidade eu tenho do teu juízo ou avaliação de cada uma delas. E tu continua a visitar as Estações de Missão, vai corrigindo por toda a parte as pequenas misérias humanas; e vai-as encorajando todas a enveredarem cada vez mais pelo caminho da perfeição religiosa.

E eu vos abençoo a todas, e vos encomendo à nossa querida Senhora da Consolata. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, pp. 133-134, n. 1449]

458

À Irmã Inês Gallo

V.J.M. e J. Turim, 3 de setembro de 1921

Boa Irma Inês,

Há muito tempo que te queria escrever para louvar o teu bom espírito e a tua diligência no trabalho, seja como Assistente da Superiora, seja pelo teu trabalho cheio de paciência com as novas Irmãs indígenas. E também penso que tudo isto te trouxe bastante cansaço.

Coragem, minha boa Irmã, coragem no Senhor. Caminha sempre

para a frente, mas não sem deixares de pensar na tua saúde. Procura nunca ficar desanimada nas dificuldades, mas vai cumprindo o teu dever com calma e doçura. Verás como Deus vai compensar as tuas deficiências com a sua liberalidade. E, como sabes, é muito importante estares de acordo em tudo com a Superiora, apresentando-lhe as tuas observações em vista do bem comum.

E eu mando-te toda a minha bênção, e rezo por ti! Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 135, n. 1450]

459

À comunidade da Casa Mãe que gaza férias em Santo Inácio

J.M.J. Turim, 7 de setembro de 1921

Caríssimos em N.S.J.C.,

Nesta querida Festa da Natividade de Maria, é com muita pena que não posso vir a S. Inácio! Mesmo daqui de Turim, estarei presente em espírito no vosso Congresso, ou Cruzada, e abençoo-vos de todo o meu coração. É sinal de vocação ao Apostolado usar *energia* em tudo. Disto dais vós prova nestas vossas reuniões, em que cada um se empenha para bem fazer a sua parte, por mais pequenina que seja. Força, e muita coragem!

Entretanto, as vossas longas férias aproximam-se do seu termo. Durante esta última semana, sede fervorosos e obedientes. S. Inácio está certamente contente convosco; durante estes últimos dias reparai qualquer defeito que tenha surgido, para voltardes a Turim com as mãos cheias de graças por S. Inácio concedidas.

No desejo de bem depressa nos encontrarmos, abençoo-vos com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 138, n. 1451]

460

À Ir. Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

V.J.M. e J. Turim, 7 de setembro de 1921

Boa Irmã em N.S.J.C.,

Recebi as tuas cartas, e finalmente tenho um momento para responder. Fizeste bem em escrever-me para me dizeres como é que tu vês as coisas: serviu-me isso para examinar a situação com o Monsenhor. Quero e pretendo, porque é meu dever, que vocês vivam no espírito que vos comuniquei, espírito de fé, de caridade e de delicadeza.

Penso que sofreste uma espécie de doença moral; é preciso que te armes de coragem e procures com palavras, e mais ainda com o exemplo, infundir e manter em todas a vontade de se aperfeiçoarem. Não vale a pena escandalizarmo-nos com coisa alguma; o que devemos é fazer o possível para que as coisas corram bem.

Os teus parentes lamentam-se que escreves pouco: É melhor contentá-los, especialmente o teu pai que já está adiantado nos anos. O teu irmão escreveu-me a dizer que venderam uma casa com terrenos e, dado que não tinham uma procuração tua, ficou ele responsável pela tua parte. Respondi-lhe que nós temos uma procuração tua, como eu já tinha escrito à tua irmã dizendo-lhe que estava disposto a mandar-lha.

Ele disse-me que a tua parte vale 42.000 Liras, se bem recordo, e que as usavam para obras na Sardenha, e que o pai tem direito ao usufruto: isto é só para tua informação, não é preciso fazeres nada.

Então, muita coragem, sempre! E sempre com os olhos fixos no Senhor.

Abençoo-te a ti e a todas as queridas Irmãs, especialmente as que vivem contigo. Teu com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 140, n. 1452]

461

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, 1 de outubro de 1921

Nunca te percas de coragem; e renova frequentemente os teus propósitos. Não penses muito no futuro. Pensa em tornar-te santa na Casa Mãe...

Pede a Jesus muita caridade e muita humildade, e abandona-te a ele, *a Ele só*.

[Vol. IX/1, p. 147, n. 1455]

462

Aos missionários da Consolata

J.M.J. Turim, 15 de outubro de 1921

Caríssimos em Nosso Senhor Jesus Cristo,

Uma outra grande prova feriu o nosso Instituto e as Missões: o nosso Irmão Leigo Miguel Cavigliasso deixou-nos para partir para o Paraíso. O que mais ainda nos entristece é a espécie de morte que o levou inesperadamente, pois nem sequer pôde ser assistido pelos confrades. Primeiro um telegrama, e depois uma longa carta do P. Fassino, explicaram-nos que o caro Irmão morreu no dia 2 de agosto ao cair dentro de um pântano. Não vos conto os pormenores, que provavelmente vós já conheceis melhor do que eu.

Depois de termos perdido dois Irmãos Leigos, Tiago e Humberto, não esperávamos nada assim: três em tão pouco tempo. O Irmão Miguel estava na força dos seus 42 anos e dava-se totalmente ao trabalho na fazenda de Nyeri.

Curvamos a nossa vontade diante da santa Vontade de Deus, cujos desígnios são imperscrutáveis, mas sempre cheios de misericórdia. O Senhor de toda a bondade quis premiar os 14 anos de missão deste nosso Irmão levando-o para o Paraíso, e ao mesmo tempo deixar-nos o ensinamento sobre a incerteza do momento da nossa partida desta vida. *«Estote parati, quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet»* [Prepare-se porque, na

hora que você não pensa, o Filho do homem virá]. O querido Miguel, quando por obediência ao Superior saiu de casa às dez horas, só a casa voltou dois dias depois, frio cadáver... Mas a boa notícia é que ele sempre viveu como um religioso cheio de fervor e de zelo missionário; e assim a sua morte não foi improvisada, mas encontrou-o preparado quando o Senhor o chamou!

Recordai-vos como o víeis sempre tranquilo e alegre, toda a sua atenção centrada no que fazia, sempre aplicado aos trabalhos que a obediência lhe confiava. Por vezes, quando lhe faziam alguma observação, não se defendia, e com humildade dizia com a boca e o coração: «Sei bem que sou um coitado que não presto para nada; *in peccatis concepit me mater mea»* [em pecado minha mãe me concebeu].

E esta virtude religiosa tirava-a ele da sua devoção ao Santíssimo Sacramento. E dizia ainda: «Se chegar o dia em que eu já não possa trabalhar, passarei o tempo todo em adoração ao Santíssimo Sacramento».

Foi aqui que se formaram os santos missionários, como S. Francisco Xavier. Há quem se lamenta que não encontra nas Missões os meios para se aperfeiçoar que há na Casa Mãe. Recorrei sempre a Jesus com toda a confiança e ele vos dará tudo o resto. Há de iluminar-vos e confortar-vos: *«Accedite et illuminamini; venite ad me omnes qui laboratis»* [Olhe para Ele e você ficará radiante; vinde a mim todos vós que estais cansados].

Mas a morte repentina deste nosso Irmão deve levar-nos a pensar na nossa própria morte. Quando morreremos nós? Como morreremos? Nesse momento, estaremos nós bem preparados, ou teremos um grande desejo de adiar esse momento da nossa morte para melhor nos preparamos para o Juízo divino? «*Oh, si daretur hora!»*[Oh, se tivéssemos uma hora].

Um verdadeiro religioso missionário devia estar sempre bem preparado para dar esse grande passo. Infelizmente não é sempre assim. Depois de se ter feito, ao partir para as Missões, o grande sacrifício de deixar todos e tudo, deixa-se que o coração se apegue a certas pequenas misérias, que podem ser um impedimento a uma maior perfeição, e que produzem

inquietação no momento da morte. Examinai-vos diariamente para ver se estais em regra com os santos votos, e com as virtudes da caridade e da humildade. Vivamos, meus caros, da perfeição, para estarmos sempre preparados para a morte. Não se trata só de não cair no inferno, o que seria um horror para um missionário. Mas para evitar, tanto quanto podemos, as penas do Purgatório. Mas isto não basta. Devemos viver de perfeição para alcançarmos uma maior glória no Paraíso. E, se não por outras razões, para vivermos tranquilos, e para gozarmos de uma grande paz de espírito no momento da nossa morte.

A indulgência plenária do nosso Beato vai ser-nos aplicada também no momento duma morte repentina; mas, vamos sempre possuí-la também como corolário das nossas disposições pessoais? Vós bem sabeis que nenhum pecado pode ser perdoado sem dor e propósito. Vamos nós tê-los, essa dor e esse propósito, depois de tantas misérias a que nos habituámos, e das quais nunca nos emendámos?

Na comunidade ouve-se de vez em quando o lamento: que já não existe o espírito da fundação... Em vez de tais lamentos inúteis, e em vez de desejar a perfeição para os outros, pense cada um em procurar a sua própria perfeição dentro de si próprio. Se assim nos comportássemos todos, esse espírito voltaria para toda a comunidade.

Termino recomendando a todos que cada um trabalhe na sua própria santificação. Cada um deve dar contas de si próprio, não dos outros. Eu sou responsável de vos fornecer os meios para vos tronardes santos missionários, e vós respondereis pelo modo com que os aceitardes e concretizardes. Todos devem pensar no "*ad quid venisti*" [para que você veio], e não vos perderdes em questões inúteis que pouco ou nada valem, e mesmo nos impedem de conseguir o nosso fim, que é a nossa santificação e a conversão dos que ainda não têm a fé.

Nossa Senhora da Consolata vai ajudar-vos, para que cada um ganhe para si muitos méritos. E daqui continuarei eu a rezar por vós à nossa querida Mãe, implorando para vós o espírito de fortaleza e o heroísmo dos mártires. Abandonai-vos nos braços de Maria Santíssima: ela vos consolará, e transformará as vossas

dores em alegria. Pensai que eu estou sempre perto de vós, e sede fortes.

Portanto, muita coragem sempre, sustentados também pelas nossas orações. Dia após dia, hora após hora, avançai no caminho do Senhor. Aos pés de Nossa Senhora da Consolata vos abençoo de todo o coração, e com alegria vos digo: Vosso, com muito afeto no Senhor ...

[Vol. IX/1, pp.148-150, n. 1456]

463

À Irmã Emília Tempo

Turim, depois do dia 6 de novembro de 1921

Precisas de mais simplicidade e abandono a Deus, sem estares a examinar sempre os teus pensamentos. Vive tranquila e serena, e Deus há de abençoar a tua humildade. Abençoo-te. Fica tranquila.

[Vol. IX/1, p. 161, n. 1460]

464

Ao Mons. Filipe Perlo

Turim, 21 de novembro de 1921

Caríssimo Monsenhor,

Dado que V. Excelência nunca me perguntou o que é que eu penso e sinto das Missões, nem o que eu penso da presente situação do pessoal - ainda que tenha tido ocasião de o fazer! - creio ser meu dever expor-lhe por escrito as minhas impressões e intenções, para bem do pessoal dessas mesmas Missões.

Existe aí uma lamentação geral que diz que aí em África pouco conta o ponto fundamental das Constituições, que é de procurar em primeiro lugar a santificação do pessoal que aí trabalha nas Missões; diz-se também que V. Ex.cia deseja quase unicamente que esse pessoal faça muito, superlotando-o mesmo de trabalho; e ainda que V. Ex.cia não se preocupa se eles têm muito ou pouco

interesse no bom andamento das Missões, o que é de prejuízo para o voto de pobreza.

Mais do que um dos missionários diz que V. Ex.cia não é um pai mas um general, e que não se interessa do progresso espiritual deles; e até mesmo que não providencia a tempo às necessidades deles, o que os leva a desejar ansiosamente coisas de que realmente precisam, e que não têm, mesmo depois de várias vezes a si as pedirem.

Outra coisa que me dá pena é saber que há frequentemente litígios com os representantes do Governo, e também com cidadãos privados, por questões de contratos e de trabalhos: ora isto pode eventualmente causar dano à vida das nossas Missões. Não sei se este mal foi agravado pelo caráter do P. Luís; mas penso que este inconveniente existiu, mais ou menos, desde sempre. Sou da opinião que devemos tratar com simplicidade e prudência com o governo e as entidades privadas, e assim cuidar do bom nome do Instituto e dos seus membros.

Dizem também que, frequentemente, há missionários que devem trabalhar na fazenda mesmo nos dias de festa, fazendo coisas que não são urgentes: para mim, os dias de festa são dias de descanso e de oração.

Não deve o P. Luís ter ascendente algum sobre os missionários e as missionárias das Missões porque, como dizem, é duro demais; e também não devia existir a opinião que, como já foi escrito, quem manda aí nas Missões é a 'Companhia Perlo'.

Para que não aconteça com as nossas Irmãs a perda que se deu com as Irmãs do Cottolengo, é preciso que as Irmãs sejam tratadas melhor pelos missionários, que sejam ajudadas a viver como verdadeiras religiosas segundo as próprias normas, e sempre debaixo da dependência e das diretivas da própria Vice-Superiora, e conformando-se às normas que lhes foram dadas pelo Superior delas de Turim. A destinação duma Estação de Missão para outra deve ser primeiro aprovada pela Vice-Superiora Geral em África; e a escolha para os cargos de Assistentes para as várias Casas deve ser feita de acordo com o Superior delas em Turim.

É minha vontade absoluta que pessoal branco estranho nunca

seja admitido a conviver ou trabalhar juntamente com elas, ou a comer com os missionários, Padres, Irmãos ou Irmãs, como já escrevi também ao Mons. Barlassina do Kaffa.

Acerca do P. Rossi, repito o que já escrevi mais do que uma vez no passado: penso que ele não deve ser admitido à Profissão Perpétua. Se ele se obstinar a querer ficar nos lugares de Missão, observando evidentemente os votos tal e qual como os outros missionários, peça V. Ex.cia aos missionários mais idosos, separadamente e secretamente, para lhe dizerem se a presença dele possa ser nociva ao bom andamento das Missões: e deve depois V. Ex.cia retê-lo ou não baseando-se nessas mesmas informações dos missionários mais idosos: e ditas informações devem ser obtidas por escrito e a mim transmitidas por cada um dos missionários interpelados.

Dada a insistência da Propagação da Fé em pedir pessoal para Iringa, é bem que para lá envie dois, fornecendo-lhes o que é necessário, como já fez para com os outros. Para lá, poderiam ser destinados os Padres Spinello e Albertone.

São estas as coisas principais que penso ter a obrigação de dizer a V. Ex.cia. E faço-o pensando no bem do Instituto, e também porque daqui a não muito tempo terei de dar contas ao tribunal de Deus.

Não leve V. Ex.cia a mal a minha franqueza e *In Domino*...

[Vol. IX/1, pp. 180-182, n. 1469]

465

Ao Mons. Gaudêncio Barlassina

J.M.J. Turim, 18 de dezembro de 1921

Caríssimo Monsenhor,

Respondo à tua carta do dia 15 do mês de novembro passado.

É justo que a notícia da morte dos membros do Instituto chegue a todos o mais depressa possível. Do pobre Irmão Miguel que Deus tem já te foi dada a notícia pelo Sr. Vice-Reitor. Já a recebemos tarde porque o Mons. Perlo não estava lá quando o Miguel morreu.

Se acabasse duma vez para sempre aquela antipatia e vontade de murmurar contra o Quénia, muitas coisas correriam melhor, e receberíeis muitas e verdadeiras notícias fraternas.

Deveríeis agradecer ao Quénia se por nós sois socorridos nas vossas necessidades, pois é com o proveito que de lá vem que nós vos podemos ajudar. Deveríeis perceber que nós não temos aqui um poço de oiro e que, o que ganhamos à custa de muito trabalho e com muitos cuidados, basta apenas para manter a grande família da Casa Mãe - e por isso muitas graças sejam dadas a Deus! Basta de misérias! Estreitai-vos como irmãos!

Penso que ainda não é oportuno abrir um seminário, nem sequer acolher um grupo de jovens para os levar ao sacerdócio. Além das despesas necessárias, que por agora não podemos sustentar, vocês são ainda poucos, e eu proíbo absolutamente que, com esta ou outra finalidade, se convidem ou se aceitem estranhos, porque eles poderiam eventualmente tornar-se causa de danos para a Missão.

O vosso dever e trabalho agora consiste em recolher e formar, como católicos praticantes, os muitos que andam desorientados e pervertidos; e isto é já muito para corresponderdes fielmente aos vossos deveres. Além disso, deveis também trabalhar materialmente para vos tornardes sólidos – e para vos procurardes o necessário para viver.

O P. Goletto não devia ter escrito aquela carta: a nenhum missionário, mas muito menos a um seminarista. Eu fiquei com ela, e vou escrever a esse padre para o admoestar. Mas é sempre verdade que na Abissínia a mulher é mais perigosa que noutras terras, e por isso são compreensíveis o perigo que é ter uma dessas mulheres em casa.

Deves, portanto, novamente proibir esta prática. Os nossos são ainda jovens; é certamente mal fingir aquilo que não é, e não deve ser; fingir de ser casado! Que efeito terá isto no futuro quando souberem que isto foi um fingimento desprezível? Acreditarão, e perdereis toda a estima que tinham por vós. Nunca *sunt facienda mala, ut veniant bona* [O mal não deve ser feito para o bem vir], bona na vossa intenção. Caminhai no caminho justo que para vós escolheu o próprio Deus e a moral verdadeira. Penso que

respondi às tuas perguntas. E agora, abre o coração para receberes os dois novos missionários: o P. Borello e o P. Occelli; ótimos sujeitos, com bom espírito eclesiástico e religioso; se bem os guiares e apoiares, poderão fazer muito bem.

Na Propaganda Fide espera-se a revisão das Nossas Constituições, para a aprovação definitiva das Constituições e do nosso Instituto. Rezai para que nisto, e em tudo o resto, se faça a vontade de Deus. A seu tempo te escreverei para a convocação do Capítulo. Nossa Senhora da Consolata te ampare e ilumine.

Com a minha bênção...

[Vol. IX/1, pp. 204-205, n. 1476]

466

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Turim, 20 de dezembro de 1921

O CÓNEGO JOSÉ ALLAMANO

Deseja Boas Festas *toto corde* [com todo meu coração] a V. Rev.a caríssima, pedindo a Nossa Senhora da Consolata que lhe dê saúde, graça e muita força para bem cumprir o delicado e importantíssimo ministério que o Senhor lhe confiou.

Deo Gratias!

[Vol. IX/1, p. 210, n. 1478]

467

Ao P. Francisco Cagliero

23 de dezembro de 1921

Caríssimo P. Cagliero,

De acordo com as prescrições do Novo Código do Direito Canónico, os missionários religiosos devem ter um Superior que representa o Superior Geral (Cânone n.º 296, § 2).

Foi-me isto confirmado recentemente pela Propaganda Fide em

Roma. Depois de ter rezado ao Senhor, eu decidi de nomear-te para este importante ofício para o Vicariato do Quénia.

Tenho a certeza que tu vais aceitar este cargo que te dá a obediência, e que tu o exercerás para bem do espírito dos nossos missionários. Vou escrever isto ao Monsenhor Perlo para que o comunique a todos os nossos missionários do Quénia.

Nossa Senhora da Consolata te abençoe.

Com muito afeto em N.S.J.C. ...

P.S.: Em breve enviarei a convocação para o Capítulo Geral e as eleições conforme estabelecido pelas Constituições aprovadas; e tu ficas encarregado de visitar e recolher os votos para os dois delegados. De votar ficas tu excluído porque ao Capítulo já tu deves vir como Superior local.

[Vol. IX/1, p. 212, n. 1479]

468

Ao Mons. Filipe Perlo

24 de dezembro de 1921

Caro Monsenhor,

Voltando de Roma, o nosso P. Ferrero trouxe boas notícias, como já vos escreveu o Sr. Vice-Reitor.

Foi-nos também imposta a eleição dum Superior Local segundo as normas do Cânone 296, § 2 do Direito Canónico. Nomeei *in Domino* para esse cargo o P. Cagliero [Francesco]. Deste fato avise V. Ex.cia todos os missionários.

Dado que se pode recear que o P. Dal Canton, quando vier à Itália na primavera, não queira mais voltar para a África, é preciso que ele repare os erros cometidos, e renuncie, diante de V. Ex.cia, ao que ocupa a sua mente. Já quando ele para aí voltou (e já para aí não queria ir) tive de eu dar-lhe este bilhete...

As Festas Natalícias tragam muitas bênçãos para V. Ex.cia e para as Missões. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, pp. 213-214, n. 1480]

469

Ao seminarista Pedro Borello

1921

Não obstante qualquer passado que tiveste, conseguirás ser um missionário santo se te não perderes de coragem. Quando te sentes frio por dentro, reza à mesma. Recorre frequentemente a Jesus Sacramentado e a Nossa Senhora.

Durante as tentações, coloca-te no Coração Sacratíssimo de Jesus, e fica tranquilo: *Etsi consistant castra adversum me non timebit cor meum* [Se um exército acampar contra mim, meu coração não temerá].

Coragem, portanto. Com a minha bênção...

[Vol. IX/1, p. 221, n. 1482]

470

Ao seminarista José Moncallero

Data incerta

Coragem; o Senhor que te chamou, há de dar-te as graças necessárias. De manhã, faz o propósito de te venceres a ti próprio para bem fazeres as práticas de piedade, e para teres caridade para com todos.

Jesus abençoa todos os atos de obediência bem feitos. Com a minha bênção...

[Vol. IX/1, p. 222, n. 1483]

471

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, dezembro de 1921

Temos de receber tudo das mãos de Deus. O facto que o papá não te respondeu não quer dizer nada, pois ele não tinha razão

para ficar ofendido por tantas belas palavras que recebeu. Mas olha, deixa que a Consolata pense em tudo; e tu fica tranquila, sempre disposta a repetires de maneira suave o *Non possumus* [Nós não podemos]: não posso renunciar...

Abençoo-te. Pensa noutras coisas!

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 223, n. 1484]

472

À Irmã Josefina Battaglia

Data incerta

Nunca deves desanimar; o Espírito Santo vai trabalhar em ti pouco a pouco. Aquilo que fez a superiora não tem importância nenhuma: e então, porque te perturbas? Foi uma delicadeza da parte dela, e tu obedece-lhe.

Faz o propósito de seres mais forte. Abençoo-te...

[Vol. IX/1, p. 224, n. 1485]

473

À Irmã Josefina Battaglia

Data incerta

1. Continua a gozar da paz que agora tens, pois ela vem do Senhor; para o futuro, sê forte, especialmente quando a estrela desaparece.

2. Aprovo o propósito que fizeste.

3. Nada pedir, nada recusar. 4. Constância.

[Vol. IX/1, p. 226, n. 1487]

474

À Irmã Clementina Cristino

Data incerta

Muito bem acerca da tua abertura de coração. Conhecer-te a

ti própria é uma verdadeira graça de Deus. Se Jesus te dá uma graça destas, dar-te-á também a graça de te corrigires e de te santificares. Não é mal teres medo da África, mas podes ter a certeza que Deus te vai amparar, e então poderás ser uma verdadeira e santa missionária. Mas, sempre, confiança e abandono ao amor de Jesus.

[Vol. IX/1, p. 233, n. 1494]

475

À Irmã Clementina Cristino

Data incerta

Gosto de como tu abres o teu coração, e isso é um bem para ti e para o teu futuro. Não percas altura, deves santificar-te. Acerca disso, tens de fazer propósitos sérios, e caminhar sempre em frente no meio de tantas pequenas misérias, que sempre existem em qualquer estado de vida. Diz, pensa: «Que tudo seja para bem da minha vocação» - e isso basta!

O Senhor ajuda sempre as almas generosas. Nada te turbe, tudo passa, só Deus permanece!

[Vol. IX/1, p. 234, n. 1495]

476

À Irmã Clementina Cristino

Data incerta

Não te preocupes com a paixão: se os desprezares, esses sentimentos passam. E então esta luta torna-se uma boa preparação para a Missão.

Diz frequentemente: *Deus só! Deus meus et omnia* [Meu Deus e meu tudo]. Muita coragem.

[Vol. IX/1, p. 235, n. 1496]

477

À Irmã Clementina Cristino

Data incerta

Fica tranquila! Já respondi a tudo isso na outra carta. Coragem, sempre em frente, mesmo no meio das misérias humanas.

[Vol. IX/1, p. 236, n. 1497]

478

À Irmã Clementina Cristino

Data incerta

Fica tranquila, não é mal manifestar as próprias ideias, com a condição que estejamos dispostos a aceitar a vontade de Deus.

Coragem!

[Vol. IX/1, p. 237, n. 1498]

479

À Irmã Clementina Cristino

Data incerta

O teu caráter chama-se generosidade: torna-o constante com a graça de Deus, sem te preocupares demais com os defeitos e as recaídas: elas vão ajudar-te a ser humilde e caridosa.

Abençoo-te...

[Vol. IX/1, p. 238, n. 1499]

480

À Irmã Clementina Cristino

Data incerta

Muito bem. Fica tranquila e calma, sem teres medo algum. Procura obter das Irmãs o que puderes, assim à maneira das

crianças. E não esqueças que Jesus está sempre contigo, e que ele te vai ajudar, agora e sempre. Com a minha bênção.

[Vol. IX/1, p. 239, n. 1500]

481

Ao Mons. Gaudêncio Barlassina

Ao Mons. Barlassina Turim, 5 de janeiro de 1922

É minha intenção reunir aqui em Turim durante a próxima primavera o primeiro Capítulo Geral da nossa Congregação para a eleição do Conselho, e para organizar tudo o que prescrevem as Constituições.

E por isso devem estar presentes, e com esta carta os convido, dois membros de cada Missão, que são delegados dos missionários sacerdotes professos (com os votos perpétuos? Não: escrevi assim).

Seria conveniente que um deles fosse o P. Olivero o qual, tendo partido para África há 14 anos, nunca voltou à Itália. Ele até deveria vir o mais depressa possível para ver ainda os pais dele que são muito idosos e doentes, e que tanto desejam vê-lo, e eu já isso lhes prometi. O outro, eu desejaria que fosses tu o escolhido, que por isso virias como representante da Missão; e com a tua presença seriam esclarecidas várias coisas acerca do Kaffa para uma boa sistematização dessa Prefeitura.

Portanto, manda o P. Olivero imediatamente, e tu vens daqui a alguns meses quando eu te mandar um telegrama, como farei também com os do Quénia. Por isso, deves estar pronto a partir imediatamente quando receberes o telegrama. Assim chegareis cá ao mesmo tempo, e ficareis cá o menos tempo possível.

Muitos cumprimentos a todos, com a minha bênção, e com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 244, n. 1503]

482

À Irmã Clara Strapazzon

V.J.M. e J. 15 de fevereiro de 1922

Boa Irmã Clara, espero que o Senhor te cure completamente depressa, para teu bem e para o bem de todas. Mas, muita paciência no Senhor!...

Não virá mais o bom P. Barbero, mas um tal P. Appendino, que é um ótimo sacerdote que já foi confessor de Irmãs. Virá sextas e sábados às duas da tarde. Estejam preparadas, ofereçam-lhe um café quando chegar.

Tenham aí pronto para ele um barrete (tricórnio).

Ele começa o seu trabalho *sexta-feira* próxima.

Seria bom escrever uma carta ao P. Barbero para lhe agradecer todo o bem que fez durante tantos anos e a tantas missionárias, etc. Coragem! Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 268, n. 1509]

483

À Irmã Emília Tempo

Turim, 23 de fevereiro de 1922

Com o voto do que é mais perfeito sem pecado, claro que não pecas onde não há pecado; e nem os pecados se poderiam tornar mais graves. Se observas a perfeição, muito bem, senão, não há nada. Faz isto, e nada de preocupações...

[Vol. IX/1, p. 278, n. 1513]

484

Ao P. João Mauro

J.M.J. Turim, 25 de fevereiro de 1922

Caríssimo P. Mauro,

Recebi a seu tempo a tua carta cheia das tuas penas, e não me

admiro, pois bem conheço o teu caráter. Já não havia tempo para te responder, e eu esperava que algum dos padres mais idosos te desse um empurrãozinho.

Mas fizeste bem em pores em prática o conselho do Rev. Vigário, P. Gabriel. Esquece todas essas dúvidas e faz os votos perpétuos o mais depressa possível. É este o meu conselho formal e o que em virtude de obediência te ordeno. Depois vais sentir-te satisfeito e tranquilo. Fraquezas há de sempre havê-las por toda a parte, mesmo nas Missões: é preciso enchermo-nos de coragem e pensarmos em tornarmo-nos santos.

Portanto, sempre em frente *in Domino*. Abençoo-te com muito afeto...

[Vol. IX/1, p. 281, n. 1516]

485

Aos missionários sacerdotes do Quénia [48]

Antes do dia 11 de março de 1922

O nosso Instituto para as Missões começou a sua existência normal no dia 29 de janeiro de 1901 com a aprovação do Arcebispo de Turim. Bem sabeis como o Senhor e Nossa Senhora da Consolata o abençoaram; disso é prova o aumento do número dos seus membros e as obras realizadas nestes vinte anos para a salvação de tanta gente que por vós foi conduzida à fé.

Amparados pela benevolência dos Sumos Pontífices Pio X e Bento XV, e conduzidos pelos Cardeais Gotti e Van Rossum, obtivemos o *Decretum Laudis* que nos colocou sob a proteção imediata da Propagação da Fé, e assim o Instituto tornou-se *Juris Pontificii* [de Direito Pontifício].

Por vontade da Santa Sé, o Quénia foi a nossa primeira Missão, que depois se tornou Vicariato; em seguida foi-nos confiada a Prefeitura do Kaffa, e daqui a pouco a de Iringa. Tudo isto unicamente para honra e glória do Deus, o Deus que

[48] Esta carta, sem data e assinatura, nunca foi enviada ao Quênia. Em seu lugar, foi enviada a carta mais concisa datada de 31 de março de 1922 (ver abaixo).

amparou os Superiores a prodigarem ao Instituto o seu carinho e as suas fadigas. Graças sejam dadas à nossa Padroeira, Nossa Senhora da Consolata, que nos protegeu maternamente, e louvor aos nossos caros missionários e missionárias que, com verdadeiro espírito apostólico, trabalharam, e trabalham, com todas aas suas forças.

Chegados a este ponto, creio que é urgente sistematizar o governo regular da Congregação, e tomar todas as decisões necessárias para consolidar essa instituição, espiritual e materialmente. O Rev.mo Vice-Reitor e eu estamos em idade avançada e gastos pelos cuidados prodigados a uma Comunidade que continua a multiplicar-se em número e na quantidade de centros de Apostolado.

Sabeis bem que já por duas vezes tentámos entregar o nosso mandato à Sagrada Propagação da Fé, mas aceitámos a obediência de continuar a fazer este trabalho. Atualmente, tendo vós crescido muito em número, e podendo outros mais jovens ocupar o lugar dos anciãos, podem também eles assumir a direção da Casa-Mãe e formar um Conselho.

Dito isto, não tencionamos abandonar-vos antes de passarmos à outra vida; continuaremos a ajudar-vos com os nossos conselhos e com meios materiais também.

Muito deveras queremos que esta obra, que tanta glória dá a Deus no trabalho da salvação das almas, não abrande o seu caminhar, mas floresça sempre mais, e se mantenha sempre naquele espírito que procurámos infundir em vós durante todos estes anos passados. Temos a certeza que o presente terceiro Centenário da fundação da Propagação da Fé animará o clero e os fiéis nesta cruzada missionária, e aumentará também em nós o zelo pela salvação de muitas almas. Esperamos ver durante este ano a aprovação definitiva do Nosso Instituto e das suas Constituições, o que cimentará a estabilidade do Instituto.

Uma vez dado este passo, vou chamar da África os membros do Capítulo para a primeira Reunião Geral. Nela devem tomar parte, além do Ordinário ou um seu representante, o Superior

Delegado local e dois missionários sacerdotes de votos perpétuos que tenham sido eleitos por todos os sacerdotes professos, incluindo os de Iringa.

Provavelmente já recebestes a notícia da nomeação por mim feita do Superior Delegado para o Vicariato do Quénia na pessoa do caro P. Cagliero. Tendo recebido esta minha nomeação, ele vai comunicá-la a todos os votantes, e receberá em carta secreta os nomes dos dois eleitos; e isso ele vos anunciará para que cada um possa manifestar aos mesmos dois as coisas que deverão ser tratadas no Capítulo Geral para bem do Instituto e das Missões.

Anuncio-vos que, no passado escrutínio para as Constituições, o maior número de votos foi dado aos padres Rolfo e Gillio. Deixo a cada um de vós plena liberdade, mas não posso esconder-vos o meu desejo que seria conveniente eleger os mesmos dois: porque ambos são anciãos e porque, desde que partiram para a África, ainda nunca vieram à Itália.

Quando lhes for dito por telegrama para partirem para a Itália façam-se, em todas as estações de Missão, orações especiais para invocar sobre o Capítulo a luz do Espírito Santo e a bênção de Nossa Senhora da Consolata. E com esta intenção rezareis todos um *Veni Ceator* e três Ave Marias.

Cheio de confiança que tudo correrá o melhor possível para glória de Deus e o bem do Instituto, abençoo-vos...

[Vol. IX/1, pp. 295-297, n. 1520]

486

À Irmã Gertrudes Vajra

Turim, 13 de março de 1922

Tens de continuar a destruir os teus defeitos, especialmente o da falta de humildade. Com a graça de Deus e com a renovação constante dos teus propósitos, compensarás o fato de não partires imediatamente para as Missões.

Abençoo-te...

[Vol. IX/1, p. 301, n. 1521]

487

À Irmã Clementina Cristino

Turim, antes do dia 15 de março de 1822

Boa Irmã Clementina,

Não há nenhuma dúvida que por meados de março vais renovar os teus votos religiosos por cinco anos. Reza ao Senhor que encha o vazio da tua preparação, e confia n'Aquele que *humilibus dat gratiam* [aos humildes dá a sua graça]. Não te preocupes com certos medos que o demónio te traz para te tirar a tua paz e a tua tranquilidade.

Nem eu nem o Sr. Vice-Reitor mudámos de ideia sobre ti, nem nunca, voluntariamente, te mostrámos descontenta-mento algum sobre o teu comportamento. Essas dúvidas, atira-as todas para trás das costas e, sempre em frente *in Domino*! Escuta e faz o que eu te digo.

Abençoo-te com muito afeto no Senhor Jesus Cristo…

[Vol. IX/1, p. 303, n. 1523]

488

À Irmã Emília Tempo

depois do dia 18 de março de 1922

Sim, é uma graça conhecer-te: dá esse passo em frente: não te percas nunca de coragem; pelo contrário, renova os teus propósitos, e com a Bênção Divina também tu conseguirás tornar-te santa.

[Vol. IX/1, p. 304, n. 1524]

489

Ao seminarista Lourenço Bessone

Turim, depois do dia 19 de março de 1922

O Senhor vai segurar-te nos seus braços em todas as ocasiões

se tu tiveres confiança n'Ele e rezares muito. Sempre em frente – com toda a coragem!

[Vol. IX/1, p. 305, n. 1525]

490

Aos Sacerdotes da Missão de Iringa

Turim, 25 de março de 1922

Caríssimos sacerdotes:
Panelatti, Vignoli, Ciravegna, Albertone, Spinello,

Já há tempo que eu desejava responder às vossas várias cartas, mas estava sempre à espera da prometida, mas não declarada, criação da Prefeitura de Iringa. Esse decreto ainda o não recebemos, mas já me foi dito que o receberemos daqui a poucos dias.

Ora eu estou cada vez mais desejoso que o Instituto se encaminhe para o governo e a organização de si próprio tal e qual como descrito nas Constituições, do N. 52 ao N. 74. Por isso tenciono convocar o mais depressa possível o Capítulo Geral com a intervenção dos indicados no N. 54 das Constituições. Entre estes estão «dois missionários professos perpétuos por cada território de Missão, eleitos por todos os missionários sacerdotes nele residentes».

O vosso território de Missão é o do Quénia, e tocará ao Superior eleito pelo Capítulo Geral decidir quais missionários ficarão em Iringa, e também os que devem partir para o território de Missão do Quénia ou do Kaffa. Por isso, convido-vos a escolher o mais depressa possível dois missionários anciãos para virem como vossos delegados ao Capítulo Geral, imediatamente depois de eu lho comunicar.

Apenas tenha cada um feito a sua escolha como o Senhor vo-lo inspirará, mandará cada um de vós num envelope separado e selado os dois nomes ao P. Cagliero, que eu já constituí *Superior de Missão* para o Vicariato do Quénia e que, como tal, deverá depois participar no Capítulo. A votação do ano passado tinha dado a maioria aos

padres Rolfo e Gillio, que ainda nunca tinham vindo à Itália. Mas, repito, tendes a liberdade de escolher quem melhor vos parecer: fazei-o *coram Deo* [diante de Deus] e só para o maior bem do Instituto.

A Nossa Santíssima Consolata vos dê força no trabalho que fazeis para o bem das almas dessas terras. E eu de todo o coração vos abençoo, com muito afeto no Senhor...

N.B.: Copie-se esta carta e mande-se uma cópia a cada missionário em Iringa.

[Vol. IX/1, pp. 311-312, n. 1529]

491

Aos missionários sacerdotes do Quénia

Turim, 31 de março de 1922

Caro Padre,

Tendo o Senhor Deus na sua bondade conservado a minha vida até ver o consolante desenvolvimento do Instituo e das suas obras missionárias, julgo ter chegado o tempo de dar ao mesmo Instituto uma maior estabilidade por meio da constituição do regime e da organização indicados na segunda parte das nossas Constituições. Por isso entendo convocar o mais depressa possível o Capítulo Geral em conformidade com o N. 54 das mesmas Constituições.

Dado que nesse mesmo artigo das Constituições é prescrito que devem participar "dois missionários professos perpétuos por cada Território de Missão, eleitos por todos os missionários sacerdotes residentes nesse mesmo território de Missão", convido-o, com esta presente, a designar o mais depressa possível dois missionários anciãos do Quénia que venham como vossos delegados, juntamente com o P. Cagliero, que já deve vir como Superior de Missão.

Estes tomarão parte na votação para a nomeação do Superior Geral e dos quatro Conselheiros, considerando sempre que para

estes cinco cargos nem eu nem o Cón. Camisassa aceitaremos ser eleitos. A eleição dos dois delegados é sem dúvida livre, mas eu permito-me dar a minha ideia: parece-me conveniente dar preferência a dois anciãos que nunca voltaram da Missão à Itália, como aliás fizestes vós o ano passado quando elegestes por grande maioria os padres Rolfo e Gillio.

Uma vez que tenha sido feita a escolha como o Senhor vo-la inspirou, e com a única intenção do maior bem do Instituto, mandará V. estes dois nomes em envelope fechado e selado ao P. Cagliero, o qual, feita a contagem dos votos, indicará os nomes dos dois que obtiveram o maior número; em caso de paridade entre mais de dois nomes, dará preferência ao mais ancião.

Que a Nossa SS. Consolata dê o seu conforto ao trabalho que V. faz para o bem das almas dessas terras, e eu, de todo o coração o abençoo.

Com muito afeto em J. e M.

[Vol. IX/1, pp. 321-322, n. 1533]

492

Aos sacerdotes missionários do Kaffa

Turim, 31 de março de 1922

Caro Padre,

Tendo o Senhor Deus na sua bondade conservado a minha vida até ver o consolante desenvolvimento do Instituo e das suas obras missionárias, julgo ter chegado o tempo de dar ao mesmo Instituto uma maior estabilidade por meio da constituição do regime e da organização indicados na segunda parte das nossas Constituições. Por isso entendo convocar o mais depressa possível o Capítulo Geral em conformidade com o N. 54 das mesmas Constituições.

Dado que nesse mesmo artigo das Constituições é prescrito que devem participar “dois missionários professos perpétuos por cada Território de Missão, eleitos por todos os missionários sacerdotes residentes nesse mesmo território de Missão”,

convido-o, com esta presente, a designar o mais depressa possível dois missionários anciãos do Kaffa que venham como vossos delegados ao Capítulo

Estes tomarão parte na votação para a nomeação do Superior Geral e dos quatro Conselheiros, considerando sempre que para estes cinco cargos nem eu nem o Cón. Camisassa aceitaremos ser eleitos. A eleição dos dois delegados é de fato livre, mas eu permito-me recordar que seria conveniente dar a preferência ao P. Olivero que voltou agora das vossas Missões. Feita a escolha segundo a inspiração do Senhor, e com a única intenção do maior bem do Instituto, mandará V. os dois nomes em envelope fechado e selado ao Mons. Barlassina o qual, feita a contagem dos votos, indicará os nomes dos dois que obtiveram o maior número; em caso de paridade entre mais de dois nomes, dará preferência ao mais ancião.

Que a Nossa SS. Consolata dê o seu conforto ao trabalho que V. faz para o bem das almas dessas terras, e eu, de todo o coração o abençoo, com muito afeto no Senhor Jesus Cristo...

[Vol. IX/1, pp. 322-323, n. 1534]

493

Ao Mons. Filipe Perlo

6 de abril de 1922

Caríssimo Monsenhor,

Conhece V. Ex.cia bem o meu vivo desejo de ajudar o Instituto tanto quanto me for possível enquanto o Senhor me conservar a vida. É meu desejo por isso convocar o Capítulo Geral durante o verão deste ano. De Roma disseram-me que seria conveniente que V. Ex.cia viesse também a este acontecimento (cf. Carta da Propagação da Fé de 4 de maio 1921), mas não sei se isso lhe será possível. Certamente deve vir o P. Cagliero e os dois eleitos que representam todos os outros. Incluo aqui as circulares de convocação para a designação dos dois delegados. Faça V. Ex.cia que elas cheguem a todos o mais depressa possível. Em seguida, o P. Cagliero vai recolher os votos e comunica-me quem são os dois escolhidos. Com um

telegrama avisarei V. Ex.cia para *mandar delegados Capítulo,* e quero que eles venham juntamente com o P. Cagliero o mais depressa possível, com o primeiro navio que daí parta. Também já avisei os de Iringa para que, como pertencentes à Missão do Quénia, mandem os seus votos a V. Ex.cia.

Rezemos para que tudo corra bem e para bem do nosso Instituto e para a maior glória de Deus. *In Domino*...

[Vol. IX/1, pp. 325-326, n. 1535]

494

Aos padres da Prefeitura apostólica de Iringa

Turim, 29 de abril de 1922

Caríssimos Padres de Iringa,

Finalmente a causa de Iringa chegou ao seu termo. Depois de anos de espera, o S. Padre Pio XI, num dos primeiros Atos do seu Pontificado, com *Breve* de 3 de março passado constituiu a Prefeitura Apostólica denominando-a *de Iringa*, e confiou-a ao nosso Instituto. Recebi nestes dias de Roma a notícia e os documentos.

Como aconteceu aqui na Casa Mãe, também vós exultais e agradeceis ao Senhor. Agora podeis verdadeiramente dizer que Deus vos deu a vocação de trabalhar e produzir frutos nessa região. Certamente desejais também saber quem será o vosso Prefeito Apostólico, mas eu não sei quem é, porque Roma ainda me não comunicou quem para tal trabalho será destinado. Apenas o saiba, mando-vos o nome. No entanto, preparai a vossa mente e o vosso coração para o receberdes como enviado de Deus para bem vosso e o bem desse povo.

O Senhor vos abençoe e vos confirme na mútua caridade e em união de espírito.

Vosso com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IX/1, pp. 344-345, n. 1542]

495

Ao Irmão José António Benedetto

Turim, antes do dia 5 de maio de 1922

Em África o Senhor vai-te amparar; e tu tens de ser forte durante a partida e depois lá baixo porque lá, no princípio, como todos os outros, também tu sentirás um pouco de doença moral e física.

Sê generoso para com Deus, reza muito e tem caridade e paciência. Com a minha bênção...

[Vol. IX/1, p. 352, n. 1546]

496

Ao Mons. Filipe Perlo

Turim, antes do dia 18 de maio de 1922

Como verá V. Ex.cia na carta aqui incluída ao P. Cagliero, finalmente a Sagrada Propaganda constituiu a Prefeitura de Iringa, e com o Decreto de 10 do corrente nomeou Prefeito o P. Cagliero.

Entregue-lhe V. Ex.cia a carta, e ajude-o com os seus conselhos, e também, quando necessário, com qualquer coisa de que precisem, ele e a Prefeitura.

Aos Padres de Iringa dou hoje a notícia por carta; peço a V. Ex.cia de enviar a notícia ao P. Laane, pedindo-lhe que faça ainda de Padre-Pai para eles até que chegue o novo Prefeito. Espero não retardar muito em enviar o telegrama de convocação do Capítulo.

Penso que tudo corre bem no Vicariato e desejo sempre receber notícias sobre tudo e todos.

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IX/1, p. 365, n. 1551]

497

Ao Mons. Francisco Cagliero

Turim, 18 de maio de 1922

Caro P. Cagliero,

A Sagrada Propaganda, que com *Breve* do Papa Pio XI de 3 de março passado confiava ao Instituto a Prefeitura de Iringa, com decreto do dia 10 do corrente nomeou-te a ti Prefeito Apostólico dessa mesma Prefeitura. Tenho a certeza que tu aceitarás a Santa Vontade de Deus manifestada pela voz dos Superiores.

Coloca a tua confiança no Senhor pois ele, quando destina alguém a um ofício, também lhe dá todas as graças para cumprir os deveres do cargo. Com esta confiança, fica tranquilo e obedece. Eu alegro-me e te abençoo.

Dado que virás depressa a Turim, como já te pedi por escrito, vamos entender-nos bem sobre tudo. Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 366, n. 1552]

498

Aos Padres da Prefeitura Apostólica de Iringa

Turim, 18 de maio de 1922

Esperei alguns dias para vos mandar esta carta na esperança de receber a feliz notícia, e eis que ela já chegou, anunciando que a Sagrada Congregação de Propaganda Fide nomeou Prefeito Apostólico de Iringa o P. Francisco Cagliero. *Deo Gratias!*

Vocês conhecem-no, e por ele têm muita estima, porque ele tem o dom especial duma verdadeira piedade e zelo pastoral. Ele vem primeiro aqui à Itália, e depois parte para o meio de vós. Alegrai-vos com ele e prometei ajudá-lo no importante ofício que Deus lhe confiou.

Abençoo-vos e peço-vos que tenhais muita coragem no Senhor. Com muito afeto...

[Vol. IX/1, pp. 367-368, n. 1553]

499

Ao P. Tomás Gays

Turim, 22 de junho de 1922

Caríssimo P. Gays,

Recebi a sua caríssima carta, e também o precioso bilhete na ocasião da Festa da nossa Padroeira. Estava para lhe escrever quando recebi, esta manhã, o volumoso processo. Terei de o ler antes de responder apropriadamente. Por agora agradeço-lhe o afeto paterno que sempre aumenta em si para com o caro Instituto. Por agora vou dizer-lhe o que aconteceu depois da sua partida.

Depois de terem saído o Ir. António e o jovem Orlando, foi expulso o estudante Falco por coisas que nem nomear se devem e escandalosas... Tive também de obrigar o seminarista Previtera e os outros tocadores a abandonar todo e qualquer objeto de música especial. Acerca do primeiro, sem ter ele culpa alguma, o Rev. Cón. Boccardo proibiu-o de ir ao Instituto dos cegos e cegas para estudar. Oralmente, vou explicar-me melhor.

Foi isto providencial porque chama os nossos seminaristas a viveram uma vida mais séria, como se fez no passado, para bem da vida do espírito. Parece-me que de há um ano para cá começou a entrar em casa um espírito de leviandade e de curiosidade morbosa, de dissipação, de amor à novidade. Coisas que não acontecem nos Jesuítas, etc., os quais levam os jovens a viver uma vida de recolhimento e de estudo, sem lhes conceder que saiam de casa se não em caso de necessidade grave. A culpa é minha por ter cedido maternamente aos desejos deles. Vou corrigir-me.

Domingo passado, fui ao Instituto, e vi uma caixa de livros que ia ser mandada para S. Inácio. Examinei esses livros, e muitos deles não me pareceram próprios para os nossos seminaristas, como o De-Amicis, alguns do Bonomelli, etc. Proibi que para lá fossem enviados. Há tantos livros bons, bem escritos, instrutivos e de bom espírito cristão, como os de Stoppani, o Cantù, etc. Porquê proporcionar aos nossos seminaristas leituras perigosas, como o *Quo vadis*, ou ao menos

leituras que não formam bons religiosos?... Veja V. Rev.a quando voltar.

Hoje à tarde, quando estava no Instituto, veio o P, Merlo-Pich falar-me do que V. Rev.a escreveu ao Giuseppino. Eu penso que não é conveniente que ele faça os exames com os estudantes, especialmente porque ele não sente coragem de os fazer sem a gramática. É melhor que continue a estudar durante todo o verão, e depois no outono vamos ver se ele conseguiu, e então vamos decidir.

Desculpe se lhe falo claramente, é por amor ao Instituto. Deve V. Rev.a em questões semelhantes a esta e outras consultar o seu Vice-Diretor, que é o P. Ferrero, e não consultar outros.

É assim que se fazem as coisas com ordem - e para bem se fazerem. E já agora, não leve a mal se lhe digo que V. Rev.a se serve muito pouco dos chefes-diretores da Casa. Que tudo normalmente se oriente para o Superior está bem, e que de tudo ele seja informado, sim; mas que todos os outros sejam autómatos, isso não é justo. Cada um trabalhe no seu ofício, com a condição que tudo se faça sem ofender a autoridade. Vê-se que mora em todos um desgosto pela Casa. Não sei onde isto vai acabar.

Estas coisas devia eu tê-las dito a V. Rev.a cara a cara; mas não pude fazê-lo por causa das minhas muitas ocupações. Não leve a mal, digo-as porque é meu dever; e não posso calar o que ainda é meu dever.

O Senhor abençoe a nós todos, e a SS. Consolata nos dê luzes, conforto e consolação.

In Domino com afeto...

[Vol. IX/1, pp. 380-381, n. 1558]

500

Ao P. José Gallea

J.M.J. S. Inácio, 3 de julho de 1922

Caro P. Gallea,

Obrigado pelas boas notícias dos nossos no que se refere aos

estudos e à disciplina. O que mais desejo é que Deus esteja contente com o Instituto, que deve ser um viveiro de perfeição e de apóstolos.

Quanto à nova casa, ele faz todo o possível.

Leia a carta anexa do seminarista Masera; Eu não teria nada contra isso para aliviá-lo dessa dor de cabeça. Uma vez o Pe Sciolla me propôs a dúvida de mandar os quatro alunos do 4º ano para casa por oito dias, e mandá-los antes de virem para S. Inácio para que, assim provados, ficassem parados depois de S. Inácio.

Acho que Pellegrini não vai querer ir, e é melhor. Prunotto não concordaria que ele fosse; mas melhor se o pai quiser ir primeiro. Converse a respeito com Pe. Sciolla e decida quando o Pe. Superior voltará. Uma tia (Maddalena Meschio) do seminarista Previtera me pede para deixá-lo ir a Cannobio por um centenário e ver sua avó. Diga a ele para fazer o sacrifício e escreva, dispensando-me do dever de responder. Leia a nota anexa e entregue-a ao Pe. Sciolla.

Coragem a todos e, para vocês, um pouco do espírito de S. Inácio. Com muito afeto em Jesus Cristo...

[Vol. IX/1, p. 388, n. 1560]

501

À Ir. Clara Strapazzon e às outras Irmãs

V.J.M.J S. Inácio, 8 de julho de 1922

Rev. Superiora e boas Irmãs,

Terminaram os Exercícios Espirituais a 80 sacerdotes e, graças a Deus, correram com muita regularidade e na esperança de produzirem muito fruto. As vossas orações ajudaram a obter este bom êxito, e também a amparar as minhas fracas forças, que afinal não diminuíram, pelo contrário, aumentaram. Agora vou refazê-los, os Exercícios, mas para meu próprio bem; e vocês continuem a rezar por mim.

Ainda que longe de vós, recordo-vos sempre ao Senhor e a S. Inácio. Hão de passar estes dias de exílio longe de vós. Aos pés deste grande santo sente-se sempre o desejo duma grande

pureza de intenção e de muito espírito de sacrifício pela salvação das almas. São estas as graças que para vós peço todos os dias a este grande santo.

Permanecei sempre serenas no Senhor. Abençoo-vos com muito afeto em Jesus Cristo...

[Vol IX/1, p. 390, n. 1561]

502

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. S. Inácio, 13 de julho de 1922

Caro P. Gays,

O Sr. Vice-Reitor está melhor, mas precisa duma cura bastante demorada e enfadonha.

Continuemos a rezar pela sua preciosa saúde que tão necessária é para ele e para nós.

Uma notícia muito consoladora sobre o nosso Ven. Cafasso: os quatro médicos estão de acordo sobre a veracidade destes seus dois milagres. Vão agora ser enviados, os milagres, à Sagrada Congregação. Já está estabelecida para outubro a reunião chamada *Ante-prepatória*.[49] Graças a Deus! Para agradecermos a Nossa Senhora da Consolata, sábado passado todos os que vivem aqui na casa foram em peregrinação ao Santuário da Consolata.

Escreve-me V. Rev.ª sobre o decreto acerca dos exames aos ex-militares. Eu já sabia, e tenho bem pensado neles, mas decidi que não se façam aos nossos. Ninguém os deseja, esses exames, porque adiariam a partida deles para as Missões. Além disso, a triste história dos clérigos e sacerdotes que abandonaram os seminários e os Institutos Religiosos aconselha-nos a não colocar os nossos em perigo de também eles se irem embora.

Nós devemos formar bons religiosos e bons apóstolos, e não profissionais que, durante os estudos universitários, pelo menos perderiam o bom espírito. Se o Senhor vir que precisamos de

[49] Isto è a primeira congregação.

médicos diplomados, ele próprio no-los vai enviar, como foi o caso do B. Ancina e de S. António Zacarias.

Por este e outros motivos disse eu ao P. Sciolla para não pensar mais na Inglaterra. É verdade que mandámos o seminarista Arneodo fazer aqueles dois exames; mas foi porque isso nos convinha, e também como prova para bem decidir a sua vocação que então não estava lá muito certa. Afinal, rezei e aconselhei-me, e cheguei a esta conclusão que já comuniquei aos interessados, e sei que todos eles ficaram satisfeitos.

Estou em S. Inácio a fazer os meus Exercícios. Vou depois ocupar-me dos Exercícios dos Seculares, e em seguida volto a Turim. Faça V. Rev.ª bem a cura dos banhos para que, quando voltar, possa entregar-se totalmente a fazer o bem do Instituto. Peço a S. Inácio que o abençoe.

In Domino com muito afeto...

[Vol. IX/1, pp. 393-394, n. 1563]

503

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 31 de julho de 1922

Caro P. Ferrero,

Dão-me pena estas misérias e aquela maneira de ser... É certo que os que entraram ultimamente não ficam de maneira nenhuma edificados. Procura atenuar o escândalo tolerando aquilo com que não concordas. Quanto à mudança do tempo em que se deve falar inglês, não vejo dificuldade se se mudasse para a tarde, para que o passeio da manhã depois seja mais cedo e mais comprido.

Mas não deve parecer que tu aceitaste as suas recriminações, mas que, tendo avaliado o que eles querem, me consultaste e recebeste o meu apoio. Mas no que respeita o estudo e o trabalho, não cedas de maneira nenhuma.

Acerca da Missa da Comunidade, não é bem que sejam todos a rezá-la por turno. Seria bom que a rezasses tu. S. Inácio vai

resolver tudo, coragem! Lê a carta que te envio aqui. E se assim bem pensares, lê-a a todos.

Abençoo-te com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 417, n. 1567]

504

À comunidade de S. Inácio

J.M.J. Turim, (31 de julho)
Festa de S. Inácio

Caríssimos em N.S.J.C.,

É verdade que o vosso Superior me escreve coisas bonitas acerca de vós, do cumprimento dos vossos deveres... Mas mesmo assim, o meu dever, e mesmo o meu afeto por vós, obrigam-me sempre a pensar mal, ao menos um poucochinho, não de todos em geral, mas de alguns professos e noviços cujos temperamentos eu bem conheço.

Tinha eu confiança que, depois de tantos cuidados para vos fazer avançar no caminho da perfeição, todos tivessem feito progresso na santa obediência e no espírito de sacrifício. E isto especialmente para obtermos o milagre da cura do nosso Sr. Vice-Reitor. Deveria ser empenho de todos fazer muitos sacrifícios todos os dias, sem murmurar ou protestar. Lembrem-se do que aconteceu à irmã de Moisés.

Sinto pena que de há algum tempo para cá se introduziu na comunidade a péssima atitude de julgar tudo, e especialmente de julgar os superiores. Ai de nós se não cessam de todo as murmurações - que não existiam no passado! Confessem o seu pecado os maldizentes, e aos pés de S. Inácio façam o propósito sério de emenda e de se admoestarem fraternamente. Desejo que se leia e se medite a carta de S. Inácio sobre a obediência, de que vos mando aqui cópia.

Confiando na vossa boa vontade, abençoo-vos paternalmente, com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IX/1, pp. 418-419, n. 1568]

505

À Irmã Clara Strapazzon

V.J.M.J. Turim, 10 de agosto de 1922

Caríssima Irmã Clara,

Obrigado pelas boas notícias, tuas e das outras Irmãs. Sim, há muito trabalho, mas também há muita boa vontade, vontade que restaura as forças de todas, mas especialmente tuas – e também de algumas outras.

Para a substituição de pessoal vais dar-me a tua opinião, e depois veremos. As postulantes e as noviças estão em Rivoli desde segunda-feira passada; com o Sr. Vice-Reitor ficaram a Ir. Miquelina, a Ir. Marcelina e a Ir. Emerenciana, que estão realmente a fazer um bom trabalho. Antes do dia 20 vamos ver o que será preciso fazer.

Já mandei dizer à Menina de Santo Hilário Lígure que se prepare e venha, sem estar a pensar naquela tal miséria, que não é de obstáculo. À outra creio que é melhor nem sequer responder. No que respeita a alimentação, façam como fazem em Turim.

Acerca do Sr. Vice-Reitor, há sem dúvida muitas melhoras, mais ainda não está completamente livre de perigo. Rezai, e tornai-vos cada vez melhores. E tu, coragem, e tem muito cuidado contigo própria.

Abençoo-vos com muito afeto no Senhor Jesus... Desejo-te e rezo para que tenhas uma Boa Festa [feliz Dia do nome].

[Vol. IX/1, p. 427, n. 1573]

506

Aos seminaristas missionários em férias em S. Inácio

Turim, antes do dia 15 de agosto de 1922

Caríssimos em N.S.J.C.,

Li um pouco à pressa os vossos escritos. Vi neles coisas boas, mas esperava mais. Muitos de vós não escreveram sobre o tema proposto, e a maior parte não escreveram tudo o que deviam.

Tratava-se duma composição sobre Jesus Sacramentado. Aprendei a escrever com simplicidade, como escreveu o [Silvio] Pellico em "*As Minhas Prisões*" e o Pe [Antônio] Cesari em todas as suas obras clássicas. Não num estilo ribombante, com citações profanas, que nada têm a ver com o tema. Vê-se que precisais de escrever vários exercícios durante o ano.

Passai bem a Festa da Assunção, durante a qual eu estarei convosco em espírito. Com a minha bênção...

[Vol. IX/1, p. 434, n. 1574]

507

Ao P. Maurício Ferrero, aos missionários e às missionárias em férias em S. Inácio

J.M.J. Turim, 19 de agosto de 1922

Caro P. Ferrero e todos vós meus filhos e filhas,

O nosso Ven.do Vice-Reitor faleceu ontem à tarde no abraço do Senhor. O Senhor e a SS. Consolata pensaram bem em não escutar as nossas orações, mas preferiram coroá-lo imediatamente pelas muitas boas obras da sua vida.

Pronunciemos o *Fiat* na nossa dor, também em sufrágio da sua alma. Rezai... Teremos um protetor especial no Paraíso.

Vinde todos e todas já hoje à tarde, não vos esquecendo de fechar bem todas as portas e todos os quartos e outros ambientes. Provavelmente funeral terá lugar segunda-feira de manhã. Com a minha bênção...

[Vol. IX/1, pp. 435-436, n. 1575]

508

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 24 de agosto de 1922

Caro P. Ferrero,

Sim, manda a carta ao Mons. Bonzano. Dá-me alegria

saber que estejais todos bem; e é para ti uma graça de Deus já não sofreres como antes; é o querido Vice-Reitor que te anda a ajudar, ele que gostava muito de ti! Sempre em frente na tua vida espiritual.

Obrigado pelo mel que dei a saborear aos membros do Instituto. Façam a Novena e rezem.

Abençoo-te de todo o meu coração; vivamos de fé e do eterno. Eu sinto-me tão bem que é uma vergonha...

Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IX/1, p. 446, n. 1578]

509

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Turim, 24 de agosto de 1922

Caro P. Gays,

Espero que tudo esteja bem por aí, e que os queridos seminaristas se portem bem. Abençoe-vos o caro Vice-Reitor.

Eu estou bem, e vivo conformado com a santa vontade de Deus, e abandono-me a Deus e a Nossa Senhora da Consolata.

E vós todos, sempre em frente no caminho da própria santificação. Com a minha bênção.

[Vol. IX/1, p. 447, n. 1579]

510

Aos missionários e às missionárias

J.M.J. Turim, 26 de agosto de 1922

Caríssimos e Caríssimas em N.S.J.C.,

Tremem as minhas mãos, dilata-se-me o coração, jorram de meus olhos lágrimas de amargura ao escrever-vos esta breve carta...

O nosso querido Vice-Reitor e Vice-Superior partiu do meio de nós, e nunca mais nele se deleitarão os nossos olhos até nele os

poisarmos no Paraíso. Expirou placidamente no Senhor na tarde do dia 18 do corrente mês, depois de ter recebido todo o conforto da nossa religião e os cuidados mais afetuosos.

Que perda para o Santuário, o Instituto e as Missões! Necessária considerávamos nós a sua existência, e muito rezámos à nossa Consolata para prolongar por mais algum tempo a sua presença no meio de nós. Muitos, eu incluído, ofereceram a vida para que perdurasse a sua. Mas a Santíssima Consolata julgou melhor não escutar as nossas preces.

Estava maduro para o Céu...

Cumprira fielmente o tempo da sua laboriosa jornada. E podia dizer com S. Paulo: *Cursum consummavi; in reliquo reposita est mihi corona justitiae* [Terminei a corrida; de resto, já me espera a coroa de justiça]. Dizei comigo o *fiat* à vontade imperscrutável de Deus, e que isso sirva de sufrágio à sua bela alma.

No meio de tanta dor consolaram-nos as provas de estima e de afeto que a cidade inteira de Turim lhe ofereceu, a ele que era tão humilde, e que tantos nem sequer conheciam. O seu funeral foi um verdadeiro triunfo.

Vivia ele todo para nós e para as nossas Missões. O seu último dia de vida passou-o ele todo a falar sobre as Missões. As suas últimas palavras, que ele próprio declarou serem o seu testamento, foram sobre a união entre os missionários, e as missionárias.

Rezai por Ele, e também por este pobre que tão profundamente triste e só se sente, e se aflige, e que em nome da Mãe de Toda a Consolação vos abençoa, com muito afeto no Senhor Jesus Cristo...

[Vol. IX/1, pp. 448-449, n. 1580]

511

Ao P. Tomás Gays

Turim, 26 de agosto de 1922

Caro P. Gays,

Depois de amanhã, segunda-feira, façam o funeral de sétimo dia do nosso muito saudoso Sr. Vice-Reitor.

Com muitas bênçãos para todos vós no Senhor, e com muito afeto...

[Vol. IX/1, p. 450, n. 1581]

512

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. Turim, 2 de setembro de 1922

Caro P. Ferrero,

Obrigado pelas boas notícias. A esmola da Novena é preciso entregá-la ao C. Gunetti. O que se recebeu para as Rolinhas, fiquem vocês com ele. Apenas volte o Rev. Superior, deves tu voltar definitivamente para Turim.

Preciso de ti para examinarmos todas as cartas do Sr. Vice-Reitor, e também para ajudares este pobre velhinho que eu sou, a quem o Senhor continua a enviar trabalho e mais trabalho. Fico à tua espera, e já disso falei ao Superior.

O Senhor te abençoe a ti e a todos os nossos queridos missionários. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IX/1, p. 455, n. 1583]

513

Ao Mons. Filipe Perlo

Turim, 28 de outubro de 1922

Excelência caríssima,

Mando a V. Ex.cia o extrato das contas que encontrei nos meus registos, do Instituto e do saudoso Sr. Vice-Reitor. Assim poderá ver as ofertas que recebemos da Ledockoscka e da Propagação da Fé.

Deus abençoa-nos enviando-nos vocações para o Instituto que são atualmente: 24 seminaristas, 11 sacerdotes e 13 irmãos leigos, para um total de 98. E temos ainda uns 30 estudantes. Imensas são as despesas para manter tanta gente: só para o trimestre de agosto

a outubro mais de 100,000 Liras, que eu tinha. Além disso devemos considerar as fortes despesas para terminar a construção da casa para as Irmãs e, mais ainda, a casa para o Capítulo e para os que voltam da África. Digo-lhe isto para que todos contribuam para as nossas necessidades. E isso, por agora, só o poderá fazer o Quénia, pois os do Kaffa precisam ainda da nossa ajuda, e os da Iringa precisam praticamente de tudo para começarem a organizar-se. Peço portanto a V. Ex.cia para nos enviar o contributo financeiro que puder, indo buscá-lo onde puder, vendendo mesmo bens, fundos nossos, dos quais tenho anotações, ou mandando-mos quando puder para que eu os possa usar.

Com certeza que V. Ex.ª tem algo ainda no "Crédito Italiano" [um banco]: mande um cheque com procuração, pois preciso dele para a concessão da herança do Sr. Vice-Reitor. Por favor mande imediatamente ao P. Panelatti ao menos 30 mil francos de que ele precisa urgentemente.

Daqui em diante ajude-nos V. Ex.ª para não termos de fechar a porta a muitas vocações, pois as ofertas dos fiéis já não bastam para a alimentação e para as despesas de viagens; e eu já gastei quase tudo o que possuía. O café que nos é enviado já não basta. Penso que será preciso diminuir as despesas das Igrejas.

Daqui a poucos dias, em 6 de novembro, vou reunir o primeiro Capítulo, em que se falará e se discutirá de todas as necessidades espirituais e materiais das Missões e do Instituto; depois disso vou retirar-me para passar em paz os últimos dias da minha vida enfraquecida.

Dei ordem para que lhe mandem os desenhos que pediu, parece-me que o Sr. Vice-Reitor que Deus tem já lhe mandou alguns. Para sua norma, saiba que já nos não podemos ocupar de coisas tão complicadas.

O Padre da "*Piccola Casa*" [Cottolengo] está cada vez mais teimoso; apenas sepultado o nosso Sr. Vice-Reitor, mandou a Irmã Escolástica dizer-me que, tendo ele de andar brevemente a Roma, lá falaria da impossibilidade de enviar mais Irmãs (para as Missões). Respondi-lhe que faça isso mesmo, mas que mencione também a nossa impossibilidade, e intenção, de tal fazer o mais depressa possível. E essa Irmã, talvez por obrigação,

tem também ela a cabeça cheia das ideias do Padre; afiançou mesmo que não mais se interessaria destas coisas, e disse-me que V. Ex.ª não lhe deve escrever daqui em diante.

Pedi também ao Kaffa e a Iringa de enviarem relações de Batizados. Os três seminaristas que aí estão continuam a chatear-me: até parece que a vida da Missão do Quénia depende do sacerdócio deles! Considere e faça o que eu respondi ao P. Cravero, e ajunte-lhe também as suas faculdades e capacidades que, segundo ele, são muitíssimas.

Ajude-nos e abençoe-nos o Senhor! Com muito afeto no Senhor Jesus Cristo...

Sejam admitidos aos votos perpétuos o P. João Borello e outros. Acerca dos Irmãos, começando pelo José, que façam primeiro dois quinquénios.

[Vol. IX/1, pp. 482-483, n. 1593]

514

Ao Irmão Ângelo Marchina

J.M.J. Turim, 18 de novembro de 1922

Caríssimo Ângelo,

Fiquei triste ao ler a tua carta do dia 20 de agosto; mas quando aqui chegou o P. Gillio, fiquei consolado porque ele me disse que mudaste de opinião. Entre a tua carta e a chegada cá dele, rezei muito por ti e encomendei o teu problema ao nosso querido Sr. Vice-Reitor para que ele, lá do Paraíso não deixasse que, depois de tantos sacrifícios, tu perdesses assim tão ingloriamente a tua vocação.

E agora digo-te, Coragem, e exorto-te a perseverar aí nessa terra onde as tuas hábeis mãos são muito necessárias. Persevera com muita constância, e não penses somente nos teus sacrifícios, nem só nos defeitos dos outros, mas também nos teus; e pensa também no prémio que terás como santo e heroico missionário: *Merces tua magna nimis: Grande será a tua recompensa!* [sua recompensa será muito grande]. São estas as

palavras que do Céu te diz a tua boa e querida mãe.

Abraço-te e abençoo-te como se estivesses aqui comigo, a ti e a todos os meus queridos Irmãos Leigos!

Com muito afeto em N.S.J.C....

[Vol. IX/1, p. 508, n. 1598]

515

Ao P. Domingos Spinello

J.M.J. Turim, 7 de dezembro de 1922

Caríssimo P. Spinello,

Muito me alegro com a graça que te concedeu o Senhor, a graça dos Votos Perpétuos. Com este ato, ficas completamente consagrado ao Senhor e ao querido Instituto. Com esta consagração o Senhor vai aumentar em ti a sua graça, e por ela muito bem poderás fazer a ti próprio e às almas. Abençoo-te de todo o coração.

Continuai todos *viriliter* [corajosamente]*;* brevemente chegará aí o Prefeito Apostólico e, ainda antes, dois ótimos confrades, dois bons Irmãos Leigos e seis Irmãs. E isso vai aliviar o vosso trabalho.

Quando puderes, dá cumprimentos aos colegas Panelatti, Vignoli, Ciravegna e Cavallo.

Rezai por mim que vos tenho muito afeto no Senhor Jesus...

[Vol. IX/1, p. 541, n. 1607]

516

Ao P. Luís Rosso

J.M.J. Turim, 21 de dezembro de 1922

Caro P. Rosso,

Os Capitulares elegeram-te *Conselheiro* o que me alegra. Foi para bem do Instituto que te escolheram e, portanto, deves pedir ao Senhor que te ajude de maneira particular para o maior bem de todos.

Não quero que me escrevas palavras de humildade, ou

semelhantes, mas só sentimentos e desejos de fazer a vontade de Deus. Cumprimentos! Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/1, p. 565, n. 1614]

517

Ao seminarista Pedro Borello

1922

Caminha na simplicidade, e pensa que Jesus te quer muito bem, não obstante as tuas misérias e defeitos. Deves ter o desejo de trabalhar sempre para a tua santificação. Com a minha bênção...

[Vol. IX/1, p. 576, n. 1617]

518

Ao Irmão José António Bento

Data incerta

Caro António,

O Senhor amou-te, e continua a ama-te. E tu, reza muito, mesmo se com esforço; e então Jesus vai dar-te alegria. Sem rezares bem, e sem rezares muito, nunca poderás emendar-te dos teus defeitos e tornar-te santo.

Sei que já emendaste muito o teu caráter; continua a obedecer *com todo o coração e a todos* os superiores. E quando falhas, humilha-te imediatamente e pede perdão. Coragem: Jesus e a Santíssima Consolata hão de ajudar-te a seres um santo.

Abençoo-te...

[Vol. IX/1, p. 577, n. 1618]

519

Ao seminarista Gabriel Quaglia

Data incerta

Esta fragilidade, ser um pouco gago, não prejudica a tua vocação. Procura vencê-la exercitando-te a falar mais devagar, a

quase pronunciar sílaba por sílaba. E depois, se for necessário, consultarás um especialista.

Mas procura viver calmo. Abençoo-te...

[Vol. IX/1, p. 580, n. 1621]

520

Ao seminarista Gabriel Quaglia

Data incerta

Deves rejeitar todas as tentações de soberba. Diz muitas vezes: *Deus só e mais nada,* e depois sempre em frente!

Rezemos pelo teu irmãozinho; mas não andes a pensar nele: encomenda-o ao seu Anjo da Guarda.

[Vol. IX/1, p. 581, n. 1622]

521

À Irmã Clara Strapazzon

Data incerta

Rev. Irmã Clara,

Aprovo o teu sacrifício feito por desejo de, e amor à, perfeição; mas, dado que o mundo não percebe, e para que não digam que as religiosas perdem a cabeça, escreve à tua família e à tal senhora.

É uma pequena imolação. E eu já rezei pelos defuntos.

[Vol. IX/1, p. 583, n. 1624]

522

Ao P. Francisco Gamberutti

J.M.J. Turim, 29 de janeiro de 1923

Caro Padre,

Acabo de receber a tua mensagem.[50] Alegria pela visita ao S. Padre. Agora temos de esperar pacientemente pelo atraso relativo às Constituições.

Acredito que tu não podias obter tudo mais depressa. S. Em.ª o Card. Bonzano vai ajudar-nos; e tu recorda-lhe que, com esta aprovação, esperamos também a aprovação *definitiva* do Instituto - aprovação esta que sempre pedimos e que eles nos responderam que, para a aprovação definitiva do Instituto não tinham nenhuma dificuldade, e que no-la dariam quando necessário. Ele, o Card. Bonzano, vai fazer-nos esta caridade.

Penso também que fazes bem em ir ter com o Mons. Pecorari por cortesia, e certamente ele vai ajudar-nos. E tu, quinta-feira partes para Turim, depois de teres agradecido ao Card. Bonzano, ao Mons. Cerati, etc.

Hoje de manhã escreveram-te duas cartas, que não têm interesse nenhum para ti.

Muitos cumprimentos, com muito afeto *in Domino* ...

[Vol. IX/2, pp. 38-39, n. 1632]

523

Às missionárias do Quénia

V.J.M.J. Turim, 4 de fevereiro de 1923

Caríssimas Filhas em N.S.J.C.,

Mando-vos de novo a Ir. Margarida; a verdade é que precisávamos muito dela para os trabalhos aqui na Casa Mãe. Sei que vós a estimais muito, e mesmo lhe tendes muito amor, o vosso amor que ela bem merece. Não tenho coragem de vos privar do conforto que a sua presença vos dá para bem viverdes a vossa vida. Muito me contou ela de vós, e de cada uma de vós, e da grande maioria me disse ela coisas muito lindas muito louváveis.

Procurai escutar atentamente o que ela vos diz, e sede-lhe obedientes, até mesmo para lhe dardes consolação no grave dever que pesa sobre os seus ombros.

[50] P. Gamberutti era o Procurador da Santa Sé (em Roma) para o Instituto.

Vou dar-lhe uma boa ajuda e amparo: o P. Gillio que vos envio como meu representante no Quénia.

Alegro-me particularmente com as mais idosas, as que primeiro aí chegaram, que desde o início deram vida e ânimo à Missão nessa terra. O Senhor, foi ele que vos amparou nas muitas provas corporais e espirituais. Fiel à vossa vocação, já a Ir. Catarina recebeu o prémio, aquele prémio que também vós recebereis quando chegar o tempo, o prémio das fadigas suportadas, e também o prémio pelo espírito que animou o vosso trabalho no passado e o animará no futuro. Como prova da minha muita alegria, admito-vos todas vós Anciãs aos S. *Votos Perpétuos*, que fareis com a Superiora quando possível.

Será isto para vós um estímulo a recomeçar sempre com maior ânimo a vossa vida missionária; e o vosso exemplo animará todas as outras a tornarem-se cada vez mais dignas das graças de Deus. Vocês lamentam-se que eu vos escrevo poucas vezes, e tendes razão.

Mas, especialmente depois da partida do nosso querido Sr. Vice-Reitor, vejo-me cheio de preocupações que me debilitam, também por causa da minha pouca saúde; e se não fosse por vossa causa e amor desejaria eu mais ainda o repouso do Paraíso. Mas, faça-se sempre a Santa Vontade de Deus! Coragem, portanto, sempre em frente com fé e energia; o nosso prémio será *magnum nimis* - muito grande.

Com todo o afeto vos abençoo; e penso que não é preciso recomendar-vos que rezeis e ofereçais também algum sacrifício por mim. Vosso com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/2, pp. 40-41, n. 1633]

524

Aos missionários

Turim, 20 de junho de 1923

Ad Majorem Dei Gloriam
[Para maior Glória de Deus]

Caríssimos filhos em N.S.J.C.,

Apresento-vos o livro das Constituições, revistas e corrigidas segundo o novo Direito Canónico, e aprovadas pela Sagrada Congregação *De Propaganda Fide, ad experimentum,* por um decénio; depois do qual, ou mesmo em menos tempo, serão aprovadas definitivamente.

Antes de mais, convido-vos a dar muitas graças ao Senhor e a Nossa Senhora da Consolata por todos os favores concedidos ao Instituto, desde a sua origem até ao presente.

Sabeis bem que se me dediquei a esta obra foi movido por Vontade de Deus, e unicamente para a sua maior glória, glória que Lhe é dada pela santificação dos membros do mesmo Instituto e pela salvação de muito gente por esse mundo além.

Nem ignorais como foi humilde o início do mesmo Instituto, e também cheio de provações. O projeto foi primeiro apresentado ao Card. Simeoni, Prefeito da S. C. *de Propagand Fide,* e por ele aprovado. Mas esse projeto não pôde ser então concretizado por causa de muitas dificuldades; e durante dez anos nada foi feito. Foi só em 1900, quando estas dificuldades cessaram, que o projeto foi submetido ao Episcopado Subalpino reunido em Conselho Interprovincial junto do Santuário da Consolata, tendo sido aprovado unanimemente por todos os Ex.mos Prelados.

Dado este passo, passou-se imediatamente à sua concretização. E no dia 29 de janeiro de 1901 foi canonicamente criado o Instituto da Consolata para as Missões Estrangeiras com decreto de Sua Em.ª o Card. Richelmy, nosso muito amado Arcebispo. É esta, na história do Instituto, a data oficial do seu nascimento, data que deve ser recordada todos os anos com muito agradecimento ao Senhor.

Seis meses depois, no dia 18 de junho de 1901, abria-se a modesta vivenda da Avenida Duca di Genova para receber o pequeno grupo de Missionários da Consolata. Eram poucos; e quando no dia 8 de maio de 1902 eles partiram para o Quénia, a pequena Casa Mãe ficou sem filhos, deserta. Na humildade, na obscuridade e no meio de contradições, a obra lançava os seus sólidos alicerces, para poder, a seu tempo, sair para a luz do dia e crescer como gigante.

E desde então, todos os anos, deu a obra um passo em frente

no seu caminho de sistematização e desenvolvimento. E de repente começou a crescer o número de vocações missionárias entre sacerdotes, seminaristas e leigos, não só nas Dioceses do Piemonte, mas também de fora: e isto de tal modo que foi preciso renunciar à ideia primeira, que era que o Instituto fosse só para o clero piemontês. E organizaram-se novas e cada vez mais numerosas partidas de pessoal para as Missões, enquanto outros se iam preparando na Casa Mãe. No dia 14 de setembro de 1905, o primeiro nosso campo apostólico do Quénia, como um jardim florescente, foi elevado a Missão Independente; e quatro anos depois, em 28 de junho de 1909, em Vicariato Apostólico. E nesse mesmo ano de 1909, depois dum tempo insolitamente breve, foi dado ao nosso Instituto o *Decretum Laudis*, decreto que aprovava, e é com agrado que o sublinho, aprovava o nosso método de evangelização com as seguintes palavras: «Caraterística destas Missões é que os seus missionários não se limitam a levar a religião... mas, com o esplendor da fé, levam a esses povos a luz da civilização, ensinando-lhes a agricultura, a criação de gado, o exercício das artes comuns...». Em 1910 foi inaugurado o novo e grandioso edifício da Casa Mãe já então necessário para o número sempre crescente de vocações. E nesse mesmo ano começou uma nova instituição irmã: a das Missionárias da Consolata. Em 1913, foi-nos confiado um novo campo de Missão: a Prelatura do Kaffa, na Etiópia; e em 1922 um terceiro: a Prelatura de Iringa.

Com vinte anos de existência podia, portanto, o Instituto considerar-se adulto: era preciso pensar em dar-lhe uma organização estrutural plena. O muito amado Sr. Vice-Reitor, o Cón. Tiago Camisassa, e eu, não nos considerando mais necessários ao Instituto, e também porque, já idosos e cansados, não aguentávamos mais a responsabilidade gravosa da sua direção, tínhamos decidido demitir-nos dos cargos de Superior e Vice-Superior, mesmo se continuando sempre a sermos vossos protetores e benfeitores. Por isso convocámos o primeiro Capítulo Geral; e, entretanto, foram examinadas as Constituições para podermos dar-lhes os melhoramentos sugeridos pela experiência, e também decididos pelo novo Direito Canónico.

Nos imperscrutáveis desígnios da sua Vontade, sempre santa e cheia de bondade mesmo quando permite que sejamos atingidos duramente, feriu-nos o Senhor na vigília do Capítulo, em 18 de agosto de 1922, chamando a si o nosso tão saudoso Sr. Vice-Reitor, privando assim o Instituto do seu maior apoio e deixando-nos todos em grave desolação. E nós, no meio das lágrimas, pronunciámos o nosso *fiat* à Vontade de Deus, continuando, no entanto, a sentir os efeitos desta grande perda.

Nunca poderemos esquecer o grande bem que ele fez ao Instituto a que ele deu a sua vida e por quem tanto se sacrificou até ao último respiro da sua santa e preciosa existência. Em verdade, não podendo ele participar no Capítulo Geral aqui na terra, pôde a ele assistir do Céu, guiando certamente os passos dos Padres Capitulares que, nas várias reuniões, tomaram em consideração cada número das Constituições e formularam um primeiro esquema do Diretório, passando em seguida à eleição de membros para cada Cargo. E desta maneira levaram o Instituto a uma sistematização que muito servirá à consolidação e ao desenvolvimento do mesmo Instituto.

Com Decreto de 27 de fevereiro passado (1923), a *S. C. de Propaganda Fide* aprovou as nossas Constituições, como já vos disse, que são as Constituições que agora vos apresento.

Recebei-as, ó meus caríssimos, não tanto como das minhas mãos, mas como das mãos do próprio Senhor e da nossa Santíssima Consolata, que a este Instituto vos chamaram: recebei-as com verdadeiro espírito de fé. Isto vos posso eu garantir: que todas e cada uma destas regras, e sem dúvida posso dizer, cada palavra, foi objeto de estudo sério, de considerações profundas e especialmente de muita oração.

Aceitai-as com simplicidade de coração, não ousando arriscar, com leviandade, critica alguma desfavorável a nenhuma das suas regras; não fazendo distinção entre regra e regra no que respeita a sua importância ou valor, pois isso lhes traria dano e enfraqueceria o valor de todo o livro das Constituições e o espírito que deve animar a sua observância.

Recebei-as com uma firme vontade de as observar até à morte com a maior perfeição possível; pensai que quanto mais perfeitamente as tiverdes observado, tanto mais tranquilos e contentes sereis na hora da vossa morte; pensai ainda que elas constituem para vós como que um segundo Evangelho, do qual cada palavra é sagrada, e sobre as quais sereis julgados, não como simples cristãos mas como religiosos e missionários da Consolata; e também que desta observância vai depender infalivelmente todo o proveito espiritual de cada um de vós, bem como a continuação do bom espirito no Instituto, e a bênção de Deus sobre as vossas fadigas apostólicas.

Com muito afeto em N.S.J.C...

[Vol. IX/2, pp. 119-122, n. 1654]

525

Ao P. Tomás Gays

Turim, 21 de junho de 1923

Caro P. Gays,

Não podia V. Rev.ª estragar-me mais a Festa da nossa Consolata do que fez. Compreendo a sua suscetibilidade, e como já lhe escrevi no *dia 15 do corrente*, um certo temor impulsivo.

Deve V. Rev.ª considerar diante de Deus que se eu procedi de tal maneira em licenciar prontamente um postulante, isso eu fiz por grande urgência, pois era um caso de moralidade em si gravíssima, que já começava a ser conhecida na Comunidade, com imenso dano para o bem comum.

Devia vossa Rev.ª agradecer comigo ao Senhor de nos ter libertado do contágio. Quando conversarmos, então compreenderá você melhor. Entretanto, recuso a sua demissão, e peço-lhe que não dê o caso a conhecer aos outros. Um pouco de humildade e espírito de Deus, e tudo se há de arranjar.

Tenho de partir segunda-feira para S. Inácio, e tenha V. Rev.ª a caridade de me deixar ter aquela a calma que me prescreveu o médico. O melhor que pode fazer é dizer-me que a carta que me escreveu não tem valor nenhum.

A Santíssima Consolata nos console e, para a glória dela, nos mantenha acima de certas misérias.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. IX/2, p. 123-124, n. 1655]

526

Ao P. José Gallea

S. Inácio, 27 de junho de 1923

Caro P. Gallea,

Recebi hoje de manhã a carta que aqui envio. Penso que o seminarista Marcelino está ainda no Instituto. Ora eu tinha-lhe mandado dizer que voltasse para sua casa. Raciocinando com o coração, seria um prazer aceitá-lo de novo, ao menos no próximo outono. Mas na prática não podemos aceitá-lo de novo e deixá-lo fazer os votos, pois ele é um doente que precisará de cuidados toda a vida; por isso eu o tinha mandado embora deixando-lhe a única esperança de o aceitarmos de novo quando ele estivesse de todo curado, já clérigo ou sacerdote, recomendando-o ao Bispo de Cúneo.

Seria preciso saber se ele tem ou não mais algum mal além da apendicite; nesse caso, podia ser operado durante o outono que vem, e assim vermos se ele se cura completamente. Fale com os superiores e decidam que fazer; mas em todo o caso que vá para casa até ao outono que vem.

Rezem também por mim nestes meus longos dias 'de exílio'. Abençoo-vos daqui ao pé de S. Inácio...

[Vol. IX/2, p. 130, n. 1657]

527

Aos padres Domingos Spinello e Francisco

S. Inácio, 10 de julho de 1923

Caríssimos Padres Spinello e Sciolla,

Desculpem se escrevo a vocês os dois uma só carta; realmente

eu gostaria de ter tempo para escrever uma longa carta a cada um de vós em particular. Li acerca das festas feitas àqueles e àquelas que aí chegaram, e fiquei consolado.

Teria eu mesmo o grande desejo de vos mandar Irmãs também a vós, mas não sei se poderemos fazê-lo brevemente. Façam vocês o que podem, e Deus ficará contente. Tu, P. Sciolla, vais fazer os votos perpétuos.

Abençoo-vos de todo o coração e com muito afeto no Senhor J. C.

[Vol. IX/2, p. 134, n. 1659]

528

Ao P. Tiago Cavallo

J.M.J. S. Inácio, 10 de julho de 1923

Caro P. Cavallo,

Escrevo-te estas linhas para te dizer que estou muito contente com o muito bem que tu fazes, tu que ajudas também os mais fracos: o Senhor te abençoe.

E tu continua a trabalhar com este espírito.

Reza também por mim que sempre peço ao Senhor por ti, para que Ele te dê um *Spiritum rectum* [um espírito justo] e muita tranquilidade no Sagrado Coração de Jesus, e assim deves tu comportar-te *em obediência às minhas palavras*.

Com muito afeto no Senhor Jesus...

[Vol. IX/2, p. 135, n. 1660]

529

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

J.M.J. S. Inácio, 12 de julho de 1923

Caro P. Ferrero,

Gostei muitíssimo da tua carta porque me mostrou que vives entregando-te à santa Vontade de Deus. Não sei que provas

tiveste para assim viveres, mas digo-te: tem coragem sempre, Deus está contigo. Recorda-te das palavras *Fili non te frangant* [Filho, não deixe que (os problemas) quebrem você]. Penso que andas centrado demais no pensamento da morte: pensa mas é no Paraíso que está reservado àqueles que deixaram tudo para salvar almas. O querido Albertone talvez ande também triste, e assim vocês os dois passam a tristeza um ao outro.

Fizeste bem em escrever algo para o Periódico, continua a fazê-lo: o P. Sales fica muito contente. Por agora chega: tu sabes bem tudo o que eu te quero dizer. Quando já estarei no Paraíso, o que vai acontecer brevemente, vou rezar muito por ti, não para que tu para lá vás depressa, mas para que tu prepares para ti próprio um Paraíso cheio de méritos. Coragem *in Domino*, e recebe a Bênção paterna que te mando todos os dias. Com muito afeto *in Domino*...

[Vol. IX/2, p. 136, n. 1661]

530

À Irmã Clara Strapazzon

V.J.M. J. Turim, 9 de agosto de 1923

Boa Irmã Clara,

Alegro-me também eu na tua Festa [do dia do nome] e desejo-te felicidades *toto corde* [com todo meu coração]. A responsabilidade que sobre mim pesa da educação das nossas Irmãs pesa também em parte sobre ti.

Quando penso nos frutos que essa mesma educação produzirá nas Missões, sinto o grande desejo que as nossas Irmãs se tornem idóneas e perfeitas em tudo. Deus nos ajude! Abençoo-te a ti e a todas, e por todas rezo.

P.S.: As duas Irmãs que vocês desejam, não as podemos mandar: têm de vocês arranjar-se como podem, talvez sacrificando os passeios. Basta-vos o bom ar que respirais - que nós não temos aqui em Turim!

[Vol. IX/2, p. 64, n. 1667]

531

Ao P. Domingos Gillio

Turim, 18 de agosto de 1923

Caríssimo P. Gillio,[51]

Recebi a sua carta, e peço-lhe que me escreva muitas vezes e minuciosamente. Com certeza que hoje fizestes memória do

querido Sr. Vice-Reitor! No que respeita o bom P. Re, diga-lhe de novo em meu nome o que eu já lhe disse: não se comporte como um garoto, porque senão vai arrepender-se!

Acerca das objeções, que já fez outras vezes, e que já foram resolvidas, vou dar-lhe uma decisão oficial: gostava eu de saber quem são estes fomentadores de tristeza: se os antigos, como o P. Balbo, ou outros. É verdade que somos religiosos, como os Lazaristas; e é ignorante aquele que não considera um juramento feito a Deus como um voto verdadeiro; que leia o d'Annibale.

O acréscimo de precisar de autorização no caso do uso dos próprios bens já vem da primeira aprovação das Constituições, sem a qual Roma não as teria aprovado; e já então eu escrevi isso ao bispo Perlo, o qual o comunicou a todos, tal e qual como também eu fiz aqui em Turim. Evidentemente, as pequenas licenças são da sua conta.

Quero que você se relacione com as Irmãs de maneira geral e particular, como é prescrito aos missionários. Você representa-me, mesmo em relação à Superiora, e também a cada Irmã. E o problema do P. Mauro vou regulá-lo eu próprio.

Vários missionários e missionárias do Quénia sentem um certo descontentamento que é preciso eliminar, um descontentamento que não existe no Kaffa nem em Iringa. Estude V. Rev.ª este problema e as suas causas, e veja se consegue restaurar a paz entre todos. Por essa intenção vou rezar, e a isso vou dar a minha bênção. Seja prudente, mas firme, no cumprimento dos seus deveres.

[51] Pe. D. Gillio era o superior delegado no Capítulo dos missionários da Consolata, no Quênia.

Que Nossa Senhora da Consolata vos abençoe a todos, especialmente a V. Rev.ª, para que em tudo se faça a S. Vontade de Deus. Com muito afeto em N.S.J.C....

[Vol. IX/2, pp. 169-170, n. 1668]

532

Ao P. Tomás Gays

J.M.J. Turim, 22 de agosto de 1923

Caro P. Gays,

Muito me alegram as boas notícias acerca de todos. O Senhor vos abençoe para que todos progridam nos bons sentimentos e na disciplina.

Esperávamos hoje um pouco de chuva, mas só vieram uns borrifozitos: oxalá viesse mais abundante, a chuva, aí para os vossos lados, pois dela bem vós precisais. Veio ver-me ontem o Tibaldeschi. Parece um tipo sério, e espero que ele conseguirá. Ficámos de acordo que venha depois do dia 15 de setembro. Parece preferir os estudos da vocação sacerdotal aos estudos de medicina. Mas isto depois se verá.

O seminarista Bosca escreveu-me a dizer que quer voltar a casa, tal e qual como V. Rev.ª me tinha já dito. Talvez se pudesse deixar que ele vá por um certo tempo...

Ao sacerdote de Saluzzo, escrevi-lhe que determinasse com o bispo a data da sua partida para os Exercícios Espirituais; e o irmão dele até poderia mesmo vir antes dele. Aos moços, adiei tudo para o início de setembro. Parece que só podemos aceitar uns dez, escolheremos.

Os de Riva que venham cá e então veremos. O de Barge não nos convém, pois não tem pai nem mãe. Veio um tal de Bene e disse-me que o mandou o nosso padre Borra. Não nos convém aceitá-lo, pois parece que a vocação é a mãe dele que a tem.

O seminarista Favaro apresentou-nos um tal de Poirino. Fique V. Rev.ª com a lista, à qual eu ajuntarei a minha, e depois veremos.

Arranje cada um de vós uma boa reserva de saúde, para poderdes trabalhar para o ano que vem. Os jovens reconheçam

e agradeçam a grande graça que estão a receber, e que S. Inácio fique contente com eles.

Abençoo a todos de todo o coração. Com muito afeto...

[Vol. IX/2, p. 174-175, n. 1669]

533

Ao P. Tomás Gays

Turim, antes do dia 2 de setembro de 1923

Caro P. Gays,

Aceito os seis como seminaristas.

Se V. Rev.ª está de acordo, para a minha festa [50º Aniversário de Ordenação] concedo uma indulgência única, isto é, que não deve ser repetida no futuro: segundo o Código, admito ao noviciado todos os sacerdotes e os seminaristas postulantes, e os Irmãos que já o são há seis meses.

Se isto a si agradar, pode comunicá-lo aos interessados antes dos Exercícios Espirituais. Gostaria de fazer o mesmo para com os doentes, mas não posso.

Com muito afeto...

[Vol. IX/2, p. 645, n. 1698]

534

Aos missionários e às missionárias

Turim, 1 de outubro de 1923

Caríssimos e caríssimas em N.S.J.C.,

Com o coração repleto de consolação intensa, celebrei os Cinquenta Anos da minha Sagrada Ordenação Sacerdotal. Foi isto para mim uma graça singular que, humanamente, nunca eu ousaria esperar, e que somente a bondade de Deus podia conceder-me. A fraqueza habitual da minha saúde e os muitos cuidados durante os vários estádios da minha vida debilitaram muitas vezes as minhas forças; mas o Senhor me conservou até

ao dia de hoje de preferência a tantos outros meus colegas que eram certamente melhores do que eu.

Ao preparar-me para a Festa com os S. Exercícios Espirituais, tive tempo de reviver as muitas graças que o Bom Deus me concedeu durante estes cinquenta anos: antes de mais, a celebração da Santa Missa quase sem nunca falhar, com todas as bênçãos que ela traz ao celebrante que bem procura celebrá-la; e muitas outras graças espirituais e temporais que ninguém poderia contar. *Enumera stellas, si potes* [conte as estrelas, se puder].

Quantas responsabilidades pesaram sobre mim! Mas tudo foi da vontade de Deus e nunca a sua graça me abandonou: *Gratia Dei mecum* [a graça de Deus estava comigo]. Foi ele que me escolheu para Diretor Espiritual do Seminário; e depois, Reitor do Colégio Eclesiástico ['Convitto'], do santuário da Consolata; e, mais tarde, instrumento da vossa santificação e, por meio de vós, da salvação de tantas almas que ainda o não conheciam.

Se no meu lugar tivesse estado outro, quanto maior bem teria operado, e quantos méritos a mais do que eu teria conquistado!

O que me consola é que sempre procurei fazer a vontade de Deus, que eu via na voz dos Superiores. Se o Senhor abençoou muitas obras que realizei, até mesmo a pontos de suscitar admiração, o meu segredo foi sempre de procurar fazer só a sua Santa Vontade que sempre me manifestaram os Superiores. Foi sempre, e sempre será esta a minha consolação nesta vida, e será esta a minha confiança no Tribunal de Deus. Não, não é soberba propor-me como vosso exemplo e modelo na virtude a obediência.

Acreditai: *Vir obediens loquetur victoriam* [o homem obediente cantará vitória].

Acabadas que foram as festas num ambiente de alegria geral, e tendo sido dadas muitas ações de graças ao Senhor e à nossa querida Mãe, agradeço a todos os que nelas participaram. Já agradeci humildemente ao Santo Padre Pio XI o Breve lisonjeiro que me mandou. Agradeço também aos Eminentíssimos Cardeais as lindas cartas que se dignaram escrever-me. De maneira particular já agradeci ao Sr. Cardeal Van Rossum, Prefeito de Propaganda Fide e nosso superior imediato. Não quis ele

simplesmente alegrar-se comigo, e convosco, mas com muita delicadeza usou esta ocasião para aprovar definitivamente as nossas Constituições. Uma grande graça que põe, por assim dizer, o carimbo da estabilidade sobre o nosso Instituto.

A vós, meus filhos e filhas, que muito afeto me mostrastes durante estes dias, digo *Deo gratias,* e peço a Nossa Senhora da Consolata que vos ajude a corresponder perfeitamente à vossa vocação.

A vós todos e todas que trabalhais nas nossas Missões africanas, que devo eu dizer? Vós, Missionários, Missionárias, Seminaristas, Irmãs Indígenas e Catecúmenos colaborastes na minha Festa com funções públicas e muita oração por mim, e mandastes-me muitas cartas comunitárias e pessoais para me exprimir os vossos parabéns; agradeço a todos; e por todos pedi na Minha Missa de Oiro. A vós atribuo a graça de não ter partido no inverno passado para a outra vida, mas ter chegado a este lindo dia com bastante saúde. Foram as vossas orações e os vossos sacrifícios apostólicos que me obtiveram esta graça. Continuai a rezar para que em mim e em vós se cumpra sempre a S. Vontade de Deus. Tenho pena de não poder responder individualmente às vossas muito queridas cartas; mas continuai vós a escrever-me: se eu não puder responder, ao Senhor vos encomendarei, a vós e a todas as vossas necessidades e intenções. Vou servir-me dos vossos Anjos da Guarda para que eles vos comuniquem os meus pensamentos e os meus desejos. De resto, tende muita coragem sempre, especialmente nas dificuldades; mas nunca esqueçais a finalidade com a qual aí estais e trabalhais, e o prémio *magnum nimis* [muito grande] que vos espera daqui a pouco no Paraíso.

Abençoo-vos paternalmente daqui aos pés a nossa Padroeira. Com muito afeto no Senhor Jesus...

[Vol. IX/2, pp. 653-654, n. 1701]

535

Ao P. Francisco Gamberutti

J.M.J. Turim, 28 de outubro de 1923

Caro P. Gamberutti,

Tenho pena que ainda te sintas mal de saúde, consulta algum bom médico, e faz tudo o que ele te prescrever.

Recebi esta e a outra carta que me mandaste. Não respondi imediatamente porque queria dar-te notícias mais certas acerca da Somália. Deves saber que S. Ex.ª o Sr. De-Vecchi, escolhido para Governador da Somália, convidou-me a ir a sua casa para falar comigo. Fui lá com o P. Gays. Pediu-me para aceitarmos a Prefeitura o mais depressa possível. Ele falava em nome do Ministério, ao qual ia dar a nossa resposta. De fato, foi a Roma na tarde daquele mesmo dia, e quando voltou pediu-me para vir falar-me, mas até agora ainda não veio.

Para tua informação, eu não me mostrei entusiasta, nem contrário à proposta. Expus-lhe as seguintes nossas condições:

1) Que pedisse ainda, com boas maneiras, aos Trinitários. 2) Nós não podemos ir para lá senão daqui a um ano; ele pediu que vamos daqui a seis meses, ao que eu respondi ser impossível. 3) Absoluta liberdade em tudo, e com prudência. 4) Com o contributo do Governo de *um milhão* [de Liras] para começar, e depois *meio milhão* [de Liras] cada ano até um certo tempo que devemos determinar. Não se admirou destas minhas condições. Delas deve ter falado em Roma e agora quer dar-me a resposta.

Depois da conversa que eu e ele teremos, se as condições mudassem, escrevo-te a explicar. Seja esta a norma para ti quando vais ao Ministério. Se na Propagação da Fé te falarem disto, diz-lhes que nós não faremos nada senão quando a Propaganda no-lo disser, especialmente porque não queremos passar uma rasteira aos Trinitários. Acerca do *milhão* não fales nele a ninguém, exceto no Ministério se eles dele te falarem. Neste ponto queremos só a Vontade de Deus.

Obrigado pelo documento sobre os Oblatos. Realmente eles não escreveram segundo o nosso desejo e segundo o esquema

dado; paciência, para alguma coisa servirá. E tu agradece ao Ministério, mas fazendo-lhes compreender que não ficámos satisfeitos. Está bem acerca da igrejazinha de S. José: faz o que podes, e nós vamos rezar a S. José para conseguirmos.

Acerca da questão da minha dispensa, faz o que podes e pergunta a Mons. Parisio o que é que deves fazer. Trabalha sobre "o Ente Moral" para que o consigamos o mais depressa possível e *sem despesas* de trespasse, ao menos pela nossa parte.

Por aqui, nada de novo. Nossa Senhora da Consolata te cure e te abençoe em todos os teus trabalhos. Se precisas de café para alguém, escreve.

Com muito afeto...

[Vol. IX/2, pp. 672-673, n. 1704]

536

Ao P. Ângelo Dal Canton

Turim, 19 de novembro de 1923

Muito Rev. e caríssimo P. Dal Canton,

O meu comportamento para contigo foi inspirado pela minha caridade paterna e pelo meu dever de Superior segundo o Direito Canónico e as nossas Constituições. Por isso eu te mandei vários convites para voltares para o nosso Instituto, e pedi a outros para te fazerem o mesmo pedido.

Ofereci-te mesmo qualquer lugar nos nossos três campos de Missão, e até te propus a Casa Mãe, onde te prometia todos os cuidados necessários e convenientes à tua saúde. Entretanto pedi-te para me expores as razões porque querias tu dar este passo, dizendo que não te recusaria uma comenda junto da Sagrada Propaganda.

E agora, depois de vários anos de deserção do Instituto, continuando tu na ideia de saíres, só me resta recomendar-te à Sagrada Propaganda para que ela te conceda uma *verdadeira secularização* segundo o Cânone 638 do Direito Canónico.

E isto mesmo eu faço com esta carta, ou da outra maneira que

tu preferes. O Senhor te abençoe como eu lho peço. Com muito afeto...

[Vol. IX/2, pp. 688-689, n. 1708]

537

Ao P. Francisco Gamberutti

J.M.J. Turim, 25 de novembro de 1923

Caro P. Gamberutti,

Recebi ontem à tarde a tua carta registada-expresso, e Deo gratias pelo favor obtido para esta minha necessidade.

Mais um problema resolvido; Nossa Senhora da Consolata se encarregará de nos consolar em trabalhos mais espinhosos, mas necessários; tem paciência, por favor, e constância *usque ad finem* [até o fim]. Está bem que encorajamos o Fundo para o Culto para os Oblatos; mas procura obter, se possível, uma espécie de decreto, que sirva também a nós para o futuro. É também preciso trabalhar para obtermos a dispensa do pagamento do trespasse.

Que Nossa Senhora abençoe todos os teus incómodos e brigas para estarmos preparados apenas obtido o Decreto. Eu penso que é preciso fazer este trabalho *aí*; e nós faremos também aqui o que pudermos. Creio que *aqui* não nos dão nada sem o placet de Roma.

Quanto à Somália, não me disseste o que é que o De Vecchi conseguiu da Propaganda; nem o que é que o Federzoni e o Ministério esperam de nós. Não atices a proposta da *Alta* Somália, se eles querem ainda experimentar com os Trinitários. Só em caso contrário podes retomar o projeto, mas que nós nos reservamos de estudar o lugar, os limites, a demarcação, etc. de acordo com a Propaganda. Mas, seja o que for, não podemos aceitar senão daqui a um ano.

A nossa Prefeitura poderia constituir-se desde a parte ocupada pelos Trinitários e outras áreas ocupadas pelos Capuchinhos até ao Kaffa e ao Quénia. Mas se vês que eles se comportam serenamente, então é melhor não dizer nada, e assim ficarmos com mais esperança para o futuro.

Se pensas que é conveniente, poderias visitar os Trintários em Roma e dizer-lhes quanto fizemos em favor deles. Talvez fosse melhor acautelá-los contra o que eles já sabem ou virão a saber no futuro.

O Cón. Baravalle agradece-te o que por ele fizeste; e também os Superiores do Colégio Sacerdotal naquilo que se refere aos Oblatos. Faz atenção à tua saúde; se precisas de alguma coisa, escreve. Terça-feira chega a Turim o P. Rosso. Toda a minha bênção para ti. Com muito afeto no Senhor Jesus...

P.S.: Recebi hoje de manhã (dia 26) o teu postal. Deo gratias mais uma vez, também pela Bula recebida. Continuamos confiantes acerca dos *desiderata* [coisas desejadas, ou seja as coisas mencionadas acima] mais importantes. *In Domino*...

[Vol. IX/2, pp. 693-694, n. 1709]

538

Aos missionários

Turim, depois do dia 30 de novembro de 1923

O nosso Instituto, como qualquer Religião, é governado por Constituições próprias, e por um Diretório Geral ou Regulamento. As Constituições, depois de um tempo necessário de experimentação, são aprovadas definitivamente pela Santa Sé; e esta graça foi-nos benignamente concedida no dia 7 de novembro de 1923 pela Sagrada Congregação *de Propaganda Fide*. Eis a "Magna Carta", que é, por assim dizer, o segundo Evangelho sobre o qual se funda a nossa vida religiosa e missionária. Quanto mais as estudarmos e as praticarmos cordialmente, mais receberemos a bênção de Deus. Rejeitemos aquelas dúvidas que alguns levantaram, especialmente sobre o voto de pobreza. A questão interessaria somente os que emitiram os votos perpétuos antes do *Decretum Laudis*, isto é até 28 de dezembro de 1909.

Ao conceder-nos essa aprovação provisória, a Santa Sé deu-nos a obrigação de lhe ajuntar a condição de pedirem licença para se servirem, esses membros, dos próprios bens, como é para os Padres Lazaristas. Eu imediatamente comuniquei essa condição a

toda a Casa Mãe e a mandei por escrito a todos os missionários da África. Isso posso eu afirmar com toda a certeza diante de Deus; e mais tarde isso eu vos confirmei, especialmente a quando da vinda a vós do saudoso nosso Sr. Vice-Reitor.

Bastaria isso. Mas para truncar absolutamente toda e qualquer dúvida, quis eu consultar a este propósito a Sagrada Congregação *de Propaganda Fide*, e dela recebi a resposta que vos dei.

O Diretório prescrito pelas Constituições foi redigido pelo Capítulo Geral e a vós o proponho ad experimentum. Aceitai-o com bom espírito e ajudai os Superiores a completá-lo segundo as necessidades de cada Missão. Nasceu ele como complemento e explicação das Constituições, e deve ser praticado como um segundo meio para a vossa santificação e a das gentes dessas terras.

Unidos em espírito e coração, abençoo-vos no Senhor.

[Vol. IX/2, pp. 702-703, n. 1710]

539

À Ir. Josefina Battaglia

V.J.M.J. 3 de dezembro de 1923

Boa Irmã Josefina,

Foi este o melhor presente que me podias dar: dizeres-me na tua carta que vives calma e tranquila na vocação que o Senhor te deu.

Quis o teu bom Anjo da Guarda poupar-me a pena de pensar que andas um pouco disturbada. Olha, eu não a recebi, essa tua carta, e examinando todas as vossas cartas, essa tua não a encontrei. Melhor assim!

Entretanto, tem coragem nas provações da vida, que afinal são inevitáveis, e põe os teus olhos no Paraíso que espera pela *Irmã* Josefina missionária, e não qualquer outra Irmã Josefina... Nunca te esqueças que pecado e melancolia não trazem gosto nem alegria. E depois, tu tens aí o bom P. Perrachon. Então, toca a olhar sempre para a frente!...

O teu bom papá continua a lembrar-se de nós, e vai mandar-nos as castanhas e, para ti, com a próxima partida de

missionárias. o teu chocolatinho!... Veio há pouco ver-me o teu irmão, o Eng. André.

Deus te abençoe, e também à boa *Irmã Maria*, etc.

E a ti abençoo-te paternalmente. E tu reza por mim.

Com muito afeto...

[Vol. IX/2, p. 708, n. 1713]

540

Ao P. Francisco Gamberutti

J.M.J. Turim, 6 de dezembro de 1923

Caro Padre,

Recebi a relação do Fundo para o Culto, está bem; agradece ao Barão Monti.

Seria suficiente, ainda que um pouco obscura, a declaração da Congregação Dataria.

Muito bem acerca do Card. Laurenti; vamos ver o que se pode fazer. Mando-te a carta para o Card. Bonzano; vai levar-lha, com os nossos cumprimentos. Depois de receberes uma resposta afirmativa, como esperamos, pergunta à Propaganda o que é que devemos fazer, e depois toca a fazê-lo.

O Senhor ajuda-te, e todas as causas estão a avançar bem; especialmente a do 'Ente'[52] etc...

Coragem, e a bênção da nossa Consolata.

[Vol. IX/2, p. 715, n. 1717]

541

À Irmã Serafina Drudi

(1923)

Boa Irmã Serafina,

Já é tempo de responder à tua carta.

[52] O Instituto como "Ente Morale" (Corpo moral, Organização sem fins lucrativos).

Sempre em frente, com coragem, fazendo a S. Vontade de Deus, e tudo por amor de Jesus. Diz assim a todas as Irmãs: "Irmã Josefina, Irmã..."

A minha bênção para todas".

[Vol. IX/2, p. 727, n. 1720]

542

À Ir. Adelaide Marinoni

Turim, antes do dia 7 de fevereiro de 1924

Pratica a obediência, e Deus compensará pelos teus defeitos. Coragem no Senhor que pode mesmo servir-se dos miseráveis para a sua Glória. Com a minha bênção.

[Vol. X, p. 33, n. 1729]

543

À Ir. Adelaide Marinoni

Data incerta

Deves violentar-te em tudo por amor de Deus e para conquistares a humildade. Vence a tua repugnância se queres ter virtude e mérito.

[Vol. X, p. 34, n. 1730]

544

Ao seminarista Mário Borello

Turim, depois do dia 19 de março de 1924

Dado que o Senhor não me faz a graça de te ter muitas vezes só a sós comigo, faça-o em meu nome o prudente P. Nepote; e eu aprovo.

[Vol. X, p. 65, n. 1741]

545

À postulante Josefina Rossi

Depois do dia 19 de março de 1924

Lê e medita o 2º ponto do 3º dia da Novena ao Sagrado Coração de Jesus do P. Borgo: *Vida de sacrifício* – é o que basta para fazer uma santa. Coragem.

[Vol. X, p. 66, n. 1742]

546

À postulante Josefina Rossi

Data incerta

Convém que trabalhes para te emendares e te aperfeiçoares. É um trabalho contínuo, longo; mas o Senhor Jesus vai ajudar-te.

Sê generosa para com Deus, e ele há de dar-te muitas graças.

[Vol. X, p. 67, n. 1743]

547

Ao Mons. José Perrachon

Turim, 29 de junho d 1924

Caríssimo e Rev.mo Monsenhor,

Com um pouco de atraso, venho partilhar a minha alegria com V. S.ª. Esperava eu a chegada do bispo Perlo para me inteirar sobre os pormenores desta promoção. Já agradeci ao Senhor e a Nossa Senhora da Consolata: foi por agrado deles que tal aconteceu, e por isso deve V. Rev.ª obedecer à sua Santa Vontade. Peço para esta sua missão o espírito de sabedoria de que precisa.

Juntamente com o P. Gillio, e em espírito de verdadeira comunhão, procurai dar a todos e a todas uma paz santa e a prática de todas as virtudes religiosas e apostólicas. Procurai merecer o louvor que a Igreja faz de S. Carlos Borromeo: *Illum*

pastoralis solicitudo gloriosum reddidit [O zelo no ministério pastoral o tornou glorioso].

Apenas possa, vou escrever-lhe mais demoradamente. Envio a si e a todos os missionários sacerdotes, irmãos e irmãs a minha bênção paterna. De V. Rev.ma com muito afeto em J.C.

P.S.: Convém que também nós, como Instituto e como Vicariato e Prefeitura, mandemos ao S. Padre uma Carta Postulatória solicitando a Beatificação de S. Pio X, que foi um nosso grande benfeitor. Vou escrevê-la eu.

[Vol. X, p. 88, n. 1748]

548

Aos superiores delegados do Quénia, do Kaffa e de Iringa

Turim, 5 de agosto de 1924

Com a presente, autorizamo-vos a admitir à profissão perpétua, na próxima Festa da Imaculada Conceição (8 de dezembro de 1924), as abaixo mencionadas Irmãs Consolatinas, e vos delegamos também a assistir à mesma profissão, respeitando porém as seguintes normas:

a) No início do mês de outubro deste ano, quer dizer dois meses antes da data acima indicada, deve V. Rev.ª comunicar ao Ordinário do Vicariato (.....)[53] este mesmo elenco das venerandas irmãs que devem ser admitidas à profissão perpétua, para cumprimento do devido exame canónico: e só as aprovadas pelo Ordinário poderão ser admitidas à profissão.

b) Veja que lhes sejam permitidos dez dias de Exercícios Espirituais, em grupos segundo as conveniências; e, possivelmente, escolhendo pregadores idóneos; e também confessores especiais.

c) A fórmula da profissão deve ser a do módulo que aqui enviamos, pronunciada diante do Santíssimo exposto,

[53] O Ordinário do Quênia foi Mons. F. Perrachon.

segurando com a mão esquerda uma vela acesa, e tocando os Santos Evangelhos com a mão direita.

d) Se sobre alguma destas irmãs admitidas à profissão V. Rev.ª tivesse em consciência dificuldades graves, deve comunicá-las imediatamente aos Superiores, descrevendo pormenorizada e amplamente tais motivos. Enquanto espera instruções, devem as normas acima descritas seguir o seu curso, especialmente no que respeita o exame do Ordinário.

e) Estas dificuldades devem conter uma gravidade verdadeira e real, pois tal irmã que não fosse nesta caso admitida à profissão deve ser imediatamente mandada embora do Instituto, pois não é neste caso permitida pelo Direito Canónica uma outra a profissão temporária, das profissões já feitas que terminam irrevogavelmente em 8 de dezembro de 1924.

[Vol. X, pp. 114-116, n. 1750]

549

Ao Irmão Bartolomeu Liberini

V.J.M. e J. Turim, 7 de agosto de 1924

Meu caro Bartolomeu,

Recebi as tuas duas cartas, e muito me agrada saber que estás bem e que a tua vinda tenha dado alegria aos teus pais, e tenha consolado especialmente a tua boa mãe. Saboreia a sua estadia com ela, pois poderia ser a última.

Não são os melhores, estes tempos, para voltar para África; esperamos tempos mais propícios, lá para novembro ou dezembro.

Os teus colegas estão, alguns em S. Inácio, outros em Giaveno; quando voltares, vais-te juntar a eles, para bem da tua saúde. Muitos cumprimentos à tua mãe e a todos os parentes. Pede-lhes que rezem por mim.

Recordo muito bem o Rev. P. Morelli, pois tive a graça de o recolher como prófugo no Colégio Sacerdotal. Se por acaso o vires, dá-lhe os meus cumprimentos, e diz-lhe que rezo por ele a Nossa

Senhora da Consolata, e que ele reze também por mim. E para ti, meu caro Bartolomeu, a minha bênção paterna.

Com muito afeto no Senhor...

[Vol. X, p. 119, n. 1751]

550

À Irmã Clara Strapazzon

V.J.M.J. Turim, 8 de agosto de 1924

O CÓN. JOSÉ ALLAMANO

deseja à Rev. Superiora, a Irmã Clara Strapazzon, no dia do seu onomástico, muitas graças espirituais e corporais, para a sua própria santificação e o bem da sua querida comunidade.

Rezemos.

[Vol. X, p. 121, n. 1752]

551

À comunidade da Casa Mãe em férias em S. Inácio

Rivoli, 26 de agosto de 1924

Que todos aceitem de boa mente o pequeno Congresso anual de S. Inácio, e que ele dê aos caros missionários um aumento de espírito apostólico. Que todos nele participem viva e cordialmente.

Com a minha bênção.

[Vol. X, p. 125, n. 1753]

552

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, 28 de agosto de 1924

Minha caríssima Irmã Josefina,

Alegra-me a tua abertura de coração, especialmente tratando-se de algo tão importante.

Sair do Instituto, deixar as Missões depois de tantos anos de verdadeira vocação, e mesmo de graças especiais recebidas de Deus, não vês que é uma tentação terrível do demónio que quer levar-te para uma vida sem paz, e para fora do caminho no qual Deus te quer feliz nesta vida e na eternidade? Escuta bem o que te digo, eu que sempre tive e tenho por ti um verdadeiro amor paterno. *Permane in vocatione qua vocata es* [Fica na vocação à qual foste chamada].

Mesmo se viesse um anjo dizer-te algo de contrário, não devias acreditar no que te dissesse: mas deves permanecer firme na obediência aos teus Superiores. O Bispo Perrachon e o Bispo Perlo, a quem pensei bem dizer sobre isto uma palavra em segredo absoluto, esconjuram-te a não dares semelhante passo, eles têm mesmo a certeza que tu o não farás. Vence o demónio e as tentações que ele te traz preparando-te bem para os votos perpétuos que em breve serás convidada a fazer.

E verás que voltará para ti a paz, e assim terás a certeza de estares no caminho que te levará ao Paraíso. Eu, que sou velho e já perto da morte, não tenho maior conforto do que ver que estou onde me quer o bom Deus: com certeza recordas que me ouviste dizer isto na Casa Mãe. E então, coragem!

E eu, enquanto viver cá na terra, eu que depois hei de ir um dia para o Céu, vou ter-te sempre nas minhas orações para obter para ti a perseverança final na tua vocação. Entretanto, segue os santos conselhos do Sr. Bispo Perrachon, ao qual eu te recomendo por carta. Reza como Jesus que, *factus in agonia prolixius orabat* [cheio de angústia, pôs-se a orar mais intensamente].

Há de passar o turbilhão, e bem depressa me hás de escrever dando-me boas notícias, que eu espero cheio de esperança. Faz os teus votos perpétuos.

Aqui aos pés de Nossa Senhora da Consolata te abençoo, e comigo também te abençoa o Sr. Bispo Perlo. No Coração de Jesus teu com muito afeto...

[Vol. X, pp. 126-127. N. 1754]

553

À Irmã Emília Tempo

Turim, 4 de outubro de 1924

Jesus, meu esposo, será sempre o meu amparo, toda a minha consolação e o meu prémio eterno.

Abandono total a Deus.

[Vol. X, p. 135, n. 1756]

554

À Irmã Margarida Demaria

Turim, 13 de outubro de 1924

Rev. Irmã Margarida

Recebi a tua carta de 9 de setembro. Muito me alegrei que a Irmã Adélia reentrou em si própria; e espero que o mesmo aconteça à Irmã Luísa e a outras que precisam também de fazer o mesmo.

Eu rezo por vocês todas. Penso que agora, na quadra da vida em que se encontram, já não se pode mandá-las embora, e que ainda se pode esperar que se emendem. Diz-lhes que eu esqueço tudo o que aconteceu, e que elas devem começar a viver uma vida virtuosa,

Vão chegar aí algumas que vão tomar o lugar daquelas que o Monsenhor destinou à Somália. Entre elas está também a Irmã Isabel, que provavelmente te causará algum aborrecimento, mas é boa pessoa e trabalha bem no campo da costura. Quando estava aqui, andava de tal maneira agarrada às saias da Superiora que era para ela um tormento todo o dia. É preciso mantê-la sempre ocupada e não prestar demasiada atenção às suas niquices: esperamos.

Cumprimentos a todas, e a minha Bênção.

[Vol. X, p.141, n. 1757]

555

À Ir. Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Turim, 13 de outubro de 1924

Cara Irmã Maria,

Vou responder-te para outra vez, dado que estás de partida para o Quénia. Anuncio-te que vais em breve receber a destinação para a Somália. Oferece ao Senhor este sacrifício.

Com a minha bênção, e com muito afeto no Senhor Jesus.

[Vol. X, p. 143, n. 1758]

556

Às Irmãs missionárias da Prefeitura apostólica de Iringa

Turim, 10 de novembro de 1924

Reverendas e caríssimas em Nosso Senhor Jesus Cristo,

Levem-vos estas poucas linhas ou meus votos de muitíssimas bênçãos celestes para vosso bem e o bem de tantas outras almas que haveis de salvar. Nunca me esqueço de vós junto da nossa querida Consolata, e sempre lhe rezo a pedir-lhe que vos ajude, vos console e torne frutuosas as vossas fadigas.

Façam de conta que esta carta eu a escrevi pessoalmente a cada uma de vós, é o que posso fazer.

Abençoo-vos no Senhor, eu que sou sempre vosso em Jesus Cristo...

[Vol. X, p. 156, n. 1762]

557

Aos noviços e às noviças de Pianezza

Turim, 29 de novembro de 1924

Meus queridos noviços e noviças,

Não podendo encontrar-me pessoalmente convosco, visito-vos em espírito. Façamos juntos esta linda Novena.

Louvaremos a nossa querida Mãe, e vamos procurar imitar as suas virtudes. Os Anjos e os Santos proclamam-na toda santa e imaculada; e nós repetimos muitas vezes: *Bendita seja a santa e imaculada Conceição.... Ó Maria concebida sem pecado...* E meditaremos na preciosidade que é a graça de Deus, de que Deus quis encher a sua Mãe mais do que de qualquer outro favor, *"Gratia plena"* [cheio de graça].

Imitemo-la nós vivendo sempre na graça de Deus, procurando conservá-la sempre e sempre aumentá-la, evitando para isso todo e qualquer pecado, mesmo venial, e até mesmo, se possível, as imperfeições diárias; e fazendo tudo com a maior perfeição interna e externa que podemos. Deste modo faremos bem esta querida Novena, e mereceremos as bênçãos da Virgem Santíssima.

Com a minha bênção...

[Vol. X, p. 176, n. 1764]

558

Aos noviços e às noviças de Pianezza

Turim, antes de dia 6 de janeiro de 1925

O CÓN. JOSÉ ALLAMANO

abençoa os queridos noviços e as queridas noviças e reza para que sejam coroados com muitas estrelas divinas, isto é, com muitas e santas inspirações.

[Vol. X, p. 208, n. 1770]

559

Ao mons. Filipe Perlo

Turim, 25 de fevereiro de 1925

Caro Bispo,

Soube que V. Rev.ma aceitou para irmão leigo um tal Mercandino, de 18 anos, que deve mesmo entrar hoje.

Um bom senhor veio dizer-me que os pais dele não são lá grande coisa, e que o jovem não é exemplar. Sei que quem o propôs foi o P. Corino. Será preciso vigiá-lo bem para ver se tem qualidades.

[Vol. X, p. 245, n. 1772]

560

Ao P. Maurício Domingos Ferrero

Turim, fevereiro de 1925

O CÓN. JOSÉ ALLAMANO

recebeu as tuas cartas, especialmente a do Angelo-Bello e outras. Agradece e reza por ti e por todos.

[Vol. X, p. 246, n. 1773]

561

À Irmã Clementina Cristino

Turim, depois do dia 3 de maio de 1925

A todas as Irmãs de Iringa: recordo-vos afetuosamente e rezo por vós a Nossa Senhora da Consolata e ao B. Cafasso.

[Vol. X, p. 283, n. 1775]

562

Aos Missionários e às Missionárias

Turim, 11 de maio de 1925

Caríssimos filhos e filhas em N.S.J.C.,

Filhos e filhas! Nesta ocasião da solene Beatificação do Ven. José Cafasso sinto a necessidade de vos abrir o meu coração que anda todo cheio de íntimas consolações. Sabeis quanto eu desejava este dia, e quanto trabalhei para que ele chegasse.

Finalmente, depois de tanta dedicação e diligência durante

trinta anos, eis que chegámos ao fim. Cheio de alegria, devo manifestar-vos o que sinto, a vós que formais a minha coroa e sempre participastes nas minhas penas e nas minhas alegrias.

No dia 3 tive a sorte de ir a Roma, e de lá viver festas verdadeiramente celestiais, que somente em S, Pedro e na nossa santa Igreja se podem saborear. Mostrou-me o santo Padre toda a sua bondade, e o mesmo se diga de todos os Cardeais e Prelados.

Nem vale a pena dizer-vos que vos recordei a todos naquele momento solene em que foi proclamado o decreto papal e foi mostrada o santo Quadro. Ao Beato recomendei todo o Instituto, e pedi para vós todas as graças necessárias e úteis à vossa maior santificação e à conversão dos povos.

O Beato José Cafasso é padroeiro do 'Convitto' [Colégio Sacerdotal], do qual ele foi Cofundador e alto luminar, e o modelo das almas piedosas, mais especialmente as eclesiásticas; e é também nosso Protetor especial, "vosso tio", como vós mesmos dizeis, e como tal deveis honrar, e cujas virtudes deveis imitar. Do Paraíso será ele por vós intercessor poderoso em todas as vossas necessidades, e como zelante que é da salvação das almas vos ajudará no trabalho das Missões.

Vou mandar-vos algumas imagens para as colocardes nas vossas igrejas: celebrareis a festa dele e rezareis o seu ofício, e haveis de prestar-lhe muitas delicadezas durante todo o ano. Penso que com tudo isto vos dei um grande meio de aperfeiçoamento, e também que cumpri a minha Missão para convosco. Rezai-lhe também por mim para que ele me obtenha de acabar bem a minha carreira, e eu possa, a seu tempo, chegar ao pé dele no Paraíso.

De todo o coração vos mando a minha bênção. Com muito afeto em Jesus Cristo.

[Vol. X, pp. 284-285, n. 1776]

563

Aos missionários

LETRA CIRCULAR DO VENERÁVEL FUNDADOR SOBRE A DISPOSIÇÃO DEFINITIVA DO INSTITUTO[54]

Turim, 31 de maio de 1925

Caríssimos Filhos em N.S.J.C.,

Como pôde cada um de vós ver com os próprios olhos, o Senhor dignou-se abençoar de maneira toda particular esta Obra que nos inspirou: consolidando-a e ampliando-a mais do que humanamente se poderia prever. Por isso, digamos-lhe humildemente o nosso Obrigado, tornando-nos cada vez mais dignos da sublime vocação à qual a sua bondade nos quis chamar.

Como qualquer outra organização, no seu desenvolvimento o nosso Instituto teve de atravessar várias fases que foram determinadas e caraterizadas pelo ambiente em que nasceu e se desenvolveu.

Para começar, a sua primeira finalidade, bem limitada no início, foi alargada pela Suprema Autoridade; e depois, porque surgiu um desejo comum de formar um corpo moral mais aperfeiçoado para santificação vossa, para uma evangelização mais apropriada e mais coerente ao modo de viver a Missão.

Tendo-se desenvolvido pouco a pouco até atingir uma consolidação bem adequada, parece ter chegado, com a graça de Deus, a uma maneira de ser muito boa e definitiva.

[54] Esta circular, impressa na tipografia da Casa Mãe, consta da carta de Joseph Allamano (em itálico) com dois documentos anexos, que têm por objeto sanar irregularidades relativas à evolução jurídica do Instituto, votos religiosos e consequente situação jurídica dos membros do Instituto.

Tudo isto foi de grande benefício para o nosso Instituto, não há dúvida – e prova disso é a predileção que lhe tem mostrado a Divina Providência. Mas por causa das várias transformações que teve de atravessar, surgiu naturalmente uma situação que produziu dúvidas em alguns membros e incertezas noutros: e isto gerou comportamentos irregulares na vida comunitária - coisas que era preciso absolutamente eliminar para a tranquilidade acerca do passado, para restabelecer a normalidade no presente e para produzir a certeza que tal não acontecerá no futuro.

*Para atingirmos essa meta, foi o problema tratado em profundidade no Conselho, ouviu-se o parecer de vários missionários anciãos e de especialistas em tais problemas, sempre respeitando as normas sugeridas pela Autoridade Suprema. E decidiu-se apresentar a essa mesma Autoridade uma ampla postulação relativa aos problemas, da qual vos mando cópia. Dita postulação foi benevolamente aceite e examinada; e, resumida no formato que também vos mando, foi benigna e plenamente atendida ("*benigne et pro grazia*") por S. S. o Papa Pio XI, felizmente reinante, no dia 5 de fevereiro do corrente ano.*

Esta consolante notícia marca uma nova bênção de Deus sobre a nossa Obra, e uma feliz data na história do nosso Instituto. Como corolário a esta situação, e de acordo com a Suprema Autoridade, dirijo-me a todos e a cada membro do Instituto, pedindo que cada um, depois de fervidamente ter rezado á nossa Padroeira, a Consolata, e depois de pedir a ajuda do Espírito Santo, me comunique o seguinte:

a) *Se, não tendo ainda feito nenhum voto (primeira categoria do memória enviada à Propaganda), tem intenção de fazer os votos; ou, se já os fez mas deles tem dúvidas se feitos ou bem completos (segunda categoria da mesma memória), e se tem a intenção de os renovar: nestes dois casos, segundo a forma e o alcance das Constituições atuais e com as modalidades nelas contidas, sem precisar de fazer o noviciado e conservando a ancianidade presente, como na alínea 3 do Resumo da Sagrada Congregação de Propaganda Fide n.*

296/25, me comunique se quer agregar-se completamente e formalmente ao Instituto na sua forma atual de Congregação de votos simples de Direito Pontifício (terceira categoria do memorial citado);

b) *Mas se quer ficar agregado ao Instituto na sua forma atual sem fazer os votos, usufruindo da benigna concessão do sumo Pontífice: então, neste caso fica com todos os privilégios que* "pro gratia" *foram concedidos; mas fica plenamente e firmemente obrigado a observar aquela forma de juramento ou de votos que, no tempo próprio, tinha feito, como diz a alínea 3 do mencionado* Resumo *da Propaganda.*

Note-se que esta situação particular de fato só tem caráter provisório, isto é, limita-se à vida natural dos membros que se encontram nesta situação peculiar e que preferem nela continuar; é, porém, uma situação que, para as pessoas que, além de por vocação aspirarem à perfeição religiosa, a praticaram durante uma longa série de anos com sacrifícios constantes, não constitui, esta situação, uma perfeição de completa entrega a Deus; nem pode ser rica de méritos, nem daquelas graças sublimes que o Senhor costuma dar em retribuição ao "hílare dador" que ao Seu serviço inteiramente se quer consagrar.

Para que cada membro do Instituto possa conservar a máxima liberdade na escolha que deve fazer, cada um escreva e mande numa carta particular, que deve enviar-me a mim pessoalmente, ou a qualquer um dos membros do Conselho, por correio registado. E se alguém ainda tivesse dúvidas, ou desejasse maiores esclarecimentos, antes de tomar uma resolução acerca de fazer ou renovar os seus votos, que se dirija a mim pessoalmente com toda a confiança e liberdade, ou a qualquer um dos Superiores Maiores. E para tomar a sua decisão, considere exclusivamente o bem da sua própria alma e a sua santificação pessoal; e disso mesmo muita vantagem tirará o Instituto, vantagem que passará depois às almas, pela salvação das quais ao Instituto nos consagrámos para maior abundância de graça divina obtermos.

Neste Ano Santo, imploro sobre cada um de vós as melhores bênçãos do Céu e a especial proteção do nosso novo Beato. Imitai-o com coragem, é o que vos desejo, e de todo o coração vos saúdo.

[Vol. X, pp. 305-307, n. 1780]

564

À comunidade dos missionários em férias em S. Inácio

Rivoli, antes do dia 29 de agosto de 1925

Caríssimos em N.S.J.C.,

Sinto o vosso desejo que eu esteja convosco no dia da Festa de Nossa Senhora [a Natividade]. E muito gostaria eu de a passar convosco. Durante muitos anos fiz precisamente isso... Sem vós sinto-me perdido. Mas vejam, meus queridos, os anos passam e as misérias aumentam... e já se não pode fazer o que se quer. Vamos todos, vós e eu, fazer o sacrifício em honra da nossa querida Mãe. E eu, em espírito, estarei convosco desde sábado para honrar S. João Batista; e depois, é aí que viverei com o coração, e vós sereis capazes de sentir a minha presença!...

Esperava mandar-vos em meu nome o nosso Monsenhor [Perlo], mas ele, por causa de importantes compromissos que já tinha assumido anteriormente, não pode vir. Que havemos de fazer... Fazei, vós, uma grande Festa, e rezai também por mim. Sei que pondes em prática todos os meus conselhos, e que viveis santamente: é essa para mim a compensação que me dais pelo bem que vos quero.

Abençoo-vos, com muito afeto em Jesus Cristo...

[Vol. X, p. 377, n. 1785]

565

À Irmã Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Turim, 11 de setembro de 1925

Boa Irmã Maria,

Dado que não consigo responder-te diretamente, começo por

fazê-lo por meio da Ir. Emília. Com certeza vives na obediência, dado que não decidiste tu a tua presente condição. Portanto, tanto o bem como o mal são permitidos por Deus, e segundo a Sua Vontade. Ele te dará a força em tudo o que possa acontecer, e te há de dar a graça de fazeres sempre o bem que ele quer que tu faças.

Portanto, coragem, e a minha Bênção paterna que te envio frequentemente.

[Vol. X, p. 393, n. 1787]

566

Aos missionários da casa de Pederobba

Turim, 15 de setembro de 1915

Caríssimo em N.S.J.C.,

Recebi as vossas cartas e os sentimentos dos caros jovens que, com o passar do tempo, virei a conhecer. Abençoo-vos a vós e a eles, e a todos vos encomendo a Nossa Senhora da Consolata. Continuai com força o vosso trabalho; Deus há de abençoar-vos, e assim nada perdereis de tudo aquilo que é a vossa missão. Aceito a vossa observância do Regulamento, e isso vos há de trazer ventura.

Agradecei ao Ven.do Arcipreste e obedecei-lhe em tudo, e isso vos há de merecer as bênçãos de Deus. Abençoo-vos de todo o coração. Com muito afeto em Jesus Cristo...

[Vol. X, p. 406, n. 1788]

567

À Irmã Margarida Demaria

Turim, 6 de outubro de 1925

Boa Irmã Margarida,

Não podendo eu escrever muito e a todas, escrevo algumas linhas para ti e para todas. Digo a cada uma que as recordo,

especialmente nas minhas orações, e exorto-vos a terem sempre muita coragem e a vencerem sempre os próprios defeitos; e isso vos ajudará a obter muita felicidade no Paraíso, e mesmo a viver esta vida na terra sempre *in Domino*.

Tem paciência se há tantos roubozitos, o maior bem assim o quer; vai haver uma compensação depois, pouco a pouco; temos muitas vocações.

Abençoo-vos a todas. Rezai... Com muito afeto...

[Vol. X, p. 443, n. 1791]

568

À Ir. Maria dos Anjos Vassallo di Castiglione

Turim, 7 de outubro de 1925

Boa Irmã Maria,

Como já te disse, tem coragem e Deus há de amparar-te, mas fazes bem em me escreveres estas coisas. Já falei com o Mons. Perlo do que me disseste, e espero que tudo mude para melhor. Abençoo-te a ti e a todas as Irmãs.

[Vol. X, p. 445, n. 1792]

569

À Irmã Josefina Battaglia

Turim, 8 de outubro de 1925

Uma palavrinha para a boa Irmã Josefina. Depois das minhas orações por ti, penso que já te sentes tranquila *in Domino*. Continua sempre assim, sempre a fazer a vontade de Deus, e Ele há de consolar-te.

Com a minha bênção...

[Vol. X, p. 447, n. 1793]

570

Ao P. Domingos Gillio

Turim, 3 de novembro de 1925

Reverendíssimo P. Gillio,

Agradeço a V. Rev.cia a sua carta com todos os pormenores que nela escreveu. Quando recebermos as respostas todas, vamos escrever tudo conforme as necessidades, e segundo os pedidos que fizeram.

Acerca do Ir. Orestes é melhor não atender o seu pedido, senão abre-se a porta a muitos caprichos. O Conselho acedeu aos pedidos do Ir. Ângelo M. que antes, quando estava em África, e depois aqui em Turim, insistia em mudar de Classe, e eu dei-lhe o hábito clerical. Pensou-se que o bom trabalho que ele fez durante 14 anos o torna apto a fazer os estudos eclesiásticos, e que se lho não concedêssemos talvez ele perdesse a coragem a pontos de deixar o Instituto, com dano para a tipografia. Entretanto, o mudar de Classe torna-se mais simples com a renovação dos S. Votos, e assim não precisamos de pedir nenhuma dispensa a Roma.

Adverti-o do seu caráter duro e prepotente e impus-lhe a obrigação de continuar a dirigir a Tipografia. E além disso, disse-lhe que lhe dávamos como ajudante o Ir. Marcos, mas só até quando V. Rev.ª e o Mons. Perrachon decidirem que ele comece os estudos. Para o ajudar nestes estudos abreviados, peça V. Rev.ª ao P. Cravero, ou a qualquer outro, que o faça.

Alegro-me com o bom espírito que aí existe, em geral. Mais tarde vamos responder às suas várias perguntas. Façamos o possível para socorrer o Quénia, pouco a pouco a alegria há de voltar. O Senhor o abençoe, como também eu o abençoo de todo o coração, a si e a todos os missionários e missionárias.

Com muito afeto em N.S.J.C....

P.S.: Já responderam muitos à carta, mas ainda o não fizeram todos; peça-lhes que o façam o mais depressa possível.

[Vol. X, pp. 461-462, n. 1794]

571

Ao Mons. José Perrachon

Turim, 8 de novembro de 1925

Reverendo e Caríssimo Bispo Perrachon,

Obrigado pelas boas notícias sobre o Vicariato; peço sempre a Nossa Senhora da Consolata que o abençoe. Espero que o caro P. Cravero se encontre bem, e também a Ir. Josefina. Volta para vós o P. Balbo, que demonstrou bom espírito durante o tempo que aqui esteve connosco, mostrando o desejo de voltar para o seu querido Meru.

Quanto ao Ir. Ângelo, vai recebê-lo como *clérigo*, e acerca disso já escrevi ao Rev. P. Gillio, nem é preciso que disso aqui fale de novo, ele próprio explicará. A minha bênção para vós.

Com muito afeto em Jesus Cristo...

[Vol. X, p. 469, n. 1795]

572

À Ir. Margarida Demaria

Turim, 8 de novembro de 1925

Mui Rev. e caríssima Ir. Margarida,

Chegaram há tempo as Irmãs Inês e Henriqueta; chegaram, e chegaram a tempo: uma para substituir a Superiora, a Ir. Clara, que anda muito indisposta e precisa de ir para um clima mais brando durante o inverno, com a esperança que se curará, se Deus quiser. A outra para ser mestra das muitas nossas noviças.

Fazemos o possível para preparar para vós novas missionárias que irão ajudar-vos, mas é preciso tempo. Tende paciência: voltarão para cá as últimas irmãs do Cottolengo, e também vos serão tiradas algumas que são precisas aqui na Casa Mãe e noutras Missões. É o Senhor que nos impele, e todos e todas devemos fazer das fraquezas forças.

Daqui a pouco tempo, tudo estará resolvido. E depois, é

preciso paciência com as cabeças alambazadas, e utilizá-las como se pode. Tu, coragem! Aceita a minha saudação carinhosa para ti e para todas as outras.

Com muito afeto no Senhor Jesus Cristo...

[Vol. X, p. 470, n. 1796]

573

À Irmã Clara Strapazzon

Turim, antes do dia 10 de novembro de 1925

Nas provações, sê forte! A Consolata há de acompanhar-te e ajudar-te. Padre que sou para ti, recordo-te todos os dias.

[Vol. X, p. 471, n. 1797]

574

À Ir. Clara Strapazzon

Turim, 26 de novembro de 1925

Boa Irmã Clara,

Penso que já deves estar um pouco restabelecida. Deves imediatamente começar o tratamento, que não deves abandonar enquanto Deus te não der uma saúde completa. O essencial é fazeres sempre a santa Vontade de Deus.

Rezo por ti à nossa Consolata, e tu oferece algum sacrifício por mim. Abençoo-te, a ti e a todas.

[Vol. X, p. 485, n. 1800]

575

À Ir. Clara Strapazzon

Turim, 1 de dezembro de 1925

Faço meu para ti tudo o que escrevi à Ir. Emília, especialmente os avisos sobre a saúde. O nosso Beato ainda não disse a sua última palavra, e nós esperamos sempre a tua cura completa, e várias vezes por dia vou rezar ao altar do nosso Beato por ti.

Coragem, confiança e abandono a Deus. Festas felizes [Natal, Ano Novo, Epifania].

[Vol. X, p. 502, n. 1802]

576

Ao subdiácono Domingos Basso

J.M.J. Turim, 11 de dezembro de 1925

Caro P. Basso,

Muito me alegro contigo pelas Ordenações recebidas, e peço ao Senhor de te preparar para as futuras. Alegro-me também com o bom andamento do pequeno Colégio. Tu e o teu colega, praticai sempre as virtudes da constância e da prudência como dirigentes, e então Deus vos abençoará.

Dai as Boas Festas ao caro Arcipreste, ao bom P. Borello e aos bons jovens.

[Vol. X, p. 504, n. 1803]

Índice Cronológico

1880

1. Ao P. Tiago Camisassa — *setembro* — p. **19**

1900

2. Ao Cardeal Agostinho Richelmy — *6 de abril* — **20**

1901

3. Aos primeiros membros — *28 de julho* — **24**

1902

4. Ao P. Tomás Gays — *04 de julho* — **26**
5. Ao P. Tomás Gays — *30 de julho* — **27**
6. Ao P. Luis Bório — *04 de agosto* — **28**
7. Ao P. Tomás Gays — *19 de setembro* — **29**
8. Ao P. Filipe Perlo — *19 de setembro* — **30**
9. Ao P. Tomás Gays — *07 de novembro* — **31**
10. Ao P. Tomás Gays — *12 de dezembro* — **31**
11. Ao P. Filipe Perlo — *12 de dezembro* — **32**
12. Ao Irmão Luís Falda — *12 de dezembro* — **34**
13. Ao seminarista João Balbo — *18 de dezembro* — **35**

1903

14. Ao P. Luís Borio — *06 de março* — **35**
15. Ao P. Filipe Perlo — *06 de março* — **36**
16. Ao P. Tomás Gays — *06 de março* — **36**
17. Ao P. Tomás Gays — *03 de abril* — **37**
18. Ao P. A. Borda-Bossana — *03 de abril* — **38**
19. Ao Irmão Luís Falda — *22 de abril* — **40**
20. Ao P. Filipe Perlo — *23 de abril* — **40**
21. Ao P. A. Borda-Bossana — *23 de abril* — **41**
22. Ao P. Tomás Gays — *15 de maio* — **42**

23. Ao P. A. Borda-Bossana	*15 de maio*	**43**
24. Ao P. Francisco Cagliero	*16 de maio*	**44**
25. Ao P. Luís Borio	*31 de maio*	**45**
26. Ao P. Luís Borio	*01 de junho*	**46**
27. Ao P. Tomás Gays	*12 de junho*	**46**
28. Ao P. Luís Borio	*08 de julho*	**47**
29. Ao P. Luís Borio	*09 de julho*	**48**
30. Ao P. Luís Borio	*15 de julho*	**49**
31. Ao P. Tomás Gays	*24 de julho*	**50**
32. Ao P. Luís Borio	*10 de agosto*	**51**
33. Ao P. Tomás Gays	*18 de setembro*	**51**
34. Ao P. Tomás Gays	*30 de outubro*	**54**
35. Ao P. Filipe Perlo	*30 de outubro*	**55**
36. Aos missionários do Quénia	*30 de outubro*	**57**
37. Ao Ir.Clotária Arduino	*30 de outubro*	**57**
38. Ao P. Filipe Perlo	*27 de novembro*	**59**
39. Ao seminarista T. Cattaneo	*27 de novembro*	**60**
40. Aos missionários do Quénia	*27 de novembro*	**61**
41. Ao P. Luís Borio	*12 de dezembro*	**67**
42. Ao P. Filipe Perlo	*23 de dezembro*	**68**
43. Ao P. Tomás Gays	*23 de dezembro*	**70**

1904

44. Ao P. Filipe Perlo	*22 de janeiro*	**71**
45. Ao P. Filipe Perlo	*03 de fevereiro*	**73**
46. Ao Ir. Bento Falda	*03 de fevereiro*	**73**
47. Ao P. Filipe Perlo	*05 de fevereiro*	**74**
48. Ao P. Filipe Perlo	*26 de fevereiro*	**76**
49. Ao P. Filipe Perlo	*04 de março*	**79**
50. Ao P. Filipe Perlo	*Sexta Feira Santa*	**81**
51. Ao P. Filipe Perlo	*08 de abril*	**83**
52. Ao P. Filipe Perlo	*06 de maio*	**85**
53. Ao P. João B. Rolfo	*16 de maio*	**86**
54. Ao P. Luís Borio	*junho*	**87**
55. Ao Ir. Bento Falda	*04 de agosto*	**87**
56. Ao P. Luís Borio	*12 de agosto*	**88**
57. Ao P. Luís Borio	*outubro*	**89**

1905

58. Ao P. Filipe Perlo — *início de janeiro* — **90**
59. Aos missionários do Quénia — *06 de janeiro* — **91**
60. Ao P. Tomás Gays — *26 de janeiro* — **99**
61. Ao Ir. Bento Falda — *26 de janeiro* — **100**
62. Ao P. Filipe Perlo — *03 de fevereiro* — **101**
63. Ao P. A. Borda-Bossana — *05 de majo* — **103**
64. Aos missionários do Quénia — *04 de agosto* — **105**
65. Aos missionários do Quénia — *25 de setembro* — **106**
66. Aos missionários do Quénia — *27 de novembro* — **108**

1906

67. Ao Ir. Bento Falda — *26 de fevereiro* — **109**
68. Ao P. João B. Rolfo — *26 de fevereiro* — **110**
69. Ao P. João B. Rolfo — *05 de avril* — **111**
70. Ao P. João Chiomio — *06 de setembro* — **111**
71. Aos missionários do Quénia — *08 de dezembro* — **112**

1907

72. Ao P. João B. Rolfo — *28 de fevereiro* — **115**
73. Ao P. A. Borda-Bossana — *17 de novembro* — **116**
74. Ao P. João B. Rolfo — *06 de dezembro* — **116**
75. Ao P. Carlos Saroglia — *06 de dezembro* — **117**
76. Aos missionários do Quénia — *24 de dezembro* — **118**

1908

77. Ao P. Tomás Gays — *depois de 5 de março* — **122**
78. Ao Ir. Bento Falda — *06 de março* — **122**
79. Aos missionários do Quénia — *15 de majo* — **123**
80. Aos P. M. Arese e Ir.B. Falda — *15 de julho* — **124**
81. Ao P. Tomás Gays — *20 de julho* — **124**
82. Ao estudante L. Sales — *30 de julho* — **125**
83. Ao Ir. Bento Falda — *23 de agosto* — **125**
84. Ao Ir. Bento Falda — *2 de setembro* — **127**
85. Ao Ir. Bento Falda — *07 de setembro* — **128**

86. Aos missionários do Quénia *07 de setembro* **129**
87. Ao seminarista M. D. Ferrero *27 de setembro* **135**
88. Ao P. Francisco Cagliero *06 de dezembro* **135**
89. Ao P. Tomás Gays *06 de dezembro* **136**
90. Ao P. João Balbo *antes 07 de dezembro* **137**
91. Ao P. João Balbo *07 de dezembro* **138**
92. Ao P. Francisco Gamberutti *07 de dezembro* **139**
93. Ao P. João B. Rolfo *07 de dezembro* **139**
94. Ao Ir. Bento Falda *08 de setembro* **141**

1909

95. Ao P. João B. Rolfo *19 de janeiro* **141**
96. Ao P. João B. Rolfo *15 de fevereiro* **142**
97. Ao seminarista M. D. Ferrero *20 de fevereiro* **142**
98. Ao P. João Balbo *29 de março* **143**
99. Ao seminarista L. Sales *17 de abril* **144**
100. Aos missionários do Quénia *31 de agosto* **145**
101. Ao P. Humberto Costa *01 de novembro* **146**
102. Ao P. João B. Rolfo *05 de novembro* **147**
103. Ao P. Tomás Gays *08 de dezembro* **148**
104. Ao seminarista L. Sales *data incerta* **149**
105. Ao seminarista L. Sales *data incerta* **149**

1910

106. Ao P. Humberto Costa *08 de abril* **150**
107. Ao seminarista D. Spinello *14 de abril* **150**
108. Ao P. Humberto Costa *09 de julho* **151**
109. Ao P. Humberto Costa *29 de agosto* **151**
110. Ao P. Humberto Costa *04 de setembro* **152**
111. Ao P. Humberto Costa *05 de setembro* **153**
112. Aos missionários do Quénia *02 de outubro* **154**

.

1911

113. Ao P. Rodolfo Bertagna *princípio de janeiro* **159**
114. Ao P. Humberto Costa *04 de julho* **160**
115. Aos missionários do Quénia *25 de julho* **161**

116. Ao P. Humberto Costa *17 de agosto* **162**
117. Ao P. Humberto Costa *25 de agosto* **163**
118. Ao P. H. e L. Perlo *13 de dezembro* **163**

1912

119. Ao P. João Balbo *15 de janeíro* **164**
120. Ao P. Carlos Saroglia *14 de fevereiro* **166**
121. Ao P. Humberto Costa *10 de março* **166**
122. Ao P. José Perrachon *07 de junho* **167**
123. Aos missionários do Quénia *21 de julho* **168**
124. Ao P. Humberto Costa *25 de julho* **173**
125. Ao P. Humberto Costa *27 de julho* **174**
126. Ao P. João Balbo *30 de julho* **175**
127. Ao P. Ângelo Dal Canton *30 de julho* **175**
128. Ao P. Humberto Costa *12 de agosto* **176**
129. Ao P. Gaudêncio Panelatti *12 de agosto* **178**
130. Ao P. Humberto Costa *15 de agosto* **178**
131. Ao P. Luís Perlo *28 de agosto* **179**
132. Ao P. Francisco Gamberutti *01 de setembro* **180**
133. Ao P. Domingos Gillio *01 de setembro* **181**
134. Ao P. Luís Perlo *06 de setembro* **181**
135. Ao P. Francisco Gamberutti *12 de novembro* **182**
136. Ao Ir. Luís Bezzone *13 de novembro* **183**

1913

137. Ao P. Tomás Gays *28 de junho* **184**
138. Ao P. Ângelo Dal Canton *29 de junho* **185**
139. Ao P. Humberto Costa *11 de julho* **186**
140. À Ir. Margarida Demaria *17 de julho* **187**
141. Às Irmãs Missionárias *17 de julho* **188**
142. Ao P. Luís Perlo *18 de julho* **190**
143. Ao P. Luís Perlo *28 de agosto* **191**
144. Ao diácono M. D. Ferrero *03 de setembro* **192**
145. Ao P. Humberto Costa *11 de setembro* **193**
146. Ao P. Francisco Gamberutti *15 de setembro* **195**
147. Às primeras missionárias… *01 de novembro* **196**
148. À Ir. Margarida Demaria *2 ou 3 de novembro* **198**

149. Ao P. Humberto Costa *09 de dezembro* **198**
150. Ao P. João Batista Rolfo *12 de dezembro* **199**
151. Aos missionários do Quénia *24 de dezembro* **200**

1914

152. Aos missionários do Quénia *princípio do ano* **201**
153. Ao P. M. Ferrero e J. Maletto *17 de janeiro* **206**
154. À Ir. Margarida Demaria *16 de majo* **207**
155. À Ir. Margarida Demaria *13 de junho* **208**
156. À Ir. Margarida Demaria *27 de junho* **210**
157. Ao P. Humberto Costa *10 de julho* **211**
158. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *14 de julho* **212**
159. Para a Inês Battaglia *14 de julho* **213**
160. Ao P. Humberto Costa *18 de julho* **213**
161. Ao P. Humberto Costa *08 de agosto* **214**
162. À Ir. Maria dos Anjos e outras *08 de agosto* **215**
163. A Júlio Peirani *entre 12 e 19 de agosto* **216**
164. Ao P. Humberto Costa *20 de agosto* **216**
165. Ao P. Lourenço Sales *05 de setembro* **217**
166. Ao P. Lourenço Sales *05 de setembro* **218**
167. Aos missionários do Quénia *15 de setembro* **219**
168. À Ir. Margarida Demaria *04 de novembro* **221**
169. A um Irmão Leigo… *21 de dezembro* **222**
170. Aos missionários do Quénia *27 de dezembro* **222**
171. À Ir. Margarida Demaria *28 de dezembro* **224**
172. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *2ª metade de 1914* **224**
173. Ao seminarista D. Spinello *2ª metade de 1914* **225**

1915

174. Ao P. Lourenço Sales *janeiro de 1915* **225**
175. Ao P. Humberto Costa *23 de junho* **225**
176. Ao seminarista E. V. Baldi *30 de junho* **226**
177. Ao diácono João Mauro *30 de junho* **226**
178. Ao P. Humberto Costa *06 de julho* **227**
179. Ao P. Humberto Costa *09 de julho* **228**
180. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *09 de julho* **229**

181. À Irmã. M. Madalena Audisio *depois 13 de julho* **229**
182. Ao P. Humberto Costa *16 de julho* **230**
183. Ao P. Humberto Costa *20 de julho* **231**
184. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *22 de julho* **232**
185. Ao P. Humberto Costa *julho* **232**
186. Ao P. Maurício D. Ferrero *26 de julho* **233**
187. Ao P. Humberto Costa *27 de julho* **234**
188. Ao P. Humberto Costa *30 de julho* **235**
189. Ao seminarista E. V. Baldi *18 de agosto* **235**
190. Ao P. Humberto Costa *20 de agosto* **236**
191. Ao P. Humberto Costa *23 de agosto* **237**
192. Ao P. João Batista Rolfo *depois do 25 de agosto* **237**
193. Ao P. Constâncio Cagnolo *28 de agosto* **238**
194. Ao P. Francisco Gamberutti *28 de agosto* **239**
195. Ao P. Luís Rosso *depois do 5 de setembro* **239**
196. Ao P. José Maletto *06 de setembro* **240**
197. Ao seminarista D. Spinello *data incerta* **240**
198. Ao P. Ângelo Dal Canton *25 de setembro* **241**
199. Ao seminarista E. V. Baldi *08 de outubro* **242**
200. Ao diácono João Mauro *08 de outubro* **242**
201. Ao P. Maurício D. Ferrero *08 de outubro* **243**
202. À Ir. Margarida Demaria *15 de outubro* **244**
203. À P. Tomás Gays *18 de outubro* **245**
204. Ao P. Maurício D. Ferrero *23 de outubro* **246**
205. Ao P. Maurício D. Ferrero *02 de novembro* **248**
206. Ao Mons. G. Barlassina *02 de novembro* **248**
207. Ao P. Maurício D. Ferrero *10 de dezembro* **255**
208. À Ir. Margarida Demaria *10 de dezembro* **256**
209. À Irmã Teresa Grosso *10 de dezembro* **258**
210. À Irmã Cecília Pachne *10 de dezembro* **259**
211. Ao Mons. Filipe Perlo *antes do 28 de dezembro* **260**

1916

212. Ao P. Maurício D. Ferrero *14 de fevereiro* **262**
213. À Irmã Lúcia Monti *depois do 14 de fevereiro* **263**
214. Aos missionários militares *01 de março* **263**
215. Ao P. Luís Rosso *cerca de 09 de março* **266**

216.	Ao P. João Mauro	*18 de março*	**266**
217.	Ao P. João Batista Rolfo	*depois do 29 de março*	**267**
218.	Ao P. Lourenço Sales	*primeiros meses de 1916*	**267**
219.	Ao seminarista J. Nepote Fus	*março-abril*	**267**
220.	Ao seminarista E. V. Baldi	*06 de abril*	**268**
221.	Ao P. João Mauro	*13 de abril*	**268**
222.	Para M. Ferrero e O. Occelli	*16 de maio*	**269**
223.	Ao seminarista E. V. Baldi	*07 de junho*	**270**
224.	À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*17 de junho*	**271**
225.	Ao P. João Mauro	*antes 20 de junho*	**271**
226.	Ao seminarista E. V. Baldi	*30 de junho*	**272**
227.	Ao P. E. Francisco Rossi	*06 de julho*	**272**
228.	Ao P. Humberto Costa	*10 de julho*	**273**
229.	Ao seminarista E. V. Baldi	*11 de julho*	**273**
230.	À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*11 de julho*	**274**
231.	Ao P. Humberto Costa	*14 de julho*	**274**
232.	Às Irmãs da Casa Mãe	*14 de julho*	**276**
233.	Ao P. João Mauro	*05 de agosto*	**276**
234.	À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*08 de agosto*	**277**
235.	Ao P. José Gallea	*11 de agosto*	**277**
236.	À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*14 de agosto*	**278**
237.	Ao P. Humberto Costa	*27 de agosto*	**279**
238.	Para M. Ferrero e O. Occelli	*28 de agosto*	**279**
239.	Ao P. Humberto Costa	*02 de setembro*	**280**
240.	Ao P. João Chiomio	*03 de setembro*	**281**
241.	Ao seminarista E. V. Baldi	*04 de setembro*	**281**
242.	A Maria Consolata Vajira	*18 de setembro*	**282**
243.	Ao P. João Chiomio	*21 de setembro*	**282**
244.	À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*21 de setembro*	**283**
245.	Ao P. Lorenço Sales	*24 de setembro*	**284**
246.	Ao P. Humberto Costa	*27 de setembro*	**285**
247.	Ao P. José Maletto	*27 de setembro*	**286**
248.	Ao P. João Chiomio	*depois 12 de setembro*	**287**
249.	Ao P. José Maletto	*depois 26 de outubro*	**287**
250.	Ao P. João Chiomio	*depois 26 de outubro*	**288**
251.	Ao P. João Mauro	*antes 29 de outubro*	**289**
252.	Ao P. João Chiomio	*18 de novembro*	**289**
253.	Ao P. João Mauro	*depois 19 de novembro*	**290**
254.	Ao P. Domingos Spinello	*fins de novembro*	**290**

255. Ao P. José Maletto	*início de dezembro*	**291**
256. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*05 de dezembro*	**291**
257. Aos missionários da África	*08 de dezembro*	**292**
258. Sobre a Pobreza (missionários		**296**
259. Às missionárias do Quénia	*08 de dezembro*	**296**
260. Sobre a Pobreza (missionárias)		**299**
261. Ao Mons. Filipe Perlo	*14 de dezembro*	**299**
262. À Ir. Margarida Demaria	*14 de dezembro*	**299**

1917

263. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*03 de janeiro*	**301**
264. À Irmã Lúcia Monti	*27 de janeiro*	**302**
265. Ao P. José Maletto	*príncipios de fevereiro*	**302**
266. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*03 de fevereiro*	**303**
267. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*14 de fevereiro*	**304**
268. Ao P. João Batista Rolfo	*28 de fevereiro*	**305**
269. Ao P. Domingos Spinello	*primeiros meses 1917*	**306**
270. Ao P. João Mauro	*depois 3 de março*	**307**
271. Aos seminaristas M. e J. Borello	*depois 3 de março*	**307**
272. Ao P. João Chiomio	*10 de março*	**308**
273. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*antes 15 de março*	**308**
274. Ao P. José Maletto	*depois 19 de março*	**309**
275. Ao P. Domingos Spinello	*depois 21 de março*	**309**
276. Ao Irmão Carlos Girardi	*22 de março*	**309**
277. Ao seminarista J. Nepote Fus	*depois do 6 de abril*	**310**
278. Ao P. João Chiomio	*14 de abril*	**310**
279. Ao P. Vítor Sandrone	*15 de abril*	**311**
280. Ao seminarista E. V. Baldi	*22 de abril*	**311**
281. Ao P. Vjosé Aimo Bot	*01 de maio*	**312**
282. Ao P. Humberto Costa	*16 de maio*	**312**
283. Ao P. João Chiomio	*cerca de 18 de maio*	**313**
284. Ao P. Humberto Costa	*23 de maio*	**313**
285. Ao P. João Mauro	*princípios de junho*	**314**
286. Ao seminarista Mário Botta	*22 de abril*	**314**
287. Ao P. José Maletto	*depois 14 de junho*	**315**
288. Aos missionários da Consolata	*28 de dezembro*	**315**
289. Ao P. Humberto Costa	*13 de julho*	**316**

290. Ao P. Humberto Costa *15 de julho* **317**
291. Às Ir. M. dos Anjos e L. Mazzia *16 de julho* **318**
292. Ao P. Humberto Costa *25 de julho* **320**
293. Ao Irmão Tiago Ronco *antes de agosto* **321**
294. Ao seminarista J. Nepote Fus *princípios de agosto* **321**
295. Ao Mons. Filipe Perlo *20 de agosto* **321**
296. Ao Irmão Tiago Gaidano *20 de agosto* **322**
297. Ao Irmão Aquilino Caneparo *20 de agosto* **323**
298. À Irmã Clara Strapazzon *25 de agosto* **323**
299. Ao P. José Gallea *01 de setembro* **324**
300. À Irmã Margarida Demaria *07 de setembro* **324**
301. Ao P. João Mauro *depois 7 de setembro* **326**
302. Ao P. João Chiomio *setembro* **326**
303. Ao P. Domingos Spinello *01 de outubro* **326**
304. Ao P. Gaudêncio Panelat*ti* *05 de outubro* **327**
305. Ao P. M. Domingos Ferrero *data incerta* **327**
306. Ao P. M. Domingos Ferrero *data incerta* **328**
307. Ao P. M. Domingos Ferrero *antes 24 de outubro* **328**
308. Ao seminarista J. Nepote Fus *antes 24 de outubro* **328**
309. Ao seminarista José Goletto *novembro* **329**
310. À Irmã Josefina Battaglia *26 de novembro* **329**
311. Ao P. Lourenço Sales *06 de dezembro* **330**
312. Ao seminarista J. Nepote Fus *antes 25 dezembro* **330**
313. Ao seminarista José Bertolino *antes 25 dezembro* **331**
314. Ao P. João Chiomio *antes 25 dezembro* **331**
315. Ao P. José Maletto *depois 25 dezembro* **331**
316. Ao seminarista José Goletto *data incerta* **332**

1918

317. À Irmã Josefina Battaglia *04 de janeiro* **332**
318. Ao P. José Gallea *18 de janeiro* **333**
319. Aos missionários na Italia… *18 de janeiro* **334**
320. Aos missionários/as da Africa *18 de janeiro* **335**
321. À Irmã Josefina Battaglia *19 de janeiro* **337**
322. Ao P. José Gallea *22 de janeiro* **338**
323. Ao P. M. Domingos Ferrero *depois 22 de janeiro* **338**
324. Ao P. João Mauro *16 de fevereiro* **339**

325.	À Irmã Josefina Battaglia	*03 de março*	**339**
326.	À Irmã Josefina Battaglia	*17 de abril*	**340**
327.	Aos missionários soldados	*fins de maio*	**341**
328.	Aos missionários soldados	*fins de maio*	**341**
329.	Ao mons. G. Barlassina	*10 de junho*	**342**
330.	Aos missionários soldados	*16 de junho*	**343**
331.	À Irmã Josefina Battaglia	*26 de junho*	**344**
332.	Ao P. Lourenço Sales	*data incerta*	**344**
333.	Ao P. Lourenço Sales	*data incerta*	**345**
334.	Ao seminarista J. Nepote Fus	*data incerta*	**345**
335.	Ao P. M. Domingos Ferrero	*03 de julho*	**345**
336.	Aos missionários soldados	*07 de julho*	**346**
337.	Aos missionários soldados	*antes 26 de julho*	**346**
338.	À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*julho*	**347**
339.	Aos missionários soldados	*julho-agosto*	**348**
340.	Ao seminarista Júlio Peirani	*07 de agosto*	**348**
341.	Ao P. Vitório Sandrone	*08 de agosto*	**349**
342.	Ao P. Pedro Albertone	*26 de agosto*	**349**
343.	À Irmã Josefina Battaglia	*30 de agosto*	**350**
344.	Ao P. José Gallea	*02 de setembro*	**350**
345.	Ao P. Tomás Gays	*02 de setembro*	**351**
346.	Aos missionários soldados	*18 de setembro*	**352**
347.	À Irmã Josefina Battaglia	*24 de setembro*	**353**
348.	Ao mons. Filipe Perlo	*27 de setembro*	**354**
349.	Aos missionários professos…	*27 de setembro*	**354**
350.	Ao P. Dal Canton e Ir. Jeantet	*27 de setembro*	**355**
351.	À Irmã Margarida Demaria	*28 de setembro*	**356**
352.	Ao P. M. Domingos Ferrero	*03 de outubro*	**357**
353.	Aos missionários	*05 de outubro*	**358**
354.	À Ir. Maria dos Anjos Vassallo	*15 de outubro*	**359**
355.	Aos missionários soldados	*20 de outubro*	**359**
356.	Ao P. Francisco Gamberutti	*depois 31 de outubro*	**360**
357.	Ao P. José Perrachon	*04 de novembro*	**361**
358.	Ao P. Ângelo Dal Canton	*novembro*	**361**
359.	Aos missionários soldados	*15 de novembro*	**362**
360.	À Irmã Josefina Battaglia	*22 de novembro*	**362**
361.	Ao P. M. Domingos Ferrero	*30 de novembro*	**363**
362.	À Irmã Margarida Demaria	*06 de dezembro*	**364**

363. Aos missionários soldados *depois 9 de dezembro* **365**
364. À Irmã Edviges Grosso *12 de dezembro* **365**
365. À Irmã Josefina Battaglia *24 de dezembro* **366**

1919

366. Aos missionários soldados *1° de janeiro* **366**
367. Ao P. J. Gallea e P. Albertone *05 de janeiro* **367**
368. Ao mons. Filipe Perlo *antes do 25 de janeiro* **367**
369. Aos sem. Beltramino e Durando *25 de janeiro* **369**
370. Ao P. M. Domingos Ferrero *10 de fevereiro* **369**
371. À Irmã Josefina Battaglia *14 de fevereiro* **370**
372. Aos missionários da Itália *1° de janeiro* **371**
373. Aos missionários no Quénia *03 de março* **371**
374. Ao P. Tomás Gays *03 de março* **372**
375. Aos missionários de Africa *04 de março* **373**
376. Ao P. M. Domingos Ferrero *14 de março* **374**
377. Ao G. Barlassina e confrades ... *18 de maio* **375**
378. Ao P. Pedro Albertone *antes de 01 de junho* **375**
379. Ao P. Pedro Albertone *data incerta* **376**
380. Ao Irmáo Ângelo Marchina *05 de junho* **377**
381. À Irmã Margarida Demaria *05 de junho* **378**
382. Ao P. José Gallea *12 de junho* **379**
383. Ao P. Luís Rosso *02 de julho* **380**
384. Ao P. José Gallea *depois 02 de julho* **382**
385. Ao P. José Gallea *10 de julho* **382**
386. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *10 de julho* **383**
387. Ao P. José Gallea *12 de julho* **384**
388. Ao P. José Gallea *14 de julho* **385**
389. Ao seminarista Gabriel Quaglia *23 de julho* **385**
390. À Irmã Clara Strapazzon *09 de agosto* **386**
391. Ao P. Lourenço Sales *16 de setembro* **386**
392. Ao mons. Filipe Perlo *17 de setembro* **388**
393. Ao P. José Gallea *antes 30 de setembro* **389**
394. Ao P. João Chiomio *depois 18 de outubro* **389**
395. Ao Irmáo Ângelo Marchina *depois 01 de novembro* **389**
396. À Irmã Josefina Battaglia *depois 15 de novembro* **390**
397. À Irmã Margarida Demaria *30 de novembro* **390**

398. Ao P. Pedro Albertone *08 de dezembro* **392**
399. À Irmã Clara Strapazzon *à volta de 20 de dezembro* **393**
400. À Irmã Clara Strapazzon *data incerta* **393**

1920

401. Ao semin. Guilherme Airaldi *05 de janeiro* **393**
402. À Irmã Clementina Cristino *início de janeiro* **394**
403. Ao P. Luís Rosso *17 de janeiro* **394**
404. Ao P. João Balbo *18 de janeiro* **395**
405. À Irmã Josefina Battaglia *03 de fevereiro* **396**
406. À Irmã Josefina Battaglia *20 de fevereiro* **396**
407. À Irmã Margarida Demaria *20 de fevereiro* **397**
408. Às Irmãs Missionárias-Quénia *20 de fevereiro* **398**
409. À Irmã Úrsula Martino *depois 19 de março* **399**
410. À Irmã Margarida Demaria *24 de maio* **400**
411. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *24 de maio* **401**
412. À Irmã Josefina Battaglia *antes 20 de junho* **402**
413. Ao P. Tomás Gays *04 de julho* **402**
414. Ao P. Tomás Gays *09 de julho* **403**
415. À Irmã Clara Strapazzon *09 de julho* **404**
416. À Irmã Constantina Mattalia *05 de agosto* **405**
417. Ao mons. Filipe Perlo *10 de agosto* **405**
418. Ao seminarista Luís Massa *10 de agosto* **406**
419. Ao P. José Gallea *18 de agosto* **407**
420. Ao seminarista Júlio Peirani *18 de agosto* **407**
421. Ao P. M. Domingos Ferrero *23 de agosto* **408**
422. À Irmã Clara Strapazzon *23 de agosto* **409**
423. À Irmã Josefina Battaglia *agosto* **409**
424. À Irmã Madalena Audisio *data incerta* **410**
425. À Irmã Madalena Audisio *depois 19 setembro* **410**
426. Ao P. Joaquim Cravero *07 de outubro* **410**
427. Ao Irmáo Ângelo Marchina *07 de outubro* **411**
428. À Irmã Margarida Demaria *08 de outubro* **412**
429. Ao P. João Chiomio *depois 02 de novembro* **413**
430. Ao P. Francisco Gamberutti *14 de dezembro* **413**
431. Ao P. Tiago Cavallo *15 de dezembro* **414**

432. À Irmã Margarida Demaria *15 de dezembro* **414**
433. Ao P. Pedro Albertone *24 de dezembro* **416**
434. Ao P. João Chiomio *depois 26 de dezembro* **417**
435. À Irmã Henriqueta Quaglia *data incerta (1920)* **417**

1921

436. Ao P. Tomás Gays *26 de fevereiro* **418**
437. À Irmã Gertrudes Vajra *depois 06 de março* **419**
438. Ao seminar. Lourenço Bessone *depois 19 de março* **419**
439. À Irmã Emília Tempo *depois 19 de março* **419**
440. À Irmã Josefina Battaglia *15 de abril* **420**
441. Ao P. Lourenço Sales *22 de abril* **420**
442. Ao P. M. Domingos Ferrero *17 de maio* **421**
443. À Irmã Edviges Grosso *25 de maio* **422**
444. Ao P. Tomás Gays *30 de junho* **422**
445. Ao P. José Gallea *05 de julho* **423**
446. Aos P. H. Manfredi e seminarist. *08 de julho* **424**
447. Às IrmãsConstantina M.e… *08 de julho* **426**
448. Ao P. Lourenço Sales *13 de julho* **427**
449. Ao P. M. Domingos Ferrero *13 de julho* **427**
450. À Irmã Clara Strapazzon *13 de julho* **428**
451. Ao P. Tomás Gays *05 de agosto* **428**
452. À Irmã Clara Strapazzon e… *05 de agosto* **430**
453. Ao P. Luís Santa *05 de agosto* **431**
454. Ao P. Tomás Gays *antes do 13 de agosto* **432**
455. Ao P. Tomás Gays *antes do 16 de agosto* **432**
456. Ao P. Tomás Gays *17 de agosto* **433**
457. À Irmã Margarida Demaria *01 de setembro* **434**
458. À Irmã Inês Gallo *03 de setembro* **435**
459. À comunidade da Casa Mãe *07 de setembro* **436**
460. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *07 de setembro* **437**
461. À Irmã Josefina Battaglia *01 de outubro* **438**
462. Aos missionários da Consolata *15 de outubro* **438**
463. À Irmã Emília Tempo *depois 06 de novembro* **441**
464. Ao mons. Filipe Perlo *21 de novembro* **441**
465. Ao mons. G. Barlassina *18 de dezembro* **443**
466. Ao P. Tomás Gays *20 de dezembro* **445**

467. Ao P. Francisco Cagliero	*23 de dezembro*	**445**
468. Ao mons. Filipe Perlo	*24 de dezembro*	**446**
469. Ao seminarista Pedro Borello	*1921*	**447**
470. Ao seminarista J. Moncallero	*data incerta*	**447**
471. À Irmã Josefina Battaglia	*dezembro*	**447**
472. À Irmã Josefina Battaglia	*data incerta*	**448**
473. À Irmã Josefina Battaglia	*data incerta*	**448**
474. À Irmã Clementina Cristino	*data incerta*	**448**
475. À Irmã Clementina Cristino	*data incerta*	**449**
476. À Irmã Clementina Cristino	*data incerta*	**449**
477. À Irmã Clementina Cristino	*data incerta*	**450**
478. À Irmã Clementina Cristino	*data incerta*	**450**
479. À Irmã Clementina Cristino	*data incerta*	**450**
480. À Irmã Clementina Cristino	*data incerta*	**450**

1922

481. Ao mons. G. Barlassina	*05 de janeiro*	**451**
482. À Irmã Clara Strapazzon	*15 de fevereiro*	**452**
483. À Irmã Emília Tempo	*23 de fevereiro*	**452**
484. Ao P. João Mauro	*25 de fevereiro*	**452**
485. Aos miss. sacerdotes do Quénia	*11 de março*	**453**
486. À Irmã Gertrudes Vajra	*13 de março*	**455**
487. À Irmã Clementina Cristino	*antes 15 de março*	**456**
488. À Irmã Emília Tempo	*depois 18 de março*	**456**
489. Ao seminarista L. Bessone	*depois 19 de março*	**456**
490. Aos Padres da Missão de Iringa	*25 de março*	**457**
491. Aos miss. sacerdotes do Quénia	*31 de março*	**458**
492. Aos miss. sacerdotes do Kaffa	*31 de março*	**459**
493. Ao mons. Filipe Perlo	*06 de abril*	**460**
494. Aos Padres da Pr. Ap. de Iringa	*29 de abril*	**461**
495. Ao Irmão J. A. Benedetto	*antes do 05 de maio*	**462**
496. Ao mons. Filipe Perlo	*18 de maio*	**462**
497. Ao mons. Francisco Cagliero	*18 de maio*	**463**
498. Aos Padres da Pr. Ap. de Iringa	*18 de maio*	**463**
499. Ao P. Tomás Gays	*22 de junho*	**464**
500. Ao P. J. Gallea	*03 de julho*	**465**
501. À Ir. Cl. Strapazzon e às outras	*08 de julho*	**466**

502. Ao P. Tomás Gays *13 de julho* **467**
503. Ao P. M. Domingos Ferrero *31 de julho* **468**
504. À comunidade de S. Inácio *31 de julho* **469**
505. À Irmã Clara Strapazzon *10 de agosto* **470**
506. Aos seminaristas... em S. Inácio *antes do 15 de agosto* **470**
507. Ao P. M. Ferrero e aos... *19 de agosto* **471**
508. Ao P. M. Domingos Ferrero *24 de agosto* **471**
509. Ao P. Tomás Gays *24 de agosto* **472**
510. Aos missionários e missionárias *26 de agosto* **472**
511. Ao P. Tomás Gays *26 de agosto* **473**
512. Ao P. M. Domingos Ferrero *02 de setembro* **474**
513. Ao mons. Filipe Perlo *28 de outubro* **474**
514. Ao Irmão Ângelo Marchina *18 de março* **476**
515. Ao P. Domingos Spinello *07 de dezembro* **477**
516. Ao P. Luís Rosso *21 de dezembro* **477**
517. Ao seminarista Pedro Borello *1922* **478**
518. Ao Irmão J. António Bento *data incerta* **478**
519. Ao seminarista Gabriel Quaglia *data incerta* **478**
520. Ao seminarista Gabriel Quaglia *data incerta* **479**
521. À Irmã Clara Strapazzon *data incerta* **479**

1923

522. Ao P. Francisco Gamberutti *29 de janeiro* **479**
523. Aos missionários do Quénia *04 de fevereiro* **480**
524. Aos missionários *20 de junho* **481**
525. Ao P. Tomás Gays *21 de junho* **485**
526. Ao P. José Gallea *27 de junho* **486**
527. Aos P. D. Spinello e Francisco *10 de julho* **486**
528. Ao P. Tiago Cavallo *10 de julho* **487**
529. Ao P. M. Domingos Ferrero *12 de julho* **487**
530. À Irmã Clara Strapazzon *09 de agosto* **488**
531. Ao P. Domingos Gillio *18 de agosto* **489**
532. Ao P. Tomás Gays *22 de agosto* **490**
533. Ao P. Tomás Gays *antes do 02 de setembro* **491**
534. Aos missionários e missionárias *01 de outubro* **491**
535. Ao P. Francisco Gamberutti *28 de outubro* **494**
536. Ao P. Ângelo Dal Canton *19 de novembro* **495**

537. Ao P. Francisco Gamberutti *25 de novembro* **496**
538. Aos missionários *depois 30 de novembro* **497**
539. À Irmã Josefina Battaglia *03 de dezembro* **498**
540. Ao P. Francisco Gamberutti *06 de dezembro* **499**
541. À Irmã Serafina Drudi *1923* **499**

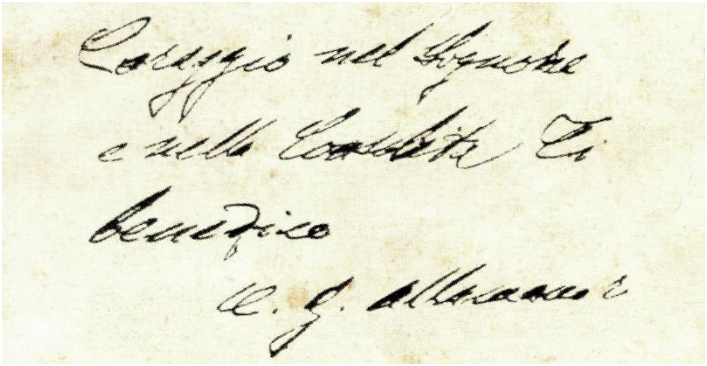
1924

542. À Irmã Adelaide Marinoni *antes do 7 de fevereiro* **500**
543. À Irmã Adelaide Marinoni *data incerta* **500**
544. Ao seminarista Mário Borello *depois 19 março* **500**
545. À postulante Josefina Rossi *depois 19 março* **501**
546. À postulante Josefina Rossi *data incerta* **501**
547. Ao mons. José Perrachon *29 de junho* **501**
548. Aos superiores do Quénia… *05 de agosto* **502**
549. Ao Irmão Bartolomeu Liberini *07 de agosto* **503**
550. À Irmã Clara Strapazzon *08 de agosto* **504**
551. À comunidade da Casa Mãe… *26 de agosto* **504**
552. À Irmã Josefina Battaglia *28 de agosto* **504**
553. À Irmã Emília Tempo *4 de outubro* **506**
554. À Irmã Margarida Demaria *13 de outubro* **506**
555. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *13 de outubro* **507**
556. Às Irmãs missionár. de Iringa *10 de novembro* **507**
557. Aos noviços/as de Pianezza *29 de novembro* **507**

1925

558. Aos noviços/as de Pianezza *antes do 06 janeiro* **508**
559. Ao Bispo Filipe Perlo *25 de fevereiro* **508**
560. Ao P. M. Domingos Ferrero *fevereiro* **509**
561. À Irmã Clementina Cristino *depois 03 de maio* **509**
562. Aos missionários/as *11 de maio* **509**
563. Aos missionários *31 de maio* **511**
564. Aos missionários em S. Inácio *antes do 29 de agosto* **514**
565. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *11 de setembro* **514**
566. Aos missionários de Pederobba *15 de setembro* **515**
567. À Irmã Margarida Demaria *06 de outubro* **515**
568. À Ir. Maria dos Anjos Vassallo *07 de outubro* **516**

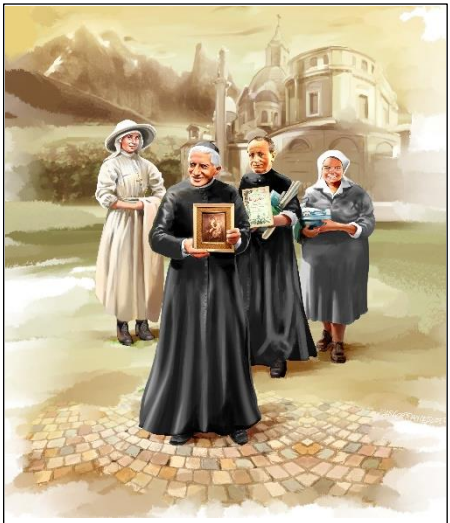
569. À Irmã Josefina Battaglia *08 de outubro* **516**
570. Ao P. Domingos Gillio *03 de novembro* **517**
571. Ao mons. José Perrachon *08 de novembro* **518**
572. À Irmã Margarida Demaria *08 de novembro* **518**
573. À Irmã Clara Strapazzon *antes do 10 de novembro* **519**
574. À Irmã Clara Strapazzon *26 de novembro* **519**
575. À Irmã Clara Strapazzon *01 de dezembro* **519**
576. Ao subdiacono D. Basso *11 de dezembro* **520**



"Coraggio nel Signore e nella Consolata. Ti benedico
[*Coragem no Senhor e na Consolata. Eu te abençoo*]
C. G. Allamano"

Índice geral

Apresentação ---------- 5
Introdução ---------- 9
Cronologia ---------- 15
Cartas de José Allamano ---------- 19
Índice cronológico ---------- 521
Índice geral ---------- 539



Nossos “santos”